

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

DEBORAH TEREZINHA DE PAULA BORGES

DIAFANIA DE DEUS NO CORAÇÃO DA MATÉRIA: A MÍSTICA DE
TEILHARD DE CHARDIN

JUIZ DE FORA

2015

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Doutorado em Ciência da Religião

Deborah Terezinha de Paula Borges

**DIAFANIA DE DEUS NO CORAÇÃO DA MATÉRIA: A MÍSTICA DE TEILHARD
DE CHARDIN**

Juiz de Fora
2015

Deborah Terezinha de Paula Borges

Diafania de Deus no coração da matéria: a mística de Teilhard de Chardin

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora
2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Borges, Deborah Terezinha de Paula .
Diafania de Deus no coração da matéria : a mística de Teilhard de Chardin / Deborah Terezinha de Paula Borges. -- 2015.
316 f.

Orientador: Faustino Luiz Couto Teixeira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2015.

1. Pierre Teilhard de Chardin. 2. Mundo e Deus. 3. Religião e Ciência. I. Teixeira, Faustino Luiz Couto, orient. II. Título.

Deborah Terezinha de Paula Borges

Diafania de Deus no coração da matéria: a mística de Teilhard de Chardin

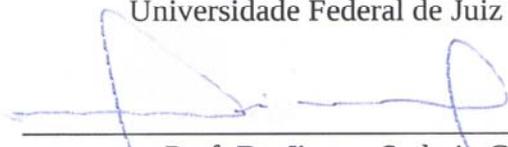
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em 09 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA



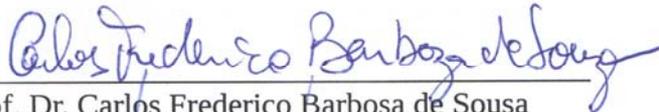
Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora



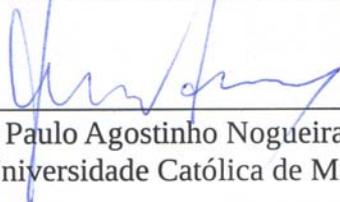
Prof. Dr. Jimmy Sudario Cabral
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Volney José Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Carlos Frederico Barbosa de Sousa
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Batista
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Juiz de Fora
2015

Aprendi de Teilhard que “sob a força do amor, os fragmentos do mundo se juntam para que o mundo aconteça”.... Obrigada Claudio, por fazer meu mundo acontecer... Obrigada pelo apoio, pela cumplicidade, pela amizade, pela compreensão, mas sobretudo pelo sorriso e pelo abraço.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, Sorriso Universal que me encanta todos os dias.

A meus pais e primeiros mestres *Conceição* e *Lessa*, pelo apoio incondicional e pela confiança. Sem vocês nada disso seria possível, sem vocês nada disso valeria a pena.

Aos meus irmãos e grandes amigos *Victor*, *Huyara* e *Daniela*, por compreenderem minha ausência mesmo quando eu estava presente.

Aos meus sobrinhos e grandes companheiros de caminhada *Felipe*, *Kaike*, *Maria Claudia* e *Marlon*, por me sorrirem quando só um sorriso era necessário.

A meu orientador *Faustino Teixeira*, pelo carinho e amizade. Ao professor *Volney Berkenbrock* pela constante ternura. Ensinar regras e normas é fácil, difícil é ensinar a ser gente. Se hoje sou um pouco melhor do que ontem, agradeço a vocês.

Aos *membros da banca* pela disponibilidade.

Aos *professores do PPCIR/UFJF*, ; ao coordenador *Emerson* e secretário *Antônio*, pela ajuda.

Aos *amigos do grupo de orientação* pela partilha.

À *Tatiene* e *Suzana* pela proximidade que me fortaleceu.

Aos colegas de trabalho *Élcio* e *Elicélia*, pela compreensão e paciência em tempos de crise.

A *Rachel*, *João Victor* e todos aqueles que abriram para mim as portas de suas casas e com isso fizeram essa pesquisa possível.

À *CAPES* e *UFJF* pelo apoio financeiro.

RESUMO

Pierre Teilhard de Chardin nasceu em 1881 na França e morreu em 1955 nos Estados Unidos. Desde cedo apaixonado pela terra e por Deus, seus setenta e quatro anos de vida foram dedicados à conciliação daquilo que antes ele harmonizara em si mesmo: a vocação científica e religiosa. Sacerdote e cientista, seu desejo foi ser um apóstolo de Deus no mundo, um evangelista de Cristo no universo. De modo singular ele compreendeu que o Deus buscado desde a infância em meio às pedras do Auvergne não se encontra nem aqui, nem ali, mas é universal Presença espalhada por toda a parte. E o que viu ele quis compartilhar: Deus e mundo não se opõem porque se há uma comunhão com Deus e uma comunhão com a terra, há uma comunhão com Deus pela terra. Neste trabalho acompanhamos o percurso deste grande pensador que, sem negar a criação, assumiu a evolução como fundamento de sua explicação de mundo, abrindo novos horizontes para o diálogo entre religião e ciência. O objetivo principal do trabalho foi apresentar as influências que possibilitaram a Teilhard de Chardin perceber a diafanidade de Deus no coração da matéria. Certamente o diálogo com as mulheres, a experiência da Primeira Guerra Mundial, a crise com a Igreja em decorrência de seu olhar novidadeiro e os anos de exílio vividos na China foram importantes para a elaboração e amadurecimento de suas ideias. Metodologicamente optamos pela leitura e análise das obras de Teilhard, bem como das cartas que ele enviava a familiares e amigos, sobretudo mulheres. Cruzamos as informações com outros estudiosos desse pensador e, finalmente, demonstramos a proposta de espiritualidade que aparece nesses escritos, uma via mística onde o encontro com Deus não é um fugir do mundo mas antes, um voltar-se para o mundo com o coração cheio de amor.

Palavras-chave: Pierre Teilhard de Chardin; Mundo e Deus; Religião e Ciência.

RÉSUMÉ

Pierre Teilhard de Chardin est né en 1881 en France et il est mort en 1955 aux États-Unis. Depuis le début amoureux de la terre et de Dieu, ses soixante quatorze années de vie ont été consacrées à concilier ce qu'avant il avait lui-même harmonisé: la vocation scientifique et la vocation religieuse. Prêtre et scientifique, son désir était d'être un apôtre de Dieu dans le monde, un évangéliste du Christ dans l'univers. De manière unique, il a compris que le Dieu recherche depuis son enfance parmi les pierres de l'Auvergne ne se trouvait ni ici ni ailleurs mais il est Présence universelle répandue partout. Et ce qu'il a vu il a voulu partager. Dieu et le monde ne s'opposent pas parce que s'il y a une communion avec Dieu et une communion avec la terre, il y a une communion avec Dieu par la terre. Dans ce travail nous avons suivi le parcours de ce grand penseur qui sans nier la création a pris l'évolution comme le fondement de son explication du monde ouvrant de nouveaux horizons au dialogue entre la religion et la science. L'objectif principal a été de présenter les influences qui ont permis à Teilhard de Chardin d'apercevoir la diafanité de Dieu dans le monde. Certainement le dialogue avec les femmes, l'expérience de la première guerre mondiale, la crise avec l'église en raison de son regard original et les années d'exil vécues en Chine ont été importants pour le développement et la maturation de ses idées. Méthodologiquement nous avons opté pour la lecture et l'analyse des oeuvres de Teilhard, ainsi que les lettres qu'il envoyait à la famille et aux amis, surtout les femmes. Nous avons croisé les informations avec d'autres chercheurs de ce penseur et, finalement, nous avons démontré la proposition de spiritualité qui apparaît dans ces écrits, une voie mystique où la rencontre avec Dieu n'est pas une évasion du monde, mais plutôt un retour vers le monde le coeur plein d'amour.

Mots-clés: Pierre Teilhard de Chardin; Monde et Dieu; Religion et Science.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
O TOQUE FEMININO NA ESPIRITUALIDADE DE TEILHARD DE CHARDIN.....	30
1.1 As mulheres na vida de Teilhard	32
1.2 A fé que anima e sustenta	46
1.3 A esperança que alegra e encoraja.....	66
1.4 O amor que deixa Deus transparecer.....	80
CAPÍTULO 2	
A EXPERIÊNCIA DA GUERRA	98
2.1 O batismo de fogo.....	100
2.2 A divinização das atividades	113
2.3 A divinização das passividades	131
2.4 Um Deus para os novos tempos	147
CAPÍTULO 3	
A CRISE COM A IGREJA.....	160
3.1 Os primeiros conflitos	161
3.2 O problema do natural e sobrenatural.....	176
3.3 Sofrimento e fidelidade	190
3.4 O Monitum	210
CAPÍTULO 4	
TEILHARD E O ORIENTE.....	226
4.1 O poder espiritual da matéria	229
4.2 Mística cósmica.....	245
4.3 Mística do engajamento	258
4.4 O Meio Divino	273
CONCLUSÃO	294
REFERÊNCIAS	309

INTRODUÇÃO

O que eu me proponho, ao longo dessas páginas (na esperança de que meu 'caso' fizesse reconhecer, ou mesmo nascer, muitos outros casos semelhantes), é simplesmente mostrar como, de um ponto de ignição inicial – congênito – o Mundo, ao longo de toda minha vida, por toda minha vida, pouco a pouco se iluminou, se inflamou a meus olhos, até tornar-se, ao redor de mim, inteiramente luminoso por dentro. [...]. Assim eu experimentei no contato com a Terra, a Diafania do Divino no coração de um Universo ardente. – O Divino irradiante das profundezas de uma Matéria em fogo: eis o que eu tentarei fazer entrever e fazer partilhar neste escrito (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 21-22).¹

Assim Teilhard introduzia aquela que é considerada sua obra autobiográfica, *Le Coeur de la Matière*, em português *O Coração da Matéria*². Trata-se de um texto denso e profundo, embora breve, onde o pensador francês narra, com a maestria que lhe é peculiar, seu itinerário de vida, a experiência vivida e sofrida durante toda a sua existência e graças à qual ele pôde sentir-se sempre e em todo lugar abraçado por Deus. É no contato com a Terra, amada desde a infância e mais tarde tornada objeto de estudo, que ele experimenta a diafania, ou seja, a irradiação ou transparência por toda parte do Divino. E a experiência que o fascina ele quer partilhar, quer fazer nascer ou reconhecer outras semelhantes.

Apaixonado pelo Mundo e apaixonado por Deus, eis o que pode definir esse homem que encantou e encanta até hoje todos os que dele se aproximam e cujo pensamento é sempre atual, “[...] imune às vicissitudes dos tempos [...] um clássico do pensamento cristão no século XX” (VAZ, 1996)³, que merece ser cada vez mais conhecido sobretudo num tempo, como o

¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la Matière**. Paris: Seuil, 1976.

² Trata-se de um livro ainda inédito no Brasil, as traduções são de minha responsabilidade. Utilizo ainda para me auxiliar nessa tarefa da edição italiana. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Il Cuore della Materia**. 3 ed. Brescia: Queriniana, 2007. De acordo com Fábio Mantovani, a “[...] autobiografia espiritual não foi escrita para ser publicada, como se conclui da carta de 22 de janeiro de 1950 endereçada a Lucile Swan. Uma cópia mimeografada chegou, todavia, a Roma. A intervenção do Provincial de Paris, p. Jacques Groussault, evitou a TdC [Teilhard de Chardin] medidas de censura”. Cf. MANTOVANI, Fábio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli, 2006, p. 287. Na referida carta diz Teilhard: “Eu preparo cuidadosamente um novo ensaio (não destinado a publicação) onde eu tentarei seguir e descrever o processo psicológico segundo o qual, desde minha infância, um sentido confuso do Universo e do Universal gradualmente tomou em mim a forma do 'Meio Divino' formado por uma espécie de 'centro cósmico universal’”. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009, p. 365. Carta de 22 de janeiro de 1950.

³ VAZ, Henrique Claudio de Lima. Teilhard de Chardin e a questão de Deus. **Revista Magis**: cadernos de fé e cultura, n. 12, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc12.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

nosso, em que cresce o interesse pela questão da espiritualidade que passa a ser cada vez mais discutida seja nos ambientes religiosos, seja nos ambientes seculares.

Uma das figuras mais singelas e nobres da mística contemporânea foi o jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955). É raro encontrar no panorama da espiritualidade cristã vigente na primeira metade do século XX alguém que conseguiu viver com tamanha intensidade a experiência do Real, com toda a riqueza de sua materialidade, colhendo o dinamismo espiritual que brota do canto das coisas mesmas. Seus testemunhos e suas obras traduzem o dinamismo de uma vida 'preenchida', tocada pela semente do amor. Mais do que uma teoria ou sistema, o que ele buscou traduzir foi 'um certo gosto, uma certa percepção da beleza, do comovente, da unidade do ser' (TEIXEIRA, 2012, p. 32)⁴.

Homem de fé e de ciência, Teilhard se dedicou ao trabalho de elaborar uma síntese entre a visão cristã e a visão científica de seu tempo e o resultado de seu esforço é uma espiritualidade original que faz unir Criador e Criação, uma espiritualidade que pode ser descrita, sem sombra de dúvida,

[...] como a espiritualidade de um *peregrino*, de alguém que sempre se encontra 'a caminho', em marcha, de um errante entre mundos diferentes; como a espiritualidade de um *fiel servo* de Deus que até o fim da vida perseverou em suas buscas e suas lutas; e como a espiritualidade de um *profeta e servo sofredor* que experienciou as profundezas do sofrimento e da dor (KING, 2002, p. 32)⁵.

Peregrino, profeta, servo fiel e sofredor são apenas alguns qualificativos que podem falar desse grande pensador que escreveu inúmeros textos entre artigos científicos; ensaios; meditações; muitas cartas e um diário íntimo (VAZ, 1967)⁶. Escritor voraz, Teilhard deixou “[...] uma imensa biografia, sem dúvida de valor desigual, mas que, na história da Companhia de Jesus, só encontra paralelo na bibliografia sobre Inácio de Loyola” (VAZ, 1996)⁷. Impedido de publicar pela censura eclesial, seus escritos foram confiados à amiga e

⁴ TEIXEIRA, Faustino. Teilhard de Chardin e a diafanidade de Deus no Universo. In: _____ (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 165-191.

⁵ KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁶ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁷ Id. Teilhard de Chardin e a questão de Deus. **Revista Magis**: cadernos de fé e cultura, n. 12, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc12.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

colaboradora Jeanne Mortier⁸ que, depois da morte do amigo, iniciou a publicação de sua obra completa composta de treze volumes, além das correspondências e outros escritos. Não se trata de uma obra muito fácil de ser lida. Teilhard não facilita a vida de quem quer difundir seu pensamento, muitas vezes utilizando ou mesmo criando termos e conceitos inéditos que obrigam seus leitores a um esforço redobrado de concentração. Mas aqueles que se aventuram e ousam acompanhá-lo em seus escritos também se descobrem apaixonados por suas ideias, por tudo aquilo que ele viu, falou e quis fazer ver. E muitos, como eu, vão se achar irresistivelmente tentados a fazê-lo conhecido, a difundir seu pensamento sempre novo, a apresentar, interpretar e discutir sua trajetória, bem como sua proposta mística de um encontro com Deus no mais pulsante da matéria. Tal é o objetivo deste trabalho.

Conheci Teilhard de Chardin através de meu mestre *Faustino Teixeira*, lendo sua magna obra de espiritualidade, *Le Milieu Divin*⁹. Foi amor à primeira vista. Naquelas páginas encontrei um homem que, como poucos, lutou continuamente contra a tentação de uma espiritualidade desencarnada e pretensamente atemporal, um homem que não se conformava com a imagem de um Deus muito distante e fora do mundo. Tinha acabado de defender minha dissertação de mestrado sobre as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano¹⁰ e estava profundamente envolvida na história da Igreja da América Latina, uma Igreja que soube sentir com seu tempo, que soube ouvir a voz de Deus no clamor do pobre e de todos os sofredores, que dialogou com todas as realidades, inclusive e principalmente com outras Igrejas, para atender ao chamado daqueles que clamavam por justiça. Mas uma Igreja que também perdera muito do fascínio que exercia sobre mim afastando-se do homem que tem sede e anseia por um mundo mais humano. Foi neste contexto que li *Le Milieu Divin* e logo

⁸ “Nascida em Sant-Etienne em 1892, morreu em Paris em 1982, descobriu *O Meio divino* em 1938 e encontrou o autor em 1939, propondo-lhe a ajudá-lo como voluntária para difundir os seus escritos. Retomando contato com ele depois da guerra e, com o seu consentimento, empenhou-se em constituir um arquivo o mais completo possível, com o objetivo de preservar e conservar escritos bloqueados pela censura eclesiástica. Neste contexto Teilhard foi aconselhado a designar Mlle. Mortier herdeira de seus escritos. O que foi feito em 1951. Depois da morte do pensador Mlle. Mortier, sustentada por um comitê de personalidades, levou a cabo a edição póstuma em 13 tomos publicados pelas Éditions du Seuil. Ela contribuiu eficazmente também para a criação da *Fundação Teilhard de Chardin* em Paris e para a *Associação dos amigos do Padre Teilhard de Chardin*”. In: BAUDRY, Gérard-Henry. **Léxico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 190-191.

⁹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957. Utilizo como referência também nesse estudo a tradução brasileira: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Meio Divino**: ensaio de vida interior. Petrópolis: Vozes, 2010. Todas as traduções foram cotejadas com o fim de me manter o mais aproximadamente possível do original.

¹⁰ PAULA, Deborah Terezinha de. **O episcopado latino americano e o diálogo inter-religioso**: análise das Conferências Gerais do Rio de Janeiro a Aparecida. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2010.

em seguida *Hymne de l'Univers*¹¹. E descobri uma voz da Igreja que rezava sobre o mundo que trabalha e sofre, assim como rezava pelo homem que junta suas mãos às mãos do Criador para aperfeiçoar a Criação. Eu descobri o cientista que fora capaz, como nenhum outro, de sentir-se sempre e em toda parte abraçado e beijado pela misericórdia divina, o padre que conseguira ver Cristo em todas as coisas, o Divino irradiando da Matéria e nela se banhando. Enfim eu descobrira aquele que se tornaria meu objeto de estudo, mas sobretudo aquele que me ensinaria a rezar e amar e que me mostraria que só é possível compreender o homem na sua solidariedade com o cosmos, o jesuíta apaixonado pela vida e pelo homem, estudioso dos fósseis, soldado na Guerra, silenciado pela Igreja, amado por muitas pessoas e até odiado por outras; eu descobri Pierre Teilhard de Chardin.

Antes de apresentar os objetivos e os capítulos desta tese considero importante, ainda que me estendendo um pouco, oferecer um quadro histórico e contextual sobre a vida desse místico.

Marie-Joseph-Pierre Teilhard de Chardin nasceu em 1º de maio de 1881, em Sarcenat, no Auvergne, uma pequena vila próxima à cidade de Clermont-Ferrand, na França¹². Filho de Emmanuel Teilhard de Chardin e Berthe-Adèle de Dompierre d'Hornoy, Pierre era o quarto dos onze filhos do casal (MORTIER; AUBOUX, 1966)¹³. Teve a infância de um garoto comum no seio de uma família abastada. Seu pai, Emmanuel, descendia de uma antiga família do Auvergne que ascendera à nobreza; formado na Escola de Chartes, “[...] além de explorar sua propriedade rural, tinha paixão pela história local” (SESÉ, 2005, p. 21)¹⁴, uma paixão que estimulava nos filhos. Do pai Pierre herdou o interesse precoce pelas ciências naturais e especialmente pela geologia que se tornaria mais tarde sua grande paixão. A mãe, Berthe-Adèle, era sobrinha-neta de Voltaire, uma mulher profundamente religiosa a quem Teilhard deve seu ímpeto religioso; era a mãe a responsável por ensinar o catecismo aos filhos. Mas, se ao pai Pierre

[...] deve a vocação científica e à mãe, mais apropriadamente, o despertar da fé religiosa, talvez seja à sua região natal, o Auvergne, que deva essa

¹¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Seuil, 1961. Também esta obra foi cotejada com a tradução brasileira: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hino do Universo**. São Paulo: Paulus, 1994.

¹² Para sua biografia recorro aqui a alguns estudos, entre os quais: SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005; BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno de Deus**. Milano: Jaca Book, 2010; BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie son ouvre sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008; MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

¹³ Seus irmãos: Alberic, Marielle, Françoise, Marguerite-Marie, Gabriel, Olivier, Joseph, Louise, Gonzague e Victor. Cf. MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. Opus cit.

¹⁴ SESÉ, Bernard. Opus cit.

predileção – nele consolidada desde menino – pela matéria, pela terra e por tudo o que ela escondia em suas entranhas (SESÉ, 2005, p. 22)¹⁵.

Já com seis anos, pode-se dizer, Teilhard iniciou sua carreira de explorador e geólogo quando, na companhia de Marguerite-Marie ele partiu para explorar as montanhas e ver o que havia dentro dos vulcões (SESÉ, 2005)¹⁶.

Filho afetuoso, Teilhard foi também um aluno exemplar. Inicialmente sua formação escolar se deu a cargo de uma professora primária ligada à família. A vivência num meio social muito protegido acabou fazendo com que o menino não tivesse a oportunidade de “[...] tomar consciência do mundo exterior onde sua família, de estilo patriarcal, e 'digna de ser posta numa cristaleira' (conforme dirá um de seus irmãos), figurava como exceção” (SESÉ, 2005, p. 24)¹⁷. Ele acabou, pois crescendo, sem sentir na carne as mazelas vividas na França de seu tempo.

No ano de 1892, com onze anos, Teilhard foi enviado ao Colégio dos Jesuítas de Nossa Senhora de Mongré, onde estudou até 1897. Mais inclinado às ciências, ele fez progressos em todas as matérias. Entretanto, desde então, uma paixão já lhe dominava o espírito, sinalizando sua futura vocação, a paixão pelas pedras. Numa carta de julho de 1892, enviada aos pais logo depois de sua entrada no colégio ele afirma: “Se a paixão pelas pedras e sobretudo pelas antiguidades não se reacender, eu a reacenderei durante as férias prolongadas, pois eu tenho ainda mais do que nunca dentro de mim essa chama” (MORTIER; AUBOUX, 2005, p. 25)¹⁸. Mais tarde, o padre Henri Bremond, professor de Pierre no secundário, reafirmará essa paixão:

Há trinta anos, tive como um aluno de humanidades um menino de Auvergne, muito inteligente, o primeiro em tudo, mas de um comedido exasperante. Os mais renitentes da classe e os mais inertes às vezes se animavam: uma leitura mais palpitante, um tema de exercício mais estimulante, faziam brilhar uma chama em seus olhos. Ele, nunca; levei muito tempo para descobrir o segredo dessa aparente indiferença. Ele tinha outra paixão, ciosa, absorvente, que o fazia viver longe de nós: as pedras (BREMOND apud SESÉ, 2005, p. 26)¹⁹.

A educação religiosa de Teilhard fez confirmar nele sua vocação religiosa, desperta na mais tenra idade. Em 1897, ele escreverá aos pais, falando de seu desejo de se tornar padre:

¹⁵ SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966; SESÉ, Bernard. Opus cit.

¹⁹ BREMOND, Henri, 1925 apud SESÉ, Bernard. Opus cit. Este mesmo depoimento também se encontra em BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie son oeuvre sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008 e MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. Opus cit.

Vocês estarão talvez surpresos de não mais terem recebido alguma coisa de mim. É que, antes de vos escrever, eu quis ainda falar um pouco com o Padre Desribes. Eu vos direi primeiro que nada está absolutamente decidido. Porém, e é a opinião daqueles que eu consultei, parece-me que o bom Deus me propõe deixar o mundo. Pensem vocês que eu responderei a esta oferta quando eu me sentir seguro de não estar enganado; por outro lado, eu sei bem que não é de vocês que eu posso esperar dificuldades. A questão é que Nosso Senhor me faz sentir claramente o que exige e me dá a generosidade necessária (MORTIER; AUBOUX, 1966, p. 18)²⁰.

O tom parece bastante grave para comunicar aquela que seria a decisão de sua vida e as palavras solenes não deixam transparecer nem alegria nem entusiasmo, parecendo muito mais o anúncio triste de sua retirada do mundo, o que nos revela, segundo Boudignon, uma “[...] visão sinistra e ultrapassada do sacerdote, da parte de um homem que ia, muito pelo contrário, viver e trabalhar para permanecer profundamente imerso no seio deste mundo a fim de descrevê-lo e explicá-lo” (BOUDIGNON, 2008, p. 14)²¹. Para entender, é preciso situar a educação cristã recebida por Teilhard no contexto de sua época, uma época

[...] em que a Igreja, sentindo-se ameaçada pelo espírito moderno ou anticlerical, frequentemente tendia a se fechar sobre si mesma, indo contra a corrente, com posições reacionárias. O jovem aluno dos jesuítas acabou por compartilhar essa mentalidade (SESÉ, 2005, p. 26)²².

Mas, ele foi também um crítico quanto à educação recebida, chegando mesmo a dizer que tinha o sentimento de ter sido enganado por seus educadores e que por isso a escola de sua infância era o único lugar no mundo ao qual ele não queria jamais retornar (BOUDIGNON, 2008)²³.

No ano de 1899, em 20 de março, Teilhard ingressa como noviço jesuíta em Aix-en-Provence, na província de Lião. Sua formação, como a de qualquer jesuíta, durará treze anos, sendo os dois primeiros anos dedicados ao noviciado onde o jovem se prepara para os votos solenes. Em Laval, ele começou o juniorado e ali, em 25 de março de 1901, ele pronunciou seu votos. No mesmo dia escreve aos pais sobre a felicidade sentida ao se tornar jesuíta:

Enfim eu sou jesuíta: eu não tenho tempo de lhes escrever muito longamente hoje, mas eu quero exprimir-lhes toda a minha felicidade por ser enfim inteiramente do Sagrado Coração através da Santa Virgem. Se soubessem como me sinto feliz por estar enfim inteiramente ligado, para sempre, à Companhia, sobretudo no momento em que ela é perseguida. Eu rezei muito

²⁰ MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin**: images et paroles. Paris: Seuil, 1966.

²¹ BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie son ouvre sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

²² SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

²³ BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

por todos vocês hoje e certamente Nosso Senhor não se esquecerá nunca de tudo o que vocês fizeram para facilitar minha vocação. Mas rezem sempre mais para que eu saiba estar à altura do que o bom Deus quer de mim (MORTIER; AUBOUX, 1966, p. 25)²⁴.

A felicidade de se sentir ligado para sempre à Companhia revela o sentimento de fidelidade que sempre acompanhará Teilhard. Declarada no entusiasmo da juventude a fidelidade prometida à ordem nunca será negada, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ainda no ano de 1901 eram aprovadas as Leis de Exceção na França, dificultando a vida das ordens religiosas naquele país, fato que levou os jesuítas ao exílio. O juniorado que começara em Laval foi transferido para Jersey (MORTIER; AUBOUX, 1966)²⁵. Ali Teilhard iniciaria suas pesquisas geológicas, ele amou a ilha tendo nela voltado várias vezes (BOUDIGNON, 2008)²⁶. É também em Jersey que o jovem do Auvergne toma contato com filósofos da Antiguidade grega, da Idade Média e alguns contemporâneos, dentre os quais Leibniz²⁷, de quem apreenderá o conceito de “mônada” (BAUDRY, 2010)²⁸. No entanto, “[...] essa formação escolástica, abstrata e dogmática, não corresponde às suas afinidades profundas, voltadas preferencialmente para 'a Matéria, a Vida e a Energia’” (SESÉ, 2005, p.29)²⁹. Dentre as amizades feitas em Jersey, Teilhard se liga especialmente a Auguste Valensin³⁰, que se tornará o amigo de uma vida inteira. Em 27 de setembro de 1902 ele

²⁴ MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

²⁵ MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. Opus cit.

²⁶ BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie son ouvre sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

²⁷ Cientista e filósofo alemão (1646-1716) e considerado um dos maiores filósofos modernos, parece ter despertado a admiração do jovem Teilhard de Chardin. Entre os dois é mesmo possível colher algumas convergências, como “[...] na preocupação de coligar razão e fé, na abordagem racional da existência de Deus, na visão cosmológica do Todo, na visão do mundo que engloba coerentemente a análise e a síntese, na preocupação ecumênica, etc”. In: BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano Jaca Book, 2010.

²⁸ Ibid. Ao contrário de Leibniz, porém, que entende a mônada como sendo unidade incomunicável, fechada em si mesma, Teilhard aplica o termo para designar a unidade, mas ressaltando que estas unidades são solidárias. Ele fala do homem como mônada reflexiva e mais tarde aplica o conceito ao Todo, à humanidade unificada, a Grande Mônada (um de seus escritos da Guerra). TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 233-248.

²⁹ SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

³⁰ “Jesuíta e filósofo francês (1879-1953). Aluno e admirador de Blondel. Discípulo de Teilhard em Aix, Jersey e na Inglaterra, seu amigo e confidente, Valensin exerceu sobre ele uma grande influência. Ele lhe mostrava seus ensaios e levava em conta suas observações. Depois da morte de Valensin, Teilhard escreveu: 'Me ensinou a pensar. Podia lhe dizer tudo e sem declará-lo muito nos queríamos muito bem'. A correspondência do seu amigo que Valensin conservou é a mais importante que temos para seguir a sua evolução intelectual entre as duas guerras”. BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier: 1915-1955**. Paris: Aubier Montaigne, 1974.

sofrerá a perda do irmão mais velho, Álberic³¹ e em agosto de 1904 a perda da irmã Louise³², com apenas 12 anos, vítima de meningite. Era o início das muitas perdas vividas pela família Teilhard de Chardin.

Terminado o período de juniorado, Teilhard foi para o Egito, onde permaneceu, de agosto de 1905 a agosto de 1908. Em 1905 ele termina o escolasticado e no mesmo ano é nomeado como professor de física e química no Colégio Jesuíta da Sagrada Família, no Cairo, onde concluiu seus três anos de magistério, ou seja, de regência (MORTIER; AUBOUX, 1966)³³. Neste período Teilhard se dedicou ao ensino e fez algumas excursões e achados arqueológicos ou paleontológicos. As paisagens do Egito o fascinarão fazendo nascer seus primeiros encantamentos pelo Oriente.

Em maior profundidade, contudo, a educação interior do jovem religioso desenvolveu-se segundo três linhas mestras que ele próprio definiu: amor apaixonado pelo Universo, desejo de escapar à 'implacável fragilidade daquilo que é Múltiplo' e, por fim, a sensação de que nele jorrou, repentinamente, a ideia de Evolução. A base fundamental do Mundo das Pedras, o Despertar para a Vida Cósmica, a tentação do panteísmo de efusão e dissolução; a intuição, por fim, acerca do impulso criador que arrebatava o Mundo. Eis os elementos que, aos poucos, nascem desse 'complexo espiritual sofrivelmente confuso', no qual se acha então, e que padre Teilhard, mais tarde, analisará com lucidez (SESÉ, 2005, p. 30)³⁴.

É no Cairo ainda “[...] que nós descobrimos humanamente Pierre Teilhard de Chardin” (BOUDIGNON, 2008, p. 20)³⁵, porque é durante esta estadia que ele desenvolve um hábito que jamais abandonaria, o hábito de escrever cartas aos pais, parentes e amigos. Nas cartas que escrevia e escreveu durante toda a vida ele procede de modo mais pessoal no enfrentamento dos problemas, aos discutir suas ideias e comentar acontecimentos, e por isso se pode afirmar que o estudo de sua obra não pode ser feito sem o estudo de sua correspondência (VAZ, 1967)³⁶.

Em setembro de 1908, com idade de 26 anos, Teilhard passa a viver na Inglaterra, em Hastings, num lugar instalado pelos jesuítas que tiveram de abandonar a França para que pudessem prosseguir seus estudos e atividades, dadas as medidas de intervenção tomadas pelo

³¹ Irmão mais velho de Teilhard, diplomou-se na Escola Naval e trabalhou por dois anos na divisão do Extremo Oriente e depois na embaixada de Constantinopla. Acometido de uma tuberculose foi reenviado à casa de sua família onde morreu com apenas 27 anos. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano Jaca Book, 2010.

³² Dela pouco se fala. Sabe-se apenas que morreu bem nova. Ibid.

³³ MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

³⁴ SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

³⁵ BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie son oeuvre sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

³⁶ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

governo francês que iam de encontro às congregações religiosas. Em solo inglês ele permanece quatro anos, dedicando-se aos estudos de teologia e é durante estes anos que ele adquire “[...] seu bom conhecimento do inglês – língua que ele dominou perfeitamente e utilizou sempre ao longo de sua carreira, conservando no entanto um forte acento francês do qual ele não buscou visivelmente se desfazer” (BOUDIGNON, 2008, p. 20)³⁷. Como fazia no Egito, também na Inglaterra ele escrevia muitas cartas aos pais, demonstrando todo seu afeto e necessidade de estar a par dos acontecimentos familiares. E no decorrer dessas cartas já se percebem os traços do sábio e do padre em vistas de emergir. Numa carta de 23 de abril de 1910, ele testemunha uma certa hesitação entre a ciência e a teologia que, na verdade, é muito mais uma primeira manifestação do desejo que o acompanhará por toda a vida, a saber, o desejo de explicar o mundo na sua totalidade e não por partes. Assim ele diz:

Pelo mesmo correio remeto à Guiguite a descrição de algumas borboletas do Egito. Interrogo-me sobre a viabilidade de fornecer eu próprio à ciência mais novidades deste gênero! A teologia leva-nos a pensar numa imensidade de coisas, e há tantas outras, talvez menos agradáveis, mas mais vitais do que as ciências, que pergunto se não acabarei por me afastar qualquer dia; – a não ser que me digam para o não fazer, o que é muito provável (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 106)³⁸.

E ele nunca se afastará, nem da ciência, nem da teologia porque no mais íntimo de si ele permanecerá fiel aos seus dois amores, o amor a Deus e o amor ao Mundo que revela Deus. No fim de sua estada na Inglaterra ele se liga a Charles Dawson,

[...] um inglês apaixonado por paleontologia. Este encontro era inevitável. Pierre Teilhard, passando uma boa parte de suas horas vagas a pesquisar fósseis nas falésias do sul da Inglaterra, devia cruzar o caminho deste paleontólogo amador. Este estava em busca de fósseis humanos. Ele acreditou ter feito uma descoberta sensacional, 'o homem de Piltdown, que era a corrente faltando entre o homem e o macaco e vivera nos tempos pré-históricos no sul da Inglaterra. Esta descoberta, que se revelou ser, tempos depois, um grosseiro engano, teve na época uma enorme repercussão, apesar das reservas de muitos cientistas (BOUDIGNON, 2008, p. 27)³⁹.

Este encontro fortaleceu ainda mais o interesse de Teilhard pelo passado do homem e pelas pesquisas arqueológicas. A partir de então ele se envolveu, entusiasmadamente, em muitos outros achados.

³⁷ BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie son ouvre sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

³⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris**: 1908-1914. Lisboa: Moraes, 1967. Carta de 23 de abril de 1910.

³⁹ BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

Em 24 de agosto de 1911, na presença dos pais, Teilhard de Chardin recebeu a ordenação presbiteral e no dia seguinte celebrou sua primeira missa. Dois meses antes ele tinha sofrido a perda de sua irmã Françoise⁴⁰, a quem era muito ligado.

Obediente aos seus superiores, o jovem padre se dedicou aos estudos científicos, tendo sido admitido no ano de 1912 como estagiário no Museu de História Natural de Paris, sendo supervisionado pelo professor Marcellin Boule, um “[...] eminente paleontologista que, imediatamente, se abriu ao recém-chegado” (SESÉ, 2005, p. 33)⁴¹. Foi um período muito importante e de intensa atividade para Teilhard que realizou tanto trabalhos científicos, expedições e pesquisas sobre o terreno, como reflexões e ações religiosas.

No laboratório de Boule no Museu de História Natural, Teilhard prosseguiu, a partir de 1912 e depois da guerra, os estudos de geologia e de paleontologia. Boule é seu verdadeiro mestre nestas matérias. Teilhard o estimava muito e lhe prestava conta das suas explorações. De sua parte Boule apreciava as qualidades humanas e científicas do jovem pesquisador, mas, particularmente nacionalista, não via com bons olhos que ele colaborasse com equipes internacionais e com os serviços chineses (BAUDRY, 2010, p. 141)⁴²

Trabalhando no Museu, Teilhard teve oportunidade de travar conhecimento com muitos cientistas aos quais permanecerá ligado pelo resto da vida, entre os quais o abade Henri Breuil, padre francês e estudioso da pré-história. Ao mesmo tempo ele ensinava geologia no Instituto Católico de Paris. Estas atividades o faziam deslocar-se muito, por vários países, fazendo nascer um “[...] cidadão do mundo! Teilhard tinha ainda trinta anos. Ele estava começando uma carreira científica que se anunciava rica e apaixonante” (BOUDIGNON, 2008, p. 28)⁴³. Seu tempo se equilibrava entre a preparação para o sacerdócio, permanente preocupação de sua vida, e sua paixão pelas pedras, ou mais exatamente, sua paixão pela reconstituição da história da vida na Terra mediante o estudo das pedras.

⁴⁰ Irmã mais velha de Teilhard, “[...] nasceu em 4 de maio de 1879 em Sarcenat. Muito dotada intelectualmente, interessava-se pela filosofia, pela arte, pela música. Sentindo-se chamada à vida religiosa desde a idade de dez anos, escolhe entrar nas Pequenas Irmãs dos Pobres em 1903. Depois de seis meses de postulado [...] em Paris, entra para o noviciado [...] onde emite os votos no ano de 1905 com o nome de irmã Marie Albéric do Sagrado Coração. É em seguida enviada a Tourcoing e depois a Amiens. Segundo o seu desejo, em 1909 foi destinada à missão na China, na casa de Shanghai, primeiro como assistente, depois como superiora em 1910. Contraindo varíola, morreu em 07 de junho de 1911. Padre Teilhard era muito ligado à sua irmã”. In: BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano Jaca Book, 2010, p. 214.

⁴¹ SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁴² BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

⁴³ BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie son ouvre sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

Mergulhado na vida parisiense o jovem jesuíta começa, pela primeira vez, a se interessar mais pela vida política e social francesa. Os pontos de vista eram ainda bastante estreitos, mas começavam a se alargar. É neste período que ele reencontra a prima Marguerite Teilhard-Chambon, a quem se afeiçoa muito. Mais tarde, sobretudo nos anos da Guerra, ela será sua confidente.

Em agosto de 1914, segundo o costume da Companhia de Jesus, padre Teilhard de Chardin começa, na Cantuária (Inglaterra), o seu 'terceiro ano de noviciado' – sequência de uma formação espiritual que culmina nos votos solenes. Entretanto, a guerra eclodiu em 28 de julho. Dispensado do serviço militar em 1902, Teilhard não poderia ser convocado. Ele só o foi no mês de dezembro (SESÉ, 2005, p. 33)⁴⁴.

A guerra foi um período fecundo para Teilhard do ponto de vista humano, intelectual e espiritual. Então com 33 anos, tendo concluído sua formação religiosa e tornado-se padre, Teilhard já era, de certa forma, reconhecido nos meios científicos franceses como um pesquisador sério. Faltava-lhe, porém, descobrir o sentido da humanidade, o lugar do homem no universo. A guerra foi o que ele mesmo chamaria seu “batismo no real”, ou seja, sua imersão na realidade nua e crua das coisas.

Nos campos de batalha [...] Teilhard de Chardin viu de perto o furor da guerra e a desolação que esta provoca: medo, sangue, morte. Ele, que até então vivera em um ambiente privilegiado social e intelectualmente, acha-se envolvido na lama das trincheiras, ou sob a metralha das primeiras linhas de combate, em meio à realidade mais sórdida e mais brutal. Um verdadeiro 'batismo', segundo suas próprias palavras (SESÉ, 2005, p. 38)⁴⁵.

Mas Teilhard se comportou com bravura e soube se aproveitar do que parecia o fim para refletir e meditar, tanto que os escritos desta época são fundamentais para o estudo de sua obra, uma vez que “[...] contêm os fundamentos do seu pensamento e estão entre os mais elevados do ponto de vista espiritual” (MANTOVANI, 2006, p. 11)⁴⁶.

Dispensado da Guerra em 10 de março de 1919, o jovem jesuíta ficou livre para o exercício de outras atividades retomando logo o seu lugar no Museu de História Natural, onde trabalhou sem descanso durante quatro anos, até sua primeira partida para a China. Nesta época ele concluiu seus estudos de geologia, botânica e zoologia. A certeza de servir a fé por sua ciência faz crescer nele a paixão pela pesquisa (MORTIER; AUBOUX, 1996)⁴⁷. Em

⁴⁴ SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁴⁵ SESÉ, Bernard. Opus cit.

⁴⁶ MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli, 2006.

⁴⁷ MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

março de 1921, na revista *Études*, Teilhard resenha uma obra recente de seu mestre Marcellin Boule (MANTOVANI, 2006)⁴⁸. O artigo intitulado *Os homens fósseis: a propósito de um livro recente*, proporcionou ao jesuíta a ocasião de falar sobre o encontro possível e cada vez mais pressentido entre a ciência e a fé.

Aquele que busca as raízes materiais da humanidade encontra a corrente geral da vida. Por sua história, nossa raça fez bloco, ela 'fez corpo' com o mundo que a leva. Este julgamento último trazido pela paleontologia humana, é a última palavra do que ela sabe e do que ela ignora. Ele deve satisfazer todos aqueles que, ou por tendências intelectuais, ou por convicções religiosas, têm necessidade de encontrar em torno de si a unidade. Para exprimir a potência desta unidade, M. Boule emprega aqui e ali [...] expressões que não podem ser compreendidas no pensamento cristão, e que impediram por sua vez de colocar seu livro, sem explicação, em todas as mãos. Queiram os filósofos e teólogos que acharem estas frases contestáveis não se deixar impressionar pelas palavras, mas buscar transpor numa linguagem ortodoxa um ensinamento cujas grandes linhas sob um véu ainda espesso de conjecturas e hipóteses, parecem de acordo com a realidade. A palavra da Bíblia nos mostra o Criador fazendo o corpo do homem com a terra. A observação conscienciosa do mundo tende a nos fazer perceber hoje que, por esta 'terra' é preciso entender uma substância elaborada lentamente pela totalidade das coisas, – de sorte que o homem, deveríamos nós dizer, foi tirado não precisamente de um pouco de matéria amorfa, mas de um esforço prolongado da 'Terra' toda inteira. Apesar das dificuldades sérias que nos impedem ainda de conciliá-las plenamente com certas representações mais comumente admitidas da criação, estas percepções (familiares a São Gregório de Nissa e a Santo Agostinho) não devem nos desconcertar. Pouco a pouco (sem que possamos ainda dizer em quais termos exatamente, mas sem que se perca uma só parcela do dado, seja revelado, seja definitivamente demonstrado), o acordo se fará, naturalmente, entre a ciência e o dogma sobre o terreno inflamado das origens humanas. Evitemos, entretanto, rejeitar, de algum modo, o menor raio de luz. A Fé tem a necessidade de toda a verdade (TEILHARD DE CHARDIN, 1956, p. 49-50)⁴⁹.

A fé necessita de toda a verdade, inclusive da verdade fornecida pela ciência é o que nos disse Teilhard de Chardin que então, vivia seu amor pelo mundo e por Deus de uma forma intensa e sem necessidade de renúncia. Junto ao homem de fé crescia o homem da pesquisa, ao lado do sacerdote o pesquisador. Em 1922, o jovem do Auvergne laureou-se em Ciências Naturais pela Sorbonne, tornando-se professor adjunto de geologia no Instituto Católico de Paris e ganhando, dentro de pouco tempo, a simpatia da juventude pelo frescor de suas ideias. Estes foram também anos decisivos para Teilhard, uma vez que

⁴⁸ MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli, 2006. Trata-se da obra de Boule intitulada *Les Hommes fossiles. Éléments de paléontologie humaine*. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'apparition de l'Homme**. Paris: Seuil, 1956. p. 39-50. Do artigo: *Les Hommes fossiles: a propos d'un livre récent*.

⁴⁹ Ibid.. Do artigo *Les Hommes fossiles: a propos d'un livre récent*.

[...] os pensamentos que tinham germinado, durante a experiência da guerra, amadurecem agora e tendem a se propagar. Teilhard é levado a fazer uma espécie de apostolado de suas ideias; nascem, então, os primeiros conflitos com as autoridades, sejam as da Igreja, sejam as da Companhia de Jesus. Foram conflitos provocados não por suas atitudes, sempre conciliadoras, mas pela novidade de suas ideias (VAZ, 1967, p. 36)⁵⁰.

Isto fez com que seus superiores decidissem enviá-lo à China, para ali continuar suas pesquisas. A primeira viagem ocorreu no ano de 1923 e seria, segundo seu pensamento e seu desejo apenas uma viagem de pesquisa. No entanto esta primeira viagem foi a precursora de muitas outras, o que fez da China sua segunda pátria, lugar onde permaneceu de 1923 a 1945 e onde escreveu *Le Milieu Divin*⁵¹ e *Le Phénomène Humain*⁵², as duas grandes obras de sua vida⁵³. Os anos passados em terras chinesas, assim como os anos da guerra, foram experiências decisivas para Teilhard. Vez ou outra Teilhard viajava até a França para manter seus contatos. É neste período, mais precisamente no ano de 1928, que ele trava conhecimento com o Padre Pierre Leroy⁵⁴, amigo que o acompanhará mais tarde em sua derradeira viagem ao país natal. O testemunho de Leroy sobre o encontro revela-nos uma forte característica de Teilhard, que é sua capacidade de fazer amigos.

Os olhos cheios de inteligência e de bondade indulgente, a fineza de seus traços marcados pelo vento do mar e do deserto, o prestígio também do qual ele estava aureolado, causaram em mim uma forte impressão. Eu escuto ainda sua voz fraternal me falando da China e do futuro que se abria, na época cheio de promessas. Durante mais de uma hora ele tocou uma conversação onde as ideias brotavam abundantes e novas. Desde este momento nós ficamos amigos: devíamos permanecê-lo até o fim (LEROY, 1958, p. 35)⁵⁵.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe Teilhard de volta a Paris onde ele descobre que seu pensamento é bastante conhecido graças à circulação clandestina de seus trabalhos. A vida parisiense se tornara bastante agitada para o jesuíta que fez conferências, participou de

⁵⁰ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁵¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil, 1957.

⁵² TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O fenômeno humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

⁵³ A maioria das obras de Teilhard foram organizadas por seus editores, que optaram por “[...] agrupar seus escritos em torno de grandes temas. [...] Fazem exceção: **O Fenômeno Humano** (I volume das Obras Completas), **O Meio Divino** (IV volume) e **O Grupo Zoológico** (VIII volume). Somente estes foram livros compostos pessoalmente por ele; os demais reúnem escritos diversos”. In: VAZ, Henrique Claudio de Lima. Opus cit, p. 43, grifos do autor.

⁵⁴ Jesuíta e biólogo francês, Pierre Leroy conheceu Teilhard em 1928. Mas foi a partir de 1939 que começou entre os dois jesuítas uma colaboração estreita na “[...] transferência para Pequim do 'Museu Licent' de Tientsin. Lá, com a ajuda de Padre Teilhard ele [Pierre Leroy] o reorganizou e transformou no *Instituto de Geobiologia*, do qual assumiu a direção de 1940 a 1946”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano Jaca Book, 2010, p. 179.

⁵⁵ LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

atividades científicas e reencontrou muitas personalidades. No ano de 1947 ele é acometido de um infarto no miocárdio, fato que o obriga a adiar uma viagem que faria à África do Sul. Uma carta escrita ao abade Breuil, desta época, revela-nos a força daquele que sempre se esforçou por ver o lado bom das coisas.

Necessito de toda a filosofia de minha fé para assimilar e tratar de converter em bem construtivo o que em si mesmo é um autêntico desgosto. Tudo estava indo tão bem e faltando tão pouco para a sua realização! Obrigado, em todo caso, pelo que você tem feito por mim. Agora melhora normalmente dia a dia. Porém segundo os pontífices da medicina que tem vindo ver-me, meu caso (um caso clássico, parece) é questão de tempo; quer dizer, que não me autorizarão a voltar à minha vida normal (com certas precauções...) até primeiro de dezembro, ou seja, seis meses depois de meu acidente. [...]. Na realidade, nem sequer conheço o nome exato do que tive [...]. Sem dúvida fui além das minhas forças sem me dar conta, mas tinha a sensação de estar tão perfeitamente normal! Todavia não posso medir a extensão do 'desastre', quer dizer, em que medida me será já possível trabalhar a fundo sobre o terreno. Isto se verá dentro de alguns meses. No pior dos casos me concentrarei em um trabalho especulativo, o qual estaria bastante de acordo com a lógica de minha existência. Em todo caso estou decidido a considerar este golpe mais como um estímulo que como uma restrição, se o Senhor me der forças (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 91-92)⁵⁶.

Teilhard de Chardin tem uma alma dotada de sensibilidade e por isso, mesmo se sentindo no limite de suas forças, ele fala em fé e esperança (LEROY, 1958)⁵⁷, em transformar o que é verdadeiro desgosto num bem construtivo. Frente a tantas adversidades que permearam sua vida, ele nunca desanimou. Foi só no ano de 1951 que ele conseguiu realizar a viagem que antes planejava à África do Sul. Neste período de sua vida ele obteve a consagração do mundo científico, tendo se tornado um grande especialista internacional em matéria de paleontologia humana (TEILHARD DE CHARDIN, 1964)⁵⁸. Mas, contrariamente ao reconhecimento da comunidade científica, a censura romana cada vez mais apertava o cerco em torno da divulgação de suas ideias. A viagem que realizara a Roma em 1948 para obter permissão de publicar *Le Phénomène Humain* não lograra êxito, da mesma forma que lhe fora proibido candidatar-se ao Colégio de França, tal como lhe fora proposto. E mais do que essas proibições, seus censores o queriam afastado de Paris, o que o levou a Nova Iorque, seu último exílio e cidade onde ele retomou com ardor suas atividades, encontrando-se com vários cientistas, ministrando cursos e proferindo conferências sobre geologia, paleontologia ou antropologia.

⁵⁶ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 15 de julho de 1947 ao Abade Breuil.

⁵⁷ LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

⁵⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

Em 1954 ele faz sua última viagem à França, em companhia de Padre Leroy, que nos oferece um importante testemunho do estado de espírito daquele que já se sente alquebrado pelo tempo. Diz Leroy (1958, p. 45):

Eu tive a alegria de conduzi-lo e nós tivemos ocasião de atravessar o Auvergne e de passar por Sarcenat, sua casa natal. Ele não fez nenhuma confidência, só seu silêncio atento permitia adivinhar as evocações que faziam surgir na memória, os lugares de sua infância⁵⁹.

O retorno a Nova Iorque acontece antes do previsto, por instigação das autoridades romanas, mas fazendo um balanço dessa viagem Teilhard diz se sentir satisfeito e fortalecido por esse reencontro com a França. Numa carta à Jeanne Mortier, ele revela:

E, desta muito rápida passagem em Paris, não me resta mais que um monte de impressões um pouco caóticas, de onde se destacam contudo um certo número de pontos claros ou clarificados, tais como: 1. Que, à minha vocação de dedicar minha vida (o que me resta da vida) à descoberta e ao serviço do Cristo Universal – e isto numa fidelidade absoluta à Igreja –, eu me sinto cada vez mais consagrado no mais íntimo de meu coração. 2. Que, para um futuro imediato, ao menos, – é decididamente na sombra e no isolamento que eu devo trabalhar (TEILHARD DE CHARDIN, 1984, p. 161)⁶⁰.

Pouco antes do fim de sua vida Teilhard declara sua fidelidade absoluta à Igreja, consciente de que deve ainda trabalhar na sombra e no isolamento. Mas isso não parece perturbá-lo, uma vez que ele se sente fiel a sua própria vocação de apóstolo do Cristo Universal.

Em março de 1955 ele “[...] coroa quatro anos de intensa produção filosófica através de um testamento espiritual: 'o crístico'” (MORTIER; AUBOUX, p. 161)⁶¹. Este ensaio⁶² foi o último escrito por Teilhard. Em 10 de abril daquele mesmo ano, um domingo de Páscoa, quando se preparava para o chá, ele morreu. Para a mesa ele se dirigia

[...] quando caiu, como uma árvore que se abate. Depois de alguns minutos de um angustiante silêncio, ele entreabriu os olhos e perguntou: 'Que se passa? Onde estou?'. E como se estivesse se tranquilizando ele pronunciou docemente suas últimas palavras: 'Desta vez eu acho que é sério'. Isto foi tudo (LEROY, 1958, p. 46)⁶³.

⁵⁹ LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

⁶⁰ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres à Jeanne Mortier**. Paris: Seuil, 1984. Carta de 22 de setembro de 1954.

⁶¹ MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

⁶² TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Seuil, 1976.

⁶³ LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

A morte enfim acolhera aquele que tanto amara o Mundo e Deus irradiante no Mundo. Sua passagem foi serena, como sereno ele fora durante toda sua vida, mesmo nos momentos mais angustiantes. Na sua prece ao Cristo sempre maior, ele pedira:

Senhor, porque com todo instinto e em todos os acasos de minha vida, eu nunca deixei de vos buscar e de vos colocar no coração da Matéria universal, é no deslumbramento de uma universal Transparência e de um universal Abraço que eu terei a alegria de fechar os olhos (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 67)⁶⁴.

A morte em plena Páscoa era a realização do desejo daquele que buscara Cristo como um sedento acorre à fonte. É o que testemunha o amigo Pierre Leroy (1958, p. 65):

Ele morreu subitamente – como tinha pedido – em plena euforia, na cidade mais cosmopolita do globo, ele ‘o amigo de todo homem do mundo!’. Ele morreu, em plena primavera, no dia de Páscoa quando o sol despejava livremente sobre a cidade gigante às bordas do Hudson, ondas de luz. Nesta alegria da ressurreição, o P. Teilhard encontrou seu Cristo depois de ter aspirado toda sua vida pela graça de o possuir na iluminação da vitória.⁶⁵

Em 15 de março de 1954, um ano antes, num jantar realizado no Consulado da França em Nova Iorque, o próprio Teilhard declarou: “Eu gostaria de morrer no dia da Ressurreição” (MORTIER; AUBOUX, 1966, p. 214)⁶⁶. Sua vontade final era, pois, realizada por aquele a quem ele tanto amara e buscara.

Teilhard foi velado na casa dos Jesuítas do Park Avenue. Na terça-feira da Páscoa, sob um tempo chuvoso, aconteceram os funerais com a presença de uma dezena de amigos. Foi enterrado no Cemitério do noviciado dos Padres Jesuítas em Saint Andrew on Hudson (hoje, Hyde Park de Nova York)⁶⁷, sem nenhuma honraria, nenhuma homenagem. O silêncio que lhe fora imposto durante a vida, ao que parece, permaneceria depois de sua morte.

Teilhard sempre se sentiu abraçado por Deus em todas as coisas e isto, que lhe fora revelado na concretude experiencial da vida, ele quis transmitir a todos os homens. Sua vontade era fazer com que todas as pessoas, como ele, pudessem se sentir acariciadas pelas mãos divinas que nos esperam no desenrolar da existência. Seu desejo só foi realizado depois de sua morte quando os escritos, confiados a uma amiga, começaram a ser publicados. Tudo aquilo que viu e sentiu foi objeto constante de suas reflexões.

⁶⁴ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Seuil, 1976.

⁶⁵ LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

⁶⁶ MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images et paroles**. Paris: Seuil, 1966.

⁶⁷ Cf.: BADILLA, Luis. Há 60 anos, a morte do 'jesuíta proibido', Pierre Teilhard de Chardin. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/541484-ha-60-anos-a-morte-do-jesuita-proibido-pierre-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 08 abr. 2015. A reportagem foi publicada no sítio II Sismografo no dia 07 abr. 2015. A tradução é de Moises Sbardelotto.

O objetivo desse trabalho é seguir e discutir a evolução do pensamento desse místico que hoje, pode-se dizer, situa-se entre os clássicos do pensamento cristão. Clássico que pensou além de seu tempo, que não foi muito compreendido, que soube pressentir ou até mesmo inaugurar uma idade nova e por isso deve permanecer. É o que afirma Lima Vaz (1967, p. 9-10):

[...] há os clássicos que coroam uma idade de cultura e há aqueles que pressentem, invocam ou inauguram uma idade nova. A esses chamaríamos, usando uma expressão aplicada por Karl Rahner a Santo Tomás de Aquino, 'clássicos principiais'. São princípios. Mas, 'princípios que permanecem', para falar como Rahner. Essa permanência, contudo, é a permanência mesma de um princípio de vida. Ela se desdobra em crescimento, em invenção, em transformação. Acreditamos, assim, que, no sulco dos problemas essenciais de uma nova idade de cultura, em que Teilhard lançou a sua obra, ela permanecerá. Não como um texto morto, mas como um princípio de vida, que irá animar uma expansão do pensamento cristão maior, mais vigorosa e mais audaz, nas dimensões do Universo, abertas pela ciência contemporânea.⁶⁸

Assim como Lima Vaz também eu acredito que as ideias do menino do Auvergne permanecerão como um princípio de vida num mundo que até hoje tenta conciliar fé e razão, mundo e Deus, natural e sobrenatural, atividade humana e piedade religiosa. Uma de suas características mais importantes e, no meu entendimento uma das mais essenciais para a compreensão de seu pensamento, é seu espírito conciliador. Teilhard rompe os dualismos radicais e isto faz dele um inovador. Entre uma opção e outra ele propõe sempre uma terceira saída ou, segundo seus próprios termos, uma terceira via. Não se trata de relativismo, mas da reflexão amadurecida por parte de um homem que entre a via da terra e a via do céu, soube que ao céu se chega pela travessia da terra.

Por ocasião dos 60 anos de sua morte, agora em 2015, estudiosos reafirmaram a atualidade de seu pensamento ao mesmo tempo em que sublinharam a necessidade de um estudo mais aprofundado de sua obra para que suas ideias saiam, de uma vez por todas, do terreno da marginalidade.

O professor Michele Marsonet tem razão quando enfatiza 'a constante atualidade do pensamento de Pierre Teilhard de Chardin', embora as referências às teses teilhardianas, que muitas vezes anteciparam temas que se

⁶⁸ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

tornaram depois muito populares e amplamente difundidos, parecem borrados e até mesmo escondidos.⁶⁹

A espiritualidade de Teilhard é fruto de intensa e profunda reflexão. Sua experiência mística é, literalmente, uma experiência vivida e sofrida no cotidiano de sua existência. Fazê-lo objeto de estudo é, pois, acompanhá-lo em suas idas e vindas, numa tentativa, às vezes infrutífera, de adentrar seu pensamento, seu próprio mundo interior. Não se trata de tarefa fácil e as dificuldades que enfrentei hoje apresento como limites de minha pesquisa.

Inicialmente há o limite da vastidão de sua obra. Como tão bem sublinhou Etienne Michelin (1993, p.16) em seu estudo sobre o Concílio Vaticano II, há um “[...] risco inerente a toda pesquisa: escolher uma parte dos textos contra uma parte dos textos”⁷⁰. Em meu caso particular, escolhi os escritos espirituais de Teilhard em detrimento de seus estudos científicos. Pouco espaço, por exemplo, foi dado em meu trabalho a seu Fenômeno Humano⁷¹, ou à sua ideia de hiperfísica. Mesmo nos escritos espirituais, alguns pontos foram mais destacados que outros. *Le Milieu Divin* foi a obra escolhida como fio condutor de minhas reflexões sobre Teilhard e para Vigorelli (1963) esse livro não pode ser considerado como chave de acesso ao pensamento do jesuíta⁷². Sem discordar radicalmente desse estudioso, apoio-me em Henri de Lubac (1962) para quem a obra traduz a própria alma de Teilhard⁷³. E, a partir do próprio Vigorelli (1963, p. 97), para quem *Le Milieu Divin* é “[...] a apaixonada ilustração da necessidade de voltar-se para Deus 'sem deixar o Mundo’”, esclareço ser este o ponto essencial de meu estudo.

A extensão da obra teilhardiana faz ainda com que um mesmo tema seja retomado a partir de vários aspectos, o que provoca uma certa repetição no texto. O pensamento de

⁶⁹ BADILLA, Luis. Há 60 anos, a morte do 'jesuíta proibido', Pierre Teilhard de Chardin. Sbardelotto. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/541484-ha-60-anos-a-morte-do-jesuista-proibido-pierre-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 08 abr. 2015. A reportagem foi publicada no sítio II Sismografo no dia 07 abr. 2015. A tradução é de Moises Sbardelotto. Grifos do autor.

⁷⁰ MICHELIN, Étienne. **Vatican II et le << surnaturel >>**. Enquête préliminaire 1959-1962. Venasque: Éditions du Carmel, 1993.

⁷¹ Para Manotovani esta obra, que na Itália ganhou recentemente uma veste gráfica renovada, vai desafiar muitos leitores. Diz esse estudioso: “Os conhecimentos científicos posteriores aos anos 1940 confirmaram e aumentaram seu valor, que parece ser muito atual, particularmente em relação às temáticas fundamentais da 'complexidade' e da 'noosfera’”. In: MANTOVANI, Fábio. Teilhard de Chardin e o 'Fenômeno Humano' hoje. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/537031-teilhard-de-chardin-e-o-fenomeno-humano-hoje>>. Acesso: 08 abr. 2015. O artigo original, traduzido por Moisés Sbardelotto, foi publicado no blog Teologi@Internet, da Editora Queriniana no dia 24 out. 2014.

⁷² Para esse autor *O Meio Divino* não pode ser considerado o livro chave de Teilhard: “[...] o autor mesmo o considerava e o definia como 'um livro de piedade'. Não é uma comparação, é uma aproximação: o *Meio* [Divino] são as suas *Confissões*, o *Fenômeno*, o seu *De civitate Dei*. As ideias, como nas *Confissões*, são frequentemente orações: o estado místico prevalece sobre o estado racional. [...]. A natureza deste livro é totalmente religiosa, e extremamente religiosa a sua função”. VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuíta proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963.

⁷³ DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

Teilhard foi sendo elaborado, refletido e amadurecido no transcurso de sua existência e muitas vezes o próprio autor parece repetitivo. É preciso, no entanto, segui-lo em suas idas e vindas para compreender a profundidade de uma reflexão sempre revisitada e que, por isso mesmo, abre inúmeras e variegadas possibilidades.

Em segundo lugar há o limite da linguagem. Nesta pesquisa sujeito e objeto tem uma linguagem comum: a linguagem do cristão católico. Essa linguagem nem sempre será a do leitor e isto pode gerar falta de clareza, estranhamento e muitas vezes incompreensões. A tão desejada neutralidade da pesquisa pode ser comprometida quando pesquisador e pesquisado situam-se num lugar mais ou menos comum. Desde já desculpo-me, pois, com os leitores que se sentirem incomodados ou mesmo feridos por não compartilharem das mesmas convicções que, às vezes sem querer e inconscientemente, apresento nesse trabalho quase de forma apologética.

Ainda com respeito à linguagem é preciso situar de onde falo. Ao ingressar no Programa de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora buscava a aquisição de conhecimentos acadêmicos que me proporcionassem pensar o fenômeno religioso do ponto de vista estritamente científico e racional. Hoje, quase dez anos depois e inserindo-me de forma mais madura no campo da pesquisa, compreendo que quase nunca é possível uma racionalidade livre de afetos, uma ciência livre de paixões. Sou cristã católica desde muito cedo envolvida na prática pastoral. Minha linguagem advém deste contexto e muitas vezes as expressões que utilizo podem dar a impressão de que estou fazendo uma tese teológica. Eu me situo num lugar hermenêutico e este lugar é o da Igreja e da Ciência. Por mais que me esforce não posso ser leiga atuante em alguns momentos e cientista da religião em outros. Em mim as duas faces se misturam e se amarram construindo a teia da minha vida. Ao falar de Teilhard, sobretudo de suas questões teológicas, posso ter assumido uma linguagem que beira a militância e espero, sinceramente, que isto não tenha comprometido o objetivo de minha pesquisa.

Por fim há o limite do encantamento que me tomou no contato com Teilhard e seu Meio Divino. Eu me apaixonei definitiva e radicalmente pelo objeto de minha pesquisa. Essa paixão impediu certamente uma visão mais crítica sobre esse pensador. Eu quase sempre falo de Teilhard a partir do próprio Teilhard, deixando de lado seus críticos. E como bem lembrou Lima Vaz (1967, p. 6):

Há objeções sérias contra o pensamento de Teilhard de Chardin. Elas devem ser examinadas com o mesmo interesse profundo com que recebemos a própria mensagem teilhardiana. Impõe-se, aqui, uma exigência elementar de

respeito para com essa Verdade, que Teilhard, por primeiro, ardentemente amou.⁷⁴

Penso não ter cumprido essa exigência e no momento só me resta reconhecer a falha para que outros a corrijam.

Abro aqui um parêntese para agradecer aos mestres que me conduziram nessa pesquisa e cujas reflexões facilitaram minha estrada. Um dia o próprio Teilhard falara da possibilidade da educação converter-se em “[...] instrumento humano da pedagogia divina” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 48-49)⁷⁵. Hoje sei que as pistas bibliográficas daqueles que li ou as orientações pessoais daqueles com quem tive a oportunidade de dialogar foram cruciais na escolha do caminho a seguir: sem cada um desses mediadores esse trabalho não seria possível.

Esse estudo sobre Teilhard de Chardin, que ora apresento com seus limites e também suas luzes, é uma tentativa de acompanhar a elaboração de um pensamento a partir das influências exercidas sobre o pensador. Destaco quatro influências principais, consciente de que outras existem e podem ser aprofundadas. A estrutura do trabalho tem, pois, um caráter mais biográfico. Entendo que a visão de Teilhard foi sendo elaborada e matizada no decorrer de sua vida e por isso optei por segui-lo historicamente. Metodologicamente e em razão do tema fiz uso frequente de citações, algumas bem extensas. Meu objetivo foi deixar o próprio autor falar e a partir de sua fala construir minha argumentação.

No primeiro capítulo destaco a influência do universo feminino em Teilhard, sobretudo na consolidação de sua fé, no fortalecimento de sua esperança e na sua visada novidadeira sobre o amor. Sempre rodeado de mulheres, o místico jesuíta dialogou muito com elas e sua espiritualidade é certamente marcada por esse toque diferencial de sensibilidade e afeto.

No segundo capítulo mostro a experiência decisiva da guerra na elaboração das ideias do pensador do Auvergne. É em meio às trincheiras que Teilhard começa a colocar por escrito suas intuições, numa espécie de testamento intelectual frente ao perigo iminente da morte. O conflito entre as nações o fez pensar em muitas coisas mas especialmente o fez refletir sobre a possibilidade e sobre as formas de ser prolongamento vivo da ação criadora de Deus. Na guerra Teilhard toma consciência de que para o estabelecimento e sucesso do Meio Divino é preciso agir e sofrer a ação.

⁷⁴ VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

⁷⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **El porvenir del hombre**. 4 ed. Madrid: Taurus, 1967. Do artigo *Herança social e progresso: notas sobre o valor humano-cristão da educação*.

No terceiro capítulo dedico-me à crise enfrentada por Teilhard em relação à Igreja que o considerou inovador demais. As dificuldades sofridas, bem como a decisão de se manter fiel para revitalizar a instituição partindo de seu interior, teceram de uma forma singular o pensamento desse jesuíta que nunca, segundo ele mesmo afirmaria, cogitou a ideia de um rompimento radical.

No quarto e último capítulo trago a influência do Oriente na tessitura ou, e seria talvez mais apropriado dizer, no aprofundamento da mística teilhardiana, uma mística fundada no amor à matéria penetrada pelo divino e na consciência da unidade com todos e com o Todo; mística encarnada que faz ver e sentir Deus em todas as coisas.

O grande desejo de Teilhard foi transmitir sua visão de mundo, um mundo habitado por Deus e penetrado por sua graça. Com meu trabalho tentei fazer com que sua mensagem fosse difundida, refletida, discutida, submetida à crítica e ao diálogo. O caminho foi desafiador, como desafiadoras são suas reflexões. Aquele que se põe a caminhar sabe que a toda estrada é fonte de aventura. Que cada um se sinta, pois, convidado a embarcar nessa aventura. Para Teilhard, por Teilhard e com Teilhard “[...] debruçados à proa do navio, tentemos, como num sonho, perscrutar as obscuridades da noite que se vai aos poucos iluminando à passagem do Mundo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 81)⁷⁶.

⁷⁶ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do escrito *Meu Universo*.

CAPÍTULO I

O TOQUE FEMININO NA ESPIRITUALIDADE DE TEILHARD DE CHARDIN

Surgi na origem do Mundo. Desde antes do início dos séculos, saí das mãos de Deus – esboço destinado a embelezar-se através dos tempos, cooperadora na sua obra. Tudo, no Universo, se faz por união e fecundação – por junção dos elementos que se procuram, e se fundem, dois a dois, e renascem numa terceira coisa. Deus espargiu-me no Múltiplo inicial como força de condensação e de concentração. Sou eu a face conjuntiva dos seres – eu, o perfume que os faz acorrer e os arrasta, livre, apaixonadamente, pelo caminho da sua unificação. Por mim tudo se move e se coordena. Sou o encantamento impregnado no Mundo para levá-lo a se agrupar – Ideal suspenso sobre ele para fazê-lo se elevar. Sou o essencial Feminino (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 239)¹.

Assim, Pierre Teilhard de Chardin, inicia seu ensaio *L'Eternel féminin*, de 1918. Trata-se sobretudo de um texto sobre o amor, ou sobre o unitivo². E sempre que se refere à mulher, Teilhard fala do amor e da união que este produz. Paradoxal para um homem que escolheu o celibato e a castidade como forma de vida e, ao mesmo tempo, coerente para um homem que, como poucos, soube amar e foi objeto do amor de muitas mulheres.

No *Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin*, organizado por Fabio Mantovani, encontramos uma definição, que talvez nos ajude a melhor compreender o sentido do Feminino no pensamento teilhardiano, que como sempre, extrapola o lugar comum dos conceitos, alargando-os ou mesmo transfigurando-os, para expressar o que se passa em sua alma. Diz-nos Fabio Mantovani (2006, p. 26-27):

Com este poema em prosa, TdC [abreviatura utilizada pelo autor em substituição ao nome Teilhard de Chardin] dá voz seja a sua experiência pessoal, seja a um conceito, o Feminino, que acompanhará para sempre sua visão complexiva. [...]. Em sentido mais amplo, o conceito do Feminino equivale à 'energia unitiva', ao amor. A sua importância é tal que TdC, na conclusão de *Il Cuore della Materia*, põe uma clausula relativa a 'O Feminino, ou seja, o Unitivo', entendido como *luz* que ilumina toda a Cosmogênese³.

O amor e a união serão dois temas fortes na obra teilhardiana, temas que se inter-

1 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. Esta obra foi lida e cotejada com sua tradução portuguesa. Id. **Escritos do Tempo da Guerra**: 1916-1919. Lisboa: Portugália, 1969.

2 Cf. Id. **Le coeur de la matière**. Paris: éditions du Seuil, 1976.

3 MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**, Verona: Gabrielli Editori, 2006.

relacionam. Para o pensador a história da evolução do Universo se confunde com a história da evolução do amor. Movendo-se no âmbito da biologia ele entende que o amor é a energia presente nas formas rudimentares da vida fazendo as moléculas se ajuntarem. Os agrupamentos seriam manifestações desse amor primordial. Depois essa mesma energia vai se intensificar e se concentrar na função reprodutora. E como bem demonstra André-A. Devaux, num texto sobre o pensamento de Teilhard acerca da mulher, é no plano da hominização que, “[...] enfim, a violência inerente à força cósmica amorizante multiplica suas virtudes [...] a parte espiritual é preponderante e votada a um crescimento indefinido” (DEVAUX, 1963, p. 4)⁴. Com o homem o amor ultrapassa o material e a sobrevivência da espécie deixa de ser o único objetivo da união entre os seres. Antes de tudo, Teilhard refuta a união de dissolução, onde o elemento se assimila ao todo, como o sol se dissolvendo no mar, e defende a união de diferenciação como a verdadeira união. Esta, explica-nos Devaux (1963, p. 6), “[...] longe de destruir as diferenças, exalta a originalidade de cada um dos elementos que ela aproxima 'centro a centro'”⁵. Neste caso o amor cria personalidade, não destrói os elementos, mas renova sua vitalidade. O amor deve suscitar as potências e originalidades de cada um. Importante ressaltar que uma fórmula chave do pensamento teilhardiano é *ser sempre mais (plus-être)*. E neste sentido o feminino é o unitivo, na medida em que motiva a ir sempre avante evitando o risco do isolamento orgulhoso.

Mas, a quem Teilhard deve esta experiência frente ao feminino, a ponto dele declarar em sua autobiografia⁶ que “[...] nada se desenvolveu em mim que não fosse sob um olhar e sob um influxo do feminino” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 72)⁷. Tentando responder a esta questão é que trataremos neste capítulo da influência das mulheres ou para sermos mais exatos da sensibilidade feminina na mística teilhardiana. Antes apresentaremos algumas das mulheres que foram apoio e interlocutoras de nosso pensador.

4 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Éditions Universitaires, 1963.

5 Ibid.

6 Trata-se de *Le coeur de la matière*. Segundo Mantovani o ensaio é uma autobiografia espiritual que não foi escrita para ser publicada. MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**, Verona: Gabrielli Editori, 2006. Também em carta a Lucile Swan, Teilhard diz: “Eu preparo docemente um novo ensaio (não destinado à publicação) onde eu tentarei seguir e descrever o processo *psicológico* segundo o qual, desde minha infância, um sentido confuso do Universo e do Universal gradualmente tomou em mim a forma do 'Meio divino' formado por uma espécie de 'centro cósmico universal’”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**, Bruxelles: Lessius, 2009, p. 365. Carta de 22 de janeiro de 1950.

7 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

1.1 As mulheres na vida de Teilhard

Um fariseu convidou Jesus para jantar. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, lavou-os com suas lágrimas. Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado comentou: 'Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora! Voltando-se para a mulher, [Jesus] disse a Simão: 'Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me ofereceste água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me beijaste; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume''⁸

O Cristo, tão amado por Teilhard, também foi ternamente amado por muitas mulheres. Numa cultura pouco afeita ao sexo feminino, como era o mundo judeu da época de Jesus, o Mestre soube acolher aquelas que o acompanhariam tanto nas ceias quanto no calvário. O místico do Auvergne trilhou caminho semelhante; conviveu com muitas mulheres, sejam as mulheres de sua família – mãe, irmãs e uma prima a quem ele devotou uma amizade fraternal – sejam mulheres do ambiente intelectual da França de seu tempo, ou mulheres que encontrou nas suas peregrinações pelo mundo. O certo é que ele amou e foi muito amado por diferentes mulheres e de diferentes formas, um fato decisivo na evolução de sua espiritualidade. Com muitas destas mulheres ele manteve uma correspondência ativa, que nos ajuda a entender melhor e mais claramente o seu pensamento, o desenvolvimento de suas ideias. O jesuíta francês pensava, como nos diz René d'Quince (1968, p. 19):

[...] que a intuição e sensibilidade femininas davam ao julgamento, muito exclusivamente racional, do homem um complemento precioso e, para ele pelo menos, indispensável. Ele esperava então de suas correspondentes uma luz e um auxílio para escolher mais exatamente sua rota.⁹

Antes de tudo, Pierre deve muito de seu desenvolvimento interior às lembranças de sua infância junto a uma mãe dedicada e amorosa. Nosso pensador amou muito a mãe, chegando a confessar que a ela devia o melhor de sua alma, provavelmente se referindo à sua dupla vocação de padre e cientista¹⁰. Berthe Adèle de Dompierre D'Hornoy foi educada num

8 Lucas 7, 36-39.44-46.

9 D'QUINCE, René. Prefácio. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Bernard Grasset, 1968.

10 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Éditions Universitaires, 1963.

ambiente profundamente cristão, sendo devota fervorosa do Coração de Jesus¹¹. Sua fé na personalidade de Deus, ou seja, num Deus pessoal, o Verbo Encarnado, refletiu-se na fé de seu filho. Durante toda sua vida Teilhard não teve dificuldade de se dirigir a Deus como Alguém. Da mesma forma foi graças à influência materna que o menino do Auvergne cultivou sua visão otimista da vida, visão esta que o acompanharia sempre. Foi a sua querida mãe que o consolou, na mais tenra idade, quando ele se perturbou frente a fragilidade das coisas. Pierre se desesperou ao ver um pedaço de cabelo se queimando e ela carinhosamente lhe disse: “Consola-te, meu pequeno Pierre, as coisas não se perdem, elas mudam, elas se transformam” (DEVAUX, 1963, p. 10)¹². A capacidade de ver sempre o lado bom das coisas, característica marcante de Teilhard de Chardin, talvez seja o resultado destas palavras tão doces dirigidas a um coração de criança assustado. E o consolo não é o consolo resignado e passivo, mas o consolo que ensina a olhar para frente. A mística teilhardiana não é a mística da resignação acrítica, mas a mística da esperança de que o mal não terá nunca a última palavra porque algo de grandioso nos espera sempre a frente. Nada se perde, tudo se transforma.

Também a experiência do feminino foi vivida por Teilhard junto às suas irmãs Françoise e Marguerite-Marie e à prima Marguerite Teillard-Chambon. É junto delas que ele tomou cada vez mais “[...] consciência do poder inspirador do feminino” (DEVAUX, 1963, p. 11)¹³. Françoise, a irmã mais velha, era muito dotada intelectualmente, interessada pela filosofia, pela arte e pela música. Tornou-se religiosa, optando por ingressar na Congregação das Pequenas Irmãs dos Pobres¹⁴. Com ela Pierre conheceu o caminho espiritual, embora os dois optassem por vias diferentes¹⁵. A vocação religiosa os aproximava ainda mais. Pierre e Françoise compartilhavam o mesmo programa de vida e ambos se ajudavam nos momentos mais difíceis. Pouco antes de morrer suas últimas palavras foram dedicadas ao irmão a quem prometera não esquecer no céu. Ele, por sua vez não a esqueceria na terra. Para Françoise uma Irmãzinha deve desapegar-se de tudo o que não seja apenas Deus, o que pode, à primeira vista, parecer destoante do pensamento teilhardiano. Mas foi o próprio quem disse, como nos revela De Lubac (1965, p. 20):

Lembrei-me de certas coisas que outrora me disse Françoise – quando era Irmãzinha –, sobre a importância singular e providencial que na sua vida tomara a realidade de Deus; – e julguei compreender que, no fundo, éramos muito mais parecidos um com o outro do que julgava até então.

11 BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

12 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Editions Universitaires, 1963.

13 DEVAUX, André-A. Opus cit.

14 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

15 DEVAUX, André-A. Opus cit.

Simplesmente ela seguia um caminho no qual as realidades cá da terra se encontravam muito mais apagadas ou ultrapassadas do que para mim.¹⁶

De Marguerite-Marie, a quem carinhosamente chamava de Guiguite, ele se sentia mais próximo. Acometida por uma doença que a obrigou a ficar imobilizada durante toda a vida, ela condensou sua experiência no livro *L'énergie spirituelle de la souffrance*, prefaciado por Teilhard que comparou o destino de sua irmã doente ao seu próprio destino:

Oh Marguerite, minha irmã, enquanto eu entregue às forças positivas do Universo, corria mares e continentes, apaixonadamente ocupado em ver crescer todas as nuances da Terra, tu, imóvel, deitada, metamorfoseavas silenciosamente em luz, no mais fundo de ti mesma, as piores sombras do Mundo. Quem de nós dois, crês tu, haverá de ter a melhor parte ante o juízo do Criador? (TEILHARD DE CHARDIN, 2004, p. 209)¹⁷.

Alegria e sofrimento são, para Teilhard, duas energias contrárias e igualmente importantes. Com a morte de Marguerite em 1936, ele sofreu e se sentiu extremamente solitário. É através de sua amizade com as irmãs que o pensador do Auvergne descobre o feminino e sua aptidão à renúncia (DEVAUX, 1963)¹⁸. Mas, ainda uma vez, não se trata da renúncia apática e quase preguiçosa frente às adversidades da vida; mas da renúncia que exige o esforço da luta contra o sofrimento.

Com a prima Marguerite (Marg), ele dividiu suas mais decisivas intuições. A ela escreveu durante toda a Primeira Guerra. Entre os dois cresceu uma amizade preciosa tanto por ser Marg muito inteligente, permitindo a Pierre exteriorizar ideias que germinavam em seu interior, quanto pela ajuda nas horas de ansiedade. Ela foi a mulher generosa a quem ele confiava o que sentia arder em seu coração (DEVAUX, 1963)¹⁹, e quem o introduziu na agitada vida intelectual parisiense (BAUDRY, 2010)²⁰. A importância da amizade entre os dois foi muitas vezes afirmada por Teilhard. Dizia ele numa carta de 25 de julho de 1917:

A nossa amizade é preciosa. Olho-a um pouco como a uma nota de música que dá 'tom' a toda a nossa vida. Que NS nos ajude a torná-la tal que toda ela seja uma força que nos leve a Ele, sem que nada aí se perca em vã complacência mútua (o que seria energia e amor perdidos) (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 227)²¹.

16 DE LUBAC, Henri. **A oração de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1965.

17 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Verso la convergenza**. L'Activation de l'énergie nell'umanità. Verona: Gabrielli editori, 2004. Do escrito L'Energia spirituale dela sofferenza.

18 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Editions Universitaires, 1963.

19 Ibid.

20 BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

21 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

O trecho desta carta revela-nos também algo que sempre incomodou nosso pensador, a saber,

[...] a inquietude frente ao possível desperdício da força do amor em pressão no universo. Teilhard experimentou, no caso privilegiado de sua amizade com sua prima, que a relação que se estabelece entre o homem e a mulher não tem chance de durar e de se aprofundar a não ser que ela se acompanhe de uma relação superior unindo os dois parceiros a um terceiro termo, transcendente, o Cristo ele mesmo, Centro de tudo e ao mesmo tempo fogueira de universal aspiração. [...]. O progresso de uma 'amizade útil' é condicionado por uma comum vontade de convergência rumo a um pólo superior capaz de metamorfosear a *díade* primitiva, feita da associação entre o masculino e o feminino, em uma *tríade* onde o divino vem coroar os termos associados (DEVAUX, 1963, p. 15-16)²².

Por Marg, Teilhard nutriu uma afeição fraternal, sentimento partilhado, uma vez que mesmo enamorada de seu primo, ela nunca considerou uma confissão, senão anos mais tarde. Entre os dois, temos apenas a troca de confidências de amigos e não de sentimentos amorosos. Marguerite era católica praticante e nunca considerou a possibilidade de ruptura do amigo de infância agora tornado padre. A ela, Pierre se dirigia para elaborar seu pensamento, e muitas vezes agradeceu sua disponibilidade de escuta. Ela soube apoiá-lo e compreender o seu modo de refletir e sua personalidade. Mais tarde, depois da guerra, o relacionamento entre os dois se modificou, passando Teilhard ao tom de diretor espiritual da prima, um tom quase frio. Por sua educação, natureza e família, Marguerite vê, sem nada fazer para impedir, a construção de uma barreira sentimental entre os dois (BOUDIGNON, 2008)²³. As duas biografias americanas de Teilhard de Chardin, Mary e Ellem Lukas, acreditam que Marg se sacrificou pelo primo. Concluem isto a partir da leitura de um romance escrito por ela, sob o pseudônimo de Claude Aragonnès, intitulado *La Loi du faible*, romance que “[...] é 'a história cheia de melancolia de uma bela e brilhante jovem moça que se sacrifica pelo primo egoísta e cego que ela ama desde a adolescência’” (BOUDIGNON, 2008, p. 45-46)²⁴. Ao fim da guerra a amizade tão forte entre os dois, sem nunca deixar de existir, foi se afrouxando não se sabe se por opção de Marguerite ou se pelo afastamento de Teilhard²⁵.

Foi através de Marguerite que Pierre conheceu a bela Léontine Zanta. De volta a Paris depois da guerra, ele tomou o hábito de visitá-la sempre em seu apartamento, onde encontrava muitos intelectuais e filósofos. E ele se deixou encantar pelo charme dessa mulher

22 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Editions Universitaires, 1963.

23 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

24 Ibid..

25 Ao que tudo indica, Marguerite afastou-se de Teilhard. Segundo Boudignon o padre escrevia à prima, mas “[...] ela destruíra suas cartas”. Ibid., p. 194.

calorosa e acolhedora. Quando parte para a China, em 1923, ele sente saudades da amiga e passa a lhe escrever, colocando-a a par de seus deslocamentos. Se com Marguerite ele experimentou a camaradagem e o bem estar, provocados pela companhia de uma mulher pronta a ouvi-lo, com Léontine ele vai um pouco além, chamando-a de “Muito querida amiga” e descobrindo “[...] a potência do reconforto do feminino, misturada com o prazer de uma cumplicidade” (BOUDIGNON, 2008, p. 58)²⁶, que não demandava um tipo de afeição capaz de embará-lo. Teilhard sente que esta presença poderia ser-lhe muito útil em seu esforço de reflexão. E Léontine, por sua vez, admira o jovem jesuíta pelo frescor de suas ideias. Teilhard de Chardin tinha necessidade de submeter suas reflexões às críticas e era para ele mais enriquecedor e saboroso, menos constrangedor, “[...] se este auditório fosse feminino” (BOUDIGNON, 2008, p. 58)²⁷. Com Léontine, ele amplia e eleva o debate e aos poucos vai encontrando as palavras para exprimir o coração de seu pensamento e de sua fé. É também com ela que ele descobre que as relações femininas podem ser exigentes. Léontine era uma ouvinte inteligente e reservada que representou para o padre jesuíta afastado do meio que tanto amava,

[...] o modelo da relação feminina amiga da qual ele tinha necessidade para lhe ajudar e lhe encorajar no seu esforço. [...]. Ao mesmo tempo, ele iria descobrir que sua aproximação do feminino podia se revelar mais apaixonada, e que outras mulheres, menos reservadas, podiam reclamar um outro engajamento em resposta às manifestações de tão forte amizade (BOUDIGNON, 2008, p. 59)²⁸.

Segundo Boudignon (2008, p. 60), pouco se sabe das contribuições de Léontine a Teilhard em nível de reflexão; as cartas recebidas e guardadas por ela oferecem um importante testemunho sobre o jesuíta, “[...] mas é difícil medir sua contribuição na obra deste último além de sua amizade e de seus encorajamentos”²⁹. Numa carta de 12 de dezembro de 1923, lembrando saudosamente das conversas que tinham ele declara: “Você forçava-me e ajudava-me a pensar muito, enquanto o belo sol vermelho e dourado se inclinava por detrás das plantas da sua varanda” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 76)³⁰. Léontine foi a primeira mulher francesa a se tornar doutora em filosofia, tendo se empenhado com ardor na

26 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa refléxion. Paris: Cerf, 2008.

27 Ibid.

28 Ibid.

29 Ibid.

30 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

luta pela promoção da mulher (BAUDRY, 2010; GARRIC, 1967)³¹, fato que talvez tenha colaborado para aumentar em Teilhard o seu fascínio pelas mulheres. Uma carta de 07 de agosto de 1923, quando ele se encontrava na China, revela-nos um Teilhard que olha de frente a questão do feminismo, motivado pela amiga.

Penso muitas vezes em si – por amizade, antes de mais, mas também por 'feminismo', vendo as mulheres destes lados. As chinesas estão abaixo de tudo o que se possa imaginar. Nestas províncias afastadas, quase todas têm ainda os pés pequenos, e faz pena vê-las caminhar sobre esses cotos (as pernas estão completamente atrofiadas) como sobre duas estacas: sob o aspecto moral, parece que são perfeitas escravas, tão cuidadosamente sufocadas nas faculdades de pensar como na possibilidade de caminhar. – Quanto às mongóis, é uma coisa totalmente diversa: olham-nos de frente, por debaixo de seus diademas de pérolas de coral, e montam a cavalo como homens. Alguém me falou de uma pequena que aos doze anos laça os cavalos, e duma cristã que vêm à Missa com três filhos na mesma montada! É uma bela raça. [...]. Recordo-me de ter cruzado com uma família em viagem: tratava-se de gente importante, a julgar pelos bordados, pelas joias e pelos chapéus pontiagudos dos homens. Havia uma mulher, dois homens, e um pequeno encantador de doze a quinze anos, que avançavam ao passo ritmado dos seus camelos, na estepe. Pois bem, era a mulher que ia à frente, como uma rainha. Disse-me para comigo que você gostaria de ver esta cena (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 70-71)³².

Vemos no trecho desta carta preocupação e admiração da parte de Teilhard por sociedades que menosprezavam ou valorizavam a mulher, um toque talvez acentuado em seu pensamento pelas reflexões da feminista Léontine Zanta. Também são nas cartas endereçadas a esta amiga que encontramos os desabafos mais sinceros de um homem apaixonado pela Igreja e ressentido pela incompreensão da qual era objeto. Ela oferece sua amizade e o introduz nos meios intelectuais parisienses que ele tanto amou e do qual se recordava quando longe. Em Léontine, como em muitos outros amigos, Teilhard sente aliviar a pressão sofrida por ele e “[...] seu engajamento na reflexão sobre um cristianismo 'mais vivo e mais belo” (BOUDIGNON, 2008, p. 61)³³. De qualquer forma, a correspondência de Pierre e Léontine, segundo Baudry (2010, p. 236), “[...] está entre as mais preciosas para seguir a sua vocação espiritual e intelectual durante o período entre as duas guerras”³⁴.

Uma outra mulher marcaria a vida de nosso jesuíta. Trata-se de Ida Treat, que ele conheceu quando trabalhava no Museu de História Natural em Paris. Mulher apaixonada, o

31 BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010; GARRIC, Robert. O Padre Teilhard e Mademoiselle Zanta. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. p. 9-36.

32 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

33 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

34 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

encontro entre ela e o padre “[...] deixa uma marca tão profunda quanto discreta na vida do homem e do pensador” (BOUDIGNON, 2008, p. 71)³⁵. Se com Marguerite e Léontine, Teilhard conheceu o feminino e seu charme educado, com Ida ele descobriu a mulher e sua paixão exigente. Ida era apaixonada pelo estudo da pré-história e, no ano de 1924, realizou escavações numa gruta do sudoeste da França. Ela levou os resultados de seu trabalho para serem analisados no Museu e, como era de se esperar, Marcellin Boule a encaminhou para Teilhard que, pouco antes tinha regressado da China. Ida tinha 35 anos e Teilhard 42 quando se conheceram. Ela havia se apaixonado pelo estudo da pré-história por influência de seu marido Paul Vaillant-Couturier, um militante de extrema esquerda, do qual se divorciou em 1934. O primeiro contato entre a simpatizante comunista e o padre paleontólogo foi rude (BOUDIGNON, 2008)³⁶, o que talvez se explique pela admiração de Ida por Henri Barbusse, que se tornara célebre por seu romance *O Fogo*, onde ele descrevia a vida dos soldados nas trincheiras da Guerra, ressaltando as misérias desta vida. Esquerdista imbuída de anticlericalismo, ela não parecia disposta a colaborar com um padre jesuíta e aristocrata, que tendo vivido no fronte, achava que o romance de Barbusse trazia “[...] cenas de uma realidade impressionante mas de uma desesperante incompreensão do cristianismo” (BOUDIGNON, 2008, p. 72)³⁷. O choque entre os dois foi inevitável e violento, mas a nascente inimizade ou antipatia foi curta. Pouco depois o poder de sedução do jovem padre se fez sentir. Habitado a amizades femininas mais sensatas com Marguerite e Léontine, ele não tinha consciência do quanto podia ser sedutor. Buscando convencer pessoas, fazendo-as aderirem às suas ideias, ele não hesitava, talvez, em usar a sedução como arma. Mas, Teilhard era tímido frente a uma mulher declarando seu amor por ele, a ponto de entender que sua segunda partida para a China seria providencial. Ele foi acuado por Ida e acabou ficando em cima do muro³⁸. Contudo, ao fim, foi franco com ela ao lhe explicar o que representava para ele sua vocação de padre e ela aceitou seu ponto de vista, o que fez com que a amizade entre os dois durasse até a morte de Pierre.

A questão da carne foi aceita, mas não compreendida pelo padre que, numa carta de agosto de 1934, época em que a amizade entre ele e Ida já era forte, desabafa ao sempre amigo Valensin: “Sobre esta questão da Carne ('climax' da questão da Matéria), eu sigo

35 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

36 Ibid.

37 Ibid.

38 Ficar “au pied du mur” ou seja, em cima do muro é a expressão utilizada pelo próprio Teilhard numa confidência ao amigo Auguste Valensin. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier**: 1919-1955. Paris: Aubier Montaigne, 1974. Carta de 24 de agosto de 1934.

'cegamente' a Igreja sem compreender bem o que ela me diz (ou mesmo crendo ver outra coisa). Acredite em mim, eu daria qualquer coisa para sentir uma convicção mais pessoal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 281)³⁹.

Tendo regressado à China, Teilhard passa a escrever a Ida. De 1926 a 1952, foram muitas cartas, sendo a maior parte escrita nos primeiros meses de sua partida para o Oriente, o que indica que a separação pesou sobre ele. Neste momento, ele lutava contra duas tempestades interiores,

[...] uma crise de fidelidade com respeito à sua Igreja – consequência da reprimenda que ele sofreu – e uma luta sentimental para evitar um conflito com uma mulher que ele apreciava e que ele sonhava manter como confidente, respeitando os limites que ele impunha às suas relações (BOUDIGNON, 2008, p. 74)⁴⁰.

Ida foi uma correspondente privilegiada de Teilhard e as cartas que este último lhe endereça estão entre as mais belas e as mais extraordinárias⁴¹. Com Ida Teilhard se sente em comunhão tanto afetiva quanto espiritual, apesar de opiniões tão opostas. Nosso jesuíta tinha grande admiração pela personalidade de Ida, por sua militância, e se sentia emocionado “[...] frente a força desta afeição, para não dizer amor” (BOUDIGNON, 2008, p. 78)⁴².

Teilhard de Chardin era padre e crente, ao passo que Ida partilhava das ideias comunistas e ateístas; uma amizade, pois, entre duas pessoas muito diferentes, que nos “[...] mostra plenamente e ao mesmo tempo o poder de sedução de Teilhard e sua atitude positiva de respeito ao outro” (BOUDIGNON, 2008, p. 77)⁴³. O místico do Auvergne era um homem aberto, que amava e acolhia as pessoas, superando possíveis diferenças. E com isso ele recebia apoio, como o de Ida, fundamental nos períodos mais difíceis⁴⁴. Ela foi uma das poucas pessoas que estiveram presentes nas exéquias de Padre Teilhard (BAUDRY, 2010)⁴⁵.

Com muitas mulheres Pierre partilhou confidências e dividiu descobertas; muitas foram as primeiras destinatárias de suas reflexões. De todas recebeu e ofereceu amizade e

39 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier**: 1919-1955. Paris: Aubier Montaigne, 1974. Carta de 24 de agosto de 1934.

40 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

41 Uma parte da correspondência entre Ida e Teilhard foi publicada na obra *Accomplir l'Homme*. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**: lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968.

42 BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

43 Ibid..

44 A primeira estada de Teilhard na China foi por ele pensada como temporária. Uma vez de regresso a Paris ele esperava retomar suas atividades de pesquisa e docência. Mas nesta época sua nota sobre o pecado original já era conhecida em Roma. Seus superiores disseram-no, então, que ele só poderia escrever artigos científicos e para evitar confrontos com Roma enviaram-no mais uma vez à China. Cf: Ibid.

45 BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

amor. Mas uma marcaria para sempre a vida do padre dedicado e fiel à Igreja: Lucile Swan, com quem, pode-se dizer, Teilhard experimentou um amor mais profundo. O encontro entre Teilhard e Lucile ocorreu no ano de 1929 num jantar na casa de Amadeus Gabou. Ela se interessou ao saber que ele era padre e cientista e que sua fé recebia influência das duas correntes, ciência e cristianismo. Formada em arte e escultora, ela se propõe a esculpir o busto do jesuíta e os dois passam a se ver e conversar com frequência. Ela fica fascinada pelo padre cientista que diz que sua fé aumenta na medida em que aumentam seus conhecimentos (BOUDIGNON, 2008)⁴⁶. A primeira carta de Teilhard de Chardin a Lucile Swan data de 1932 e já exprime um carinho muito especial. Diz Pierre: “Inútil vos dizer como foi doce e importante para mim que nossos caminhos se encontrassem e se unissem, de maneira tão inesperada [...]. Deus o quis assim” (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 30)⁴⁷. Quando chegou na China, Lucile era divorciada; estabeleceu-se em Pequim planejando ficar alguns meses, mas o encontro com Teilhard fez com que ela ficasse até 1941. Entre os dois nasceu a amizade e também o amor que não chegou a se completar fisicamente. Lucile esperava que Teilhard renunciasse aos seus votos, mas isto nunca aconteceu. Ele propõe uma terceira via para responder a este amor que seria a paixão pura e inocente, sem a consumação carnal (BOUDIGNON, 2008)⁴⁸. Apaixonada, Lucile se submeteu às exigências de Teilhard que encontrou no seu amor “[...] o sustento e os encorajamentos que lhe foram tão necessários” (BOUDIGNON, 2008, p. 134)⁴⁹. Mas, a submissão de Lucile seria uma espécie de submissão inconformada, o que tocou profundamente a alma de Teilhard, como nos mostra trechos de uma carta:

Quando há anos, eu comecei a te ver, Lucile, eu tive [...] o sentimento e a esperança que você viesse (e você veio) iluminar minha vida, e que de minha parte eu poderia te infundir uma nova energia para torná-la, você mesma sempre mais, uma *energia*. E doravante eu compreendo que eu me tornei para você um *centro*, que não tem [...] a consistência material necessária para ser um suporte válido a tua vida. Ser uma energia, e não um centro. É isto uma utopia? Pense, Lucile, e diga-me o que você pensa. O que nasceu entre nós é para sempre: eu o sei. Mas se você vê alguma coisa que possa contribuir para tua felicidade e tua paz, de um modo ou de outro, diga-o a mim, eu te peço. Meu sonho é torná-la magnificamente feliz (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 108).⁵⁰

Junto à preocupação, a confissão de Pierre, sobre a importância de Lucile em sua

46 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

47 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 30 de agosto de 1932.

48 BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

49 Ibid.

50 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. Opus cit. Carta de 07 de maio de 1936.

vida. Provavelmente foi uma época de duras provações para o padre que, cinco dias depois dessa carta, escreveria novamente à mulher amada:

Uma vez mais e do mais fundo do meu coração, eu penso em você e em mim, desde ontem. E chego sempre à mesma conclusão de que se você não me tem como você quer, não é em razão de uma mesquinha intrusão estrangeira entre nós dois, mas da presença de Deus que eu amo como uma Pessoa, e a quem eu dediquei a atividade final de minha vida. Para mim, todo o problema está aí, e aí também a razão pela qual você me acha um pouco insensível ou reticente. Você busca um equilíbrio 'a dois', e para mim só é possível um equilíbrio 'a três'. Minha convicção é, como já te disse, que o terceiro elemento não é uma barreira, nem uma espécie de 'rival'. Eu tenho (e experimento) que ele me dá, pelo contrário, uma espécie de nova dimensão, na qual o amor se desenvolve mais livremente, atingindo um incrível grau de consistência. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 109).⁵¹

De modo algum Teilhard foi insensível ou indiferente ao amor de Lucile que, por sua vez, soube compreender a profundidade desse sentimento, aceitando o que ele podia lhe oferecer. Mais do que isso, ela esteve sempre do seu lado, encorajando-o nos momentos de desânimo. Desde muito tempo, Teilhard pensava em escrever um livro. Numa carta de 1926 ele já detalhara a Ida Treat este seu desejo de escrever um “livro da Terra”, no qual pudesse “[...] exprimir uma convicção que ele sentia nascer dentro dele” (BOUDIGNON, 2008, p. 136)⁵². Desse mesmo desejo ele fala em 1927 ao abade Gaudefroy. O projeto de Teilhard era escrever um livro apresentando “[...] o homem como um evento, o maior 'evento telúrico e biológico’” (BOUDIGNON, 2008, p. 136)⁵³. E neste caso, explica-nos Boudignon (2008, p. 136),

[...] é o sentido da fórmula que importa em Teilhard, capaz de resumir em três palavras sua grande ambição. O homem ao mesmo tempo 'evento telúrico' para bem sublinhar sua total inserção na matéria e igualmente 'evento biológico' para introduzir o surgimento da vida e do pensamento fora desta matéria⁵⁴.

Lucile motivou Teilhard. Se Ida sabia ouvi-lo, Lucile sabia ouvi-lo e ajudá-lo. Ele foi sensível à presença desta “mulher afetuosa” (BOUDIGNON, 2008, p. 137)⁵⁵. O desejo de escrever um livro torna-se tema de muitas cartas que ele lhe escreveu. Nos primeiros anos da Segunda Guerra, Teilhard ficou preso em Pequim e isto fez com que a redação do livro

51 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 12 de maio de 1936.

52 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

53 Ibid..

54 Ibid.

55 Ibid.

avançasse. Mas antes desta obra ele escrevia ensaios curtos seja para “[...] esclarecer uma ideia ou mais simplesmente responder à interrogação de um amigo. Tudo isso sob o olhar vivificante de Lucile Swan” (BOUDIGNON, 2008, p. 138)⁵⁶.

De 1929 a 1939 Teilhard participou de muitas expedições e viajou bastante. Suas cartas permitem acompanhar seu itinerário. As cartas a Lucile são importantes porque nelas há detalhes que não aparecem nas outras; porque ele escreve algumas vezes da França revelando detalhes desconhecidos e porque, ao contrário dos outros correspondentes, ele escrevia a uma pessoa que residia na época em Pequim. Além disso, é possível ler algumas cartas de Lucile que fazia cópias em carbono ou escrevia comentários em seu diário pessoal.

Com Ida, Teilhard conseguiu equilibrar a paixão, sem excluir a amizade e, provavelmente, gostaria de fazer o mesmo com Lucile. Mas em Ida vemos a paixão e em Lucile o amor paciente. Difícil comparar. Nosso místico gostava das amigas femininas e Lucile “[...] fascinada pela busca religiosa de Teilhard” (BOUDIGNON, 2008, p. 146)⁵⁷ se deixou seduzir. Sendo protestante ela não via impedimento na relação com um padre. Teilhard tinha consciência do perigo e se esforçou para manter a prudência, mas ele “[...] subestimou até onde podia ir o amor entre dois seres” (BOUDIGNON, 2008, p. 147)⁵⁸ e acabou “[...] sendo surpreendido pela potência do amor de uma mulher [...] ele se aventurou no desconhecido” (BOUDIGNON, 2008, p. 147)⁵⁹.

Ida tomou conhecimento da amizade de Teilhard e Lucile e soube reconhecer a profundidade da relação entre os dois. Mas não se ressentiu porque tinha consciência de ocupar um lugar na afeição do padre, cujo desejo era apresentar Ida a Lucile como um modelo de relação. Ida fora apaixonada por ele, mas soube aceitar o limite imposto. Mas ela tinha sido feliz nos seus dois casamentos, ao contrário de Lucile, que só, e tendo sofrido com o matrimônio, deixou Teilhard tomar conta de seu coração. Ele, por sua vez, quer dela a aprovação seja em seus trabalhos seja em suas reflexões; deseja que ela partilhe seu modo de ver as coisas (BOUDIGNON, 2008)⁶⁰. Numa carta de 18 de março de 1934, ele escreve:

Se eu posso te ajudar em alguma coisa, você, por sua vez, pode me ajudar e me completar não só por sua luz, mas também por seu sentido agudo da realidade. Você tem muito a me ensinar. E é possível que façamos alguma coisa para 'desmaterializar' um pouco a Matéria em torno de nós.

56 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008. O livro em questão é *O Fenômeno Humano*, que primeiramente teria sido chamado pelo autor de *O Homem*.

57 Ibid.

58 Ibid.

59 Ibid.

60 Ibid.

(TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 43)⁶¹.

Não é possível negar que Teilhard tenha amado Lucile, mas quando ele fala da relação, seu tom parece controlado. Segundo Boudignon, ele queria “[...] perenizar o provisório [...] permanecer indefinidamente no estado da descoberta” (BOUDIGNON, 2008, p. 155)⁶². Ela queria mais, queria estar sempre do seu lado, partilhando as coisas simples da vida; ela o amava e como toda mulher queria dividir a vida com o homem amado, mas tentava se adaptar ao que ele queria. No entanto, a intensidade dos sentimentos de Lucile fazia com que ela oscilasse “[...] entre a aceitação mais espontânea e a revolta” (LA HÉRONNIÈRE, 2005, p. 218)⁶³, como nos mostra uma carta que ela nunca enviou, mas que guardou em seu diário, onde diz:

[...] se os homens creem em Deus e em sua Universalidade, eles vão encontrar os meios de tornar a vida mais bela e mais plena, etc. Mas Pierre, teu Deus parece tão frio, tão distante. Estou eu errada de pensar que posso te ajudar a senti-Lo mais caloroso, oferecendo-lhe um amor humano profundo e durável? (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 331)⁶⁴.

Certamente, Lucile foi feliz e ao mesmo tempo sofreu com o amor de Pierre. Muitas vezes ela pensou não suportar mais “[...] seguir este caminho semeado de espinhos que lhe traçava Teilhard” (BOUDIGNON, 2008, p. 156)⁶⁵. A relação entre eles foi marcada por afastamentos e reaproximações, mas ao fim, o amor permaneceu, tanto que adoentado em Nova Iorque, no ano de 1954, ele manda chamá-la. Jean Simard, médico que o tratava, telefona a Lucile pedindo-lhe que venha encontrar o doente, para assegurá-lo de seu amor (LA HÉRONNIÈRE, 2005)⁶⁶. Dez dias antes de sua morte, ele envia-lhe a que seria sua última carta.

Foi provavelmente através de Lucile que Teilhard conheceu Malvina Hoffman, artista e escultora americana, com quem se relacionou até a morte. O primeiro encontro talvez tenha se dado antes de 1935, mas depois se encontraram em Nova Iorque, no ano de 1938, e em Paris, no ano de 1948, onde ela esculpiu seu busto. Durante o último período de Teilhard em Nova Iorque eles se encontraram diversas vezes. Dela ele falou ao amigo Leroy como uma mulher “[...] sempre tão luminosa, imperturbavelmente franca e ativa” (LEROY, 1976, p.

61 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009.

62 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

63 LA HÉRONNIÈRE, Edith de. **Teilhard de Chardin**: una mistica della traversata. Genova: L'ippocampo, 2005.

64 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. Opus cit.

65 BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

66 LA HÉRONNIÈRE, Edith de. Opus cit.

118)⁶⁷. Entre a artista e o padre se estabeleceu uma correspondência que permanece inédita (BAUDRY, 2010)⁶⁸.

Em 1931, Teilhard participou do Cruzeiro Citröen e entrou em contato com o meio ateu, ou seja, com pessoas que nunca foram cristãs e que escaparam da influência do cristianismo, e também com a China muçulmana. Foi nesta viagem que ele travou conhecimento com Nirgidma de Torhout, princesa mongol que estudou na França e com quem Teilhard se encontraria outras vezes em Pequim e Paris (BOUDIGNON, 2008)⁶⁹. Ela foi a única mulher mongol que recebeu uma cultura internacional e que sabia analisar as virtudes e defeitos de sua própria cultura. Pouco se sabe da influência de Nirgidma sobre o jesuíta, mas este teria influenciado sua vida. Acredita-se que o padre cientista tenha se sentido bastante ligado a esta mulher de quem falou várias vezes com Lucile Swan “[...] que a conhecia e teria esculpido seu retrato” (BAUDRY, 2010, p. 193-194)⁷⁰. Nirgidma foi uma grande estudiosa das questões islâmicas, sobre as quais publicou diversos artigos.

Importante figura na vida do jesuíta do Auvergne foi também a americana Rhoda de Terra, esposa de Helmut de Terra, geólogo e antropólogo que conheceu Teilhard em 1933, num congresso de geologia. Foi através do marido, a quem acompanhou nas expedições à Índia (1935) e à Birmânia (1938), e de quem depois se divorciou, que ela encontrou o padre cientista. Os dois se correspondem regularmente de 1938 a 1950. Rhoda foi a amiga que assistiu Teilhard durante o período de recuperação que se seguiu à crise cardíaca sofrida por ele. Foi ela quem o acompanhou em 1951 e em 1953 nas expedições à África do Sul. Ele confiou a um amigo que Rhoda, nesta ocasião, teria se tornado para ele “[...] uma segurança psicológica notável” (BAUDRY, 2010, p. 221)⁷¹. Ele se refere a ela com muito carinho e gratidão numa carta enviada ao amigo Pierre Leroy:

[...] eu redigi uma espécie de manifesto-programa ('A Convergência do Universo') que Rhoda traduziu comigo; um texto que eu posso publicar e distribuir em novembro na minha chegada à América. – Quero dizer que fisicamente eu vou bem, – distintamente melhor depois de três anos. Por exemplo, eu encontrei 'despertaes' felizes e claros, – sem ansiedades. – E é

67 LEROY, Pierre. **Letres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 10 de dezembro de 1951. Nas cartas enviadas ao amigo Pierre Leroy encontramos muitas referências a Malvina, que indicam a importância desta na vida do jesuíta.

68 BAUDRY, Gérard-Henri. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

69 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

70 BAUDRY, Gérard-Henri. Opus cit. Os detalhes da biografia de Nirgidma são vagos. Sabe-se que ela viveu em Paris e Pequim, que se casou com Michel Bréal e que falava o idioma mongol, bem como o chinês, francês e inglês. Enfim era uma mulher bastante culta.

71 BAUDRY, Gérard-Henri. Opus cit. Extratos das cartas entre Rhoda e Teilhard foram publicadas, na coletânea intitulada *Accomplir l'Homme*. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**: lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968.

incontestavelmente a Rhoda que eu devo isso. Sem ela, eu não teria podido partir. (LEROY, 1976, p. 107).⁷²

Ela morava em Nova Iorque, perto da Fundação onde Teilhard trabalhava e esta proximidade permitia ao padre visitá-la constantemente. Foi em sua casa que, “[...] naquele domingo de Páscoa de 1955, no momento de tomar o chá, ele caiu para não mais se levantar” (BAUDRY, 2010, p. 221)⁷³.

No ano de 1935 aconteceu também o encontro do jesuíta com Claude Rivière.

Professora, jornalista e grande viajante, residiu na China de 1935 a 1947, onde se ocupou da direção da rádio francesa de Shangai, que Padre Teilhard escutava regularmente. Encontrou o cientista tanto em Pequim quanto em Shangai por diversas vezes e se interessou vivamente pelos seus trabalhos e por suas ideias. Entre um encontro e outro os contatos foram mantidos através da troca de cartas. [...]. Ela narrou suas recordações em *En Chine avec Teilhard de Chardin*, 1968. (BAUDRY, 2010, p. 203)⁷⁴

Outra mulher que cruzou a vida de Teilhard foi a literata francesa Maryse Choisy, viajante apaixonada pela cultura da Índia, sobretudo a ioga e muito interessada por Freud e a psicanálise. Tendo conhecido o jesuíta em 1938,

[...] mais tarde confessará que ele exerceu uma influência dominante sobre sua vida e seu pensamento religioso. Admirando o pensador, encontrou-o de novo em Paris depois da guerra e em 1946 pediu-lhe para fazer parte do comitê de honra da revista *Psyché* que ela tinha fundado. Ele aceitou e forneceu também artigos para a revista. Imediatamente após a morte do cientista, ela publicou um número especial de *Psyché* (nº 99-100 do ano de 1955) dedicado ao grande estudioso. (BAUDRY, 2010, p. 147).⁷⁵

No ano de 1939, Teilhard conhecerá aquela a quem devemos a publicação de todas as suas obras, Jeanne-Marie Mortier. Ela já tivera contato com o místico, um ano antes, em 1938, através de sua obra de espiritualidade *Le Milieu Divin*. Quando conheceu pessoalmente o autor da referida obra ela logo se propôs a ajudá-lo como voluntária, a fim de difundir seus escritos. Depois da guerra, com a permissão do padre, ela se empenhou fervorosamente em constituir um arquivo o mais completo possível, “[...] com o objetivo de preservar e conservar escritos bloqueados pela censura eclesiástica” (BAUDRY, 2010, p. 191)⁷⁶. Na época, Teilhard foi aconselhado por amigos a designar Jeanne Mortier como herdeira de seus escritos, o que fez no ano de 1951. Após a morte do pensador do Auvergne ela, apoiada por um comitê de

72 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 15 de agosto de 1951.

73 BAUDRY, Gérard-Henri. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

74 Ibid.

75 Ibid.

76 Ibid.

personalidades, levou a termo a edição póstuma das Obras de Teilhard, dividindo-a em treze tomos. Ela também contribuiu de modo eficaz para a criação da *Fundação Teilhard de Chardin* em Paris e *Associação dos amigos do Padre Teilhard de Chardin*. Os dois se corresponderam através de cartas que foram publicadas na coletânea *Lettres à Jeanne Mortier*⁷⁷. Ela organizou, ainda, juntamente com Marie-Louise Auboux, um álbum com retratos e fragmentos de escritos do Padre⁷⁸.

Por fim, não podíamos omitir o papel da rainha Marie-José que, não tendo conhecido pessoalmente o jesuíta francês, foi presidente de honra da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin e viabilizou a edição integral das *Obras Completas*, publicadas pelas Éditions du Seuil de 1955 a 1976. Sua proteção foi providencial e corajosa na época. Com certeza as boas relações da ex-soberana⁷⁹ com Pio XII conseguiram evitar a condenação ou colocação no Index das obras do padre jesuíta, o que era reclamado pelo clã integrista da Sé Romana. O papa, perfeito diplomata e consciente de tudo que estava em jogo desejou ardentemente evitar um novo “caso Galileu” (BAUDRY, 2010)⁸⁰.

Enfim, foram muitas as mulheres que fizeram parte da existência de Pierre Teilhard de Chardin e dessa forma influenciaram seu modo de ver e amar o mundo. Sem sombra de dúvida, a fé que sustentou sua carreira de cientista e sua vida religiosa foi uma dessas influências e é à fé de nosso místico que nos dedicaremos agora.

1.2 A fé que anima e sustenta

*Ontem um menino que brincava me falou. Hoje é a semente do amanhã. Para não ter medo que este tempo vai passar. Não se desespere, nem pare de sonhar. Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs. Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar. Fé na vida, fé no homem, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será...*⁸¹

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá: assim poderíamos resumir a fé de Pierre

77 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres à Jeanne Mortier**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

78 MORTIER Jeanne; AUBOUX Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin**: images et paroles. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

79 Marie-José, casou-se com Umberto, príncipe herdeiro da Itália em 1930. Com a abdicação de Vittorio Emanuele III, que estava comprometido com o regime fascista de Mussolini, o filho Umberto foi coroado rei da Itália. Consequentemente Marie-José recebeu o título de rainha daquele país. Mas, um mês depois, os italianos optaram pelo regime republicano abolindo, pois, a monarquia. Deste modo, Marie-José foi rainha por um brevíssimo período de tempo. BAUDRY, Gérard-Henri. *Lessico Teilhard de Chardin*. Milano: Jaca Book, 2010.

80 BAUDRY, Gérard-Henri. Opus cit.

81 GONZAGUINHA. Semente do amanhã. Disponível em: <<http://letras.mus.br/gonzaguinha/280650/>>. Acesso em: 18 out. 2013.

Teilhard de Chardin. Este homem, nascido cristão e conduzido pela mãe ao estudo dos místicos desde muito cedo, acreditou na força e no valor do mundo e do homem que, com Deus, o cria a cada instante. Cientista dedicado ao estudo das origens da espécie humana, ele descobriu e se encantou com as infinitas ligações cósmicas, com o fato de tudo estar ligado no Universo, e seu encantamento fez nascer nele uma fé inabalável, como a de São Paulo, na presença constante de Deus tudo em todos. A divindade presentida, amada e buscada desde a mais tenra idade, em meio às pedras do Auvergne, foi descoberta não como algo que se oferece aqui ou ali, mas como “[...] um 'Deus paupável', que é também gratuita Fantasia; um Deus que é força ardente e que se revela a cada momento na simplicidade das coisas” (TEIXEIRA, 2012, p. 179)⁸².

Num artigo de 1934, escrito em resposta ao pedido do amigo⁸³ Monsenhor Bruno de Solages, Teilhard descreve as etapas da evolução de sua fé. Trata-se de *Comment je crois*⁸⁴, texto que se inicia com uma epígrafe que traduz de forma sintética o credo teilhardiano: “Eu creio que o Universo é uma Evolução. Eu creio que a Evolução ruma para o Espírito. Eu creio que o Espírito se completa no Pessoal. Eu creio que o Pessoal supremo é o Cristo Universal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 115)⁸⁵.

Homem de fé e de ciência, mergulhado no racionalismo de seu tempo, a fé era para Teilhard muito mais que uma questão de escolha ou afetividade. Era, antes e acima de tudo, um ato intelectual.

[...] eu entendo por 'fé' toda adesão de nossa inteligência a uma perspectiva geral do Universo. Pode-se buscar definir esta adesão por certos aspectos de liberdade ('opção') ou de afetividade ('atrativo') que a acompanham. Estes traços me parecem derivados ou secundários. A nota essencial do ato de fé psicológica, é no modo como me é possível perceber, e aceitar como mais provável, uma conclusão que, por amplitude espacial ou por distanciamento temporal, ultrapassa todas as premissas analíticas. *Crer é operar uma síntese*

82 TEIXEIRA, Faustino. Teilhard de Chardin e a diafania de Deus no universo. In: _____(org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 165-191.

83 Numa carta ele assim escreve: “Eu escrevi neste outono, a pedido de um amigo, uma exposição de minha fé e de minhas razões de crer: *Como eu creio*. Eu te enviarei assim que eu tiver uma cópia, bem como outras páginas escritas no último ano sobre meu modo de compreender o Evangelho”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Bernard Grasset, 1968. Carta de 14 de novembro de 1934. Um mês depois ele fala novamente sobre este ensaio: “Eu me permito te enviar, pelo mesmo correio, uma cópia de meu último ensaio: *Como eu creio*. Parece-me que estas páginas estão claras, e que eu cheguei a exprimir um pouco minha situação interior presente. [...]. *Como eu creio* estava destinado primitivamente a uma publicação possível. Mas, crescendo, ele tomou traços que podem fazê-lo parecer não apresentável. Então permanecerá para ele a circulação privada”. Ibid. Carta de 31 de dezembro de 1934.

84 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. O artigo *Comment je crois*, com o mesmo título da obra, encontra-se nas páginas 115-152. No próprio artigo, diz Teilhard: “[...] estas linhas são uma confissão pessoal”.

85 Ibid.

intellectual.(TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 119)⁸⁶.

A perspectiva geral do universo à qual Teilhard adere é a perspectiva evolutiva. Sua fé nasce e se transforma a partir da fé na evolução. A descoberta ou consciência do fenômeno evolutivo foi de fundamental importância para o desenvolvimento das ideias do menino do Auvergne. A vocação científica estimulada pelo pai e concretizada no estudo dos fósseis fez com que Teilhard percebesse a Criação como realidade não pontual, mas contínua. Consequentemente sua imagem de Deus deixa de ser a imagem de um Deus soberano que, tendo criado o mundo, o abandona à própria sorte e passa a ser a imagem de um Deus amoroso que permanece envolvido na obra de suas mãos; um Deus em permanente crescimento, “eterna Descoberta” e “eterno Descobrimento”, como bem assinalou o místico (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)⁸⁷.

O universo evolui porque seu Criador assim o desejou e deseja. Um compositor apaixonado por sua música não quer vê-la fixa; pelo contrário, se encanta com as muitas interpretações que a fazem renascer sempre outra, sem tirar-lhe a musicalidade original. Acreditar na evolução não é negar a criação, mas compreendê-la como obra de um Deus amante e cuidadoso, que a quer sempre nova; é senti-lo como mãe que deseja estar sempre com o filho para afagá-lo em seus braços, alimentá-lo em seu seio e fazê-lo crescer. Crer na evolução é enfim crer no mundo com todas as suas potencialidades.

As conclusões a que chegou o jesuíta a partir de suas investigações acerca do fenômeno evolutivo, vão orientar muitas de suas reflexões, inclusive sobre seu próprio credo. Assim como a vida não aparece do nada, mas sempre nasce de uma outra vida, toda fé, no seu entendimento, nasce de outra fé (TEILHARD DE CHARDIN, 1969)⁸⁸ e, no seu caso particular, a fé em Deus nasce da fé no mundo e vice-versa. Ao descrever as etapas individuais do seu desenvolvimento interior o místico francês coloca a fé no mundo como sendo a raiz que alimenta e nutre todo o resto.

Se como resultado de qualquer desordem interior, eu viesse a perder sucessivamente minha fé no Cristo, minha fé em um Deus pessoal, minha fé no Espírito, parece-me que eu continuaria invencivelmente a *crer no Mundo*. O Mundo (o valor, a infalibilidade e a bondade do Mundo), tal é em última análise a primeira, a última e a única coisa na qual eu acredito. E é a esta fé, eu o sinto que, no momento de morrer, acima de todas as dúvidas, eu me abandonarei. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 120)⁸⁹.

86 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Comment je crois*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

87 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil, 1957.

88 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969.

89 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo homônimo.

À esta fé confusa, diz ele, “[...] em um Mundo Único e Infalível eu me abandono, – onde quer que ela me conduza” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 124)⁹⁰. Pode-se deduzir, de uma leitura precipitada e isolada destes textos, um certo materialismo. Mas Teilhard não teme que sua fé no mundo o leve a se afastar do Cristo e das realidades celestes. Pelo contrário, ele está certo de que fecundadas uma pela outra a sua fé individual no mundo e sua fé cristã no Cristo “[...] não deixaram de se desenvolver e se aprofundar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 149)⁹¹. Como para uma mãe amorosa é difícil, senão impossível, escolher entre um filho e outro, para nosso místico não é fácil optar entre duas certezas enraizadas no mais profundo de sua alma. Estas certezas, e sobretudo a certeza de que a fé em Deus não exclui a fé no mundo, mas pode nascer desta, acompanharão o místico jesuíta até o fim de sua vida. No ano de 1947, quando suas ideias já estavam mais amadurecidas, ele retomará esta reflexão numa carta à Lucile Swan:

Eu acredito que nós temos mais necessidade de Deus (e de um Deus 'amante') que nunca: mas me parece que nossa fé nele não poderia mais nascer senão de um *excesso* de nossa fé no futuro e no valor do mundo (e não *a despeito* desta fé, como diriam prontamente os existencialistas cristãos). (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 321)⁹².

O místico jesuíta discorda daqueles que acreditam e professam a fé em Deus como destacada da fé no mundo. Seu convite é para que, sem deixar o mundo, possamos mergulhar em Deus (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)⁹³. Céu e terra não são, para ele, realidades que se opõem. A uma amiga e confidente ele escreve, apaixonadamente:

O único livro que eu desejaria escrever, que tenho necessidade de escrever, não seria o livro da China, mas 'o livro da Terra'. Eu desejaria, enfim, falar como eu penso [...] com a preocupação exclusiva de traduzir o mais fielmente possível o que eu ouço sussurrar dentro de mim como uma voz ou um canto que não são meus, mas do Mundo em mim. Eu desejaria exprimir o que pensa um homem, que tendo finalmente percebido as barreiras e limites dos pequenos países, dos pequenos círculos, das pequenas seitas, emerge acima de todas estas categorias, e se descobre filho e cidadão da Terra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 56)⁹⁴.

Filho e cidadão da terra, Teilhard se eleva acima de todas as limitações e se permite

90 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo homônimo.

91 Ibid. Do artigo *Comment je crois*.

92 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 24 de setembro de 1947.

93 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil, 1957.

94 Id. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Bernard Grasset, 1968. Carta de 12 de outubro de 1926.

amar e ser amado por todo o universo. Sua experiência não nasce apenas dele, mas da voz do mundo, de todas as vozes do mundo que gritam nele. Daí sua necessidade de falar o que pensa sem se preocupar com o que poderia ou não ser admitido. Em outras palavras, sem se preocupar com a estreiteza da censura que sempre desejou silenciá-lo.

Teilhard acredita no mundo e em Cristo, mas entende, porque sente, que o ato de fé não é algo tão fácil quanto parece. Ele sabe que é preciso seguir adiante e crê no futuro, mas não se posiciona como um privilegiado.

Seguro, cada vez mais seguro, de que me é necessário marchar na existência como se ao termo do Universo me espera o Cristo, eu não experimento contudo nenhuma segurança particular da existência dele. Crer não é ver. Assim como qualquer outra pessoa, eu imagino, eu caminho entre as sombras da fé. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 151)⁹⁵.

Talvez por pertencer ao mundo da ciência com suas exigências racionais de materialidade, ele compreenda e deseja fazer compreender que nem tudo aquilo em que se acredita é passível de ser apreendido pelos sentidos. Sente-se um caminhante entre as sombras da fé, ou seja, alguém que não desanima diante das curvas que impedem de antever o que está pela frente, mas que se deixa guiar pelo curso da estrada na certeza de que algo bom sempre o espera. Por acreditar que o universo é uma evolução, ele prevê um futuro sempre melhor e mais belo, ainda que o presente se mostre sombrio.

Se não cremos, as vagas nos tragam, o vento sopra, o alimento nos falta, as doenças nos abatem ou nos matam, a força divina é impotente ou distante. Se, pelo contrário, nós cremos, as águas se tornam acolhedoras e doces, o pão se multiplica, os olhos se abrem, os mortos ressuscitam, a potência de Deus torna-se como que usurpada de força e se espalha por toda a natureza. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 156)⁹⁶.

Peregrino, ele continua o trajeto sem se deixar tombar frente às adversidades. A certeza de que Deus sempre o espera em toda parte, como o ar que adentra os pulmões sem que o percebamos, lhe motiva e lhe dá forças.

A obscuridade da fé, no meu entender, não é senão um dos casos particulares do problema do Mal. E, para superar o escândalo *mortal*, eu só percebo uma via possível: reconhecer que se Deus nos deixa sofrer, pecar, duvidar, é que ele *não pode*, agora e de uma só vez, nos curar e se mostrar. E, se ele não o pode, é unicamente porque nós somos ainda incapazes, em virtude do estágio onde se encontra o Universo, de mais organização e de mais luz. Ao curso de uma criação que se desenvolve no Tempo, o Mal é inevitável. Aqui ainda

95 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois.

96 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil, 1957.

a solução libertadora nos é dada pela Evolução. Não, Deus não se esconde, estou seguro, para que nós o busquemos, – ele não nos deixa sofrer para aumentar nossos méritos. Do contrário, inclinado sobre a Criação que sobe a ele, ele trabalha com todas as suas forças para beatificá-la e iluminá-la. Como uma mãe, ele espia seu recém-nascido. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 151-152)⁹⁷.

A ideia de evolução é muito importante para a compreensão do pensamento teilhardiano; ela ilumina e esclarece muitas de suas reflexões. O mal e o sofrimento não podem ser milagrosamente abolidos uma vez que fazem parte do processo de crescimento e de aprendizagem da humanidade. A uma criança não se ensinam as leis biológicas e físicas que podem ser ensinadas a um adulto, porque seu universo mental ainda não é capaz de assimilar aprendizados mais complexos. O mundo precisa experimentar a dor, o pecado e a dúvida porque, no seu estágio de desenvolvimento, ele ainda necessita do véu para impedir que a luz lhe ofusque os olhos. Para o místico do Auvergne, Deus é mãe que espia de longe seu recém-nascido, porque uma mulher que deseja ver seu filho andando não pode segurá-lo para sempre nos braços, ainda que soltá-lo signifique aceitar suas quedas, ferimentos e lágrimas.

Teilhard acredita na evolução tal como muitos cientistas de seu tempo, o que não o impede de perceber uma face nova da realidade evolutiva, a saber, que a evolução não tem um termo material, mas que ela caminha para o Espírito. Depois de um longo caminho, o místico percebe enfim que a bem-aventurança suprema, antes buscada e encontrada no Ferro, só poderia ser verdadeiramente localizada no Espírito (TEILHARD DE CHARDIN, 1976)⁹⁸. E ele precisa:

[...] admito em primeiro lugar, que o Universo está submetido a um *Devir*, que o constitui pouco a pouco tal como deve ser, os elementos mais perfeitos do Mundo se formando em meio aos menos perfeitos, a partir dos estados inferiores da existência. Nenhum postulado me parece estabelecido sobre uma mais ampla superfície de experiência e de crítica [...] que o da Evolução. Adoto-o pois resolutamente. Admito, em segundo lugar, que a Evolução universal tem *um sentido absoluto, em direção ao Espírito*. [...]. Desse duplo postulado fundamental (realidade de uma Evolução e primado do Espírito) resulta imediatamente que: *explicar a figura do Mundo equivale a explicar a gênese do Espírito*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 192)⁹⁹.

A evolução é um dado, disto Teilhard está certo, e suas pesquisas profissionais no

97 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois.

98 Id. **Le coeur de la matière**. Paris: Seuil, 1976.

99 Id. **Écrits du temps de la guerre (1916-1919)**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito L'union créatrice.

âmbito da paleontologia podem comprová-lo. Mas há algo mais neste processo:

Assim o Todo Universal, como cada elemento, se define a meus olhos por um movimento particular que o anima. Mas qual pode ser este movimento? Onde nos leva ele? Desta vez, para decidir, eu sinto se agitar e se agrupar em mim sugestões e evidências recolhidas ao longo de minhas pesquisas profissionais. E [...] eu respondo, do fundo de minha inteligência e do fundo de meu coração: 'Para o Espírito'.(TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 151-152)¹⁰⁰.

O universo evolui animado por um movimento que o empurra sempre adiante, que o leva a ser sempre mais (*plus-être*). Enfim, a evolução não é pura e simplesmente o resultado de organizações físicas, químicas e biológicas. Uma evolução à base da matéria, isto é, considerada apenas em seu caráter material, desconsiderando-se seu termo ou destino espiritual

[...] não salva o Homem: pois todos os determinismos acumulados não poderiam lhe dar uma sombra de liberdade. Do contrário uma Evolução à base do Espírito conserva todas as leis constatadas pela Física. [...]. Ela salva ao mesmo tempo o Homem e a Matéria (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 128)¹⁰¹.

Aqui falam juntos o cientista e o sacerdote, o homem religioso e o homem da ciência. E sua racionalidade e objetividade o fazem explicar com rigor o conceito.

Em virtude mesmo da condição que o define (a saber, de aparecer no termo da Evolução universal), o Espírito do qual se trata aqui tem uma natureza particular bem determinada. Ele não representa uma entidade independente ou antagonista em relação à Matéria, – uma potência prisioneira ou flutuante no mundo dos corpos. Por Espírito eu entendo 'o Espírito de síntese e de sublimação' no qual, laboriosamente, entre ensaios e tentativas sem fim, se concentra a potência de unidade difusa no Múltiplo universal: o Espírito nascendo no seio e em função da Matéria. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 128)¹⁰².

Nada de antagonismos ou dualismos desnecessários, mas a unidade pensada enquanto nascida do múltiplo, assim como o espírito nascendo em meio à matéria.

Quando você ler *my pious book*, você verá que há nele um parágrafo consagrado à Santa Matéria, uma matéria que nada tem de diminuída nem de franciscana. Veja você, se você continuar sendo fiel a si mesma, eu suponho que você acabará percebendo que o Espírito não é a coisa desencarnada, o espectro inconsistente que nos apresentam por vezes. O verdadeiro Espírito deve se formar de todas as seivas e de todas as consistências dos corpos. [...].

100 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois.

101 Ibid. Do artigo Comment je crois.

102 Ibid. Do artigo Comment je crois.

A vida espiritual de todos os grandes santos foi uma vida mais rica e mais intensa: não uma vida reduzida. E é meu sofrimento fundamental não poder gritar como eu desejaria, pela palavra e pelo exemplo, minha certeza de que o Reino de Deus não poderia se estabelecer senão por uma imersão muito mais completa das forças cristãs nas mais potentes correntes da Terra. [...]. Eu te repito: o Espírito é a mais violenta, a mais incendiária das Matérias (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 71)¹⁰³.

Para o místico do Auvergne, homem da síntese e da harmonia, o espírito não pode ser compreendido como uma realidade exterior e independente da matéria. Ao mesmo tempo, este espírito, entendido como destino da evolução, deve ser apreendido em seu caráter de imortalidade¹⁰⁴. A perspectiva do acabamento, da conclusão, da finitude, ou em termos teilhardianos, da “morte total” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969)¹⁰⁵, constitui um obstáculo ao esforço para o progresso. A criação pensada como algo estático e localizado num tempo primevo desmotiva. Do contrário, ela incentiva o trabalho se imaginada como ato contínuo que se dá no tempo e na história.

Teilhard chega a reconhecer o que há de positivo naquilo que ele chama religião da evolução, ou seja, uma religião capaz de valorizar o progresso. Mas, diz ele: os adoradores do progresso não conseguem ultrapassar o segundo estágio de sua fé individual, a saber, a fé no Espírito “[...] dotado de imortalidade e de personalidade” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969,

103 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Bernard Grasset, 1968. Carta de 22 de janeiro de 1927. No artigo Ciência e Cristo ou Análise e Síntese ele afirma: “A explicação e a consistência do Mundo devem ser procuradas numa Alma superior de atração e solidificação progressivas, sem a qual a radical pluralidade do Universo jamais teria saído de sua poeira. Àquele que sabe ver, a análise da Matéria revela a prioridade e o primado do Espírito”. In: Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 39. Do artigo Ciência e Cristo ou Análise e Síntese.

104 O termo imortalidade deve ser compreendido neste contexto como algo que se opõe à perspectiva de uma morte total e esta, por sua vez, enquanto acabamento ou conclusão.

105 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois. Num artigo de 1945, ele afirma: “Não, sob pena de nos decepcionar radicalmente, o Universo consciente *não pode* morrer de maneira alguma. Morte total e atividade reflexa são cosmicamente incompatíveis”. In: Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 166-167. Do artigo Ação e ativação. Em outro artigo publicado na Revue des Questions Scientifiques, no ano de 1947, ele diz: “Aplicada ao indivíduo, a ideia da *morte total* pode não escandalizar imediatamente. Estendida à Humanidade global, faz rebelar nosso espírito e nos produz náuseas. É que quanto mais consciência tem a Humanidade de sua duração, de seu número, de suas possibilidades – e também do peso enorme que tem de sustentar para sobreviver –, mais compreende que se todo este trabalho há de converter-se em um zero, somos uns enganados; e só nos resta o rebelarmo-nos. Em uma Humanidade planetizada a *exigência de irreversibilidade* surge como uma condição explícita da Ação”. In: Id. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959, p. 227. Do artigo La formation de la noosphère. Une interprétation biologique plausible de l'histoire humaine. Na tradução espanhola, p. 221. Ou ainda: “Num Universo de natureza evolutiva, a existência do Espírito exclui, por estrutura, a possibilidade de uma Morte onde desapareceriam totalmente [...] as conquistas do Espírito'. Tal é a garantia infinitamente reconfortante cuja segurança nos é dada por algumas palavras onde se desenvolve de fato uma intuição imediata e fundamental: O Mundo deixaria legitimamente e infalivelmente de agir – por desencorajamento – se ele tomasse consciência (nas suas zonas pensantes) de ir para uma Morte total. Então a *Morte total não existe*”. In: Id. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962, p. 49. Do artigo L'Esprit de la Terre.

p. 144)¹⁰⁶. Para este jesuíta, os atributos da imortalidade e da personalidade são fundamentais para a fé. A imortalidade, no sentido de que o homem só se entrega verdadeiramente a uma atividade, na esperança de que o resultado de seu esforço seja algo que não se acabe. A personalidade, no contexto da humanidade como eixo da evolução. O homem constrói e dá continuidade à criação. Como bem explicitou Urbano Zilles (2004, p. 114), “[...] a ideia de uma criação em desenvolvimento evolutivo à unidade – como é a de Teilhard – dá novo sentido à incumbência do *Gn 1, 28* de 'dominar a terra', como prolongação do ato criador de Deus”¹⁰⁷. É o homem que dá continuidade, no tempo e no espaço, à criação de Deus.

A fé no homem e, conseqüentemente, na humanidade, constitui o terceiro ponto do credo teilhardiano. Ao redigir *Le coeur de la matière*, ele precisa:

Em 1935, no Credo resumido colocado na epígrafe de 'Comment je crois' (ainda que o próprio Ensaio se apoie explicitamente, na sua argumentação, sobre o Fenômeno Humano) a palavra *Homem* não aparece. Hoje, eu diria: 'Eu creio que a Evolução ruma para o Espírito. Eu creio que o Espírito, no Homem, se completa no Pessoal'. Um simples traço a mais, – mas que é o suficiente para nos fazer sair sem equívoco do metafísico, para nos instalarmos no histórico, no biológico, – no planetário. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 38)¹⁰⁸.

E, notemos, esta fé apaixonada no homem, como se poderia pensar aprioristicamente e tendo em vista os humanismos modernos, não exclui a fé em Deus. O homem não substitui Deus, mas se une a Ele e se torna um prolongamento de sua vontade.

Em si mesmo e (isto o cremos sinceramente) sob sua forma legítima e durável, a fé no Homem não exclui, mas pelo contrário, inclui a adoração de Outro – de Outro que está acima do Homem –. Fazer-se maior e mais forte para dar-se e estender-se mais (como foi o caso de Jacó lutando com o anjo, no dizer da Bíblia, e como acontece mais sensivelmente todos os dias em cada união apaixonada); é aqui uma maneira verdadeira e nobre de interpretar e de canalizar o impulso que nos eleva. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 238)¹⁰⁹.

A evolução é o postulado central da cosmologia de Teilhard de Chardin. Suas reflexões sobre Deus partem e se fundamentam no âmbito da perspectiva evolucionista. Disto resultam os nomes dados por ele ao Criador: Deus Evolutor, Deus da Evolução; Deus da Cosmogênese. Deste postulado central extrai-se um segundo postulado, não menos

106 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois.

107 ZILLES, Urbano. Teilhard de Chardin: uma espiritualidade de engajamento. In: _____. **Crer e compreender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 114-125.

108 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions de Seuil, 1976. Ver nota 2.

109 Id. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo La foi en l'homme..

importante, de “[...] que a Evolução tem um sentido e que, conseqüentemente, o Mundo tomado no seu conjunto não é absurdo” (BAUDRY, 2010)¹¹⁰. O místico jesuíta acredita na racionalidade e no valor do ser para a construção do mundo, e por isso rejeita a hipótese de que o mundo é absurdo, fruto simplesmente de determinismos e acasos. No ser humano a evolução toma consciência de si mesma. O homem, diz Teilhard, não é “[...] somente 'um ser que sabe', mas 'um ser que sabe que sabe'. Da consciência à segunda potência, como se diz com uma justiça profunda” (TEILHARD DE CHARDIN, 1956, p. 128)¹¹¹. Diferente dos outros animais, o homem é um ser consciente, pensante, reflexivo e, por isso mesmo, capaz de (co)dirigir a evolução. Transmissor de vida orgânica, o ser humano é mais, ele é transmissor e transformador da vida em suas multifacetadas formas. Em seu diário íntimo, o místico do Auvergne precisa:

[...] pelo fato de ter a inteligência aparecido no homem, *um novo eixo de atividade* se oferece a ele. Porque capaz de especulação, porque devotado ao labor pelo progresso individual e social, o homem deixa de ser *unicamente o transmissor* da vida orgânica e de suas transformações. (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 33)¹¹²

Consciente de que sabe, o homem é capaz de dar continuidade à obra da criação, de transformar o universo em que habita. Em outras palavras, a evolução, no homem, passa a ser capaz de dirigir-se a si mesma. Isto, porém, não implica negar a ação divina. Teilhard está certo de que “[...] o sucesso de nossas vidas está nas mãos de um Maior que nós” (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 166)¹¹³. O homem, tornado mola da evolução, prolonga no tempo a atividade daquele que criou todas as coisas. Como um mestre, as mãos do Criador começam a soltar as mãos da criatura quando esta ensaia os primeiros rabiscos, ao mesmo tempo em que permanece sempre lá para o acabamento final.

Para o místico jesuíta, a fé no homem está ligada à fé na imortalidade da obra que se constrói. Sua fé é, acima de tudo, uma fé que motiva a ação. Refletindo sobre a noção cristã

110 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

111 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'apparition de l'homme**. Paris: Éditions de Seuil, 1956. Do artigo Les singularités de l'espèce humaine. Em outros textos o místico retoma esta intuição: “A característica essencial do Homem, a raiz de todas as suas perfeições, é ser consciente *em grau segundo*. O Homem não só sabe, mas 'sabe que sabe’”. In: Id. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959, p. 168 (Do artigo Un grand événement qui se dessine: la planétisation humaine). Na tradução espanhola, p. 165. Ou ainda: “Psicologicamente – todo mundo está de acordo sobre este ponto –, o que faz o homem é o poder de recolher-se sobre si mesmo aparecido em sua consciência. Como se tem dito, o animal sabe; mas entre todos os animais só o homem sabe que sabe” In: Ibid., p. 205. (Do artigo La formation de la noosphère. Une interprétation biologique plausible de l'histoire humaine). Na tradução espanhola, p. 197.

112 Id. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975. 11 de fevereiro de 1915.

113 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 29 de maio de 1937.

de criação, em meio às descobertas instigantes da ciência, ele compreende que o homem, enquanto prolongamento da ação de Deus, deve abandonar o estado de inércia para se colocar à serviço.

Para que a Evolução [...] se prolongue no meio hominizado, é preciso [...] que o Homem *creia*, tão energeticamente quanto possível, em algum valor absoluto do movimento que ele se encarrega de propagar. E, neste sentido, eis um ponto inopinadamente deixado, para nossa experiência, entre dois domínios aparentemente tão estranhos um ao outro como a Físico-química e a Religião. A Fé, não mais somente via de evasão do Mundo, – mas fermento e co-princípio do acabamento mesmo do Mundo! Grande surpresa para nosso espírito, sem dúvida. Mas, mais ainda, possibilidade inesperada, oferecida a nossa necessidade de prever, de fixar, *com o nome de energética*, duas condições gerais à evolução futura do 'religioso', no decorrer das miríades, ou mesmo dos milhões de anos que deve durar ainda sobre a Terra o processo de hominização. *Primeira condição*. Para que o Homem chegue ao termo natural de seu desenvolvimento, *é preciso* [...] que, na Humanidade em vias de totalização, a tensão ou temperatura religiosa se eleve cada vez mais. *Segunda condição*. Entre todas as formas de Fé eventualmente tentadas, no passar do tempo, pelas forças crescentes de Religião [...] está destinada a sobreviver só a que se mostrará capaz de excitar (ou de 'ativar') ao máximo as potências de autoevolução. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 266-267)¹¹⁴

Teilhard sempre vai insistir sobre a necessidade de uma religião que possa despertar no homem o desejo do esforço para o progresso. A Igreja não pode, diz ele, tornar o Mundo amável aos nossos olhos e, ao mesmo tempo, desprezível ao nosso esforço. A fé não é evasão do mundo, como poderia se pensar; ela é esforço no mundo, para o mundo e pelo mundo. Se é necessário entregar-se à Providência, da mesma forma é necessário crer sem hesitações e agir sem restrições para tornar o mundo um lugar melhor de se viver. É necessário que o homem perca o pé na luta diária frente ao futuro que o aguarda para então penetrar em Deus.

Mas, mais uma vez, digamos: 'Na verdade, na verdade, apenas os audaciosos alcançam o Reino de Deus escondido, a partir de agora, no seio do Mundo'. [...]. É necessário, perante a incerteza prática do amanhã, termo-nos entregue, numa verdadeira insegurança interior, à Providência (considerada tão real, fisicamente, quanto os objetos da nossa inquietação); é necessário, no sofrimento pelo mal contraído, no remorso pelo pecado cometido, na irritação pela oportunidade perdida, termo-nos forçado a crer *sem hesitar* que Deus é suficientemente forte para converter *esse* mal em bem: é necessário, apesar de certas aparências contrárias, termos agido, *sem restrições*, como se a castidade, a humildade, a doçura fossem as únicas direções por onde pudesse progredir o nosso ser; é necessário, na penumbra da Morte, termos obrigado a não voltar os olhos para o Passado, mas a procurar, em plena

114 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Contingence de l'Univers et gout humain de survivre: ou comment repenser, en conformité avec les lois de l'énergétique, la notion chrétienne de création?.

escuridão, a aurora de Deus; é necessário termo-nos exercitado longa e pacientemente neste esforço, se quisermos fazer uma ideia da virtude operatória e da obra da Fé. Ao corajoso vencedor da *luta contra as falsas solidezes, os falsos poderes, e as falsas atrações do Passado*, está reservado atingir essa forte e beatificadora *experiência* de que 'quanto mais perdemos pé no futuro movediço e obscuro, mais penetramos em Deus'. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 328-329)¹¹⁵

Uma religião cuja sobrevivência é desejada em tempos de racionalismo científico não deve se fixar na fragilidade e finitude do ser criado, mas deve antes ativar as energias deste ser na sua busca de ser-mais (*plus-être*). Barro frágil nas mãos do oleiro torna-se vaso resistente, assim como o homem nas mãos daquele que o criou e criou todas as coisas. Em outras palavras, diz Teilhard (1969, p. 271), “[...] não é o sentido da Contingência do criado, mas é o sentido da Completude mútua do Mundo e de Deus que faz viver o Cristianismo”¹¹⁶. Mundo, homem e Deus se completam. O mundo criado por Deus foi oferecido ao homem para ser continuamente recriado.

Uma tal confiança no homem levou o místico jesuíta à conclusão de que a fé não pode ser baseada no prodigioso ou no mágico. Ter fé, diz ele, é crer “[...] não em virtude, mas a despeito dos milagres” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 141)¹¹⁷. A superação das forças da natureza foi, por um bom tempo, garantia de que uma religião vinha ou não de Deus. A opção religiosa baseava-se, neste caso, sobretudo no domínio dessas forças, no milagre. Com os conhecimentos do processo evolutivo e, principalmente, com a tomada de consciência pelo homem de todas as suas possibilidades, esse critério passou a ser muito frágil, quase perigoso. O ser humano, porque dotado de inteligência e consciência, é capaz de dominar a terra, tendo sido criado, em termos bíblicos, justamente para este fim.

[...] justamente porque este deslocamento contínuo para o mais alto dos limites de nossas possibilidades me parece constituir um prolongamento sem ruptura a uma propriedade natural da Evolução, eu deixo de aqui ver uma característica distinta, equivalente a um rasgo por Deus do véu transparente dos fenômenos. O milagre, bem compreendido, permanece a meus olhos como um critério de verdade, mas subordinado e secundário. Definitivamente, [...] a única razão capaz de me fazer aderir a uma religião não pode ser senão a harmonia de ordem superior existente entre esta religião e o credo individual ao qual me conduziu a evolução natural de minha fé. Fé na unidade do Mundo, fé na existência e na imortalidade do Espírito nascendo da síntese do Mundo, – estas três Fé se resumindo na adoração de

115 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre (1916-1919)*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do artigo La Foi qui opère.

116 Id. *Comment je crois*. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Contingence de l'Univers et gout humain de survivre: ou comment repenser, en conformité avec les lois de l'énergétique, la notion chrétienne de création?.

117 Ibid. Do artigo Comment je crois.

um centro (pessoal e personalizante) de convergência universal: tais são, eu o repito, os termos deste credo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 140)¹¹⁸.

Há sem dúvida uma fé de milagres e esta nunca foi negada pelo místico do Auvergne. Ele só quis fazer compreender que esta fé não pode nos enganar a respeito de nossas possibilidades e deveres em relação ao cosmos em permanente acabamento. É preciso fugir da tentação perigosa e sedutora de deixar a Deus, e só a Ele, o encargo de tudo fazer. É necessário ter bem claro, na mente e no coração, que a fé cristã não destroi ou deseja destruir “[...] nem o método racional de conquistar o Mundo, nem a confiança do Homem em si próprio (suscita-os pelo contrário, e anima-os). Mas de acordo com a *lei de integração do natural no sobrenatural*, adiciona-se a tudo isso” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 316)¹¹⁹. Acreditar é entregar-se nas situações mais difíceis sem, contudo, abandonar a luta. O pescador, mesmo desanimado frente ao mar que não lhe oferece nenhum peixe, deve, antes de retornar, jogar mais uma vez suas redes.

A fé no homem, por fim, estava ligada, na concepção teilhardiana, à fé na personalidade. Como vimos, a mãe de Teilhard foi devota fervorosa do Sagrado Coração, deixando no filho as marcas desta devoção¹²⁰, uma devoção centrada no Deus que se faz carne, que se faz homem como os homens, em outras palavras, que se faz pessoa. O Deus de Teilhard não era, nem poderia ser, um Deus impessoal¹²¹, sem forma, sem rosto e sem coração. Assim ele o diz:

118 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Ver nota 1. Do artigo *Comment je crois*.

119 Ibid. Do artigo *La foi qui opère*.

120 Em seu diário íntimo, Teilhard escreveu esta breve oração que nos revela sua devoção ao Sagrado Coração: “Em meio aos ataques, pelo menos locais, eu sinto que deveria me expor... E isto me dá calafrios! Eu tenho vergonha de mim, por me sentir assim tímido, quando milhares de combatentes se lançam ao ataque e morrem cada dia há três semanas. Eu me sinto humilhado... e um pouco inquieto a respeito da eficácia de meus princípios mais caros, sobre a solidez de minha vida sobrenatural... Jesus, eu estou contente por me sentir pequeno e fraco. Mas dai-me a confiança invencível em teu *socorro imediato*, e a fé absoluta na Verdade de tuas palavras e das graças de renúncias que, mais densas que antes, devem tombar sobre as almas de teus servos, de teus padres sobretudo. É muito humilhante, Jesus, ter medo de sofrer, de morrer... **Coração de Jesus, eu tenho confiança em Vós!**” Id. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975, p. 33. (11 de março de 1915, grifo nosso).

121 É basicamente a diferença entre o pensamento teilhardiano e o pensamento monista. O termo monismo, contrapondo-se ao dualismo, é utilizado para “[...] designar doutrinas segundo as quais há um só tipo de realidade ou substância”, ou mais exatamente, doutrinas que defendem a ideia de uma “substância *una*”. MORA, José Ferrera. **Diccionario de Filosofia**: tomo III. Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 2262. Teilhard, como já dissemos, opõe-se ao dualismo teológico afirmando que o natural e sobrenatural são apenas faces distintas de uma mesma e única realidade. No entanto, os monistas tendem a se referir a esta realidade única como uma realidade impessoal, ao passo que, para Teilhard, essa realidade é pessoal. “Pergunte a um 'monista' como ele vê o Espírito final do Universo. Nove vezes entre dez, ele te responderá: 'Como uma vasta potência impessoal, na qual irão se afogar nossas personalidades'. Ora, a convicção que eu quero tentar defender aqui, é precisamente, ao contrário, que, se há irresistivelmente Vida diante de nós, esta Vida deve culminar em um Pessoal onde nós nos encontramos 'super-personalizados’”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969, p. 134. Do artigo *Comment je crois*.

No que me diz respeito eu não posso conceber uma Evolução para o Espírito que não conduza a uma suprema Personalidade. O Cosmos, à força de convergir, não pode se afogar em *Alguma Coisa*: ele deve, como já parcial e essencialmente no caso do homem, se acabar em *Alguém* (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 135)¹²².

Mas nem sempre foi assim. Quando escrevendo *Le coeur de la matière*, Teilhard descreve sua busca de Deus, ele revela que sempre buscou um Deus tangível, concreto, um Deus que pudesse ser tocado, sentido e amado, mas ao mesmo tempo um Deus durável, pleno, consistente, inatacável. Por influência da mãe ele muito amou o Jesus menino, mas antes de tudo ele contemplou e amou o Deus de ferro.

E com efeito, por que o *Ferro?* e por que, mais especialmente, *tal* pedaço de ferro (era preciso que fosse o mais denso e espesso possível), senão porque, para minha experiência infantil, nada no mundo poderia ser mais duro, mais pesado, mais resistente, mais durável que esta maravilhosa substância capturada sob uma forma tão *plena* quanto possível... A *Consistência*: tal era inegavelmente para mim o atributo fundamental do Ser. [...]. Mas até então (e até o fim, eu o sinto) este primado do Inalterável, quer dizer, do Irreversível, não deixou, nem deixará de marcar irremediavelmente minhas preferências pelo Necessário, pelo Geral, pelo 'Natural', – em oposição ao Contingente, ao Particular e ao Artificial; – esta disposição tendo por muito tempo obscurecido aos meus olhos, assim como se verá, os valores supremos do Pessoal e do Humano.(TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 26)¹²³.

O Absoluto foi inicialmente apreendido pelo menino do Auvergne sob a forma do tangível, do durável, do resistente, do inalterável, enfim, do consistente. Quando percebe que o ferro não era tão imperecível quanto um dia imaginara, ele se desespera¹²⁴ e passa a buscar o Ser Absoluto alhures, sobretudo nos minerais¹²⁵. E se o metal o mantinha apegado a objetos fragmentários, o mineral o encaminharia em direção ao planetário. A consistência antes buscada no duro e no denso passa a ser buscada no “Elementar espalhado por toda parte” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 28)¹²⁶, ou seja no Universal. O Senso da Consistência ia, aos poucos, sendo substituído ou expandido pelo Senso do Todo.

122 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois. Em 1936, ao escrever um artigo onde refletia sobre a crise então enfrentada pela humanidade, ele afirma: “Fala-se muitas vezes da Pessoa como se esta representasse uma forma reduzida (quantitativamente) e atenuada (qualitativamente) da Realidade total. É justamente o inverso que se deveria compreender. O Pessoal é o estado mais elevado sob o qual nos é permitido apreender o Estofado do Universo”. In: Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 128. Do artigo Salvemos a humanidade: reflexões sobre a crise atual.

123 Id. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions de Seuil, 1976. Do artigo Le Coeur de la Matière.

124 “Patéticos desesperos de criança (eu nunca os esqueci) constatando um belo dia que o Ferro se estraga, e – e que ele se perde pela ferrugem” In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976, p. 27. Do artigo Le Coeur de la Matière.

125 “O primado da Matéria-Matéria se exprimindo no Mineral e na Rocha”. In: Ibid., p. 29.

126 Ibid.

A fragilidade seguia, no entanto, desconcertando o menino apaixonado pelas pedras e por isso o mundo vivo o inquietava tanto. Mas, ao mesmo tempo, este mundo vivo, por seus mistérios o encantava e seduzia¹²⁷. Foi em Hastings, diz Teilhard, nos seus anos de teologia, “[...] que pouco a pouco, – muito menos como uma noção abstrata que como uma *presença* –, cresceu em mim, até invadir meu céu interior todo inteiro, a consciência de uma Deriva profunda, ontológica, total, do Universo em torno de mim” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 33)¹²⁸. Era a descoberta teilhardiana da evolução¹²⁹, tão importante para fazer conciliar seu amor pela vida e sua aversão pela finitude.

Inicialmente, o próprio Teilhard confessa que essa descoberta não pareceu tão

127 “Por sua fragilidade aparente (eu retornarei a este ponto falando do Homem), o Mundo vivo fortemente inquietou e desconcertou minha infância. De uma parte, em direção às Plantas e Animais, ao conhecimento dos quais me iniciavam a vida na montanha e os gostos naturalistas de meu pai, eu me sentia atraído, indiscutivelmente, [...] pelo 'Senso da Plenitude'. Por outro lado, para justificar a meus olhos o interesse que despertavam em mim objetos tão escandalosamente inconsistentes e destrutíveis como uma flor ou um inseto, eu me acreditava (ou descobria em mim?) certas equivalências misteriosas, cujas ligações psicológicas não eram talvez imediatamente aparentes, mas que despertavam em mim uma mesma impressão de satisfação intensa: no lugar do Sólido e do Inalterável, o Novo ou o Raro”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions de Seuil, 1976. p. 30.

128 Ibid.

129 Na época Teilhard teria lido a *Évolution Créatrice* de Bergson cujas “páginas ardentes” simplesmente aticaram nele um fogo que desde muito devorava seu coração e seu espírito: “Fogo iluminado, imagino, pela simples justaposição em mim, sob alta tensão 'monista', dos três elementos incendiários que lentamente se acumularam, em trinta anos no mais íntimo de minha alma: culto da Matéria, culto da Vida, culto da Energia. Todos os três encontrando uma saída e uma síntese possíveis num Mundo que, da condição fragmentária de Cosmos estático, subitamente (por aquisição de uma dimensão a mais) acedia aos estado e à dignidade orgânicos de uma Cosmogênese”. In: Ibid., p. 33. Baudry, no entanto, tem uma explicação diferente. Segundo este autor, já em Jersey, a visão de mundo de Teilhard começa a se organizar. Mas o fato não é tão facilmente comprovável, visto que documentos da época são raros e na correspondência com a família ele evita tocar em assuntos que pudessem gerar controvérsia, ainda mais que ele vive, neste período, a crise modernista. A questão colocada por Baudry é: o que pensava Teilhard do evolucionismo? Comumente se afirma que ele só descobriu a evolução anos mais tarde, quando estudava teologia na Inglaterra. Para fundamentar tal hipótese recorre-se ao que ele declarou em *Le Coeur de la Matière*, escrito autobiográfico de 1950, onde ele diz ter descoberto a evolução a partir da leitura da obra de Bergson, intitulada *L'Évolution créatrice*. Baudry, no entanto, faz uma exegese desta declaração. Para ele, a autobiografia de Teilhard é uma tentativa de sistematização das várias etapas de seu percurso intelectual. Teilhard neste texto, diz Baudry, “[...] disse essencialmente que Bergson o ajudou a sair do 'velho dualismo estático, que [o] paralisava' [...]”. O que Teilhard quer pois dizer é que graças a Bergson ele “[...] encontrou o modo de superar o dualismo, integrando a evolução em uma filosofia espiritualista”. Este dualismo era, para o jovem Pierre, insustentável. A opinião que Baudry divide com Madeleine Madaule é que, tendo em vista os conhecimentos científicos de Teilhard, é improvável que ele não tenha ouvido falar da teoria evolucionista. Neste caso Bergson não teria feito nascer nele ideias novas, mas que teria reforçado nele a adesão a esta ideia. Em 1862, quarenta anos antes, a tradução francesa de “A origem das espécies” de Darwin tinha sido publicada pela primeira vez. As ideias de Darwin eram presentes em todos os manuais de história natural, o que torna quase insustentável a hipótese de que Teilhard pudesse ignorá-la. E alguns católicos e teólogos já tinham “[...] ousado escrever que se podia interpretar a evolução em sentido ortodoxo”. A estrada já se abria e “[...] o jovem jesuíta poderia percorrê-la com coragem”. Em nível oficial é possível que, em Jersey, discussões sobre o evolucionismo eram raras ou mesmo omitidas. Mas a hipótese evolucionista, com certeza, era objeto de discussão entre estudantes como Valensin. O ambiente oficial pode fazer compreender o motivo pelo qual Teilhard tenha integrado assim tão tarde a ideia da evolução à sua visão de mundo. Teilhard não desconhecia “[...] o fato da evolução – insisto –, mas não encontrava uma saída espiritualista antes da iluminação provocada pela leitura de Bergson”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 32-33.

importante. Mas foi nessa época que sua busca do Absoluto tomou nova orientação. Ao invés do “ultra-material”, o “ultra-vivente” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 34)¹³⁰, o “ultra-humano” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 48)¹³¹. O pedaço de ferro foi aos poucos sendo esquecido e, revela-nos o jesuíta do Auvergne, “[...] em seu lugar, sob a forma de *Ponto Ômega*, é a consistência do Universo que hoje eu apanho [...] em um único centro indestrutível, que eu possa amar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 49)¹³².

Teilhard desejou uma religião capaz de abranger todos os artigos de sua fé pessoal, e sua busca parece tê-lo conduzido, pelo menos inicialmente, a caminhos sem saídas, a estradas que não o levavam a lugar nenhum.

Minha religião pessoal tem exigências tão excepcionais e tão novas que nenhuma forma antiga poderia satisfazê-la? Eu poderia temer. Foi então que me apareceu o Cristo Universal. O Cristo Universal, tal como eu o compreendo, é uma síntese do Cristo e do Universo. De modo nenhum uma divindade nova, – mas explicação inevitável do Mistério no qual se resume o Cristianismo: a Encarnação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 146)¹³³.

O Cristo Universal, entendido como um Cristo que, sem deixar de ser pessoa, de ser homem entre os homens, é ainda e sobretudo, o “[...] centro orgânico do universo inteiro” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 24)¹³⁴. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, esta descoberta do Cristo não foi tardia na caminhada teilhardiana em busca do Absoluto. Para Baudry, o místico jesuíta poderia ter se inspirado em Blondel e Rousselot ou pelo menos “[...] se sentiu confortado por eles ao elaborar sua visão cósmica e tudo isso antes da Guerra” (BAUDRY, 2010, p. 46)¹³⁵. Como é muito comum no pensamento deste místico, trata-se de uma ideia que esteve sempre presente e foi sendo amadurecida ao longo do tempo. Como bem nos explica Leonardo Boff (2008, p. 32-33),

[...] antes que tivesse sido exposta sistematicamente, sua visão foi vivência íntima e profunda. Se lermos com atenção seus primeiros escritos a partir de 1916, *La vie cosmique* e *Le Christ dans la Matière*, então veremos, surpreendentemente, que o primeiro surgido na ordem da concatenação sistemática não é a evolução, a cosmogênese, a biogênese, a noogênese e por fim a cristogênese, senão exatamente o inverso: primeiro Cristo em seu

130 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions de Seuil, 1976. Do artigo *Le Coeur de la Matière*.

131 Ibid.

132 Ibid. Wildiers, editor de *El porvenir del hombre*, explica que Teilhard, ao falar numa super-humanidade, não a entende no sentido nietzscheano, mas como “[...] uma humanidade no apogeu de sua 'coerência espiritual'”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959, p. 118, nota 1.

133 Id. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969, p. 146. Do artigo *Comment je crois*.

134 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 24. Do artigo *Meu Universo*.

135 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

mistério e em sua transcendência religiosa, e só depois e *por causa dele* o homem, a vida e o cosmos. Não foram o cosmos e o ser humano que, evoluindo, produziram Cristo; Cristo produziu o cosmos e o ser humano mediante as leis da evolução, e os atraiu a si. Se quiséssemos exprimir essa concepção numa linguagem escolástica, diríamos que, para Teilhard, Cristo era e é o *primeiro na intenção*, mas, na exposição científica que elaborou, apareceu, devido às exigências do método, como o *último* na execução. Se apareceu no fim da exposição sistemática, não quer dizer que apareceu no fim na ordem da realidade. Ele já estava lá no fim e para esse fim atraiu tudo a si. Ele não é um produto da evolução, embora na exposição pareça sê-lo. A evolução é produto dele, enquanto ele (Cristo) é o Motor e Ponto Ômega dela. Teilhard, ao longo de toda a sua vida, jamais afirmou a imanência de Cristo sem afirmar ao mesmo tempo seu correlato, sua transcendência religiosa.¹³⁶

Se desde muito cedo Teilhard já nutre em seu interior a ideia do Cristo cósmico, foram seus contatos no ambiente científico, onde a maior parte era constituída de agnósticos, que “[...] o convenceram da necessidade de reconsiderar as representações tradicionais de Deus e de Cristo, e o encorajaram na missão de elaborar uma apologética adaptada ao mundo moderno” (BAUDRY, 2010, p. 46)¹³⁷. Ou seja, não apenas suas reflexões de ordem teológica ou filosófica levaram-no à busca de Cristo, mas “[...] toda a sua atividade científica não tinha outra finalidade senão descobrir os revérberos do Coração de Cristo no coração da matéria” (BOFF, 2008, p. 29)¹³⁸. O Cristo amado ainda menino vai tomando, aos poucos, dimensões cósmicas. Abre-se então, um novo ciclo, um “[...] ciclo maravilhosamente adaptado à idade presente: o ciclo do Cristo adorado através do Universo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 29)¹³⁹. Não um Cristo que se acha aqui ou ali, mas aquele que, enquanto ômega, “[...] se apresenta como atingível e como inevitável em todas as coisas” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 58)¹⁴⁰.

Importante ressaltar que não se trata de um novo Cristo, uma divindade nova, mas do Cristo revelado pelas Escrituras, acreditado e anunciado pela Igreja. É o que ele bem explica:

E agora, o próprio Cristo, quem é ele? Abri as Escrituras em suas passagens mais graves e mais autênticas. Interrogaí a Igreja sobre suas crenças mais essenciais. Aprenderéis o seguinte: Cristo não é um acessório acrescentado ao Mundo, um ornamento, um rei como os que constituímos, um

136 BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Petrópolis: Vozes, 2008. Assim diz Teilhard: “Deus não quis isoladamente (e não teria podido fabricar como peças separadas) o sol, a terra, as plantas, o Homem. Ele quis seu Cristo – e, para ter seu Cristo, teve de criar o mundo espiritual, os Homens em particular, sobre os quais germinaria Cristo”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 80. Do artigo Meu Universo.

137 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

138 BOFF, Leonardo. Opus cit.

139 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo Nota sobre o Cristo Universal.

140 Ibid. Do artigo Meu Universo.

proprietário... Ele é o alfa e Ômega, o princípio e o fim, a pedra do alicerce e a chave de abóbada, a Plenitude e o Plenificante. É aquele que consoma e aquele que dá a tudo sua consistência. Para Ele e por Ele, Vida e Luz interiores do Mundo, realiza-se, no gemido e no esforço, a universal convergência de todo espírito criado. É ele o Centro único, precioso e consistente, que resplandece no vértice futuro do Mundo, no oposto das regiões obscuras, eternamente descrentes, aonde se aventura nossa Ciência quando desce o caminho da Matéria e do Passado. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 42)¹⁴¹

Um Cristo que não se acrescenta ao mundo de forma extrínsecista, mas um Cristo que emerge do mundo, que dele é parte sem com ele se confundir. Uma tal concepção de ordem mais orgânica e fisicista da cristologia, esclarece o teólogo Leonardo Boff falando de Teilhard de Chardin, “[...] faz com que Cristo seja o mestre do mundo não só porque ele assim se declarou, mas também porque anima, abraça, dirige, conduz, centraliza, unifica, purifica, recupera, arremata e consoma todo o Universo” (BOFF, 2008, p. 36)¹⁴².

O Cristo universal é a solução encontrada por Teilhard para o instigante problema da imanência e transcendência de Deus. Cristo *é*, e ao mesmo tempo, *vem a ser*.

O Cristo cósmico é e devém. Ele já apareceu no Mundo. Mas, no Mundo, ele permanece ainda crescendo, seja nos indivíduos tomados isoladamente – seja sobretudo, talvez, *numa certa unidade espiritual humana*, da qual a sociedade atual não seria mais que uma pálida figura. Toda a função, obra, drama, do Universo, – toda economia do progresso humano, da graça, dos Sacramentos (*Eucaristia*) tomam seu sentido definitivo nesta individualização do Elemento Universal, na qual consiste a Encarnação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 409)¹⁴³.

Por sua encarnação Cristo se inseriu no mundo, mergulhou em suas águas, entrou no processo evolutivo e se tornou tangível e concreto na história. Em Jesus de Nazaré, nascido de uma mulher, “[...] se deu o encontro da ascensão cósmica com a descensão divina. Ele é verdadeiramente o sacramento de encontro de Deus e do mundo” (BOFF, 2008, p. 37)¹⁴⁴. Nele, por ele e através dele, Deus se faz parte do mundo para uni-lo a si. Segundo o próprio Teilhard (1970, p. 325-326):

141 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo Nota sobre o Cristo Universal. Em outro artigo ele dizia: “[...] o Cristo Universal onde se satisfaz minha fê pessoal não é outra coisa que a expressão autêntica do Cristo do Evangelho. Cristo renovado, sem dúvida, no contato com o Mundo moderno, mas Cristo *expandido a fim* de permanecer ele mesmo”. Id. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo Comment je crois.

142 BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Petrópolis: Vozes, 2008.

143 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre (1916-1919)**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do artigo L'Élément universel.

144 BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Petrópolis: Vozes, 2008.

Criar, completar e purificar o Mundo, já o lemos em S. Paulo e em S. João, é, para Deus, unificá-lo unindo-o organicamente a si próprio. Ora, como o unifica ele? Imergindo-se parcialmente nas coisas, fazendo-se 'elemento', e depois, graças a este ponto de apoio achado no âmago da Matéria, tomando a direção e pondo-se à cabeça do que chamamos agora a Evolução. Princípio de vitalidade universal. Cristo, porque surgiu homem entre os homens, colocou-se em posição e está desde sempre em vias de curvar sobre si próprio, de depurar, de dirigir e de sobreanimar a ascensão geral das consciências em que ele se inseriu. Por uma ação perene de comunhão e de sublimação, agrega a si próprio o psiquismo total da Terra. E quando tiver assim reunido e transformado tudo, alcançando num gesto final o foco divino donde jamais saiu, fechar-se-á sobre si mesmo e sobre a sua conquista. E então, como diz S. Paulo, 'já não haverá senão Deus, tudo em todos'. Forma superior de 'panteísmo', na verdade, sem vestígio empeçonhado de mescla nem de aniquilamento. Expectativa de unidade perfeita, na qual cada elemento, por que nela mergulha, encontrará, ao mesmo tempo que o Universo, a sua consumação.¹⁴⁵

É o que especialistas afirmam ser o pancristismo teilhardiano, uma teoria original por ter o privilégio “[...] de assumir o Absoluto em devir e de considerar a Evolução como uma espiritualização, e mais profundamente uma divinização” (BAUDRY, 2010, p. 101)¹⁴⁶. Neste contexto, a teoria da evolução não contraria a da criação, mas a expande. Num ato primeiro Deus criou o mundo e, sem cessar, ele segue criando-o e recriando-o para torná-lo sempre e cada vez mais belo e amado. O Cristo cósmico, tal como pensado por Teilhard, contém em si a ideia de que Deus “[...] prolonga sua Encarnação com uma espécie de assunção do Mundo material” (BAUDRY, 2010, p. 60)¹⁴⁷. O próprio místico, num texto de 1938, afirma ser o cristianismo, “[...] por definição e por essência, a religião da Encarnação. Deus unindo-se ao Mundo criado por Ele para unificá-lo e, de certa maneira, para incorporá-lo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 49).¹⁴⁸ Ao se oferecer ao mundo sob a forma de homem, Deus assume esse mundo para divinizá-lo, assim como a mãe que, oferecendo o seio ao filho quer, antes e sobretudo, alimentá-lo e vê-lo crescer.

Teilhard é cristão e como todo cristão, para ele, Cristo é Deus feito homem. Daí a necessidade sentida de conferir a Cristo toda sua dimensão divina e humana. Quando se acentua apenas a dimensão humana de Cristo ele, o Cristo, corre o risco de se apresentar

145 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

146 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

147 Ibid. Aqui especificamente Baudry está fazendo um estudo do texto *O Cristo na matéria*. Segundo Baudry os três contos escritos por Teilhard “[...] interessam como ilustrações poéticas da sua concepção do Cristo cósmico, isto é, Deus que prolonga sua Encarnação como uma espécie de assunção do Mundo Material, de modo que o Universo toma, para aquele que o olha, os traços de Cristo. Ao seu olhar inspirado, o Universo se faz transparente e manifesta a imanência da Divindade”.

148 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo *Héritage sociale et progrès. Notes sur la valeur humano-chrétienne de l'éducation*. Escrito em 1938 este artigo foi publicado em *Études*, abril de 1945.

como menor que o universo. Mas, do contrário, quando se acentua simplesmente sua dimensão divina ele pode parecer tão distante a ponto de se tornar inatingível. Por isto, na cosmovisão teilhardiana, Cristo é “[...] fundamentalmente, o Cristo cósmico da tradição paulina e joanina” (BAUDRY, 2010, p. 82)¹⁴⁹, aquele que enche, que consuma, que dá consistência, aquele em quem “[...] todas as linhas do Mundo convergem e se reúnem num só todo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 156)¹⁵⁰, aquele que tudo penetra, aquele que brilha e se revela “[...] no coração comum de todas as coisas, como um Centro infinitamente íntimo e, ao mesmo tempo [...] infinitamente distante” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 42)¹⁵¹.

Um Cristo, enfim, revelado e acreditado pela fé, e ao mesmo tempo racionalmente pensado, estudado, refletido. Mas sobretudo, um Cristo experienciado na concretude da existência, na simplicidade da vida, na tangibilidade das coisas. Como diria o próprio Teilhard (1970, p. 326, grifo nosso), “[...] o ponto Ômega que, sem dúvida, jamais eu teria ousado encarar ou formular racionalmente a sua hipótese se, na minha consciência de crente, não houvesse encontrado não só o seu modelo especulativo, mas também a sua *realidade viva*”¹⁵².

Pierre Teilhard de Chardin foi homem de fé, de uma fé que despertada e motivada pela mãe foi, ao longo de sua vida, alimentada e discutida com suas amigas e confidentes. Uma fé que sentida no mais íntimo de seu coração foi antes experienciada na concretude de sua existência entre as pedras do Auvergne, em meio aos canhões da guerra, no exílio da China. Fé profunda, verdadeira e apaixonada num Deus que cria e segue cuidando de sua criação, um Deus que palpável, concreto e presente no mundo é, ao mesmo tempo, eterna descoberta, infinita sedução, contínuo encantamento.

A fé de Teilhard, traduzida na certeza do encontro e do abraço com Deus que se oferece a todo instante em todas as coisas, foi o sustento de sua caminhada. Por acreditar ele soube se entregar sem abandonar a luta, soube guiar o barco em meio às águas revoltas, soube que antes de se deixar afogar pelas trevas, é necessário agarrar-se à luz, é necessário ter esperança.

149 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

150 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo Super-Humanidade, Super-Cristo, Super-Caridade: novas dimensões para o futuro.

151 Ibid. Do artigo Meu Universo.

152 Id. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

1.3 A esperança que alegra e encoraja

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre, quem traz no corpo a marca Maria, Maria mistura a dor e a alegria. Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre, quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida...*¹⁵³

Homem de fé, Teilhard foi também e por isso mesmo, um homem cheio de esperança. As guerras, a incompreensão por parte da Igreja, o exílio forçado e consequentemente o afastamento daqueles que mais amava, não o abalaram mais fortemente porque ele guardava no mais íntimo de seu coração a certeza de que Deus o esperava a todo instante, em cada acontecimento. Frente a tantas adversidades enfrentadas, ele soube sorrir; em meio às trevas que ameaçavam encobrir o céu de sua existência, ele soube descobrir a luz; sobre as águas que ameaçavam afogá-lo, ele soube caminhar.

O desespero infantil frente a finitude do ser e o doce consolo de sua mãe, ensinando que as coisas não se acabam, mas pelo contrário se transformam, marcariam para sempre sua personalidade. O mal e o sofrimento não têm, para ele, a palavra final; a cruz fixada na terra não encerra a história, seus braços se abrem e apontam para o céu da ressurreição. Enfim, “[...] a vida e o sem-sentido da morte têm um sentido certo que chega [...] à plena luz do meio-dia” (BOFF, 2003, p. 90)¹⁵⁴.

Sustentado pela fé e movido pela esperança, o menino do Auvergne cresceu confiando na vida, mesmo em seus momentos mais difíceis. Esta confiança era para ele um dos objetivos da vida espiritual e mais do que isso, uma forma mesmo de adoração. Numa carta de 13 de junho de 1937 ele escreve à amiga Lucile Swan:

[...] eu devo seguir minha própria vida e nela confiar com amor, mesmo que esta fé me conduza aparentemente sobre caminhos menos felizes. Uma 'filosofia' espiritual seria fundamentalmente incompleta se ela não nos ajudasse a enfrentar o lado doloroso da vida tanto quanto seus aspectos agradáveis. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 170)¹⁵⁵.

E dez anos mais tarde ele completa: “Eu acho que a mais alta forma de adoração é a confiança ativa na Vida, confiança que leva à paz” (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN,

153 NASCIMENTO, Milton. Maria, Maria. Disponível em: <<http://letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

154 BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Teilhard falaria da necessidade de “[...] reconhecer que a morte (e o sofrimento) está ordenada **per se** a uma ressurreição...”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Journal*. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975, p. 143.

155 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 13 de junho de 1937.

2009, p. 170)¹⁵⁶.

Por confiar plenamente, Teilhard se sente em paz. Mas sua paz não pode ser interpretada como ausência de conflito, de dor ou de tristeza. Sua existência não foi protegida ou poupada das tragédias. E nem sempre ele soube aceitar com carinho os rumos que a vida tomava. Um escrito de 31 de julho de 1916, encontrado em seu diário íntimo, revela-nos um homem angustiado e resistente frente aos deveres que a Guerra lhe impunha:

Hoje [...] eu senti subir em mim uma maré de repulsa e de revolta contra minha existência militar encerrada em uma enfermaria onde eu detesto tudo: a função, a sociedade, o espírito... A mim a ação militar mais direta, mais ardente, mais nobre!... Então, eu tentei me escutar, me analisar, me criticar. E encontrei, para meu desgosto, três gêneros de causas ou fatores bem inegáveis. O primeiro fator, desculpável, é uma certa incompatibilidade entre meu humor e o ofício que faço: minhas disposições e aptidões naturais seriam seguramente melhor utilizadas num papel ativo ou técnico. O segundo fator, pouco cristão, é a repulsa de orgulho que experimento em viver em meio aos mal desenvolvidos, aos doentes, a repulsão animal, também, que me lança longe dos cuidados a dar a um outro homem: a enfermaria me humilha e me repugna, eu tenho um temperamento muito pouco hospitalar. [...]. O terceiro elemento de minha antipatia crescente pelo serviço sanitário [...] é a impressão de que eu não posso concorrer muito diretamente para a grande obra que se completa atualmente... Eu colaboro suavizando os sofrimentos da guerra, curando as feridas: meu estilo de espírito 'côsmico' me faz olhar esta nobre e cristã e muito sacerdotal tarefa, como secundária e acessória. Confessando-me cruamente, eu não julgo mais sagrada a cooperação para o esforço ativo que os cuidados de derramar sobre as feridas o azeite e o vinho?... (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 96)¹⁵⁷.

Diferente do que se pode pensar, a partir da leitura de seus escritos transbordantes de otimismo, ele enfrentou na própria carne o sofrimento, o orgulho, a prepotência, a repulsa aos afazeres banais da existência. No entanto, ele foi capaz, como poucos, de refletir sobre si mesmo e sua conduta; de reconhecer seus limites e imperfeições. A insatisfação e a frustração que poderiam provocar rancor, amargura e dor fazem com que ele se questione. Por confiar, ele soube se avaliar e se transformar e dessa forma tornar doce o cálice amargo da vida.

As muitas perdas de sua família, e sobretudo a doença de Marguerite, a irmã carinhosamente chamada de Guiguite, fizeram-no refletir bastante sobre a vontade de Deus que não deseja nunca o sofrimento, mas sempre a união com Ele. Aos pais ele escreve sobre a irmã: “[...] o estado de Guiguite é uma nuvem sombria que Deus não se apressa a dissipar, *sem dúvida para que pensemos mais n'Ele*. Durante esta semana devemos rogar-lhe que nos

156 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 21 de dezembro de 1947.

157 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975.

ensine a cumprir sua vontade” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 167, grifo nosso)¹⁵⁸. O sofrimento é, para o místico francês, uma oportunidade de se unir cada vez mais a Deus e de refletir sobre seus desígnios que, segundo suas próprias palavras, “[...] são melhores que os nossos” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 304)¹⁵⁹. Seu olhar cheio de esperança enxerga a dor, mas prefere se concentrar na alegria: “Estas melhoras da Guiguite, tão a propósito, e sempre nas mesmas circunstâncias, são uma prova de que N.S. não os esquece, mesmo quando as coisas parecem caminhar mal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 49)¹⁶⁰.

É com a irmã Guiguite, aliás, que ele aprende a refletir sobre a necessidade de uma confiança suprema e ao mesmo tempo humilde. Em carta à prima, ele assim o diz:

No fim, Guiguite tem sem dúvida razão em sua oração pelos grandes enfermos: saber renunciar a tudo, inclusive à satisfação de sentir que se é capaz de ter a suficiente confiança. Mas esta renúncia não é, em si mesma, um excesso de confiança? (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 51)¹⁶¹.

Os momentos felizes são, para Teilhard, sinais de que o Criador nunca se esquece de suas criaturas, mas vela continuamente por elas. E os bons acontecimentos, diz ele, devem servir de lembrança nas ocasiões sombrias onde não é tão fácil perceber a presença e o cuidado de Deus:

Fiquei radiante, mas muito surpreendido, de voltar a ver, domingo, a caligrafia de Guiguite. O mínimo que podemos concluir dessas boas alternativas do seu estado de saúde, é uma prova de que N.S. não se esquece de velar por ela e por nós; e isso é o bastante para não perdermos a confiança, nos momentos em que essa proteção é menos sensível. (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 145)¹⁶².

A confiança plena, que se manifesta em muitos de seus escritos, poderia nos fazer acusá-lo de conformismo, de resignação apática e ingênua. Mas nossa análise seria superficial uma vez que o conjunto de sua obra revela-nos uma personalidade otimista, entendendo-se o otimismo enquanto esperança de que o mal nunca terá a última palavra, porque no fundo mais fundo do abismo, quando cessam todas as forças, para aquele que sabe ver, tudo revela a graça de Deus. O cientista do Auvergne não foi um conformado; do contrário lutou e ensinou a lutar contra tudo o que maltrata a criação ou faz sangrar a humanidade.

158 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 11 de abril de 1911.

159 Ibid. Carta de 22 de setembro de 1913, dirigida à sua mãe.

160 Ibid. Carta de 11 de março de 1909.

161 Id. **Nuevas cartas de viaje: 1939-1955**. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 09 de março de 1940 escrita à Marguerite Teilhard-Chambon.

162 Id. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 10 de novembro de 1910.

Teilhard não se deixa dominar pela angústia que fere sua alma de irmão e filho. Ele sofre com os seus, mas tem sempre uma palavra de conforto. Feito sacerdote, o menino, que outrora fora cuidado e consolado, passa a cuidar e consolar. Pouco depois de sua ordenação, quando esteve junto com seus pais, ele escrevia:

Há perto de quinze dias que nos separamos e que terminou esse bom encontro da ordenação, há tanto tempo esperado. Assim passam todas as coisas, as melhores como as mais tristes. Felizes somos nós a quem Deus concedeu a possibilidade de guardar para sempre uma parte delas, sem dúvida aquela que Lhe dedicamos inteiramente. (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 186-187)¹⁶³.

O místico jesuíta sabe que a tristeza não dura para sempre e se sente feliz em ocasiões que muitos outros poderiam se sentir desamparados. Seu otimismo é fruto da confiança imperturbável em Deus. Para Henri de Lubac (1962, p. 47), o otimismo que ele “[...] professou e conservou sempre e apesar de tudo, foi nele uma vitória da Fé”¹⁶⁴. E foi justamente esta confiança nascida da fé, esta certeza do abraço amoroso do Criador na cotidianidade da vida, que o levariam a dizer: “[...] tenho grande confiança nos acontecimentos determinados por Deus, ainda que sejam infinitamente desagradáveis; a este respeito, creio que devemos manter-nos imperturbáveis. Confio em que tudo acabará bem” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 226-227)¹⁶⁵.

A confiança de que tudo acabará bem é uma marca de sua personalidade. À Marguerite, a prima, ele afirmaria que “[...] o porvir é mais belo que todos os passados. Sabes que essa é a minha fé” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 355)¹⁶⁶. No fim da Guerra, quando a humanidade celebrava a paz em meio ao caos, sem rumo e sem norte, Teilhard reafirmará sua fé no futuro. Fé que não o abandonaria nem mesmo no auge dos conflitos sangrentos: “À medida que a guerra perde em novidade e 'divertimento', o ir para as linhas parece cada vez mais austero. Temos então, em compensação, mais consciência de seguir NS e de estar em suas mãos” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 173)¹⁶⁷.

A esperança de Teilhard era produto do que sentia brotar no mais profundo de si mesmo, a saber, a certeza de estar sempre e em toda parte abraçado por Deus, protegido e amparado por suas mãos, tal como a cria no colo da mãe:

163 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967. Carta de 11 de setembro de 1911.

164 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

165 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Carta de 13 de julho de 1912.

166 Id. **Gênese de um pensamento: cartas 1914-1919**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966. Carta de 05 de setembro de 1919.

167 Ibid. Carta de 11 de dezembro de 1916.

[...] em Setembro de 1914, quando ajudava o Boule a por a salvo os tesouros mais preciosos do Muséuum, ao tatear de uma maneira tão imediata e tão crua a fragilidade das esperanças humanas, senti-me cheio de uma espécie de alegria triunfante: porque Deus, a sua Vontade, inatingíveis por todas as diminuições, e, pelo contrário, atingíveis apesar de todos os desastres e de todas as ruínas, me apareciam como a única realidade absoluta e desejável... E essa mesma alegria triunfal, feita de convicção na transcendência de Deus, conservo-a nas más horas diante das piores eventualidades que ameaçam o país. Sim, mesmo se, contra toda a esperança, a guerra acabasse mal, não só para nós, mas até para o progresso real do Mundo (Deus bem sabe que creio no êxito final do Mundo e no progresso, apesar de tudo, da Vida – tenho fé na Vida); mesmo então, desejaria repetir por sobre todas essas aparências de males, o velho grito das festas gregas: *Io, triumphe*. E todavia amo as coisas belas, a ciência, o progresso, quase ingenuamente; sou homem, tanto e mais do que ninguém. Mas acontece que nós, os que acreditamos, temos a força e a glória de ter, mais profunda que a nossa fé no Mundo, a fé em Deus: e esta liberta-se e permanece, mesmo que aquela caísse sob os golpes de certas experiências. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 111-112)¹⁶⁸.

Teilhard se sentia feliz mesmo quando tudo parecia apontar para um destino sombrio e nada o amedrontava porque ele estava certo da presença e do amor de Deus na vida em todas as suas fases, tanto as boas quanto as más. Assim como a mãe não abandona o filho, Deus não abandona a sua criação. Acima de todas as tragédias, de toda destruição, de todo aparente mal, o jesuíta quer gritar a beleza das coisas e quer cantar, como o poeta, que “[...] a vida é bonita, é bonita e é bonita”¹⁶⁹. Ele não sente vergonha de ser feliz quando tudo aponta para o caminho da tristeza, mantém-se otimista quando o pessimismo e as lamentações apresentam-se como a via mais fácil. E sente que é preciso proclamar sua fé ainda que, ou justamente por isso, suas atitudes nem sempre sejam compreendidas:

[...] temo ter sido um pouco mordaz ao defender [...] as minhas perspectivas otimistas sobre o porvir do mundo... Todavia não lamento, no fundo, ter que fazer de vez em quando a minha profissão de fé. Só pela fé somos fortes e só por ela temos influência. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 341)¹⁷⁰.

Uma das pedras fundamentais da espiritualidade de Teilhard, o sustento de sua caminhada, é sua fé na vida que ele mesmo define como sendo “[...] a certeza inabalável de que o Universo, considerado em seu conjunto, tem um fim; e não pode enganar-se em seu rumo, nem deter-se no seu caminho” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 47)¹⁷¹. Como as águas de um rio não deixam de correr, quaisquer que sejam os obstáculos que se colocam à

168 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 09 de abril de 1916.

169 GONZAGUINHA. O que é, o que é?. Disponível em: <<http://letras.mus.br/gonzaguinha/463845>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

170 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Carta de 24 de abril de 1919.

171 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo Meu Universo.

sua frente, a vida sempre segue seu curso, aconteça o que acontecer; e como as águas no fim sempre encontram o mar, também a vida, cedo ou tarde, alcança sua meta.

Importante ressaltar que Teilhard viveu a experiência das duas grandes guerras; na primeira participando ativamente do conflito. Mas seu olhar nunca foi um olhar totalmente amargurado, o que lhe rendeu algumas críticas e incompreensão por parte daqueles que só conseguiam enxergar na Guerra a miséria e o caos.

A guerra é uma doença, uma crise de crescimento, mas pela vida, eu tenho confiança. [...]. Não foi sem motivo que N.S. quis que sua Cruz dominasse a Terra! A guerra atual me aparece como uma dessas coisas por onde se ordena e progride o Universo, seguindo o plano divino, e eu amo pensar que sou um átomo dedicado a isto pelo Criador. (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 69)¹⁷².

Alguns consideravam suas ideias superficiais (BOUDIGNON, 2008)¹⁷³. No entanto, o seu otimismo é o resultado de uma vida vivida com amor. Teilhard sofreu muito durante sua vida, sobretudo pela descoberta da fragilidade das coisas. Tanto que em *Le coeur de la matière*, sua autobiografia, um texto relativamente pequeno para descrever uma existência tão longa e intensa, ele fala duas vezes na experiência, para ele desconcertante, do cabelo se queimando. Teilhard sofria diante da fragilidade e do sentimento de finitude. Mas sua mãe docemente o ensinara que nada na vida se perde, tudo se transforma. Estas palavras que o consolaram na infância ecoariam por toda sua vida. A semente da esperança foi plantada no terreno fértil de seu coração menino, tornando-se árvore forte a sustentá-lo sempre.

A fragilidade o desconcertava tanto que, na sua obra de espiritualidade, ele fala na formidável passividade que é o escoar da duração, o corpo que se curva frente a ação do tempo (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)¹⁷⁴. Em seu diário ele diz reconhecer que “[...] a morte (pelo medo que ela inspira) fere a vida” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 143)¹⁷⁵. Muitas vezes ele reza pedindo a Deus para que possa ajudá-lo a ver sua ação ali onde ele parece escondido. Assim como para muitos homens de ontem e de hoje, também para o jesuíta do Auvergne se apresentava a questão do “[...] do porque ser dirigido para a morte” (BAGNULO, 2001, p. 7)¹⁷⁶. Questão que, por sua vez, tocava diretamente o problema de

172 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975. Em 08 de novembro de 1916, ele diria: “Só a guerra podia fazer operar certos progressos. (Exemplo: instalações de usinas, descobertas múltiplas...)”. *Ibid.*, p. 136.

173 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008. É o caso de Jeanne Boussac e também de Ida Treat que, depois acabou se apaixonando por Teilhard.

174 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil, 1957.

175 Id. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975.

176 BAGNULO, Roberto. **Fenômeno Humano e Ambiente Divino**: il problema del male in Teilhard de Chardin. Firenze: Clinamen, 2001.

Deus, ou melhor, da possibilidade de se falar num Deus criador e amoroso em meio a tantas espadas que ferem o coração das criaturas e ameaçam a própria criação. De fato, diz-nos Bagnulo (2001, p. 7): “[...] o mal tem uma força argumentativa contra a existência de um Deus providente, ainda que o cristão possa sempre responder que as vias do Senhor são diferentes das nossas e preveem a cruz”¹⁷⁷. A resposta de Teilhard, no entanto, não era tão simplista. A cruz não era, no seu entendimento, o fim da estrada; ela apontava para algo mais, ela “[...] assegura o triunfo da Vida” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 115)¹⁷⁸. Aos gritos desesperados frente ao aparente abandono segue-se o silêncio que antecipa os brados da vitória do ser sobre o não-ser. O otimismo de Teilhard é fruto da certeza de que Deus nunca abandona o homem, mas nele penetra. Para compreendê-lo, é preciso sentir como ele a alegria e a doçura de se deixar embalar por Deus¹⁷⁹, de se deixar aninhar no colo daquele que criou e segue criando todas as coisas.

A esperança de um futuro melhor sempre o animava e para aqueles que temiam o mar revoltado dos acontecimentos suas palavras eram sempre encorajadoras. Antes de tudo, ele diria, “[...] é mister colocar uma fé robusta no futuro da Humanidade; e, se já existe tal fé, é mister consolidá-la” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 123)¹⁸⁰. Para que o homem não ceda e se deixe dominar pelo desânimo é preciso olhar pra frente, é necessário perder-se cegamente e sem medo na confiança de que a providência, a benigna providência, sempre nos espera adiante. Mais do que isso, é preciso ter paciência e reconhecer-se sempre no lugar onde Deus quer.

Como poucos de seu tempo, Teilhard foi capaz de perceber a vontade de Deus em todas as coisas. Em St Louis, a 26 de setembro de 1909, Teilhard escrevia aos pais falando da morte do irmão mais velho e da doença de um parente. Marcante nesta correspondência é sua certeza de que não há fatalidade, mas sempre a vontade de Deus. São suas próprias palavras que podem nos mostrar a força de sua esperança, que nada tem de ingênua ou passivamente resignada:

[...] foi aqui que soube da morte do Albéric; e amanhã pensarei nele e em vós ainda com mais intensidade. Tive muita pena da infelicidade da Agnes e do

177 BAGNULO, Roberto. **Fenômeno Humano e Ambiente Divino**: il problema del male in Teilhard de Chardin. Firenze: Clinamen, 2001.

178 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975.

179 À prima Marguerite ele diria: “[...] se soubesses a grande doçura que experimento em me deixar levar por Deus!”. Id. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 257. Carta de 30 de julho de 1918.

180 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo Salvemos a Humanidade: reflexões sobre a crise atual.

aspecto de que se reveste a doença do Just. São verdadeiras circunstâncias em que os projetos de Deus ultrapassam de longe o nosso alcance, e em que reconforta pensar que só a sua Vontade age, e não a fatalidade. A família tem sido bem experimentada, há alguns anos (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 79)¹⁸¹.

A afirmação de que “a família tem sido bem experimentada há alguns anos” indica também que o jovem jesuíta não foi protegido, mas que experimentou como poucos a dor da perda. Nascido no seio de uma família numerosa e abastada, Teilhard é o quarto dos onze irmãos. No entanto, diz-nos Boudignon (2008, p. 13-14)

[...] esta numerosa família foi provada pelos falecimentos. Pierre não conheceu Marie-Gabrielle, morta aos quatro anos, pouco antes que ele mesmo viesse ao mundo. Em 1902, é o irmão mais velho, Albéric, oficial da marinha, que retorna à casa para ali morrer doente e, em 1904, Louise que desapareceu com a idade de doze anos. Em 1911, é Françoise, irmã mais velha de Pierre, tornada religiosa, que morreu longe dos seus em Shanghai. Mais tarde, a Grande Guerra levou dois jovens irmãos, Olivier e Gonzague¹⁸².

Com o passar dos anos ele viverá ainda a dor da incompreensão por parte da Igreja e da Companhia que tanto amava e às quais foi fiel até o fim. Durante toda a sua vida teve o desejo, e mesmo uma espécie de necessidade, de expressar, de compartilhar a experiência de sua vida, a sua visão de um mundo em evolução, onde o homem é prolongamento da vontade de Deus (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)¹⁸³. Mas foi impedido de publicar e enviado à China para se afastar da França. Foi ainda afastado do Instituto Católico de Paris, onde lecionava. Tudo isso o entristecia, sem nunca desencorajá-lo. Porque no fundo de si ele sabia e proclamava: “[...] só se pratica o bem aonde Deus nos chama” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 100)¹⁸⁴.

Aos poucos sua tristeza foi se fazendo serenidade, fruto de uma certeza profunda de que sempre esteve onde Deus quis e que este era o seu lugar. Quase ao fim da vida, continuamente enviado a lugares remotos, afastado de Paris e da Igreja, Teilhard se enche de coragem e revela: “Muito vagamente, eu sinto ou pressinto que a Providência me espera talvez nestes lugares para me engajar sobre não sei o quê...” (LEROY, 1955, p. 25)¹⁸⁵.

181 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Morais, 1967. Carta de 26 de setembro de 1909. Teilhard tinha então 28 anos e cursava Teologia em Hastings. A carta foi enviada de St. Louis porque, no período, ele estava de férias.

182 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

183 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin: essai de vie intérieure**. Paris: Seuil, 1957.

184 Id. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Morais, 1967. Carta de 16 de fevereiro de 1910.

185 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami: les dernières années 1948-1955**. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 1 de março de 1948.

O jesuíta do Auvergne está certo de que as mãos de Deus sempre o esperam e isto o encoraja. Mas, ao contrário de muitos, ele não se deixa simplesmente embalar por essas mãos. Ele quer nelas se agarrar e com elas ensaiar seus primeiros passos numa nova estrada que desponta. Em seu diário, no dia 16 de março de 1916, ele escrevia: “Frente ao que não se pode evitar, é preciso se dobrar, não com resignação passiva, mas com adesão vibrante de união e de esperança” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 64)¹⁸⁶. Curvar-se frente aos acontecimentos, ou em termos cristãos, resignar-se, não é, ou pelo menos não deveria ser, na concepção teilhardiana, imobilizar-se. Ao contrário, é lutar, muitas vezes contra si mesmo, para encontrar em meio ao deserto um oásis. Aquele que assume o leme no barco da existência não pode ficar parado em meio à tormenta; quando as águas parecem ameaçadoras é preciso caminhar sobre elas. Homem de ação e nutrido pela esperança que sempre o fez seguir adiante, Teilhard muito refletiu sobre o mal, chegando à conclusão de que mais do que justificá-lo ou contemplá-lo, é preciso combatê-lo.

Em Pequim, no dia 28 de dezembro de 1943, Teilhard proferiu uma conferência cujo texto, intitulado *Reflexões sobre a felicidade*¹⁸⁷, traduz um pouco o seu modo de ser e sua atitude otimista e esperançosa frente à vida. Para se fazer claro, ele recorre a uma pequena história que transcrevemos aqui:

Suponhamos excursionistas que partiram para a escalada de um pico assaz difícil, e consideremos o seu grupo algumas horas antes de começar a subida. Nesse momento pode-se imaginar que a equipe esteja dividida em três tipos de elementos. Uns lamentam haver deixado o albergue. A fadiga e os perigos lhes parecem desproporcionais ao interesse do êxito. Decidem voltar atrás. Outros não se arrependem de haver partido. O sol brilha, a vista

186 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975. É neste sentido que a resignação deve ser compreendida quando no mesmo diário, encontramos a seguinte afirmação: “Biologicamente, e positivamente, o sofrimento deve ser *assimilado*, aceito; a verdadeira atitude implica a resignação”. *Ibid.*, p. 25.

187 Id. Reflexiones sobre la felicidad. In: _____. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974, p. 97-114. Este texto de Teilhard, publicado no volume 11 da tradução espanhola das Obras Completas foi, segundo nota desta tradução, publicado a parte pelas Éditions de Seuil com três discursos de Teilhard sobre o matrimônio. No Brasil há duas publicações do mesmo texto que conhecemos: Id. Reflexões sobre a felicidade. In: _____. **Mundo, homem e Deus**. Textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 74-92; e Id. **Sobre a felicidade; Sobre o amor**. Campinas: Verus, 2005. Há por fim uma versão sonora em CD MP3 publicada pela Thésis, no ano de 2010. Id. **Sur la souffrance; Sur le bonheur; Sur l'Amour; La messe sur le monde**. Paris: Éditions Thésis, [2010]. 1 CD-MP3. Aqui utilizaremos a tradução brasileira publicada pela Editora Cultrix. Sobre este escrito, diz Vigorelli: “No plano das ideias é um escrito menor, uma conferência ocorrida em Pequim, em 28 de dezembro de 1943, frente a um público mundano, ocasional. Mas justamente por esta intenção de divulgação, é uma antecipação até comovente daquele trabalho missionário que Teilhard desenvolverá depois do retorno à pátria, para opor àquela pessimista a sua visão otimista e progressiva do mundo: felicidade contra a angústia. Inéditas até 1960, estas Réflexions foram publicadas no segundo dos Cadernos Pierre Teilhard de Chardin, e serão, para muitos leitores ignorantes de suas grandes obras, como um compêndio, fácil, mas contagioso das suas ideias”. VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 194.

é linda. Mas para que subir mais alto? Não é melhor aproveitar a montanha onde estão, em pleno prado ou em pleno bosque? E eles se estendem na grama ou exploram os arredores, enquanto esperam a hora do piquenique. Outros, enfim, os verdadeiros alpinistas, não tiram os olhos dos cimos que juraram a si mesmos alcançar. E seguem adiante. (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 76)¹⁸⁸.

Os fatigados, os boas-vidas e os entusiastas. Mais do que três tipos de elementos, três atitudes diante da vida, três tipos de homem, diria o místico francês, que carregamos em nós “[...] e entre os quais, divide-se, desde sempre a Humanidade à nossa volta (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 76)¹⁸⁹.

Os fatigados ou pessimistas preferem não correr riscos. Abandonam a estrada pelo conforto da pousada. Agarram-se ao que a vida lhes deu e nunca se perguntam sobre o que a vida tem para lhes dar. A existência, para eles, é um erro e só o que têm de fazer é “[...] cair fora o mais habilmente possível” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 76)¹⁹⁰. Nada importa, nada merece seus esforços, afinal de contas, “[...] vale mais ser menos do que ser mais, – e que o melhor seria não ser de vez” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 76)¹⁹¹. Não percorrem o caminho e talvez nunca experimentem a alegria de conhecer a estrada.

Os boas-vidas ou desfrutadores, diferente dos fatigados ou pessimistas, caminham e chegam a conhecer todo o encanto e maravilha da estrada que se lhes apresenta. Mas na primeira paisagem deslumbrante eles param, inebriados pela beleza. Estes entendem que vale mais ser do que não ser. Mas, em seu caso, “[...] 'ser' toma então um sentido bem particular. Ser, viver, para os discípulos dessa escola, não é agir, mas saciar-se do instante presente” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 76-77)¹⁹². Contentam-se com o que a vida lhes dá aqui e agora, e usufruem desse instante até a saciedade. Perdem-se no que a estrada tem de mais belo e inebriante, e nunca saberão que tipo de beleza o cimo esconde.

Por fim, os entusiastas, aqueles para quem viver é uma ascensão contínua a picos cada vez mais altos, uma eterna descoberta. Para estes homem ser vale mais do que não ser e, principalmente, “[...] é sempre possível, e exclusivamente interessante, vir a ser mais” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 77)¹⁹³. Não se prendem ao passado, nem ao presente, porque seus olhos apontam para o futuro. Conhecem a estrada, apreciam suas maravilhas, mas

188 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**: textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

189 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

190 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

191 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

192 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

193 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

seguem em frente. Só para eles o cimo se revela. Aos olhos destes apaixonados conquistadores de aventuras, diz Teilhard (1978, p. 77):

[...] o ser é inesgotável [...] como um foco de calor e de luz de que é possível acercar-se sempre mais. Podemos rir desses homens, tratá-los de ingênuos ou considerá-los incomodativos. Mas, esperando, foram eles que nos fizeram, e é deles que se prepara para sair a Terra de amanhã¹⁹⁴.

Não fossem estes espíritos aventureiros e sobretudo esperançosos, muitas descobertas não teriam sido feitas, muitas doenças permaneceriam incuráveis, não seria possível ao homem viajar pelos ares.

Há três tipos de felicidade, insiste o místico francês, ou melhor dizendo, três atitudes fundamentais e opostas diante da vida: pessimismo e retorno ao passado, fruição do momento presente, arremesso ao Futuro. Felicidade de tranquilidade, felicidade de prazer, felicidade de crescimento. Para aqueles que optam pela felicidade de tranquilidade a regra de ouro é: nada de aborrecimentos, nem de riscos, nem de esforços; o homem feliz é aquele que pensa menos, sente menos, deseja menos. Para os que, por sua vez, escolhem a felicidade de prazer, a finalidade da vida é aproveitar e não agir e criar. A ordem é esforçar-se menos ou apenas o necessário. Como diz Pierre: “Estender-se o máximo possível, como a folha aos raios do sol, mudar a cada instante de posição para melhor sentir: eis a receita da felicidade. O homem feliz é aquele que sabe saborear plenamente o instante que detém entre as mãos” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 78)¹⁹⁵. Para os que preferem, enfim, a felicidade de crescimento, “[...] a felicidade não existe nem vale por si mesma, como um objeto que pudéssemos alcançar em si; mas é apenas o sinal, o efeito e como que recompensa da ação convenientemente dirigida” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 78)¹⁹⁶. O entusiasta que segue a estrada em direção ao cume não busca simplesmente alegrar-se, sua única meta é chegar lá. Mas uma vez no alto, ele se regozija. Na conquista da montanha ele encontra a felicidade. Como diria Teilhard:

Não basta pois, como sugere o hedonismo moderno, renovar-se de qualquer modo para ser feliz. Nenhuma mudança beatifica, a menos que se opere *em ascensão*. O homem feliz é portanto aquele que, sem procurar diretamente a felicidade, encontra inevitavelmente a alegria, por acréscimo, no ato de chegar à plenitude e ao fim de si mesmo, adiante (TEILHARD DE

194 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**: textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

195 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

196 Ibid. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

CHARDIN, 1978, p. 78)¹⁹⁷.

O místico jesuíta não é otimista por ser ingênuo ou superficial, mas por estar convencido de que a felicidade, que às vezes parece distante ou inacessível, é conquistada por todos aqueles que não desanimam. Sua esperança e sua alegria só podem ser justamente compreendidas quando se considera o contexto de sua vida. Sacerdote e cientista comprometido com a verdade, a consciência da evolução representou, no mar de sua existência, um divisor de águas. No enfrentamento do problema do mal sua visada novidadeira é ancorada por esta intuição fundamental, como nos assegura Bagnulo, que sobre o sacerdote do Auvergne nos diz:

Ele não nega a queda original, a necessidade de uma revelação, o peso da dor, mas a sua visão dominante é aquela de um universo em evolução que no esforço de atingir na esfera humana a paz e a unidade em Cristo necessariamente tem insucessos e sofrimentos. Para a lei dos grandes números o mal é inevitável (BAGNULO, 2001, p. 8)¹⁹⁸.

Para Teilhard o problema do mal só pode ser explicado na perspectiva de um universo em evolução, mas dificilmente se pensado em termos de um cosmo estático. As críticas feitas a ele devem, pois, ser consideradas tendo em vista este fato. Um dos motivos principais que teriam levado o místico francês a não se preocupar tanto com a questão do mal é o fato de que

[...] a sua argumentação se baseia antes de tudo sobre a dinâmica positiva do fenômeno evolutivo. Para ele, o mal – em todas as suas formas – é uma consequência inelutável de tipo de universo que é o nosso, consequência certamente negativa, mas secundária. (BAUDRY, 2010, p. 264)¹⁹⁹.

Para Teilhard, a evolução pode significar, às vezes, dor e sofrimento. O fogo só nasce se a madeira for queimada. Entre o otimismo e o pessimismo, o homem, conhecedor de seu papel no desenvolvimento do mundo que segue sendo criado, só tem uma escolha a fazer.

197 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**: textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo Reflexões sobre a felicidade.

198 BAGNULO, Roberto. **Fenômeno Humano e Ambiente Divino**: il problema del male in Teilhard de Chardin. Firenze: Clinamen, 2001.

199 BAUDRY, Gérard-Henri. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010. Quando dizemos, com Baudry, que a questão do mal não ocupou o centro das reflexões teilhardianas, queremos dizer que o olhar do místico do Auvergne concentrava-se antes e muito mais no que há de bom. Como nos assegura Henri de Lubac, “[...] a consideração do mal, sob todas as suas formas, tem na obra teilhardiana um lugar de primeiro plano”. DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962. Teilhard refletiu muito sobre o mal, mas ao fazê-lo, foi além do costumeiro. Refletiu sobre o mal integrando-o no processo positivo da evolução.

Sem termos desejado, sem saber por que, nos encontramos comprometidos num mundo que parece alçar-se laboriosamente a um estado de maior complexidade orgânica. Esta corrente universal, na qual estamos aprisionados no campo de nossa experiência, materialmente expressa uma determinada preferência, dada pela 'natureza', do ser sobre o não-ser, da vida sobre a não-vida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 61-62)²⁰⁰.

A preferência pela vida faz parte da natureza humana. Consciente, o homem prefere ser a não ser. Este instinto, diz o místico francês, “[...] esta inclinação de nosso ser para um mais-ser esperado é tão velha e tão universal como o mundo mesmo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 235)²⁰¹. Mas, para ser, é necessário lutar, avançar sobre as águas mesmo quando as ondas desejam nos afogar²⁰².

O otimismo teilhardiano não é abandono e evasão, é antes, o contrário da entropia²⁰³, um otimismo de evolução. Não basta, pois, ter esperança; é preciso fazer dela o combustível da caminhada. Segundo Teilhard, há dois tipos de otimistas, de um lado aqueles que preferem deixar o mundo e de outro aqueles que acreditam no mundo e no seu sucesso e por isso não conseguem abandoná-lo.

Aqui, o grupo daqueles que esperam mediante uma ruptura o mais imediatamente possível com o mundo, lograr nosso autêntico progresso: como se o Espírito não pudesse existir, ou pelo menos não pudesse aperfeiçoar-se, senão em ruptura com a matéria. E ali, outra rama, esta formada por aqueles que creem em algum valor ulterior da evolução tangível das coisas. Para estes últimos (os autênticos otimistas), as tarefas e as dificuldades do momento presente não podem significar a chegada a um beco sem saída dentro da evolução. Sua fé no Universo é mais forte que toda tentação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 64)²⁰⁴.

Os últimos são os autênticos otimistas pois acreditam na vida e não se curvam diante da tentação da inércia. São eles que devemos seguir, “[...] em seu esforço por dirigir para mais longe a barca humana, através das ondas do futuro” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p.

200 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo La grande option.

201 Ibid. Do artigo La foi en l'homme.

202 Num artigo sobre a fé na paz Teilhard declara honesta e apaixonadamente “[...] quando quero me tranquilizar acerca da sorte do amanhã não me fixo nem nas palavras oficiais nem nas manifestações pacifistas, nem nas objeções de consciência. Mas meus olhos se voltam instintivamente para as instituições e os agrupamentos, cada vez mais numerosos, nos quais se elabora silenciosamente, em torno de nós, na pesquisa, a alma nova de uma humanidade resolvida a alcançar, custe o que custar, em sua integridade total, o fim extremo de suas forças e de seu destino”. Ibid., p. 196-197. Do artigo La foi en la paix.

203 Nas trilhas abertas pelas reflexões de Teilhard, entendemos a entropia como sendo o desperdício, ou inutilização, ou mais ainda a “[...] degradação da energia”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 58.

204 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo La grande option.

65)²⁰⁵. Nada pode atravancar o homem na sua busca por ser mais, nada, nem mesmo a dor ou sofrimento, podem imobilizá-lo. Antes de tudo, é preciso seguir em frente, pois o recuo contraria as leis da evolução.

Enquanto um fruto cresce e amadurece nos guardamos de cortá-lo. Analogamente, enquanto o Mundo, ao redor de nós, continua crescendo, seja em dor e desordem, problemas, ideias e forças novas, é sinal de que é preciso marchar em frente na conquista da Matéria. A evasão *imediata* para fora do Mundo cujo peso se faz cada dia mais duro nos é proibida, porque seria certamente *prematura*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 71)²⁰⁶.

Para quem crê e espera não há outra escolha senão avançar na marcha para adiante, para a conquista do futuro. As dores e alegrias só podem ser verdadeiramente compreendidas como parte de um processo evolutivo mais longo e complexo. Uma árvore, por maior que seja ela, não seria árvore se um dia não tivesse sido pequena semente a perder-se no escuro da terra. Entendendo a esperança como sendo “[...] o impulso *essencial* sem o qual não haverá nada” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 96)²⁰⁷, Teilhard se enche de coragem e ousadia para proclamar: “O que necessitamos é um desejo apaixonado de crer, de ser. Fora os pusilânimes e os céticos, os pessimistas e os tristes, os cansados e os imobilistas! A Vida é um perpétuo descobrimento. A Vida é movimento” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 93)²⁰⁸.

Nada, diria ele, nem mesmo a guerra com seu rastro de sangue e destruição, é capaz de impedir o triunfo da vida. É preciso, em meio ao desespero, deixar falar a esperança de que algo melhor sempre nos é reservado adiante. E justamente quando tudo parece perdido é que somos chamados a nos deixar invadir pela paixão de ser.

O mundo moderno, com sua complexidade prodigiosamente acrescentada, pesa sobre nossa geração incomparavelmente mais do que o pesava sobre os ombros de nossos predecessores. Nós nos damos conta de que este aumento de carga exige, para ser compensado, um aumento de interesse apaixonado? Pois bem, no meu ponto de vista aqui é onde intervém 'providencialmente', para darmos valor, a ideia, a esperança de que adiante, mais longe, nos espera um resultado imenso. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 150)²⁰⁹.

205 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo La grande option.

206 Ibid. Do artigo La grande option.

207 Ibid. Do artigo Réflexions sur le progrès.

208 Ibid. Do artigo La grande option.

209 Ibid. Do artigo Vie et planètes. Que se passe-t-il em ce moment sur la terre?. Ao que tudo indica, Teilhard não teme a guerra justamente por acreditar que a vida, no final das contas, triunfará. Sobre as duas guerras, ele afirma: “[...] 1914-1918, 1939-1945: cada vez uma volta a mais no parafuso... Empreendida pelas nações para se libertarem umas das outras, cada nova guerra não tem por resultado senão o fazer que se unam e se soldem entre si com um laço cada vez mais forte. Quanto mais nos rejeitamos, mais nos comparamos”. Ibid., p. 150. Do artigo Un gran événement qui se dessine: la planétisation humaine.

Deixar-se mover por uma espécie de interesse apaixonado pela vida quando tudo parece apontar para a morte é talvez a grande lição de Teilhard para a humanidade. Seu otimismo e sua esperança não são frutos de sua ingenuidade e muito menos de sua apatia frente aos acontecimentos. Do contrário, são o resultado de uma vida vivida com paixão e sanidade. Ele atingiu um nível que poucos homens atingiram. Como diria Boudignon (2008, p. 12):

Teilhard percebia no fundo dele uma representação do mundo, e quis transmitir esta percepção como um artista que tenta transmitir sua visão pela realização de suas obras. Teilhard se elevou para cumes da alma humana que poucos homens atingiram. Antes de nós ele percebeu a humanidade unida. Resolutamente otimista, ele via o lado positivo de todas as coisas, o que lhe tornava incapaz de odiar, ou mesmo de se querelar [...]. E, apesar de instantes de desencorajamento que ele confiou a alguns confidentes, ele jamais perdeu a confiança. Ele consegue dar uma extraordinária lição de esperança. Teilhard nos faz olhar para o sentido profundo de nossa existência. Esta disposição inscrita no fundo de cada um para trabalhar conjuntamente para o acabamento de uma humanidade unificada. Um projeto coletivo que ultrapassa os projetos individuais.²¹⁰

A esperança de Teilhard o ajudou a vencer os tempos difíceis porque na sua compreensão, como bem resume Bagnulo (2001, p. 8) “[as] forças do mal não podem ofuscar a beleza do meio divino”²¹¹, este meio no qual quando tudo parece arrefecer nossas forças, quando as trevas parecem encobrir a luz, ouvimos uma voz que, do fundo mais fundo do abismo, no escuro mais escuro da noite nos repete: “Sou eu, não temas”²¹².

1.4 O amor que deixa Deus transparecer

*No terceiro dia houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos. Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: 'Eles não têm mais vinho!' Jesus respondeu: 'Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou.' A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: 'Façam o que ele mandar.'*²¹³

A influência das mulheres na vida de Teilhard se fez sentir na sua fé, capaz de

210 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

211 BAGNULO, Roberto. **Fenômeno Humano e Ambiente Divino**: il problema del male in Teilhard de Chardin. Firenze: Clinamen, 2001.

212 Mt 14,27; Mc 6,50; Jo 6,20. Teilhard utiliza esta citação do evangelho ao tratar das passividades. Cf. Pierre TEILHARD DE CHARDIN. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Seuil; 1957.

213 Jo 2,1-5.

sustentá-lo, e na esperança, traduzida em alegria frente às muitas adversidades. Da mesma forma o feminino influenciaria sua compreensão do amor. Ainda na guerra, este tema apareceria como objeto de sua reflexão, dando origem ao ensaio *L'Éternel Féminin*²¹⁴. Neste texto, o místico canta de forma poética sua concepção do papel do amor num universo em evolução. Redigido algumas semanas antes dos votos solenes de Teilhard e da escrita de *Le Prêtre*²¹⁵, o texto não pode ser considerado um escrito de circunstância, nem simplesmente um escrito de juventude²¹⁶. O tema reaparece em 1934, num ensaio intitulado *L'évolution de la Chasteté*²¹⁷, e por fim é retomado em 1950, num capítulo de sua autobiografia *Le Coeur de la Matière*, com o título de *Le féminin ou l'unitif*²¹⁸. Esta trilogia aborda de forma mais direta a questão do feminino e do amor, tal como pensada por Teilhard, mas o tema aparece em muitas de suas reflexões²¹⁹.

Antes de tudo, o místico do Auvergne entende o amor enquanto força essencial de unificação, “[...] encantamento impregnado no Mundo para levá-lo a se agrupar, – Ideal suspenso acima dele para fazê-lo se elevar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 253)²²⁰, energia primeira da qual depende a própria criação para seguir sendo e se fazendo pelo tempo.

Para Teilhard, no entanto, o amor não apenas une os elementos do mundo; ele é

214 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965, p. 249-262. Baudry explica o uso por Teilhard da expressão *Eterno Feminino*: “Em Teilhard a expressão 'o Eterno Feminino', tomada de Goethe, indica a Mulher idealizada ou os valores eternos que ela simboliza ('o espírito de união'). Designa enfim o símbolo personalizado, poderia se dizer místico, do Amor universal, que constitui a energia universal do cosmo”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 65.

215 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

216 COUTAGNE, Marie-Jeanne. *L'eternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal*. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

217 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Neste ensaio, antes de tudo, Teilhard deseja justificar racionalmente a castidade. Segundo ele, o domínio do impulso sexual sempre fora apresentado pelas religiões, como sendo “[...] expressão suprema do triunfo do espírito”. No entanto, segue ele, “[a] castidade não se projeta mais senão como forma de uma nuvem sobre nosso Universo físico e moral. Segue, ou traduzindo-se em palavras e sistemas envelhecidos, – ou justificando-se por um complexo de razões díspares, muitas das quais deixaram de comover-nos. É preciso definir exatamente o que constitui a sua excelência – e, para isto, relacioná-la distintamente com a estrutura e os valores do Mundo de hoje”. O amor entre o homem e a mulher, por si só, não impede a relação com o divino.

218 Id. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. Aqui Teilhard presta sua homenagem final a todas aquelas que sempre o acompanharam e o fizeram ser o que foi. Diz ele que o texto é “[...] a homenagem geral, quase adorante, emergindo do mais fundo do meu ser, para aquelas cujo calor e encanto passaram, gota a gota, no sangue das minhas idéias as mais caras”.

219 Importante salientar que nas reflexões teilhardianas a palavra amor supera as conotações afetivas que comumente são associadas ao conceito. Certamente, o dado da afetividade está presente iluminando o pensamento do autor sobre esse sentimento, mas ele vai um pouco mais longe, entendendo o amor, de acordo com o que nos diz Baudry, como “[...] a energia motora do movimento evolutivo que se manifesta no homem com o emergir da reflexão e da liberdade. Tem sua origem em Deus, que é o Amor absoluto”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 21.

220 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. Aqui o amor é apresentado como “o essencial Feminino”.

também força universal de atração e age imprimindo nos seres, por menor que sejam, “[...] a inquietação obscura e tenaz de saírem de sua solidão aniquilada – de se prenderem a qualquer coisa, fora deles” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 240)²²¹; força, neste sentido, que faz crescer sem rejeitar as fases desse processo, mãe que espia o novo ser para ajudá-lo a ser sempre mais sem deixar de ser o que se é, “[...] tal como o tronco de oliveira que não se torna oco em cada nova primavera” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 254)²²².

E se une fazendo crescer, se atrai, fazendo o ser abandonar seu estado inicial de fechamento, o amor, da mesma forma, é força de efervescência que fermenta o mundo, “[...] raio único por onde é excitado, e no seio do qual tudo vibra” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 256)²²³, irradiação que sensibiliza o homem e ilumina todas as coisas a seu redor, enfim, força violenta e amedrontadora que faz o ser humano se compreender, ao mesmo tempo, como oferta e como dom, como senhor e servo, como aquele que se une consciente de que não pode se unir “[...] sem ser tomado, necessariamente, como o servidor de uma obra universal de criação” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 256)²²⁴.

Teilhard atenta, no entanto, para o grande perigo que correm, a grande tentação a que estão submetidos todos aqueles que experimentam o vinho inebriante do amor:

A minha ciência, infelizmente, é do Bem e do Mal... O Homem foi inebriado por sua iniciação... Quando viu que eu era o *Universo para ele*, acreditou que podia me abarcar em seus braços. Quis se encarcerar comigo num mundo *fechado*, a dois, onde nós nos bastaríamos. Neste momento preciso, eu me decompus entre suas mãos... (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 256)²²⁵

Aquele que tenta possuir o objeto de seu amor nunca compreendeu a essência dessa energia primeira. Amor não é posse, quem tenta possuir “[...] não ama amar o outro, [...] ama a 'coisa outro’” (CÍCERO, 2007, p. 19)²²⁶. O amor é essencialmente fecundo, voltado para o futuro, para o crescimento; é força que impede o fechamento e impele à abertura, algo que

221 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. É “o universal Feminino”. No *Lexique Teilhard de Chardin* organizado por Claude Cuénot encontramos a seguinte definição: “Termo designando a atração de natureza pessoal. Uma vez que, no universo pensante, tudo, no final das contas, se dirige no e para o pessoal, é forçosamente o amor que forma e formará cada vez mais, no estado puro, o estofado da energia humana. CUÉNOT, Claude. **Lexique Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1963, p. 22.

222 Ibid. Do ensaio *L'Éternel Féminin*.

223 Ibid. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. É “o atrativo Feminino”.

224 Ibid. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. Na primeira parte do ensaio, Teilhard fala do “essencial Feminino”, do “universal Feminino” e do “atrativo Feminino”.

225 Ibid. Do ensaio *L'Éternel Féminin*.

226 CÍCERO, Talita. Não sabemos mais amar?. **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano 1 (2007), n. 3. São Paulo: Escala, p. 17-23.

não se pode ter só para si, visto que a sua posse representa o sufocamento e a morte. A semente que permanece fechada, guardada em sua casca, é semente fadada a apodrecer sem nunca produzir frutos. Em *L'évolution de la Chasteté*, diz Teilhard (1974, p. 64):

As duas porções, masculina e feminina da Natureza tem que ascender para Deus não separadamente (casados ou não casados), mas como unidades emparelhadas. Pretendeu-se suprimir os sexos do Espírito. Foi por não se ter compreendido que sua dualidade tinha que voltar a se achar presente na composição do ser divinizado. Depois de tudo, o homem, por mais 'sublimado' que se imagine, *não é* um eunuco. A espiritualidade tem que se basear não na 'mônada', mas na 'díade' humana.²²⁷

O amor é entendido pelo jesuíta francês, segundo Coutagne, como sendo a “[...] consciência do desejo de unificação”²²⁸. Para que a criação atingisse sua plenitude em Deus, “[...] Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher”²²⁹, diz-nos a narrativa do Gênesis. E criou-os, acima de tudo, para a união, para a fecundidade que aqui deve ser entendida num contexto mais amplo. Sobre isso, diz Teilhard (1974, p. 63): “Por mais fundamental que seja, a maternidade da mulher não é quase nada em comparação com sua fecundidade espiritual. A Mulher faz desabrochar, sensibilizar, revelar-se a si mesmo aquele a quem ela ama”²³⁰.

A espiritualidade teilhardiana, ousamos dizer, é uma espiritualidade de relação, nunca de isolamento. E é neste contexto que ele discute o papel desempenhado pela mulher (ou feminino) na evolução, como nos indica Annamaria Tassone Bernardi, presidente da Associação italiana Teilhard de Chardin:

O tema do feminino é, na multiplicidade daqueles que se estabelecem na obra de Teilhard de Chardin, um dos mais fascinantes. Na reflexão do jesuíta francês, emerge mostrando que, sob o aspecto evolutivo, a sexualidade teria preexistido ao homem, mas com ele, ela adquiriu uma consciência, tornando-se um instrumento, não só de expansão da espécie, mas também de crescimento em consciência e em espírito. Então, 'homem e mulher ele os criou'. E houve a relação.²³¹

A sexualidade antecede o homem, ou seja, ela está presente e é garantia de vida para os animais. O que difere a sexualidade humana é a consciência que dela tem o próprio

227 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do ensaio *La evolución de la castidade*.

228 COUTAGNE, Marie-Jeanne. *L'éternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal*. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

229 Gn 1, 27.

230 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Opus cit.* Do ensaio *La evolución de la castidade*.

231 BERNARDI, Annamaria Tassone. *O papel do feminino em Teilhard de Chardin*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/fr/articles/le-role-du-feminin-chez-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 25 jun. 2014.

homem, o que a torna mais do que simples instrumento de expansão da espécie. É o que Teilhard chamou de amor hominizado:

O Amor 'hominizado' se distingue de todo outro amor, porque o espectro de sua luz quente e penetrante se enriqueceu maravilhosamente. Não mais somente o atrativo único e periódico, visando à fecundidade material; mas uma possibilidade sem limite e sem repouso de contato pelo espírito, muito mais que pelo corpo: antenas infinitamente numerosas e sutis que se buscam entre as delicadas nuanças da alma; atrativo de sensibilização e de realização recíprocas onde a preocupação de salvar a espécie se funda de maneira gradual na embriaguez mais vasta de consumir, a dois, um Mundo. Em direção ao Homem por meio da Mulher, na realidade é o Universo que progride. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 41)²³².

O amor deve fazer surgir o novo ser, deve fazer o indivíduo sair de si mesmo, deve fazê-lo diferente do que era, torná-lo melhor para que assim ele possa tornar o mundo mais belo ao seu redor. O homem é essencialmente um ser de relação que só se realiza, diz Bernardi,

[...] existindo 'com e por alguém'. O dom da mulher pelo qual se abre a possibilidade da relação, lhe permite sair de si, tornar-se outro diferente de si; é o início de um caminho de vida para uma comunhão plena, total, que é preciso continuamente realizar e que é nostalgia da unidade com Deus à qual o ser humano é chamado.²³³

É a partir do contato com o outro que o ser humano se faz e se descobre. Como salienta tão oportunamente Leonardo Boff (2010, p. 28), “[...] o sentido profundo de toda sexualidade: a troca que enriquece e a fusão que cria paradoxalmente a diversidade”²³⁴. Daí o risco, para o amor, tal como para a castidade, do fechamento em si. Teilhard se recusa a reduzir a castidade a uma virtude de privação. Da mesma forma ele se recusa a identificá-la como sendo renúncia ao amor. Diz ele:

Castidade, pois, como virtude de participação e de conquista. Mas de

232 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo L'Esprit de la Terre).

233 BERNARDI, Annamaria Tassone. O papel do feminino em Teilhard de Chardin. Disponível em: <<http://www.zenit.org/fr/articles/le-role-du-feminin-chez-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 25 jun. 2014.

234 BOFF, Leonardo. A memória sexual: base biológica da sexualidade humana. In: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010. Importante aqui salientar a ideia apresentada por este autor do masculino e feminino enquanto princípios: “Quando falamos de masculino e feminino queremos com estas palavras sinalizar a estrutura de base do ser humano [...]. Masculino e feminino existem em cada ser humano, homem e mulher, como forças produtoras de identidade e de diferenças. Mas não só. Realizam-se nas muitas dimensões da realidade total. Por exemplo, o feminino não pode ser cristalizado apenas na mulher, pois se concretiza também na Terra e no Divino”. O feminino, assim como o masculino, está presente no homem e na mulher.

nenhuma maneira escola de restrição e de evasão. A pureza, muitas vezes nos foi apresentada como um cristal frágil que só se poderia conservar ao abrigo dos golpes e da luz. Quando na realidade se parece mais a uma chama que assimila qualquer coisa à medida de seus ardores. – *Omnia munda mundis [Tudo é puro para os puros]*, a frase é justa numa primeira aproximação. Entre espírito e corpo tudo é verdadeiramente questão de 'potencial'. 'Queimar ou queimar-se'. Volatilizar a Matéria ou deixar-se corromper por ela. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 69)²³⁵.

A castidade, tal como o amor, não pode levar o homem à evasão do mundo, ao abandono das coisas, a uma espécie de separação e de isolamento. O mundo da matéria, da carne, não é uma realidade impura. O verdadeiro amor é sempre fecundo, não se fecha ou se isola. Aquele que ama verdadeiramente tem ouvidos atentos e consegue captar as vozes do mundo que nele gritam.

A descoberta do amor, do feminino que é para Teilhard “[...] a Matéria em sua forma mais virulenta” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 60)²³⁶, fez com que ele compreendesse a necessidade de desmaterializar a matéria²³⁷, de apreendê-la em seus múltiplos sentidos e variadas nuances. É possível torná-la fecunda e dessa forma evitar sua perda. A matéria, da mesma forma que o amor e a castidade, só é má quando não produz frutos, quando impulsiona o isolamento e a solidão que afasta do mundo. O Deus cristão amado por Teilhard é na sua intimidade mais profunda uma relação e, segundo o relato do Gênesis, teria criado homem e mulher à sua semelhança, ou seja, seres feitos para a união e o amor. Desta forma, o místico do Auvergne teria compreendido o humano, como ele mesmo revela:

O Homem é essencialmente uma tendência à união completiva, uma capacidade de amar. Coisa que Platão teria dito há muito tempo. A partir desse impulso primordial é que se desenvolve, e ascende, e se diversifica, a luxuriante complexidade da vida intelectual e sentimental, Por mais altas e amplas que sejam, nossas ramas espirituais se fundem no corporal. Das reservas passionais do Homem é que ascendem, transfigurados, o calor e a luz de sua alma. Ali, como em um germe, se concentram inicialmente, em nossa opinião, a ponta mais fina, a fonte mais delicada, de todo desenvolvimento espiritual. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 62)²³⁸.

Foi o contato e amizade com diferentes mulheres que levaram Teilhard a compreender a importância da relação, da disponibilidade de abrir-se para um outro, de

235 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do ensaio *La evolucion de la castidad*.

236 Ibid. Do ensaio *La evolucion de la castidad*.

237 Os anos vividos na China contribuirão para o aprofundamento desta intuição. Por isso nos dedicaremos de forma mais intensa a este tópico do pensamento teilhardiano no capítulo deste trabalho dedicado à sua “experiência do Oriente”.

238 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do ensaio *La evolucion de la castidade*.

deixar-se fecundar por este outro e com ele crescer. Mas foi Lucile e seu amor incondicional que o fizeram avançar ainda mais a ponto de pensar numa terceira via²³⁹. Assim diz Boudignon da amizade dos dois:

Deste encontro resultou uma amizade excepcional – por sua intensidade e pelas trocas que ela provocou. Lucile amou Pierre Teilhard de Chardin e se devotou a esse amor. Ele aceitou e respondeu-lhe a seu modo, recusando ceder aos sonhos de Lucile que esperou por muito tempo e em vão uma renúncia a seus votos. Lucile, que certamente não buscou seduzir Pierre no sentido comum deste termo, não via porque esta atração mútua entre duas pessoas não poderia chegar à sua perfeita realização. Quando Pierre tomou consciência da seriedade da situação, ele tentou encontrar uma saída, bem confusa, esquematizando as linhas do que poderia ser uma terceira via, uma espécie de paixão em branco! (BOUDIGNON, 2008, p. 134)²⁴⁰.

Não se trata, na verdade, de uma paixão em branco, mas da única saída pensada por um sacerdote que não deseja romper com a Igreja e no entanto tem consciência da necessidade do amor para a própria vida e para o crescimento da humanidade. A recusa ao amor desumaniza o homem. Feito para o amor, o homem só se faz no e pelo amor. O desenvolvimento e a ascensão humana dependem dessa energia primeira, “[...] a mais poderosa do mundo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 221)²⁴¹, “[...] a mais universal, mais formidável e mais misteriosa das energias cósmicas” (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 40)²⁴², desse impulso vital que faz os seres se aproximarem. Homem e mulher não precisam evitar um ao outro; do contrário devem ir um para o outro e para adiante, conservando de sua atração mútua só aquilo que os faz ascenderem. Assim, diz o místico do Auvergne,[...] não haveria contato imediato, mas só de convergência para o alto. *O instante da entrega total coincidiria então com o divino encontro*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 75)²⁴³.

A proposta, analisada rapidamente, parece sem sentido, nada diferente daquela que sempre foi a diretriz adotada pela instituição eclesial em matéria de castidade. Mas quando se considera o contexto histórico de Teilhard, compreende-se sua ousadia. Ele viveu num tempo marcado pelo pensamento que o amor a Deus deveria extinguir, no coração daqueles que se dedicavam à vida religiosa, todo ímpeto de amizade entre homem e mulher. Este caminho foi

239 “Via tertia. Palavras latinas significando 'terceira via'. Itinerário místico que consiste em ir ao céu através da terra, a comungar com Deus pelo mundo. Desapego, não mais por ruptura, mas por travessia e sublimação. Espiritualização, não mais por negação ou evasão do múltiplo, mas por emergência”. CUÉNOT, Claude. **Lexique Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1963, p. 89.

240 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

241 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 15 de julho de 1948 à Rhoda de Terra.

242 Id. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo L'Esprit de la Terre.

243 Id. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do ensaio La evolución de la castidad.

rejeitado pelo jesuíta, para quem não era necessário privar-se da relação amorosa para atingir a santidade; era preciso estabelecer a relação de uma nova forma. O homem, diz ele, não pode atingir “[...] a maturidade e a plenitude espirituais, fora de alguma influência 'sentimental' que vem nele, sensibilizar a inteligência e excitar, pelo menos inicialmente, as potências de amar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 72)²⁴⁴. Só os que vivem a experiência do amor podem compreendê-lo e por isso nenhum homem ou mulher estão dispensados desta afetividade enriquecedora que só pode ser humanamente apreendida na relação.

Em *Le coeur de la Matière*, o místico jesuíta precisa melhor esta ideia de uma terceira via, apresentando-a como a via de superação da polaridade entre um matrimônio voltado para a reprodução e a perfeição religiosa entendida como separação. O amor é tão importante para aqueles que decidiram se casar, quanto para os que se decidiram pelo caminho da castidade. Não é necessário fugir da matéria ou da carne, é preciso conquistá-la e dessa forma divinizá-la:

[...] por mais primordial e estrutural que seja, no psiquismo humano, o encontro plenificante dos sexos, nada prova (muito pelo contrário!) que nós possuímos ainda uma ideia exata do funcionamento e das melhores formas desta fundamental complementariedade. – Entre um casamento sempre polarizado, socialmente, sobre a reprodução, e uma perfeição religiosa sempre apresentada, teologicamente, em termos de separação, uma terceira via (eu não digo *intermediária*, mas superior) nos falta decididamente: via exigida pela transformação revolucionária ultimamente operada em nosso pensamento pela transposição da noção de 'espírito'. Espírito, nós o vimos, não de desmaterialização, mas de síntese. *Matéria matrix*. Não fuga (por proibição), mas conquista (por sublimação) das insondáveis potências espirituais ainda adormecidas sob a atração mútua dos sexos: tais são, estou cada vez mais convencido, a secreta essência e a magnífica tarefa futura da castidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 72-73)²⁴⁵.

A opção pela castidade não implica, ou pelo menos não deveria implicar, interdição do encontro entre os sexos. Homem e mulher têm necessidade desse encontro, dessa experiência amorosa, qualquer que seja a opção de suas vidas. No entendimento do jesuíta, o amor humano, reflexo do amor divino, não é ruptura e aprisionamento, mas exaltação e purificação das potencialidades mais íntimas do ser. É o que revela uma carta escrita a Lucile:

A orientação fundamental de minha vida, você o sabe, é provar aos outros, e primeiro a mim mesmo, que o amor de Deus não destrói mas exalta e purifica toda capacidade terrestre de compreender e de amar. Isto te explicará, talvez, porque, quando eu te encontrei, eu te aceitei como um presente maravilhoso. Eu pensava (e penso *mais que nunca*) que tinha

244 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le coeur de la matière*. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

245 Ibid.

descoberto algo de magnífico que me ajudaria a viver mais intensamente, de maneira que eu pudesse me consagrar mais eficazmente à tarefa divina de expandir o Mundo em torno de mim. Assim, possa eu ser teu, realmente teu, sendo inspirado por você e crescendo com você num mesmo espírito. Mas, como teu amigo pertence a um Outro, Lucile, eu não posso ser teu senão sendo simplesmente e momentaneamente feliz contigo [...]. Lembre-se deste pensamento tirado da curta página que vos dei [...]: 'conquistar as coisas, não só para desfrutar delas, mas para convergir com elas em algo ou alguém sempre mais alto'. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 38-39)²⁴⁶.

Teilhard não recusou o amor exigente e apaixonado de Lucile e, se assim o fez, foi por saber da importância dessa relação para seu crescimento e para o progresso do mundo à sua volta. Foram as mulheres que o ajudaram a viver mais intensamente, foram elas que o inspiraram e apoiaram na tarefa divina de fazer expandir o mundo, tarefa à qual ele consagrou toda a sua vida. Ele tinha necessidade de amar para ser mais, da mesma forma que tinha consciência de sua pertença a um Outro. O que parecia um dilema o fez então descobrir que o amor deve fazer progredir, deve fazer o homem abandonar a velha casca e a segurança da praia em busca de águas mais profundas; deve ser força que ajude a construir o mundo, tinta destinada a colorir e embelezar a criação. Uma relação que se fecha e estagna não é amor, porque o amor é conquista contínua que não se detém na posse, mas se rejubila na busca e na constante descoberta. Não sem razão o mago apaixonado diria para sua iniciada:

As pessoas dão flores de presente porque nas flores está o verdadeiro sentido do amor. Quem tentar possuir uma flor verá sua beleza murchando, mas quem apenas olhar uma flor num campo, permanecerá para sempre com ela. Porque ela combina com a tarde, com o por-do-sol, com o cheiro da terra e com as nuvens do horizonte. Você nunca será minha e por isso terei você para sempre. (COELHO, 2013)²⁴⁷.

A terceira via proposta por Teilhard não é, pois, tão confusa ou sem sentido como parecera de início. Para Coutagne, o místico jesuíta não se conforma em reduzir a castidade a uma virtude de privação e dessa forma “[...] permite compreender o sentido da amizade entre homem e mulher, quer dizer, aquele de uma união espiritual integralmente voltada para a busca de Deus e orientada por Deus mesmo”²⁴⁸. Os diálogos entre Pierre e Lucile favorecem a compreensão deste novo tipo de relação pensado por ele, uma ligação baseada no amor que faz homem e mulher caminharem juntos para o encontro com o Único Necessário. Lucile, apesar de seu amor ofensivo, como ela mesma diz, certamente compreendeu o desejo de seu

246 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 14 de novembro de 1933.

247 COELHO, Paulo. **Brida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

248 COUTAGNE, Marie-Jeanne. L'éternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

amado e aceitou com ele viver a terceira via. Sua relação, no entanto, foi sempre permeada de questionamentos:

Eu te escrevi justamente antes de tua partida para falar do 'físico'. Eu te peço, não pense que com isso eu quero dizer apenas sexo. Isto criaria uma ligação entre nós que acrescentaria uma força que mais *nada* poderia dar, eu creio. No entanto, isto é só um aspecto. Eu quero estar com você quando você estiver bem, assim como quando estiver mal. Ir ver belas coisas e caminhar em tua companhia. Em outras palavras, eu quero permanecer sempre do teu lado, rir e brincar e rezar com você. Não compreende o quanto isto é importante na vida, e como é justo e normal, e como isto é um dom de Deus? (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 56)²⁴⁹.

Lucile, estando com Teilhard nos bons e maus momentos, fê-lo compreender a beleza e singularidade de um caminho percorrido a dois. De igual maneira ela o fez pensar sobre o amor de Deus que não exclui o amor humano, mas dele se alimenta. É o que ela revela em seu diário:

Relendo-me [...] eu retomo esta frase: 'Eu *preciso* do amor de P. como preciso do amor de Deus'. E eu não creio que isto seja verdade. Deus *deve* vir primeiro [...]. Mas me parece que eles podem vir juntos quase de mãos dadas – como o mais pode ajudar o menos – de modo que o Menos tornando-se mais puro, torne-se uma parte do Mais, reforçando-se por ele. – 'Puro' – ou seja – menos egoísta. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 59)²⁵⁰.

Lucile recebeu o amor de Teilhard como um dom de Deus, consciente de que a relação vivida entre os dois a faria cada dia mais uma mulher melhor. É o que se deduz de uma nota deixada por ela em seu diário:

Eu tenho ainda uma carta tua recebida há três dias e você diz 'mais profundamente que nunca vosso'. Eu me pergunto o que você quer dizer. Mas é mais e isto me basta. Você estará em casa dentro de alguns dias. Eu creio que não posso esperar. Como ocupar este tempo e o que posso fazer e pensar para ser mais digna de vós, Pierre. Eu tentarei. Esteja seguro disso, pois eu desejo tanto teu amor que tudo farei para mantê-lo e para fazê-lo crescer. Afim de que eu possa ser uma parte de tua vida assim como você é parte da minha, eu aprenderei a controlar minhas emoções. [...]. Eu te amo cada minuto de cada dia e este amor vai fazer de mim uma mulher melhor e eu espero, mais pura. Eu permaneço no meu lugar para nada fazer que seja indigno de nossa amizade, e eu compreendo cada vez mais tuas ideias e nelas acredito cada vez mais e estou tentando incorporá-las, de modo que eu devo ser melhor. Mas ainda te amo de uma maneira ofensiva – que não é provavelmente a maneira com a qual você deseja que eu te ame – mas, Pierre, eu aprenderei – e você me ajudará. (TEILHARD DE CHARDIN;

249 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Nota de Lucile Swan por ela mesma.

250 Ibid. Diário de Lucile.

SWAN, 2009, p. 54)²⁵¹.

O amor não necessariamente precisa ser concretizado na relação sexual. Há muitas formas de amar e todas elas essenciais para humanizar o humano e dessa forma torná-lo divino. Mas a terceira via de Teilhard não exclui de forma radical o dado físico e aí reside a originalidade de sua proposta. A decisão pela castidade não o fez recusar o amor de Lucile, muito menos o fez deixar de amá-la. E como ele bem mesmo observa, seu sentimento nunca se dirigiu ao abstrato. O que ele entendeu ser tão importante para seu amadurecimento pessoal foi a feminilidade de Lucile, o que nela ele amou foi a mulher. É o que revela esta carta:

Hoje, devo dizer como, interiormente, eu fui tocado por tua carta. Eu a li muitas vezes com atenção, ela foi meu sol 'interior', ontem. Sim, Lucile, eu preciso de tua feminilidade. E toda questão para mim é saber como eu posso dela me beneficiar sem perturbar de modo indevido tua vida. Deus (de quem eu sonho que você faça progressivamente a descoberta) nos ajudará a encontrar o caminho que nos levará finalmente a Ele. Quando nos reencontrarmos, deveremos falar ainda de tua concepção 'trinitária' do amor perfeito. O problema, eu te disse, existe tanto para mim quanto para você, ainda que, por complexas razões, eu creio dever me agarrar a uma antiga solução. Permita-me fazer observar que o meu tipo de resposta não exclui o elemento 'físico', porque não é um espírito abstrato, mas a 'mulher', que eu descobri em você. Toda questão está em decidir se, entre os 'efeitos' naturais aos quais você faz alusão, alguns não devam ser evitados (em certos casos) precisamente porque eles trazem neles mesmos um fim, ou uma realização, ou um acabamento interno que na verdade é mais um *termo* que um *passo* avante para uma união espiritual completa. No entanto, você tem razão de fazer observar que a vida procede sempre por acordos. Mas então, nós devemos compreender que obedecer a estas 'contingências' não é uma simples expressão de bom senso. Esta submissão exprime nossa convicção: aquela de pensar que o que de mais belo podemos fazer em nossa vida é ocupar tão perfeitamente quanto possível o lugar que nos é atribuído no Universo. No nosso caso particular, podemos experimentar também uma certa felicidade em pensar que o trabalho de descoberta de algo de grande e de novo – a 'nouvelle invention du Feu' – tem sua contrapartida em [...] certas lacunas e certos encargos. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 55)²⁵².

Teilhard tem consciência da importância da presença de Lucile em sua vida, ela é seu sol interior, luz que ilumina e calor que aquece. Ele se sente mais forte e melhor pelo fato de ser amado e não se sentir só interiormente (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009)²⁵³. Seu desejo, no entanto, é beneficiar-se deste contato sem prejudicá-la. Enfim, ele compreende

251 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Nota de Lucile Swan por ela mesma.

252 Ibid. Carta de 18 de julho de 1934.

253 Ibid. Carta de 10 de abril de 1934. “Eu me sinto mais forte e melhor pelo fato de você me amar. E você tem o poder de me dar a luz e a força da qual eu necessito, precisamente porque você é tão franca, e porque você me compreende. Não há nada melhor do que não se sentir **só interiormente**, não é?”.

o amor mais exigente e sabe que não pode respondê-lo da maneira por ela esperada. Seu espírito naturalmente reflexivo e conciliador buscará uma solução capaz de favorecer as duas partes e a resposta encontrada é a terceira via. Ao casal, homem e mulher, Teilhard propõe, como explica Coutagne, “[...] uma ascese não de separação ou de oposição, mas de integração e de superação”²⁵⁴. Não é preciso que um e outro se isolem e se oponham; ao contrário é preciso que se integrem, superando o individualismo na tarefa essencial de construir e santificar o mundo. Trata-se, como revela o jesuíta, de um caminho um pouco extraordinário, mas profundamente belo; um caminho que ele não pretende abandonar como revela esta carta:

[...] ontem eu recebi a 'explosão' de Londres. Por que você me pede perdão sobre este assunto? Você é tão verdadeira no que diz, tão você mesma, tão bela, tão querida, que antes sou eu que devo lhe pedir perdão pelo caminho um pouco extraordinário sobre o qual eu te pedi para me acompanhar. E no entanto, eu acredito, nós estamos a um passo de fazer uma maravilhosa descoberta juntos, Lucile! [...]. Você sabe o quanto te amo, Lucile, e quão profundamente. Continuemos esta bela coisa que, além de todo nome, nasceu entre nós. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 98)²⁵⁵.

A relação amorosa de Teilhard e Lucile foi, sem sombra de dúvida, uma relação singular. Eles experienciaram em suas vidas a terceira via, essa coisa além de todo nome, tal como pensada pelo místico do Auvergne. Amaram-se profunda e verdadeiramente e não há indícios de que tenham consumado sexualmente este amor. Depois da morte de Teilhard, questionada sobre alguma prova física da relação, Lucile teria sido categórica ao afirmar: nunca! (LA HÉRONNIÈRE, 2005)²⁵⁶. Doaram-se um ao outro, foram sustento um do outro, compreenderam-se, apoiaram-se e, principalmente, tornaram-se melhores um pelo outro. Certamente, ambos fizeram concessões, sofreram e se enfrentaram e no fim descobriram o verdadeiro significado do amor que é, acima de tudo, crescimento, exaltação das potencialidades, união que não destrói, mas cria.

Continuando suas reflexões sobre o amor, o místico jesuíta atenta para um outro risco enfrentado pelos que são tocados por esse sentimento, a saber, a despersonalização, a perda de si mesmo no ser amado. Amar não é perder-se no outro; pelo contrário, “[...] é encontrar-se e aperfeiçoar-se a si mesmo em outro ser” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p.

254 COUTAGNE, Marie-Jeanne. L'eternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

255 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 29 de outubro de 1935.

256 LA HÉRONNIÈRE, Edith de. **Teilhard de Chardin**: uma mística della traversata. Genova: L'ippocampo, 2005.

121)²⁵⁷. Como bem explica Comte-Sponville (2011, p. 44), “[...] o amor não é completude mas incompletude; não é fusão mas busca; não é perfeição plena mas pobreza devoradora”²⁵⁸. Ser de relação, o homem só descobre a essência de si mesmo, ou seja, só se conhece no encontro com o outro. Mas o encontro não pode levar à perda de identidade. Muitas vezes Teilhard insistirá nesse ponto dizendo que “[a] verdadeira união não confunde os seres que aproxima. Pelo contrário, diferencia-os ainda mais; isto é, quando se trata de partículas dotadas de reflexão, ultrapersonaliza-as” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 130)²⁵⁹. Deve-se evitar a qualquer custo que o amor se torne infecundo, estéril. Da mesma forma é preciso impedir que ele se torne barreira para o crescimento do indivíduo. O amor “[...] é sombra maternal que se debruça sobre o berço” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 259)²⁶⁰, é proteção e liberdade. Quem ama deseja que o outro cresça e por isso cuida do ser amado sem sufocá-lo.

O amor não é uma realidade distinta do mundo, é a energia que faz viver, é o sangue que alimenta e nutre a evolução; por ele o homem se faz homem. É o que nos diz o jesuíta francês:

Sempre se tem separado cuidadosamente o amor de todas as constituições realistas e positivas do Mundo. Será preciso que um dia se chegue a reconhecer nele a energia fundamental da Vida, ou se se prefere, o único meio natural no qual se pode prolongar o movimento ascendente da evolução. Sem amor se estende realmente diante de nós o espectro da nivelção e da escravidão: o destino do cupim e da formiga. Com amor e no amor se realiza o aprofundamento de nosso eu mais íntimo no vivificante ajuntamento humano. E por isso mesmo o surgimento livre e pleno de fantasia por todas as vias inexploradas. O amor que une sem confundir aqueles que se amam, o amor que faz encontrar nesse contato mútuo uma exaltação capaz de suscitar no fundo de si mesmo, cem vezes melhor que qualquer orgulho solitário, as originalidades mais fortes e criadoras. (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 75)²⁶¹.

A relação amorosa é um arrebatamento, mas nunca um arrebatamento que aliena e isola o ser; ela é oportunidade de exaltação das qualidades humanas, é fonte criadora, é raio que transfigura, mas nunca desfigura. E Teilhard segue refletindo sobre essa energia tão essencial dizendo que o amor é também aquilo que seduz em direção à luz e arrasta sem imposição de força, é a virgindade, diz ele e aqui, mais uma vez o sentido do termo extrapola

257 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *L'avenir de l'homme*. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo *L'esprit nouveau*.

258 COMTE-SPONVILLE, André. *O amor*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

259 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Ciência e Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Salvemos a humanidade: reflexões sobre a crise atual*.

260 Id. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *L'Éternel Féminin*.

261 Id. *L'avenir de l'homme*. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo *La grande option*.

o comumente dito, pois, como explica Leonardo Boff (2003, p. 21), “[...] a virgindade não deve ser compreendida apenas como um dado físico-biológico, mas antes como expressão da liberdade que se consagra inteiramente a Deus”²⁶². Já no século XIII o místico renano Mestre Eckhart afirmara:

Virgem diz o mesmo que o homem livre de todas as imagens estranhas, tão livre como era quando ainda não era. [...]. Agora prestai atenção e observai com precisão! Se o homem permanecesse para sempre moça-*virgem*, dele não viria nenhum fruto. Para tornar-se fecundo, é necessário que seja mulher. 'Mulher' é o nome, o mais nobre que se pode atribuir à alma, e é muito mais nobre do que 'moça-*virgem*'. Que o homem conceba Deus em si é bom, e nessa concepção é ele moça-*virgem*. Mas que Deus se torne nele fecundo, isso é bem melhor. (ECKHART, 2006, p. 46-47)²⁶³.

A Virgem, diz Teilhard, é mulher e mãe; é o amor que atrai e ao mesmo tempo esvazia-se para deixar o outro transparecer, é útero que acolhe e alimenta para que cresça o novo ser, é terra fecunda aguardando a semente. Na mulher que se fez mãe, Deus habitou a humanidade. Em Maria, a virgindade não é infecundidade, mas doação; seu corpo deixa de ser seu e se torna abrigo de Deus:

Vede! Insensivelmente o foco da minha atração desloca-se para o pólo em que convergem todas as direções do Espírito... A íris dos meus encantos, lançada como um adorno sobre a Criação, dobra lentamente as suas franjas... A sombra atinge já a carne, mesmo purificada pelos sacramentos. Um dia, talvez, ela alcançará até a arte, até a ciência, – essas coisas que se amam como uma Mulher... O raio volta-se. É necessário segui-lo. Em breve não vos restará senão Deus num Universo inteiramente virginizado. Em mim é Deus que vos espera! Deus, eu o atraí a mim muito antes de vós... Muito antes de o Homem ter medido a extensão do meu poder, e divinizado o sentido de minha atração, o Senhor já me concebera completa na sua Sabedoria, e eu tinha conquistado o seu Coração. Pensais que sem a minha Pureza para seduzi-lo, ele jamais teria descido, encarnado, no meio da sua Criação? Só o amor é capaz de mover o ser. Portanto Deus, para poder sair de si, devia previamente estender diante dos seus passos um caminho de desejo, espalhar à sua frente um perfume de beleza. Foi então que Ele me fez surgir, vapor luminoso, sobre o abismo – entre a Terra e Ele –, para vir em mim habitar entre vós. Compreendeis agora o segredo da vossa emoção quando me aproximo?... A terna compaixão, o encanto de santidade que emanam da Mulher – tão naturalmente que não se pode buscá-lo senão junto dela, e no entanto tão misteriosamente que não se pode dizer qual a sua fonte –, é a presença de Deus que se faz sentir, e que vos enche de ardor. Colocada entre Deus e a Terra, como uma região de atração comum, faço-os chegar um ao outro, apaixonadamente. Sou a Igreja, Esposa de Jesus. Sou a Virgem Maria, Mãe de todos os homens. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 260-

262 BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

263 ECKHART, Meister. **Sermões alemães**: sermões 1 a 60. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006. Sermão 2.

261)²⁶⁴.

Para Teilhard, o amor ideal é o da Virgem, que atraiu Deus ao mundo (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 261)²⁶⁵, e cuja fé o fez transparecer no meio da humanidade sob a forma de uma pequena criança. Se “[...] o amor de Beatriz leva Dante ao Paraíso” (LUCCHESI, 2013, p. 32)²⁶⁶, para o encontro com “[...] o amor que move o sol e outras estrelas” (ALIGHIERI, 2010, p. 234)²⁶⁷, o amor de Maria faz descer do céu esse amor, o único capaz de mover o ser, para torná-lo conhecido por todos os homens. Foi por meio de uma mulher que aquele que criou todas as coisas saiu de si para viver em meio às suas criaturas. O Verbo se fez carne, a terra se fez útero.

Muitas e diferentes mulheres apoiaram e influenciaram Teilhard de Chardin, que construiu então uma visão positiva e enaltecida do feminino. Mas há quem diga também, como André-A Devaux, que esta sua visão do feminino é fruto de sua fé em Maria, a mãe do Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré. Toda concepção teilhardiana da vocação da mulher é, segundo este autor, “[...] dominada por uma meditação atenta da figura exemplar de Maria” (DEVAUX, 1963, p. 54)²⁶⁸. Em *Le Milieu Divin*, ele afirma:

Quando chegou o momento em que Deus tinha resolvido realizar aos nossos olhos sua Encarnação, foi necessário que Ele suscitasse antes de tudo, no Mundo, uma virtude capaz de atraí-lo até nós. Ele tinha necessidade de uma Mãe que o gerasse nas esferas humanas. O que Ele fez, então? Criou a Virgem Maria, isto é, fez aparecer sobre a Terra uma pureza tão grande que, nesta transparência, Ele se concentraria até tornar-se Pequena Criança. Eis aí, expressa em sua força e sua realidade, a potência da pureza capaz de fazer nascer o Divino entre nós. No entanto, a Igreja acrescenta, dirigindo-se à Virgem Mãe: *'Beata quae credidisti' [Bendita és tu que acreditaste]*. É na fé que a pureza encontra o acabamento de sua fecundidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 154-155)²⁶⁹

Antes de tudo, Teilhard exalta a pureza enquanto forma de fazer aparecer Deus, de torná-lo transparente. O místico tinha um carinho especial pela Festa da Imaculada Conceição, que ele via, diz Devaux, como “[...] a festa da ‘ação imóvel’, da Ação suprema

264 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *L'Éternel Féminin*.

265 Ibid. Do ensaio *L'Éternel Féminin*. “É o amor ideal, aquele da Virgem, – aquele da Igreja também, de que a Virgem é na tradição cristã o símbolo exemplar –, que atraiu a este Mundo”.

266 LUCCHESI, Marco. *Nove cartas sobre a Divina Comédia*: navegações pela obra clássica de Dante. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

267 ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*: Paraíso. 2 ed. Edição bilingue. Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2010. No texto italiano: “l'amor che move il sole e l'altre stelle” e no texto português: “o Amor que move o Sol e as mais estrelas”.

268 DEVAUX, André-A. *Teilhard et la vocation de la femme*. Paris: Editions Universitaires, 1963.

269 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

porque ela ‘se exerce por simples transmissão da energia divina através de nós’” (DEVAUX, 1963, p. 55-56)²⁷⁰. Maria sofre de forma direta a ação de Deus que nela se introduz para nascer entre os homens. Mas o sim de Maria não é resignação apática frente à vontade de Deus, é ação. Maria não só deixa transparecer Deus, ela o ama e dele cuida, fazendo-o crescer entre a humanidade; é, enfim, ação imóvel porque ela age não por sua simples vontade, mas pela vontade de Deus da qual a sua é prolongamento. Por ser transparência perfeita, Maria é modelo de todas as mulheres. Nela, continua a análise de Devaux (1963, p. 56), “[...] a pureza é absoluta e a pureza é a mais ativa das virtudes ‘porque ela concentra Deus em nós e sobre aqueles que estão submissos à nossa influência’”²⁷¹. E quanto mais participamos desta pureza, mais somos e nos tornamos capazes de colaborar para a regeneração do Mundo.

Maria é a mulher que “[...] jamais viveu em si e para si” (BOFF, 2003, p. 25)²⁷², e que por isso mesmo é personificação do feminino, enquanto dom de si²⁷³. É aquela onde “[...] o feminino encontra sua mais alta realização e através da qual o Cristo se manifesta”²⁷⁴. É a mulher de fé que acredita e age, ou seja, que não se deixa imobilizar pela fé, mas dela faz o ponto de partida para a ação a favor do outro. Agraciada pela visita do anjo ou em meio a uma festa onde percebe uma situação embaraçosa, sua resposta é sempre a mesma: fazer a vontade de Deus, torná-lo presente e concreto no cotidiano da vida. O fato é que não é possível negar o lugar especial que Maria ocupou na visão de Teilhard sobre o amor, a união, o feminino. Ela recebeu Deus em seu ventre e soube amá-lo sem possuí-lo egoisticamente; pelo contrário fê-lo surgir sempre mais, ser sempre mais na humanidade. Eis o modelo de amor sempre defendido por Teilhard, a união criadora. Em Maria, Deus emerge da natureza; o Pai se faz Filho. O fruto de seu ventre não é simplesmente divino ou simplesmente humano; é o divino que se faz humano para tornar divina todas as coisas. Para Baudry, por ter assumido o fenômeno cristão na própria síntese, é compreensível o fato de Teilhard ter visto na mãe de Jesus,

[...] o ponto de chegada da evolução do Feminino, que aqui abre caminho ao limiar definitivo. É Deus mesmo que, emergindo-se na Natureza, torna-se filho de Mulher. A espiritualização do mundo tem um novo início e irá se concluir em uma humanidade transfigurada. O amor mais espiritualizado

270 DEVAUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Editions Universitaires, 1963.

271 Ibid.

272 BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

273 “O homem dá, a mulher é dom”. BOFF, Leonardo. A construção histórico-social dos sexos: o gênero.. In: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 47.

274 COUTAGNE, Marie-Jeanne. L'eternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

torna-se de modo mais consciente o motor do Mundo; o Eros não desaparece, mas se transfigura em Ágape. O Feminino é, por assim dizer, o lugar de uma dúplice dialética: a dialética vital da união criadora 'que ajunta os elementos que vão se aproximando, faz com que se fundam dois a dois e renasçam numa terceira coisa'. A díade se faz tríade. E a dialética transcendental tem três termos: o Homem, a Mulher, e Deus que é o Centro. Graças ao amor, o mundo se torna diáfano e transparente: no outro eu encontro o Totalmente Outro, na pessoa humana amada eu me ponho em contato com a pessoa divina. (BAUDRY, 2010, p. 79)²⁷⁵.

Atenta aos pequenos detalhes, a mulher, símbolo do amor, é a primeira a perceber a falta do vinho na festa da vida. Sua compaixão e sua atenção fazem com que sinais se realizem e milagres aconteçam, sua felicidade é buscada naquela de um outro. A mulher é, como tão sabiamente salientou Leonardo Boff, o rosto materno de Deus (BOFF, 2003)²⁷⁶. Um Deus que gera, que alimenta, que cuida, que sara as feridas, que se dispõe a partilhar o próprio corpo e que se faz alimento para que a vida aconteça. Não sem razão a relação entre mãe e filho, entre aquela que cria e aquele que é criado, é uma das mais completas experiências de amor. A mulher que gera a vida²⁷⁷ conhece, por ter vivido em sua própria história, o amor incondicional, enfim, conhece Deus, porque, explica Comte-Sponville, ainda que o amor não seja Deus ele “[...] é o que, no homem, mais se parece com Deus, o que nos deu a ideia dele, talvez, e o que faz as vezes dele” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 117)²⁷⁸.

Teilhard amou e foi amado; por este motivo conheceu Deus e soube captá-lo no que há de mais íntimo e pulsante da vida. Não recusou o amor e tudo o que de bom e fecundo este sentimento tem para oferecer, por isso foi capaz de entender que um novo passo fundamental para a humanidade na sua caminhada em busca de formas melhores de existência ainda teria de ser dado. Na evolução da espécie o salto da reflexão sinalizou um momento decisivo. Por saber que sabe o homem, à diferença de seus antecessores na árvore da vida, foi capaz de planejar, de pensar sobre o futuro e tomar decisões que, pelo menos aprioristicamente, garantiriam a realização plena de seus desejos. Agora é preciso que ele, o homem, tome consciência de sua capacidade de amar e de pelo amor crescer e inflamar o mundo à sua volta para que ele, o mundo, se torne sempre mais um lugar melhor de se viver:

[...] à este grande evento cósmico da Reflexão, um complemento essencial se descobre, a quem sabe ver, sob a forma do que poderíamos chamar 'o Passo

275 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

276 BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

277 Evidentemente não nos referimos aqui ao aspecto biológico da maternidade. Geradoras e geradores de vida são todos aqueles, homens ou mulheres, que se dispõem a cuidar de alguém para que este cresça.

278 COMTE-SPONVILLE, André. **O amor**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

da amorização'. Mesmo depois da iluminação do indivíduo subitamente revelado a si mesmo, o Homem elementar permaneceria inacabado se, pelo encontro com o outro sexo, à atração cêntrica de pessoa a pessoa, ele não se inflamasse. Aperfeiçoando a aparição de uma mônada reflexiva, a formação de uma díade afetiva. E só depois disto (quer dizer a partir desta faísca primeira), tudo o que a seguir nós descrevemos: a saber, a gradual e grandiosa elaboração de um Néocósmico, de um Ultra-humano, e de um Pan-cristico... Todos os três não só iluminados radicalmente pela Inteligência, mas também impregnados na sua massa inteira, Como por um cimento unitivo, Pelo Universal Feminino. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 73)²⁷⁹.

279 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

CAPÍTULO II

A EXPERIÊNCIA DA GUERRA

[...] os sobreviventes da Frente, guardarão no seu coração um lugar sempre vazio, tão grande que nada de visível o poderá jamais preencher. Que digam então, para vencer a nostalgia, que lhes é dado ainda sentir, apesar das aparências, passar neles algo da vida da Frente. Que saibam: a realidade sobre-humana que se lhes manifestou, entre os buracos dos obuses e os fios de ferro, não se retirará completamente do Mundo pacificado. Habitá-lo-á sempre, embora mais escondida. E poderá ainda reconhecê-la e unir-se-lhe, aquele que se entregou aos trabalhos da existência cotidiana, não egoisticamente, como dantes, mas religiosamente, com a consciência de continuar em Deus e para Deus, o grande trabalho de criação e de santificação de uma Humanidade que nasce sobretudo nas horas de crise, mas que não pode consumir-se senão na paz
(TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 183)¹.

Assim Pierre Teilhard de Chardin se expressava para falar da guerra. Suas palavras nos revelam um homem que soube descobrir, no meio do desespero e da morte, uma centelha de vida capaz de tudo iluminar. É em pleno campo de batalha que nosso místico vê nascer uma nova humanidade, mais forte, mais consciente; uma nova humanidade onde as preocupações corriqueiras e as convenções sociais dão lugar a uma luta ferrenha pela sobrevivência; uma humanidade que, em meio à tragédia, descobre sua vocação para a solidariedade. Da guerra Teilhard vê nascer essa nova humanidade, assim como dela ele sai homem novo.

Se o contato com o feminino, através de sua família e das inúmeras amizades que sempre o apoiaram, foi decisivo para a sua mística e suas reflexões, o mesmo se pode dizer dos anos passados na guerra. São suas próprias palavras que nos dão a medida exata do resultado de sua experiência em meio à batalha, onde ele entressonhava um ideal comum, uma obra coletiva realizada por inúmeras mãos:

No decurso da guerra, indubitavelmente, os Homens atingiram (pelo menos por alguns momentos) *uma região de espiritualidade superior*, onde suas faculdades individuais se exaltaram na execução de uma Obra coletiva. Sentiram-se mais livres e mais fortes pela consciência de *Algo que os englobava e os ultrapassava*. Eis o fato capital que, entre as incertezas e as agruras da Paz, deve permanecer para nós como a lição definitiva da guerra.

1 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La nostalgie du front*.

(TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 391-392)².

Da guerra, Teilhard tira uma lição para os tempos de paz. É em meio ao fogo cruzado que ele dá vazão às suas ideias e começa a escrever sobre o que sente e vê. Seus escritos dessa época são muito importantes para o estudo da evolução de seu pensamento, segundo alguns de seus biógrafos³, e o mesmo ele diria ao final de sua vida. No entanto, é ele também que declara não haver nada nesses papéis, nenhum assunto sobre o qual não tivesse se pronunciado com maior clareza mais tarde. Assim, ele afirma numa carta a Marguerite, escrita de Nova Iorque, em 1952: “Os meus papéis de guerra podem ser psicologicamente interessantes para estudar a ontogênese de uma ideia, mas não contêm nada que eu não tenha dito mais claramente depois” (TEILLARD-CHAMBON, 1966, p. 47)⁴.

Em pleno campo de batalha, Teilhard pressentiu uma nova era, um novo tempo e por isso, bem antes de João XXIII ter convocado o Concílio Vaticano II, ele ousou sonhar com uma Igreja capaz de “[...] perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho” (VATICANO II, GS 4)⁵. De acordo com os prefaciadores de *Gênese de um pensamento*, “[...] foi durante a guerra que brotou, com toda a sua carga de energia, a substância profunda do pensamento do Padre Teilhard” (TEILLARD-CHAMBON; BEGOUEN, 1966, p. 11)⁶. A mesma ideia será corroborada por Marguerite, a grande interlocutora do jesuíta durante os anos de confronto.

A guerra terá sido, para Pierre Teilhard, entre os acontecimentos exteriores da sua vida, provavelmente o mais decisivo. Teve uma ressonância profunda em toda a sua vida. Não é exagero dizer (ele pensava-o e disse-o) que ela o revelou a si mesmo. Seja como for, ela precipitou esse desenvolvimento interior que não se teria produzido tão cedo, e quem sabe se menos irresistivelmente, sem as circunstâncias que aumentaram consideravelmente a sua experiência humana, impulsionaram o seu espírito e temperaram o seu

-
- 2 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Terre promise*. Em seu diário íntimo, no dia 16 de fevereiro de 1916, ele assim se expressa: “Na Guerra, aprende-se a amar apaixonadamente as Causas e o Mundo, sem muito pensar em si...”. In: Id. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975, p. 35.
 - 3 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010; BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008; ZILLES, Urbano. **Pierre Teilhard de Chardin**: ciência e fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.
 - 4 TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A Guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 31-48.
 - 5 CONCÍLIO VATICANO II. A Igreja no mundo de hoje: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: Frederico VIER (Coordenação Geral). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, Decretos, Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
 - 6 TEILLARD-CHAMBON, Alice; BEGOUEN, Max Henri. Prefácio. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 9-14.

caráter. (TEILLARD-CHAMBON, 1966, p. 31)⁷

E o próprio Teilhard é enfático quando diz: “[...] sem a guerra, havia um mundo de sentimentos que não teria jamais conhecido e de que nem teria suspeitado” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 182)⁸.

Conhecer esses sentimentos, desvendar o que a guerra teria revelado ao jovem do Auvergne, entender em que sentido as circunstâncias do conflito enriqueceram sua experiência humana, seu espírito e seu caráter; descobrir que realidade sobre-humana teria se lhe manifestado a ponto dele afirmar que se sentia enfeitiçado pela Frente, é o objetivo desse capítulo, o segundo de nosso trabalho.

Esperamos atingir o que nos propomos com a certeza de que algo sempre nos escapará, uma vez que nem mesmo o próprio Teilhard foi capaz de apreender tudo o que a guerra lhe fez, todas as transformações que nele se operaram depois dessa experiência dolorosa, trágica, mortal e, ao mesmo tempo, enfeitiçante, como ele mesmo ousou dizer:

[...] a Frente enfeitiça-me [...]. Quais são pois, afinal, as propriedades dessa linha fascinante e mortal? Por que secreta virtude se prende ela ao que há de mais vivo no meu ser – para assim o atrair a ela, invencivelmente?... Visto que, neste momento, o meu olhar está mais tranquilo e penetrante, quero analisar-me mais do que alguma vez o fiz. Quero saber. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 174)⁹.

É para tentar descobrir aquilo que um dia ele mesmo quis saber que seguiremos o próprio Pierre Teilhard de Chardim nos seus anos de Guerra, anos que foram, segundo ele mesmo, seu batismo no Real.

2.1 O batismo de fogo

Compreender-me-ás se te disser que em certos momentos, depois de ter vivido um pouco com uma castelã que me faz pensar na mamã e com uma rapariga que é do gênero da Françoise ou da Guiguite, acho um pouco amargo voltar para o meio dos meus homens, ordinários, sempre a berrar. Mas isto é a feia natureza, não é? Se NS não tivesse condescendido, teria

7 TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento:** cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966, p. 31-48. Importante esclarecer que, como bem o declarou Marguerite, a Guerra serviu para o desenvolvimento das ideias de Teilhard; ou para a “[...] maturação do núcleo essencial da sua visão”, como mais recentemente afirmou Gabriele Scalmana num texto dedicado a estudar a relação entre fé e ciência no pensamento do autor. A vida na família, assim como os tempos passados no Egito e na Inglaterra, antes da Guerra, também são muito importantes. SCALMANA, Gabriele. **Teilhard de Chardin:** la fede e la scienza. Milano: In Dialogo, 2000.

8 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre:** 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La nostalgie du front*.

9 Ibid. Do escrito *La nostalgie du front*.

ficado no céu, sem leal e afetuosamente vir conviver com a nossa grosseira natureza. Devo dizer para comigo, e creio que o chegarei a sentir, que nunca noite de Natal valeu a que esta noite vou passar na palha, ao lado dos meus homens menos simpáticos, que terei assim a certeza maior de amar por verdadeira caridade.(TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 96)¹⁰

Assim desabafa Teilhard numa das primeiras cartas enviadas dos campos de batalha à sua prima. É o Natal de 1915, o primeiro passado em meio às trincheiras e ao fogo cruzado. Ele não se envergonha e confessa ser preferível passar as festas natalinas no conforto de sua casa, junto aos que lhe são mais queridos. Mas, atento aos ensinamentos que a Providência Divina lhe dá, através das circunstâncias da vida, reconhece a importância e a necessidade, ou mesmo a riqueza do contato com o que há de mais grosseiro e feio na natureza. É preciso condescender, diz ele, assim como Deus que deixou o céu para ser homem e experimentar a fragilidade da carne. E, Pierre tem certeza, nessa noite passada no desconforto e na companhia de pessoas tão pouco simpáticas, ele descobrirá o que é de fato amar por verdadeira caridade, ou seja, amar sem esperar recompensas, amar simplesmente, assim como Deus ama a sua Criação.

Com 34 anos Teilhard vai para a guerra e ali serve como soldado e capelão voluntário¹¹. Permaneceu nos campos de batalha por aproximadamente quatro anos, enfrentando muitas vezes o fogo do inimigo em busca de feridos. Da Guerra, ele saiu ileso, “[...] o que não foi o caso de sua família que, já atingida pela doença, perdeu dois filhos nos combates” (BOUDIGNON, 2008, p. 31)¹², e nela ele, que provinha de um meio aristocrático, conheceu o Real, ou seja a realidade da vida com tudo o que nela há de bom e de mal.

Tendo estudado no Colégio de Mongré, que não adotara um tom modernista mesmo depois do Caso Dreyfus, que acelerara, possivelmente, a votação da lei de separação entre a

10 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 24 de dezembro de 1915.

11 Ao que tudo indica, ele exercia seu ministério de padre, quando era preciso. Em muitas de suas cartas a Marguerite ele fala da alegria de celebrar a missa. Mas a sua função na guerra era a de soldado e não de capelão. KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

12 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008. Gonzague morreu logo no início da Guerra, no ano de 1914, e Olivier em 1918. Após a Guerra só cinco filhos sobraram da família de onze filhos, e Guiguite, a única irmã viva, ficava cada vez mais doente de uma paralisia quase total. Teilhard viveu ainda o drama do afastamento de seus trabalhos de escavações.

Igreja e o Estado, Pierre recebeu uma educação bastante tradicional¹³. E fora dos muros do Colégio, o menino do Auvergne não teve também oportunidade de entrar em contato com pensadores mais livres. Emmanuel e Berthe, o pai e a mãe de Teilhard, eram cuidadosamente atenciosos “[...] para preservar seus filhos de companhias que eles julgavam pouco convenientes para eles”(BOUDIGNON, 2008, p. 18)¹⁴. Mesmo nas férias, o contato que se estabelecia com outros parentes, era monitorado. Desse contato eram excluídos primos e primas que pareciam suspeitos. Uma curiosidade que comprova essa excessiva proteção era o fato de que, mais tarde, “[...] aqueles que se sentiram excluídos, usaram para designar a casa dos Teilhard em Clermon de um vocábulo claustral: 'A Grande Prisão’” (BOUDIGNON, 2008, p. 18)¹⁵. Disso é possível concluir que nosso jesuíta foi, por muito tempo, protegido e afastado da diversidade do mundo. E, convocado para a grande batalha, todo esse muro de proteção desmorona.

Para ele, a guerra significou muito mais do que batalhas, perigos e privações. Representou a descoberta de um rico 'milieu humano', da diversidade de soldados no *front*, provenientes de vários contextos e países, de muitas religiões das colônias francesas da época. Essa era uma humanidade imensamente diferente, bem mais complexa do que a que ele conhecera anteriormente no ambiente protegido de sua vida familiar e religiosa. O volume de trabalho que ele concluiu nas exaustivas condições de batalha é simplesmente surpreendente. Com profunda sensibilidade e, poder-se-ia dizer, extremo desapego, Teilhard fazia caminhadas solitárias em meio às batalhas e refletia sobre essas questões: Qual o sentido da vida? Onde estava Deus nesses campos de batalha e de morte? Para onde caminhava a humanidade? Como todos esses diversos grupos humanos de ambos os lados da linha de batalha, provenientes não só da França e da Alemanha, mas também de territórios coloniais na África e na Ásia, pertenciam a uma única família humana? Qual o papel da fé cristã no imenso processo cósmico que é a evolução da vida? (KING, 2002, p. 49)¹⁶.

O menino do Auvergne, protegido pela família, até então não conhecera ou não se perguntara sobre essa enorme diversidade humana. É junto à lama das trincheiras que ele

13 A respeito da educação recebida vale a pena sublinhar que Teilhard não tinha boas recordações de sua escola e seus professores. Ao irmão Joseph afirma que o Colégio era o único lugar ao qual ele não tinha nenhum desejo de retornar e vai ainda mais longe dizendo ter se sentido enganado por seus educadores que, sabia ele, não o fizeram por vontade, mas por falta de escolha. Mas, como é próprio de seu caráter, ele conclui seu desabafo dizendo: “E no entanto, graças às consequências destes erros, Deus sabe como eu tive uma existência excitante e favorecida”. BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008, p. 17.

14 Ibid.

15 Ibid.

16 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2002. Essas e outras questões vão ocupar a cabeça do jovem jesuíta nos anos de confronto. Seu diário de guerra, suas anotações e, sobretudo, as cartas enviadas a Marguerite nos permitem entrever o que se passava no seu íntimo.

descobre essa enormidade de homens e mulheres que se amam e lutam por um ideal comum, ao mesmo tempo que se enfrentam até que um vença o outro pela força e pelo fogo. São muitos e abundantes questionamentos que se colocam para este jovem rapaz tão cheio de fé na vida e na bondade do ser humano, tão pleno de confiança no Deus que ama a sua Criação como a mãe ama o filho que sai de suas entranhas.

Mas, diferente do que pode parecer, esse encontro com pessoas tão díspares nunca o assustou. Pelo contrário, revelou-lhe qualidades desconhecidas, ou escondidas sob o véu das banalidades. Sua capacidade inata de amizade só fez crescer no seio das linhas de batalha.

Durante a guerra, sua vida se cruzou com a de muitas outras pessoas, cristãos, muçulmanos, ateus. Embora houvesse se ordenado sacerdote, decidira trabalhar não como capelão, mas como padioleiro no *front*. Os soldados muçulmanos do norte da África que serviam em seu regimento não tinham capelão próprio; portanto, era Teilhard quem os assistia nos momentos de morte. Os soldados muçulmanos reconheceram o poder espiritual de Teilhard e o chamavam de *sidi marabout*, termo norte-africano que designa o homem intimamente ligado a Deus, um santo e ascético protegido por *baraka*, ou a graça e o poder divinos, que, segundo acreditavam, o mantinha invulnerável em todas as batalhas. (KING, 2002, p. 50)¹⁷.

Pierre Teilhard de Chardin não se deixava levar pelas convenções e muito menos se perdia em meio às disputas ideológicas e teológicas. Ele estava disposto a levar suas palavras consoladoras para quem quer que fosse. A pertença religiosa não era obstáculo para seu espírito solidário e amoroso. A recompensa é o reconhecimento por parte daqueles que, professando uma fé diferente, o vêem como alguém abraçado e protegido pela graça.

O menino do Auvergne, que sempre gostou de escrever cartas e de registrar por escrito suas impressões e reflexões, não abandonou esse hábito nos campos de batalha¹⁸.

17 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

18 Na Guerra, o jovem jesuíta deixa de escrever para os pais e passa a destinar suas cartas a Marguerite, sua prima que conserva zelosamente todas as cartas recebidas. Em 1959, sua morte acidental, interrompe seus planos de publicar o que recebera do primo. É Alice, sua irmã, que anos depois se encarregará dessa publicação, sob a forma de uma coletânea intitulada *Gênese de um pensamento*. Marguerite e Pierre tinham se acostumado a debater vários assuntos e quando a guerra os separou as trocas prosseguiram por escrito. Muitas cartas foram enviadas pelo jovem soldado à prima e amiga de infância. As respostas são desconhecidas, tendo em vista o costume que tinha Pierre de se desfazer das missivas, só mantendo-as consigo até que fossem por ele respondidas. Junto a estas cartas, também eram enviados artigos que ele distribuía entre os que lhe eram próximos, como é o caso de uma bola para distrair os soldados de seu regimento. BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008. Dessa bola temos notícia através de duas cartas. Em 9 de fevereiro de 1915 ele escreve pedindo a bola de futebol e em 15 de fevereiro ele agradece por tê-la recebido. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966. Do envio de outros produtos, como roupas de lã temos notícias em várias cartas. São fatos que nos revelam o amor de Teilhard pelos homens, amor este traduzido em gestos de cuidado e delicadeza mesmo em meio às trevas da guerra.

Tomado pelo ritmo frenético e caótico da vida na guerra, Teilhard aproveitava todo o seu tempo livre para colocar no papel as ideias que fervilhavam¹⁹. Aliás, pode-se dizer que ele

[...] sentiu-se mais inspirado e compelido a começar a escrever em meio ao fogo das batalhas da I Guerra Mundial. Quase diariamente na fronteira entre a vida e a morte, ele percebeu a urgência de expressar sua visão interior, pois sentiu que tinha visto algo novo que queria comunicar aos outros (KING, 2002, p. 49)²⁰.

E é justamente a necessidade de comunicar ao mundo o que viu e sentiu que fará de Pierre um escritor quase compulsivo. A percepção dessa necessidade, que o seguirá durante toda a sua vida, se dá na guerra, talvez pelo risco iminente da morte que espreitava por todos os lados. Seu primeiro ensaio, *La Vie cosmique*, de 1916, é, como ele mesmo declara, seu “testamento intelectual”. E eis o que, neste escrito, revela Teilhard (1965, p. 5):

Escrevo estas linhas por exuberância de vida e por necessidade de viver; – para exprimir uma visão apaixonada da Terra; e para procurar uma solução para as dúvidas da minha ação; – porque amo o Universo, as suas energias, os seus segredos, as suas esperanças, e porque, simultaneamente me dediquei a Deus, única Origem, única Saída, único Termo. Quero exaltar aqui o meu amor à matéria e à vida, e harmonizá-lo, se possível com a adoração única da única Divindade absoluta e definitiva.²¹

Apasionado pela vida, ele quer afirmá-la em meio à guerra. E o faz de uma forma belíssima, desvelando sua própria alma de homem apaixonado pela terra e pela Divindade única amada desde a infância; alma buscadora de uma solução que não o obrigasse a ter de escolher entre seus dois grandes amores, o Mundo e Deus.

O fato é que na frente de batalha, absorvido, quem sabe, pelo clima de tensão e medo, o jesuíta do Auvergne escreveu e escreveu muito. Embora nesses primeiros ensaios ele fale sobre temas que mais tarde retomará com mais clareza, não se pode olvidá-los num estudo sobre uma obra tão vasta e bela. Segundo King (2002, p. 51), estes primeiros ensaios, que podem ser considerados autobiográficos “[...] manifestam sua tendência mística com um

19 Era hábito do pensador do Auvergne redigir notas e ensaios sobre as questões que lhe vinham à mente. Assim que concluía um ensaio ele o enviava a prima Marguerite, ou à irmã Guiguite ou a algum confrade, na esperança de que pudesse ser publicado. Algumas vezes ele pedia que estes escritos fossem datilografados. À primeira redação ele fazia emendas e depois transcrevia, o que explica a existência de dois manuscritos de alguns textos. Depois de sua morte, estes ensaios foram reunidos e seu conjunto publicado com o título de **Escritos do Tempo da Guerra**. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965.

20 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

21 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do escrito *La Vie cosmique*.

frescor e originalidade que seus trabalhos posteriores nem sempre conseguirão resgatar”²². É no meio das gentes, que se preparam para a união ou para o embate, que as ideias de Teilhard se definem se organizam e, talvez movido pelos horrores sangrentos do fogo cruzado que mata, o místico deixa fluir em suas palavras a beleza sem igual da vida.

A convivência diária com diferentes pessoas, povos e culturas fizeram aguçar “[...] o senso teilhardiano da unidade orgânica da espécie humana” (KING, 2002, p. 50)²³, a saber, a sua convicção de que todos os homens estão ligados entre si e à totalidade do mundo. É na Guerra, no contato com a diversidade, que Teilhard (1965, p. 5-6) descobre o caráter cósmico dos indivíduos:

[...] cada um de nós, queira ou não queira, está ligado por todas as suas fibras materiais, orgânicas, psíquicas, a tudo quanto o rodeia. Não só está preso numa rede, mas é arrastado por um rio. Ao redor de nós, por toda a parte, ligações e correntes. Mil determinismos nos encadeiam, mil hereditariedades pesam sobre o nosso presente, mil afinidades nos deslocam e nos impelem para um fim ignorado. No meio de todas essas forças que interferem, o indivíduo não aparece senão como um centro imperceptível, um ponto de vista que vê, um centro de repulsões e de atrações que sente, que escolhe entre as inumeráveis energias irradiantes através dele, que busca e contraria, que se volta sobre si e se orienta para captar mais ou menos, e em diversos sentidos, a atmosfera ativa que o banha e da qual é um ponto singular e consciente... – Eis a condição exterior que nos é dada; estamos mais, por assim dizer, fora de nós, no tempo e no espaço, que em nós próprios, no momento em que vivemos: a pessoa, a *mônada* humana, como qualquer *mônada*, é *essencialmente cósmica*²⁴.

Essa descoberta foi deveras marcante para Teilhard. E foi uma descoberta experiencial. Na guerra ele viveu a vida cósmica; sentiu-se parte de um todo que é bem mais que um agregado de indivíduos. E descreveu sua experiência com poética maestria, revelando todo seu fascínio por aquilo que estava vendo e sentindo. Sua expressão é de uma riqueza tal que vale a pena ser colhida na totalidade. Por isso deixemos que ele mesmo fale:

[...] fiz refluir a minha consciência até a periferia extrema do meu corpo para experimentar se me prolongaria para fora de mim. Desci ao mais abscôndito do meu ser, de lanterna em punho e ouvido à escuta, para saber se, no extremo fundo do negrume que há em mim, não veria luzir as águas da corrente que passa, [se] não ouviria sussurrar as águas misteriosas que vêm das profundezas e vão jorrar – quem sabe onde? E verifiquei, cheio de terror

22 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

23 Ibid.

24 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La Vie cosmique*.

e inebriamento, que a minha mesquinha existência fazia parte da imensidade de tudo o que existe e de tudo o que devém. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 15-16)²⁵.

Mais do que ligado a tudo o que existe, Pierre se sente ligado a tudo o que existiu e um dia existirá.

Além da descoberta do cósmico, ou talvez se pudesse dizer, do amadurecimento de sua consciência cósmica, foi na guerra, no campo de batalhas, que Teilhard descobriu o homem ao natural, enfrentando o perigo iminente e a morte. Num tal contexto sua visão é ampliada:

Aqueles que nunca estiveram para morrer jamais se aperceberam do que havia diante de si... Os outros – aqueles a quem um grande pavor fez erguer completamente a cabeça e olhar a direito para o Tempo, o medo muitas vezes dele se apoderou, mesmo no meio de um percurso, até então seguro, entre os abismos, e é possível que na sua emoção se tenham sentido precipitar. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 313-314)²⁶.

Talvez tenha sido o medo mesmo o que levou nosso místico a se precipitar nesse abismo, do qual só conheceu o fundo aquele que teve coragem de realizar o salto sem redes. Sem a guerra o garoto do Auvergne, provavelmente, não teria saltado. E talvez a vida não tivesse se revelado a ele com toda sua beleza real.

A descoberta do homem contribuiu para lhe precisar o sentido do individual, que por um longo tempo ele minimizou. O senso cósmico e universal predominam ainda, mas agora integrando-se com o elemento pessoal. O indivíduo é parte integrante e ativa do Cosmo. Referindo-se à experiência de Teilhard na guerra, diz-nos Baudry (2010, p. 48):

O grande Todo é hoje colhido no seu dinamismo evolutivo. O cosmo é uma cosmogênese que, no seu vértice, se revela como uma 'noogênese'. A grande descoberta de Teilhard durante a guerra, é a tomada de consciência da 'Humanidade totalizada, a Noosfera' [...]. É já a intuição do 'Coletivo', que se tornará predominante até o fim de sua vida.²⁷

25 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La nostalgie du front*.

26 Ibid. Do escrito *La Foi qui opère*.

27 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010. Teilhard utiliza frequentemente o termo noosfera a partir de 1925 quando o conceito aparece. É um neologismo “[...] criado por ele mesmo que, graças em particular aos escritos de seu amigo Edouard Le Roy, adquiriu uma ampla difusão”. BAUDRY, Gérard-Henri. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 86. Assim diz Teilhard da noosfera: “Por esta palavra eu designo a camada 'pensante' formada pelo desenvolver-se do grupo zoológico humano acima da biosfera”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'apparition de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1956, p. 191. Embora o conceito tenha aparecido depois da guerra, pode-se dizer que a ideia da noosfera como o invólucro pensante da Terra já se faz presente naqueles anos influenciando suas representações de Deus.

Não mais um cosmo estático, mas um cosmo que continua seu processo de evolução através da humanidade, ou seja, uma cosmogênese que no fundo é uma noogênese²⁸.

Em meio ao conflito e todas as suas mazelas, Teilhard se deixa imergir, mas não submergir; mergulha sem se deixar afogar. Ele vive a guerra, o confronto, sente a exaltação dos combatentes e experimenta cotidianamente a morte. Mas não se deixa dominar; pelo contrário, ele entrevê dentro de si um aumento de energia vital e uma atividade intelectual intensa. Para ele, naquele momento, vive-se verdadeiramente uma vida cósmica. Sua visão de Mundo se torna mais ardente, ela se precisa e se organiza. Os tempos livres, de repouso, ele utiliza para refletir e colocar por escrito aquilo que pensa e mais ainda aquilo que vê, a sua visão (BAUDRY, 2010)²⁹. Numa carta à Marg, escrita em 4 de janeiro de 1917, ele afirma: “[...] as minhas ideias começam a definir-se e a agrupar-se” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 184)³⁰.

É nos campos de batalha ainda que nosso jesuíta sente sua dupla vocação sacerdotal e científica como um envio missionário no mundo moderno (BAUDRY, 2010)³¹, tendo declarado que para ele e outros padres-soldados, a guerra foi o “Batismo no Real” (TEILLARD-CHAMBON, 1966, p. 34)³².

Sua visão da Eucaristia Cósmica, do prolongamento eucarístico no Mundo, também começou a se esboçar na guerra. Ali ele descobre que a função universal do Padre é oferecer a Deus o mundo, com seus sucessos e esperanças, suas angústias e dores. Mais tarde esse tema, sob o influxo da vida no Oriente, será amadurecido. Mas as sementes começavam a germinar e o místico francês, numa atitude de humilde ousadia, agradece a Deus por tê-lo feito padre para a guerra:

Oh Padres que estais na guerra, se há, entre vós, alguns a quem desconcertam uma situação tão imprevista, a ausência de missa ou o ministério não cumprido, lembrai-vos que além dos sacramentos a conferir às pessoas, acima dos cuidados prestados às almas isoladas, tendes uma função universal a realizar, a oferta a Deus do Mundo *inteiro*. Excedendo o pão e o vinho que a Igreja pôs nas vossas mãos, a vossa influência foi feita

28 O termo noogênese vem “[...] do grego *nous*, espírito, literalmente gênese do espírito. Designa no seio da evolução convergente, 'um crescimento contínuo da consciência do Universo', e mais precisamente a emergência da consciência reflexiva, 'o fenômeno humano', que continua a própria evolução rumo a uma complexidade crescente polarizada sobre Ômega. BAUDRY, Gérard-Henri. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 86.

29 Id. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

30 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

31 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

32 TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A Guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966, p. 31-48.

para se estender à imensa hóstia humana, que espera que passe alguém que a santifique. Tendes o poder – pela vossa ordenação – de consagrar, de uma forma real, na carne e no sangue de Cristo, os sofrimentos que vos rodeiam, e nos quais o vosso caráter vos ordena que participais. Sois o fermento espalhado pela Providência em toda a extensão da 'Frente', para que, mesmo *exclusivamente pela ação da vossa presença*, a massa enorme do nosso labor e das nossas angústias seja transformada. Nunca fostes mais padres que agora, enredados e submersos como estais, na dor e no sangue de uma geração – nunca mais ativos – nunca mais diretamente dentro da linha da vossa vocação. Obrigado, meu Deus, por me terdes feito padre – *para a Guerra!*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 301-302)³³.

Mais do que o exercício do ministério ou a oferta dos sacramentos, o que atraía Teilhard na vida de padre, no seu sacerdócio, era a possibilidade de oferecer a Deus o mundo inteiro, com suas conquistas e seus fracassos, suas alegrias e sofrimentos. Segundo ele mesmo afirmaria, seu desejo mais profundo foi “[...] comungar até a morte com Cristo que nasce e sofre no gênero humano!” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 302)³⁴. Celebrar a vida com tudo o que ela pode e oferece ao homem, seja a sua doçura, seja seu cálice amargo. Em *Le Prêtre*, já se esboça a expressão da “[...] profunda espiritualidade sacramental e eucarística de Teilhard, que perpassa tanto de seus escritos” (KING, 2002, p. 55)³⁵. Mas é uma espiritualidade, importante sublinhar, que ultrapassa as barreiras eclesiásticas e ritualísticas. O Mundo é valorizado em sua totalidade porque nele Deus está presente em todas as coisas. Disso não se deve concluir que nosso jesuíta desconsiderava a tradição da Igreja, os momentos de oração e os rituais. Em várias cartas a Marguerite ele fala de sua necessidade e alegria ao celebrar missa. Pelos menos em duas dezenas de passagens das cartas de guerra ele se refere a esta vontade de celebrar. É o que se vê numa carta de 15 de outubro de 1915, em que escreve:

Há três dias que estou privado de missa, e ainda não sei quando poderei recomençar a celebrar. Trato de compensar, fazendo mentalmente (raros e mal feitos infelizmente!) esses dois atos, fundamentais na religião, o de oferta e o de união, de que a missa é a mais íntima realização. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 84)³⁶.

No dia 23 de agosto de 1916, em outra carta, ele alegremente declara:

33 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le prêtre*.

34 Ibid. Do escrito *Le prêtre*. Mais tarde, no deserto de Ordos, ele aperfeiçoará este tema em *La Messe sur le Monde*.

35 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

36 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966.

[...] depois de quinze dias sem celebrar, com tantas almas amigas por recomendar, com tantos perigos evitados por agradecer, na consciência de tão grandes necessidades e de tão amargas dores do Mundo, disse talvez a Missa mais fervorosa da minha vida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 136)³⁷.

E quando podia viver a tranquilidade longe dos morteiros, contemplando a natureza que tanto o encantava, a falta de missa impedia sua alegria de ser completa. É o que nos revela esta carta de 9 de julho de 1918:

[...] estamos mais ou menos fora do alcance dos morteiros. Não tenho aliás razão de queixa: com este bom tempo, a vida em pleno bosque tem encantos reais. Os únicos inconvenientes da situação estão em que a missa e o escrever me são ainda mais difíceis do que na floresta de L. [Laigue]. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 244)³⁸.

Enfim, Teilhard gostava de celebrar e o fato de ser impedido pela guerra de fazê-lo o entristecia bastante. Contudo, e isso não pode passar despercebido, o sentido dado por ele aos sacramentos era mais amplo do que o sentimento comum de sua época. Em tudo o que fazia, dizia ou escrevia, ele expressava, antes de qualquer contenda teológica, “[...] seu amor pelo mundo, pela totalidade da vida, mas também seu grande amor a Deus, visto como Cristo presente em todas as coisas” (KING, 2002, p. 51)³⁹. Cristo contemplado, tocado, sentido e amado até mesmo nesse lugar onde poucos poderiam encontrá-lo, as trincheiras da Primeira Grande Guerra.

Teilhard nunca achou que a guerra foi para ele um tempo perdido, como tantos outros de seu tempo. A quebra da monotonia, a mudança de estado de civil a combatente, a ruptura com os velhos hábitos e a separação dos amigos do meio religioso e científico poderiam tê-lo atormentado mas, do contrário, trouxeram-lhe uma grande independência de espírito. Ele começava a discernir mais claramente, e o dizia, o rosto que Deus queria dar a sua alma. Para ele o tempo de espera vivido em meio à batalha lhe fora propício, pois tinha sido ali que ele sentira, como nunca, a necessidade de dar uma expressão às suas ideias e visões. Era preciso libertar seu pensamento antes de morrer, ou seja, imediatamente, porque a morte podia ser no

37 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

38 Ibid.

39 KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

próximo instante (TEILLARD-CHAMBON, 1966)⁴⁰. À sua prima ele revela que a guerra lhe teria revelado de modo concreto o que é ter fé ou, o que é ainda mais ousado, que a guerra lhe teria dado uma fé.

Parece-me que começo a compreender de verdade, de há quatro anos para cá, o que é ter 'uma fé', – que felicidade isso representa para quem a possui – e que força isso exerce sobre a multidão das almas que dormem ou hesitam. O resultado da guerra sobre a minha fortuna individual terá sido o de me ter dado uma fé. Até aqui, o zelo foi sempre para mim algo de factício, de encomendado, de forçado. Agora, compreendo um pouco que espécie de paixão animou os apóstolos. Mas é notável que este sentimento não tenha começado a nascer em mim senão a partir do momento em que a religião se iluminou [vivificou], para mim, por um ponto de vista, por um gosto, 'individuais'. Sem dúvida que há aqui qualquer lei psicológica geral – apesar de parecer difícil verificá-la em muitos casos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 283)⁴¹.

Palavras de uma coragem audaciosa quando se considera que foram ditas por um padre, mas reveladoras de uma sinceridade notável que marcaram toda a existência de nosso jesuíta. Se a mãe o conduzira nos caminhos da fé, a guerra o fizera caminhar verdadeira e experiencialmente por essa estrada.

Uma tal visão sobre o conflito mundial que tanto abalara pessoas, famílias, povos e nações foi considerada muito ingênua ou mesmo desinteressada e provocou incompreensões por parte daqueles que da guerra só conseguiam ver as misérias humanas. A leitura de Teilhard foi questionada, suas ideias consideradas superficiais e ele próprio chamado de “tagarela” por Jeanne Boussac que, tendo o marido preso nas trincheiras, “[...] não compreendia que se pudesse dissertar friamente sobre o sentido positivo da guerra sem muita atenção para os sofrimentos dos combatentes” (BOUDIGNON, 2008, p. 39)⁴². O fato, no entanto, é que o pensador do Auvergne nunca foi indiferente ou pouco comovido com toda a dor provocada pelos combates. Sua reflexão é que se situava em outro nível. Como soldado imerso no coração do gládio, ele mergulhou como poucos no desespero das vítimas. Mas esse mergulho real no sofrimento fez com que ele experimentasse um sentimento diferente, um desejo de não acrescentar ainda mais tragédia ao que, na realidade, já era a maior tragédia vivida pela humanidade até então. Ao invés de reafirmar sua compaixão pelos que sofriam, Teilhard buscava aliviar esse sofrimento. É outra vez Marguerite, a confidente dos anos

40 TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A Guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 31-48.

41 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966. Carta de 11 de outubro de 1918.

42 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

sombrios, que nos oferece um importante testemunho sobre a atitude do padre e soldado:

Mas nunca, nas suas narrativas de batalhas, Pierre Teilhard se excede no terrível ou no horrível. O seu desprezo pelo efeito vigia o tom. É com uma franqueza grave e dolorosa que diz o que viu, fez e experimentou nas horas mais negras e patéticas. Nas suas cartas não encontraremos realismo à Barbusse. Aliás, porque escrevia aos seus próximos, atenua voluntariamente os perigos corridos e deixa em silêncio os seus atos de coragem. Mergulhou na fornalha, mais fundo do que outros narradores ou romancistas, mas não há qualquer intenção literária nestas páginas que, no entanto, são, precisamente por isso, de uma grande testemunha e de um grande escritor da guerra. (TEILLARD-CHAMBON, 1966, p. 36)⁴³.

Pierre é um escritor de guerra e nos fornece um importante testemunho, mas é também um homem consciente das consequências que podem provocar uma narrativa muito realista para os que se encontram fora do embate. Por isso, sua moderação e seus atenuantes. Não via necessidade de assustar ainda mais os familiares que recebiam notícias suas, da mesma forma que, humilde, não se vangloriava dos atos de coragem que lhe renderam decorações militares, como a Cruz de Guerra em 1915, a Medalha Militar em 1917 e a Legião de Honra em 1920⁴⁴. Aliás, ele, à diferença de outros religiosos, saiu da guerra como entrou, ou seja, como um combatente. O jesuíta francês recusou promoções, preferindo permanecer um homem de tropa (BOUDIGNON, 2008)⁴⁵. Ele chega a pedir a um superior para deixá-lo em meio aos homens (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 54)⁴⁶. Uma tal atitude lhe fez mais próximo das pessoas e lhe rendeu amizades que lhe fariam pensar nos anos de combate de forma nostálgica:

Resta que a guerra me tinha criado, no regimento, um grupo de humildes e francas amizades, numa atmosfera de absoluto desinteresse e de grande dedicação, como sem dúvida não encontrei outra. E além disso há a vida de aventuras e de despreocupações que no mês que vem se encerrará. Sim, tenho o direito de ter algumas saudades dela. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 325)⁴⁷.

43 TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A Guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento: cartas 1914-1919**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966, p. 31-48.

44 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son ouvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008. Há quem fale em quatro condecorações: a de 1915, por seu pedido para servir nas trincheiras da primeira linha, fato que revelava sua coragem e sua abnegação; uma de 1916 (não citada por Boudignon), quando dirigindo um grupo de soldados foi buscar na linha inimiga o corpo de um oficial; a de 1917, por ter recolhido um ferido num local submetido a uma violenta artilharia e uma em 1921 (a que Boudignon se refere como de 1920) a pedido de seu antigo regimento. MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin: images e paroles**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

45 BOUDIGNON, Patrice. Opus cit.

46 “Fazes-me o favor de me deixar no meio dos homens”. MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. Opus cit. A 2ª guerra o deixará preso em Pequim, longe dos conflitos. E ele não se sentirá satisfeito com isso.

47 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

Nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, em plena zona de combate, em meio ao fogo do inimigo, Teilhard experimenta a beleza de uma amizade sincera, desinteressada e dedicada. Sua vida, até então, tinha sido a vida de um jovem aristocrata do meio rural. Vida protegida, em que as trocas se davam sobretudo entre os parentes e vizinhos, tão aristocratas quanto ele mesmo. Da realidade nosso jesuíta conhecia pouco e por isso a guerra, muito mais que horrorizá-lo, conseguiu fasciná-lo por suas possibilidades e mais ainda pelo mundo de aventuras e novos sentimentos que desbravava para um jovem tão cheio de vida e de energia. A capacidade de fazer amigos, ampliada durante os anos de fogo, foi lembrada por um grande companheiro, muitos anos depois de sua morte, que declarou que “[...] apesar das diferenças de idade, de saber, de campo de estudo, sua generosidade de coração lhe fazia amigo muito próximo” (DE LUBAC, 1977, p. 17-18)⁴⁸, amigo que falava sobre seus desejos e que também se interessava pelos trabalhos dos outros. A guerra não tirou de Pierre o que ele tinha de bom, aliás ela lhe fez descobrir muitas de suas qualidades e por isso seu fascínio.

Mas o padre soldado também rejeitou essa etapa lastimável da história da humanidade. Se seu olhar permanece otimista e cheio de fé em meio à tragédia, isto não nos deve induzir à conclusão errônea de que ele não tinha consciência do sofrimento das vítimas e até do próprio sofrimento vivido. Tanto que, em carta de 02 de novembro de 1916, ele desabafa:

[...] de todos esses sofrimentos apenas guardo uma recordação de sonho. Parece-me que o vivemos de tal modo imersos no esforço presente, que pouca coisa deles passa para a consciência e para a recordação. Acresce ser tal a desproporção entre a existência da batalha e a vida normal da paz, ou, pelo menos, da calma, que, vista desta, aquela parece sempre uma imaginação e um sonho. E, no entanto, os mortos não voltam a acordar. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 159-160)⁴⁹.

Teilhard passa pela guerra e diz que os sofrimentos ali assistidos e experimentados lhe parecem mera recordação de sonho. Sua capacidade de ver o lado bom das coisas o impede de enlouquecer em meio a tanto desespero. Pode-se acusá-lo de ingenuidade, otimismo exarcebado, indiferença com a dor alheia, mas nenhuma dessas acusações condiz com seu caráter e sua consciência de que os mortos não mais voltarão à vida.

Depois da declaração de paz ele diria à sua confidente que as pessoas sofreram muito com a guerra, sendo reduzidos por ela “[...] a um incrível pão negro” (TEILHARD DE

48 DE LUBAC, Henri. **Teilhard posthume**: réflexions et souvenirs. Paris: Arthème Fayard, 1977.

49 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 02 de novembro de 1916.

CHARDIN, 1966, p. 294)⁵⁰. Aqui as palavras assumem um tom amargo de denúncia social. Nas entrelinhas de sua fala percebemos um homem que tem plena consciência de que o fim do conflito não produzirá imediatamente a tranquilidade esperada. A experiência traumática do choque entre as nações deixara marcas profundas nas pessoas. Um novo mundo teria de ser construído a partir dos cacos que sobraram. E para que esse mundo pudesse ser reerguido, os homens teriam de trabalhar juntos. A Criação desenhada por Deus com tanto amor tinha sido manchada pelas tintas do ódio e para que mais uma vez, do caos brotasse a harmonia, o esforço e a atividade humana seriam essenciais.

2.2 A divinização das atividades

[...] nada é tão belo como a força que realiza. Uma das minhas aquisições deste ano é a convicção do esforço necessário, do esforço sem o qual uma certa porção de ser não se realizará. Ainda há quinze dias, em Verdun, ao observar e experimentar o extraordinário esforço dispendido através de milhares de atividades para montar um ataque cujo êxito estava ainda em suspenso, tive uma impressão profunda da contingência dos êxitos do mundo, e da sua subordinação à nossa tenacidade, à nossa indústria. A sua doutrina é verdadeiramente a da ação que leva a tudo tentar resolutamente, energicamente, sem dar tempo demais à discussão. Don't chat, but try [Não discuta, tente]. É sempre verdade (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 179-180)⁵¹.

Tudo tentar sempre! Eis o que parece ter chamado a atenção de nosso místico em pleno confronto. Esta carta do final de 1916, revela-nos que, ao fim do primeiro ano na Guerra, Teilhard está convencido da necessidade do esforço humano na construção do mundo e no acabamento ou realização do próprio ser. Sempre tentar, mesmo desconhecendo a possibilidade do sucesso final da ação empreendida, admirar a beleza da força que realiza o ato ainda sem saber se o produto terá valido a pena, não se deixar abater pensando na contingência dos êxitos do mundo: eis alguns dos grandes ensinamentos dos anos de conflito para o místico do Auvergne.

O tema da ação humana, do dever sagrado da pesquisa e do trabalho, cada vez mais

50 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 18 de novembro de 1918.

51 Ibid. Carta de 28 de dezembro de 1916.

ocupará o pensamento de nosso padre jesuíta que, em 1926-1927, escreverá *Le Milieu Divin*⁵², onde abordará de forma amadurecida estas reflexões. Mas já em 1916, ele falaria à prima confidente da necessidade do homem construir o mundo, admitindo quase perplexo ter se sentido tocado com a constatação de que os sucessos deste mundo se encontram subordinados à nossa indústria. O êxito da Terra depende do homem e esta consciência adquirida nos campos de batalha, segundo o próprio Teilhard, fez com seus pensamentos se dirigissem e se concentrassem sobre esta questão.

[...] pareceu-me, em abono das minhas teorias acerca da colaboração cristã no Progresso, que existia uma verdadeira lei ou obrigação natural de 'procurar até ao fim'. Não achas que é uma questão de lealdade e 'consciência' trabalhar para extrair do Mundo tudo o que esse Mundo pode conter de verdadeiro e de energia? *Nada DEVE ficar por tentar* na direção do mais ser. O céu quer que nos ajudemos [que o ajudemos]. – Parece-me inadmissível que a Revelação tenha vindo para nos dispensar do dever da Investigação; e, no grande defeito (digamos melhor: na tentação) do extrinsecismo dos homens de igreja (que querem decidir teologicamente e *a priori* sobre todo o real) vejo tanta preguiça como suficiência. Não só por entusiasmo cósmico, mas por estrito dever natural, devemos lutar por ver mais claramente, por agir mais poderosamente. Devemos, sob pena de pecado, experimentar todos os caminhos... [*sondar tudo, mesmo depois de N.S.J.C.*]. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 132)⁵³.

Para Teilhard a Revelação cristã não desobrigou o homem de seu dever de investigar e de sondar todos os caminhos. Na atitude dos homens da igreja de decidir teologicamente sobre tudo, nosso jesuíta vê preguiça e suficiência. O trabalho cotidiano, a pesquisa, é um dever ao qual o cristão não pode se furtar sob pena de pecado, um dever que, se não cumprido, ameaça o sucesso do mundo.

Uma afirmação como esta pouco ou nada impactaria os homens nos dias atuais. Mas, compreender o percurso de nosso pensador requer um exercício de hermenêutica histórica, ou seja, é necessário situar seu pensamento no contexto histórico em que ele viveu. Seu confrade e grande estudioso de seu pensamento, o padre Henri de Lubac, precisa bem esta necessidade ao lembrar que os problemas enfrentados por Teilhard, na forma como lhe eram apresentados, não são os problemas que enfrentamos hoje e isto, em parte, graças ao próprio Teilhard. Neste caso “[...] todo um trabalho de reconstrução histórica faz-se necessário” (DE LUBAC, 1977,

52 Escrito por Teilhard, segundo suas próprias palavras, àqueles que amam o mundo, este livro situa-se entre suas obras principais. Nele o místico medita “[...] sobre as atitudes espirituais para 'divinizar tudo'. Ele oferece a sua reflexão aos cristãos que amam o Mundo (a Ciência, o progresso humano) e que frente à nova fisionomia do cosmo se põem legítimas questões”. MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006, p. 73.

53 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966. Carta de 04 de agosto de 1916.

p. 53)⁵⁴. Pierre viveu numa França religiosamente conservadora, onde passado, presente e futuro do mundo eram considerados de inteira responsabilidade de Deus. Num tal contexto, explicar o valor e a necessidade do trabalho humano era uma tarefa difícil, mas da qual o jovem do Auvergne não fugiu. Quando os detalhes de uma ação de ataque eram preparados ele se dá conta da importância da participação e da contribuição dos homens para o sucesso ou fracasso da ação. Sucesso ou fracasso que provavelmente significariam a vida ou a morte dos muitos soldados envolvidos. A ação humana era, também ela, responsável pelo destino da Terra e mais do que nunca era preciso fazer com que esta verdade fosse ouvida e compreendida. A esta empresa o jovem Pierre vai se dedicar nos momentos de descanso.

Iniciando *La Vie cosmique*⁵⁵, escrito da Guerra por ele mesmo definido como seu testamento intelectual, encontramos uma epígrafe que bem pode resumir seu pensamento: “Existe uma comunhão com Deus, e uma comunhão com a Terra, e uma comunhão com Deus pela terra ... E Jacob lutou com o Anjo até ao amanhecer” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 5)⁵⁶. A verdadeira comunhão com Deus se realiza através da Terra, ou seja, mediante o trabalho humano realizado no mundo. Teilhard não admite a hipótese de um contato com Deus que despreze a Terra, mas, pelo contrário, ele se sente abraçado pelo Criador através das criaturas. A imagem bíblica da luta de Jacó e do Anjo ilustra bem esta comunhão que tanto encantou nosso pensador. Antes de tudo, a luta simboliza o encontro decisivo do homem com Deus, encontro que gera uma nova terra, um novo destino, um novo nome. Ou seja, Deus e homem lutam juntos para que nasça um novo mundo, para que se aperfeiçoe a Criação. A dualidade está superada: nem só Deus, nem só o homem, mas Deus e homem são responsáveis pelo destino do Mundo. O real, concreto e

[...] verdadeiro apelo do Cosmos é um convite para participar conscientemente no grande trabalho que nele se realiza: não é descendo à corrente das coisas que nos uniremos à sua alma única, mas lutando, com elas, por um Termo futuro (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 23)⁵⁷.

A luta deve ser uma constante na vida do homem, deve prosseguir pela grande e duradoura noite de sua existência. Foi preciso que Jacó lutasse para que o encontro com Deus

54 DE LUBAC, Henri . **Teilhard posthume**: réflexions et souvenirs. Paris: Arthème Fayard, 1977.

55 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 1-61. Segundo Baudry, Teilhard refletiu muito durante seu primeiro ano de guerra, sendo o seu pensamento “[...] já suficientemente estruturado, nas suas grandes linhas, para poder ser objeto de uma primeira síntese: *La Vie Cosmique*, datada de 24 de abril de 1916”. Trata-se de uma obra de espiritualidade, para dar nova orientação à ascética cristã, mas nutrida de uma visão de mundo sobre bases científicas. BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 49.

56 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do escrito *La Vie cosmique*.

57 Ibid. Do escrito *La Vie cosmique*.

se desse; da mesma forma o homem não pode se entregar à vida, deve antes, construí-la. O homem é chamado a dominar o Universo, a lutar com a matéria, assim como Jacó foi chamado a lutar com o Anjo. Isso não significa, diz Teilhard, que a matéria perde para o homem sua beleza e seu poder cativante. A sua beleza, diz-nos o místico do Auvergne,

[...] é sempre cativante, o seu seio sempre fecundo: mas nela a Amante dominadora e sedutora deu lugar ao Enigma inquietante, à Força provocadora. A Matéria é agora a noiva misteriosa que se ganha em árdua luta, como uma presa... E para a ter, não é já para o silêncio entorpecido e para a extensão selvagem que temos de nos dirigir, mas para os laboratórios ardentes da Natureza ou do artifício humano. Debruçado sobre cadinhos ou sobre o microscópio, o homem despertado para o esforço apercebe-se, [...] o seu papel é consumir a evolução cósmica fazendo fermentar, até à realização das suas últimas promessas, as energias inesgotáveis nos seios das quais nasce. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 24)⁵⁸.

Da mesma forma que na luta entre Jacó e o anjo, a luta entre o homem e a matéria não implica vitória ou submissão, mas conquista e conhecimento. Essa passagem bíblica foi muito querida e lembrada por Teilhard, e Baudry recorda-nos ainda de uma narrativa do Gênesis que pode nos desvelar outra face da mística teilhardiana de valorização da matéria, do trabalho e do mundo.

[...] Teilhard, no curso da sua evolução, viveu de algum modo, na infância e na adolescência, a idade da pedra. [...] o nosso autor, na sua visão universalista, ecumênica do Mundo, visará sempre assumir todo o humano, em compreensão e em extensão. Nada deve se perder dos valores que a humanidade, no curso da sua história, descobriu e experimentou, e que essa carrega inconscientemente em si. Teilhard assume, se bem que a nível pré-reflexivo, a visão cósmica primitiva. Ele, que muitas vezes, na sua obra, recorda a luta de Jacó contra o Anjo, teria podido tomar – como símbolo da primeira etapa de seu pensamento – o episódio de Bethel, no qual Jacó, enquanto dorme sobre uma pedra, vê em sonho o céu e Deus que se lhe manifesta. Quando se desperta, exclama: 'Em verdade, Deus está aqui e eu não sabia! [...] Este lugar é verdadeiramente a casa de Deus (em hebraico Beth-El) e a porta do céu' (BAUDRY, 2010, p. 22)⁵⁹.

A Terra, a pedra, a matéria que serve de sustento ao homem é a casa de Deus e a porta do Céu. É nela que o homem deve agir porque é nela que o Divino o gesta e espera. Nela, Deus o abraça e acolhe. Mais do que isso ainda, é através da ação do homem que Deus diviniza a Terra. A busca de Deus empreendida pelo homem não exige mais um ideal ascético

58 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Vie cosmique*.

59 BAUDRY, Gérard-Henry. *Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio*. Milano: Jaca Book, 2010.

de desprezo ao que é mundano porque, na visão teilhardiana, o Criador habita o mundo, faz dele sua morada santa. Trata-se então muito mais de aperfeiçoar a obra, de dar continuidade à Criação, de unir-se às mãos que modelam a argila.

Teilhard viveu numa época anterior ao Concílio Vaticano II, no seio de uma Igreja que, aparentemente, preocupava-se mais com as coisas do Céu e menos com os problemas da Terra, mas que, segundo o próprio jesuíta, já declarava santificável “[...] a vida humana toda inteira, considerada até nas suas áreas ditas as mais 'naturais'” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 16)⁶⁰. Ao seu redor muitos católicos se sentiam divididos e atormentados, sem saber conciliar o dever cristão de construir o Reino de Deus com o dever humano de construir a nação. O próprio Teilhard falaria com brilhantismo desta tormenta:

O problema coloca-se da seguinte maneira: De acordo com os artigos sagrados de seu *Credo*, o cristão considera que a existência daqui de baixo continua em uma outra vida, cujas alegrias, dores, realidade, são sem proporção com as condições presentes no nosso Universo. A este contraste, a esta desproporção, que seriam suficientes segundo eles somente para nos desgostar ou para nos desinteressar da Terra, acrescenta-se uma outra doutrina positiva de condenação ou de desprezo por um mundo viciado e caduco. 'A perfeição consiste no desapego. O que nos rodeia é uma cinza desprezível'. O fiel lê, ou tenta repetir, a cada instante estas palavras austeras. Como é que ele vai conciliá-las com este outro conselho, recebido do mesmo mestre e inscrito pela natureza em seu coração, o conselho de que é necessário dar aos gentios o exemplo de fidelidade ao dever, de animação e até mesmo de caminhar na frente por todos os caminhos abertos pela atividade humana? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 26)⁶¹.

Segundo o pensador do Auvergne, se forem deixados de lados as crianças mimadas e os preguiçosos, que julgam inútil trabalhar e só se dedicam ao que não pode deixar de ser feito por uma questão de sobrevivência, todos os diretores espirituais já tiveram diante de si espíritos que vivem esse dilema que chega a paralisar.

Esses espíritos, tomados por uma unidade interior, são atormentados por uma verdadeira dualidade espiritual. De uma parte, um instinto muito seguro, confundido com seu amor de ser e seu gosto de viver, os atrai em direção à alegria de criar e de conhecer. De outra parte, uma vontade superior de amar a Deus acima de tudo os faz temer a menor partilha, o menor desvio em suas afeições. Estão, na verdade, nas camadas mais espirituais de seu ser, os fluxos e refluxos contrários gerados pela atração dos dois astros rivais de que falávamos no começo: Deus e o Mundo. Qual dos dois se fará adorar mais nobremente? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 17)⁶².

60 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

61 Ibid.

62 Ibid.

Cristãos divididos entre dois amores rivais, Deus e o mundo. Homens que desejam viver fielmente seu cristianismo, mas que têm consciência do dever de alimentar o corpo, sustentar a família, construir a pátria. É esses que em plena Guerra Teillard tem em seu pensamento quando introduz um de seus escritos com a seguinte afirmação: “O homem vive ao mesmo tempo de pão e da palavra de Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 67)⁶³. Não há dualismo, mas completude; o pão não se opõe à palavra assim como o trabalho na Terra não se opõe ao Reino do Céu. Deus estava aqui e eu não sabia, teria dito Jacó, ao acordar. Deus está no mundo e é no mundo, nas coisas, que Ele nos espera. Segundo o próprio Teillard “[...] Deus, segundo a sua promessa, nos espera verdadeiramente nas coisas, visto que é nelas que Ele vem ao nosso encontro (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 18-19)⁶⁴.

O pão alimenta o corpo que abriga o espírito que, por sua vez, acolhe e proclama a palavra. O Homem trabalha na Terra para aperfeiçoá-la, para torná-la um lugar melhor de se viver, para construir aqui o Reino do Céu.

Em *La Vie cosmique*, dizia o místico do Auvergne “[...] tentei, já, recordar que uma sã reconciliação, do Cristianismo e do Mundo, é possível, no domínio da luta ideal e convicta pelo Progresso, na comunhão sincera de uma certa fé na Vida e no valor da Evolução” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 67)⁶⁵. Sim, o homem deve agir, deve trabalhar para o Progresso, deve contribuir para o acabamento do Mundo, deve acreditar na Vida e no valor da Evolução, sinais de que a obra da Criação continua sempre porque assim quis o Criador, numa demonstração da infinitude de seu amor pelo Criado.

Teilhard está convicto de que a valorização da atividade humana em nada contraria os ensinamentos cristãos. Seu esforço reflexivo se dá no sentido de explicar o que para ele está claro, ou seja, como “[...] sem a menor concessão feita à 'natureza', mas por sede da mais elevada perfeição, há um meio de conciliar e, depois de alimentar, um pelo outro, o amor a Deus e o saudável amor ao Mundo, o esforço de desapego e o esforço de desenvolvimento” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 28)⁶⁶.

É a esta empresa que ele vai se dedicar. Inicialmente ele mostra uma primeira solução para o problema, solução que para ele não pode ser descartada por inteiro, mas que permanece incompleta. Trata-se da atitude de valorizar a ação simplesmente pela intenção

63 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La Maîtrise du monde et le règne de Dieu*.

64 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

65 Id. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La Maîtrise du monde et le règne de Dieu*.

66 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

com a qual ela é feita. Esta atitude não pode, diz ele, ser desprezada, uma vez que ela contém “[...] uma parte enorme de verdade. Ela exalta com razão o papel inicial e fundamental da intenção, que é verdadeiramente [...] a chave de ouro, pela qual o nosso mundo interior se abre à presença divina” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 30-31)⁶⁷. As motivações que nos levam a agir, o impulso primeiro que nos arranca da inércia, são elementos muito importantes sem os quais nenhum trabalho seria realizado. Mas, e disso também Teilhard está convencido, o produto final esperado conta e muito. O ser humano, ao realizar uma obra, por mais simples que esta lhe pareça, não age sem pensar no resultado de seu trabalho; pelo contrário, é esse resultado que ele persegue. Um jardineiro quando cuida da terra, planta a semente, rega a planta que dá seus primeiros sinais de vida, assim o faz já pensando na beleza do jardim, no encantamento que este proporcionará aos olhos. É preciso que, ao trabalhar, o homem sinta que está contribuindo para uma obra maior e mais definitiva. De modo algum, Pierre rejeita o valor da intenção, mas ele sabe que, por si só, ela não basta no processo de santificação da atividade humana:

A divinização de nosso esforço pelo valor da intenção que aí se coloca infunde uma alma preciosa em todas as nossas ações; mas *ela não dá a seus corpos a esperança de uma ressurreição*. Ora, é esta esperança que nos falta, para que nossa alegria seja completa. Já é bastante podermos pensar que, se nós amamos a Deus, nunca será perdida coisa alguma de nossa atividade interior, de nossa *operatio*. Mas o trabalho mesmo de nossos espíritos, de nossos corações e de nossas mãos – nossos resultados, nossa obra, nosso *opus* – não será ele também, de alguma maneira 'eternizado' e salvo? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 31)⁶⁸.

A esta questão, o místico do Auvergne responde na forma de um diálogo com Deus, que lhe é tão íntimo e tão próximo:

Oh, sim, Senhor, em virtude de uma pretensão que Vós mesmo colocastes no coração de minha vontade, assim será! Eu quero, eu preciso que assim seja. Eu o quero, porque amo irresistivelmente aquilo que vossa ajuda permanente me permite trazer, a cada dia, para a realidade. Este pensamento, este aperfeiçoamento material, esta harmonia, esta nuança particular de amor, esta delicada complexidade de um sorriso ou de um olhar, todas estas belezas novas que aparecem pela primeira vez, em mim e ao redor de mim, sobre a face humana da Terra, eu as amo ternamente como crianças e não posso acreditar que elas, em suas carnes, morrerão completamente. Se eu acreditasse que estas coisas fenecem para sempre, acaso eu lhes teria dado a vida? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 31-32)⁶⁹.

67 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

68 Ibid.

69 Ibid.

Mais do que o esforço em si, Teilhard ama também tudo aquilo que Deus lhe permite trazer ao mundo através desse esforço. Sua potência de agir, diria ele, seria diminuída se ele não acreditasse no valor celeste dos resultados de seu trabalho. Um escultor só começa a trabalhar a madeira quando pensa na beleza da escultura que poderá ser produzida. Mesmo que seus planos iniciais pareçam confusos ou que inicialmente ele ainda não saiba ao certo o que quer fazer, ele trabalha pensando em construir algo que possa comunicar encantamento. O tema do *opus* e da *operatio*, a saber, do trabalho e da operação que gera o trabalho, já tinha sido tratado pelo jesuíta, que sempre rejeitou uma ascese que levasse o homem ao desprezo do sucesso material de sua ação. No seu primeiro ensaio escrito durante a guerra, ele diz:

Para que me dedique ardente, sinceramente, ao trabalho cósmico, para que possa concorrer, com armas iguais, com os Filhos da Terra, é necessário que esteja convencido, não só do mérito das minhas obras, mas do seu valor. É necessário que creia naquilo que faço. Ora, quer queira quer não, creio. [...] sinto que, quanto mais me entrego de certa maneira me interesso por uma Terra maior, mais pertença a Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 61)⁷⁰

Teilhard era um homem apaixonado, que se entregava de corpo e alma às tarefas mais cotidianas porque acreditava no que fazia e mais ainda, porque acreditava que fazia com Deus e para Deus. Ele experimentava essa paixão e esse gosto de agir tão comuns aos espíritos enamorados, tomados pelo amor daquele que, tendo criado o mundo, quis que o homem continuasse sua obra. Ele sabia que seu interesse pelo sucesso da Terra não o afastava, mas o fazia cada vez mais pertencer ao Criador. O cristão por obediência ao Evangelho deve se consagrar à obra da Salvação universal, mas em nome dessa obra grandiosa ele não pode abdicar-se de seu dever de cuidar da Criação. O abandono do mundo pelo Reino do Céu pode ser consolador, mas é ao mesmo tempo um perigo e uma fraqueza que devem ser evitados a todo custo.

O jesuíta francês está convencido da importância da atividade humana bem como da importância do produto dessa atividade. Para ele não há dúvidas quanto à possibilidade de salvação ou divinização das obras. E o modo pelo qual se realiza essa divinização é por ele descrito na forma de um silogismo simples:

No seio de nosso Universo, toda alma é para Deus, em Nosso Senhor.
Mas, por outra parte, toda a realidade, mesmo material, ao redor de cada um de nós é para a nossa alma. Deste modo, ao redor de cada um de nós, toda

70 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La Vie cosmique*.

realidade sensível é, por meio de nossa alma, para Deus em Nosso Senhor. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 33)⁷¹.

Toda alma converge para Deus e a matéria alimenta a alma. Neste caso toda obra humana, toda matéria, é santificada uma primeira vez na alma e uma segunda vez em Cristo, através da alma. Enfim, não há dualidade entre o Céu e a Terra, entre o Criador e a Criação. Alma e corpo não são duas realidades distintas cuja existência independe uma da outra. Quando ama e salva uma alma Deus, através dela, “[...] ama e salva parcialmente o Mundo inteiro, que esta alma resume de maneira particular e incomunicável”⁷². A visão cósmica, a noção de interdependência dos seres criados com o Todo da Criação são muito fortes para o pensador do Auvergne.

Para explicar o processo de espiritualização da matéria, Teilhard recorre a uma linguagem metafórica, utilizando exemplos de atividades que se realizam a todo instante na natureza e brindando-nos com toda carga poética de sua expressão.

O trabalho da alga que concentra em seus tecidos as substâncias espalhadas, em doses infinitesimais, nas camadas imensas do Oceano, a indústria da abelha que forma seu mel dos sucos espalhados em tantas flores são apenas uma pálida imagem da elaboração contínua que todas as potências do Universo sofrem em nós para tornar-se espírito. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 36)⁷³.

Nada do trabalho do homem é perdido nesse esforço de espiritualização. E por isso, todo homem deve construir, ao longo de sua vida, uma obra. Todos os seres humanos são chamados a cooperar para o acabamento do mundo. A Criação procura ser sempre mais bela e toda atividade humana contribui para que isso aconteça. Em meio ao confronto mundial, em pleno campo de batalha da Primeira Guerra, nosso místico pressente esta realidade e confessa ardorosamente:

A única recompensa que ambiciono, de ora avante, para o meu trabalho, é pensar que ele é utilizado para o progresso essencial e duradouro do Universo. Ora, se tenho fé na Vida, creio que o Mundo registra tudo o que nele se faz de bem e de útil; qualquer movimento, qualquer impulso, capazes de compor com o seu Devir excelente, distingue-os e assimila-os. A minha vida pode ser ignorada, monótona, banal, fastidiosa, perdida aos olhos de todos... cumprirei os meus deveres com a consciência de colaborar eficazmente na evolução absoluta do Ser. Átomo deveras humilde, desempenharei a função imperceptível com o coração do tamanho do

71 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

72 Ibid.

73 Ibid.

Universo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 33)⁷⁴.

Teilhard deseja trabalhar porque está consciente de que seu trabalho, por mais insignificante que pareça, faz nascer o novo mundo. A guerra e o frenesi dos soldados no preparo de uma ação com certeza o ajudaram a se dar conta de que toda atividade, a mais banal que se possa imaginar, deve ser realizada com a consciência da realização de algo maior. Cada nova música, cada poesia inédita, cada descoberta de laboratório, todas essas coisas recém-nascidas que Deus permite trazer ao mundo ajudam a realizar a grande e incessante tarefa de construção da nova Terra, assim como as muitas formigas trabalham juntas para fazer sua morada. Através de seu trabalho o homem concorre para a continuidade da Criação e, mais do que isso, para a plenitude da encarnação. Por mais humilde que pareça a tarefa realizada é através dela que nós servimos a Deus. Tendo em vista a interligação já demonstrada entre a matéria, a alma e Cristo, todo trabalho de nossas mãos reconduz a Deus uma parcela do ser que Ele deseja, conflui para o aperfeiçoamento do Cristo em sua totalidade mística. Por não se tratar simplesmente da conclusão de uma obra humana, mas do acabamento do próprio Cristo, é que os homens são chamados a consagrar-se à cultura do Mundo. Diz Teilhard (1965, p. 51):

Mais envolvente se tornara para os nossos corações, graças à Revelação do Cristo cósmico, o contato das coisas. Mais insistente, agora, retine aos nossos ouvidos a Voz que chama para o domínio dos Segredos e das Forças, para o domínio do Universo. *Para que chegue o Reino de Deus, é necessário que o Homem conquiste o cetro da Terra.*⁷⁵

Para que possamos, pois, encontrar Deus não é necessário abandonar nossos labores diários porque somos justamente abraçados por Ele através de nossas atividades e de nossas obras. Mais do que isso, naquilo que realiza, o homem experimenta uma ligação muito íntima com seu Criador.

Na ação, primeiramente, eu realizo minha adesão à potência criadora de Deus; eu coincido com ela; eu me torno não somente o instrumento, mas o prolongamento vivo dela. E como não há nada mais íntimo em um ser do que sua vontade, eu me confundo, de alguma maneira, através do meu coração, com o próprio coração de Deus (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 42)⁷⁶.

74 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La Vie cosmique*.

75 Ibid. Do escrito *La Vie cosmique*.

76 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

O homem não mais visto como simples instrumento, e sim como prolongamento da potência criadora de Deus, eis a originalidade da visada teilhardiana. Pensado como instrumento, o ser humano não passa de um objeto manipulado por um sujeito que comanda tudo, retomando as antigas imagens de Deus como comandante de um cosmo estático. Entrevisto como prolongamento da ação criadora de Deus, o homem assume também a condição de sujeito da história e da cosmogênese. Recordemos que o pano de fundo do pensamento de Teilhard é a evolução e o homem como flecha desse processo, a saber, quando trabalha e concorre para o progresso das coisas o ser humano prolonga a vontade de Deus no mundo e dessa forma se confunde com o próprio coração daquele que tudo criou. Numa carta escrita à Marguerite dos campos de batalha, Teilhard descreve sua experiência de adesão a Deus mediante a realização de sua vontade criadora, bem como a sua descoberta de que o que mantém o Universo, a sua medula, é o esforço do homem.

Experimento, fundamentalmente, com intensidade renovada, a intensa alegria e desejo de aderir a Deus através de tudo. Mais claramente do que nunca, o grande e triplo esforço natural do mundo (esforço de domínio do real, esforço de organização social, esforço de resistência na dor) me parece ser a seiva a santificar – aquela que, sobrenaturalizada, deve fazer crescer o reino de Deus. Essa é a medula sagrada do Universo: o Esforço Humano. É aí que devemos bater. – Não achas que em vez de trabalhar diretamente sobre as almas, haveria muitas vezes vantagem em nos entregarmos a transformar assim *o seu meio*, isto é, em fazer prevalecer, em vulgarizar certos pontos de vista, certas correntes de ideias, que cativariam e arrastariam para Deus, sem que houvesse necessidade de empurrar, exteriormente ou de outro modo, aqueles que participassem disso? Pregar antes de mais o esforço, a santificação do esforço, não será necessariamente fazer desejar e fazer reinar Cristo, falando embora a mais nobre e mais querida linguagem humana? Evidentemente que há esforço e esforço... Mas não pode haver séria discussão acerca do sentido do *bom* esforço, que é vitória sobre o egoísmo e libertação da má matéria... De qualquer modo, para aquele que compreendeu que a infinita Realidade divina é apreendida [apreensível] no termo de todo o labor de conquista, de toda a caridade social, de todo o sofrimento suportado, que solidez, que consistência, que interesse ganha toda a Vida!... (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 161-162)⁷⁷.

Não se pode pensar num Reino de Deus a ser construído a partir do abandono e do desprezo à Terra e a todos os seres que nela habitam. O Criador não quis que fosse assim, mas, pelo contrário, Ele espera que o homem, mediante seu trabalho e esforço, ornamente e torne cada vez mais bela essa casa que nos foi dada como habitação sagrada. Não há necessidade de escolher entre ser cristão e ser homem. É possível conquistar almas para Deus

77 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 06 de novembro de 1916.

atravessando os muros dos templos.

Sinteticamente, e à maneira teilhardiana, poderíamos dizer que a conexão entre Deus e o mundo, entre Criador e Criação, realiza-se no âmbito da ação. Daí a possibilidade de afirmar, sem medo de errar, que o encontro com Deus não exige do homem renúncia ao trabalho. Sobre isto, aconselha-nos o místico:

Reconheçam com a ajuda de Deus, a conexão, mesmo física e natural, que liga o trabalho de vocês à edificação do Reino Celeste; vejam o próprio Céu sorrir para vocês e atraí-los através das obras que vocês realizam; e vocês só terão, ao deixar a Igreja pela cidade barulhenta, o sentimento de continuar a imergir-se em Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 47)⁷⁸.

Para quem se dá conta de uma tal realidade, o mundo se mostra pleno de Deus e já não há mais dualidade, mas unidade entre Céu e Terra. Não mais é preciso escolher entre a vida de oração e o trabalho, porque este se torna uma forma de prece. Aliás é o labor cotidiano que o místico oferece a Deus quando celebra sua Missa sobre o Mundo:

Meu cálice e a minha patena são as profundezas de uma alma largamente aberta a todas as forças que, num instante, vão se elevar de todos os pontos do Globo e convergir para o Espírito. – Que venham a mim, portanto, a lembrança e a mística presença daqueles que a luz desperta para uma nova jornada! Um a um, Senhor, eu os vejo e os amo, aqueles que me destes como sustentáculo e como encanto naturais de minha existência. Um a um, também, eu os conto, os membros dessa outra e tão cara família que reuniram pouco a pouco, ao meu redor, a partir dos elementos mais disparatados, as afinidades do coração, da pesquisa científica e do pensamento. Mais confusamente, mas todos, sem exceção, eu os evoco, aqueles cuja multidão anônima forma a massa inumerável dos vivos: aqueles que me envolvem e me suportam sem que eu os conheça; aqueles que vem e aqueles que vão; sobretudo aqueles que, na verdade ou através do erro, em seu escritório, em seu laboratório ou na fábrica, crêem no progresso das Coisas, e hoje apaixonadamente perseguirão a luz. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 17-18)⁷⁹.

Na patena de Teilhard são colocados todos aqueles que acordam e se levantam para um novo dia de trabalho; os que desempenham suas tarefas nas mesas dos escritórios, também os que fazem parte das filas de produção nas fábricas e os que nos laboratórios desenvolvem suas pesquisas científicas. A estes, com certeza, ele acrescentaria tantos outros, porque estava certo e afirmou que a oferta esperada por Deus, aquela da qual todos os homens, misteriosamente necessitam para apaziguar a fome e estancar a sede, “[...] é nada menos que o

78 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

79 Id. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

crescimento do Mundo arrebatado pelo universal devir” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 18-19)⁸⁰.

Todas essas expressões teilhardianas podem causar a impressão de um fascínio exagerado pelas coisas do mundo seguido de um quase descaso pelas coisas de Deus. É preciso, portanto, situar o pensamento do místico francês na sua intenção de não-dualidade. Em outras palavras, Teilhard desejou sempre, e durante toda a sua vida, promover a conciliação entre seus dois amores, Deus e o mundo. É na natureza, na exuberância e ao mesmo tempo na simplicidade da vida cotidiana, que ele se vê face a face com o Criador. Disso não se deve concluir que o místico do Auvergne desvalorizava os momentos de oração e os sacramentos.

Há, sem dúvida, em nossas jornadas, minutos particularmente nobres e preciosos, os da oração e dos sacramentos. Sem estes momentos de contato mais eficientes ou mais explícitos, o afluxo da onipresença divina e a visão que temos dela logo se enfraqueceriam, até o ponto de a nossa melhor diligência humana, sem estar absolutamente perdida para o Mundo, restar para nós vazia de Deus. Mas, uma vez feita zelosamente esta parte com relação ao Deus encontrado – ousar dizer – 'em estado puro' (isto é, no estado de Ser distinto de todos os elementos deste Mundo), como temer que a mais banal, a mais absorvente, ou a mais atraente ocupação nos força a afastar-nos d'Ele? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 47)⁸¹.

Não é preciso temer que as ocupações mundanas nos afastem de Deus, pois Ele está em toda parte a nós se dando⁸². É um grande estudioso e amigo de Teilhard quem nos explica a personalidade do jesuíta francês no que diz respeito à sacramentalidade do mundo. Para o padre que se fez soldado na guerra, diz-nos Henri de Lubac (1962, p. 38), “[...] tudo neste mundo, coisas, eventos, relações humanas, tem um caráter sacramental”.⁸³ Em outras palavras, tudo revela Deus, em todas as coisas Deus se oferece ao homem para ser descoberto e neste contexto insere-se o trabalho humano. Ao cristão, ou mais verdadeiramente, a todo aquele que sabe ver “[...] não há nada no mundo que não mostre Deus. Tudo é capaz de conduzir a Deus 'ponto último' onde tudo converge. Tudo, e mais especial, primeiramente, isto

80 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

81 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

82 Ao analisar o pensamento de João da Cruz, Nemeck indica que o apego, até mesmo ao que parecem ser as coisas de Deus, impede o encontro decisivo com Ele. “Aqueles que por seu *gosto* [desejo] estão apegados seja à sua oração, seja a seu oratório ou às suas solenidades religiosas, não se dão inteiramente à influência divina neles”. NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin e Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris; Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975, p. 54-55.

83 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

que é nossa luta constante de cada dia: o trabalho” (DE LUBAC, 1962, p. 38-39)⁸⁴. Enfim, tudo pode ser divinizado.

Certo disso, Teilhard declara que, desde a mais simples até a mais complicada das tarefas, tudo deve ser feito com adoração, com o sentimento de que estamos realizando uma tarefa junto com Aquele que nos criou, ao mesmo tempo que para Ele. Assim ele orientava espiritualmente sua prima Marguerite em relação ao seu trabalho na direção de um colégio:

Quando sofres e trabalhas, mais não fazes que juntar o teu pequeno esforço ao d'Aquele que é a alma de toda a Criação. – Se compreenderes esta linguagem das almas que sobem para o céu, voltarás, mais forte, ao teu dever e às tuas preocupações de Diretora. Acredita-me: através de toda a luta que, em ti, há muito manténs contra o aborrecimento e a obscuridade, Deus toma-te, lenta e seguramente, para Ele. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 69)⁸⁵.

Não importam se são as mãos que amassam a farinha, ou se são as mãos que consagram o pão, o certo é que ambas operam juntas na fazedura da grande hóstia universal que é a Criação.

Homem antenado com seu tempo e desejoso de um cristianismo mais humano, Teilhard tinha consciência de que era preciso humanizar o cristão e sua religião, ou seja, sabia que por sua própria fé, o seguidor de Cristo, deveria se apaixonar pelas coisas da Terra. Em seu tempo, a grande objeção que se tinha contra o cristianismo era a de que ele tornaria desumano os seus fiéis, desinteressando-os do trabalho do Mundo. O cristão trabalha, dizem, mas não crê no valor do esforço. Teilhard, antes do Vaticano II, antevê a necessidade de explicar que esta visão é uma visão incompleta, quando não distorcida da religião. O cristão tem, assim como qualquer outro, o dever de desejar o sucesso da Terra, mesmo no que lhe parece serem as suas zonas mais naturais. Para os que pensam ser o cristianismo uma religião de desprezo ao Mundo, assim diz o pensador:

Para vocês [...] o que está em jogo é somente o sucesso ou fracasso de uma realidade que, mesmo concebida sob traços de uma super-humanidade, permanece vaga e precária. Para nós, o que está em jogo, em sentido verdadeiro, é o acabamento do próprio triunfo de um Deus. Uma coisa infinitamente decepcionante, estou de acordo com vocês: é que, muito pouco conscientes das responsabilidades 'divinas' de sua vida, muitos cristãos vivem como os outros homens, em um semiesforço, sem conhecer o agulhão ou a embriaguez do Reino de Deus a promover a partir de todos os âmbitos humanos. Mas critiquem somente a nossa fraqueza. De acordo com

84 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

85 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 05-06 de agosto de 1915.

a nossa fé, nós temos o direito e o dever de apaixonar-nos pelas coisas da Terra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 52)⁸⁶.

Mais do que o sucesso do Mundo, o cristão deseja o triunfo de Deus. No entanto, e infelizmente, há muitos discípulos de Cristo que ainda não foram tocados pela fascinante realidade do Reino de Deus que se deve promover a partir das coisas humanas. Teilhard reconhece a existência de cristãos assim, mas não está entre eles uma vez que, ousadamente, ele diz: “[...] eu quero me dedicar de corpo e alma ao sagrado dever da pesquisa. Sondemos todas as muralhas. Tentemos todos os caminhos. Perscrutemos todos os abismos. [...]. Deus o quer, Ele quis precisar disso” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 52-53)⁸⁷.

O Criador desejou que o homem fosse seu colaborador na obra da Criação a ser prosseguida. A este desejo só podemos responder entregando-nos totalmente, com toda nossa alma, ao dever da pesquisa; este dever sagrado, porque ditado pelo coração do próprio Deus. Tudo tentar e tudo sondar mais do que desejos humanos são vontade divina da qual o homem é prolongamento. E mais do que construir o mundo, dando continuidade à obra da Criação, o cristão, uma vez consciente de sua força e de suas capacidades, tem o dever de construir-se a si próprio, tornando-se responsável por si mesmo. Integram os desígnios divinos uma humanidade cada vez mais desenvolvida habitando um mundo cada vez melhor. Assim Deus o quer, diz o místico do Auvergne. Mas este ideal cristão, onde um enorme valor é dado à preocupação com o desenvolvimento humano e com a busca de melhorias terrestres, poderia provocar confusão e inquietação em muitos espíritos e Teilhard estava bastante consciente disso. No entanto, ele lembra :

Nesta atitude tão otimista, tão ampliadora, cujos traços acabamos de esboçar, uma verdadeira e profunda renúncia está disseminada por toda parte. Aquele que se apega ao dever humano, seguindo a fórmula cristã, ainda que pudesse exteriormente parecer imerso nas preocupações da Terra, é, bem no fundo de si mesmo, um grande desapegado. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 44-45)⁸⁸.

O cristão, por fidelidade à sua própria religião e aos ensinamentos de seu mestre, deve trabalhar para aperfeiçoar o mundo criado e isso, por si só, não faz dele um apegado. Pelo contrário, o trabalho por sua própria natureza é fator de desapego porque implica esforço, saída do estado de apatia, enfim, representa a vitória contra a inércia que nos tenta a

86 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

87 Ibid.

88 Ibid.

todo instante. No ano de 1915, esta questão já era abordada numa de suas cartas à prima confidente na guerra. Assim dizia ele à Marguerite:

O maior sacrifício que podemos fazer, a maior vitória que podemos alcançar sobre nós próprios, é superar a inércia, a tendência para o menor esforço. Por si mesma, a ação humana desapega e une a NS. Sem te preocupares com renúncias teóricas, começa por te dedicares à realização da tua tarefa, tantas vezes maçadora, que te é determinada *por Deus*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 65)⁸⁹.

Para bem realizar seus afazeres o operário deve, antes de tudo, abandonar sua tranquilidade e seu repouso, deixar para trás a facilidade de nada fazer e tudo esperar de Deus. Mas isso não basta, uma vez que o operário é chamado a abandonar sempre e cada vez mais para atingir as melhores formas de sua profissão, sua arte e seu pensamento. Não é, disso podemos estar certos, “[...] a imersão da alma no mundo que a impede de progredir espiritualmente, mas sua 'vontade' e seu 'apetite' sobre o criado que entram esse progresso” (NEMECK, 1975, p. 52)⁹⁰. Parar para desfrutar do fruto de seu trabalho seria uma falta contra a ação. O Mundo é uma cosmogênese, a Evolução segue seu curso, o homem deve estar bem consciente de que, tendo realizado uma obra não pode parar, uma vez que na dinâmica evolutiva, “[...] a Verdade, mesmo revelada, não se conserva senão por uma perpétua aquisição” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 159)⁹¹. O trabalhador deve ultrapassar-se a si mesmo, deve arrancar-se de si mesmo em busca de um ideal sempre mais alto. E o jesuíta entende que este caminho não é tão diferente, como pode inicialmente parecer, do caminho da cruz:

Ora, seguindo esta rota, que não é tão diferente – como pode parecer de início – da via real da Cruz, o desapego não consiste simplesmente na substituição contínua de um objeto por outro da mesma ordem, como aos quilômetros, numa estrada plana, sucedem-se os quilômetros. Em virtude de uma maravilhosa potência ascendente [...] cada realidade esperada e ultrapassada nos faz chegar à descoberta e à procura de um ideal de qualidade espiritual mais alta. Para quem estende convenientemente sua vela ao sopro da Terra, manifestam-se uma corrente que força a tomar sempre o

89 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 04 de julho de 1915.

90 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin e Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris; Montréal: Desclée & Cie; Bellarmine, 1975. No contexto o autor está analisando o sentido do desnudamento do “gosto” e do “apetite” no pensamento de João da Cruz. Utilizamos a mesma reflexão para o entendimento da ideia de desapego pela ação em Teilhard de Chardin, compreendendo que o que impede o verdadeiro progresso da alma para João da Cruz ou a divinização das atividades para Teilhard é o fixar-se num determinado ponto do caminho sem daí seguir em frente.

91 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Milieu mystique*.

mais alto-mar. Quanto mais um homem deseja e age nobremente, mais ele se torna ávido de objetos maiores e sublimes a perseguir. Só a família, só o país, só o lado remunerador de sua ação muito cedo não lhe serão mais suficientes. Ele precisará de organizações gerais a criar, de vias novas a abrir, de Causas a sustentar, de Verdades a descobrir, de um Ideal a nutrir e a defender. Assim pouco a pouco, o operário da Terra não se pertence mais a si próprio. Pouco a pouco, o grande sopro do Universo, insinuado nele pela fissura de uma ação humilde, mas fiel, o dilatou, o ergueu, o arrebatou. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 54)⁹².

O discípulo de Cristo aprende a se desapegar através de sua própria ação. O seu desapego não é apenas a substituição de um objeto por outro, mas é a superação de uma realidade em busca de outra realidade com qualidade espiritual mais alta. Ele, o cristão, não abandona o fruto de seu trabalho pelo simples abandono em si. Aquilo que produziu é muito importante para ele, mas é deixado para trás em virtude de novos ideais que lhe surgem e o obrigam a mais uma vez tudo tentar. É em atenção ao convite do próprio mestre que o cristão que, guiando seu barco estende suas velas ao sopro da Terra, é compelido a abandonar a segurança da margem em direção às águas mais profundas para então ali lançar suas redes⁹³.

Na guerra, quando escrevia *Le Milieu mystique*, Teilhard declarava:

Pelo amor do Divino, que vê surgir de toda a parte a cada novo progresso realizado na Natureza, o místico embrenha-se fogosamente na *luta pela Luz*. Ele é dolorosamente atormentado por não ver o suficiente. Consome-se quando o Mal resiste ou se alastra. Saboreia, em contrapartida, nas horas de triunfo, a capotosa bebida que serve, aos seus adeptos mais fiéis, a *doutrina da Força*. Sua visão o deixa essencialmente *humano*. [...]. Entre os homens, apenas o místico está certo de que o menor dos seus esforços é um [adquirido para sempre], que tem efeito e que dura... Pois opera em Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 159)⁹⁴.

Certo de que opera em Deus, com e para Deus, o cristão não rejeita seu trabalho e muito menos o produto desse trabalho. Ele está seguro de que contribui para aliviar a dor da Criação que, como teria dito São Paulo, “[...] geme em dores de parto”⁹⁵. O Divino está em toda parte e por isso o místico deve se entregar de corpo e alma na luta pela luz, rejeitando todo o mal que faz com que a Criação se verta em lágrimas. Nesse sentido é que se pode dizer que o cristianismo não cria homens indiferentes ao mundo, desinteressados pelo sucesso da humanidade, insensíveis em relação à natureza e seu cuidado. O êxito da vida interessa ao

92 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

93 Lucas 5,4.

94 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 159. Do escrito *Le Milieu mystique*.

95 Romanos 8, 22.

cristão que é, ao mesmo tempo, um grande apegado e um grande desapegado. Ele se interessa pelas coisas do mundo, mas seu interesse se dá em virtude da presença de Deus em tudo o que existe. Ele sabe que a maior das realizações humanas nada é se encarada como realização individual e fora de Deus. Em todas as criaturas, o cristão busca o Criador. Sua ternura em relação às coisas criadas é dependente da presença nelas d'Aquele que cria. O que ele busca incessantemente é o Maior que ele, Aquele a quem está destinado, o Único Suficiente e Único Necessário. Sendo assim,

[...] o cristão é, ao mesmo tempo, o mais apegado e o mais desapegado dos seres humanos. Convencido, mais do que qualquer outro 'mundano', do valor e do interesse sondáveis que se escondem sob o menor dos êxitos terrestres, ele está persuadido, ao mesmo tempo [...] do nada de todo sucesso, se nós o encaramos simplesmente como um lucro individual (ou mesmo universal) fora de Deus. É Deus – e somente Deus – que ele busca através da realidade das criaturas. Para ele, o interesse está verdadeiramente *nas* coisas, mas em absoluta dependência da presença de Deus nelas. A luz celeste torna-se tangível e atingível para ele no cristal dos seres; mas ele só vê a luz; e, se a luz se apaga, porque o objeto está deslocado, ultrapassado ou se desloca, a mais preciosa substância não se torna a seus olhos mais do que cinza. Deste modo, até em si mesmo e nos desenvolvimentos mais pessoais que ele adquire, não é a si mesmo que ele busca, mas o Maior do que ele próprio, ao qual ele se reconhece destinado. Na verdade, aos seus próprios olhos, ele não conta mais; ele não existe mais; ele se esqueceu de si e se perdeu no próprio esforço que o aperfeiçoa. Não é mais o átomo que vive, é o universo que vive nele. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 57-58)⁹⁶

No entendimento de Teilhard, as conquistas humanas importam e por isso o cristão deve se dedicar tão zelosamente ao seu trabalho de aperfeiçoamento do mundo, sem medo de perder-se de Deus. A própria Criação, insistimos com o que nos diz São Paulo, “[...] espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus [...] geme e sofre dores de parto”⁹⁷. Obedientes ao Pai que ama e por amor cria e cuida, os filhos devem agir e, mediante sua ação, fazer nascer essa nova humanidade.

Pode-se, a partir de tudo o que foi dito, concluir do pensamento de Teilhard de Chardin, uma mística da ação. Mas não é este o caso, ou pelo menos não é só isso. O jesuíta do Auvergne valoriza a ação e seus resultados, mas reconhece que ela compõe apenas uma das partes da vida (DE LUBAC, 1962)⁹⁸, ou segundo suas próprias palavras, “[...] a metade do caminho que conduz à montanha da transfiguração” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p.

96 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

97 Romanos 8, 19.22.

98 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

55-56)⁹⁹. É preciso ainda percorrer a outra parte da estrada e a ela nos dedicaremos no próximo tópico.

2.3 A divinização das passividades

Sou muito mais apaixonado do que sábio. [...]. Ora, isto é simultaneamente uma grande fraqueza e uma preciosa força; e experimentei-o bem, nestes últimos tempos. Não somos senhores absolutos desse gosto, dessa paixão de viver que me invejas [...] desse gosto e alegria de agir, portanto: é um manancial que em nós jorra sem nós, que é certo que podemos utilizar, canalizar, mas não manter nem alimentar. Se uma energia primeira se empobrecer no fundo de nós mesmos, nenhum raciocínio, nenhuma indústria poderá restaurá-la. [...]. Que NS nos conserve portanto, no fundo da alma, a tensão para o progresso e o mais ser; – e que simultaneamente volte só para Ele essa tendência profunda! – Porque, fonte da Vida, Ele é o único Senhor e Dispensador desse duplo vigor fundamental... Repito-te: experimentei profundamente essa dependência, essa impotência, que é nossa, para nos darmos o gosto (tão necessário) de viver. Foi aí que me senti tocado. Não será isto, um pouquinho, o tédio mortal de que NS agonizou?
(TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 180)¹⁰⁰

Tomar consciência de que a vontade de agir, o gosto de viver, tudo aquilo que faz o homem abandonar seu estado de inércia em direção ao progresso, não está no homem, mas lhe é dado, é algo que jorra em nós sem nós; eis outro aprendizado de Teilhard durante os anos de confronto, como nos revela esta carta enviada à prima. É na Guerra que o jovem jesuíta passa a refletir mais intensamente sobre aquilo que ele mesmo chamará de passividades¹⁰¹. E assim, como no caso das atividades, é em sua obra maior de espiritualidade¹⁰² que suas reflexões retomam de forma amadurecida. Neste escrito, Teilhard afirma que a vida do homem é dividida em duas partes: aquilo que o homem faz e aquilo que ele sofre, isto é, suas atividades e suas passividades. Mas, como em todo pensamento teilhardiano, não há dualidade e contradição, e sim dialética. A fase das atividades não se contrapõe à fase das passividades. Muitas vezes elas parecem se misturar de forma tal que é

99 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

100 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora. Carta de 28 de dezembro de 1916.

101 A carta onde Teilhard fala à Marguerite sobre essa tomada de consciência, e que citamos acima, é datada de 29 de junho de 1916. Um dia depois, em 30 de junho, ele escreveria no seu diário de Guerra: “O Coração de NS é a fonte de todas as passividades que me dominam, e de todas as atividades que me despertam e me conduzem”. NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975, p. 83. Segundo Nemeck, na referida obra, é nesta passagem que Teilhard emprega, pela primeira vez por escrito, o termo “passividades”.

102 Referimo-nos aqui à *O Meio Divino*.

impossível separar uma da outra.

Ao mesmo tempo em que o Homem, pelo próprio desenvolvimento de suas potências, é conduzido a descobrir as metas cada vez mais elevadas para a sua ação, ele tende a ser dominado pelo objeto de suas conquistas; e, como Jacó em seu corpo a corpo com o Anjo, ele acaba por adorar aquele contra o qual lutava. A grandeza que ele desvelou e desencadeou o subjuga. E então, de acordo com sua natureza de elemento, ele é levado a reconhecer que, no ato definitivo que deve reuni-lo ao Todo, os dois termos da União são desmesuradamente desiguais. Ele, o menor, tem a receber mais do que a dar. Ele se encontra possuído por aquele de quem acreditava ter-se apoderado. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 60)¹⁰³.

Ser possuído por quem acreditávamos possuir, agir impulsionados por uma força que nos é exterior, mas que acreditávamos ser nossa força interior. Assim se entrecruzam na existência a nossa vontade e a vontade de Deus como duas mãos que se juntam para tecer o mundo. Tendo se unido a Deus através da ação e maravilhado pelos encantos dessa união, o homem deseja também uma outra união, a saber, “[...] aquela, na qual ele, permanecendo em si mesmo, se desenvolveria menos do que se ele se perdesse em Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 61-62)¹⁰⁴. O desenvolvimento aqui se concentra no desenvolver-se para e com Deus, ou, para ser mais fiel aos termos teilhardianos, no perder-se em Deus, no abrir-se para assim ser penetrado por Deus.

Segundo o místico francês, “[...] aquilo que não é operado em nós é, por definição, sofrido, experimentado” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 62)¹⁰⁵; enfim é recebido. É em termos de receptividade à ação divina que devemos entender o conceito de passividades, tal como empregado pelo pensador (NEMECK, 1975)¹⁰⁶. O homem, no decorrer de sua vida, é constantemente chamado a abrir-se à vontade de Deus, a mergulhar e se deixar tomar por essa vontade. Saber-se sempre tocado pelos desígnios da Providência, estar certo de se encontrar sempre no lugar desejado por Deus, torna a vida mais bela mesmo nos momentos onde tudo parece indicar o contrário. Assim pensava Teilhard e seu pensamento nada tem de resignado. Ao mesmo tempo que vai nos ensinar a amar a mão de Deus que nos faz dobrar, ele

103 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

104 Ibid. A esta fase Teilhard chama de fase ulterior, mas entendemos que isso se dá por razões didáticas, para um melhor entendimento de seus leitores. Como já salientamos, o pensamento de nosso jesuíta é marcado e ancorado na dialética que marca a vida. Teilhard salienta ainda que as duas fases ativa e passiva da vida são desiguais. Embora possa parecer que a primeira ocupa o primeiro lugar, é a segunda, ou seja, a fase passiva a mais extensa e profunda. Somos feitos muito mais do que nos fazemos, porque mesmo quando agimos, somos guiados pela força criadora.

105 Ibid.

106 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

vai nos ensinar a tomar essa mão para junto dela lutar contra o mal. O homem de ação que foi nosso jesuíta tem conhecimento de que há momentos na vida em que o agir se torna penoso e difícil. Por isso, assim como é muito importante no estudo de sua obra falar das atividades, é também essencial falar das passividades. De acordo com Nemeck (1975,p. 66) esta

[...] palavra 'passividade' se encontra frequentemente nas suas obras, notadamente entre 1916 e 1927. Ela se descobre especialmente nos contextos que tratam de um e de outro aspecto da doutrina cristã do desapego, da privação. O estudo das passividades em Teilhard equivale assim praticamente ao estudo do mistério do despojamento interior contido na sua mística.¹⁰⁷

Esta referência nos indica que o pensador do Auvergne se dedicou ao tema das passividades no período que vai da Guerra à redação de *Le Milieu Divin*. Sua preocupação parece ser, como no caso das atividades, conciliar o ideal cristão de despojamento e de amor ao mundo, de resignação e de luta frente ao Mal.

Em muitos dos escritos de Teilhard aparece o termo passividades, mas quase nunca ele submete o conceito a uma qualificação particular. É apenas em alguns casos que ele determina o gênero específico (NEMECK, 1975)¹⁰⁸. Durante a Guerra, por exemplo, ele fala das passividades de existência. Em *Le Milieu Divin* trata das passividades de crescimento e diminuição. E em *Le Milieu Mystique*, escrito do ano de 1917, quando se encontrava na frente de batalha, ele cita uma “passividade de ordem superior” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 163)¹⁰⁹.

No ano de 1916, quando Teilhard vivia seus anos de Guerra, numa carta à prima Marguerite, aparece pela primeira vez o termo “passividades da existência” (NEMECK, 1975)¹¹⁰. Depois de ter falado sobre a importância da atividade do homem, do valor do esforço humano, ele diz:

E, simultaneamente, permaneço fiel ao meu culto do outro componente do real, isto é, das energias dominantes que fazem dobrar e ajoelhar-se as nossas mais vigorosas resistências. – Gostei muito das linhas de Blondel, que me enviaste, acerca da dor, porque em cada palavra transparece a ação criadora, formadora, de Deus, cuja influência é a única capaz de nos arrancar a nós mesmos 'para em nós pôr qualquer coisa que não é nossa'. – 'A alegria da

107 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

108 Ibid. Seguimos neste trabalho a mesma divisão feita por este autor das passividades de existência, passividades de crescimento e diminuição e passividade de ordem superior.

109 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 163. Do escrito *Le Milieu mystique*.

110 NEMECK, Francis Kelly. Opus cit.

ação de outro em nós', eis precisamente o que faz com que me pareçam tão doces e adoráveis as passividades da existência (já que é Deus quem por elas prima em nós), ao ponto de que, se não reagisse, esqueceria que o êxito de qualquer criatura está ligado à sua boa-vontade agente, e que nenhuma fatalidade imanente nos empurra para o êxito. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 180)¹¹¹.

Na dor e no sofrimento Teilhard entrevia a ação criadora, formadora, santificadora de Deus. Sentir a ação de Deus em nossas vidas é o que, segundo ele, poderia tornar doces e adoráveis as passividades da existência. Essas passividades fariam o homem sair de si mesmo para deixar-se tomar pelo Maior que ele. O sentimento experimentado pode ser tão inebriante a ponto de levar o homem a uma entrega tal, que ele, o homem, perderia seu interesse e sua vontade de agir. Nesta mesma carta Teilhard expressa à prima seus votos de felicidades para o ano vindouro nos seguintes termos: “[...] que pela alegria e pelo sofrimento, pelo trabalho e pelas passividades, pelo êxito e pelo insucesso, pelas reuniões e pelos lutos, NS cresça em ti e ganhe o primeiro lugar na tua ação e nas tuas afeições” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 178)¹¹². Deixar o Senhor crescer e ganhar o primeiro lugar em nossas vidas; eis a função das passividades e o desejo maior de nosso místico.

Para que Deus tome nossas vidas, para que penetre em nós, não é necessário, portanto, que nos deixemos dominar pela dor. É preciso compreender bem o sentido ou o significado das “passividades de existência”, para que não as confundamos com a aceitação pura e simples do sofrimento.

A expressão 'as passividades da existência' designa portanto, para Teilhard, todas as energias invasoras que constituem o nó da ação purificadora de Deus na alma. Elas são chamadas 'passividades' em razão da atitude receptiva da alma, e elas são qualificadas 'da existência' porque sem elas a alma não pode nem chegar à plenitude de sua própria existência, nem contribuir eficazmente ao máximo do real. (NEMECK, 1975, p. 72)¹¹³.

Ou seja, o termo passividades da existência indica antes de tudo a ação de Deus na vida humana, ação que ajuda o homem no seu caminho para o mais-ser. Não se deve pensar nas passividades como a atitude passiva do homem frente aos males do mundo, mas antes como a sua atitude receptiva à ação e presença divinas, que se dão tanto nas alegrias e vitórias, quanto nas tristezas e derrotas.

111 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 28 de dezembro de 1916.

112 Ibid. Carta de 28 de dezembro de 1916.

113 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

As reflexões de Teilhard sobre as passividades ganham força durante a Guerra e nos anos seguintes, chegando ao auge quando ele redigia *Le Milieu Divin*. Mas isto não quer dizer que, durante os anos de juventude, o místico do Auvergne não tenha se ocupado do tema. Ele passou pela experiência da morte muitas vezes em sua vida e de modo particular foi marcado pela morte, no ano de 1902, de seu irmão mais velho Albéric. Esta perda é constantemente comentada com os pais nos anos em que o jesuíta passou no Cairo (1905-1908) e também nos anos de teologia em Hastings (1908-1912). Numa carta enviada do Cairo, em 26 de setembro de 1906, ele comenta com os pais sobre o aniversário de morte do irmão e demonstra sua fé. Diz ele:

É amanhã o aniversário de Alberic, que, como de costume, me leva a pensar um pouco mais em vós, nos vossos filhos, nos velhos tempos; apesar da tristeza, o dia 27 torna-se uma festa de família. Convosco pedirei a N.S. e à Virgem Santíssima que leve cada um de nós a realizar o maior bem possível, pelos meios que Eles quiserem (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 118)¹¹⁴.

O tom nos leva a pensar nas lembranças e na saudade dos velhos tempos em que a família estava reunida. Mas à tristeza se junta a alegria de saber-se realizando a vontade de Deus. Um ano depois, em 1907, outra carta nos indica o desejo inato de Teilhard de, na dor ou no contentamento, sentir-se cada vez mais próximo de Deus: “Peço a Deus por Quem vos deixei, que abençoe para vós, como entender, os meses que vêm; saberá certamente fazer com que sirvam para nos aproximarmos d'Ele” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 209)¹¹⁵.

Em muitas outras ocasiões, o jovem jesuíta pensa no sofrimento. Cresce nele a consciência de que, muitas vezes o mal é inevitável. Ao mesmo tempo, no entanto, ganha forma em seu pensamento a certeza de que “[...] é necessário lembrarmos-nos que graças ao amor de Deus as privações podem ser-nos tão úteis como muitas satisfações” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 131)¹¹⁶ ou de que “[...] Deus não lhe poupa separações e cuidados. De tudo isto, é ainda Ele que deve sair engrandecido por nós, impondo-se cada vez mais à medida que tudo desaparece, o único capaz de tudo substituir e de tudo reconstituir” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 170)¹¹⁷.

O que à primeira vista parece ser ausência de Deus na vida humana toma para o místico francês a forma de presença ativa do Criador, que se impõe ao homem quando tudo o

114 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas do Egito: 1905-1908**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 26 de setembro de 1906.

115 Ibid. Carta de 29 de dezembro de 1907.

116 Id. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 15 de setembro de 1910.

117 Ibid. Carta de 08 de maio de 1911.

que lhe é mais caro desaparece, que preenche os vazios da existência substituindo a dor por seu infinito amor.

Numa carta escrita aos pais, por ocasião da morte da irmã Françoise, Teilhard deixa jorrar palavras de profunda fé que nos revelam um homem que se sente, em todos os momentos da vida, abraçado pela misericórdia divina. Ele vive a dor intensamente, sobretudo por não poder estar do lado de seus pais naquele momento; mas consegue se alegrar com a certeza de a morte não é separação, mas união ao Maior que tudo:

Esta manhã chegou-me diretamente de Xangai (por deferência de um dos nossos Padres, suponho) um telegrama anunciando que a Françoise acabava de se reunir ao Albéric.– Tinham oferecido a Deus a vossa querida filha: Ele acaba de aceitá-la definitivamente. Só Ele é o fim de todas as coisas, por isso, da sua parte, levar alguém não é separar, mas unir. Que seja feita a sua Vontade. – Sei que muitas vezes têm repetido esta frase desde há três dias; mas sem que isso os impeça de sofrer cruelmente; também eu daria muito para estar neste momento junto de ambos e poder falar-lhes um pouco. A nossa maior consolação é que seria difícil sonhar com um fim mais santo e mais belo. Françoise acaba, na verdade, de encontrar a morte que desejava acima de tudo – e a que aludia na sua última carta: na China, e por causa da China. Para nós, era certamente consolador saber que ela poderia ainda, de longe em longe, conversar conosco; – mas não seria egoísmo chorar demasiadamente ao vê-la alcançar aquele fim que ambicionava como um ideal longínquo e pelo qual lutava em cada dia da sua vida? – Quantas vezes me confiava o seu desejo de ir para junto de Deus o mais depressa possível.. N.S. recompensou-a antecipadamente: nem sequer temos o direito de lamentar o bem que ela teria feito numa vida mais longa. Bela é a vida que executa os planos de Deus. Ora, em Françoise, formaram e ofereceram ambos a Deus uma santa: não poderiam sonhar melhor destino para a vossa filha. – Aqui, rezaremos muito por ela e por vós; enviei também umas palavras a Canterbury, onde as missas por sua intenção serão numerosas. Mas creio que poucas preces alcançarão Deus como as dos velhos que Françoise encaminhou para o Paraíso, principalmente as dos chineses. – Coragem, meu pobre pai e minha pobre mãe; os momentos de sofrimento passam e aproximam-nos de Deus: então podemos oferecer-Lhe qualquer coisa, e apresentarmo-nos confiadamente na sua presença. Acreditam que os filhos que vos restam os amam ainda mais, e muito dariam para os confortar.(TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 174-175)¹¹⁸.

A fé de Pierre não o impede de enxergar a existência do mal, da dor, do sofrimento. Ele sabe que estes existem e que às vezes não podem ser evitados. É preciso aceitar a vontade de Deus, diz ele ao pais, certo de que o cumprimento e aceitação dessa vontade não impedem as penas da vida. Durante a existência o homem, ainda que fortalecido pela fé, sofre cruelmente. A fé não livra da dor, mas pode transfigurá-la. Pode fazer com que olhemos mais a frente, que olhemos um pouco além de nós mesmos e de nosso egoísmo, para então aí ver as

118 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris**: 1908-1914. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967. Carta de 07 de junho de 1911.

mãos de Deus que nos abraçam, para enfim perceber a beleza da vida que executa sempre, em nós e apesar de nós, os planos de Deus.

A morte de Albéric, ao mesmo tempo que o desaparecimento de todos os seres queridos dentro e fora da família, constituem certamente 'intrusões' dolorosas no seu 'desenvolvimento individual': elas são *sem ele* e apesar dele. No entanto, além de suas aparências, estas perdas testemunham eficazmente a 'influência criadora, formadora de Deus', influência que o arranca de si mesmo, libertando-o e 'renovando-o'.(NEMECK, 1975, p. 78)¹¹⁹.

Teilhard tem, desde muito cedo, consciência da dor e do sofrimento causados pelas perdas e separações e a Guerra faz isto aflorar ainda mais em seu espírito sensível. Em Verdun, nos meses de maio e junho de 1916, ele vive uma profunda crise interior, como demonstra este desabafo feito à prima:

[...] não corri nenhum perigo especialmente sério; mas, talvez por indisposição física ou moral, esta estadia em Verdun (que não lamento) cansou-me imenso. É caso para aprender a dizer com S. Paulo: 'É quando me sinto fraco que sou realmente forte'. Não é verdade que não é mau sentirmo-nos a perder o pé? Agarramo-nos mais sinceramente à mão de NS. Vou tratar de, até sexta-feira, me aproximar o mais possível [...] do Coração de NS. É grande a minha necessidade de n'Ele retemperar a minha alma, para ter mais fé, mais dedicação e mais benignidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 119)¹²⁰.

Em meio ao fogo cruzado, Teilhard sente perder o pé e ao mesmo tempo descobre que o desespero consequente dessa perda é que nos faz agarrar ainda mais forte a mão de Deus. A estadia em Verdun o cansou demasiadamente, ele desabafa. São os primeiros sinais de sua crise interior, crise que é resultado de um conjunto de fatores. Em primeiro, Pierre se sente embaraçado com o fato de não participar ativamente do combate ou de não se esforçar como tantos outros soldados. Em segundo lugar, na Guerra ele se vê privado do sacramento e isto o entristece porque faz com que Cristo pareça se esconder dele.

Interiormente, ainda não saí absolutamente da espécie de entorpecimento em que me envolveu uma vida feita, desde que estive contigo, de perpétuas deslocções para ou numa região simultaneamente desejada e temida. De novo me senti, já não a mônada individual e cheia de planos de ação pessoal, mas a mônada perdida no grande choque dos povos e das energias brutais; isso como que me atordoou e despersonalizou um pouco. Acrescenta-lhe a

119 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

120 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 25 de junho de 1916.

privação do sacramento – um pouco compensada desde que trago comigo a Sagrada Reserva.– Julguei descobrir com alegria que encontrava uma fonte de verdadeira energia nos meus pensamentos cósmicos. Mas, evidentemente, a guerra é um caso extremo e anormal de renúncia aos direitos e às aspirações do indivíduo.(TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 114)¹²¹.

No mesmo período, em seus diários íntimos, aparecem traços “[...] de uma luta interior a propósito de seu voto de castidade” (NEMECK, 1975, p. 81)¹²², bem como de dúvidas acerca daquilo que ele considera seu carisma pessoal, a saber, a reconciliação de Deus e do Mundo. Também mencionado por Teilhard está um certo desinteresse de si mesmo ou a perda do gosto de viver (TEILHARD DE CHARDIN, 1966)¹²³. A visão concreta e próxima de uma possível destruição o fazem se sentir um pouco deprimido, embora ele negue este estado de depressão (TEILHARD DE CHARDIN, 1966)¹²⁴. Enfim, os eventos de maio e junho de 1916 figuram

[...] entre os mais significativos da evolução interior de Teilhard. Antes de chegar a este ponto culminante, ele sofreu, sob a influência divina, uma longa e lenta maturação. Este limiar espiritual constitui, para ele, uma espécie de segunda conversão, uma espécie de morte-ressurreição espiritual (NEMECK, 1975, p. 83)¹²⁵.

Aqui, mais do que nunca, ele sofre a vida.

O conselho de Teilhard é favorecer e se oferecer às passividades, sem que isto seja entendido no sentido de aceitação passiva ou indiferença ao mal. Em *Le Prêtre*, escrito de 1918, ele diz: “A essas benditas passividades, não me abandono passivamente, Senhor; mas a elas me entrego, e favoreço-as com todas as minhas forças” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 295)¹²⁶. O que o jesuíta desejou durante sua existência foi abrir-se à ação de Deus nele, foi deixar-se penetrar por esta Presença. No mesmo escrito ele explica:

121 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 18 de junho de 1916.

122 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975. Numa prece feita no dia 26 de junho de 1916, aparece o conflito interior vivido por Teilhard em relação a seu voto de castidade: “Minha alma está pesada e incerta. Minha inteligência e meu coração estão cativos de ideais que eu receio por vezes não serem nem muito celestes nem muito ortodoxos. Ó Mestre, guardai, lado a lado, a mim e àqueles que amo tanto, a luz de vossa pureza e de vossa verdade”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915- 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975, p. 84.

123 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 18 de junho de 1916.

124 Ibid. Carta de 18 de junho de 1916.

125 NEMECK, Francis Kelly. Opus cit.

126 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Prêtre*.

Porque me tornei, graças ao meu consentimento, parcela viva do Corpo de Cristo, tudo o que em mim influi serve finalmente para desenvolver Cristo. Cristo invade-me, a mim e ao *meu* Cosmos. Oh Senhor, desejo que assim seja. Que a minha aceitação seja cada vez mais completa, mais ampla, mais intensa! Que o meu ser se apresente cada vez mais aberto, mais transparente, à vossa influência! E que deste modo sinta a vossa ação cada vez mais próxima, a vossa presença cada vez mais densa, em toda a parte ao redor de mim. 'Fiat, Fiat'. Para favorecer a vossa ação, por todas as coisas, farei mais em mim, meu Deus, do que abrir-me e oferecer-me às passividades da existência. Associar-me-ei com fidelidade ao vosso trabalho sobre o meu corpo e a minha alma. Esforçar-me-ei por seguir e prevenir os vossos mais pequenos impulsos. Oh! se eu pudesse resistir-vos tão pouco, Mestre, que já não conseguísseis, por assim dizer, distinguir-me de Vós!... tão perfeitamente estaríamos unidos na comunhão da Vontade! (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 295)¹²⁷.

Em nenhum momento Teilhard propõe uma indiferença inerte ao que faz sofrer o homem, mas união com Deus através da comunhão com sua vontade. É ainda na Guerra que nosso místico falará sobre a necessidade de uma fé que opera, ao invés de uma fé que simplesmente espera: “Ao invés da hesitação, que dissocia e faz vacilar as energias do corpo e da alma, a decisão na ação aumenta, quase sem limites, o nosso poder sobre o real” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 317)¹²⁸.

Se durante os anos de confronto o místico do Auvergne muito pensou sobre as passividades da existência, é na redação de *Le Milieu Divin* que suas reflexões se aprofundaram, chegando ele a uma dupla tipologia quando fala nas passividades de crescimento, ou seja, nas “[...] forças amigas e favoráveis que sustentam nosso esforço e nos dirigem para o sucesso” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 43)¹²⁹ e nas passividades de diminuição, “[...] potências inimigas que interferem penosamente em nossas tendências, tornam pesada ou desviam nossa marcha em direção ao mais-ser, reduzem nossas capacidades reais ou aparentes de desenvolvimento” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 64)¹³⁰.

No decorrer da vida o homem percebe que ele recebe muito mais do que faz, ou ainda que, tanto quanto a morte, ele sofre a vida (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)¹³¹. Trata-se de uma verdade que se impõe a todo aquele a quem foi dado conhecer os mistérios desta “[...] noite impenetrável e, no entanto, carregada de presenças, a noite de tudo o que está em nós e ao redor de nós, sem nós e apesar de nós” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p.

127 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Prêtre*.

128 Ibid. Do escrito *La foi qui opère*.

129 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

130 Ibid.

131 Ibid.

63)¹³².

São inúmeras as ocasiões da existência que nos fazem crescer, que nos fazem desejar viver plenamente a vida. Somos arrancados de nós mesmos como barcos que, levados pela corrente, passam a navegar em alto mar. Poucas vezes, talvez, paramos para refletir sobre essa energia vital que nos faz ir sempre em frente, em direção ao mais-ser. Mas ela está lá, no mais íntimo de nós mesmos, empurrando-nos e forçando-nos a prosseguir. Para reconhecê-la basta que deixemos a superfície e nos embrenhemos no fundo mais fundo de nosso ser, repetindo a experiência tão belamente narrada por Teilhard:

Então, pela primeira vez talvez de minha vida (eu, que supostamente devo meditar todos os dias!), eu tomei a lâmpada e, deixando a área aparentemente clara de minhas ocupações e de minhas relações de cada dia, desci ao mais íntimo de mim mesmo, ao abismo profundo de onde eu sinto que emana confusamente meu poder de ação. Ora, à medida que eu me distanciava das evidências convencionais, pelas quais é superficialmente iluminada a vida social, eu me dei conta de que eu me escapava de mim mesmo. A cada passo descido, um outro personagem se revelava em mim, cujo nome eu não podia dizer, e que não me obedecia mais. E quando precisei interromper minha exploração, porque me faltava chão sob meus passos, havia aos meus pés um abismo sem fundo de onde saía, vindo não sei de onde, a onda que ousou chamar de *minha* vida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 65)¹³³.

Descendo ao mais íntimo de si o homem descobre que aquilo que ele chamava de sua vida é, na verdade, um dom, algo que lhe foi e é dado todos os dias, como o calor e a luz do sol nos abraçam todas as manhãs. Ou seja, é ação de Deus nele, são as duas mãos do Criador modelando e tecendo a argila de sua existência. A sua vida não lhe pertence, ele já não vive mais quando é um outro que vive nele¹³⁴.

Essa experiência de descida que nos leva ao conhecimento do mistério de nossas vidas, pode ser assustadora quando nos falta a fé. Por isso o místico completa sua narração:

Então, totalmente possuído por minha descoberta, eu quis subir à luz, esquecer o inquietante enigma no confortável convívio das coisas familiares, recomeçar a viver na superfície, sem sondar imprudentemente os abismos. Mas eis que, sob o espetáculo mesmo das agitações humanas, vi aparecer de novo, aos meus olhos prevenidos, o Desconhecido, do qual eu queria escapar. Desta vez, ele não se escondia no fundo de um abismo: ele se dissimulava agora sob a multidão de acasos entrecruzados de que é fiado o tecido do Universo e de minha pequena individualidade. Mas era o mesmo mistério: eu o reconheci. [...]. Após a consciência de ser um outro – e um outro maior do que eu –, uma segunda coisa me deu vertigem; é a suprema

132 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

133 Ibid.

134 Adaptação do texto de Gálatas 2, 20.

improbabilidade, a formidável inverossimilhança de encontrar-me, existindo, no seio de um Mundo bem-sucedido. Neste momento, como qualquer um que quiser fazer a mesma experiência interior, eu senti pairar sobre mim a angústia essencial do átomo perdido no Universo, a angústia que faz, dia após dia, soçobrar as vontades humanas sob o número acabrunhador dos seres vivos e dos astros. E, se alguma coisa me salvou, esta foi entender a palavra do Evangelho – garantida por sucessos divinos –, que me dizia do mais fundo da noite: 'Ego sum, noli timere' ('Sou eu, não temas'). (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 67)¹³⁵.

Aqui se situa o gesto místico em sua essencialidade. Na vida e em tudo o que lhe dá suporte a alma não encontra simplesmente dons divinos; ela encontra Deus mesmo. A Presença Divina percebida antes nas coisas agora se deixa encontrar no ser humano, nas fibras mais íntimas de seu ser. E mais do que se deixar encontrar, o Criador se oferece ao Criado e o faz participar de seu próprio Ser Divino.

Reconhecer Deus dentro e através de toda a vida é o que nos ensina Teilhard. Mas ele sabe que é preciso ir um pouco além, é preciso sentir essa amorosa Presença dentro e através de toda morte. Aqui iniciam-se as reflexões do místico francês sobre aquilo que ele mesmo chama de nossas verdadeiras passividades, a saber, as passividades de diminuição (NEMECK, 1975)¹³⁶. De um lado, as passividades externas de diminuição, que são todas as nossas más chances: obstáculos que fazem parar ou limitam nossa existência, micróbios que matam o corpo ou palavras que matam o espírito, incidentes e acidentes. De outro lado, as passividades internas de diminuição, ou seja, defeitos naturais, inferioridades físicas, intelectuais ou morais, e tantas outras coisas que limitam durante toda a vida o campo de nossa atividade e de nossos prazeres. Estas vêm até nós de forma brutal, como um acidente, ou dissimuladas, como uma doença. Certo é que ninguém escapa a estes processos de desorganização que irrompem no coração da vida e se instalam onde, parece, nenhuma presença amiga pode chegar. Algumas vezes é até possível evitar essas invasões, como no caso das prevenções de doenças e de acidentes. Mas, não há ainda quem possa escapar da idade e da velhice que, arrancando-nos de nós mesmos, nos empurram para o fim de maneira lenta e gradual. Do passar do tempo, do correr dos anos, enfim, da morte ninguém pode escapar. E é neste contexto que

135 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

136 NEMECK, Francis Kelly. *Teilhard de Chardin et Jean de la Croix*: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975. Para este autor os qualificativos “de crescimento” e de “diminuição” são apenas “[...] uma maneira de dividir em dois grupos gerais as 'passividades da existência'. A escolha dos termos provém do aspecto (das passividades) que chama *imediatamente* a atenção do observador: umas parecem 'amigas', as outras 'inimigas'. No entanto, além das aparências e mesmo a despeito delas, os dois grupos, por uma espécie de interação, exercem uma influência realmente positiva no caminho interior da alma”.

Teilhard oferece um de seus mais preciosos conselhos: “Superemos a Morte, descobrindo Deus nela. E o Divino encontrar-se-á, ao mesmo tempo, instalado no coração de nós mesmos, no último recanto que parecia poder escapar dele” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 74)¹³⁷.

A prosa parece fácil, mas a experiência demonstra as inúmeras dificuldades que se associam a esta tarefa de sentir Deus quando tudo parece nos afastar d'Ele. Não é fácil descobrir Deus quando nosso corpo tomba frente ao tempo que passa inexorável ou quando nossos órgãos já não obedecem mais aos ditames de nossa mente; da mesma forma não é fácil sentir suas mãos amorosas diante da realidade da morte, que nos afasta de quem mais amamos, que revira nossa existência e nos deixa vazios, que parecem impossíveis de ser preenchidos. Aqui, como no caso do desapego cristão, é justamente uma falsa ideia ou falsa interpretação da resignação cristã, “[...] a principal fonte das antipatias que fazem com que o Evangelho seja tão lealmente odiado por um grande número de Gentios” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 75)¹³⁸. É possível aceitar o mal e muitas vezes isto é tudo que se pode fazer. Mas aceitá-lo não significa, necessariamente, compreendê-lo ou integrá-lo no âmbito da vontade divina.

Se acreditamos no amor infinito de Deus, que nos criou e cuida de nós, parece contraditório que aceitemos o sofrimento como parte dos seus desígnios. E a verdade é que estamos, de certa forma corretos. Deus não quer o mal, mas quer que lutemos com Ele contra tudo o que faz sofrer. O cristão não pode se resignar passivamente frente às adversidades. Por amor ao Evangelho ele deve, quando da primeira aproximação das diminuições, utilizar suas energias para combatê-las e dessa forma aderir à ação criadora de Deus (NEMECK, 1975)¹³⁹. Para transfigurar as forças inimigas, que fazem chorar a humanidade, o cristão deve, antes de tudo e por fidelidade a Cristo, lutar com Deus contra o mal.

À primeira aproximação das diminuições, nós não poderíamos encontrar Deus de outra maneira que detestando aquilo que se precipita sobre nós e fazendo nosso possível para dele nos esquivarmos. Quanto mais repelimos o sofrimento, neste momento, de todo o nosso coração e com toda a nossa força, tanto mais nos aderimos, então, ao coração e à ação de Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 76)¹⁴⁰.

137 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

138 Ibid.

139 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

140 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

Antes de tudo o homem tem o dever de resistir e detestar o mal, sem contudo revoltar-se ou amargurar-se. A necessidade dessa primeira resistência a tudo o que ameaça a Criação, lembra-nos o místico do Auvergne, “[...] é evidente e todo mundo o admite. O fracasso que provém da preguiça, a doença contraída por imprudência injustificada, etc., não poderiam ser atribuídos, por ninguém, como sendo *imediatamente* a Vontade de Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 76-77)¹⁴¹. Não nos é permitido atribuir ao Criador o mal que nós mesmos, por negligência, atraímos para nossa vida. Mas, ainda que lute apaixonadamente e com todas as suas forças contra o mal, o homem, mais cedo ou mais tarde, acaba vencido por um mal maior, a morte. Mais uma vez se apresenta à nossa inteligência o problema da conciliação entre o mal e a bondade divina, que é, sem sombra de dúvida, “[...] um dos problemas mais espinhosos da vida” (NEMECK, 1975, p. 100)¹⁴², ou, segundo a fórmula teilhardiana “[...] um dos mistérios mais perturbadores do Universo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 77)¹⁴³.

A resposta primeira de Teilhard a esta questão é o triunfo do Mundo através das mortes individuais. Para se explicar ele recorre a uma analogia que remonta, provavelmente, aos seus anos de Guerra. Somos como aqueles soldados que morrem participando do combate do qual sairá a paz. A morte poderia, neste caso, ser evitada se os soldados se recusassem a combater, mas essa resistência impediria, ou pelo menos adiaria, a paz tão desejada. Nossa derrota não significa, pois, que o Reino de Deus foi vencido. Aliás, a via por onde progride esse Reino “[...] é a estrada do desapego, do sangue e das lágrimas – o caminho da Cruz. Como por uma metamorfose dolorosa, pela qual nasce toda uma vida de toda uma morte, assim germina o Cosmos divino das ruínas da Terra Antiga...” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 42)¹⁴⁴. Se a madeira não se queima, deixando-se consumir até o fim, o brilho e o calor da chama jamais poderão ser contemplados e sentidos. Mas este aspecto inicial da vitória de Deus sobre o mal se completa por outra manifestação ainda mais direta de seu domínio universal. Ele, o Criador de um mundo em evolução, não pode impedir as muitas mortes necessárias ao processo evolutivo, da mesma forma que a borboleta não pode vir à luz sem romper o casulo que a aprisiona. No entanto, ele pode e faz servir a um bem maior o mal “[...] que o estado atual da Criação não lhe permite suprimir imediatamente” (TEILHARD DE

141 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957. Em nota de rodapé.

142 NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin et Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

143 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

144 Id. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La vie cosmique*.

CHARDIN, 1957, p. 55)¹⁴⁵. Em outras palavras, Deus transfigura o mal.

Semelhante a um artista que saberia aproveitar-se de um defeito ou de uma impureza para tirar da pedra que ele esculpe, ou do bronze que ele funde, as linhas mais delicadas ou um som mais belo, Deus, *visto que nós nos confiamos amorosamente a Ele*, sem descartar de nós as mortes parciais nem a morte final, que fazem essencialmente parte de nossa vida, as transfigura, integrando-as em um plano melhor. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 79)¹⁴⁶.

Do ponto de vista divino não há nada, pois, que seja considerado inútil ou inutilizável. Tudo é aproveitado por Deus e para aqueles que o buscam, “[...] nada é imediatamente bom, mas tudo é susceptível de tornar-se bom” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 79)¹⁴⁷.

A Providência converte o mal em bem para todos aqueles que crêem e o faz de três maneiras. A primeira é tirada do clássico exemplo de Jó, personagem bíblico que nos é apresentado como aquele que, tendo sofrido toda espécie de infortúnio, foi agraciado enfim com uma felicidade que ultrapassou a antiga. Muitas vezes um fracasso nos faz perseguir com mais afinho nossos objetivos ou ainda nos faz dar mais valor às nossas pequenas vitórias. A segunda maneira é mais frequente e aparece quando as passividades de diminuição nos forçam a buscar em níveis menos materiais a satisfação de nossos desejos frustrados. O insucesso neste caso desempenha para nós o mesmo papel que para a planta desempenha a tesoura de podar, ele não destrói, mas “[...] canaliza nossa seiva interior, resgata os 'componentes' mais puros de nosso ser, de maneira a fazer-nos jorrar mais diretamente para o alto” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 80)¹⁴⁸. Por fim, uma terceira maneira utilizada por Deus para transfigurar nossa aparente derrota é a união que ele estabelece conosco através do sofrimento. De modo especial ele transforma em fator de vivificação o que é uma potência universal de diminuição e de desaparecimento. Diz Teilhard (1957, p. 83):

A fim de penetrar em nós definitivamente, a fim de invadir-nos para assim nos tomar, Deus deve esvaziar-nos, fazer para si um lugar. Ele precisa, para assimilar-nos nele, retocar-nos, refundir-nos, quebrar as moléculas de nosso ser. A Morte é encarregada de praticar, até o fundo de nós mesmos, esta abertura desejada.¹⁴⁹

145 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

146 Ibid.

147 Ibid.

148 Ibid.

149 Ibid.

Se não tivesse morrido, Cristo não teria ressuscitado e a ressurreição nada mais é do que a comunhão total e definitiva do humano com o divino.

Se antes o místico jesuíta havia nos ensinado a comungar com Deus através de nossa ação e de nosso desenvolvimento; se nos tinha feito compreender a alegre possibilidade de utilizar nosso crescimento para fazer Deus crescer em nós, ele agora chega à última fase da comunhão, aquela em que o homem, para possuir Deus, deve nele se perder. Em forma de prece, Teilhard (1957, p. 85) suplica:

Ó Energia de meu Senhor, Força irresistível e viva, porque, de nós dois, Vós sois infinitamente o mais forte, é a Vós que cabe o papel de queimar-me na união que deve fundir-nos juntos. Dai-me, portanto, algo mais precioso ainda do que a graça pela qual vos rezam todos os vossos fiéis. Não é bastante que eu morra ao comungar. Tomai-me *para comungar, quando eu morrer*.¹⁵⁰

A morte, passividade das passividades, é a grande encarregada desta comunhão quando arranca o homem de si mesmo e o faz perder-se num Outro maior que ele. Ela é, ao mesmo tempo, para aquele que crê (NEMECK, 1975)¹⁵¹, a vitória definitiva sobre o mal.

Frente às passividades de diminuição a alma deve, pois, resignar-se porque é também na dor e na morte que Deus vem ao seu encontro. É preciso, no entanto, compreender o verdadeiro sentido da resignação para não cair na tentação do culto das passividades. O homem deve se submeter à vontade de Deus, mas num sentido ativo. O cristão não pode fugir de seu dever de lutar contra o Mal. A verdadeira resignação cristã não é submissão passiva, mas muito pelo contrário, deve ser submissão ativa à vontade divina. Ao mesmo tempo que resiste energicamente com Deus contra o mal, o homem deve abandonar-se confiante e absolutamente a Deus que está além do mal.

Na Guerra, quando escrevia *Le Milieu Mystique*, Teilhard explica bem essa dinâmica:

Longe de se mutilar, ou de se diminuir, ou de ceder à adversidade, o apaixonado pelo Meio divino não aceitará a dor senão em última instância, na estrita medida em que não a pode evitar: e é então que ela será para ele uma esposa celeste... Assim, com um amor exagerado das passividades, o místico está preservado pelo próprio excesso desse amor. Por volúpia de se

150 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

151 NEMECK, Francis Kelly. *Teilhard de Chardin et Jean de la Croix*: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975. Este autor fala deste componente tão essencial da comunhão com Deus através da morte, a saber a fé. “A comunhão com Deus pela Morte coincide com a vitória sobre o Mal. No entanto, a verdadeira vitória sobre o Mal se situa além. Ela é do domínio da fé. O Mal como tal não é diretamente vencido, pois deixado a si mesmo no gesto supremo, ele mesmo se destrói caindo, por seus próprios pés, no Múltiplo. Pela fé abandono, a alma emerge, com Deus, acima de toda morte, deixando o Mal nas trevas exteriores. Assim o verdadeiro místico não apenas morre comungando com Deus, ele comunga também morrendo”.

sentir vencido por Deus, fortalece instintivamente a sua vontade contra o mal, e, através dos insucessos, luta por fazer triunfar as suas possibilidades. Isto leva, insensivelmente, a encontrar na sua própria espontaneidade um novo modo, mais perfeito que o sofrimento, de aderir à influência divina. Com esta descobre, agindo, que é possível realizar a *comunhão na ação*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 152)¹⁵².

Trata-se pois de um movimento sutil onde o homem é levado a comungar com Deus aceitando o mal e ao mesmo tempo lutando contra ele, ou seja a comungar com a vontade divina na diminuição e na ação. Neste mesmo ensaio e mais uma vez demonstrando a sutileza desse processo de divinização da alma, é que o jesuíta francês utiliza a expressão “passividade de ordem superior”, pouco se estendendo sobre o tema:

Houve um momento em que, à força de querer experimentar o domínio divino, o místico se vira rejeitado no plano da ação. Agora, por uma marcha inversa, o próprio excesso do seu desejo de ação o vota a uma passividade de ordem superior. À força de querer possuir e examinar intensamente o Mundo (para sentir Deus), tornou-se asceta e contemplativo. À força de desejar o desenvolvimento da sua natureza, estremece de alegria ao sentir a dor, gota a gota, dissolver o seu ser para o substituir por Deus. À força de amar a vida, vê-se a desejar a morte, única coisa capaz de destruir tão profundamente o seu egoísmo que o torne susceptível de ser absorvido em Cristo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 163)¹⁵³.

Aqui Teilhard não fala das passividades da existência ou nas passividades de crescimento e diminuição, mas numa “passividade de ordem superior”, utilizando o singular. Não se trata, no entanto, de um tipo diferente de passividade, mas antes da atitude fundamental da alma em relação a todas as passividades, uma atitude de pura receptividade e disponibilidade da alma em relação à gratuidade divina, atitude que “[...] se encerra na consciência feliz desta dependência suprema: *tudo* o que se faz na alma, para divinizá-la, é *feito por Deus*” (NEMECK, 1975, p. 111)¹⁵⁴. Não é mera coincidência o fato de que o ensaio, iniciado com a afirmação de Paulo, de que em Cristo “vivemos, nos movemos e somos”¹⁵⁵, encerre-se com a fala de Jesus: “Ninguém vem até mim se o não prender e o não atrair, eu próprio, a mim...”¹⁵⁶. A alma, tomada por essa passividade de ordem superior, reconhece que toda iniciativa é sempre daquele que tudo criou e, reconhecendo esta dependência suprema

152 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

153 Ibid. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

154 NEMECK, Francis Kelly. *Teilhard de Chardin et Jean de la Croix*: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris, Montréal: Desclée & Cie; Bellarmine, 1975.

155 Atos 17, 28.

156 Trata-se de uma adaptação do trecho do Evangelho de João 6, 44a; em que Cristo diz: “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrair”.

que constitui a verdadeira beatitude mística, não se furta à sua tarefa de aderir à verdadeira essência do Meio Divino, que é a Ação Criadora (TEILHARD DE CHARDIN, 1965)¹⁵⁷. Enfim, a alma sabe manter-se no equilíbrio essencial entre o apego e o desapego, a ação e a resignação, sabe conciliar o agir e o padecer, superando a grande dificuldade da vida interior (TEILHARD DE CHARDIN, 1965)¹⁵⁸; sabe finalmente que

[...] no ritmo geral da vida cristã, desenvolvimento e renúncia, apego e desapego, não se excluem. Pelo contrário, eles se harmonizam, como, na função de nossos pulmões, a aspiração do ar e sua expiração. Estes são os dois tempos da respiração da alma. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 101)¹⁵⁹.

Como todo homem tomado e que se deixa tomar por Deus, Teilhard soube tirar proveito até mesmo das circunstâncias tenebrosas da Guerra para seu aprendizado interior. O confronto, que provavelmente o assustou e amedrontou, também o ensinou a ver a vida com olhos diferentes. O conflito entre povos e nações o fez descobrir a humanidade com suas riquezas e misérias e, ao mesmo tempo, o levou a refletir sobre o valor da ação humana e o verdadeiro sentido da resignação cristã. E foi também em plena Guerra que ele antecipou a necessidade de um cristianismo que soubesse conciliar a fé em Deus e a fé no Mundo, a fé na vida e no valor da Evolução (TEILHARD DE CHARDIN, 1965)¹⁶⁰, um cristianismo que, renovado, pudesse apresentar à humanidade sedenta de conhecimento uma nova imagem de Deus.

2.4 Um Deus para os novos tempos

Chegou a época em que os homens se afastam a priori de qualquer religião que lhes apresentar um Deus demasiado separado deles próprios e da Terra, um Deus que leve ao desprezo pelo Mundo ou que pareça absolutamente diferente dele. Antes que consintam em recorrer a Cristo, exigirão cada vez mais um acordo entre a sua vocação e a voz do Ser, maior que eles próprios, que os chama do fundo da consciência. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 230)¹⁶¹.

Em 1918, na Festa da Epifania, Teilhard conclui o ensaio *L'ame du Monde*, onde

157 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

158 Ibid. No escrito *Forma Christi*.

159 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

160 Id. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Em *La maîtrise du Monde et le règne de Dieu*.

161 Ibid. Do escrito *L'ame du Monde*.

demonstra sua consciência da necessidade de uma religião que não despreze tanto o mundo, mas que, pelo contrário, saiba sentir com o mundo, saiba fazer sentir o seu valor, uma religião que consiga apresentar um Deus que esteja mais próximo dos homens e da Terra.

Nosso jesuíta viveu no século XX, que anunciou a morte de Deus como indispensável para o crescimento do homem. Século da ciência e da razão, que não deixavam espaço para as explicações do mundo fundamentadas em dados religiosos, século da “evasão do sobrenatural”, como diria o sociólogo da religião Peter Berger (1973, p. 13)¹⁶². O homem já não tinha mais necessidade de Deus quando, pensava-se, a Ciência poderia fornecer as respostas a todas as indagações e angústias humanas. Mas cientista e homem de fé, Teilhard antevê a impossibilidade de um mundo sem Deus e conclui que o motivo principal da crise que levava a humanidade a se afastar da Divindade não era a Divindade em si, mas as suas representações. Deus, tal como era apresentado aos homens da modernidade científica pelas religiões, era um Deus que não funcionava mais. Pierre Teilhard de Chardin reagiu durante toda a sua vida contra o fenômeno cultural do “mundo sem Deus”, ou mais especificamente, contra a descristianização do mundo. Mas, sabia ele, o Deus ao qual a humanidade quer adorar não é mais o rei de um Cosmo estático, mas o criador de um Cosmo em constante evolução. Chamado de “profeta do retorno de Deus” (BAUDRY, 2010)¹⁶³, este pensador foi mais ainda o profeta de uma religião renovada, aberta ao mundo, disposta a acolher os dados da ciência. Uma religião que só alguns anos depois da morte do pensador francês conseguiria aclamar:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história. (GS, 1).¹⁶⁴

162 BERGER, Peter. **Um rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

163 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

164 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral 'Gaudium et Spes' sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico (Coordenador geral). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 141-256. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) foi promulgada por Paulo VI em 1965, ou seja, dez anos depois da morte de Teilhard de Chardin. Alguns pontos de seu pensamento são nela retomados, sobretudo no que diz respeito ao sentido da atividade humana no mundo. Trata-se de um belo texto onde os padres conciliares conseguiram apresentar uma igreja que deveria ser solidária com o homem, sua história e seu mundo.

Ser um apóstolo de Deus no mundo, ensinar a vê-lo transparente em todas as coisas; eis o que quis e buscou ser Teilhard durante toda a sua vida. Na Guerra, depois de um período de licença, no qual ele proferiu seus votos solenes, ele redige *Le Prêtre*, ensaio em que trata de sua vocação de apóstolo de uma religião renovada, de uma religião que apresente o Cristo que se liga a todo o Universo:

Inúmeros são os cambiantes do vosso chamamento! Essencialmente diversas as vocações!... As regiões, as nações, as categorias sociais, tiveram cada qual os seus Apóstolos. Desejaria ser, eu, Senhor, pela minha humilde parte, o apóstolo, e (será ousadia dizê-lo) o evangelista *do vosso Cristo no Universo*. – Desejaria, pelas minhas meditações, pelas minhas palavras, pela prática de toda a minha vida, descobrir e pregar as relações de continuidade que fazem, do Cosmos onde nos agitamos, um meio divinizado pela Encarnação, divinizador pela comunhão, divinizável pela nossa cooperação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 298)¹⁶⁵.

Sacerdote e cientista, Teilhard viveu uma experiência de fronteira entre dois mundos, ou, melhor dizendo para ser mais fiel ao espírito teilhardiano, entre duas correntes: a corrente da revelação cristã e a corrente da mentalidade científica racionalista. Devido a estas duas influências, marcantes em sua vida, ele vai “[...] perceber o que a visão cristã trazia de essencial e o que a visão científica trazia de necessário, de inevitável, de irrecusável” (VAZ, 1967, p. 51)¹⁶⁶. Com isto tentará elaborar uma síntese, uma conciliação, entre o cristianismo e a modernidade, religião e ciência, natural e sobrenatural, matéria e espírito. Seu esforço será o de conciliar, antes em si mesmo, e depois na expressão de seu pensamento, a influência da graça e a influência do humano (VAZ, 1967)¹⁶⁷, o agir de Deus e o agir do homem na obra da Criação, no mundo em evolução.

A obra de Teilhard não pode ser lida sem que se leve em conta sua experiência de vida (VAZ, 1967)¹⁶⁸. Nas trincheiras da I Guerra Mundial, tocado pela possibilidade de uma morte repentina, ele “[...] sentiu um profundo desejo de deixar seu ‘testamento intelectual’, caso não retornasse do *front*” (KING, 2002, p. 51)¹⁶⁹. E ali começa a colocar por escrito, de forma apaixonada, sua visão de mundo, um mundo sem dualismos, mundo conciliado, mundo onde fé e razão, ciência e religião, matéria e espírito não são compreendidos como caminhos opostos, mas antes, como vias diferentes e convergentes. É em meio à batalha e ao fogo

165 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Prêtre*.

166 VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin*. Petrópolis: Vozes, 1967.

167 Ibid.

168 Ibid.

169 KING, Ursula. *Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin*. São Paulo: Paulinas, 2002.

cruzado que, ao pensar sobre a religião, ele conclui:

No campo evolutivo, a Igreja dá certamente a impressão de ser levada, de ser puxada... E os seus filhos deslocados, para viverem a vida do seu século, quase parecem mendigar o pão da perícia e da verdade. Perante isto, um doloroso assombro se apodera dos apaixonados discípulos de Cristo. E quando as suas almas não são empobrecidas e atenuadas por uma sequestração demasiado consciente, o seu coração sofre mortalmente por ver a Mãe amada e admirável, indignamente esquecida e incompreendida... (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 79)¹⁷⁰.

Assim Pierre via a religião que tanto amava: esquecida, incompreendida, eclipsada frente ao sol da ciência. E isso o entristecia profundamente, ou como ele mesmo dizia, mortalmente.

Teilhard foi sacerdote e cientista e como tal encontrou sua inspiração na experiência de Deus e no estudo científico da Terra e dos fósseis humanos. Sua busca apaixonada pela verdade se fundamenta nestes dois mundos.

Pierre Teilhard de Chardin, um homem de ciência e de fé, mas não cindido entre duas dimensões justapostas, e sim um homem íntegro num lugar comum, no qual a evolução do conhecimento científico tem como consequência o crescimento da confiança na onipresença de Deus. Ele assumiu como projeto de vida conciliar sua vocação de filho da Terra com os seus sonhos de filho do Céu; e o lugar dessa síntese entre o humano e o cósmico é Cristo, homem e Deus. Chardin viu na religião a possibilidade de conciliação entre filosofia e ciência; no entanto podemos mudar a ordem e dizer que, como cientista, ele também conciliou a filosofia com a religião e com a ciência. (ALMEIDA, 2002, p. 201)¹⁷¹.

Para ele a pesquisa era uma forma de adoração. De uma forma inteiramente nova e que não deixou de despertar resistências, Teilhard manteve firme, ainda que vivendo conflitos interiores, sua fé na Criação e sua adoração ao Criador. Cristianismo e Evolução não são, para Teilhard, inconciliáveis. Aliás, todo o seu pensamento se fundamenta numa visão de mundo centrada na Evolução. Em *La maitrise du Monde et le règne de Dieu*, escrito de 1916, ele compara a Evolução com uma Divindade misteriosa: “A Divindade misteriosa que, nos redemoinhos da História, ‘possui’ e agita os povos, é bem Ela, é Ela ainda, é a Evolução” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 70)¹⁷².

Como cristão, Teilhard não admitia a hipótese de um mundo sem Deus, dominado

170 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La maitrise du Monde et le règne de Dieu*.

171 ALMEIDA, Custódio. O Deus de Teilhard de Chardin. In: OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (Orgs.). *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 201-221.

172 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do escrito *La maitrise du Monde et le règne de Dieu*.

total e exclusivamente pela Ciência. Mas como cientista, ele também não admitia a hipótese de uma religião fora do mundo, alheia às conquistas e desenvolvimentos científicos cada vez mais atraentes. Com ousada franqueza e como teólogo ele admite:

Temos, durante séculos, investigado e precisado os mistérios do Mundo sobrenatural, as relações entre Pessoas divinas, a natureza do composto teândrico, a hierarquia dos Anjos e dos Santos, o mecanismo da graça... Temos construído e ilustrado com solicitude um Universo de teologia e de piedade. E não notamos, absorvidos como estávamos nesse trabalho esotérico, que nos tornávamos rapidamente indesejáveis para a massa dos seres humanos, porque parecíamos erguer a nossa Cidade nas nuvens. É tempo de meditarmos, por sua vez, numa piedosa investigação das relações que unem Deus aos Elementos desse Mundo e às Virtudes do Universo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 230)¹⁷³.

Espírito atento e sensível, Teilhard pressente a realidade vivida pela Igreja de seu tempo, uma Igreja que estava, aos poucos, se tornando indesejável, distante, desconhecida para a humanidade. Estas questões surgidas durante a Guerra, assim como o problema da santificação da ação humana e da divinização das passividades, vão continuar sendo alvo de suas reflexões nos anos seguintes. Tanto que, durante sua estada na China, quando ele redigia o seu tratado de vida interior, o mesmo tema aparece:

O enriquecimento e a perturbação do pensamento religioso, no nosso tempo, são devidos, sem dúvida, a revelação que se faz, em torno de nós e em nós, da grandeza e da unidade do mundo. [...]. Para uns, o mundo se revela demasiadamente grande. Num semelhante conjunto, o homem está perdido, ele não conta: desde então, nós só devemos ignorar e desaparecer. Para outros, pelo contrário, o mundo é demasiadamente belo: é ele, e somente ele, que é preciso adorar. Há cristãos (como há homens) que ainda escapam desta angústia ou desta fascinação. As páginas seguintes não lhe interessarão. Mas há outros que estão apavorados pela emoção ou pela atração que o novo Astro que sobe produz invencivelmente neles. O Cristo evangélico, imaginado e amado segundo as dimensões de um mundo mediterrâneo, é ainda capaz de cobrir e de centrar o nosso universo prodigiosamente ampliado? O mundo não está em vista de se mostrar mais vasto, mais íntimo, mais efervescente do que Javé? Não vai ele explodir nossa religião? Eclipsar nosso Deus? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 15-16)¹⁷⁴.

Destas indagações o jesuíta francês se ocuparia, buscando conciliar, no mais íntimo de si mesmo, seus dois grandes amores: Deus e o Mundo. E mais do que refletir, ele escreve para tantos outros que também se angustiavam como ele. Quase toda a sua vida é marcada por

173 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *L'ame du Monde*.

174 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

esta busca de conciliação daquilo que para muitos parecia irreconciliável: Razão e Fé; Ciência e Religião; Mundo e Deus. A solução, que foi encontrando ao longo da existência, constitui o tema de suas obras. Solução que Teilhard revela sempre matizada, refletida, e enfim, amadurecida. O Cosmo, ao contrário do que antes se dizia, está em processo contínuo de Evolução. E em sua imensidão há uma Presença que o informa e orienta. Trata-se do Cristo da Revelação, descrito por Teilhard como “Ponto Ômega”; princípio, termo e motor da Evolução (SESÉ, 2005)¹⁷⁵.

Terminada a 1ª Guerra Mundial, onde Teilhard servira como cabo maqueiro, ele continua refletindo, sobretudo sobre seu futuro e sua missão religiosa. Para ele sua grande vocação era

[...] contribuir para a renovação das representações religiosas, para responder às expectativas do mundo moderno no qual avançam o agnosticismo e o ateísmo, enquanto o catolicismo permanece imóvel sobre posições rigorosamente conservadoras, e às vezes fundamentalistas como a propósito do início do Gênesis. (BAUDRY, 2010, p. 91)¹⁷⁶.

É preciso, diz ele, rejuvenescer a religião, pregar uma teologia em que Cristo e o desenvolvimento do Universo não apareçam como crenças contraditórias. Pelo contrário pregar

[...] uma Teologia em que Cristo apareça ligado ao desenvolvimento de todo o Universo [...] um Evangelho em que a Moral e os conselhos de Jesus não sejam apresentados como testemunhos de uma recompensa individual, mas como o caminho organicamente imposto ao triunfo coletivo de toda a Vida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 335-336)¹⁷⁷.

Um “Cristo Total”, retomando a expressão de Santo Agostinho, o Cristo Cósmico. A teoria teilhardiana do Cristo Cósmico, que conduz à harmonia entre natural e sobrenatural, assume o Absoluto em devir e considera a Evolução como espiritualização ou ainda mais profundamente, como divinização (BAUDRY, 2010)¹⁷⁸. Por isto, Pierre a considera uma teoria capaz de responder às expectativas que os homens modernos têm sobre Deus. A imagem antiga de um Deus “[...] soberano presidindo um mundo organizado nos seus mínimos pormenores” (VAZ, 1967, p. 59)¹⁷⁹, carecia de plausibilidade “[...] num mundo

175 SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

176 BAUDRY, Gérard-Heny. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

177 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Forma Christi*.

178 BAUDRY, Gérard-Heny. Opus cit.

179 VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

evolutivo, onde as coisas se explicam não pela sua posição, mas pelo seu aparecimento, vida e morte” (VAZ, 1967, p. 51)¹⁸⁰. Estaria, pois, decretada a morte de Deus? Teilhard responde de modo negativo a esta questão e passa a sua vida tentando explicar a solução por ele encontrada para o problema da imagem de Deus para os novos tempos, o Deus da Evolução. Não mais o Deus que cria e só do alto contempla a sua Criação, mas o Deus que, de tanto amar sua obra, continua seu aperfeiçoamento, como o jardineiro que, tendo construído o mais belo jardim, sabe que precisa dele cuidar, para não ver mortas suas flores. Sua solução concilia e realiza a “[...] síntese entre Aquele que ele mesmo chama o Deus transcendente (**le Dieu d'en-haut**) com a direção de marcha da humanidade, que se orientará, então, rumo a Deus, no futuro, o Deus do futuro (**le Dieu d'en-avant**)” (VAZ, 1967, p. 50, grifos do autor)¹⁸¹.

Um Deus ao mesmo tempo transcendente e imanente, captável à sensibilidade dos homens modernos. Amar a matéria que não é Deus, mas que faz Deus transparente aos nossos olhos, eis o que nos ensina Teilhard. Amar o trabalho do mundo, da Ciência, e neste amor e trabalho, sentir-se cada vez mais próximo de Deus, sentir-se sempre, e em todo lugar, na sua presença amável.

Para nosso jesuíta do Auvergne, o divino imanente é o Cristo cósmico, o Cristo Ômega que, assumindo a Matéria, banhando-se em suas águas como no dia do batismo, a conduzirá a consumir-se em Deus. Sobre Teilhard não se pode falar nem de materialismo, nem de espiritualismo porque sua espiritualidade não exclui a materialidade. Ele ama Jesus escondido nas forças que fazem crescer a Terra e sabe que, por isso a Terra, como mãe, o levará até Deus; da mesma forma que ama Jesus nas forças que fazem morrer a Terra e, sendo assim, sabe que a Terra o fará despertar no colo de Deus.

Num ensaio de 1921, intitulado *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*¹⁸², Teilhard demonstra de um lado a insuficiência da análise científica para “[...] acalmar a nossa sede de conhecer a fundo as coisas (contra o materialismo)” (BAUDRY, 2010, p. 111)¹⁸³, e de outro lado como e porque “[...] o estudo científico da matéria pode e deve servir de auxílio para ascender até ao Centro Divino (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 30)¹⁸⁴”.

E já no início de seu escrito, ele nos desafia a compreender as relações entre Ciência

180 VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

181 Ibid.

182 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do ensaio *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*.

183 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

184 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do ensaio *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*.

e Religião. E ele escreve para amigos, ou seja, pessoas que como ele sentem-se inquietos porque tanto admiram o trabalho que a ciência desenvolve em seus laboratórios quanto o esforço cristão de seguir os preceitos evangélicos.

Meus amigos, para homens destinados como vós, a associar numa mesma existência o trabalho científico e o esforço cristão, é indispensável que as relações mútuas dos dois domínios 'Ciência e Religião' sejam tão claras quanto possível. Esta concepção precisa se faz tanto mais necessária ao se recordar que as tentativas da Apologética, nesta matéria, nem sempre se mostraram muito equilibradas. Ora os apologetas se opuseram a descobertas incontestáveis, ora procuraram tirar dedutivamente, dos fatos científicos, conclusões filosóficas ou teológicas que o estudo dos fenômenos é incapaz de oferecer. Ora a Ciência é apresentada como uma Força maligna, tentadora, como uma mágica do mal; ora é exaltada como uma luz divina, como um nobilíssimo esforço proposto à ambição cristã. Sem pretender abordar aqui de frente a questão de saber em que a Ciência é boa, indispensável mesmo, para o pleno desenvolvimento do cristão, tentarei (à guisa de introdução a esta questão fundamental) fazer-vos amar cristãmente a Ciência. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 30)¹⁸⁵.

A tarefa não deve ter sido fácil para o místico jesuíta e o produto de suas reflexões é um texto denso, difícil de ser resumido (BAUDRY, 2010)¹⁸⁶. A linha de sua argumentação se fundamenta sobre os dois processos de análise e síntese, vistos como o método de conhecimento do real. E aqui é importante sublinhar a categoria teilhardiana de síntese como sendo particularmente fundamental na abordagem sobre Deus.

O método analítico, no qual se baseia a Ciência, parte do pressuposto de que “[...] o segredo das coisas reside nos seus elementos, de sorte que para compreender o mundo, basta chegar aos termos mais simples de onde saiu” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 33)¹⁸⁷. Essencialmente, a Ciência é análise, decomposição do todo em seus elementos mais simples. E é impossível não reconhecer todo o progresso realizado pelo homem no seu trabalho de análise do Real, os progressos da Ciência que oportunizaram ao homem chegar ao conhecimento dos extremos limites inferiores da Matéria. A Ciência de fato possibilita a compreensão do Real; mas ela nos apresenta apenas uma face das coisas. E Teilhard considera uma miopia intelectual considerar apenas o processo analítico de decomposição do real nos seus elementos inferiores. Porque, diz ele, todo ser tem dois polos, um inferior de onde provém e outro superior para o qual se dirige. Conhecer um dos polos, desinteressando-se do outro, é atingir um conhecimento parcial. Além da análise redutiva dos seres é preciso

185 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do ensaio *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*.

186 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

187 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do ensaio *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*.

considerar os elementos na sua síntese. O que torna um ser concreto, unificado, é justamente o fato de que ele não se reduz aos elementos que o compõem. No homem, este elemento sintético, pode ser chamado de alma ou espírito. E, como assegura Baudry (2010, p. 112)

[...] se desejamos compreender o real na sua integralidade, se desejamos colher o sentido de seu proceder, dado que o real é evolutivo, é preciso necessariamente passar da análise à síntese, ou seja, ter uma visão totalizante e dinâmica e, conseqüentemente, integrar nela o espírito.¹⁸⁸

A Ciência compreende o real num nível diferente da filosofia, teologia e mística. Mas nível diferente não significa superior ou inferior. Se no método científico predomina a análise, ou seja a dissociação, no método filosófico, teológico e místico, o primado é da síntese, ou seja, da associação.

Na visão teilhardiana, sintética por excelência, sob o plano de uma cosmologia filosófica, há o Ômega divino, postulado pela convergência do universo. Da mesma forma há o Cristo da fé, dotado dos mesmos atributos de Ômega. Os dois se identificam na visão global das coisas e por isso Teilhard fala do Cristo-Ômega. Mas, importante sublinhar, “[...] identificação não significa confusão. Sob um plano estritamente filosófico se falará de Ômega ou de Deus; sob o plano da revelação cristã, se falará de Cristo” (BAUDRY, 2010, p. 114)¹⁸⁹. E no nosso pensador, devido mesmo ao seu espírito de síntese, tende a falar somente de Cristo, o que não significa confusão entre os dois planos, filosófico e teológico.

O problema da matéria está na base do pensamento de Pierre Teilhard de Chardin e condiciona sua abordagem racional de Deus. Disso resultam alguns dados importantes, fundamentais para a compreensão de sua visão de mundo. Entre eles “[...] os modos da ação divina no universo e a consciência de Deus que a mente humana pode ter” (BAUDRY, 2010, p. 114)¹⁹⁰.

A ação divina no Universo não pode ser captada pela experiência sensível, mas daí não se pode negá-la. Como se dá essa ação divina é o que Teilhard tenta explicar em seu ensaio intitulado *Notes sur les Modes de l'Action divine dans l'Universo*¹⁹¹. Ele já demonstrara antes “[...] a necessidade de se considerar o mundo como um Todo, ligado organicamente e dependente ontologicamente do Criador” (BAUDRY, 2010, p. 115)¹⁹². A ação divina age sobre o Todo enquanto Todo, de modo parecido com o que seria a Alma do Mundo. Não se

188 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

189 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

190 Ibid.

191 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 33-46.

192 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

pode localizar esta ação que teria exatamente a figura de um Acaso ou de uma Imanência. Deus age, pois no mundo, por meio das naturezas individuais e do movimento do coletivo. Baudry sintetiza bem a solução dialética proposta por Teilhard de Chardin ao problema da imanência e transcendência de Deus, tão caros num mundo onde o privilégio ao aspecto imanente poderia fazer Deus não se separar da matéria, mas com ela identificar-se totalmente, ao mesmo tempo que o privilégio ao aspecto transcendente poderia tirar Deus do mundo de uma forma que ele não mais seria necessário ou crível.

O divino é imanente porque todo o Cosmo, todos os determinismos e a própria liberdade humana recebem o seu ser de Deus e são por ele mantidos no ser, para o qual tudo é vontade, presença e providência de Deus. Ao mesmo tempo, Deus é eminentemente transcendente: não é uma das tantas causas, ainda que superiores. Esta causa é totalmente outra. Consequentemente não é pois tão paradoxal como pode parecer, dizer que, se o divino é assim totalmente e intimamente imanente ao mundo, depende do fato que é transcendente em relação a esse, ou seja, que é criador em sentido forte. (BAUDRY, 2010, p. 115)¹⁹³.

Deus é imanente e transcendente porque age no ser que Dele provém. Ele não é apenas uma causa, mas é a própria ação criadora.

No entanto, essa ação criadora está completamente fora do plano dos fenômenos, não pode ser captada pela experiência. Seria então impossível descobri-la? De que forma, então, Deus pode ser conhecido pela razão humana? A tais questões Teilhard responde de modo categórico, afirmando que as observações analíticas dos fenômenos não são capazes de nos conduzir a Deus. O homem não será conduzido cientificamente à visão de Deus, ou pelo menos, não nos modos costumeiros da Ciência. Mas, sublinha nosso jesuíta, o conhecimento científico não é a única via de acesso ao conhecimento do Real. Tentar descobrir Deus por meio do método de análise científica seria como tentar apreender a alma com o auxílio de um bisturi (BAUDRY, 2010)¹⁹⁴: ingenuidade e desperdício de tempo. Isto, no entanto, não nos deve levar à conclusão de que Deus e alma não existem, ou, pior ainda, não podem ser encontrados. A matéria contém o Divino, está plena de Deus. Mas Deus é potência e não materialidade. Ele é o sopro que anima e orienta a matéria, que nela se mistura para organizá-la. No mundo em evolução, Deus não pode ser apresentado como dono e senhor, realidade totalmente extrínseca. Ele é o ar que alimenta a chama, nela se misturando sem com ela se confundir; é o sangue que conduz a evolução.

O ser é muito mais do que a soma dos elementos que o compõem, ele é também o

193 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

194 Ibid. A comparação foi proposta por este autor.

algo que faz com que estes elementos se tornem um todo dotado de vida. A este algo organizador dos elementos chamamos alma ou espírito. A alma ou espírito só podem ser captados pelo processo sintético da mente humana e não pelo processo analítico da ciência. Mas aqui, vale salientar ainda, não se trata simplesmente de um composto, corpo e alma. O elemento sintético, responsável pela organização dos elementos até que eles formem um todo, está fora do plano fenomênico, não podendo ser apreendido pela ciência. Mas, ao mesmo tempo, ele só é acessível à mente mediante a mediação dos elementos físicos, estes sim, descobertos pela análise científica. Tomemos agora o Universo em evolução, a partir da análise feita por um dos grandes estudiosos do pensamento teilhardiano na contemporaneidade.

Todos os elementos físicos que compõem o mundo em evolução formam um todo, tem a sua unidade e a sua consistência unicamente graças ao princípio sintético do universo que – por analogia – podemos chamar 'alma do Mundo'. Enquanto elemento sintético, essa não pode ser colhida pela ciência (âmbito do analítico) mas pela filosofia (âmbito do sintético). Como na imagem do cone, tão cara a Teilhard, é necessário seguir o eixo ascendente em direção ao vértice, se se deseja chegar ao ponto no qual convergem todas as geratrizes. De modo semelhante, toda a estrutura do universo converge para o ponto Ômega, 'centro comum para o qual tendem os elementos do Mundo'. [...] A alma do Mundo é suspensa a este ponto, no qual imanência e transcendência se encontram. A alma do Mundo, que converge ao ponto Ômega, pode ser colhida, como todos os elementos sintéticos, somente graças à mediação dos elementos físicos do mundo. (BAUDRY, 2010, p. 116-117)¹⁹⁵.

O ponto Ômega é, para Teilhard, o Cristo da fé, de forma que se pode dizer que “[...] a sua visão é essencialmente cristocêntrica, antes pancristica” (BAUDRY, 2010, p. 117)¹⁹⁶. Daí não se pode, simplesmente, deduzir do pensamento de Teilhard um cristocentrismo. No ano de 1950, quando escrevia *Le coeur de la matière*, ele revela:

[...] por efeito de convergência e de concentração, a inteira realidade física e espiritual do Cristo se condensava a meus olhos num objeto definido e compacto onde desaparecia toda particularidade acidental e restritiva. Primeira aproximação de um Crístico além do Cristo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 54)¹⁹⁷.

Por ser cristão, Teilhard fala como cristão e dirige-se a cristãos. Seu vocabulário é, pois, impregnado por esta cultura. O Cristo, centro da fé cristã, é também o centro de sua fé.

195 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

196 Ibid.

197 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Seuil, 1976. Do escrito *Le coeur de la matière*.

No entanto, ele fala num crístico além do Cristo, indicando a superação das particularidades restritivas. O Cristo por ele amado e venerado é o homem de Nazaré, Deus tornado carne, mas ao mesmo tempo é o Cristo presente em todas as coisas desde sempre, o Cristo ligado ao mundo por todas as fibras de seu ser, o Cristo Universal. Dizer que Teilhard é pura e simplesmente cristocêntrico é apropriar-se de um conceito para empregá-lo numa situação muito diferente daquela que o criou. O objetivo do jesuíta do Auvergne era fazer do cristianismo uma religião mais atraente e conciliável com o mundo moderno; ele não era um teólogo da religião e sua busca não era o diálogo entre religiões, mas o diálogo entre religião e ciência. E neste sentido ele deu uma importante contribuição quando, na conclusão de seu ensaio *Ciência e Cristo*, ele convida todos os cristãos a não temer nem se escandalizar com os resultados da pesquisa científica. Os católicos, diz ele, não precisam recear, muito menos negar os fatos demonstrados pelas análises da Ciência e da História que são muitas vezes exatas; e nada tiram, da onipotência divina, ou da espiritualidade da alma, ou do caráter sobrenatural do Cristianismo. A Ciência não deve perturbar a fé, mas ao contrário, deve ajudar o homem a melhor conhecer e amar Deus. Não é preciso abandonar a Terra para estar na presença de Deus. A grande intuição de Teilhard: não apenas comungar com a Terra, não apenas comungar com Deus, mas, e melhor, “[...] uma comunhão com Deus pela terra” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 5)¹⁹⁸. Da mesma forma, talvez de nossa parte uma ousadia, comungar com Deus através da Ciência. Não mais oposição entre Ciência e Cristo, mas relação de inter-dependência dialética. Sobre isso diria-nos o místico francês, o homem da síntese e da harmonia, por excelência.

É inútil, por conseguinte – e injusto, opor a Ciência e o Cristo, ou separá-los como dois domínios estranhos um ao outro. A Ciência, sozinha, não pode descobrir a Cristo – mas o Cristo sacia os anseios que nascem em nosso coração na escola da Ciência. O ciclo que leva o Homem a descer até as entranhas da Matéria em pleno Múltiplo, para daí, remontar até ao centro da unificação espiritual, é *um ciclo natural*. Poderíamos afirmar que é *um ciclo divino*, pois foi seguido primeiramente por Aquele que teve de 'descer aos infernos' antes de elevar-se até aos céus, a fim de preencher todas as coisas [...]. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 43)¹⁹⁹.

Portanto, não temer a Ciência em nome de Deus, nem eclipsar Deus para exaltar a Ciência. A modernidade não matou Deus, do contrário, tudo está ainda cheio de deuses, como

198 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La vie cosmique*.

199 Id. *Ciência e Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Ciência e Cristo ou Análise e Síntese*.

teria dito Tales de Mileto (BERGER, 1973)²⁰⁰. A sociedade moderna redescobriu o sobrenatural; Deus não se perdeu. Não mais a necessidade de escolher entre a divindade e a natureza, a transcendência e a imanência, Deus e o mundo. Conciliá-los e com isso sentir e saber, verdadeiramente, que “um rumor de anjos” (BERGER, 1973)²⁰¹ persiste, doce e inebriante como o canto dos pássaros; enfim, que o mundo está e é cheio de Deus. Eis a religião que deveria ser apresentada aos homens modernos, a religião tão ansiada pelo cristão cientista Pierre Teilhard de Chardin, que com ardor ardor apaixonado proclamou:

Que nunca mais, por favor, se possa dizer da Religião que a sua influência tornou os homens mais preguiçosos, mais tímidos, *menos humanos!* Que nunca mais a sua atitude conduza à suspeita, mortal, de que tende a substituir a Ciência pela Teologia, o esforço pela oração, a luta pela resignação, e que os seus dogmas se arriscam a desflorar o interesse do Mundo limitando, *a priori*, o horizonte das investigações e a esfera das Energias! Que nunca mais se ouse murmurar contra Roma que ela receia o que se move e o que pensa!... (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 83)²⁰².

A Guerra revelou para o jovem do Auvergne o mundo com todas as suas potencialidades e misérias; assim como o fez refletir sobre a importância da ação humana para a construção do novo mundo. Foi também o conflito mundial que o levou ao difícil problema da conciliação do amor de Deus com o sofrimento humano, da mesma forma que o fez pensar sobre o papel da fé cristã no imenso processo cósmico que é a evolução da vida. Foi um período bastante produtivo e rico para seu amadurecimento intelectual. Da Guerra ele saiu homem novo, mas os tempos de paz não significaram para ele uma vida de tranquilidade. Desmobilizado e de volta à França ele viverá um dos momentos mais espinhosos de sua vida. Suas ideias começam a florescer em jardins cada vez mais amplos, o que não agrada seus superiores. Inicia-se a crise com a Igreja, que persistirá até o fim de sua vida, e que será o tema de nosso próprio capítulo.

200 BERGER, Peter. **Um rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

201 Ibid.

202 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La maîtrise du Monde et le règne de Dieu*.

CAPÍTULO III

A CRISE COM A IGREJA

Quanto a mim, não tenho já outra linha pessoal de conduta senão esta: 'crer no Espírito' – no Espírito, valor supremo e critério das coisas – no Espírito, organizador vivo e amoroso do Mundo. Confie-se ao Mundo animado por Nosso Senhor, e o Mundo salvá-la-á. Penso que, como no Evangelho, as águas movediças nos conduzem na medida em que ousamos caminhar sobre elas, desde que seja na direção e no amor de Deus (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 101-102).¹

Assim escrevia Pierre Teilhard de Chardin à sua amiga Léontine Zanta, no dia 22 de agosto de 1928. A fé no Espírito foi o fundamento que o impediu de desabar, em meio a tanto sofrimento e angústia, provocados pelo seu afastamento de Paris em direção à China, como exilado². Teilhard acreditou no Espírito amoroso a organizar o Mundo e isto lhe deu forças para continuar seu caminho, sempre em frente, “[...] sem largar nenhum desses dois fios: a lealdade para conosco mesmo e o apego à Igreja” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 100)³. Mas, sem dúvida, a decisão de manter-se fiel a si mesmo e à Igreja, não foi uma decisão fácil de ser cumprida.

O “Jesuíta proibido”, como descreve Vigorelli (1963)⁴, nunca conseguiu publicar nada durante a vida e depois de sua morte, quando teve início a publicação de suas *Obras Completas*, suas reflexões foram alvo de um *Monitum* do Santo Ofício, datado de 30 de junho de 1962, contra os erros e as ambiguidades contidas nos seus escritos⁵. Contudo, Pierre Teilhard de Chardin foi antes de tudo, um homem leal. Leal a si mesmo, às suas ideias e convicções; leal à Igreja que tanto amou. Se escrevia, era por uma necessidade de comunicar sua experiência, aquilo que vivera e transformara sua vida. Homem que pensava e sentia com seu tempo, que desejava uma Igreja mais aberta ao mundo, que não tinha outro desejo ou esperança senão o de “[...] sentir, – ou, mais exatamente, de *praesentire*, cum Ecclesia”

1 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas à Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 22 de agosto de 1928.

2 Oficialmente não se fala em exílio, mas de acordo com Vigorelli, “[...] o padre Leroy confirmou que além do silêncio, conseqüentemente lhe foi imposto o exílio”. VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 17.

3 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Carta de 7 de maio de 1927.

4 VIGORELLI, Giancarlo. Opus cit.

5 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380.

(TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 204)⁶; ele foi impedido pela própria Igreja de comunicar suas impressões, consideradas ousadas demais. E isto o afetou profundamente. Se em alguns momentos ele afirmou sua fidelidade à Igreja e à Companhia de Jesus, noutros ele confessou seu ressentimento por ser tão pouco ou quase nunca compreendido (BOUDIGNON, 2008)⁷.

Jesuíta, geólogo e paleontólogo, Pierre estava destinado ao magistério acadêmico, tendo iniciado sua atividade de docente como professor adjunto de geologia no Instituto Católico de Paris, quando algumas notas sobre o pecado original, redigidas de forma confidencial, levaram-no ao afastamento da docência, que depois se tornaria definitivo. Estas notas foram escritas a pedido de um professor de Dogma e nelas o pensador do Auvergne buscava conciliar dados dogmático-teológicos com a visão evolucionista moderna. O texto acabou chegando a Roma e os censores foram severos, tentando obrigá-lo a prometer, por escrito, que jamais diria ou escreveria algo que contrariasse a posição tradicional da Igreja a respeito do pecado original. Aquilo que se tornaria o grande empreendimento da vida do jesuíta francês, a conciliação entre cristianismo e Mundo Moderno, seria também o motivo de seu calvário, o motivo principal de uma crise que duraria até o fim dos seus dias e que, de certa forma, sobreviveria até mesmo à sua morte.

3.1 Os primeiros conflitos

O Paraíso terrestre não é compreensível senão como uma maneira de ser diferente do Universo (o que se conforma ao sentido tradicional do dogma, que vê no Éden um 'outro Mundo'). Ora, por mais longe que regressemos no passado, nós não vemos nada de semelhante a este estado maravilhoso. Nenhum vestígio no horizonte, nem a menor cicatriz, indicando as ruínas de uma idade de ouro [...]. Na verdade, a impossibilidade de introduzir Adão e o Paraíso terrestre (imaginados literalmente) nas perspectivas científicas é tal que eu me pergunto se um único homem, hoje, é capaz de acomodar simultaneamente seu olhar sobre o Mundo geológico evocado pela Ciência, e sobre o Mundo assim como apresentado pela História Santa. Não se pode conservar as duas representações senão passando alternativamente de uma a outra. Associadas, elas soam falsas. Unindo-as sobre um mesmo plano somos seguramente vítimas de um erro de perspectiva (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 63).⁸

6 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Christianisme et évolution: suggestions pour servir a une théologie nouvelle*.

7 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie son oeuvre sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

8 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Do artigo *Note sur quelques représentations historiques possibles du péché originel*.

Desta forma se expressou Pierre Teilhard de Chardin, no ano de 1922, em seu texto intitulado *Note sur quelques représentations historiques possibles du péché originel*. Importante reafirmar que este artigo não foi escrito pelo jesuíta para ser publicado, mas para servir de reflexão e estudo entre um grupo de teólogos. Entretanto, e talvez porque “Deus quis deixar passar”⁹, a nota acabou sendo levada a Roma, o que fez com que Teilhard fosse obrigado a deixar sua atividade docente no Instituto Católico de Paris, sendo enviado à China para trabalhar como geólogo. Este escrito de 1922, foi retomado em 1947 com o título de *Réflexions sur le péché originel* (TEILHARD DE CHARDIN, 1969)¹⁰.

Na nota que até hoje pode provocar um certo estranhamento nos espíritos menos acostumados ao debate, o místico jesuíta “[...] que colocava sua inteligência a serviço das instituições, tentava [...] encontrar uma explicação racional para o dogma do pecado original” (BOUDIGNON, 2008, p. 66)¹¹. No início do século XX o padre cientista, tão apaixonado pela Igreja quanto pela Ciência, havia constatado que as explicações dadas pelo catecismo tradicional sobre o drama do aparecimento do mal no mundo não eram mais admissíveis para um bom número de pessoas. E assim sendo ele se põe a refletir e buscar uma solução capaz de conciliar os dados da fé e da razão, uma solução que pudesse salvaguardar os ensinamentos da Igreja sem desconsiderar a historicidade dos fatos.

O pecado original exprime, traduz, personifica, num ato instantâneo e localizado, a lei perene e universal da falta que está na Humanidade *em virtude* de sua situação de ser ‘em devir’. Ousaria dizer, talvez, que, no ato criador fazendo (por definição) remontar o Ser a Deus das fronteiras do nada (quer dizer das profundezas do múltiplo, quer dizer de alguma matéria), toda criação conduz, como seu risco e sua sombra, alguma falta, ou seja, carece inevitavelmente de alguma Redenção. O drama do Éden nesta concepção seria o drama mesmo de toda a história humana recolhida em um símbolo profundamente expressivo da realidade. Adão e Eva são as imagens da Humanidade em marcha para Deus. A beatitude do Paraíso terrestre é a salvação constantemente oferecida a todos, mas recusada por muitos, e

-
- 9 Teilhard gostava de expressões deste tipo, o que nos revela a plenitude de sua fé, confiança e submissão à vontade de Deus. MORTIER, Jeanne-Marie. **Pierre Teilhard de Chardin**: pensador universal. São Paulo: Cultrix, 1981. Quando Jeanne-Marie se lamenta pela impossibilidade de publicação dos escritos de Teilhard, ele diz: “Se meus escritos são de Deus passarão. Se não são de Deus é melhor esquecê-los”. A fé na Providência é um traço singular de seu pensamento. Numa carta de 06 de fevereiro de 1948, escrita à Rhoda de Terra, ele diz: “Nada de novo. Ontem eu dei uma conferência na Escola Superior de Guerra; sobre o Homem e a Humanidade, diante de um número impressionante de celebridades e de distintivos. E o mais divertido, é que depois da conferência eu fui levado a me estender em longas considerações sobre... o pecado original! Precisamente o assunto delicado que devo evitar como a peste. Eu acredito verdadeiramente na Providência”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l’homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968, p. 218. Carta de 6 de fevereiro de 1948 escrita a Rhoda de Terra.
- 10 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Réflexions sur le péché originel*.
- 11 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

organizada de tal maneira que ninguém chega à sua posse senão por unificação de seu ser em Nosso Senhor. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 68)¹².

Teilhard se expressa de forma clara e compreensível e em sua reflexão não faz nenhum tipo de apelo a acontecimentos que não têm realidade experimental e que, por consequência, não conseguem espaço nas mentalidades dominadas pelas inovações advindas dos recursos científicos. Sua questão é:

[...] como vai reagir a Teologia para responder à expectativa e às esperanças ansiosas de todos aqueles que querem continuar a adorar Deus 'em espírito e em verdade'?... Ela não pode evidentemente continuar por muito tempo mais a apresentar como só *dogmaticamente segura* uma tese [...] doravante tornada *improvável* para a nossa experiência. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 278)¹³.

Esta é a sua grande questão, a preocupação de toda uma vida. Para o místico do Auvergne, a Igreja não deveria insistir sobre verdades que seriam facilmente desmentidas pela experiência. Fazendo isso ela estaria, segundo ele, dando “[...] a impressão de salvar o dogma refugiando-se no Inverificável” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 279)¹⁴. Não se trata de mudar o ensinamento, mas a forma de ensinar. É seu único interesse, sua única motivação, fazer o ensinamento da Igreja crível aos olhos e ouvidos dos homens e mulheres de seu tempo. A Humanidade, em sua marcha adiante, “[...] tateia, ensaia, se desdobra, dá passos falsos, erra, pontualmente falha nesta jornada” (BOUDIGNON, 2008, p. 67)¹⁵, mas segue seu caminho, porque a criação não pode parar. E estes erros que, vistos de perto, chamamos falhas, se olhados de longe e com a astúcia dos que sabem ver são, na verdade, a sombra de

12 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Note sur quelques représentations historiques possibles du péché originel*. Num outro artigo publicado nesta mesma obra ele diria: “Eu não me darei ao ridículo de indicar à Igreja os caminhos por onde ela deve avançar. Mas quando, para meu próprio uso, eu sondo as saídas possíveis, eu creio ver um caminho se abrir na seguinte direção: o pecado original, tomado na sua generalidade, não é uma insanidade especificamente terrestre nem ligada à geração humana. Ele simboliza simplesmente a inevitável possibilidade do Mal [...] ligado à existência de todo ser participado. Por todo lugar onde nasça o ser que devém, a dor e a falta aparecem imediatamente como sua sombra [...] como acompanhante fatal de seu esforço de progresso. O pecado original é a essencial reação do finito ao ato criador. Inevitavelmente, a favor de toda criação, ele se introduz na existência. É o *reverso* de toda criação”. Ibid. Do artigo *Chute, rédemption et géocentrie*.

13 Ibid. Do artigo *Une suite au problème des origines humaines: a multiplicité des mondes habités*. Neste artigo Teilhard discute a tese da unicidade da humanidade terrestre no Universo ou da probabilidade de outros mundos habitados, como bem explicita o título. Como paleontólogo o problema das origens humanas tal como apresentado no livro do Gênesis será objeto constante de suas reflexões e, talvez, a faísca incendiária da crise enfrentada por ele em relação à Igreja.

14 Ibid. Do artigo *Une suite au problème des origines humaines: a multiplicité des mondes habités*.

15 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

toda criação, o traço que as mãos desenham erroneamente e depois apagam, mas sem o qual o desenho não seria o que é.

Se foi a nota sobre o pecado original o estopim da crise, é possível dizer que todas as reflexões de Teilhard, desde os tempos da formação em teologia e durante a guerra, provocaram discussões entre os que eram conhecedores de seu pensamento. Os textos escritos durante a guerra que foram enviados à prima Marguerite e outros amigos, entre os quais Léonce de Grandmaison, jesuíta diretor da Revista *Études*, eram redigidos pelo jesuíta com o objetivo de serem publicados. Mas nunca o foram. Sua sensibilidade cósmica, julgada por alguns como panteísta, e sua visão evolucionista do mundo, eram uma ameaça para a Igreja balançada pela crise modernista. Recomendavam-lhe prudência (TEILHARD DE CHARDIN, 2011)¹⁶. A publicação de seus textos numa revista como *Études* poderia desconcertar os leitores e com isto Teilhard vai se dando conta de que terá muita dificuldade para publicar sua obra. A partir de então ele “[...] sente dolorosamente a estreiteza do mundo eclesiástico” (EUVÉ, 2011, p. 31)¹⁷. O temor do modernismo afetava tudo e servia para justificar a desqualificação de todos que pareciam ter ideias muito avançadas. A guerra tinha acalmado um pouco a situação, mas com o seu fim as condenações voltaram. Em 1920 a doutrina chamada de “os olhos da fé”, de Pierre Rousselot, morto no início da guerra (1915), foi condenada e isto afetou teólogos próximos de Teilhard, como Valensin. Em 1922 vem a tona o caso do pecado original e no ano de 1925 ele fica sabendo, por meio de seu padre provincial e amigo Jean Costa de Beauregard, que em Roma tinham decidido por seu afastamento de Paris. E é ao amigo Valensin que ele desabafa:

É fato, me tiraram de Paris, e, tudo o que eu espero obter de melhor, é que me deixem ainda aqui seis meses para liquidar meus trabalhos em curso, e preparar uma nova partida para a China no próximo barco, com meu amigo Licent. – Caro amigo, ajude-me. Eu faço boa figura; mas, interiormente, há alguma coisa que parece agonia ou tempestade. – Eu acredito ver que, se eu me separasse ou me recusasse de uma maneira qualquer (humanamente, isto seria tão simples e tão 'doce'...) eu seria infiel a minha fé na animação de todos os eventos por N.S., e em seu valor, superior àquele de todos os elementos deste Mundo. Por outro lado, eu comprometeria, aos olhos dos Nossos (senão de outros) o valor religioso de minhas ideias. Seria afastamento da Igreja, orgulho, que eu saiba. É essencial que eu mostre, por meu exemplo, que se minhas ideias parecem inovadoras, elas me tornam tão fiel quanto ninguém à antiga atitude. – Eis o que eu creio ver. Mas há sombras. Qual é a mais sagrada de minhas vocações? – aquela que eu sigo desde a infância? – ou a que se revelou, como a verdadeira esposa, na

16 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011.

17 EUVÉ, François. Introdução. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011.

plenitude de minha vida de homem? – Eu me digo que não há contradição, quer dizer que deixando demolir sem revolta meu edifício de pesquisas, eu ainda trabalho para pregar o Evangelho da Pesquisa. Mas, eu não sou vítima precisamente do que sempre busquei combater: o formalismo, – a falsa mecanização do espírito? – eu não obedeco a esta idolatria que faz com que as ordens particulares da Igreja, se erijam como absolutas [...]? – Oh amigo, dizes-me que eu não sou infiel a meu ideal obedecendo... (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 115-116)¹⁸.

Nesta carta, vemos um Teilhard atormentado, pedindo ajuda ao amigo para quem confessa que sua alegria é só aparente. Ele não quer demonstrar seu sofrimento aos que lhe são próximos, mas no fundo está tomado pela angústia de não ser compreendido. Está dilacerado, dividido entre as duas vocações de sua vida. Quer ser fiel e obediente, mas teme que a obediência o faça infiel a suas ideias ou que a fidelidade ao que pensa o faça desobediente. São os sinais de uma tempestade que nunca se apaziguará por completo, mas seguirá durante toda sua vida, “[...] posto que será realimentada pelo problema fundamental que ele explicou com uma agudeza e uma maestria inigualáveis: o distanciamento angustiante entre a natureza do cristianismo e sua expressão no mundo atual” (EUVÉ, 2011, p. 33)¹⁹. A hipótese de uma Igreja afastada do mundo incomodava o místico jesuíta, que temia estar sendo vítima daquilo que sempre combateu, a saber, o formalismo que impede que o Espírito sobre onde quer e a idolatria que, torna a Igreja absoluta e a faz descuidar de sua maior e mais importante missão: o anúncio da mensagem daquele que veio ao mundo e se deixou banhar nas águas do mundo para salvá-lo.

É a mesma vontade manifesta, anos mais tarde, pelo Cardeal Jorge Mario Bergoglio, dias antes de se tornar o Papa Francisco:

Evangelizar supõe zelo apostólico. Evangelizar supõe na Igreja a ousadia de sair de si mesma. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir até às periferias, não só as geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, as da dor, as da injustiça, as da ignorância e independência religiosa, as do pensamento, as de toda miséria. Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar torna-se autorreferencial e então adocece. Os males que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. No Apocalipse Jesus disse que está à porta e chama. Evidentemente o texto se refere a quem bate à porta de fora para entrar... Mas penso nas vezes em que Jesus golpeia a porta de dentro para que o deixemos sair. A Igreja autorreferencial prende Jesus Cristo dentro de si e não o deixa sair. [...] Pensando no próximo Papa: um homem que, a partir da contemplação e da adoração a Jesus Cristo ajude

18 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier**: 1915-1955. Paris: Aubier Montaigne, 1974. Carta de 16 de maio de 1925 a Auguste Valensin.

19 EUVÉ, François. Introdução. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011.

a Igreja a sair de si até as periferias existenciais, que a ajude a ser mãe fecunda que vive da 'doce alegria de evangelizar'.²⁰

A vontade de diminuir a distância entre o cristianismo e o mundo, que sempre moveu Teilhard, algum tempo depois seria retomada pelo cardeal argentino que se tornaria o primeiro papa saído das fileiras da Companhia de Jesus. Mais de cinquenta anos, e mesmo depois do Concílio Vaticano II, é a mesma necessidade que se impõe à Igreja. Uma necessidade que, no entanto, não pode ser mal interpretada, se desejamos ser fiéis ao espírito do místico do Auvergne. Ele jamais cogitou a possibilidade de transformar os dados da fé para adaptá-los ao mundo moderno, mas quis transformar a linguagem com a qual esses dados eram anunciados para, dessa forma, torná-los passíveis de seres ouvidos e compreendidos. Em outras palavras, não quis mudar o ensinamento, mas a forma de ensinar. O Deus que amou e buscou desde a infância era por ele encontrado em toda parte e seu único desejo era fazer com que todos experimentassem, como ele, a sua diafania. É nesse sentido que ele teme uma Igreja desligada do Mundo ou, o que é ainda pior, uma Igreja que, como ele mesmo desabafou à amiga Léontine Zanta, quer esconder a terra para anunciar o céu.

Não há dúvida de que por vezes se tem a impressão de que nossas igrejinhas nos escondem a Terra. Ocorre-me agora um pensamento que já tive vai para mais de dez anos. Quer se identificar a ortodoxia cristã com um 'integrismo', isto é, com o respeito pelos menores mecanismos dum pequeno microcosmos construído há séculos. Na realidade, o verdadeiro ideal cristão é o 'integralismo', a saber, a extensão das diretrizes cristãs à totalidade dos recursos contidos no Mundo. Integralismo ou integrismo, Dogma-eixo ou Dogma-quadro, eis a luta em curso, desde há mais de um século, na Igreja. O integrismo é simples e cômodo, para os fiéis e para a autoridade. Mas exclui implicitamente do Reino de Deus (ou nega, por princípio) as enormes potencialidades que se agitam por toda parte à nossa volta, na ordem social, moral, filosófica, científica, etc.. Aí está a razão por que lhe declarei guerra de uma vez para sempre... Não sei muito bem o que farei para levar a bom termo esta guerra, agora que as minhas possibilidades de ação exterior se encontram cada vez mais restritas. Mas o Senhor me ajudará, se estiver comigo. Penso algumas vezes que a melhor maneira de fazer triunfar uma atitude está em vivê-la o mais fielmente possível. (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 99)²¹.

20 BERGOGLIO, José Mario. Disponível em: <http://www.iglesiacubana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1986:manuscrito-entregado-por-el-cardenal-jorge-mario-bergoglio-al-cardenal-jaime-ortega&catid=156:nosotros-hoy-2013-la-habana&Itemid=11>. Acesso em: 01. abr. 2013. Trata-se da transcrição de um manuscrito entregue pelo Cardeal Jorge Mario Bergoglio ao Cardeal Jaime Ortega, onde se recolhe a intervenção do futuro Papa Francisco numa Congregação Geral antes do Conclave no qual ele seria eleito Sumo Pontífice da Igreja Católica após a renúncia de seu predecessor o Cardeal Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI). Importante sublinhar que o Papa Francisco, assim como Pierre Teilhard de Chardin, pertencia à Companhia de Jesus.

21 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas à Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967. Carta de 7 de Maio.

Teilhard se posiciona de forma radical contra o integrismo, contra o engessamento do cristianismo em fórmulas que, na conjuntura em que ele vivia, eram vazias de sentido. Os dogmas, ou seja, os dados da fé, não podem ser compreendidos e anunciados como um quadro estático, mas como um eixo, uma mola de ação. A Igreja não pode, já o dissemos a partir de suas reflexões, para salvaguardar o dogma, refugiar-se no que não pode ser verificado ou, o que é ainda mais grave, no que pode ser facilmente desmentido. No seu modo de compreender o respeito à instituição não pode ofuscar o Reino de Deus²². A Igreja não pode descuidar de sua essência peregrina, do “[...] caráter essencialmente provisório de sua realidade, convertendo-se a si mesma em meta” (TEIXEIRA, 1988, p. 58)²³. Só que nos ambientes romanos o pensamento teilhardiano não foi bem visto ou pareceu ousado demais. A solução encontrada foi retirá-lo da França, afastando-o da atividade docente no Instituto Católico de Paris. Ao negar-lhe um posto de trabalho, a autoridade eclesiástica queria na verdade, impedi-lo de pensar, de publicar, de avançar (EUVÉ, 2011)²⁴; queria, enfim, contê-lo de algum modo. Teilhard se ressentiu e a crise vai se agravando. Separar-se da Igreja, ele sabe, não resolveria o problema e o faria infiel à sua própria fé em Deus como animador do Mundo.

Junto a tudo isto vêm as dificuldades enfrentadas por Teilhard para publicar *Le Milieu Divin* que ele terminou em 1927, um livro que ele desejava tornar público uma vez que, pensava, poderia cobrir “[...] as expectativas espirituais de muitos” (EUVÉ, 2011, p. 34)²⁵. O místico jesuíta cheio de entusiasmo passou a temer a censura, fato que lhe provocou a crise que, numa carta escrita à amiga Léontine Zanta, no dia 15 de abril de 1929, ele chamaria de “[...] crise de antieclesiasticismo, para não dizer de anticristianismo” (TEILHARD DE

-
- 22 Muito importante atentar para esta categoria Reino de Deus. Apropriada da teologia esta expressão assume neste trabalho uma extensão mais ampla de significado. Quando falamos do Reino de Deus não nos referimos a uma realidade estritamente espiritual e descolada da realidade. Referimo-nos a uma sociedade organizada de forma mais justa e solidária, uma terra sem males que, esperada no futuro já pode ser antecipada no presente. O Reino, como bem salientou Teixeira, “[...] expressa uma nova ordem das coisas, caracterizada fundamentalmente pela reconciliação entre os homens. O Reino aponta o final transcendente e feliz da história e constitui a razão de ser da Igreja”. TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base: bases teológicas**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 31. Esta nova ordem é o que ousadamente chamaríamos de uma nova ordem cósmica, que no espírito teilhardiano, seria caracterizada pela reconciliação dos homens entre si e com toda criação. A consciência da evolução, e mais especificamente do homem como flecha da evolução, deve favorecer a construção deste novo mundo que não é, senão, o velho mundo transformado.
- 23 Esta discussão moveu por muito tempo a teologia latino-americana da libertação, um fazer teológico nascido da práxis que tentou, justamente, apontar os riscos advindos da identificação da Igreja com o Reino. Identificando-se com o Reino a Igreja acaba por favorecer uma “[...] eclesiologia da glorificação, que contradiz claramente a imagem neotestamentária da Igreja. Uma Igreja glorificada se atribui o monopólio da graça e da salvação, não conseguindo perceber ou admitir a presença e a ação salvadora de Deus fora das práticas eclesiásticas, ou explicitamente cristãs”. *Ibid.*, p. 58. Em outras palavras, uma Igreja glorificada não possibilita nem concebe a consciência da diafanidade de Deus no mundo.
- 24 EUVÉ, François. Introdução. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946): la maduración de un pensamiento**. Madrid: Trotta, 2011.
- 25 *Ibid.*

CHARDIN, 1967, p. 113)²⁶; uma crise que, no entanto, marcou um passo importante na sua própria evolução interior, uma vez que fez sua fé se despojar e se tornar cada vez mais crítica. Longe de Paris ele se sente livre e seu pensamento vai se tornando cada vez mais elaborado. Ao amigo Valensin, ele declara:

[...] tenho a impressão de que estes últimos meses de grande independência, passados ao abrigo de toda influência de qualquer 'âmbito', marcaram um degrau no meu desenvolvimento interior. Eu vi mais distintamente as únicas coisas nas quais eu creio agora, e a única coisa que eu poderia ser: 'meu evangelho e minha vocação', se ousar dizer. As coisas nas quais eu creio: não há muitas. São: primeira e fundamentalmente, o valor do Mundo; e *segunda*, a necessidade de Cristo para dar a este Mundo uma consistência, um coração, uma face. – A única coisa que posso ser: uma vez que repito, oportuna e *inoportuna*, que a Igreja definhará por muito tempo se ela não escapar ao mundo fictício de teologia verbal, de sacramentalismo quantitativo e de devoções subutilizadas onde ela se envolve, para se reencarnar nas aspirações humanas *reais*. – Nenhuma consideração de nenhum gênero, eu o sinto, será capaz de me afastar desta linha. Nada mais conta no Mundo para mim senão esta causa: salvar o espírito e a verdade. – Naturalmente eu noto muito bem o que esta atitude tem de paradoxal: se eu tenho necessidade do Cristo da Igreja para salvar meu Mundo, eu devo tomar o Cristo tal qual me apresenta a Igreja, com seu fardo de ritos, de administração e de teologia. [...]. Mas hoje eu não posso escapar à evidência de que chegou o momento onde o cristão deve '*salvar o Cristo*' das mãos dos Clérigos, para que o Mundo seja salvo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 184)²⁷.

Seu evangelho e sua vocação se tornam cada vez mais claros. Sua fé no valor do mundo se intensifica, ao mesmo tempo que se expande sua fé em Cristo como aquele que dá ao mundo um sentido, um rosto e um coração. Mas ele reconhece e teme a possibilidade da Igreja definhar por falta de uma linguagem capaz de anunciar esta mensagem. Enquanto os eclesiais pensavam que o que ameaçava a Igreja era a crise modernista, ou seja, que os infortúnios eram de ordem externa, Teilhard sabia que o grande problema a ser enfrentado tinha origem interna. A Igreja, com todo seu ritualismo, sua teologia e seu sacramentalismo, afastava-se sempre mais do homem, ofuscando o próprio Cristo. Por isso, ele diz ser preciso salvar o Cristo das mãos dos clérigos para que o mundo seja salvo. O tom de Teilhard parece provocante, ácido; mas é a expressão de uma crise angustiante, a crise de um homem de fé, apaixonado pela Igreja e pelo mundo que ela deve ajudar a transformar para fazer crescer o Reino de Deus. Para Teilhard não era preciso eliminar a fé em Deus por se ter fé no mundo. E

26 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas à Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967. Carta de 15 de Abril de 1929.

27 Id. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier**: 1915-1955. Paris: Aubier Montaigne, 1974. Carta de 25 de fevereiro de 1929 a Auguste Valensin.

é justamente esta afirmação que a Igreja considerou ousada demais, quando não herética. O padre do Auvergne foi chamado em Roma para assinar um documento de submissão e neste momento ele viveu o maior drama de sua vida.

Para compreendê-lo é preciso não perder de vista a pureza e a intensidade de sua fé, uma fé que, segundo Boudignon, “[...] crescia e se reforçava com as contribuições da ciência” (BOUDIGNON, 2008, p. 68)²⁸. À medida que se alargava o seu horizonte de conhecimento, seja no âmbito da ciência, seja no âmbito da fé, ele percebia que era capaz de tudo conciliar. Em nenhum momento ele rejeitou a fé de sua infância; pelo contrário “[...] compreendeu que modernizando o cristianismo, ele podia completar seu ensinamento com as descobertas científicas” (BOUDIGNON, 2008, p. 68)²⁹. E modernizar o ensinamento cristão nunca significou, para ele, alteração dos dados da revelação, mas mudança na forma de anúncio destes dados. Entusiasmado ele quis partilhar suas reflexões, mas não lhe permitiram. Todo o seu trabalho foi rejeitado, sendo ele obrigado a parar de falar sobre suas ideias e mesmo de refletir. Trata-se de um horrível e degradante instante, “[...] onde a inteligência sonda a profundidade do abismo da ignorância” (BOUDIGNON, 2008, p. 68)³⁰.

No final do ano de 1931 um outro golpe o deixa indignado. No momento em que participava da grande expedição científica do Cruzeiro Amarelo³¹, ele recebe uma carta da prima Marguerite pela qual fica sabendo da inclusão das obras do amigo Édouard Le Roy no Index. Este fato muito o entristece, sobretudo por estar longe e não poder apoiar o amigo.

Teilhard sofre pelo amigo, mas sofre também por perceber que a Igreja permanece incapaz de enxergar verdades que estão à margem da linguagem que ela utiliza desde seus primórdios, uma linguagem, como ele mesmo diz, caduca. A necessidade premente de uma reforma foi antevista pelo jesuíta do Auvergne já no início do século XX, mas esta percepção não agradou em nada a hierarquia, que optou então por tentar emudecê-lo no exílio chinês.

Proibido de publicar sobre assuntos teológicos, o jesuíta não se sente, todavia, obrigado a deixar de refletir e continua escrevendo e compartilhando seus escritos num

28 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

29 Ibid.

30 Ibid.

31 O Cruzeiro Amarelo (04 de abril de 1931 a 12 de fevereiro de 1932) foi uma expedição da qual Teilhard foi chamado a fazer parte na qualidade de geólogo. “André Citroën e Georges-Marie Haardt, diretor de suas usinas, tinham preparado, desde 1929, uma expedição na Ásia Central. Eles esperavam encontrar as antigas pistas da 'Rota Seda', demonstrando o valor do material Citroën. A missão foi dividida em dois grupos. O grupo 'Pamir', sob a direção de G.-M. Haardt, partiu de Beirute e atravessou o Himalaia. O grupo 'China' partiu de Pequim, sob a direção de Vitor Point, e atravessou a China pelo deserto de Gobi”. Teilhard integrou o grupo China. MORTIER, Jeanne; AUBOUX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin**: images et paroles. Paris: Éditions du Seuil, 1966, p. 98; Outras informações estão disponíveis em: <<http://www.histoiredumonde.net/Croisiere-jaune-d-Andre-Citroen.html>>. Acesso em: 06 fev. 2013.

círculo pequeno de amigos. Com isto suas reflexões vão ganhando cada vez mais espaço, chegando mesmo a dividir a opinião daqueles que são responsáveis por mantê-lo em silêncio. É o que pode nos revelar uma carta na qual Teilhard expressa não sentir tanto pelo impedimento à publicação de *Le Milieu Divin*.

No retorno da viagem, encontrei uma carta de Lovaina (do padre Charles) na qual ele me diz que, depois de 5 de julho, meu manuscrito sobre o ‘Meio divino’ seria publicado sem demora, ao ‘Terem sido favoráveis todas as revisões’. Depois, não houve nenhuma novidade. Começo a pensar que houve algum erro, e por um momento estaria aliviado (pus tanto de mim mesmo nestas páginas que preferiria que fossem póstumas...). O interessante é a opinião favorável dos censores sobre um conjunto de perspectivas, das quais uma parte, explicitadas em meu artigo sobre o pecado original, tinham sido tachadas de louca ou heréticas por meus juizes romanos. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 99-100)³².

Os censores teriam aprovado o que fora largamente rechaçado pelos juizes romanos. Este fato, parece-nos, indica que o pensamento teilhardiano começava a se infiltrar e ser aceito no próprio ambiente eclesial, rompendo uma impressão de que toda cúria romana estava em desacordo com o jesuíta francês. A continuação da carta é ainda mais reveladora:

Você deve ter recebido, por outro lado, meu breve artigo sobre o Transformismo no *Boletín* da Delegação de Pequim. Se o enviei foi para demonstrar o que se pode chegar a publicar, com um pouco de sorte. Até aqui, uma única reclamação (modesta), e em compensação, várias aprovações, inclusive episcopais. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 117)³³.

As publicações de cunho mais científico que lhe foram permitidas pelos superiores quase nunca eram desprovidas de uma pitada de reflexão teológica. E contribuíram, desta forma, para ampliar o raio de influência do pensamento do padre e cientista que não desistiu nunca de refletir e, por isto mesmo, acabou fomentando o debate e fazendo crescer tanto o número de seus admiradores quanto o de seus opositores. Em 1933, na constante tentativa de explicar a existência do mal, tendo como pano de fundo suas ideias sobre a evolução, ele confessa ter consciência de contrariar muitos a sua volta. Assim ele escreve:

[...] sem nada perder de sua acuidade nem de seus horrores, o Mal deixa, neste novo quadro, de ser um elemento incompreensível, para tornar-se um traço natural da estrutura do Mundo. Aqui, eu sei, eu começo a me colocar em oposição com muitos de meus mais caros amigos intelectuais. Por razões

32 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011. Carta de 6 de dezembro de 1929.

33 Ibid. Carta de 6 de dezembro de 1929.

tiradas da onipotência divina ou da natureza metafísica do múltiplo, eles não admitirão o que eu vou dizer. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 101)³⁴.

O novo quadro, ao qual se referia Teilhard, era a descoberta ou tomada de consciência da evolução como um fator de transformação das antigas ideias sobre a existência do mal no mundo, uma descoberta que abalara profundamente seu modo de pensar os dogmas de fé tal como estes lhe foram expressos. O místico do Auvergne vivia então uma crise íntima que o teria feito desabafar: “Eu o declaro com plena sinceridade. Tem sido impossível compadecer-me diante de um Crucifixo uma vez que este sofrimento me foi apresentado como a expiação de uma falta que [...] Deus poderia evitar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 103)³⁵. Era difícil para ele conciliar a existência do pecado ou da desgraça com a soberania e benignidade de Deus no mundo. A desordem e o caos pareciam contradizer a fé num Deus que cria com amor uma obra perfeita. Só a leitura evolucionista o fez compreender que o mal está no mundo como consequência da criação que segue evoluindo e se tornando cada vez mais bela. Teilhard não negava a perversidade do mal, é importante sublinhar. Só que seu olhar novidadeiro tentava compreendê-lo, não como parte dos desígnios divinos, mas como parte do caminho que nos faz cumprir estes desígnios. Enfim, Teilhard não aceitava o mal, mas tentava dar a ele uma explicação que fosse racional e coerente tanto aos olhos da fé quanto aos olhos da ciência.

O pecado, para ele, sinaliza acima de tudo o conjunto das forças contrárias à evolução. Neste sentido é que ele diz que o pecado é uma face da evolução, a sua face negativa. Nele coexistem natural e harmoniosamente o padre e o cientista e por isso sua grande preocupação será sempre satisfazer ao mesmo tempo os dados da experiência e as exigências da fé.

Para satisfazer ao mesmo tempo os dados da experiência e as exigências da Fé, a Queda original *não é localizável* num momento, nem em um lugar determinados. Ela não se inscreve em nosso passado como um 'evento' particular. Mas, transcendendo os limites [...] do Tempo e do Espaço, ela 'qualifica' o meio mesmo no seio do qual se desenvolve a totalidade de nossas experiências. Ela não se apresenta como um *elemento serial*, mas como *uma face* ou uma modalidade global da Evolução. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 174-175)³⁶.

34 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Christologie et Évolution*.

35 Ibid. Do artigo *Christologie et Évolution*.

36 Ibid. Do artigo *Le Christ Évoluteur*. Este artigo não foi escrito para o público em geral e sim para profissionais, como teria explicado o próprio autor. Trata-se de um escrito onde o jesuíta tenta adaptar a ideia da redenção no contexto mais geral da teoria da evolução e diríamos, da criação. É a vocação de padre e cientista, igualmente constituintes de seu ser, que o levam a fazê-lo.

Suas tentativas, no entanto, não agradam muito a estrutura eclesial de então. Ele tem consciência de que está em desacordo com a Igreja e pode “[...] medir distintamente a gravidade das transformações que estas visões novas introduzem” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 104)³⁷, mas não deixa de refletir e pedir a outros, sobretudo aos que o leram, que façam o mesmo.

Considerando-se o fato de que o primeiro artigo de Teilhard sobre o pecado original, desencadeador da crise que o afastou da França, data de 1922, é fácil concluir que as questões colocadas naquele ano foram sendo ampliadas e seguiram por toda vida de nosso místico. No ano de 1944 a temática do inferno como uma realidade definida por negação é apresentada num artigo intitulado *Introduction a la vie chrétienne*.

A existência de um Inferno é, com o mistério da Cruz, um dos aspectos mais desconcertantes e mais criticados do Credo cristão. E no entanto, reduzido à sua essência, nada está mais de acordo que este dogma às perspectivas de um Universo em evolução. Toda evolução (nos limites de nossa experiência) desencadeia seleção e desperdício. Impossível, portanto, para nós imaginar, na totalidade de seu processo, a unificação do Mundo em Deus sem dar um lugar [...] ao que, eventualmente, se deixaria escapar neste processo beatificante. A operação salvífica humana, na qual consiste a Criação, pode ter cem por cento de rendimento? O Cristianismo não o decide nem o nega absolutamente. Mas ele nos lembra que podem existir perdas, – e que, nestes casos, os elementos 'reprovados' nunca seriam eliminados, quer dizer rejeitados por Deus. Sob este ponto de vista, colocar o Inferno é simplesmente um modo negativo de afirmar que o Homem não pode encontrar, por necessidade física e orgânica, sua felicidade e sua plenitude senão chegando, por fidelidade ao movimento que o conduz, até o termo de sua evolução. A Vida suprema (quer dizer uma plena consciência de tudo em todos), ou a Morte Suprema (isto é, uma consciência infinitamente desunida sobre si mesma). Tudo ou nada. Eis a alternativa que nos dá a existência e que traduz a ideia de Inferno. O Inferno, nunca será demais repeti-lo, não nos é conhecido, não tem sentido, senão na medida em que ele assume, nas nossas perspectivas, o lugar inverso do Céu, como o pólo oposto a Deus. Dito de outra forma nós não podemos defini-lo senão negativamente, em relação ao Céu que não é. Todo esforço para 'coisificá-lo' e descrevê-lo nele mesmo, como um todo isolado, corre o risco de nos conduzir (vimos muito) ao absurdo e ao odioso. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 192-193)³⁸.

Se o paraíso terrestre não pode ser localizado científica e historicamente, da mesma forma não o pode o inferno. O tema, que aparece em 1922 em *Note sur quelques représentations historiques possibles du péché originel*, reaparece vinte anos mais tarde. E como sempre, Teilhard não nega o dogma, mas o explica de modo a satisfazer as exigências

37 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Christologie et Évolution*.

38 Ibid. Do artigo *Introduction a la vie chrétienne*.

de seu tempo. O processo evolutivo demanda perdas, erros, tentativas frustradas, mas o homem, flecha desse processo, não pode desistir, da mesma forma que Deus não desiste de sua criação e por isso não descarta nenhum de seus elementos. O inferno nada mais é do que o estado contrário ao paraíso. Definido não pelo ser, mas por um estado de não ser, o inferno é o céu que não é. O paraíso celeste traduz, de certa forma, a ideia de uma criação que atingiu a plenitude de suas potências, ou melhor dizendo, de sua existência, de sua qualidade de ser. Inversamente o inferno expressa tudo aquilo que não é, que não existe.

Trata-se de uma discussão rica e necessária no contexto de um cristianismo ameaçado pela crise de sentido provocada pelas descobertas científicas. Salvar a fé cristã desta crise que poderia ofuscá-la frente a este despertar coletivo para a grandeza e unidade do mundo foi sempre e unicamente a preocupação de Teilhard (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)³⁹, a causa para a qual ele dedicou todos os seus esforços.

Em 1947 ele retoma seu artigo sobre o pecado original (TEILHARD DE CHARDIN, 1969)⁴⁰, sublinhando a necessidade de estar o pensamento teológico em harmonia com as modernas revelações da ciência (TEILHARD DE CHARDIN, 1969; MANTOVANI, 2006)⁴¹. Repensar o dogma, diz ele, é um imperativo que

[...] nos chega do lado da Exegese, cujos últimos progressos vão nos advertir que são unicamente ensinamentos sobre *a natureza* do Homem, e não ensinamentos 'visuais' sobre *sua história* que convém buscar nos primeiros capítulos do Gênesis (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 223)⁴².

Apresentado como evento real no interior da história, o dogma do pecado original acabou se tornando um obstáculo ao desenvolvimento do pensamento cristão na modernidade. Teilhard propõe, para conciliar os dados da fé e da experiência, a tese da criação evolutiva, situando o ato criador no processo gradual de unificação do Múltiplo. Aqui o ato de criar identifica-se com o ato de unir; ou traduzindo em termos teilhardianos “[...] *criar é unir*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 226)⁴³, um processo gradual que provoca, na imensidão do tempo e do espaço, uma série de tentativas e ensaios de onde advêm a dor e o

39 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

40 Trata-se do texto *Note sur quelques représentations historiques possibles du péché originel*, agora retomado com o título de *Réflexions sur le péché originel*. Ambos se encontram em: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

41 Ibid. *Réflexions sur le péché originel*, bem como MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

42 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Réflexions sur le péché originel*.

43 Ibid. Do artigo *Réflexions sur le péché originel*. Ver nota 1.

mal. Nesta perspectiva

[...] sofrimento físico e faltas morais se introduzem *inevitavelmente* no Mundo, não por alguma deficiência do ato criador, mas por estrutura mesmo do ser participado (quer dizer a título de *subproduto*, *inevitável estatisticamente*, de unificação do Múltiplo), eles não contradizem nem a potência, nem a bondade de Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 228)⁴⁴.

É uma explicação que, parece, respeita ao mesmo tempo a realidade do dogma e os aportes da ciência moderna. Não há conflito com os dados científicos, posto que o dogma assim apresentado faz referência à evolução, o antes insolúvel problema do mal resolve-se no quadro de um mundo evolutivo e por fim, “[...] a teologia da Salvação torna-se verdadeiramente universal, porque o Pecado Original é um *estado* de sofrimento do gênero humano inteiro (soma das culpas cometidas no curso do tempo), não um *ato isolado*” (MANTOVANI, 2006, p. 233)⁴⁵.

A tensão estabelecida entre os dados da ciência e os dados da fé ocupou lugar importante nas reflexões de Teilhard por muitos anos, pode-se dizer, por toda a vida. Sua busca será sempre a harmonia entre os dois mundos que faziam parte da sua existência. Num escrito de 1930, publicado para o público científico na *Revue des Questions Scientifiques*, ele assim o diz:

Se algo nas viões científicas modernas, incomoda ainda (e muito fortemente) o pensamento católico, não é a formação possível do Homem (ser espiritual) a partir dos animais. É a dificuldade de conciliar, sem inverosimilhança, com o Transformismo supostamente verdadeiro, o *Monogenismo estrito*, quer dizer nossa descendência comum a partir de um único casal. De um lado, por razões que não são definitivamente, nem filosóficas, nem exegéticas, mas essencialmente *teológicas* (concepção paulina da Queda e da Redenção), a Igreja se agarra à realidade histórica de Adão e Eva. Por outro lado, por razões de probabilidade, e também de anatomia comparada, a Ciência, entregue a si mesma, não consideraria nunca (é o menos que se pode dizer) atribuir uma base tão estreita como dois indivíduos ao enorme edifício do gênero humano. Eis o ponto fundamental sobre o qual se localiza hoje, em matéria transformista, o desacordo provisório entre Ciência e Fé. E já é, nós estimamos, um passo decisivo para a solução do conflito que o problema seja nitidamente delimitado. (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 219-220)⁴⁶.

Ao discutir o problema do aparecimento do mal no mundo ou do pecado original,

44 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Réflexions sur le péché originel*.

45 MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

46 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **La vision du passé**. Paris: Éditions du Seuil, 1967. Do artigo *Que faut-il penser du transformisme?*.

Teilhard discute, na verdade, uma questão mais ampla, isto é, o problema da representação histórica das origens humanas. Paleontólogo, ele não se sente à vontade para falar de uma pretensa realidade traduzida por ele no conceito de monogenismo, ou seja, a humanidade derivada de um único casal. Diz ele:

[...] o que o monogenismo dos teólogos exige, não é somente a unicidade de um casal original, – mas é o aparecimento brusco de dois indivíduos *completamente acabados no seu desenvolvimento específico* desde o primeiro instante. No mínimo, o Adão dos teólogos deve ter sido, na primeira vez, um *Homo sapiens*. Especificamente falando, ele teve de *nascer adulto*: ora estas duas palavras juntas não tem sentido para a Ciência de hoje. Contra as leis naturais... (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 248-249)⁴⁷.

Em nota Teilhard explica que eles tiveram de “nascer adultos” para que assim pudessem ser capazes de carregar a responsabilidade do pecado original, o que não seria viável para crianças. Nosso pensador faz uma espécie de trabalho exegético e isto não agrada muito à Igreja que acaba se vendo desmentida em suas teses teológicas. O fato é que o padre cientista não consegue se calar frente a doutrinas que contrariam as leis da natureza. E é justamente por ser padre e cientista que ele deseja proteger a instituição à qual pertence do descrédito causado por uma linguagem incapaz de ser sustentada diante das descobertas científicas. Ele chega a afirmar com convicção que o monogenismo, ou seja, a ideia de que a humanidade provém de um único casal (Adão e Eva) e seu contrário, o poligenismo “[...] são na realidade *noções puramente teológicas*, introduzidas por razões dogmáticas, mas extra-científicas por natureza (tanto que experimentalmente inverificáveis)” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 247)⁴⁸. Seu olhar antenado com o tempo não lhe permite aceitar o engessamento do dogma em muralhas que, as verdades cientificamente comprováveis a partir da experiência, podem facilmente derrubar. Seu desejo mais íntimo é preservar o ensinamento da Igreja sem recorrer ao inverificável.

Para Pierre Teilhard de Chardin, as verdades bíblicas devem ser interpretadas respeitando-se os novos dados fornecidos pela tomada de consciência, por parte dos homens de seu tempo, do fenômeno da evolução. Para a Igreja, seu desejo ousado demais e seu profundo conhecimento do processo evolutivo teriam-no levado a uma preocupação excessiva com o natural em detrimento do sobrenatural. Trata-se de um problema maior no seio do qual

47 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Monogénisme et monophyléisme: une distinction essentielle a faire*.

48 Ibid. Do artigo *Monogénisme et monophyléisme: une distinction essentielle a faire*.

se inscreve o pensamento teilhardiano. Por este motivo nos dedicaremos, a partir de agora, ao seu estudo.

3.2 O problema do natural e sobrenatural

O homem quis, antes de deixar este mundo efêmero, instalar a sua tenda na montanha das realidades celestes. Refugiou-se nas cavernas do deserto, no topo das colunas. ...Mas ao fim de algum tempo, teve fome... Esqueceu-se de que precisava ainda de se alimentar do pão da Terra. ...E quando quis, para não cair de inanição, retomar a charrua abandonada, as mãos tinham-se-lhe tornado inábeis, e o coração desapegado. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 90)⁴⁹.

A experiência de fronteira, a inserção em dois ambientes à primeira vista divergentes, farão de Pierre Teilhard de Chardin um personagem singular. Num tempo em que ciência e religião, razão e fé, eram consideradas antagônicas, ele se torna padre e cientista. Influenciado por estes dois mundos ele conciliará seu credo com a visão evolucionista moderna tentando, ao mesmo tempo, proteger os ensinamentos da Igreja sem desconsiderar a historicidade dos fatos. Num tal contexto ele não deixará de enfrentar uma questão difícil para a teologia de seu tempo, a saber, o problema do natural e do sobrenatural, da natureza e da graça.

O tema da graça ou do sobrenatural não era novo na época de Teilhard. Segundo Michelin (1993, p. 20),

[...] a palavra 'sobrenatural' tem por função teológica [...] exprimir a concepção que temos do homem (sua natureza) e do dom gratuito (a graça) que Deus quer lhe fazer dando-se a conhecer, a amar, a atingir. Ela representa um papel de uma importância particular para dar conta das relações de Deus com a humanidade.⁵⁰

As relações do homem com Deus, de que tratam o vocábulo sobrenatural, sempre interessaram à teologia. Muitos teólogos da época de Teilhard e outros bem antes já tinham refletido sobre essas relações. Novidadeiros eram os rumos tomados pela discussão com ênfase nos aspectos históricos. Tornava-se cada vez mais difícil pensar a ação divina de

49 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do artigo *La maîtrise du monde et le règne de Dieu*.

50 MICHELIN, Étienne. **Vatican II et le << surnaturel >>**. Enquête préliminaire 1959-1962. Venasque: Éditions du Carmel, 1993.

salvação como algo exterior ou desligado do mundo onde os homens habitam e vivem suas vidas.

A palavra sobrenatural não é diretamente bíblica, embora a ideia que ela expressa apareça em escritos de Paulo e no evangelho de João. Da mesma forma é uma palavra relativamente tardia na tradição cristã, passando a fazer parte do vocabulário teológico oficial apenas a partir do século XIII, com Tomás de Aquino. Mesmo assim é só mais tarde, nos séculos XVI e XVII, “[...] que o vocabulário do sobrenatural entra nos documentos do Magistério, e sempre para condenar erros” (MICHELIN, 1993, p. 21)⁵¹. A partir daí acirra-se uma discussão que permanece até os dias atuais e cujo conhecimento nos auxilia a melhor compreender a posição tomada pelo místico do Auvergne.

Preocupando-se com a preservação da gratuidade da ordem sobrenatural, Caetano, no início do século XVI, “[...] desenvolve a hipótese da *natureza pura*, ou seja, uma natureza prescindindo da graça” (TEIXEIRA, 1988, p. 66)⁵². Com isto inaugurou-se toda uma especulação em torno deste conceito. Quando se fala em natureza pura, subentende-se que existam duas ordens totalmente acabadas e completas em si mesmas. De um lado a ordem natural, com sua finalidade própria e sua identidade específica, e de outro a ordem sobrenatural, entendida como algo exterior, que se acrescenta ou que se dá à natureza. Esta perspectiva aberta por Caetano permanecerá soberana até a primeira metade do século XX,

[...] quando então, sob o influxo das correntes filosóficas modernas, bem como do estudo mais objetivo da tradição da Igreja – em especial do pensamento de Tomás de Aquino –, a assim denominada *Nouvelle Théologie* (sobretudo De Lubac, Rondet, Buillard) começa a enfatizar, de maneira mais clara, a íntima unidade de natureza e graça no homem concreto. Por um lado, reafirma-se a gratuidade da graça e, por outro, o seu enraizamento profundo na natureza pessoal do homem. (TEIXEIRA, 1988, p. 66-67)⁵³.

Henri de Lubac é o grande expoente desta reflexão. No entanto ele não propôs deixar de lado o conceito de natureza pura, mas o sistema que se desenvolveu em torno desse. Segundo suas próprias palavras:

Em outros termos, não o conceito antigo de *natureza pura*, mas o sistema que se desenvolveu em torno dele na teologia moderna e que mudou profundamente o sentido, nos parece poder ser deixado de lado sem vergonha. Tal como se desenvolveu, com sua negação de toda ligação

51 MICHELIN, Étienne. **Vatican II et le << surnaturel >>**. Enquête préliminaire 1959-1962. Venasque: Éditions du Carmel, 1993.

52 TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base: bases teológicas**. Petrópolis: Vozes, 1988. Em nossa reflexão sobre o desenvolvimento histórico da problemática natural e sobrenatural no âmbito católico (no qual se insere o pensamento de Teilhard de Chardin) seguiremos de perto as reflexões deste autor.

53 Ibid.

orgânica, este sistema, que a grande escolástica ignora, não nos parece ser nem o único meio, nem o melhor de assegurar à natureza humana consistência e dignidade, nem transcendência e gratuidade ao sobrenatural. (DE LUBAC, 1965, p. 56)⁵⁴.

Este conceito teria surgido, no seu entendimento, da necessidade imposta à teologia de preservar a gratuidade do dom de Deus.

Nenhum dom gratuito se este não puder ser rejeitado por seu doador. Quando o antigo clero da França oferecia ao rei seu 'dom gratuito', obrigado por um costume ao qual não podia furtar-se, sabia que o epíteto tinha se tornado enganoso. Quando eu presenteio alguém sem que possa ser dispensado disto, não dou verdadeiramente um presente, e na medida em que sou obrigado a isto pelas conveniências, não é um presente senão em sentido impróprio. Nada prevalecerá contra esta visão de bom senso. E eis porque o recurso a uma hipotética 'natureza pura', tal como compreendido há alguns séculos, será sempre indispensável para justificar o dom sobrenatural. (DE LUBAC, 1965, p. 105)⁵⁵.

A compreensão do dom de Deus como algo que se deve à toda criatura desconfigura o caráter gratuito de sua oferta. Daí a ideia de uma natureza desprovida deste dom divino, ou seja, de uma natureza pura para salvaguardar a gratuidade ou mesmo a liberdade do Criador. Mas, continua De Lubac (1965, p. 105-106):

Visão de bom senso, certamente. Em seu plano, ainda uma vez, nós nem sonhamos contradizê-la, e não acreditamos que alguém, consciente do que impõe a fé católica, ousaria fazê-lo. Nós a fazemos plenamente nossa. Mas enfim, admitimos, é uma analogia bastante superficial para pensar o Objeto único e misterioso que estimula nossa reflexão. O Dom de Deus à sua criatura, este Dom que é Ele mesmo, simplesmente comparado a um presente que faz um homem a outro homem! Não será se lançar em sutilezas temerárias nem numa exegese minimizante submeter por alguns instantes esta analogia à crítica.⁵⁶

Henri de Lubac não tinha, ao submeter o conceito de natureza pura a uma crítica mais cuidadosa, a intenção de refutar toda reflexão teológica que se fez em torno dele. Seu objetivo era demonstrar que a oferta de Deus à criação é seguramente gratuita, o que não significa dizer que é devida. Deus se dá gratuitamente a toda criatura não por uma questão de dever, o que representaria um limite à sua liberdade. Deus se oferece indistintamente a todo ser por amor. As páginas finais de *Le mystère du surnaturel* traduzem a essência do pensamento delubaquiano e, acrescentaríamos, o fundamento sobre o qual se deve pensar a relação estabelecida desde sempre entre o homem e Deus.

54 DE LUBAC, Henri. **Le mystère du surnaturel**. Paris: Aubier, 1965.

55 Ibid.

56 Ibid.

A relação entre homem e Deus não pode nunca ser concebida, em sua base, como regida por alguma lei natural ou por alguma necessidade qualquer que seja ela, interna ou externa. Tudo, no Dom que Deus quer fazer de Si mesmo, se explica – se há uma explicação – pelo Amor. Tudo, e conseqüentemente também o 'desejo' que dele resulta na nossa natureza, da forma que for pela qual se entenda este desejo. É o que faz com que o epíteto do desejo *natural* seja insatisfatório, ainda que não se possa evitá-lo se se quer distinguir um tal desejo de tudo o que é artificial ou superficial, sem arriscar uma confusão com o que já é propriamente e positivamente sobrenatural. (DE LUBAC, 1965, p. 281)⁵⁷.

Deus ama o homem e o atrai para si. Ao criar, ao modelar do barro sua criatura, Deus nela imprime um desejo de vê-lo. Este desejo é, pois, constitutivo do humano, podendo ser chamado de desejo natural para indicar algo que não é superficial mas que, pelo contrário, faz parte da essência humana. Ao imprimir no homem, em todo homem, este desejo, Deus não o fez por um dever. Deus é amor, e nas palavras de De Lubac, “[...] é Amor em pessoa, Amor que livremente, sem lei nem determinismo interno, atrai o ser ao qual Ele quer se doar, e se dá livremente a ele” (DE LUBAC, 1965, p. 288)⁵⁸. O caráter infinito e total de Deus se aplica igualmente à sua liberdade, assim como à sua vontade de se entregar: “Deus poderia ter se recusado à sua criatura, tal como Ele pôde e quis se dar. A gratuidade da ordem sobrenatural é particular e total” (DE LUBAC, 1965, p. 289)⁵⁹.

Para Henri de Lubac, autor contemporâneo, amigo, correspondente e defensor de Teilhard, a realidade deve ser pensada como um todo e não como cindida entre o natural e o sobrenatural. Quando estas duas ordens ou duas faces do real são interpretadas como autônomas e justapostas, o sobrenatural perde sua singularidade, ou sua grandeza única, e se reduz a uma simples alegoria, um adereço do qual se pode prescindir. É possível salvaguardar a gratuidade da graça sem que para isto seja necessário recorrer à ideia de uma natureza pura.

De acordo com De Lubac, o rechaço ao conceito de natureza pura não leva necessariamente à negação da gratuidade da graça. Em termos concisos, sua análise vai na seguinte direção: Deus cria o homem, imprimindo em seu ser uma finalidade sobrenatural. Ele oferece à liberdade do homem a participação em sua vida divina. Embora a graça esteja presente no dinamismo que anima a abertura do homem ao transcendente, ela – conforme lembra De Lubac – não se identifica com o mesmo. O abraço de Deus, que coroa a aventura humana, é inteiramente gratuito. A razão desta gratuidade é um mistério que se refere à absoluta liberdade de Deus na criação, residindo assim na natureza do sobrenatural, que é gratuito por si mesmo. (TEIXEIRA, 1988, p. 68)⁶⁰.

57 DE LUBAC, Henri. **Le mystère du surnaturel**. Paris: Aubier, 1965.

58 Ibid.

59 Ibid.

60 TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

A graça é, como o próprio nome indica, um dom gratuito. Mas é, ao mesmo tempo, um desejo humano. Como bem resumiu Leonardo Boff acerca das reflexões delubacianas, “[...] por um lado a graça é graça e de graça, por outro é objeto de um desejo enraizado profundamente na natureza pessoal do homem” (BOFF, 2003, p. 27)⁶¹, desejo este “[...] inculcado na natureza pelo próprio Deus” (MORALI, 2006, p. 42)⁶². Aqui, diz De Lubac, “[...] como escrevia recentemente o R. P. L. Malevez ao fim de um estudo do qual apreciamos particularmente a penetração e a benevolência, 'a etapa da natureza pura é infalivelmente superada pela plenitude do Amor criador'” (DE LUBAC, 1965, p. 290)⁶³.

Na seara das discussões sobre o conceito de natureza pura, ou sobre as relações entre a face natural e sobrenatural da realidade, outro nome de grande relevância é o do teólogo Karl Rahner que buscou mostrar

[...] ao nível de uma ontologia religiosa fundamental, o fato de que no homem existe um *Existencial sobrenatural*, vale dizer, uma abertura ontológica para o Absoluto pela qual o homem está sempre e em cada ato em contato com Deus e com sua graça. (BOFF, 2003, p. 27)⁶⁴.

O homem, diz Rahner, “[...] é um ser de transcendência” (RAHNER, 1989, p. 46)⁶⁵, um ser existencialmente voltado para o Absoluto, “[...] evento de absoluta, livre, gratuita e indulgente autocomunicação de Deus” (RAHNER, 1989, p. 145)⁶⁶. Mas gratuidade, diz ele, não significa exterioridade. A graça é dada ao homem, mas não se trata de uma oferta que lhe vem de fora como algo acidental e acessório. Rahner compartilha as posições da *Nouvelle Théologie* rejeitando o extrinsecismo da doutrina da graça.

A doutrina da sobrenaturalidade da graça e da realização consumada do homem na visão imediata de Deus não significa que a 'elevação' sobrenatural da criatura dotada de espírito venha a ser acrescentada extrínseca e acidentalmente à natureza e estrutura do sujeito espiritual de ilimitada transcendência. Na ordem concreta em que nos achamos em nossa experiência transcendental – interpretada pela revelação cristã –, a criatura espiritual é estabelecida de antemão como possível destinatária dessa autocomunicação divina. A natureza espiritual do homem é criada de início por Deus porque Deus quer comunicar-se a si mesmo no amor. Na ordem concreta, a transcendência do homem é querida de antemão como o espaço de autocomunicação de Deus, somente na qual esta transcendência encontra

61 BOFF, Leonardo. **Graça e experiência humana**: a graça libertadora no mundo. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

62 MORALI, Ilara. **Henri de Lubac**. São Paulo: Loyola, 2006.

63 DE LUBAC, Henri. **Le mystère du surnaturel**. Paris: Aubier, 1965.

64 BOFF, Leonardo. Opus cit.

65 RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

66 Ibid.

sua realização absoluta e consumada. Na ordem em que vivemos e que é a única real, o vazio da criatura transcendental existe *porque* a plenitude de Deus cria este vazio *com a intenção* de comunicar-se a si mesmo a ela. Mas precisamente por isso esta comunicação não deve ser entendida de maneira panteísta ou gnóstica, como se fosse processo natural de emanação de Deus. Pelo contrário, há de se entender como o mais feliz dos amores, porque ele podia ter deixado de criar e ser feliz por si mesmo. Esse amor libérrimo é de tal sorte que, por pura benevolência, ele cria o vazio que livremente ele quer preencher. Por isso essa autocomunicação de Deus à sua criatura espiritual pode e deve chamar-se sobrenatural, indevida e gratuita, [...], sem com isto introduzir na realidade uma do homem qualquer espécie de dualismo como que dois andares. Na ordem una e unicamente real da existência humana, o que é mais íntimo e intrínseco ao homem é a autocomunicação, e, em consequência, o sobrenatural. (RAHNER, 1989, p. 154)⁶⁷.

Deus se comunica ao homem, a todo e cada homem, e esta autocomunicação divina é absolutamente livre e gratuita, o que não quer dizer que seja extrínseca.

A gratuidade da autocomunicação de Deus não introduz na realidade unitária do homem um dualismo a planos diversos. A experiência da graça não é algo que irrompe a partir de fora como um decreto divino, mas uma 'experiência transcendental que se torna perceptível e se explica na experiência do homem'. A graça, enquanto dom gratuito oferecido a todo homem, significa igualmente a condição de possibilidade da própria atuação do homem em direção ao mistério absoluto. (TEIXEIRA, 1988, p. 69-70)⁶⁸.

O homem é criado para receber a autocomunicação de Deus. Ele é, pois, criado para um fim sobrenatural. Uma vez gestado para receber a autocomunicação divina o homem é igualmente capacitado para o encontro com Deus. A graça pressupõe a natureza porque se Deus se comunica é porque é este o seu desejo, tendo criado o homem justamente para esta comunicação. Da mesma forma a natureza pressupõe a graça, uma vez que sem ela, não estaria capacitada para o encontro com Deus. Ademais, diria Rahner (1989, p. 180), “[...] o homem jamais pode sequer começar a se haver com Deus de qualquer forma ou a se aproximar de Deus sem ser já portado pela graça”⁶⁹. A graça é sobrenatural e indevida à natureza, mas isto não quer dizer que ela não se dá, ou se dá limitadamente. Pelo contrário, ela se dá em toda parte e se faz presente no mais íntimo do homem. O dom que Deus quer fazer

67 RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

68 TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

69 RAHNER, Karl. Opus cit.

de si mesmo, em outras palavras, a autocomunicação divina, pode ocorrer onde quer que o homem exerça sua existência⁷⁰.

O fato do homem já ter sido criado intrinsecamente voltado para o dinamismo da oferta salvífica de Deus faz com que sua realidade seja diversa do que seria sem esta mesma finalidade. A autocomunicação gratuita de Deus produz *efeitos divinizantes* no homem, potenciando-o, efetivamente, para o encontro com o Deus da graça. Se, por um lado, a graça pressupõe a natureza, por outro, a natureza pressupõe igualmente a graça. É a graça uma realidade que, sem deixar de ser sobrenatural e indevida à natureza, é dada sempre e em toda parte no modo da oferta, fazendo-se presente no centro mais íntimo da existência humana. (TEIXEIRA, 1988, p. 70)⁷¹.

Se motivado pelas reflexões da *Nouvelle Teologie*, Rahner delas se afasta ao negar “[...] a possibilidade de uma disposição puramente natural da natureza à graça. Um desejo que seja constitutivo da natureza e que simultaneamente atraia para si a graça significa um desejo que exige a graça, o que não se pode conciliar com a gratuidade da mesma” (TEIXEIRA, 1988, p. 71)⁷². O chamado a receber Deus como dom é uma característica do ser do homem, ou seja, é uma determinação existencial de sua realidade concreta, o que não implica dizer que é um elemento constitutivo de sua natureza.

Ponto comum entre Henri de Lubac, Karl Rahner e tantos outros teólogos que discutiram esta temática é a rejeição ao extrinsecismo da graça ou ao dualismo gerado a partir da consideração do sobrenatural como realidade totalmente extrínseca e desligada do natural. Uma tal concepção acabava produzindo na vida do cristão concreto uma dualidade incômoda entre sua atividade temporal e sua atividade religiosa. É contra esta ruptura que Teilhard de Chardin vai lutar. Tanto que em *Le Milieu Divin*, seu tratado de espiritualidade, ele observa:

[...] que ninguém se perturbe, caso não sejam feitos explicitamente apelos mais frequentes à ação da graça. O sujeito estudado aqui é o homem atual, concreto, 'sobrenaturalizado', focado unicamente no âmbito de sua psicologia *consciente*. Natureza e sobrenatureza, influência divina e operação humana, portanto, não deviam ser explicitamente distintas. Mas, se faltam as palavras, a coisa mesma é subentendida por toda a parte. Não somente a modo de uma entidade teoricamente admitida, mas a título de realidade viva, a noção de

70 Assim diz Rahner: “Se a autocomunicação de Deus é modificação última e radicalização de nossa transcendentalidade como tal, pela qual somos sujeitos, e se nós, como sujeitos de infinitude transcendental, nos apresentamos como tais nas mais ordinárias ocupações de nossa existência do dia-a-dia, no trato secular com quaisquer realidades de caráter individual, então isso implica que a experiência original de Deus até em sua autocomunicação pode ser tão universal, tão atemática e tão 'arreligiosa', que ocorra, sem nome, mas realmente, onde quer que venhamos a exercer nossa existência”. RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 164.

71 TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

72 Ibid.

graça impregna toda a atmosfera da narração. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 11)⁷³.

Também Teilhard não admitia a separação entre natural e sobrenatural. Ele sabe e quer fazer ver que o ser espiritual se alimenta das energias do mundo, que se não se pode viver só de pão, tampouco se pode viver sem ele. Mas ele tinha consciência de que chega um momento em que é preciso escolher, estabelecer a unidade no fundo mais profundo de si, momento onde todos somos convidados a “[...] experimentar, selecionar, hierarquizar os nossos amores e os nossos cultos –, quebrar os nossos ídolos e não deixar mais que um altar no santuário” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 90)⁷⁴. Para o cristão esta escolha é ainda mais difícil, quando se pensa que para ser verdadeiramente cristão é necessário renunciar a ser humano. Para seguir Jesus é preciso abandonar tudo? Para viver em Cristo é necessário renunciar ao Mundo, separar-se do Mundo? Estas questões estiveram sempre presentes nas reflexões de nosso místico e, antes mesmo, na sua vida. O senso sobrenatural do divino se incendiara nele ao lado do senso natural da plenitude. Se Deus, com toda sua majestade criadora, se revelara grandioso, também o mundo com todas as suas cores, sua música, seu cheiros e seus sabores, eram-lhe preciosos.

Teilhard amava o mundo, criação divina, e igualmente amava Deus, o Criador. Por isto ele buscou conciliar em si estes dois amores, sem nada sacrificar de um ou de outro. Uma vez alcançada a harmonia interior ele quer compartilhar com tantos outros que, como ele, vivem o mesmo dilema.

E eis a palavra que, acima de tudo, desejo fazer ouvir: a da reconciliação de Deus e do Mundo [pois é ela que reconcilia Deus e o Mundo]. Estas páginas a que quis transmitir, com o melhor da minha observação das coisas, a solução leal pela qual se equilibrou e unificou a minha vida interior, estendendo-as àqueles que duvidam de Jesus pela suspeita de este desejar desflorar, a seus olhos, o rosto irrevogavelmente amado da terra, àqueles também que, para amarem Jesus, se constrangerem a ignorar aquilo de que a própria alma transborda, finalmente àqueles que, não conseguindo fazer coincidir o Deus da sua fé com o Deus dos seus trabalhos mais nobilitantes, se fatigam e se impacientam com a sua vida dividida em esforços oblíquos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 8)⁷⁵.

Importante sublinhar que este ensaio, escrito em 1916, foi dedicado por Teilhard à *Terra Mater* e por ela à Jesus Cristo. Para ele não há dualismos quando se pensa que a

73 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

74 Id. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La vie cosmique*.

75 Ibid. Do ensaio *La vie cosmique*.

Criação revela o Criador, assim como a música revela o compositor ou a escultura revela o escultor. Dedicando-se à Terra, o homem se dedica a Deus que a criou e nela se mostra.

É possível dizer “[...] que a experiência religiosa do jovem Teilhard retoma, sob certos aspectos, as grandes intuições das religiões da Natureza, em cujo ponto a Natureza é considerada uma mediadora do divino, antes uma sua manifestação” (BAUDRY, 2010, p. 21)⁷⁶. No entanto, não se pode deduzir disto um Teilhard naturalista ou panteísta. Em sua vida, de cuja obra resulta, o amor a Deus e ao mundo não estão separados, descolados um do outro. Natureza e graça não são realidades divergentes e contraditórias. A graça enquanto dom de Deus que se oferece ao homem não é algo exterior. Ao mesmo tempo em que é presente e oferta, ela não chega ao homem de fora; é, acima de tudo, “[...] engrandecimento inesperado e prolongamento 'obediencial' das nossas capacidades naturais” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 40)⁷⁷. Mediante a Encarnação o Divino penetra a natureza humana e faz nascer a graça que, segundo Teilhard,

[...] não é apenas a forma semelhante de diversas imanências, a vida uniforme mas múltipla que se divide entre os vivos. É a seiva única que sobe até os ramos a partir do mesmo tronco, o Sangue que corre nas veias pelo impulso de um mesmo Coração, o influxo nervoso que atravessa os membros, ditado por uma mesma cabeça. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 40)⁷⁸.

Em *La maîtrise du monde et le règne de Dieu*⁷⁹, ensaio também de 1916, o jesuíta do Auvergne retoma este tema ainda com mais vigor. Neste artigo ele aborda sobretudo o problema da imanência e transcendência de Deus e com a energia que lhe é peculiar

[...] desenvolve 'a ideia de uma legítima e necessária harmonização das evoluções natural e sobrenatural da Humanidade'. É uma espécie de manifesto contra o dualismo do pensamento ocidental, que se verificou, especialmente depois do Renascimento, no divórcio entre uma religião desencarnada e um humanismo muito exclusivamente preocupado com o progresso material. (BAUDRY, 2010, p. 58)⁸⁰.

Sacerdote, Teilhard lutou contra a tentação de uma religião desencarnada do mundo; cientista, lutou contra um tipo de humanismo em que o interesse pelo progresso material

76 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

77 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La vie cosmique*.

78 Ibid. Do ensaio *La vie cosmique*.

79 “Sob o plano filosófico, deduz-se deste ensaio o esforço de dar fundamento, partindo da ação humana, a uma visão unificada do mundo, na qual a transcendência se harmoniza com a imanência, digamos antes que se imanentiza, enquanto a imanência faz apelo a uma transcendência”. BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit., p. 59.

80 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

impede a percepção do humano em seus vários aspectos. O místico do Auvergne caminha pelas duas vias, conhece as duas faces da verdade, sabe porque viveu a experiência, que o sobrenatural não suprime o natural, mas pelo contrário o pressupõe. A Igreja nos dias atuais, sobretudo a partir dos influxos emanados do Concílio Vaticano II, adentrou o mundo. Mas ao partir para a Guerra, Teilhard estava inserido no contexto de uma teologia na qual o mundo era considerado o sujeito do mal, oposto de Deus. É então que, em meio às batalhas, ao meditar sobre as relações entre a terra e o céu, o reinado do humano e o reino de Deus, ele encontra a ocasião esperada

[...] para afirmar com força que o Divino está no coração do Mundo, que a revelação histórica de Deus vem consagrar a longa marcha da 'Santa Evolução' para guiá-la sobre a estrada da Vida. Por isto o progresso humano deve ser considerado 'o humilde irmão da Evolução'. (BAUDRY, 2010, p. 59)⁸¹.

Para o jesuíta francês a vida no espírito não implica abandono ou rechaço da matéria. O próprio Cristo, em quem Teilhard fundamenta sua argumentação, não disse que o homem deveria viver apenas da palavra mas, bem diferente, que ele não vive só de pão. Para o místico cientista as leis naturais não podem ser contrariadas. O corpo necessita do alimento para viver. Por isso ele afirmará, ao mesmo tempo provocante e fiel aos ensinamentos da Igreja: “O homem vive tanto de pão como da palavra de Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 68)⁸². O sobrenatural supõe a existência de um natural que possa ser transformado, sobrenaturalizado. Ele “[...] espera e sustenta o progresso de nossa natureza” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 104)⁸³, para então sublimá-lo e acabá-lo numa aparente aniquilação. A graça não se opõe à natureza, mas a transforma sem, contudo, alterar-lhe a essência, “[...] ela não nos faz deixar de sermos nós mesmos” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 62)⁸⁴. Diz-nos o místico francês:

Quando a Escolástica tenta precisar a natureza da graça, compara-a a um Acidente. Mas, evidentemente, é por analogia e à falta de um melhor termo. Empregue para qualificar o estado de graça, a palavra 'Acidente' significa simplesmente 'que não altera a essência humana da alma'. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 340)⁸⁵.

81 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

82 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La maîtrise du monde et le règne de Dieu*.

83 Id. **Le Milieu Divin: essai de vie intérieure**. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

84 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do ensaio *Meu Universo*.

85 Id. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *Forma Christi*.

A graça que opera no mundo não altera sua essência. Ela o transubstancia, isto é, ultrapassa sua substância enriquecendo-a e fazendo-a nova, sem fundi-la ou esmagá-la. O homem novo não é um ser-em-si que aparece do nada. Pelo contrário ele nasce do homem velho, como um aperfeiçoamento deste.

Muito importante para uma melhor compreensão das reflexões teilhardianas acerca da relação entre natural e sobrenatural, é justamente a ideia de transformação. Nas discussões com Blondel⁸⁶, intermediadas pelo amigo comum Auguste Valensin, assim diz Teilhard:

[...] eu creio que poderia retornar a M. Blondel [...] e lhe dizer que acredito ter passado pela fase onde ele parece estar agora. Como eu lhe dizia na epígrafe de meu primeiro 'papier' [trata-se de *La Vie Cosmique*] : há uma comunhão com a Terra (primeira fase), e uma comunhão com Deus (segunda fase), e uma comunhão com Deus pela Terra (terceira fase), que não exclui, mas ao contrário introduz e legitima, a passagem pela 'noite'. – É ainda a misteriosa noção de 'transformação' que deve intervir aqui, – aquela que não suprime os 'pontos críticos' mas permite ajuntá-los, – aquela que religa o sobrenatural ao natural, como o espírito à matéria, – aquela que permite perseguir as realidades superiores *através* da superfície desprezível de toda figura e de toda possessão física... (DE LUBAC, 1965, p. 27)⁸⁷.

Enfim, a existência do sobrenatural não implica negação e desprezo do natural. Na sua concepção as duas realidades são duas fases de uma mesma realidade. Para Blondel, Teilhard estaria acentuando demais o caráter imanente e fisicista. Há de se pensar, no entanto, que ele não chegou a conhecer o pensamento teilhardiano na sua integralidade. O que ele teve em mãos, para análise, foram apenas algumas páginas escritas pelo místico do Auvergne. O pensamento de Teilhard é mais dialético. Seu acento sobre a imanência não significa negação da transcendência. Continuando suas discussões com Blondel, diz ele:

M. Bl. insiste em duas imagens, aquela do *fogo que devora* e aquela do *fogo que transfigura*. Ele se serve delas para caracterizar e opor nossos dois modos de conceber a operação divinizante. – Eu me pergunto se as duas expressões não são equivalentes uma a outra, na realidade das coisas. (DE LUBAC, 1965, p. 43)⁸⁸.

86 “Filósofo francês (1861-1949). Feito célebre com sua tese sobre *A Ação* (1893), contribuiu para renovar a apologética cristã e a filosofia religiosa. Com Bergson, Le Roy, Blondel é um dos filósofos franceses que muito influenciaram a evolução intelectual de Teilhard. Este tomou contato com o pensamento de Blondel pela mediação de seu confrade Auguste Valensin, ex aluno e amigo do filósofo do Aix. Depois da guerra 14-18, Valensin apresentou a seu mestre alguns ensaios de Padre Teilhard. Daí seguiu uma troca de memórias, publicadas pelo Padre de Lubac em 1965 (Blondel e Teilhard de Chardin). Em 1920, Teilhard teve um longo colóquio com Blondel. Este seguia os escritos de Teilhard com simpatia crítica”. BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 140.

87 DE LUBAC, Henri. **Blondel et Teilhard de Chardin**. Correspondance commentée. Paris: Beauchesne, 1965. Carta de Pierre Teilhard de Chardin a Auguste Valensin respondendo carinhosamente às notas feitas por Maurice Blondel a pontos de sua obra.

88 Ibid. Segunda memória do Padre Teilhard de Chardin ao Padre Auguste Valensin.

A passagem do natural ao sobrenatural é entendida por Teilhard enquanto transformação. Segundo ele o natural transforma-se em sobrenatural pela ação deste. Não há ruptura entre um estado e outro, mas mudança. Ao falar das imagens do fogo que devora e que transfigura, o místico chama atenção para o fato de serem também a mesma coisa. O fogo, ao mesmo tempo que devora, transfigura a realidade. Aliás, a dinâmica do fogo é bem rica para descrever a relação natural e sobrenatural tal como percebida por Teilhard⁸⁹. O fogo, ao devorar um objeto, transfigura e ao mesmo tempo se transfigura unindo-se ao objeto. O objeto parece acabado, destruído pela ação das chamas. Mas ele se encontra agora no fogo que já não é apenas fogo, mas fogo novo.

Teilhard não quer dizer, com isto, que não há distinção entre as duas faces da realidade. Sua insistência sempre foi demonstrar que o sobrenatural não é estranho ao mundo, mas que nele se insere como o ar adentra o organismo para vivificá-lo. Boudignon, na tentativa de sistematizar a dinâmica relação entre o natural e o sobrenatural, tal como vista pelo místico do Auvergne, explica:

Ele se debruça sobre o sentido e o papel do sobrenatural na orientação, na animação, do meio divino. 'Nós o esquecemos sem cessar. O sobrenatural é um fermento, uma alma, não um organismo completo. Ele vem transformar 'a natureza', mas ele não poderia deixar para trás a matéria que aquela lhe apresenta'. O sobrenatural não é um fermento maravilhoso agindo sobre nada. O sobrenatural é o que nos faz agir para a construção e lutar contra a diminuição. O sobrenatural é uma essência, um princípio ao qual o mundo adere por uma razão, um instinto. O sobrenatural é um melhor natural, como o super-humano é um melhor humano. O sobrenatural se insere, ou antes está inserido no mundo. (BOUDIGNON, 2008, p. 95)⁹⁰.

Sem negar a existência ou mesmo a diferença entre o natural e o sobrenatural, o jesuíta francês vai se opor às hipóteses teológicas que consideravam o sobrenatural como sendo totalmente estranho ao mundo. Sua batalha foi, pois, contra uma espécie de dualismo ontológico que defendia a existibilidade de dois universos totalmente distintos, quando na verdade o que há, seguindo a trilha teilhardiana, são duas faces de um mesmo mundo que se dá e se constrói.

89 Importante reforçar, a linguagem do fogo é uma metáfora bem recorrente em Teilhard. Num trecho de *Le Milieu Mystique*, ele dá uma ideia dos motivos que o levam a usá-la: o fogo não destrói, mas transforma o ser. "... Já está. O Fogo desceu, como sobre um holocausto. – Agora o místico deixou de ser *unicamente ele próprio*. De corpo e alma, tornou-se uma parcela divina. E por ele, doravante, como num dia sagrado aberto sobre o Universo, Deus passa e resplandece". TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 162. Do ensaio *Le Milieu Mystique*.

90 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son oeuvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

O caráter extrínseco da graça foi o que sempre perturbou este místico, que sublinhou continuamente em seus escritos o caráter unitário da vida. Mas este pensamento dualista ou extrínsecista, que pensa o sobrenatural como algo que se dá fora da história, como alguma coisa que se acrescenta à natureza por um decreto divino, é ainda um pensamento capaz de atrair alguns adeptos, sobretudo nas fileiras institucionais. Nesta visão o cristão se relaciona com o mundo sobrenatural “[...] através das instituições do sagrado (sacramentos, celebrações, orações, assimilação da verdade da fé transmitida pela tradição e pelo magistério da Igreja etc), que constituem o seu canal de comunicação com o mundo natural” (TEIXEIRA, 1988, p. 86)⁹¹. Ou seja, as instituições são compreendidas como pontes de ligação entre dois universos paralelos, lugares por excelência do contato entre o homem e Deus, imanência e transcendência. Fora delas este contato é impensável.

É preciso falar, nos moldes teilhardianos, de uma lei de integração do natural no sobrenatural (DE LUBAC, 1977)⁹². Homem da conciliação, Teilhard se coloca contra as hipóteses dualistas, apontando um novo caminho que não é demais repetir: “Há uma comunhão com Deus, e uma comunhão com a Terra, e uma comunhão com Deus pela terra” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 6)⁹³.

Mesmo em suas obras de caráter mais científico, ele vai sublinhar a unidade, ou mais precisamente, a necessidade de uma compreensão unitária da vida e do mundo. É preciso superar as dualidades para se chegar a uma explicação capaz de dar conta da totalidade do fenômeno. Por isto, diria ele,

[...] uma interpretação, mesmo positivista, do Universo, deve, para ser satisfatória, abranger tanto o 'dentro' como o 'fora' das Coisas – tanto o Espírito como a Matéria. A verdadeira Física é aquela que conseguir um dia integrar o Homem total numa representação coerente do Mundo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 10-11)⁹⁴.

E mais ainda:

A grandeza do rio se compreende por sua foz, não por sua nascente. O segredo do homem, paralelamente, não está nos estados ultrapassados de sua vida embrionária (ontogênica ou filogênica), está na natureza espiritual da alma. Ora, esta alma, toda de síntese em sua atividade, escapa à Ciência, cuja essência é analisar as coisas em seus elementos e seus antecedentes materiais. Somente o sentido íntimo e a reflexão filosófica podem descobri-la. Aqueles lá se enganam então absolutamente, imaginando materializar o

91 TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

92 DE LUBAC, Henri. **Teilhard posthume**: réflexions et souvenirs. Paris: Arthème Fayard, 1977.

93 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La vie cosmique*.

94 Id. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

Homem nele encontrando sempre mais numerosas e profundas, raízes na Terra. Longe de suprimir o espírito, eles se misturam ao mundo como um fermento. Não fazemos o jogo deles acreditando como eles, que, para que um ser venha dos céus, seja necessário que nós ignoremos as condições temporais de sua origem. (TEILHARD DE CHARDIN, 1956, p. 81)⁹⁵.

O acento dado pelo místico do Auvergne à natureza pode levar à falsa ideia de uma negação do sobrenatural em seu pensamento, como se ele desconsiderasse a influência da graça. Muito pelo contrário, ainda que ressaltando muitas vezes o papel da ação humana na construção do mundo, Teilhard sempre se reconheceu dependente da ação divina. À prima Marguerite, ele falara:

[...] tens razão: para a paz, como para o gosto de Deus, etc. estamos à mercê da graça. Comparo isso ao estado de um objeto iluminado pelo raio de um projetor: não se pode forçar o raio a vir ou ficar. – Mas nós podemos chamar e, como dizes, estar certos de que a luz não nos deixará... (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 226)⁹⁶.

A ação de Deus na vida e na história, isto é, a graça, é dom que não se pode forçar, porque nada nem ninguém pode limitar a soberania do Criador (DE LUBAC, 1965)⁹⁷. Mas é, ao mesmo tempo, dom que sempre se oferece e do qual o homem necessita, uma vez que “[...] nenhuma atividade humana é por ela mesma santa: ela é simplesmente 'santificável’” (DE LUBAC, 1977, 73)⁹⁸. Teilhard acentuou o caráter imanente da realidade, mas não o fez para rechaçar seu caráter transcendente. Sua intenção foi demonstrar que o imanente não se fecha em si mesmo, mas ao contrário, aponta para um transcendente. Natural e sobrenatural não são realidades distintas e opostas, mas faces de uma mesma realidade, una e absoluta.

O olhar novidadeiro de Teilhard lhe rendeu muitos infortúnios. Seu pensamento não foi compreendido pela Igreja que praticamente o condenou ao silêncio. Ele foi afastado de Paris e impedido de publicar. Suas ideias, tradução de uma experiência que ele desejou apaixonadamente compartilhar, foram rechaçadas pela hierarquia institucional. Mas seu temperamento obediente o impediu de desertar. Experimentando na alma a dor da incompreensão e da solidão provocada pelo afastamento daqueles que mais amava, ele não sucumbiu. O sofrimento não foi maior que a fidelidade.

95 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'apparition de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1956. Do artigo *La paléontologie et l'apparition de l'homme*.

96 Id. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 17 de junho de 1917.

97 DE LUBAC, Henri. **Le mystère du surnaturel**. Paris: Aubier, 1965.

98 Id. **Teilhard posthume**: réflexions et souvenirs. Paris: Arthème Fayard, 1977.

3.3 Sofrimento e fidelidade

Interiormente, não estou bem seguro de onde me encontro, nem para onde vou. Eu te disse, não é, que minha Ordem me pediu em maio para refutar toda oferta que me seria feita de uma situação qualquer em Paris, porque minhas ideias não são muito seguras. [...]. Só resta uma coisa a fazer: desenvolver mais intensamente que nunca o que eu acredito, e me misturar mais intimamente que nunca ao sangue que eu sonho corrigir. Questão de amor maior, – não de revolta. Eu não sei se é possível. Mas eu quero tentar.
(TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 99)⁹⁹.

Frente ao sofrimento, Teilhard não se deixou dominar pela revolta, mas antes desejou e se permitiu ser guiado pelo amor. Amor maior, diz ele, em nome do qual permaneceu fiel até o fim. Sua fidelidade não é, no entanto, a fidelidade simplesmente servil e obediente daqueles que se recusam a lutar para evitar o debate ou quem sabe o desentendimento. Ela é fruto de uma certeza que brotara no mais íntimo de seu coração: a certeza de estar falando de algo que antes lhe fora revelado.

Tudo o que Teilhard dizia tinha sido antes experimentado na sua própria existência. A mensagem que desejava anunciar, o Evangelho do qual queria ser profeta, aquilo que ele desejava intensa e apaixonadamente fazer ver era produto de sua própria e singular experiência de vida. A esta verdade, primeiramente vivida e sentida, ele foi fiel, porque recusá-la seria trair a si mesmo. Ao mesmo tempo, e talvez por esse motivo, ele permaneceu também fiel à sua Igreja e à Companhia de Jesus. Não se pode curar o sangue sem nele se misturar.

Desenvolver com profundidade e rigor a verdade sentida para fazê-la ouvida no seio mesmo da instituição que ele deseja fazer renascer, eis a meta de sua vida. A tarefa não foi fácil e o preço muitas vezes foi bastante alto. Retornando da 1ª Guerra ele descobre que suas ideias são conhecidas e, principalmente, que seu evolucionismo e suas posições teológicas não agradam a alta hierarquia que permanece fechada em suas posições tradicionalistas. O

99 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 07 de julho de 1933 escrita a Ida Treat.

clima é tenso e alguns amigos são condenados¹⁰⁰. Nesta época ele aceita o convite de Émile Licent, confrade jesuíta que conhecera através do seu trabalho no *Muséum d'Histoire Naturelle*, para ir à China. Esta primeira viagem, não parecia nem de longe uma medida de afastamento de Teilhard por parte da Companhia de Jesus. Mas o fato é que a esta seguiram-se muitas outras, num total de mais de dezessete anos passados naquele país (BOUDIGNON, 2008)¹⁰¹.

Retornando da China, certo de que sua visão é verdadeira, ele reestabelece os contatos parisienses com alegria e ao mesmo tempo apreensão porque não retoma a sua cátedra no Instituto Católico de Paris. Volta aos trabalhos científicos, mas de modo independente. Roma considera suas ideias avançadas e designa censores para estudar seu caso (BAUDRY, 2010)¹⁰².

Se no ano de 1923 ele participou de uma missão paleontológica em Tientsin, na China, a partir do ano de 1925 ele regressa ao país como exilado¹⁰³, de lá não saindo definitivamente senão no ano de 1946. Neste período ele regressará à França por algumas vezes, mas sempre brevemente; fará longas excursões pelo Oriente e algumas viagens aos Estados Unidos. Paris será apenas sua pátria espiritual.

Cientista respeitado e famoso, mas padre de ideias novas e 'suspeitas', é mais cômodo ou prudente para seus superiores eclesiásticos mantê-lo em silêncio, afastado do efervescente clima intelectual parisiense e europeu. Ele obedece, procurando tirar das circunstâncias o melhor possível, seguro da ortodoxia de suas ideias e entusiasmado pelas perspectivas existenciais que possam oferecer. E, enquanto assim procede, vai estruturando sua *cosmovisão*, um novo saber que religa continuamente os resultados de suas investigações

100 “[...] em 1920, a doutrina do amigo padre Rousselot foi condenada pelo geral dos jesuítas. O confrade e amigo padre Huby, próximo das ideias de Rousselot, foi destituído do ensinamento e mandado à Jerusalém. Todo o círculo dos amigos de Rousselot, entre os quais Valensin e Teilhard, passam a ser suspeitos”. In: BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 123. Em 1930, Édouard Le Roy publicou *O problema de Deus*, livro que foi incluído na lista de livros proibidos pela Igreja. Esta “condenação” afetou bastante Teilhard. Roma se indis pôs com a radicalidade de Le Roy que não definiu o dogma como expressão da verdade, mas como orientação para a conduta. Suas dúvidas em relação às provas clássicas da existência de Deus também não agradaram as instâncias romanas, mas assim como Teilhard, Le Roy foi fiel à Igreja, aceitando se retratar. Esta submissão, no entanto, não implicou renúncia à liberdade de pensar, o mesmo tendo acontecido a Pierre. Édouard quis permanecer na Igreja, assim como o amigo, e os dois se apoiaram mutuamente. Teilhard temeu pela condenação de Le Roy porque percebeu que uma porta se fechava para o movimento de renovação do cristianismo. EUVÉ, François. Introdução. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946): la maduración de un pensamiento**. Madrid: Trotta, 2011.

101 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin: sa vie, son oeuvre, sa réflexion**. Paris: Cerf, 2008.

102 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

103 Oficialmente, repetimos, não se pode falar em exílio. Até onde chegamos em nossa pesquisa, não encontramos nenhum documento que ateste uma medida deste porte no caso de Teilhard. O fato é que ele foi “motivado” a partir para a China e lá se debruçar sobre trabalhos científicos. A intenção parece-nos clara: afastá-lo de Paris.

científicas aos progressos de seu amadurecimento espiritual. (ARCHANJO, 1978, p. 15)¹⁰⁴.

Nesta espécie de exílio, ele experimentou, como outrora nos anos de formação, “[...] a nostalgia do afastamento. O sentimento de viver longe o magoa” (BOUDIGNON, 2008, p. 26)¹⁰⁵. A paisagem do deserto e os terrenos fósseis o encantam, mas seu entusiasmo não é o mesmo dos tempos da juventude. Além disso ele será, em muitas e repetidas ocasiões, impedido de publicar seus escritos, proibição que permanecerá até o fim de sua vida. Tudo isso o entristece, sobretudo porque ele deseja partilhar sua experiência. Diz ele: “Não pretendo dedicar-me diretamente nem à ciência, nem à filosofia, menos ainda à apologética. Exponho, antes de tudo, as minhas visões ardentes” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 9)¹⁰⁶. Tamanho sofrimento deve ter sido experimentar este fogo sem poder espalhar a brasa que o queimava.

Incompreendido pela Igreja que tanto amava, seu sofrimento cresce pela difusão de uma mentalidade integrista, quando seu ideal é o integralismo, ou seja, “[...] a extensão das diretrizes cristãs à totalidade dos recursos contidos no mundo” (DE LUBAC, 1967, p. 46)¹⁰⁷. Para refrear todo o seu entusiasmo é constantemente lembrado por alguns de seus superiores que ele pertencia a uma Ordem, não de pioneiros, mas de conservadores. Além disso, numa carta, escreveram-lhe que a regra infalível para o sábio católico era colocar de lado, a priori, tudo o que fosse contrário ao dogma. Uma intensa e profunda falta de compreensão parece cercá-lo por todos os lados. Nas entrelinhas, ele bem o presentiu, “[...] a desastrosa proibição lançada sobre toda a ideia de evolução, em nome do dogma” (DE LUBAC, 1967, p. 47)¹⁰⁸. Frente a tudo isso nada de revolta; pelo contrário, a certeza, diz ele, de que “[...] romper prematuramente, por minha culpa, seria um desastre para o que eu quero valorizar e propagar” (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 209)¹⁰⁹.

104 ARCHANJO, José Luiz. Introdução: ver para agir. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 13-32.

105 BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008. Numa carta de 24 de setembro de 1939, dirigida à sua prima Marguerite Teilhard-Chambon, ele diz: “Desde o 4 de setembro estou sem notícia nenhuma da França, o que é normal, mas pouco agradável. Onde estás? O que fazes? Ajuda-me a sentir e a viver o que está passando”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964.

106 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La vie cosmique*.

107 DE LUBAC, Henri. A prova da fé. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967, p. 39-60.

108 Ibid.

109 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta do Natal de 1938.

A verdade, diz Teilhard, necessita de um espírito maduro e disposto a recebê-la. É perda de tempo e desperdício de esforço apressar o plantio sem preparar bem o terreno. A semente jogada em terra imprópria não cresce. É preciso ter paciência e sabedoria, é preciso remexer na terra aos pouquinhos e sem pressa, é preciso às vezes proteger a velha casca para salvar a seiva escondida.

[A]s transformações religiosas das quais eu falo estão apenas no início. Elas já operam, mas minoritariamente. Aqueles que são conscientes se encontram conseqüentemente na situação de ter de viver o que eu chamo por convenção seu 'hipercristianismo' sob as formas sociais (ainda dominantes) do 'antigo cristianismo', e sem ter o direito nem a capacidade de romper com elas, suas raízes estando ainda profundamente imersas nelas. Nesta dualidade residem precisamente as razões que podem te dar a impressão de uma atitude equívoca em mim. Mas eu creio que esta dualidade não tem nada de uma 'duplicidade'. Se continuo a sacrificar muitos gestos e fórmulas que são vazios para mim, não é por simples formalidade, beirando a hipocrisia, mas porque eu creio apaixonadamente pressentir, sob a velha casca morta, a circulação de uma seiva da qual eu tenho uma necessidade especial e à qual eu não posso aceder sem permanecer ligado à árvore inteira. Afinal, minha situação não difere em nada daquela de todos os homens que têm novas ideias sobre o valor e o futuro do corpo social ao qual pertencem. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 119)¹¹⁰.

As transformações religiosas que o jesuíta do Auvergne pressentia e pelas quais ansiava não poderiam ser antecipadas, sob o risco de serem atropeladas. O fruto desejado só pode ser saboreado por aqueles que sabem respeitar o tempo certo da colheita. Ele reconhece este fato e permanece fiel, mas a fidelidade fere sua alma.

O rompimento com a Igreja e a Companhia de Jesus nunca pareceu, ao místico do Auvergne, alternativa sensata, o que fez com que atraísse para si a incompreensão e crítica de amigos, como a do ex-dominicano Maxime Gorce, que lhe convidara a seguir seu exemplo abandonando a Companhia de Jesus e o sacerdócio, para associar-se “[...] à pequena sociedade dissidente dos 'Velhos Católicos', em função de uma total liberdade de expressão” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 246)¹¹¹. A este, Pierre dedicou um escrito, onde

110 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 25 de janeiro de 1937.

111 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

tentava explicar os motivos que o levaram a permanecer na Igreja¹¹². Antes de tudo, reconhece que há nela inaptações e caducidades. Entretanto, humilde como sempre foi, afirma não se sentir em condição de “[...] julgá-la definitivamente no que ela tem de geral, ou se preferir, de axial” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 243)¹¹³. E completa:

Nem tudo nela me agrada da mesma maneira, mas também nem tudo nela é definitivo, e fora dela eu não vejo nada que seja conforme às tendências e esperanças que sinto. Mesmo admitindo que esta forma religiosa esteja mais longe da Verdade do que supomos, restaria ainda o fato de ser ela a aproximação mais perfeita possível desta Verdade e, para subir mais alto, é preciso ultrapassá-la, crescendo com ela e não abandoná-la para procurar sozinho o seu próprio caminho. (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 244)¹¹⁴.

Ultrapassá-la, crescendo com ela e nunca abandoná-la, eis a decisão de Teilhard de Chardin que reflete a coerência e sinceridade de seu pensamento. Em carta ao amigo Édouard Le Roy, ele afirma sem titubear: “Sem que minhas orientações tenham variado uma só linha, vi de novo mais clara e concretamente que nada de espiritual ou divino pode suceder a um cristão, senão por intermédio da Igreja ou de sua Ordem” (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 52)¹¹⁵. Semelhante afirmação ele dirige à Ida Treat:

Eu recebi sua longa e boa carta na qual você me encoraja a trilhar um caminho com mais vigor para uma expressão mais livre de minha *Weltanschauung*. Esteja certa de que eu compreendo perfeitamente seu ponto de vista. A única, a grande dificuldade, como te disse repetidas vezes, é que estou convencido de que meus melhores esforços seriam inúteis se eu rompesse com a corrente religiosa, que o problema não é combater mas transformar. Num tal campo de batalha, eu só posso agir *do interior*, e isto não por política, mas por pura convicção. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 191)¹¹⁶.

112 Trata-se do texto “*Sobre a minha atitude para com a Igreja oficial: a um amigo sem fé*”, que é na verdade um extrato da carta que Pierre teria enviado a Maxime Gorce. Segundo José Luiz Archanjo o texto original em francês foi enviado por Alice Teilhard-Chambon ao Centro de Documentação Teilhardiana – Pe. Romano Resek, OSB, Mosteiro de São Geraldo, Instituto Social Morumbi, São Paulo – SP, sendo uma fotocópia do manuscrito e uma cópia datilografada. Este texto foi enviado com o título *Carta a um amigo sem fé*, escrito a lápis pela remetente na cópia datilografada. O texto mesmo encontra-se publicado em TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 243-248. Interessante observação nos faz Vigorelli, quando diz que o próprio título desse escrito revela o reconhecimento ou distinção, da parte de Teilhard, de uma “Igreja oficial”. VIGORELLI, Giancarlo. **II gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 61.

113 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

114 Ibid. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

115 Id. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta. Carta de 16 de agosto de 1925.

116 Id. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 02 de junho de 1941 a Ida Treat.

À amiga Jeanne Mortier ele expressaria ainda com mais radicalidade e força a sua convicção. Questionado por ela sobre a possibilidade de abandonar a Companhia, ele responde: “Assim eu sairia de meu 'Meio Divino' [...]. É na Sociedade religiosa que a graça de Deus me espera e que eu devo recebê-la” (TEILHARD DE CHARDIN, 1984, p. 27)¹¹⁷.

Teilhard está certo do que sente e pressente, sua linha de conduta e o fio de suas reflexões não variam, mas ele está igualmente seguro de sua pertença à comunidade eclesial da qual faz parte:

[...] estou totalmente tranquilo. As longas semanas solitárias de minha viagem de verão foram marcadas pela instauração em mim de uma espécie de serenidade definitiva (?) como se me tivesse evadido ou emergido, de dentro, de uma rede de tantas coisas que me desgostavam ou me paralisavam na vida. [...]. Trata-se de uma espécie de indiferença apaixonada, na qual todas as interferências ou ambições humanas são para mim, simplesmente, quase inexistentes. Não creio que isto seja orgulho, menos ainda santidade. Simplesmente é o desvanecimento de mesquinhas individuais [...] ao calor das grandes Realidades que evocamos conjuntamente tantas vezes. – Então me parece que estou mais estável que nunca em minha vocação exterior, quer dizer, em minha ordem religiosa. Desta, creio que também ‘emergi’ de dentro. Porém realmente sinto que é meu lugar de ação, por isto, estarei sempre cordialmente unido a ela, assim o espero. Esta consciência me dá uma grande paz. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 98-99)¹¹⁸.

No mar revolto dos acontecimentos, Teilhard se sente em paz. O afastamento de Paris e a solidão por certo o incomodam, mas também o fazem se sentir sereno. Ele se sente invadido por uma espécie de indiferença apaixonada, paradoxo que Henri de Lubac (1962, p. 139) nos explica: “Indiferença pois 'só Deus' deve ser o objeto da totalidade de nosso amor; mas apaixonada, porque a obra que Ele nos atribui merece que a ela nos doemos inteiramente”¹¹⁹.

Incompreendido, quando não rechaçado, pela Companhia de Jesus e pela Igreja, ele se sente cada vez mais unido a elas, reconhecendo que é ali seu lugar de ação. É este o sangue ao qual ele deseja se misturar para corrigir. Seu amor profundo pelo “Único Necessário” o faz seguir adiante sem se desviar do caminho que ele deseja ardentemente percorrer.

O mesmo homem que critica a instituição eclesial por sua caducidade, sabe perdoá-la. Não por comodismo, mas por uma sensibilidade e agudeza intelectual que lhe eram características. Mas, se não quer se afastar da Igreja, ele reconhece a necessidade de conciliar

117 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres à Jeanne Mortier**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

118 Id. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011. Carta de 06 de dezembro de 1929.

119 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

seu desejo de comunhão com ela e as muitas divergências que dela o separam. Difícil e angustiante questão para a qual ele encontra uma resposta:

[...] uma vez que não me reconheço o direito (sob pena de suicídio) de romper com a Igreja, como posso conciliar esta comunhão que devo manter com ela e as divergências que, em certos pontos, me separam da *forma* comumente admitida *hoje* em certas de suas crenças? – Simplesmente levando em consideração esta verdade essencialmente ortodoxa: a Igreja possui e transmite, de século em século, uma visão (ou experiência, ou vida) do Cristo do qual ela é *incapaz*, em qualquer momento, de *expressar completamente a figura definitiva e a riqueza*. Todos os teólogos são forçados a admitir: o Papa e todos os Bispos juntos são *incapazes* de nos dizer exatamente tudo o que existe em Cristo. O Cristo (sua vida, seu conhecimento) está depositado na Igreja toda (fiéis e pastores) de *todos* os tempos. Para que o Cristo seja finalmente compreendido, é preciso o esforço de tudo o que houver de cristãos até o fim dos tempos; e nenhum Concílio poderá precipitar esse longo amadurecimento. (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 244)¹²⁰.

Num tempo anterior ao Concílio Vaticano II, em que a Igreja era muito mais identificada com a hierarquia eclesiástica, o jesuíta do Auvergne reconhece que ela é povo de Deus sempre a caminho, sujeita às misérias e riquezas históricas. É para apoiá-la em sua pobreza e ao mesmo tempo se fartar com seus tesouros que ele deve e quer permanecer ligado a ela.

A obediência de Teilhard, no entanto, não se deve apenas a seu espírito dócil, crente e humilde. Trata-se de uma opção de vida: “[...] se obedeceu, e nunca se rebelou; ao mesmo tempo Teilhard de Chardin nunca renunciou à própria verdade, recusando-se a considerá-la uma heresia” (VIGORELLI, 1963, p. 17-18)¹²¹. Esta opção, muitas vezes o fez sofrer. Mas, em meio aos infortúnios provocados pela incompreensão, o apoio de amigos jesuítas fortaleceu seu sentimento de fidelidade.

Trata-se, uma vez mais, de uma constante na vida de Teilhard: ele sempre se sentiu amparado e apoiado em suas ideias e sua busca por numerosos companheiros jesuítas de sua geração (Auguste Valensin, Pierre Charles, Leonce de Grandmaison, Victor Fontoynt...), mais jovens (Henri de Lubac, Gaston Fressard...), ou inclusive seus superiores (Jean-Baptiste Costa de Beauregard, Cristophe de Bonneville, Andre Ravier, Jacques Goussaut, René de Quince, sem esquecer o padre geral Huan Baustista Janssens e seu assistente francês o padre Gorostarzu), ainda que os momentos de mal estar e de luta não tenham faltado. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 53)¹²².

120 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

121 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

122 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011. Ver nota 9.

Teilhard sabia que, em meio às tempestades, podia contar com o abrigo oferecido por aqueles que conquistara ao longo de sua existência. Se ele perseverou, foi graças à sua convicção, mas também graças ao sustento de numerosos companheiros que estiveram sempre ao seu lado, sustento na caminhada. Sua capacidade de enxergar sempre o lado bom das coisas, de buscar a luz no mais profundo das trevas o ajudou a enfrentar os problemas. As mãos amigas que o amparavam não o deixaram esmorecer.

No momento onde as contrariedades, as oposições, tornavam a solidão insuportável [...] estas múltiplas manifestações de amizade, oferecendo sobretudo pontos de apoio, levaram a Teilhard o reconforto do qual ele necessitava: o sentimento de poder se apoiar, se repousar sobre uma presença. (LEROY, 1958, p. 82)¹²³.

Mais que isto, a união de ideias e, principalmente, de sentimentos, fazem com que ele se sinta feliz e firme no propósito de se manter fiel. Referindo-se ao encontro com colegas em Lyon, ele diz ao amigo Édouard Le Roy:

Nós nos encontramos em perfeita união de ideais, e esta harmonia na conquista de ideias, que compensa para mim a incompreensão de meus censores romanos, significou uma grande alegria. E podendo reconfortar-me a aprovação destes numerosos espíritos, realmente seguros e amantes da Igreja, pude medir a enormidade do escândalo e a pena que teria causado um ato de infidelidade de minha parte. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 53-54)¹²⁴.

Se a angústia e a dor provocadas pela censura romana o abatem, a partilha e comunhão de ideias de tantos colegas o fortalecem. Seu desejo é, pois, manter-se em união com a Igreja, de quem “[...] ele sempre se declarou um filho devoto” (VIGORELLI, 1963, p. 67)¹²⁵. A infidelidade e a renúncia lhe parecem um escândalo. O sofrimento causado pela incompreensão não é maior que a alegria de se sentir ligado a um corpo de ideias novas que florescem no seio mesmo da instituição, no coração de tantos que, assim como ele, desejam a renovação para impedir a queda definitiva. A Igreja, ele sabe, assim como aquele que a inspirou nos seus primórdios, é ao mesmo tempo divina e humana. Ela não esgota o mistério sempre maior do Cristo, como o Jesus histórico não esgota a grandeza suprema do Cristo Universal. Mas aqui o próprio Teilhard de Chardin se interroga sobre os motivos que o levam a não proclamar, o mais fortemente possível e com toda força, esta verdade. Questão que

123 LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

124 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011. Carta de 16 de agosto de 1925.

125 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

talvez passasse pela cabeça de seu interlocutor e à qual ele responde, sem nenhuma dúvida: “[...] proclamo tanto quanto posso. O que acabo de dizer é reconhecido por muito dos meus amigos. Nós falamos disso constantemente, nós o vivemos, e nunca perco uma ocasião para semear estas ideias aproveitando todo o tempo favorável” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 245)¹²⁶.

O jesuíta do Auvergne aproveitava as oportunidades, o tempo favorável, para semear suas ideias. E se não proclamava de uma vez por todas, à toda humanidade, era por reconhecer, primeiramente, que não estava em condições de fazê-lo devido às proibições e censuras de seus superiores e, em segundo lugar, por saber ser necessário não avançar demais, por medo de escandalizar as almas. Mostrar o caminho, sem revelar diretamente a montanha para não afugentar aqueles cujos olhos ainda não estão preparados para tanta luz. É preciso, diz ele,

[...] para que se tornem vivificantes à Igreja, que certos elementos novos, particularmente ativos (teorias evolucionistas, sociais...) tenham passado já, diversas vezes, por pensamentos cristãos individuais, que os tenham assimilado, aclimatado e cristianizado *in vivo*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 245)¹²⁷.

Com ouvidos atentos ele não abandona o barco porque ouve a voz daquele que convida a avançar sempre para as águas mais profundas. Seu desejo é, antes de tudo se fazer ouvir e ser fiel nas mãos de Deus. E, por ter visto e experimentado, ele tem consciência de que antes de qualquer coisa, é preciso que algumas almas sirvam de campo de experiência, como teria dito à amiga Léontine Zanta, em carta de 28 de agosto de 1926:

Eis o que seria preciso gritar às multidões de Chicago! Esta visão da imensa simplicidade e da total divinização das coisas parece-me cada vez mais evidente, cada vez mais acessível, cada vez mais libertadora. [...]. Não se esqueça de rezar para que eu regresse dessa viagem mais capaz de dizer, e de me fazer ouvir – e também para que Nosso Senhor me proporcione a ocasião de falar (se não for prematuro). Uma consideração que me dá paciência é esta: ainda mesmo que não chegássemos, durante a nossa vida, a exteriorizar o que vimos, a minha boa Amiga, eu e tantos outros, já seria muito ter servido a Deus de campo de experiência para esta maravilhosa aliança dos amores do Céu e da Terra. Uma vez que o germe foi inserido numa parcela da massa humana, espalhar-se-á irresistivelmente em todo o corpo, sem que nós saibamos como. Tudo está em ser fiel nas mãos de Deus, e sob a sua influência, e é isso que eu peço todos os dias para si. (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 89)¹²⁸.

126 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

127 Ibid. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

128 Id. **Cartas à Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

Para aqueles que, como ele, desejam uma Igreja mais atenta aos sinais dos tempos, ele quer falar, cheio de esperança de que sua fala encontre terreno fértil para o anúncio da mensagem que, sem deixar de ser a mesma, é sempre fresca, como o sol que nasce todos os dias o mesmo e cada dia mais novo. Ele permanece firme porque confia na chama que deseja fazer incendiar. Seu modo de ser e agir recordam a parábola do semeador que, sem pressa e sem medo, vai lançando as sementes por onde passa.

Numa carta de 16 de julho de 1933, enviada de Nova Iorque à amiga Lucile Swan, ele revela sua felicidade ao encontrar pessoas que partilham seu pensamento:

[...] ontem eu falei durante horas sobre assuntos bastante delicados. Eu o fiz com prudência, mas com franqueza. Um dos padres, pelo menos, pôde compreender e propagar o que eu penso. Foi um alívio para mim encontrar um grupo de confrades tão amigo e simpático. Está aqui o verdadeiro espírito de minha Igreja, tão diferente do pensamento rígido e medroso de Roma. E a América está, no conjunto, longe de ser a vanguarda intelectual de minha ordem! Isto me dá alguma esperança, Mas, ao mesmo tempo eu experimento uma certa melancolia pensando no que eu poderia fazer se fosse autorizado a imprimir meus melhores escritos. Estas pessoas não me conhecem, senão por aspectos quase insignificantes de meu trabalho. Deus conhece melhor, eu suponho. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2011, p. 36)¹²⁹.

O desejo de publicar o que viu e sentiu no mais íntimo de seu coração foi constante na vida de Teilhard, assim como constantes foram as recusas que recebeu. Sua obra *Le Phénomène Humain*, por exemplo, foi inúmeras vezes retocada e reescrita para atender às exigências dos censores. Nem assim foi aceita. No entanto, como bem sublinha Pierre Leroy, “[...] sua coragem e sua força de caráter, sustentados por seu vigor espiritual, vão ser determinantes. Ele permanecerá na fidelidade e na obediência, sublinhando, na ocasião, o rigor de uma decisão para ele ininteligível (LEROY, 1955, p. 53)¹³⁰. O sacerdote jesuíta não concordava e muito menos compreendia a decisão dos censores romanos, mas seguia demonstrando sua lealdade.

Durante sua vida ele escreveu muitos ensaios que enviava a Roma a fim de manter a autoridade religiosa à corrente de seu pensamento (DE LUBAC, 1962)¹³¹. Mas tudo o que lhe concederam foi a autorização de publicar artigos estritamente científicos (VIGORELLI,

129 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 16 de julho de 1933.

130 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami: les dernières années 1948-1955**. Paris: Le Centurion, 1976.

131 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

1963)¹³². E mesmo nestes, a interferência eclesial se fez sentir, o que às vezes parece ter provocado instantes de revolta no coração do doce e obediente sacerdote do Auvergne. É o que revela uma carta de 07 de março de 1938, escrita à Lucile Swan:

Max [...] me disse que meu ensaio 'A Energia humana' tinha sido considerado por meus colegas como 'impúblicável!' Eu estou verdadeiramente surpreso [...] e escrevi hoje uma declaração muito firme a meu melhor, e mais influente, amigo e colega em Paris (R. De Quince), no qual eu lhe digo que o papel posto em questão sendo de teor científico, e não religioso, não dava a ninguém o direito de interferir em sua publicação. Veremos. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 195)¹³³.

Aqui, parece-nos, Teilhard abandona seu costumeiro modo contido e deixa explodir sua indignação. Em outras ocasiões temos lampejos desse mesmo estado de espírito. Quando fica sabendo, por exemplo, da inclusão das obras de Édouard Le Roy no Index, ele faz uma declaração que manifesta, ao mesmo tempo, seu apoio ao amigo e sua crescente insatisfação.

Meu querido amigo: Ao chegar antes de ontem aqui, encontrei carta de minha prima, contando-me sobre a inclusão no *Índice* de suas últimas obras. Você intuirá que me sinto ferido pessoalmente por um golpe que chega ao mais profundo de minha amizade e ao mais querido de minha fé intelectual. Sofro por ter conhecido tão tarde seu sofrimento e por encontrar-me tão longe de você para transmitir-lhe toda minha simpatia e meu invariável afeto. As linhas do comentário oficial que acompanham o decreto do *Índice* e das quais tive conhecimento por um recorte da imprensa (*Débats*) que minha prima me enviou, delatam uma ignorância tão grande de seu pensamento que me deixaram aturdido. Essas pessoas que o condenam são incapazes de reconhecer sua Verdade, porque ela pretende se expressar à margem de uma linguagem caduca na qual eles aprenderam, palavra por palavra, como crianças de colégio. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 117)¹³⁴.

Nesta mesma carta, depois de ter conhecimento de alguns resultados de pesquisas no âmbito da paleontologia, ele ironicamente diria ao amigo: “[...] se o Sinantropo [...] fabricava ferramentas de quartzo, onde estão o Adão e o Paraíso de nossos juízes romanos?” (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 119)¹³⁵. Linguagem forte e mordaz que podem ser a tradução de um espírito indignado e cansado.

132 Segundo Vigorelli, Teilhard tentou publicar anonimamente seu texto, *La puissance spirituelle de la matière*, e mesmo neste caso ele teria solicitado autorização oficial, “[...] mas o *imprimatur* não lhe foi concedido”. VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 30.

133 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009.

134 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946): la maduración de un pensamiento**. Madrid: Trotta, 2011. Carta de 21 de dezembro de 1931.

135 Ibid. Carta de 21 de dezembro de 1931.

Em Teilhard de Chardin, no entanto, a revolta não supera a fé, sobretudo a fé no amado Cristo Universal que ele deseja tão apaixonada e ardentemente anunciar. Mesmo irritado e sofrendo pela condenação do amigo, ele contemporiza:

Interiormente posso adivinhar como você recebeu esse golpe. *Absorbere peccatum* (perdoar o pecado), me dizia você numa circunstância análoga. A Fé absoluta que nós temos, você e eu, na animação pelo Cristo do Universo, não deve excluir nada, – nem sequer os poderes estreitos da Ortodoxia romana. É preciso que acreditemos acima de que qualquer condenação, – e a condenação se converterá em semente de benção... algum dia. Entretanto, é certo que o valor de nosso Ideal será definitivamente apreciado na medida em que você obtenha estabilidade e serenidade no transcurso dos acontecimentos atuais: seguir sendo quem você é, sem romper nada, com doçura e firmeza. Rogo a Deus ao qual amamos que o ajude a manter esta atitude, e seja útil seu sofrimento para a nova Revelação com a qual todos nós sonhamos. (TEILHARD DE CHARDIN, 2011, p. 117-118)¹³⁶.

Seguir sendo com doçura e firmeza, eis o conselho do místico francês. Aquilo que ele recomenda é experimentado na própria vida. Por isso o rompimento nunca foi cogitado. Não se trata, repetimos, de mera servilidade ou tentativa de se manter ileso numa posição de centro que a todos agrada. Por certo, Teilhard desagradou a muitos e pagou um alto preço por isso. Mas se manteve firme em suas posições, coerente em suas afirmações. A força de suas convicções, explica-nos De Lubac (1962, p. 19), “[...] jorra de vez em quando, em fórmulas de uma intensidade impressionante [...]. Ele se expressa mesmo por vezes com um ardor de proselitismo e sob um tom de profecia que se podem achar quase indiscretos”¹³⁷. Ao mesmo tempo ele é modesto e se posiciona como alguém que busca sem nunca ter encontrado a plena verdade. Ele pede e aceita conselhos tanto de seus superiores e das pessoas mais experimentadas, como de pessoas mais jovens e menos experientes.

Se não abandonou a Igreja e os jesuítas, tampouco abandonou as ideias e convicções que lhe brotavam no mais íntimo e nas quais acreditava com paixão. Ao amigo Pierre Leroy, ele dirá: “Eu não sei onde tudo isto me levará [...]. Mas eu sei perfeitamente uma coisa: é que absolutamente nada (salvo a doença ou a morte, evidentemente) poderá doravante me parar” (LEROY, 1955, p. 109)¹³⁸.

Uma tal atitude é fruto de seu modo de ser naturalmente conciliador e sobretudo da consciência que nele brotara da necessidade da instituição para o advento de uma nova forma

136 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011. Carta de 21 de dezembro de 1931.

137 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

138 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 07 de setembro de 1951.

de religião. Seu objetivo, aquilo que desejou durante toda a sua vida, foi a renovação ou, como ele diria, a conversão do cristianismo.

Segundo meus próprios princípios, eu não posso lutar contra o cristianismo; eu só posso trabalhar no seu interior, tentando transformá-lo e 'convertê-lo'. Uma atitude revolucionária seria infinitamente mais fácil, e também mais agradável, mas ela seria suicida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 188)¹³⁹.

Evadir-se, abandonar o barco no calor da tempestade, teria sido muito mais cômodo e confortável e certamente lhe teria evitado muitos infortúnios. Sua escolha, no entanto, foi permanecer no seio da Igreja, e já na guerra ele explicara à prima que não poderia ter sido diferente.

Apenas, enquanto lhe falava dos ritos, e da prática, e das instituições exteriores, cuja necessidade é menos evidente que a dos dogmas – não podia impedir-me de ficar seduzido por essa forma, na aparência mais espiritualizada, de uma religião que estaria inteiramente contida no coração e na intenção (devo dizer que sempre tive um fraco por essa concepção). Foi então que notei que estava a agir como Isócrates [...] que matou o espírito de Atenas ao querer separá-lo do seu substrato político. E redisse para comigo, transpondo-a, essa verdade bebida nas fontes positivas da *Action Française*: que o espírito libertador da Igreja está indissolúvelmente ligado à sua existência como corpo organizado, sejam quais forem as vulgaridades e os inconvenientes inerentes a essa corporeidade, intrigas vaticanas e ouropéis de sacristia... (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 163)¹⁴⁰.

É impossível salvar a árvore e seus frutos arrancando-lhe a raiz, preservar a água fazendo secar a fonte. Da mesma forma é improvável alcançar a salvação ou a revitalização da Igreja destruindo seu corpo eclesial. A caducidade e rigidez institucional atormentaram Teilhard, mas não superaram sua fé:

Bem-aventurados aqueles que sofrem por não ver a Igreja tão bela quanto a queriam, e que apenas lhe são mais submissos e suplicantes ainda. É uma mágoa profunda, mas de alto valor sobrenatural. Nunca o repetiremos bastante: o católico é aquele que está certo da existência de Jesus Cristo - Deus, em razão de muitos motivos e apesar de muitos escândalos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, p. 66)¹⁴¹.

A opção de se manter fiel causou tristeza e dor, mas o místico do Auvergne sabe que as provações, ou apropriando-se de sua própria linguagem, as passividades, divinizam o homem. Antes de tudo, diz ele, é preciso compreender que “[...] por mais duro que pareça,

139 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 21 de março de 1941 a Ida Treat.

140 Id. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966. Carta de 06 de novembro de 1916.

141 Ibid. Carta de 04 de julho de 1915.

Deus não nos concedeu a vida para nossa felicidade, mas para O servirmos no que Ele entender” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 66)¹⁴². Seu espírito de fidelidade, presente desde os tempos de formação, é fruto da sua confiança ativa de que muitas vezes é necessário deixar Deus agir. Por isso, em meio às águas tempestuosas ele não se deixa vencer pelo medo e se sente, diz ele, “[...] sempre mais satisfeito onde me encontro” (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 152)¹⁴³.

Aos momentos de satisfação sucedem-se, no entanto, momentos de depressão. À medida que os anos correm e com o avançar da idade, Teilhard passa a se sentir bastante deprimido. Terminada a 2ª Guerra, ele retorna à França, depois de um longo exílio forçado na China. Sente-se feliz por seu retorno, mas sua felicidade se mistura a uma certa angústia. Suas forças declinam e em 1947 ele sofre uma crise cardíaca. A doença o abate e numa carta enviada à amiga Lucile Swan, ele desabafa:

Eu cheguei em Paris muito deprimido. Felizmente Leroy me esperava no cais de São Lázaro, e começou a me reconfortar. Eu ainda não me sinto muito forte. Mas há um bom médico que vem frequentemente me consultar. Eu acredito que começo a me recuperar. Eu ainda compreendo muito mal o que me aconteceu. Uma questão puramente orgânica, me disse meu amigo, desencadeada por um pouco de emoção muito forte. [...]. Aqui eu encontrei (e te envio pelo correio) o meu artigo publicado em abril. Ele me parece bom; e não parece ter suscitado nenhuma reação desagradável. É um bom sinal. Eu precisaria me colocar a escrever algo breve [...]: isto seria para mim a melhor das curas (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 339)¹⁴⁴.

Ao abade Breuil, numa carta escrita em 15 de junho de 1947, ele assim descreve seu estado de espírito depois da crise sofrida:

Necessito de toda a filosofia de minha fé para assimilar e tratar de converter em um bem construtivo o que em si mesmo é um autêntico desgosto. Tudo estava indo tão bem e faltava tão pouco para sua realização! Obrigado, em todo caso, por tudo o que você fez por mim. Agora melhora normalmente dia a dia. Mas, segundo os pontífices da arte médica que têm vindo ver-me, meu caso (um caso clássico, parece) é questão de tempo; quer dizer, que não me autorizarão a retomar minha vida normal (com certas precauções...) até o primeiro de dezembro, ou seja, seis meses depois do meu acidente. É muito tempo [...]. Na realidade nem sequer conheço o nome exato do que tive [...]. Sem dúvida fui além das minhas forças sem me dar conta, mas tinha a sensação de estar tão perfeitamente em forma! Todavia não posso medir a extensão do 'desastre', quer dizer, em que medida me será possível trabalhar a fundo sobre o terreno. Isto se verá dentro de alguns meses. No pior dos

142 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris: 1908-1914**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967. Carta de 09 de novembro de 1909.

143 Ibid. Carta de 23 de dezembro de 1910.

144 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 18 de junho de 1948.

casos me concentrarei em um labor especulativo, o que estaria bastante de acordo com a lógica de minha existência. Em todo caso estou decidido a considerar este golpe mais como um impulso que como um freio, se o Senhor me der forças! (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 91-92)¹⁴⁵.

No ano de 1948, o sacerdote do Auvergne viaja a Nova Iorque de onde parte para Roma. Esta viagem, planejada para o ano de 1949, fora antecipada devido à aposentadoria de Breuil que deixara uma cadeira vaga no Collège de France. Entusiasmado, Teilhard prepara sua candidatura. Chega à cidade eterna no mês de outubro e é, segundo ele mesmo, “[...] muito gentilmente recebido”¹⁴⁶ pelos jesuítas que, reconhecem sua obediência e a regularidade de sua vida religiosa. Cartas escritas neste período revelam-nos um homem que permaneceu sempre fiel, mas que experimentou duras provas por sua fidelidade¹⁴⁷.

Embora bem recebido em Roma, ele não alcança o objetivo de sua viagem. Não obtém nem mesmo autorização para publicar uma versão revista de *Le Phénomène Humain*, fato que o abate ainda mais. Tudo isto “[...] é uma dura prova para um homem no fim de sua carreira e ainda mais doente” (BAUDRY, 2010, p. 184)¹⁴⁸. Nos ambientes científicos ele é reconhecido, todavia este reconhecimento não lhe interessa tanto, como revela uma carta escrita à Ida Treat:

Mais interessante para mim foi minha eleição (igualmente em junho) como *membro correspondente da Academia de Ciências*. Mesmo isso no entanto não me interessou. Eu tenho a impressão de ser mais forte e mais livre, não sendo nada, não tendo nada. Uma forma superior de orgulho, provavelmente; mas também o desgosto de ver tantas pessoas buscarem 'distinções', no lugar de dar suas vidas por uma Vida maior. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 213)¹⁴⁹.

Mesmo não se importando muito com as condecorações, foi graças a seu prestígio internacional que ele partiu, no ano de 1951, numa expedição para a África do Sul. Esta será, diz Baudry (2010, p. 185), “[...] sua última 'aventura' no campo e o último estímulo intelectual e espiritual para colocar por escrito as suas reflexões”¹⁵⁰. Retornando das terras africanas, um convite para trabalhar na Fundação Wenner-Green fará com que sua base científica, daí para

145 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964.

146 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 15 de outubro de 1948.

147 Numa carta escrita à Lucile no ano de 1949, ele desabafa e seu desabafo revela traços de uma ligeira raiva que já não consegue ser contida: “Em todo caso, eu sinto que deveria *fazer alguma coisa* para provar a mim mesmo e àqueles que me cercam, que ainda estou vivo”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 28 de fevereiro de 1949.

148 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

149 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 06 de agosto de 1947 a Ida Treat.

150 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

frente, passe a ser os Estados Unidos. Tudo isto, de certa forma, agradará seus superiores religiosos que o querem afastado de Paris e chegam a aconselhar sua permanência nos Estados Unidos. Não obstante a saudade de Paris, ele se estabelece em Nova Iorque, seu porto final. Este “[...] novo exílio lhe pesa. Falta-lhe com quem falar com toda liberdade dos problemas que o preocupam” (LEROY, 1955, p. 152-153)¹⁵¹. Repete-se, para Teilhard, a antiga história de 1925, com Nova Iorque substituindo a China:

Roma parece desejar que eu prolongue minha jornada aqui [...]. Nestas condições não vejo outra coisa possível, senão aceitar o oferecimento cordial que me fez o Doutor Fejos [...] para que permaneça como 'Pesquisador associado' junto a ele. Se os Padres Americanos não se oporem (eu não creio que o façam), voltará a se repetir a história de 1925, agora em Nova Iorque ao invés da China. Mas agora tenho setenta anos... (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 129)¹⁵².

A idade avançada parece desanimá-lo¹⁵³. As forças provavelmente declinam e já não lhe resta, tem-se a impressão, muita esperança de ser compreendido e de se fazer ouvido. O fato é que, como bem resumiu Vigorelli (1963, p. 272), “[...] na América, Teilhard não conseguira sanar suas feridas ou serenar-se como acontecera na China”¹⁵⁴. Mas a decisão de se manter fiel permanece inalterável:

Resta, eu o reconheço plenamente, que Roma pode ter suas razões para estimar que, sob a sua forma atual, minha visão do Cristianismo é prematura, ou incompleta, e que por conseguinte, ela não poderia ser difundida no presente sem inconvenientes. É sobre este ponto importante de fidelidade e de docilidade exteriores que eu tenho particularmente (de fato este é o objeto essencial desta carta) a vos afirmar que, a despeito de certas aparências, eu estou decidido a permanecer um 'menino obediente'. Evidentemente eu não posso (sob pena de catástrofe interior e de infidelidade a minha mais cara vocação) deixar de buscar por mim mesmo. Mas (e isto há meses) eu não me ocupo mais da propagação (mas somente do aprofundamento pessoal) de minhas ideias. Atitude enormemente facilitada para mim pelo fato de que eu posso de novo fazer trabalho científico direto. (LEROY, 1955, p. 114)¹⁵⁵.

151 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976.

152 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 4 de dezembro de 1951.

153 Muitas vezes ele fala do avançar da idade: “Quando se tem meus anos, o tempo passa cada vez mais rapidamente”. Ibid., p. 139. Carta de 11 de maio de 1952, enviada ao irmão Joseph. Ou: “Se tivesse dez anos a menos!”. Ibid., p. 145. Carta de 18 de setembro de 1952, escrita à prima Marguerite.

154 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963. Segundo Vigorelli, Teilhard frequentemente dizia, após dois infartos, se sentir partido em dois, “[...] uma parte que sobrevivia, a outra que já morrera. E a que estava viva, morria de dores pelo exílio que lhe vinha sendo prolongado”. Ibid., p. 272.

155 LEROY, Pierre. Opus cit. Carta de 12 de outubro de 1951, escrita ao padre Jansens, Padre Geral da Companhia de Jesus.

A opção de Teilhard é ser um 'menino obediente' até o fim. Sua escolha o faz compreender, ou pelo menos tentar entender, as razões de Roma se manter inflexível em relação às suas ideias. Mas, ao mesmo tempo em que declara seu firme propósito de obediência e docilidade, ele diz não poder recuar à respeito de suas visões. Só lhe resta, pois, uma saída: não mais se ocupar com a propagação daquilo que ele viu e sentiu, o que não significa, e ele o declara firme e docemente, abandonar o aprofundamento pessoal de suas convicções mais caras.

O ano de 1953 será marcado por muito sofrimento em sua vida e o testemunho de Leroy confirma este estado de espírito:

Meu amigo não é mais alegre. Em 1953, as cartas são marcadas por uma fadiga moral, devida provavelmente ao estado de saúde deficiente, ainda que não se possa excluir a experiência purificadora comum a todos os grandes espiritualistas. As angústias o atormentam. Ele parece viver mais na perplexidade que na segurança. (LEROY, 1955, p. 173)¹⁵⁶.

Em carta ao irmão Joseph, ele declara: “As coisas aqui continuam mais ou menos sem variação. Todavia não saí de meu período de ansiedades” (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 129)¹⁵⁷. Para enfrentar esse sofrimento, o místico do Auvergne se entrega ao trabalho, evitando assim a apatia. Ele

[...] prossegue com seus escritos e seus trabalhos científicos. Como sempre sua coragem o empurra; ele se recusa a se inclinar sobre 'seu' caso com muita atenção. O trabalho se torna para ele 'sua' forma de adoração e, apesar da depressão que o espreita ele não abandona nada do que empreendeu. (LEROY, 1955, p. 173)¹⁵⁸.

Por mais dolorosa e desanimadora que fosse, a depressão não o impede de trabalhar. O trabalho é, na verdade, sua válvula de escape. A crise, por mais paradoxal que pareça, o faz produzir muito. Suas ideias vão sendo, cada dia mais, aprofundadas. Mas seu estado de saúde não melhora e muitas vezes ele se fecha num silêncio desconcertante, reflexo de suas lutas interiores e de seu cansaço físico e moral. Aos poucos ele diz se recuperar: “Eu tenho a impressão de emergir decididamente da depressão deste inverno (que terá seus efeitos clarificantes – eu te explicarei um dia)” (LEROY, 1955, p. 189)¹⁵⁹. O resultado é que pouco a

156 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976.

157 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 7 de abril de 1953.

158 LEROY, Pierre. Opus cit.

159 LEROY, Pierre. Opus cit. Carta de 16 de abril de 1953.

pouco ele vai se sentindo “[...] cada vez mais ligado à 'Igreja', e desligado das 'pessoas da Igreja’” (LEROY, 1955, p. 198)¹⁶⁰.

Em muitas de suas cartas dessa época e em cartas posteriores ele falará de seu desejo mais ardente que é o de “terminar bem”:

Tenho a impressão de que meus esforços na Fundação dão seu fruto. Quanto ao resto 'Deus proverá'. Salvo a ideia bastante clara de aparecer durante um mês na França em junho próximo [...] meu futuro é bastante incerto. A única coisa clara é que gostaria de empregar o mais intensamente possível os últimos anos que me restam em 'cristificar' (como digo) a Evolução (o que exige, ao mesmo tempo, trabalho científico para estabelecer a 'convergência' do Universo e trabalho religioso para separar a Natureza Universal do Cristo da história). Isto, e logo, 'acabar bem', quer dizer, morrer em afirmação deste 'evangelho'. [...]. Acabar bem – te disse com frequência – converteu-se para mim em minha oração principal e em minha grande ambição (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 169-170)¹⁶¹.

Nada mudará com a chegada do ano de 1954, um ano marcado pela crescente fadiga de Teilhard. Depois de muitas tentativas ele obteve de Roma a permissão para passar três meses em Paris. Ele e Leroy viajarão juntos à terra natal de nosso místico em sua derradeira viagem à França tão amada. O sofrimento e todo cansaço dele consequente, farão com que Teilhard regresse antes do previsto a Nova Iorque:

Depois de nossa 'peregrinação' à Lauscaux, ele deveria permanecer nos Moulins, na casa de seu irmão Joseph, antes de retornar a Paris de onde nós partiríamos em setembro para Nova Iorque. Este programa só foi em parte realizado. Nervoso, fatigado, decepcionado, o Padre deixou Paris seis semanas antes da data prevista e voltou à América no início do mês de agosto. Eu deveria encontrá-lo ali no fim de setembro. Ele estava profundamente perturbado. Como nos tempos das grandes crises, ele se refugiou no trabalho e na meditação. Na verdade Teilhard não estava bem; menos exuberante, menos entusiasta que de costume, sua tristeza e sua inquietude o abatem fisicamente. Ele se esforça para se apresentar bem na provação e se surpreende por não aplicar a seu caso pessoal os conselhos dados aos outros. (LEROY, 1955, p. 213)¹⁶².

O sofrimento e a tristeza parecem abatê-lo, dessa vez, definitivamente. O otimismo e a esperança habituais vão sendo, aos poucos, substituídos pelo desânimo e pelo cansaço. Os conselhos de tudo tentar, tudo ousar e nunca desanimar, tantas vezes dados aos amigos, já não

160 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 15 de junho de 1953.

161 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 8 de novembro de 1953, escrita à prima Marguerite. Em outra carta escrita também à prima ele dirá: “Que o Senhor, não por mim, mas pela causa que sustento (a de um 'Cristo maior'), que o Senhor me permita 'acabar bem’”. Ibid., p. 172; carta de 28 de fevereiro de 1954.

162 LEROY, Pierre. Opus cit.

conseguem fazê-lo reagir. Ele experimenta e sofre na própria carne uma passividade que o diminui e dilacera. O peso de ver toda uma vida de trabalhos ser impedida de se mostrar entristece-o. Numa carta enviada de Nova Iorque ao irmão Joseph, ele desabafa e seu tom é de um homem cansado: “Estou dando os últimos retoques a um opúsculo sobre o Homem que seria interessante publicar 'para a maior glória de Deus', mas que, como os precedentes, tem grandes possibilidades de nunca vir à luz, pelo menos enquanto eu viver” (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 173)¹⁶³.

Nem a visita às montanhas amadas da infância é capaz de alegrá-lo ou serená-lo. A dor estampada em seus olhos faz arder o coração dos amigos acostumados com seu modo alegre e otimista de ser e de viver.

O doutor René Lariot, que o recebeu em Londres de partida para Nova Iorque, contará mais tarde: 'Minha mulher e eu estivemos na mesa com ele em seu último jantar na Europa. Tendo visto sua tristeza diante da ordem de retornar aos Estados Unidos, quis dar-lhe uma prova de amizade, fazer com que ele percebesse o quanto me era querido. Me vejo ainda lá [...] em agosto de 1954, a estender-lhe as mãos pela última vez; a sua tristeza causava uma imensa dor, e nos separamos apressadamente. (VIGORELLI, 1963, p. 272)¹⁶⁴.

Tendo regressado mais cedo da França, Teilhard foi convidado a fazer parte de um Simpósio que falaria das modificações da terra provocadas pela ação do homem. Este simpósio, organizado pela Wenner Gren Foundation, não aguçou o espírito buscador de nosso místico. E sobre isso Leroy (1955, p. 224) declara: “Decididamente ele não encontra nem sua serenidade nem sua alegria. Ele se refugia então no silêncio e faz uma 'espécie de retiro', tentando se convencer de que tomou a melhor decisão antecipando seu retorno à América”¹⁶⁵.

Teilhard foi um verdadeiro religioso e um católico obediente e disso “[...] não deixou de dar provas concretas durante toda a sua existência” (DE LUBAC, 1977)¹⁶⁶, mas a decisão de se manter sempre fiel à Igreja, à Companhia e às suas próprias ideias parece ter-lhe cobrado um preço alto. Durante sua vida escreveu muito e publicou quase nada em respeito à decisão de seus superiores. E a publicação póstuma de sua obra é o coroamento de seu espírito de obediência. Teilhard fez de Jeanne Mortier sua legatária, por ter sido aconselhado a assim fazê-lo pelo padre Jouve. Ele já tinha recusado, ou pelo menos deixado sem resposta,

163 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 5 de abril de 1954.

164 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

165 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976.

166 DE LUBAC, Henri. **Teilhard posthume**: réflexions et souvenirs. Paris: Arthème Fayard, 1977.

a mesma proposta feita pela prima Marg. E assim explica aquela a quem é devido o conhecimento de um legado tão importante:

O Padre Teilhard escreveu seu testamento em espírito de fé no 'Meio Divino' constituído por sua sociedade religiosa, e de docilidade à indicação divina manifestada pela proposição do Padre Jouve. Anteriormente, o Padre Teilhard tinha deixado sem resposta a proposta de sua prima Marguerite Teilhard-Chambon. Se ele respondeu àquela do Padre Jouve, foi porque ela emanava de sua Sociedade e lhe parecia corresponder à vontade de Deus sobre o futuro de uma obra que ele julgava dever ser fecunda para a Igreja e apta a concorrer para uma nova glorificação do Cristo. (MORTIER, 1981, p. 7).¹⁶⁷

Enfim, Teilhard não pensou em si mesmo ao escrever. Tudo o que quis, no mais profundo de sua alma, foi fazer ver, compreender e sentir aquilo que antes lhe fora revelado em sua experiência existencial. Foi menino obediente até o fim da vida. O rompimento, segundo o amigo e confidente Pierre Leroy, nunca foi para ele uma alternativa, uma vez que ele “[...] não tinha nenhuma ilusão quanto ao fracasso de sua missão se tivesse rompido definitivamente. [...]. Reduzido ao estado laico ele não seria o que desejava ser e teria desacreditado seu ensinamento e suas teorias” (LEROY, 1955, p. 36)¹⁶⁸. Ele confiou na legitimidade de sua causa e se entregou apaixonadamente à tarefa de “[...] engrandecer o Cristo maior que tudo” (LEROY, 1955, p. 72)¹⁶⁹, que era, segundo suas próprias palavras, a única coisa da qual poderiam culpá-lo. E se aceitou o sofrimento imposto foi por ter consciência de que estava no caminho certo e de que “[...] nenhum limiar espiritual é ultrapassado sem luta e sem choque” (LEROY, 1955, p. 80)¹⁷⁰.

Teilhard não questionava a verdade transmitida pela Igreja, mas discordava da linguagem e dos métodos utilizados pela instituição eclesial que, para ele, eram incapazes de tocar o homem moderno. E justamente por isto, por desejar um cristianismo mais encarnado e menos indiferente às misérias e conquistas do mundo, ele foi freado pelos seus superiores que preferiram mantê-lo em silêncio e afastado. Mas nada foi capaz de fazê-lo recuar porque acima de tudo estava sua fé no Cristo maior que tudo. Foi esta fé, aliada ao sustento dos amigos, que o ajudou a vencer os momentos de depressão, como nos revela uma carta, escrita quando ele se encontrava em Pequim, ao abade Breuil:

167 MORTIER, Jeanne-Marie. **Pierre Teilhard de Chardin**: pensador universal. São Paulo: Cultrix, 1981.

168 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976.

169 Ibid. Carta de 18 de agosto de 1950.

170 Ibid. Carta de 07 de dezembro de 1950.

No conjunto não vou mal. No entanto, desde minha volta tenho de lutar muito frequentemente contra um pouco de depressão, que é sobretudo nervosa, me parece. Isto me obriga a viver concedendo mais lugar e mais realidade a Deus, o que é uma vantagem. (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 46)¹⁷¹.

Até o fim ele permaneceu fiel a si mesmo, à Igreja e à Companhia e sua fidelidade é fruto da certeza de estar falando de algo que antes lhe fora revelado. Romper seria desastroso porque seu desejo era transformar e não combater a instituição e para isso ele sabia ser necessário agir do interior.

A morte acolheu Teilhard na Páscoa do ano de 1955 e ele não conseguiu realizar em vida seu sonho de gritar a imensa simplicidade e total divinização das coisas. Certo de que tudo o que vira e escrevera 'só passaria se fosse de Deus', pouco antes ele entregara seus escritos a uma amiga que rapidamente se dedicou à difusão de seu pensamento. O fato alarmou a hierarquia eclesiástica que mais uma vez, e mesmo depois de morto, tentaria silenciá-lo.

3.4 O monitum

'Faça Ciência tranquilamente, sem meter-se em Filosofia nem Teologia...'
Eis o conselho (e a advertência) que a autoridade me vem repetindo ao longo de toda a minha existência. Tal é ainda, imagino, a diretriz imposta aos inúmeros e brilhantes poldros impelidos hoje, muito oportunamente, para o campo da Pesquisa. Mas esta é igualmente a atitude quanto à qual, respeitosamente – e no entanto com a minha convicção baseada em cinquenta anos de vida passados no coração do problema – gostaria de observar, a quem de direito, ser psicologicamente inviável, e diretamente contrária, de resto, à maior glória de Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 197)¹⁷².

Estas palavras foram escritas por Teilhard em março de 1955, poucos dias antes de morrer. Elas revelam a decisão de permanecer fiel às suas mais caras convicções e ao mesmo tempo provam sua lealdade à tarefa para a qual dedicou toda sua vida, o engrandecimento do Reino de Deus no cotidiano do mundo, e no seu caso particular, do mundo da ciência.

171 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 16 de fevereiro de 1940. O trecho acima citado está impregnado pelo espírito do *Milieu Divin*, onde Teilhard declara que as diminuições servem para rasgar o homem e fazer nele Deus penetrar. “Deus deve, de alguma maneira, a fim de penetrar definitivamente em nós, cavar-nos, esvaziar-nos, fazer para si um lugar”. In: Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957, p. 83.

172 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Pesquisa, Trabalho e Adoração*.

Tudo que o místico jesuíta desejou foi gritar a imensa simplicidade e total divinização das coisas, mas seus gritos provocaram e causaram mal-estar nos espíritos que ainda não estavam preparados para ouvi-lo. O conselho a ele dirigido foi que se dedicasse à ciência sem se meter em filosofia ou teologia. E, se no início lhe fora interdita a atividade teológica e filosófica, no fim chegaram a negar-lhe até mesmo o livre exercício de sua atividade científica. Alguns artigos já publicados na *Etudes* não tiveram sua tradução para o alemão autorizada. Enfim, “[...] era a censura, dada pelas mesmas mãos que lhe haviam dado o imprimatur” (VIGORELLI, 1963, p. 276)¹⁷³.

Teilhard lutou até o fim de sua existência para que seus escritos fossem publicados, mas seu desejo não foi realizado. E depois de sua morte, quando teve início a publicação de sua obra, a censura mais uma vez tentaria impedir seu pensamento de ser conhecido. Mesmo postumamente, ele seria repreendido e dessa vez com um *monitum* do Santo Ofício:

Certas obras do P. Pierre Teilhard de Chardin, publicadas depois de sua morte, se difundem e conhecem um vivo sucesso. Sem julgar o que diz respeito às ciências positivas, é bem claro que, sob o plano filosófico e teológico, estas obras têm tantas ambiguidades, e mesmo erros graves, que elas ofendem a doutrina católica. Por isto os eminentíssimos e reverendíssimos Padres da suprema sagrada congregação do Santo Ofício exortam todos os Ordinários, bem como os superiores de institutos religiosos, os superiores de seminários e os reitores de seminários a advertir os espíritos, particularmente aqueles dos jovens, contra os perigos que apresentam as obras do P. Teilhard de Chardin e aquelas de seus discípulos.¹⁷⁴

O texto evidencia o conhecimento por parte da Igreja do alcance e repercussão do pensamento teilhardiano e a tentativa de conter a difusão de suas reflexões. Mas o *monitum* de 30 de junho de 1962 não foi a primeira ação tomada pela hierarquia para impedir que os escritos de Teilhard chegassem ao grande público. Segundo Falconi (1963, p. 368)

[...] um decreto de 6 de dezembro de 1957 já havia ordenado a retirada das obras do padre Teilhard das bibliotecas dos seminários e das instituições religiosas e lhes havia proibido a tradução (o que explica o fato de que na Itália não tenha saído nenhuma obra do cientista em italiano) e a exposição nas livrarias católicas.¹⁷⁵

173 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

174 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380.

175 FALCONI, Carlo. Ottaviani insiste contro la Nuova Teologia. In: VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 367-369.

O jornal *Osservatore Romano*, de 15 de julho de 1962, publicou a tradução do *monitum*. Os escritos do jesuíta francês foram acusados de ambiguidades e erros graves e seu pensamento considerado uma ofensa à doutrina católica. Para não deixar dúvidas, já que o texto do Santo Ofício era bastante conciso, um comentário anônimo foi publicado no mesmo número do *Osservatore*, precisando justamente os pontos perigosos da reflexão empreendida por Teilhard.

Inicialmente, o autor do comentário reconhece que o nome do jesuíta só fez crescer passados sete anos de sua morte. Salienta que enquanto alguns de seus admiradores o exaltam no âmbito humano e religioso, outros chamam atenção para seu valor no campo científico. O que especialistas criticam dele, diz o texto, é sua tentativa de síntese cristã do conhecimento. E as divergências vão aumentando à medida que sua obra é publicada e se tem conhecimento de alguns escritos que circulam entre seus admiradores. Por fim acrescenta:

Podemos nos associar àqueles que reconhecem a reta intenção do homem e a contribuição que ele forneceu às pesquisas científicas, particularmente em matéria de paleontologia. Mas não podemos permanecer senão inicialmente perplexos e em seguida discordar quando as opiniões do P. Teilhard de Chardin passam do plano científico ao plano filosófico e teológico.¹⁷⁶

Para não se indispor diretamente com os admiradores de Teilhard, o comentarista prefere um tom mais ameno no início de seu discurso; daí o reconhecimento às intenções e contribuições do jesuíta no âmbito da paleontologia. Além disso, a própria Igreja tinha incentivado seu trabalho científico. Mas a suavidade do tom logo desaparece.

Em primeiro lugar, as críticas se dirigem ao método utilizado por Teilhard que é então acusado de fazer “[...] frequentemente uma transposição indevida no plano metafísico e teológico de termos e conceitos”¹⁷⁷ que pertencem ao meio científico, no qual ele estava inserido, a saber, o das ciências naturais. Certamente o jesuíta utilizou em seus ensaios palavras que lhe eram familiar e que, às vezes, poderiam causar estranhamento. Não se negou o fato de que ele extrapolava o sentido comum dos conceitos. Mas é preciso considerar o texto e seu contexto. Teilhard sempre escreveu nas situações mais singulares, nos locais mais pitorescos, a saber, na guerra, no deserto, em meio às suas escavações. Era para ele difícil desenvolver uma argumentação validada por outros pensadores nestes ambientes, da mesma forma que o era confrontar suas ideias com outras teorias. E, acima de tudo, seu desejo maior

176 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

177 Ibid.

era comunicar uma verdade que lhe fora revelada na experiência dinâmica da vida, como bem explica Norbert Luytem (1965, p. 23):

Sentimos aqui o intuitivo que tem uma intuição que deseja comunicar, ainda que os termos não sejam talvez os mais exatos. É mais importante para ele comunicar sua intuição que estar de acordo com a ortodoxia em todos os detalhes. [...] Teilhard quer fazer sentir uma verdade da qual ele teve a intuição e ele não se preocupa com detalhes de expressão.¹⁷⁸

Teilhard não contava, ao escrever, com um manual de adequação às normas eclesiais. E ele não se prendia aos detalhes porque sua intenção era como tantos outros místicos, partilhar o que vira e sentira, era dizer do indizível, explicar o inefável. Além disso, não se pode esquecer que foi, como salienta M. L'Abbé Lavocat (1963, p. 48), “[...] a partir de sua experiência paleontológica que Teilhard constituiu todo o seu sistema”¹⁷⁹. O paleontólogo e o sacerdote nele não se separam, pelo contrário, tecem juntos sua visão de mundo. Daí a mistura, que não é confusão, de termos, tal como aparece neste escrito onde ele reafirma a responsabilidade de todos os homens na sagrada tarefa de consagração:

O que nos é necessário, neste momento, 'para adorar em espírito e verdade', é simplesmente (me parece) reconhecer que o verdadeiro sobrenatural é simplesmente o resultado, através de um ponto crítico, do movimento geral de 'noogênese' na qual consiste a Cosmogênese, tal qual ela nos aparece hoje. Um Universo que, através da metamorfose final do Humano, reúne um Núcleo central e ultra-pessoal de Consciência... Não há outra coisa além disso no Evangelho, nem na mística dos santos (e em revanche não há um grão de dinamismo espiritual na 'ultra-gratuidade' do Divino, tal como lhe apresentam os teólogos). Isto posto (quer dizer se se admite que a Divinização do Mundo (eu quero dizer sua 'Cristificação') começa desde os primeiros estágios de seus arranjos) *tudo*, na Cosmogênese (*tudo*, em sentido largo, mas literal) torna-se trabalho de consagração, quer dizer de sacerdócio. Na estrutura eclesiástico-social atual, reserva-se o nome de 'padres' àqueles que 'consagram' o Mundo no último e supremo degrau (o que quer que seja que isto signifique...). Mas, em todo trabalho evolutivo, e em todo nível deste trabalho, há alguma coisa a consagrar. Tanto que os 'leigos' não compreenderam que, neste contexto, eles são verdadeiros padres. (LEROY, 1976, p. 233)¹⁸⁰.

178 CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Première Séance. La méthode du Père Teilhard. Rapport du R.P. Norbert Luyten. Esta obra organizada por Claude Cuénot recolhe várias contribuições de intelectuais católicos sobre o pensamento de Pierre Teilhard de Chardin. Estes intelectuais se reuniram entre os dias 09 e 11 de junho de 1962, num Colóquio organizado pelo Movimento Internacional da Pax Romana. Interessante observar que dias depois desse Colóquio o Santo Ofício publicaria o *Monitum* condenando as obras de Teilhard.

179 Ibid. Première séance. La méthode du Père Teilhard. Intervenção de M. L'Abbé Lavocat.

180 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 30 de março de 1954.

A ideia de criação e principalmente o conceito de união criadora, tal como apresentados por Teilhard, são também alvo da crítica que aparece no comentário ao *monitum*. Estes conceitos seriam contrários à concepção católica tradicional e, ao utilizá-los, o jesuíta teria desrespeitado “[...] estas duas exigências da doutrina católica: dom da totalidade do ser por parte do Criador, à exclusão de toda potencialidade precedente [...]; ausência total de toda necessidade, mesmo distante, do ato criador de Deus”¹⁸¹. Quando fala em união criadora, Teilhard tem como pano de fundo a ideia de uma criação que, longe de ser estática, segue-se fazendo pelo tempo, uma criação que não exclui o dado científico da evolução. E isto não quer dizer negação do ato criador, mas prolongamento deste ato na história.

Seu ensaio intitulado *L'Union Créatrice*¹⁸² não foi escrito para ser publicado. Era uma tentativa de síntese filosófica de sua visão de mundo, uma visão fundamentada na sua experiência de homem da Igreja e homem da ciência:

Como pressuposto a tudo quanto vai se seguir, admito em primeiro lugar, que o Universo está submetido a um *Devir*, que o constitui pouco a pouco tal como deve ser, os elementos mais perfeitos do Mundo se formando sucessivamente no meio dos menos perfeitos, à partir dos estados inferiores da existência. Nenhum postulado me parece estabelecido sobre uma mais ampla superfície de experiência e de crítica (nem mais seguro, então, de sobreviver na ciência e na filosofia de amanhã) que o da Evolução. Adoto-o pois resolutamente. Admito, em segundo lugar, que a Evolução universal tem *um sentido absoluto, em direção ao Espírito*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 192)¹⁸³.

Antes de tudo ele afirmaria a realidade da evolução e o primado do espírito, sem negar em definitivo o ato criador de Deus, do qual o homem é prolongamento e não substituto:

A vida humana *corajosa, consciente, refletida*, é impossível [...] a não ser que o Espírito (o nosso Espírito) tenha para si uma garantia de sucesso, uma promessa de futuro. Esta promessa, esta garantia de sucesso que não residem no passado nem no presente, só um Poder senhor do Tempo e do acaso a pode constituir, a pode dar. Eis por que o Centro na direção do qual gravitam os elementos do Espírito – sob influência de uma atração que os anima –, para uma Unidade que se deve tornar a sua, não poderia ser senão uma Realidade transcendente. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 199-200)¹⁸⁴.

Assumindo a evolução como realidade e postulado de sua explicação do mundo, Teilhard não compromete a doutrina da total gratuidade e liberdade do Criador em relação à

181 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44° Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

182 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965.

183 Ibid. Do ensaio *L'Union Créatrice*.

184 Ibid. Do ensaio *L'Union Créatrice*.

criação. Sua teoria da união criadora é a tentativa de conciliar as concepções nascidas de sua formação e experiência científica com a tendência que ele mesmo define como sendo uma tendência inata de busca do Divino no Mundo. Se a gênese de seu pensamento é evolucionista, “[...] seu evolucionismo é teocêntrico (DERENGOSKY, 1983, p. 64)¹⁸⁵. O jesuíta do Auvergne quer falar da criação sem negar a evolução e vice-versa. Por ter consciência das dificuldades que enfrentaria, ele retomaria esse tema muitas vezes durante sua vida. Em 1924, na segunda versão de *Mon Univers*, ele explicitaria:

A União criadora não é exatamente uma doutrina metafísica. É antes uma espécie de explicação empírica e pragmática do Universo, nascida em mim da necessidade de conciliar, num sistema solidamente ligado, as concepções científicas da Evolução (admitidas como definitivas na sua essência) com a tendência inata que me levou a procurar o Divino, não em ruptura como o Mundo físico, mas através da Matéria e, de qualquer ponto, em união com ela. A União criadora é a teoria segundo a qual admitimos que, na fase atual evolutiva do Cosmos (a única que conhecemos) tudo se passa como se o Um se formasse por unificações sucessivas do Múltiplo – e como se ele fosse tanto mais perfeito quanto centralizasse sob si mais perfeitamente um Múltiplo mais vasto. Para os elementos agrupados pela alma num corpo (e elevados, por esse próprio fato, a um grau superior de ser) 'plus esse est plus cum pluribus uniri' [ser mais é ser unido com um maior número de elementos]. E para a própria alma, princípio de unidade, 'plus esse est plus plura unire' [ser mais é melhor unir um maior número de elementos]. Para ambos, receber ou comunicar a união é sofrer a influência criadora de Deus 'qui creat uniendo' [que cria unindo]. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 50)¹⁸⁶.

Enfim, pode-se dizer, com Claude Cuénot, que a teoria teilhardiana da união criadora “[...] não exclui em nada a existência do Um preexistente” (CUÉNOT, 1963, p. 87)¹⁸⁷, que atrai por amor os elementos do mundo para que estes se unam e sejam sempre mais e melhores.

A grande questão de Teilhard foi realçar a ação criadora de Deus no mundo e isto lhe renderia uma outra espécie de crítica por parte da ortodoxia eclesial. O jesuíta seria acusado de ser muito ambíguo ou de não expressar de forma suficiente a transcendência de Deus.

Na sua concepção das relações entre o Cosmos e Deus, Teilhard de Chardin tem pontos fracos que não podem passar em silêncio. É verdade que ele afirma explicitamente e muitas vezes a necessidade e a personalidade

185 DERENGOSKY, Paulo Ramos. Teilhard de Chardin: cientista e místico. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 77, n. 6, p. 64-65, ago. 1983.

186 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974.

187 CUÉNOT, Claude. **Lexique Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1963.

transcendente de Deus. No entanto, na lógica do pensamento teilhardiano, a transcendência divina não é suficientemente expressa.¹⁸⁸

Para corroborar sua fala, o autor do comentário usa um texto de Teilhard que aparece em *Le Coeur de la Matière* e que diz assim:

Sob o efeito mesmo da operação unitiva que o revela a nós, Deus de algum modo 'se transforma' incorporando-nos. – Então, não mais simplesmente vê-Lo, e se deixar abraçar e penetrar por Ele, – mas *pari passu* (senão primeiramente) descobri-lo (ou mesmo, em certo sentido, 'acabá-Lo') sempre outro. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 64)¹⁸⁹.

A intenção de Teilhard neste texto era afirmar a profunda limitação do conhecimento humano em relação ao divino, que é eterna descoberta, e num certo sentido, suprema transcendência. Mas, para o comentarista do *monitum*, o jesuíta não teria expressado simplesmente “[...] um ponto de vista limitado de nosso conhecimento, mas uma realidade que atingiria igualmente a Deus. A saber, que Deus, em certo sentido, muda, aperfeiçoa-se, incorporando o mundo a ele”¹⁹⁰. Com efeito, ao se revelar no mundo, Deus não se deixa apreender na sua totalidade. Sua imanência não significa perda de transcendência, aliás o que pretende o místico é justamente resguardar esses dois aspectos da divindade. Por isso Teilhard fala nesse Deus que é sempre outro por ser revelação contínua no tempo e no espaço, aquele que é e que vem, o *Dieu de l'En Avant* que é ao mesmo tempo o *Dieu de l'En Haut*. Numa carta à Rhoda ele precisa essa ideia, que ele diz ser o coração de sua mensagem:

O que você me enviou na sua última carta me interessou muito. No que concerne ao discurso do Papa, você sabe que eu expressei as coisas de modo diferente: o conflito não é entre o cristianismo e o ateísmo, mas entre a antiga fé tradicional numa libertação celeste *para o alto*, e uma outra fé nova, numa libertação evolutiva *a frente*; e o ponto capital é ver que entre o *en haut* [para o alto] e o *en avant* [a frente] não há contradição, mas complementariedade essencial. Isto é o coração mesmo de minha mensagem. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 226)¹⁹¹.

Para conciliar sua fé no mundo e sua fé em Deus, Teilhard buscou uma representação de Deus que não contrariasse os ensinamentos da Igreja e, ao mesmo tempo, fosse passível de aceitação pelos homens de seu tempo. A resposta à sua procura é o Cristo Universal, ou como ele gostava de dizer, o Cristo sempre maior, o menino nascido de mulher, homem da Palestina

188 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44° Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

189 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

190 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44° Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

191 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 18 de setembro de 1948.

que por sua ressurreição assumiu a figura de um “Centro total no qual tudo se junta” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 68)¹⁹², um Deus que por amor desejou estar no meio de sua criação para divinizá-la. Assim Teilhard falava do Cristo amado desde a infância e suas palavras em nada contrariavam a doutrina eclesial. Mas não entenderam dessa forma e o acusaram de ter acrescentado uma terceira natureza ao Cristo: ao lado de sua natureza humana e de sua natureza divina, uma natureza cósmica. De fato, o jesuíta fala nessa terceira natureza, mas com o cuidado de sempre fundamentar sua visão nos escritos de São Paulo:

No Cristo total (sob este ponto a tradição cristã é unânime) não há somente o Homem e Deus. Mas há ainda Aquele que, no seu ser 'teândrico', une toda a Criação: 'in quo omnia constant'. Até aqui, e apesar do lugar dominante que São Paulo lhe dá na sua visão de Mundo, este terceiro aspecto ou função – ou mesmo, num sentido verdadeiro, esta terceira 'natureza' do Cristo (natureza nem humana nem divina, mas cósmica) – não atraiu muito ainda a atenção explícita dos fiéis e dos teólogos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 107)¹⁹³.

O que quer o jesuíta é realçar a presença universal do Cristo em meio à criação, de modo a não limitá-lo, como tão oportunamente salientou o teólogo Leonardo Boff (2008, p. 64):

Dessa forma, Cristo não fica reduzido a um segmento da existência, como se privatizado *ad usum Delphini* (para uso interno dos cristãos), na vida dos Sacramentos ou na piedade da Igreja. Nessa concepção cósmica, Ele ganha uma presença universal, comunica-se pelos elementos do mundo, supera as barreiras entre o sagrado e o profano, forma um único *Milieu Divin*, no qual o ser humano está mergulhado. A imensidade e a onipresença divinas são traduzidas por Teilhard como uma 'onipresença de cristificação'. É nesse contexto que ele fala do Cristo Universal, e até de uma terceira natureza de Cristo, natureza cósmica. [...] a cristologia cósmica quer ser uma *resposta* à pergunta pela unidade de toda a realidade da qual Teilhard teve a experiência; por um lado, como uma totalidade orgânica em evolução ascendente (a experiência do eu pagão); por outro, como totalidade unitária ainda, mas penetrada até as últimas fibras da matéria pela presença unificante de Cristo (a experiência do eu cristão).¹⁹⁴

Pode-se dizer que a linguagem empregada por Teilhard para falar de Cristo é bastante entusiasmada, ardente. Mas ela apenas expressa sua fé. E como lembrou Henri de Lubac (1962, p. 22), a obra teilhardiana “[...] é a obra de um crente que propõe aos homens sua visão do Cristo. Visão muito pessoal, mas do único Cristo do Evangelho e da Igreja”¹⁹⁵.

192 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

193 Ibid.

194 BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo cósmico**: a busca da unidade do Todo na ciência e na religião. Rio de Janeiro: Record, 2008.

195 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

Outra crítica desferida à Teilhard diz respeito à ligação que ele estabeleceu entre a Criação, a Encarnação e a Redenção. Ao tratar destes três mistérios fundamentais do cristianismo, Pierre não teria explicitado claramente, diz o comentário ao *monitum*, a distinção e a diferença entre as ordem natural e sobrenatural e sendo assim não poderia “[...] logicamente salvaguardar a gratuidade total dessa última ordem, e então da graça”¹⁹⁶. O desejo que animou Teilhard durante toda a sua vida foi estabelecer uma relação de continuidade entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, de modo que ambas fossem entendidas num movimento de inter-relação e diferenciação, mas nunca de oposição. O que verdadeiramente preocupava o jesuíta francês era “[...] o monstruoso 'sobrenatural' engendrado pelos teólogos (desde Agostinho). Um sobrenatural fabricado [...]. Um *extra-natural*, de fato, muito mais que um verdadeiro *sobre-natural*” (LEROY, 1976, p. 232-233)¹⁹⁷. Da mesma forma ele quis falar da ligação entre Criação, Encarnação e Redenção para realçar a unidade do plano de Deus, ou melhor dizendo, a existência de um único e soberano desígnio de Deus para suas criaturas, um desígnio motivado pelo amor que em sua essência é gratuidade, é dom.

O místico do Auvergne também foi criticado por não estabelecer ou não conhecer claramente “[...] as fronteiras profundas que separam a matéria e o espírito. Fronteiras que, verdadeiramente, não impedem relações entre as duas ordens (substancialmente unidas no homem), mas que marcam claramente suas diferenças essenciais”¹⁹⁸. No entanto, o próprio texto reconhece, estas fronteiras não estão tão perfeitamente delimitadas:

É verdade que a distinção essencial entre a matéria e o espírito não foi explicitamente definida; mas ela constitui um ponto de doutrina que aparece sempre na filosofia cristã, esta filosofia que na encíclica *Humani generis* Pio XII qualifica de 'recebida e comumente admitida na Igreja'. Esta mesma doutrina é explicitamente ou implicitamente pressuposta pelo ensinamento ordinário e universal da Igreja; e precisamente por isso esta mesma encíclica reprova a posição contrária.¹⁹⁹

Teilhard não negou as diferenças entre espírito e matéria, ele não aceitou a relação entre as duas realidades, ou duas faces da realidade, pensada em termos de antagonismo. Sua ideia era pensar esta relação como complementariedade:

196 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44° Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

197 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 30 de março de 1954.

198 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44° Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

199 Ibid.

A Matéria matriz do Espírito. O Espírito, estado superior da Matéria. Nestas duas proposições, tornadas o eixo mesmo de minha perspectiva e de meu progresso interior, a palavra espírito tomou doravante um sentido preciso e concreto. Ela se tornou *o termo estaturado de uma operação definida* (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 45)²⁰⁰.

A fala indica a percepção da diferença, ou seja, o jesuíta francês conhece bem as fronteiras que separam matéria e espírito. Só que ele sabe bem que fronteiras não são necessariamente muros. O desejo de Teilhard era chegar a uma ciência da totalidade, ou seja, uma ciência capaz de considerar o real em todas as suas dimensões e aspectos, uma hiperfísica, que segundo Norbert Luyten (1965, p. 21),

[...] está em continuidade com a realidade experimental e não admite nenhuma ruptura na explicação do real. Não há, ao lado da realidade experimental, um mundo de ideias e de princípios. Vimos como Teilhard viu a metafísica tradicional como um mundo de ideias e de princípios destacados da realidade concreta. Sua ciência lhe dará uma explicação coerente e homogênea do mundo: matéria e espírito serão englobados nesta interpretação coerente.²⁰¹

O jesuíta cientista sempre buscou uma explicação do mundo capaz de englobar e conciliar aspectos aparentemente contraditórios. Uma visão de mundo que desconsiderasse a matéria em nome do espírito, tal como era o princípio da ascese cristã de seu tempo, era no mínimo entendida por ele como sendo uma visão de mundo incompleta. Explicar a totalidade era sua meta e por isso ele até poderia ser acusado de pretensioso, mas não de desconhecedor dos limites. Hoje, pode-se dizer que o pensamento de Teilhard, ou melhor dizendo, que sua contribuição no que diz respeito ao “[...] problema espírito-matéria é de uma importância muito grande, e corresponde aos imperativos do pensamento moderno por seu antidualismo e sua visão em cosmogênese” (CUÉNOT, 1965, p. 85)²⁰². Na verdade, ele superou as clássicas divisões dualistas e com isso causou espanto em muitos pensadores, sejam eles ateus ou religiosos. Vozes poderosas se ergueram, pois, contra ele (DERENGOSKI, 1983)²⁰³.

O pensamento teilhardiano, no que diz respeito ao pecado, também será alvo das advertências contidas no comentário ao *monitum*:

Teilhard gosta de considerar o pecado de um ponto de vista coletivo mais que individual e, para o pecado original, ele se opõe mais de uma vez a uma transmissão hereditária. [...]. Sobre este ponto de vista, o pensamento de

200 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

201 CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Première séance. La méthode du Père Teilhard. Rapport du R. P. Norbert Luyten.

202 Ibid. Première séance. La méthode du Père Teilhard. Rapport de Claude Cuénot.

203 DERENGOSKI, Paulo Ramos. Teilhard de Chardin: cientista e místico. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 77, n. 6, p. 64-65, ago. 1983.

Teilhard é muito desconcertante e está em desacordo com a doutrina do Concílio de Trento sobre o pecado de Adão, doutrina retomada pela encíclica *Humani generis* que ensina que o pecado original 'tem sua origem num pecado verdadeiramente pessoal cometido por Adão, e que, difundido em todos pela geração, se encontra e pertence a cada um.²⁰⁴

Na verdade, o jesuíta se sentia desconcertado com as ideias sobre o pecado tal como apresentadas pela Igreja. Foi justamente seu texto sobre esse assunto que o fez se indispor com as autoridades, ou melhor dizendo, que fez com que estas passassem a olhá-lo com desconfiança. Mas, é sempre bom lembrar, esse texto não foi escrito para ser publicado. O que ele desejava era explicar o pecado de modo mais racional. Antes de tudo é preciso compreender, como adverte Henri de Lubac, que Teilhard não era um teólogo de profissão (DE LUBAC, 1962)²⁰⁵. Além disso, ele era cientista, mais especificamente, paleontólogo; não podia desconsiderar a historicidade dos fatos. A sua experiência científica o fez ver a impossibilidade de se falar num começo absoluto do mundo e “[...] é por isto que ele fez desta lei – não há começo absoluto – uma lei fundamental de sua explicação do mundo” (L’ABBÉ LAVOCAT, 1965, p. 47)²⁰⁶. A Igreja, no seu entendimento, não deveria, para salvar o dogma, refugiar-se naquilo que a experiência conseguiria facilmente desmentir.

Por fim, e talvez a acusação mais forte relaciona-se ao lugar do mundo na ascese de Teilhard de Chardin, que teria, de algum modo em seu sistema, naturalizado demais o sobrenatural²⁰⁷. O comentarista admite que o jesuíta teve uma vida espiritual intensa, mas ressalta: “[...] nós não podemos segui-lo nem aprová-lo quando, na sua ascese original, ele dá ao mundo, depois de Deus, um lugar e um valor muito altos”²⁰⁸. E cita uma passagem de *Comment je crois* na qual Pierre professa sua fé no mundo como fundamento de sua fé em Deus, acrescentando: “Estas palavras datam de 1934. Como seria melhor que elas nunca tivessem sido escritas”²⁰⁹.

O místico do Auvergne, sem sombra de dúvida, amou o mundo pelo Único Necessário que o mundo lhe revelava. Foi justamente este amor que o fez compreender o mundo como santificável. Ele não negou a transcendência e a gratuidade do sobrenatural, mas

204 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

205 “Nem metafísico de vocação nem teólogo de profissão, o Padre Teilhard de Chardin era um místico”. DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962, p. 119.

206 CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Première séance. La méthode du Père Teilhard. Intervenção de M. L'Abbé Lavocat.

207 Interessante observar que entre idas e vindas é sempre o mesmo problema da tentativa de conciliação entre natural e sobrenatural que fez de Teilhard um “quase herético” aos olhos da igreja.

208 MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380. Comentário ao Monitum.

209 Ibid.

tratou da relação entre natureza e graça em termos de transformação e integração, ou se se pretende ser mais ortodoxo, em termos de transfiguração ou transubstanciação (TEILHARD DE CHARDIN, 1976)²¹⁰.

Afirmado assim a 'transformação' que sofre a natureza por sua passagem à ordem sobrenatural, o Padre Teilhard de Chardin sugeria de uma maneira particularmente expressiva a transcendência desta ordem sobrenatural, ao mesmo tempo que usava um dos termos mais tradicionais para traduzir esta transcendência. [...]. Que a natureza criada permaneça ela mesma, que não seja absorvida, aniquilada, e não obstante que ela seja levada a um estado todo outro, transformada, 'metamorfoseada', 'transfigurada' –, e não apenas ampliada, prolongada, acabada na sua ordem, – eis o que supõe a eficaz realidade deste princípio divino ao qual a teologia clássica deu o nome de 'sobrenatural'. E a tradição cristã gostou, sabe-se, de reconhecer na transformação da água em vinho pelo milagre de Caná, ao mesmo tempo que um símbolo da passagem do Antigo ao Novo Testamento, um símbolo falando da divinização de nossa natureza pelo Cristo. (DE LUBAC, 1962, p. 180-181)²¹¹.

O sobrenatural não pode ser pensado, no entendimento de Teilhard, como algo que destroi a natureza, mas antes como aquilo que a faz permanecer sendo o que é, ao mesmo tempo que a faz ser totalmente outra²¹². E aqui, parece claro, o místico não contraria o espírito do evangelho; o vinho de Caná é obtido através da água que os empregados traziam, o mundo não precisa ser destruído, deve ser divinizado.

Pierre não foi compreendido. Durante a vida foi proibido de ensinar ou publicar seus escritos e manteve-se obediente. Depois de sua morte, tentaram interditar a divulgação de suas ideias. Mas, como ele mesmo afirmara, tudo o que é de Deus passa, seu pensamento foi sendo conhecido por cada vez mais pessoas e sua existência foi considerada como aquela de um profeta.

Em 1955, o Padre Teilhard morreu, numa aparente desgraça, no interior de sua Ordem. Uma dezena de anos bastou para que sua existência contrariada, impedida, acreditava ele, de 'frutificar numa obra tangível', aparecesse hoje como aquela de um precursor: primeiro esboço de uma obra desejada pelo Espírito. Como outrora vidas religiosas foram consagradas ao cuidado dos leprosos ou à libertação dos cativos, ele se sentiu chamado a servir à libertação do homem – este novo tipo de homem que ele via nascer no seio da civilização moderna, flecha da evolução do Mundo – ao mesmo tempo ambicioso e frágil, exaltado por sua potencialidade e às vezes esmagado por ela. Uma vida de padre devotada ao serviço do homem! Esta vocação parecia

210 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. No ensaio *Le Christique*, o Cristo cósmico é apresentado como “onipresença de transformação”, efeito e prolongamento da “transubstanciação” eucarística.

211 DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

212 Os católicos professam a fé no mistério eucarístico justamente em termos de transubstanciação, ou seja, pão e vinho enquanto elementos do mundo tornados corpo e sangue de Cristo.

então singular. E eis que hoje a Igreja inteira a faz sua. (D'QUINCE, 1968, p. 23)²¹³.

O que poderia parecer desgraça era na verdade a graça de Deus operando na vida daquele que nunca duvidou dessa presença tão amorosa e tão íntima. Seu desejo de ser um evangelista do Cristo no universo, um apóstolo de Deus no mundo, foi por ele concretizado e, principalmente, foi chama incendiária na Igreja que ele tanto amou e à qual foi fiel até o fim. Os Padres reunidos no Concílio Vaticano II dedicaram uma Constituição Pastoral para exprimir as relações da Igreja com o mundo. Nas trilhas abertas pelo jesuíta do Auvergne, a Igreja conciliar solidarizou-se com a família humana e assumiu como suas as alegrias e esperanças, tristezas e angústias de todos os homens²¹⁴. Era o despertar de um novo tempo e Teilhard teria se regozijado com as novas diretrizes assumidas pela mesma hierarquia que um dia o acusara de amar demasiadamente o mundo.

Hoje fala-se numa possível reabilitação no jesuíta francês por parte do Vaticano. E dois acontecimentos são apontados como sinais desse processo, uma carta escrita por um cardeal em nome de João Paulo II e uma homilia proferida por Bento XVI.

No ano de 1981, quando o Instituto Católico de Paris comemorava o centenário de nascimento de Teilhard de Chardin, o cardeal Agostino Casaroli escreveu, em nome do Papa João Paulo II, uma carta ao reitor daquela instituição. Esta carta, publicada posteriormente na primeira página do *L'Osservatore Romano*, é considerada a carta de reabilitação do jesuíta do Auvergne. No entanto ela deve ser lida com cautela. Se por um lado Pierre é elogiado e reconhecido por suas pesquisas, sua personalidade e pela riqueza de seu pensamento; por outro lado permanecem as advertências, agora mais veladas, em relação à sua obra.

A comunidade científica internacional e, mais amplamente, o mundo intelectual inteiro prepararam-se para celebrar o centenário do nascimento do Padre Teilhard de Chardin. A ressonância surpreendente das suas pesquisas, unida ao fascínio da sua personalidade e à riqueza do seu pensamento, caracterizaram de modo duradouro a nossa época. Uma forte intuição poética do valor profundo da natureza, uma percepção aguda do dinamismo da criação, uma ampla visão do devir do mundo se cruzavam nele com um inegável fervor religioso. Ao mesmo tempo, a sua tenaz vontade de diálogo com a ciência de seu tempo e o seu otimismo intrépido perante a evolução do mundo deram às suas intuições, através do fulgor das palavras e da magia das imagens, uma considerável ressonância. Totalmente voltada para o

213 D'QUINCE, René. Prefácio. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968, p. 7-27.

214 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral 'Gaudium et Spes' sobre a Igreja no mundo de hoje. In: Frederico VIER (Coordenador geral). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 141-256. Já na abertura do Concílio, João XXIII teria se deixado iluminar pelas intuições teilhardianas, sobretudo seu otimismo e sua esperança. Cf. VIGORELLI, Giancarlo. **II gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

futuro, essa síntese da expressão comumente lírica e permeada de paixão do universal contribuiu para voltar a dar aos homens, tomados pela dúvida, o gosto da esperança. Mas, ao mesmo tempo, a complexidade dos problemas abordados, assim como a variedade das abordagens utilizadas não deixaram de levantar dificuldades, que motivam, justamente, um estudo crítico e sereno – tanto no plano científico, quanto no filosófico e teológico – dessa obra fora do comum. [...]. Sem dúvida, o nosso tempo recordará, para além das dificuldades da concepção e das deficiências da expressão dessa audaciosa tentativa de síntese, o testemunho da vida unificada de um homem aferrado por Cristo nas profundezas do seu ser, e que teve a preocupação de honrar, ao mesmo tempo, a fé e a razão, respondendo quase que antecipadamente a João Paulo II: 'Não tenham medo, abram, escancarem as portas a Cristo, os imensos campos da cultura, da civilização, do desenvolvimento'.²¹⁵

O texto da carta difere muito daquele do *monitum*; o tom é bastante ameno e elogioso, indicando uma possível compreensão do pensamento teilhardiano por parte daqueles que antes o olhavam com desconfiança; mas não se trata de um documento oficial de Roma que, aliás, publicaria mais tarde uma declaração afirmando que o veredicto de 1962 acerca da obra teilhardiana ainda vigorava²¹⁶.

Uma breve nota publicada no L'Osservatore Romano do dia 11 de julho do mesmo ano pela Sala de Imprensa da Santa Sé esclareceria que a carta em questão não deveria ser considerada como uma 'reabilitação' do jesuíta francês, nem deviam se considerar como resolvidos os aspectos problemáticos de seu pensamento.²¹⁷

Não se pode negar, porém, que a mesma Igreja que antes alertava contra os grandes erros e ambiguidades do pensador do Auvergne mostrava-se agora disposta a uma utilização mais positiva de seu pensamento.

Em 24 de julho de 2009, durante uma celebração das Vésperas, na catedral de Aosta, no norte da Itália, o então Papa Bento XVI, ao explicar uma oração comentou:

'Fazei com que a vossa Igreja se ofereça a Vós como sacrifício vivo e santo'. Este pedido, feito a Deus, é dirigido também a nós mesmos. É uma referência a dois textos da Carta aos Romanos. Nós mesmos, com todo o nosso ser, temos que ser adoração e sacrifício, restituir o nosso mundo a

215 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/531321-12-de-maio-de-1981-carta-reabilita-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 11 set. 2014.

216 “Respondendo à agitação criada pela carta, o Vaticano publicou uma declaração insistindo que o veredito de 1962 sobre Teilhard ainda vigorava – até hoje, é o último pronunciamento oficial de Roma sobre Teilhard”. ALLEN JR, John L. Papa cita Teilhard e sua visão do cosmos como 'hóstia viva'. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias-arquivadas/24332-papa-cita-teilhard-e-sua-visao-do-cosmos-como-%60hostia-viva%60>>. Acesso: 11 set. 2014.

217 BADILLA, Luis. Há 60 anos, a morte do 'jesuíta proibido', Pierre Teilhard de Chardin. Sbardelotto. Disponível em: <<http://ihu.unisinos.br/noticias/541484-ha-60-anos-a-morte-do-jesuita-proibido-pierre-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 08 abr. 2015. A reportagem foi publicada no sítio II Sismografo no dia 07 abr. 2015.

Deus e assim transformar o mundo. A função do sacerdócio é consagrar o mundo a fim de que se torne hóstia viva, para que o mundo se torne liturgia: que a liturgia não seja algo ao lado da realidade do mundo, mas que o próprio mundo se torne hóstia viva, se torne liturgia. É a grande visão que depois teve também Teilhard de Chardin: no final teremos uma verdadeira liturgia cósmica, onde o cosmos se torne hóstia viva.²¹⁸

Ainda que não se tratando de uma reabilitação oficial por parte do Vaticano, o comentário proferido pelo pontífice, que tem um peso maior no universo católico, entusiasmou os defensores de Teilhard.

Mesmo tendo sido oferecida apenas de passagem e, sem dúvida, sujeita a interpretações exageradas, a frase de Bento XVI, no entanto, provocou manchetes na imprensa italiana sobre uma possível 'reabilitação' de Teilhard, referido às vezes como o 'Darwin católico'. Essa leitura parece especialmente tentadora, já que, como um teólogo consumado, Bento XVI está consciente da controvérsia que gira em torno de Teilhard e, por isso, compreende o provável impacto de uma possível referência papal. Ao menos, a frase pareceu oferecer uma bênção à exploração das ideias do falecido jesuíta. A impressão pareceu se confirmar pelo porta-voz do Vaticano, o jesuíta Pe. Frederico Lombardi, que disse depois: 'Até agora, ninguém sonharia dizer que Teilhard é um autor heterodoxo que não deveria ser estudado'.²¹⁹

Reabilitado ou não, o fato é que o místico francês, que desejou ardentemente fazer ver aquilo que antes lhe fora revelado e que foi tão severamente vigiado pelos muitos censores designados para impedi-lo de falar, começa a ser finalmente reconhecido pela autoridade que ele sempre obedeceu. Fiel à Igreja e a si mesmo ele não mudou e se assim o fez, diz Vigorelli, foi por animá-lo “[...] esperança, ou antes a certeza, de que um dia seus adversários seriam chamados a mudar” (VIGORELLI, 1963, p. 280)²²⁰. Sua espera parece não ter sido em vão.

Teilhard misturou-se ao sangue que desejava corrigir nunca cogitando a possibilidade de uma renúncia. A opção pela fidelidade acima de tudo o levou ao Oriente que influenciaria profundamente a sua vida, assim como as mulheres, a guerra e a crise. Os anos

218 BENTO XVI. Celebração das Vésperas na Catedral de Aosta: Homilia. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090724_vespri-aosta_po.html>. Acesso: 11 set. 2014.

219 ALLEN JR, John L. Papa cita Teilhard e sua visão do cosmos como 'hóstia viva'. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias-arquivadas/24332-papa-cita-teilhard-e-sua-visao-do-cosmos-como-%60hostia-viva%60>>. Acesso: 11 set. 2014. A aproximação de Ratzinger e Teilhard é marcada por controvérsias. Em seu livro *Introdução ao Cristianismo* o cardeal reconhece as contribuições teilhardianas no que se refere ao aprofundamento das dimensões cósmica e metafísica do cristianismo, mas num “[...] comentário na sessão final do Concílio Vaticano II (1962-65), o jovem Ratzinger queixou-se de que a '*Gaudium et Spes*', a 'Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual', minimizou a importância da realidade do pecado por causa de uma influência excessivamente 'francesa' e especificamente 'teilhardiana’”.

220 VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

vividos em contato com as pulsantes realidades orientais moldariam, de certa forma, sua espiritualidade. É o que será discutido no próximo capítulo desse trabalho.

CAPÍTULO IV

TEILHARD E O ORIENTE

Assisti esta manhã a um regresso de peregrinação a Meca, conforme com todas as regras. Creio ter-vos dito que cada peregrino é levado da estação a casa em triunfo, em traje de gala árabe e muitas vezes... de tipoia. [...]. O lado impressionante da cerimônia é ver os indígenas acorrerem em grande número ao santo que regressa de Meca, a fim de lhe beijarem as mãos; aí há também uma ideia muito religiosa e muito elevada (TEILHARD DE CHARDIN, 1967, p. 151-152)¹.

Do Cairo, em 1907, Teilhard escreve aos pais falando um pouco sobre sua primeira estadia no Oriente. Esta passagem pelo Egito foi parte de sua formação jesuíta. Àquele país o jovem foi enviado para lecionar. Mais tarde ele retornará ao Oriente, dessa vez à China, por motivos diferentes. Se a jornada egípcia foi parte da formação na Companhia de Jesus, a jornada chinesa fez parte do exílio imposto pela Igreja, através da Companhia de Jesus, ao confrade que pensava de modo muito novidadeiro.

O que nos interessa, pois, é que o trecho desta carta de 1907 nos revela um Teilhard bastante ecumênico ou, como preferimos e ousamos dizer, um Teilhard planetário, homem capaz de se encantar com as mais diferentes e inusitadas realidades, homem que se deixava deslumbrar pelo mundo e todas as suas cores e cheiros, melodias e sabores. Tendo sido enviado ao Egito para lecionar conforme fora determinado por seus superiores, o jovem jesuíta se deixa abrir ao novo mundo à sua frente. Segundo Baudry, as grandes expedições científicas realizadas por Teilhard “[...] no extremo Oriente ofuscaram sua estadia no Egito. No entanto, esta primeira experiência exótica o marcou profundamente” (BAUDRY, 2005, p. 7)². O espírito aventureiro, sempre presente, ativa seus sentidos e amplia sua capacidade de assimilação, características que o acompanharão pelo resto da vida.

Junto à Primeira Guerra Mundial e ao conhecimento do universo feminino, a experiência com o Oriente constitui a trilogia dos acontecimentos decisivos na vida de nosso místico (ZILLES, 2001)³. O Oriente, sobretudo a China, foi uma espécie de segunda pátria de

1 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas do Egito: 1905-1908**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967. Carta de 17 de março de 1907.

2 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin et l'appel de l'Orient**. La convergence des religions. Saint-Étienne: Aubin Éditeur, 2005.

3 ZILLES, Urbano. **Pierre Teilhard de Chardin: ciência e fé**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Nós acrescentamos a crise com a Igreja também como um fator importante na tessitura do pensamento teilhardiano.

Teilhard⁴. Nos anos que passou no Cairo ele se dedicou ao ensino da física e da química no Colégio da Sagrada Família. Além dessa tarefa docente, ele começou a se sentir cada vez mais apaixonado pela geologia e pela paleontologia, ou seja, foi no Oriente que ele viu nascer ou se expandir sua vocação científica “[...] a ponto de ocupar, diria-se, todo o seu horizonte mental. As cartas que envia regularmente ao país são quase exclusivamente dedicadas à narrativa das excursões e das pesquisas ao redor do Cairo ou de outras zonas do Egito” (BAUDRY, 2010, p. 34)⁵. O próprio Teilhard, ao escrever seu currículo a pedido do editor chefe da *Études*, na ocasião de sua eleição à Academia de Ciências, teria dito que a Ásia revelara para ele a grandeza da terra e de seus fenômenos (TEILHARD DE CHARDIN, 1976)⁶. E foi, sobretudo, em meio aos encantamentos das terras orientais que ele viu crescer e amadurecer sua espiritualidade, o que realmente importa, como revela uma carta escrita à prima Marguerite em 15 de outubro de 1923:

A viagem terminara e eu senti vivamente que, em si mesma, a deslocação no espaço nada acrescenta ao homem. Regressado ao ponto de partida, ao menos que haja aumentado sua vida interior, coisa que não transparece, ele mantém-se igual ao resto dos mortais. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 58)⁷.

No Oriente ele experimentou aquilo que se pode chamar seu amor apaixonado pelo Universo:

Entre o Mundo dos Animais e o Mundo das Energias, como uma base fundamental, o Mundo das Pedras. E, sobre este conjunto solidamente ligado [...] uma primeira onda de exotismo tombando sobre mim: o Oriente entrevisto e 'bebido' avidamente, não a partir de seus povos e de sua história (ainda sem interesse para mim), mas na sua luz, sua vegetação, sua fauna e seus desertos... Tal era, por volta dos meus 28 anos, o complexo espiritual, um pouco confuso, no seio do qual fermentava, sem chegar ainda a lançar uma chama bem nítida, meu amor apaixonado pelo Universo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 32)⁸.

4 Há de se ressaltar que no dia 19 de outubro de 2014 a Universidade de Beijing realizou um encontro sobre Teilhard de Chardin. Esse encontro teria sido organizado por um grupo de chineses que desejam criar na China uma Associação de Amigos de Teilhard. No final desse encontro “[...] os participantes decidiram continuar os esforços para sensibilizar os intelectuais chineses sobre o pensamento de Teilhard. Entre outras medidas, decidiram convocar um fórum em 2015 por ocasião do aniversário de morte do cientista jesuíta”. Reportagem publicada no boletim jesuíta Servicio Digital de Información SJ em 05 nov. 2014. Tradução de André Langer. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/537292-china-o-interesse-por-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 08 abr. 2015. É o reconhecimento daquele país que acabou sendo a 2ª pátria de Teilhard.

5 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

6 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. Em *La carrière scientifique du Père Teilhard de Chardin*.

7 Id. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugalíia Editora, 1969. Carta de 15 de outubro de 1923.

8 Id. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

O Oriente exaltou em Pierre o senso cósmico. Antes de descobrir o mundo dos homens, é primeiramente o mundo das coisas que se oferece a ele,

[...] com sua vida exuberante e o seu mistério essencial. A este ‘apelo dos trópicos’ se entrelaça o ‘canto das sereias’, ou seja, aquilo que ele chamava a sua ‘tentação panteísta’, que havia sentido em Jersey mas que neste ponto chega ao cume. [...]. Sente vivamente estar ‘imerso em Deus com toda a natureza’. (BAUDRY, 2010, p. 36)⁹.

Esta tentação panteísta que ele sentiu muito mais como tentação da Matéria foi, no entanto, muito importante na evolução de seu pensamento. É o que nos diz Baudry (2010, p. 39):

[...] a tentação panteísta, no seu momento mais crítico, me parece um dos momentos dialéticos importantes da evolução de seu pensamento. Durante os seus estudos clássicos, literários e filosóficos, tinha tomado conhecimento do panteísmo antigo. A isto se junta o influxo do romantismo, não privado de tendências panteístas. Estou pessoalmente propenso a acreditar que o panteísmo, imaginado por Teilhard nesta época, seja antes de tudo uma visão filosófico-poética, que lhe permite explicitar a sua descoberta do Grande Todo, pelo qual se sente vivamente atraído, e ao mesmo tempo de exorcizá-la aproximando-a dos panteísmos pagãos. Para dizer a verdade, a sua fé cristã em um Deus pessoal não foi nunca colocada em questão por este panteísmo, que podemos qualificar de visceral mas que, a rigor, não é panteísmo.¹⁰

Na verdade o próprio Teilhard fala em sua autobiografia do risco por ele enfrentado não do panteísmo, mas da perda em “[...] uma forma inferior (a forma banal e fácil) do Espírito panteísta: o panteísmo de efusão e de dissolução. [...]. Para ser Tudo me fundir com tudo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 32)¹¹, risco do qual foi salvo, diz ele, pela sua descoberta da evolução. O Deus captado por Teilhard no mundo não se deixa dissolver no mundo. É o Deus Encarnado, que deseja se banhar nas águas da matéria e que delas emerge para divinizá-las.

Para o padre cientista, a distância dos ambientes eclesiais franceses acabou se revelando uma oportunidade de se sentir livre. Na China ele passaria grande parte de sua vida. E se o país não lhe encantara inicialmente, aos poucos ele se deixou passar aos chineses¹².

9 BAUDRY, Gérard-Henry . **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

10 Ibid.

11 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

12 Numa carta à Marguerite ele diz: “Uma vez mais foi a fé no Espírito ou no Bem que triunfou. Vim deste encontro com Hedin definitivamente fixado na minha linha. E assim, também eu (como, aliás, a Igreja...) passo para os Chineses”. Id. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugalíia Editora, 1969, p. 129. Carta de 13 de abril de 1929.

Ainda que se possa dizer que suas ideias não tenham nascido no Oriente, não se pode negar que ali ele encontrara um clima estimulante para escrever, como teria confiado a uma amiga:

Seria perfeito, no entanto, se no próximo ano eu pudesse ter seis ou oito meses de isolamento na China. Eu tenho necessidade de um período assim para assimilar e anotar o que eu vejo atualmente; e por alguma razão obscura, o Extremo-Oriente é para mim o clima mais estimulante para escrever. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 153)¹³.

Incapaz de falar diferente do que pensava, o Oriente o deixou mais a vontade para elaborar ou reelaborar suas ideias, para ver e expressar a verdade que a ele se revelava. Some-se a isto o fato de que, quando explodiu a 2ª Guerra e os japoneses ocuparam a China, ele se viu obrigado a abandonar suas pesquisas de campo. Confinado em Pequim, só lhe restava refletir.

No entanto, é preciso ser justo: o que ele perdeu do lado científico, ele ganhou talvez sobre o terreno filosófico e teológico. Sua vida reclusa em Pequim será, com o período da primeira guerra, um dos mais fecundos de sua vida. Ele lhe permitirá aprofundar seu pensamento e ele arranjará a calma e o tempo necessários para escrever numerosos ensaios. (BAUDRY, 2005, p. 64)¹⁴.

Nesse sentido é possível afirmar que se os anos orientais serviram de plataforma para sua carreira científica, da mesma forma foram terreno fértil para o amadurecimento de sua espiritualidade, uma espiritualidade fundada no amor à matéria e na consciência da unidade com o Todo, uma espiritualidade encarnada, enfim, uma espiritualidade que faz sentir Deus em todas as coisas.

4.1 O poder espiritual da matéria

Uma vez que, por falta do zelo espiritual e da sublime pureza dos vossos Santos, vós me destes, meu Deus, uma simpatia irresistível por tudo aquilo que se move na matéria obscura – uma vez que, irremediavelmente, reconheço em mim, mais do que uma criança do Céu, um filho da Terra –, eu subirei, esta manhã, em pensamento, sobre os lugares altos, carregado com as esperanças e misérias de minha mãe; e aí – pleno de um sacerdócio que somente vós, creio, me destes –, sobre tudo aquilo que, na Carne humana, está a ponto de nascer ou de morrer sob o sol que se levanta, eu invocarei o Fogo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 19)¹⁵.

13 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 16 de janeiro de 1939 a Rhoda de Terra.

14 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin et l'appel de l'Orient**. La convergence des religions. Saint-Étienne: Aubin Éditeur, 2005.

15 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

Em maio de 1923, Teilhard chega pela primeira vez na China e logo em seguida parte, com Émile Licent, numa expedição a Ordos. Inicialmente desinteressado, rapidamente ele se deixa seduzir pelo deserto e suas paisagens. Ali, no seio de uma expedição científica e impedido de celebrar por falta das espécies sacramentais, ele reza então sua *Missa sobre o Mundo*. Trata-se, na verdade, de uma meditação escrita de forma poética, onde o místico confessa sua simpatia irresistível pela matéria.

Já na Guerra, ele vivenciara uma situação semelhante. Na floresta do Aisne, sem pão, nem vinho, nem altar, ele oferece o Mundo como sacrifício a Deus¹⁶. No deserto de Ordos ele repete a meditação e vai precisando suas ideias, como revela uma carta escrita à prima Marg em 26 de agosto de 1923:

Continuo a elaborar pouco a pouco, um pouco melhor, rezando, a 'minha missa sobre as coisas'. Parece-me que em certo sentido a verdadeira substância a consagrar diariamente é o crescimento do mundo nesse dia – simbolizando o pão bastante bem o que a Criação chega a produzir, o vinho (sangue), o que ela faz perder em esgotamento e em sofrimento pelo esforço que exige. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, 52)¹⁷.

Se na Guerra as ideias nasceram, no Oriente elas amadureceram. Em agosto de 1926, quando voltava à China pela segunda vez, ele escreve uma carta à prima confidente comentando sobre essa mudança:

Envelheci decerto, sinto-me até mais velho do que era há três anos ou mesmo há dezoito meses. As ideias já não brotam em mim com a mesma exuberância, com a mesma embriaguez perene de outrora. Essa espontaneidade, essa fecundidade duram apenas determinado tempo numa vida humana. Em contrapartida, no fundo, não creio ter mudado. Mais friamente, quase sem alegria, é ainda a mesma posse do Mundo que procuro. Vinte e cinco anos de experiência me ajudaram a definir melhor a natureza e o sentido do encanto que eu sentia confusamente flutuar na Matéria. Vejo mais claro, adiro com mais firmeza. Simplesmente, sinto menos. É o mesmo encanto, mas sem encanto, que eu persigo agora. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 95)¹⁸.

16 Segundo Mantovani, o texto *Le Prêtre*, escrito em 1918, antecipa parcialmente *La Messe sur le Monde*. MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006. Naquela época Teilhard escrevera: “Visto que não tenho hoje, Senhor, eu, vosso Padre, nem pão, nem vinho, nem altar, vou estender minhas mãos sobre a totalidade do Universo, e tomar a sua imensidade como matéria do meu sacrifício”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 285. Do escrito *Le prêtre*.

17 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugália Editora, 1969. Carta de 26 de agosto de 1923.

18 Ibid. Carta de 26 de abril de 1926.

O envelhecimento é sentido pelo místico que parece um pouco desanimado. No entanto, ele o sabe, a espontaneidade dá lugar à profundidade na sua reflexão. Se as ideias não brotam com a mesma exuberância, elas se fortalecem cada vez mais ficando raízes.

No Oriente, talvez por estar afastado dos formalismos e convenções¹⁹, Teilhard se sente mais livre. O tom é mais ousado. Reconhecendo-se um filho da Terra e desprovido dos objetos litúrgicos, Teilhard se eleva “[...] acima dos símbolos até a pura majestade do Real” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 17)²⁰, carregando consigo todas as esperanças e misérias da Terra, sua mãe. E sobre elas invoca o Fogo, capaz de transformar todas as realidades, juntando-as numa única chama.

O Fogo era, para Pierre, o próprio Deus, o Verbo existente desde sempre, aquele pelo e para o qual tudo foi criado; “[...] potência inteligente, amante e ativa. No princípio havia o Verbo soberanamente capaz de sujeitar e de modelar toda a Matéria que nascia. No princípio não havia frio e trevas; havia o Fogo. Eis a verdade” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 20)²¹. O frio paralisa e as trevas impedem a visão; o fogo transforma e faz ver, sem nunca se revelar por inteiro. O fogo reúne em si o que parece contraditório: medo e encantamento, vida e morte. O ser fascinado frente a uma fogueira, diz Bachelard (2008, p. 25), “[...] ouve o *apelo da fogueira*. Para ele a destruição é mais do que uma mudança, é uma transformação”²².

Semelhante intuição teve o místico espanhol João da Cruz, quando falava da purificação da alma. Ele também recorre à imagem do fogo enquanto elemento que destrói para transformar no que se é.

Para maior clareza do que foi dito e se há de dizer ainda, é preciso observar aqui como esta purificadora e amorosa notícia divina, quando vai preparando e dispondo a alma para a união perfeita de amor, age à maneira do fogo material sobre a madeira para transformá-la em si mesmo. Vemos que este fogo material, ateando-se na madeira, começa por secá-la; tira-lhe a umidade, e lhe faz expelir toda a seiva. Logo continua a sua ação, enegrecendo a madeira, tornando-a escura e feia, e até com mau odor; assim a vai secando pouco a pouco, e pondo à vista, a fim de consumi-los, todos os elementos grosseiros e escondidos que a madeira encerra, contrários ao mesmo fogo. Finalmente, põe-se a inflamá-la e aquecê-la por fora, até penetrá-la toda e transformá-la em fogo, tão formosa como ele próprio. Em chegando a este fim, já não existe na madeira nenhuma propriedade nem

19 O próprio Teilhard fala dos formalismos e convenções como obstáculos à ação do Espírito. É o que revela essa carta: “... Os últimos dias da minha estada em Pequim foram tão agradáveis e úteis como os primeiros. [...]. O poder unificador do espírito excede em muito tudo o que possamos supor. Mas para que ele se manifeste é preciso que o espírito aja em estado puro, natural, e não envolto em formalismos e convenções”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugalia Editora, 1969. Carta de 04 de dezembro de 1923.

20 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

21 Ibid.

22 BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

atividade própria, salvo o peso e a quantidade, maiores que os do fogo. Assim, agora está seca, e seca; está quente, e aquece; está luminosa, e ilumina; está muito mais leve do que era antes; e tudo isso é obra do fogo na madeira, produzindo nela estas propriedades e efeitos. (JOÃO DA CRUZ, 2008, p. 116)²³.

O fogo não destrói a madeira, mas a transforma fazendo-a mais quente, luminosa e leve, tão formosa quanto ele. A madeira parece desaparecer quando ela apenas está sendo assimilada e transformada pelo fogo que dela se alimenta e nela se incorpora. A ideia de transformação é, no contexto do pensamento teilhardiano, muito importante para se compreender a relação entre matéria e espírito, sobretudo sua ideia da matéria matriz. Tal como fogo, o espírito não age na matéria para destruí-la, mas para transformá-la; e alimenta-se de sua seiva da mesma forma que os frutos de uma árvore, por mais altos e formosos que sejam, alimentam-se sempre de suas raízes.

Para Teilhard não há contradição. É justamente contra a tendência dualista e separatista que ele vai lutar durante toda sua vida. Assim ele escreve no seu *Le Milieu Divin*:

Em seus esforços pela vida mística, os Homens frequentemente cederam à ilusão de opor brutalmente, um ao outro, o Bem e o Mal, a alma e o corpo, o espírito e a carne. Apesar de certas expressões correntes, esta tendência maniqueísta nunca foi aprovada pela Igreja. Que nos seja permitido, para preparar o último acesso à nossa visão definitiva sobre o Meio Divino, defender e exaltar aquela que o Senhor veio revestir, salvar e consagrar, a saber, *a santa matéria*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 110)²⁴.

Teilhard amou a matéria por suas potencialidades. Quando ele confessa em sua autobiografia que sempre se sentiu atraído pela matéria, ele acrescenta, “[...] ou mais exatamente por alguma coisa que 'brilhava' no coração da Matéria” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 25)²⁵. Enfim, seu amor não se dirigia à matéria em si, mas à possibilidade que ela representava para ele do encontro com Deus. Por isso não é possível classificá-lo como materialista. Em 22 de fevereiro de 1916 ele teria escrito em seu diário: “A matéria é transmissora da ação divina, é divinizável por purificação e adesão ao corpo de Cristo [...]: eis o que é adorável nela” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 40)²⁶.

No ano de 1919, Teilhard escreveu um texto que ele chamou de *La puissance spirituelle de la matière*²⁷. Este escrito, pode-se dizer, desnuda a verdadeira alma do místico

23 JOÃO DA CRUZ. *Noite escura*. Petrópolis: Vozes, 2008.

24 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

25 Id. *Le Coeur de la Matière*. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

26 Id. *Journal*. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975.

27 Id. *Hymne de l'Univers*. Paris: Éditions du Seuil, 1961, p. 61-75.

apaixonado pela matéria e por Deus, que buscou durante toda a sua vida conciliar seus dois amores. A matéria é por ele descrita como “sopro que penetra a Alma”, “Força ambígua e perturbadora, essência combinada de todo o Mal e de todo o Bem”, “Realidade total e selvagem”, aquela que desde sempre o atrai, “divina e poderosa”, “essência de tudo o que se toca e sem a qual o homem não pode viver”, “[...] fogo que abrasa e água que arrasa, o amor que inicia e a verdade que passa. Tudo aquilo que se impõe e tudo aquilo que renova, tudo aquilo que solta e tudo aquilo que une: Força, Experiência, Progresso – sou eu, a Matéria” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 65)²⁸.

Ele descreve a luta entre o homem e a matéria que o seduz e desafia. Esta batalha, que foi empreendida pelo próprio jesuíta, não deve ser entendida como luta destrutiva, mas antes como luta que transforma e faz nascer uma nova criatura, como a lagarta que rasga o casulo para se tornar borboleta ou como a vela que se perde para produzir a chama. Foi preciso percorrer um longo caminho para que a matéria se tornasse diáfana para Teilhard. Atraído pela matéria, ele a experimentou primeiro como inimiga e com ela lutou.

Primeiro lutou para não ser tragado; depois lutou pelo prazer de lutar, para sentir que era forte. E quanto mais lutava, mais sentia um crescer de força saindo de si para equilibrar a tempestade; e desta em retorno, emanava um eflúvio novo, passando, abrasador, em suas veias. Do mesmo modo que o mar em certas noites fica iluminado ao redor do nadador, e tanto mais cintila em suas dobras quanto mais os membros robustos o abraçam com vigor, assim também a potência obscura que combatia o homem irradiava-se com mil fogos ao redor do seu esforço. Num despertar mútuo de suas potências opostas, ele exaltava sua força para dominá-la, e ela revelava seus tesouros para lhos entregar. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 65-66)²⁹.

Teilhard lutou contra a tentação de se deixar envolver e perder na matéria, depois lutou para submetê-la. Acreditou que podia viver sem ela ou que se aproximaria mais das coisas divinas se a rejeitasse. Mas seu corpo o fez ver que sem ela morreria de fome. A voz da consciência o diria:

Tempera-te na Matéria, Filho da Terra, banha-te em suas dobras ardentes, pois ela é a fonte e a juventude da tua vida. [...]. Banha-te na Matéria, filho do Homem. Mergulha nela, lá onde ela é mais violenta e profunda! Luta em sua corrente e bebe sua vaga! Foi ela que outrora embalou tua inconsciência – é ela que te levará até Deus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 66-68)³⁰.

28 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961. Todos os demais atributos utilizados pelo autor para se referir à Matéria encontram-se no referido texto. Colocamos entre aspas, visto que não são expressões nossas.

29 Ibid.

30 Ibid.

Para se aproximar de Deus, o homem não precisa desprezar a matéria; a própria necessidade orgânica o impede de fazê-lo. É preciso nutrir os sentidos para que o corpo não tombe e isto pela lei da natureza. Entre espírito e matéria, o jesuíta vislumbrava uma relação de interdependência:

'Para pensar, é preciso comer', repito. Mas, em contrapartida, que variedade de pensamentos pelo mesmo bocado de pão! À imagem das letras de um alfabeto, de que podem ser tanto a incoerência como o mais belo poema jamais ouvido, as mesmas calorias parecem tão indiferentes como necessárias aos valores espirituais que alimentam... (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 44-45)³¹.

Teilhard entrevia três atitudes frente à matéria depois do despertar cósmico: primeiro a de fusão, ou seja, a tentação panteísta de se deixar levar pela matéria. A segunda, contrária à primeira, de dominação da matéria. E por fim, como uma espécie de síntese das duas atitudes anteriores, o ponto de vista cristão da realização do Corpo de Cristo. Reconhecer em tudo o que nos rodeia a ação criadora de Deus e a esta ação se juntar, cooperando assim para o acabamento do corpo de Cristo. Enfim, “[...] *amar a Natureza como os pagãos, e lutar contra ela como o mais apaixonado discípulo da super Humanidade (Israel)*, pois Deus está no Mundo e a elaboração [...] do mundo realizará o Corpo de Cristo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 54)³².

Teilhard lutou com a matéria, mas não conseguiu vencê-la da mesma forma que não foi vencido por ela. Foi aí que “[...] a febre da luta deu lugar, em seu coração, a uma irresistível paixão de *sofrer*, e ele descobriu, num clarão – presente em tudo ao seu redor –, o *Único Necessário*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 68)³³. Finalmente, a matéria para ele se tornara transparente, revelando-lhe Aquele cuja busca antes o levara a rejeitá-la³⁴. Como um soldado retornando da batalha ou como o viajante que chega ao cume da montanha, ele soube que não seria nunca mais o mesmo:

Uma profunda renovação acabava de se operar nele, tal que não lhe era mais possível, agora, ser Homem *senão sobre um outro plano*. Agora, quando muito, desceria de novo sobre a Terra comum, talvez para junto do companheiro que permanecia lá, prostrado na areia deserta – mas, doravante, ele seria *um estrangeiro*. Sim, tinha consciência disso: mesmo para seus irmãos em Deus, melhores do que ele, doravante invencivelmente falaria uma língua incompreensível, ele a quem o Senhor decidira fazer tomar a rota

31 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

32 Id. Journal. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975. Nota de 09 de março de 1916.

33 Id. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

34 Quando fala da luta para submeter a matéria Teilhard faz referência provavelmente à velha tendência de opor ao materialismo uma espiritualidade desencarnada ou que se pretende totalmente espiritual.

do Fogo. – Mesmo para aqueles que mais amava, seu afeto seria um fardo, pois eles o sentiriam invencivelmente procurar *alguma coisa atrás deles*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 69)³⁵.

De fato, Teilhard não falaria mais como os seus companheiros e por esta razão não seria compreendido. Mas as ideias continuariam fervilhando em sua mente, inspirando seu coração. A batalha não o fizera odiar a matéria, mas incendiara nele a chama de uma paixão embriagadora.

Porque a Matéria, rejeitando seu véu de agitação e de multidão, lhe tinha descoberto sua gloriosa unidade, entre ele e os outros agora havia um caos. – Porque ela havia desligado para sempre o seu coração de tudo o que é local, individual e fragmentário, só ela, em sua totalidade, seria doravante para ele seu pai, sua mãe, sua família, sua raça, sua única e ardente paixão. E ninguém no mundo poderia fazer algo contra isso. Desviando resolutamente os olhos daquilo que fugia, ele se abandonou, com fé transbordante, ao sopro que arrastava o Universo. Ora, eis que no seio do turbilhão, com a doçura e a mobilidade de um olhar, crescia uma luz... Um calor se espalhava; não mais a dura irradiação de uma fornalha, mas a rica emanação de uma carne... A imensidão cega e selvagem tornava-se expressiva, pessoal. Seus tecidos amorfos se dobravam, seguindo os traços de uma face inefável. Em todo lugar se desenhava um Ser, atraente como uma alma, palpável como um corpo, vasto como o céu – um Ser misturado às coisas embora distinto delas –, superior à sua substância com a qual se vestia, e todavia assumindo forma nelas... O Oriente nascia no coração do Mundo. Deus irradiava no cume da Matéria, cujas vagas lhe traziam o Espírito. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 70-71)³⁶.

Por ter tomado a rota do fogo, por ter sido experimentado por ele, o místico jesuíta compreendeu que não mais poderia “[...] recuar, voltar às satisfações comuns e à adoração tranquila” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 63)³⁷. Seu barco seguiria o vento, trocando a calmaria da praia por águas mais profundas. Estrangeiro em sua própria terra, ele partiu para a China onde se deixou, de modo ainda mais forte, seduzir pela Terra³⁸ naquilo que ela tem de mais material, como revela uma carta escrita à Marguerite, onde o jesuíta relata suas primeiras impressões da viagem que o levaria do Ocidente ao Oriente:

Durante todo o dia deslizamos no golfo de Suez, entre duas terras prodigiosamente pitorescas e desoladas. O Sinai, maciço de granito de grés vermelho retalhado, e a costa egípcia, a princípio uniforme e tabular, depois eriçada de toda a espécie de picos extraordinários, todos por igual ásperos e nus. Por sobre tudo isto, umas tonalidades de sonho de uma doçura estranha

35 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

36 Ibid.

37 Ibid.

38 Teilhard sempre se sentiu “[...] fascinado pela terra e pelos fenômenos terrestres, sem porém compreendê-lhes a grandeza. Foi o contato com a Ásia que lhe revelou tal grandeza. GIBELLINI, Rosino. **La discussione su Teilhard de Chardin**. Brescia: Queriniana, 1968, p. 97.

nestes climas extremos. A leste o mar parecia azul-escuro. A linha do horizonte desenhava-se com nitidez de gume. E depois, sobre esta faixa sombria, sem transição, erguiam-se montanhas de um rosa-suave, num vaporoso céu verde. Ao pôr do sol, foi a costa ocidental que atraiu a si toda a beleza do crepúsculo. À medida que o Sol desaparecia num torvelinho de nuvens incandescentes, as montanhas do Egito, até então envoltas em bruma, começaram a passar por todos os tons de violetas possíveis, desde o roxo mais escuro ao lilás mais transparente. E uma linha inteira de pontas agudas, em forma de dentes de serra, recortadas no céu dourado, foram os últimos sinais de terra a desvanecerem-se. Toda esta magia nada era ao pé do que o espírito descobria nestas terras quase desconhecidas, que quase ninguém visita e a que, talvez por isto mesmo, se prendem as fases mais misteriosas da nossa história religiosa. Eu gostaria de desembarcar nesta costa rochosa, não apenas para analisá-la com o meu martelo mas para tentar ouvir também a voz da Sarça-Ardente. Não terá, porém já passado o momento em que Deus falava no deserto, e não compreendemos nós agora que 'Aquele que é' não se ouve aqui ou acolá, porque os cimos habitados por Ele não são uma montanha inacessível mas uma esfera mais profunda das coisas? O segredo do mundo está em toda a parte onde consigamos ver o universo transparente. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 31)³⁹.

As lindas paisagens fascinavam o olhar do pesquisador, ativavam o instinto do cientista, mas nada eram, ele mesmo o diz, se comparadas ao que o espírito ali descobria. O segredo do mundo não se esconde em lugares inacessíveis, onde só alguns poucos podem chegar; ele se oferece em toda parte para aqueles que sabem ver. Para os que ainda não sabem, Teilhard deseja ensinar, deseja fazer ver. Por isso, o encantamento reavivado no Oriente pelo que há de mais concreto e tangível o faria retomar com mais profundidade o tema da potência espiritual da matéria. Em Tientsin, ele escreveria seu *Le Milieu Divin*, propondo-se a demonstrar que “[...] a mesma luz que a espiritualidade cristã plenamente compreendida lança sobre a cruz para humanizá-la (sem ocultá-la) se reflete na matéria para espiritualizá-la” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 110-111)⁴⁰. Mais amadurecido e alimentado pela seiva oriental ele explica:

A Matéria, do ponto de vista ascético ou místico em que nos situamos nestas páginas, não é exatamente alguma das entidades abstratas definidas sob este nome pela Ciência ou pela Filosofia. É antes a própria realidade *concreta*, tanto para nós como para a Física ou Metafísica, com seus próprios atributos fundamentais de pluralidade, de tangibilidade e de interligação. Mas esta realidade, nós procuramos abraçá-la aqui toda inteira, na sua maior generalidade possível: nós a tomamos com sua plena exuberância, tal como ela reage, não somente às nossas investigações científicas ou dialéticas, mas a toda a nossa atividade prática. A Matéria será, portanto, para nós o conjunto das coisas, das energias, das criaturas que nos rodeiam, à medida que elas se nos apresentam como palpáveis, sensíveis, 'naturais' (no sentido

39 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugália Editora, 1969. Carta de 15 de abril de 1923.

40 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

teológico da palavra). Este será o meio comum, universal, tangível, infinitamente móvel e variado, ao seio do qual nós vivemos imersos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 110)⁴¹.

O que fascinava Teilhard era a matéria em toda sua materialidade e exuberância; a matéria que pode ser vista, tocada, comida, cheirada, acariciada, enfim experimentada; não uma entidade abstrata, mas a realidade concreta. E esta matéria por si mesma, diz ele, não é boa nem má, mas é uma “potência bifacial” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 110)⁴², que tanto pode arrastar para o precipício quanto pode dirigir para o cume, condenar ou salvar.

A Matéria, de uma parte, é o fardo, a corrente, a dor, o pecado, a ameaça de nossas vidas. É aquilo que pesa, aquilo que sofre, aquilo que fere, aquilo que tenta, aquilo que envelhece. Pela Matéria, nós somos pesados, paralisados, vulneráveis, culpados. Quem nos libertará deste corpo de morte? Mas a Matéria, ao mesmo tempo, é alegria física, o contato que exalta, o esforço que viriliza, a alegria de crescer. É aquilo que atrai, aquilo que renova, aquilo que une, aquilo que floresce. Pela matéria nós somos alimentados, soerguidos, religados ao resto, invadidos pela vida. É-nos intolerável estar despojados dela. 'Não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir outra por cima' (2Cor 5,4). Quem nos dará um corpo imortal? (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 111-112)⁴³.

Uma mesma melodia pode alegrar ou fazer chorar, o fogo pode aquecer ou queimar. A matéria é liberdade e aprisionamento, caminho de vida ou caminho de morte; tudo depende do uso que se faz dela. A rejeição pura e simples, o desprezo imediato às coisas da terra não é bastante para que o homem seja salvo, nem mesmo para fazê-lo mais próximo de Deus. O desapego implica um apego primeiro, pois não há valor no abandono daquilo que não faz falta, daquilo que não se possui.

O tom de Teilhard é quase sempre conciliador; seu interesse é a síntese ao invés do antagonismo. Quase ao fim da vida, ele falaria mais uma vez da necessidade de não opor matéria e espírito:

A Matéria não é má nem boa. – Poder-se-ia dizer que ela é preferencialmente boa, e em todo caso ela é certamente necessária à gênese do Espírito. 'Matéria Matrix' [Matéria Mãe]. Quando é que os teólogos compreenderão então que Matéria e Espírito não são duas coisas opostas nem mesmo justapostas, mas positivamente ou mesmo geneticamente conjugadas... (LEROY, 1976, p. 232)⁴⁴.

41 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

42 Ibid.

43 Ibid.

44 LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 16 de março de 1954.

O ascetismo cristão no tempo de Teilhard enfatizava ou pelo menos preferia se deter no que matéria tinha de mortal. Os fiéis eram quase sempre aconselhados por seus mentores a fugir da matéria, a se afastar dela o mais distante possível. O preceito evangélico de deixar tudo para seguir Jesus era entendido num sentido muito limitado como renúncia radical às coisas terrenas. A crítica feita pelo místico do Auvergne era dirigida a este tipo de espiritualidade pretensamente desenraizada. Seu otimismo o levava a afirmar não apenas que a matéria não é boa nem má, mas que ela é antes de tudo boa. No seu entendimento a matéria é mãe, é útero que alimenta e protege o espírito; sem a matéria o homem morreria de fome e sede. Mas, e isto o jesuíta sabia e desejava fazer conhecer, por ter necessidade da terra o homem nela não pode se fixar. É preciso olhar a esfinge sem se deixar seduzir, é preciso aprender a captar a potência espiritual da matéria (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)⁴⁵.

E para ensinar o caminho, Teilhard se utiliza de uma comparação. A imagem escolhida é a de um mergulhador que nas profundezas do mar busca voltar à luz ou de um viajante que sobe uma montanha em meio ao nevoeiro em direção à claridade. Em ambos os casos o espaço se divide numa zona mais sombria, para baixo, e noutra mais clara, para cima. Para subir é necessário, antes de tudo, apoiar-se nas coisas, agarrar-se a elas para não se deixar tombar no abismo. E à medida que se vai subindo, a luz vai crescendo, ao mesmo tempo em que o espaço deixado para trás desaparece nas trevas e aquilo à que se agarrava vai sendo abandonado.

A mesma matéria que arrasta e afoga, eleva e liberta. Numa ladeira o homem tanto pode subir como descer, uma ponte tanto pode ser vista como aquilo que separa duas estradas como quanto aquilo que une dois caminhos. Se por sua natureza e após o pecado original a matéria representa uma constante aspiração à queda, da mesma forma e “[...] por natureza também – e depois da Encarnação – ela encerra uma cumplicidade (agulhão ou encanto) com o mais-ser que equilibra ou até mesmo domina a *'fomes peccati'* ('a fome do pecado)’” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 114)⁴⁶. O mesmo alimento que dá vida pode ser causador da morte quando consumido em excesso, o mesmo fogo que aquece pode se tornar destruidor, é necessário saber dosar o remédio para que ele não se torne veneno. Para que se possa alcançar a Deus, para se chegar até o Criador, homens e mulheres precisam transpor “[...] *uma dada série de criaturas*, que não são precisamente obstáculos, mas pontos de apoio a superar, intermediários a utilizar, alimento a tomar, seiva a depurar, elementos a nos

45 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

46 Ibid.

associar e arrastar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 111-112)⁴⁷. É preciso, pois, lutar com a matéria, não para destruí-la, mas para ser salvo e salvá-la.

Cada ser humano é chamado por Deus a ocupar um dado lugar no universo, cada viajante um trecho da estrada, e em consequência desse lugar que ele ocupa, a matéria se divide em duas áreas, diz Teilhard (1957, p. 114-115):

[...] uma superada ou atingida, à qual não poderíamos retornar ou na qual não poderíamos fixar-nos sem descer: é a área da Matéria *tomada material e carnalmente*; a outra apresentada aos nossos esforços novos de progresso, de busca, de conquista, de divinização: é a área da Matéria *tomada espiritualmente*. E o limite entre estas duas áreas é essencialmente relativo e móvel. Aquilo que é bom, santificante e espiritual para meu irmão que está abaixo ou a meu lado na montanha é talvez mau, perverso, material para mim mesmo. Aquilo que eu devia admitir ontem, talvez eu deva recusar hoje. E, inversamente, atos que tivessem sido uma pesada infidelidade para um São Luis Gonzaga ou um Santo Antônio, talvez eu deva admitir, precisamente para educar-me no vestígio destes santos. Dito de maneira diferente, nenhuma alma alcança a Deus sem ter transposto, através da Matéria, *um trajeto determinado*, que em certo sentido, é uma distância que separa, mas, em outro sentido, é um caminho que reúne. Sem certas poses e certas conquistas, nada existe tal como Deus o deseja. Todos nós temos nossa escada de Jacó, cujos degraus são formados por uma série de objetos. Portanto, não busquemos fugir do Mundo antes do tempo. Mas saibamos orientar nosso ser no fluxo das coisas: e então, em lugar do peso que nos arrasta para o abismo do prazer e do egoísmo, nós sentiremos desprender-se das criaturas um salutar 'componente' que, segundo um processo já notado, nos dilatará, nos arrancará de nossas pequenezas, nos impelirá imperiosamente ao crescimento das perspectivas, à renúncia das alegrias saboreadas, ao gosto das belezas sempre mais espirituais. A mesma Matéria, que parecia ser uma conselheira de maior prazer e de menor labor, se tornará para nós um princípio de menor prazer e de maior esforço.⁴⁸

A área da matéria tomada carnalmente não pode, pois, simplesmente ser rejeitada e desprezada; o homem necessita superá-la. Como numa estrada, é preciso andar sobre o caminho mais pedregoso quando se quer deixá-lo para trás. Quem deseja chegar ao cume da montanha precisa, antes de qualquer coisa, começar a escalada num ponto inicial ao qual é possível sempre recuar quando o desânimo vence a força de vontade. Mas quem segue a trilha vai se afastando desse ponto primeiro em direção ao alto, fazendo pouco a pouco de cada obstáculo uma conquista. Quem deseja vencer a matéria, não pode deixar de lutar com ela, assumindo o risco de ser vencido.

Cientista imerso no seio das discussões evolucionistas e assumindo a evolução como fundamento de sua explicação do mundo, Teilhard pensava a espiritualidade como um

47 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

48 Ibid.

processo marcado por recuos, tropeços, avanços e chegadas. Nem todos estão num mesmo patamar, o que não significa dizer que uns são melhores que outros, uns mais espirituais que outros. Tal como na estrada, uma mesma pedra pode servir de apoio e de barreira. O que é bom ou o que é mal não o é para todo mundo. A mesma matéria que dá vida pode levar à morte, guiar até o cume da montanha ou arrastar para o fundo do abismo. A ladeira pela qual um homem desce pode ser rota de subida para outro.

Em matéria de espiritualidade, adverte Teilhard, o que se diz em nível individual, deve também ser aplicado ao grupo, ou seja,

[...] o que é a lei dos indivíduos parece ser um diminutivo e um resumo da lei do Todo. Não nos enganaríamos muito, pensando que, em sua universalidade, o mundo – também ele – tem uma rota determinada a percorrer antes de atingir a sua consumação? Não duvidemos disto. Se sua totalidade material contém energias inutilizáveis, se, mais infelizmente ainda, ela conta com energias e elementos pervertidos, cuja separação lentamente se opera, mais realmente ainda ela encerra *certa quantidade de potência espiritual*, cuja progressiva sublimação *in Christo Jesu* é, para o Criador, a operação fundamental em curso. Atualmente, esta potência é ainda um pouco difusa por toda parte: nenhuma coisa há, por mais humilde ou grosseira que pareça, que não contenha dela um vestígio. É o trabalho do Corpo de Cristo, vivo em seus fiéis, de separar pacientemente estas forças celestes, de expressar, sem dela deixar perder nada, esta substância escolhida. Pouco a pouco – nisto nós podemos ter confiança – a obra continua. Graças à multidão de indivíduos e de vocações, o Espírito de Deus se insinua e trabalha em todos os âmbitos. É a grande árvore de que falávamos mais acima, cujos ramos ensolarados refinam e fazem florescer as seivas extraídas pelas mais humildes raízes (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 115-116)⁴⁹.

Também o mundo tem um caminho a percorrer antes de ser consumado. Em suas áreas mais pecadoras ele guarda uma potência espiritual que deve ser colhida e sublimada em Cristo Jesus. O mundo, tal como a matéria, não é santo, mas é santificável. Nas suas regiões aparentemente mais decaídas o Espírito de Deus trabalha para fazê-lo divino. O Criador não abandona a sua criação, mas trabalha para que ela se faça cada vez mais bela. E à medida que o trabalho avança, alguns degraus tendem a desaparecer. Cada dia mais se desloca para o alto o limite entre a matéria espiritual e a matéria carnal. Quando um mergulhador se dirige para a superfície, a profundidade vai ficando distante a ponto de não mais ser vista. Da mesma forma, quanto mais a humanidade vai se cristianizando, mais ela vai se sentindo livre de certas necessidades terrestres e isto não significa que essas necessidades são condenáveis, mas apenas que elas já não importam tanto porque uma fase do processo foi superada. Objetos que

49 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

servem de apoio para uma criança que está aprendendo a ficar de pé não interessam a quem já sabe andar.

Fundamental para a compreensão do pensamento teilhardiano é a noção de vir-a-ser, de potencialidade. É a sutileza que o diferencia dos materialistas e de certa forma dos espiritualistas de seu tempo. Se para os primeiros só há a realidade da matéria e para os segundos a realidade do espírito, para o místico jesuíta há a realidade da matéria em suas múltiplas possibilidades de se tornar santa, espiritualizada. Não se deve dizer que uma vida contemplativa e casta é melhor ou pior que uma vida voltada para o trabalho quando se pensa na espiritualidade como um caminho que leva a Deus. Um determinado trajeto para ser percorrido começa sempre no ponto de partida; à medida que se vai caminhando este ponto inicial vai ficando distante enquanto a reta de chegada se aproxima. De igual maneira, acrescenta Teilhard (1957, p. 116-117),

[...] a contemplação e a castidade devem tender legitimamente a ter o domínio sobre o trabalho agitado e sobre a posse direta. Esta é a '*deriva*' geral da matéria em direção ao espírito. Este movimento deve ter seu termo. Um dia, toda a substância divinizável da matéria terá sido assimilada pelas almas; todos os dinamismos escolhidos se encontrarão recuperados: e, então, nosso mundo se achará pronto para a parusia.⁵⁰

Sem a matéria o homem não pode viver, seu trabalho consiste em santificá-la. Entre o materialismo e o espiritualismo, um novo horizonte se abre, a espiritualidade materializada no cotidiano da vida. E aquele que vislumbrou esse horizonte já não pode mais voltar a ser como antes; será sempre um estrangeiro, ainda que entre os seus, porque continuamente buscando algo além de tudo e de todos, Deus irradiante no cume do Mundo.

O sentido teilhardiano da Eucaristia, enquanto prolongamento da Encarnação permite melhor compreender o movimento de santificação da matéria. O mistério eucarístico, tal como pensado pelos cristãos católicos entre os quais Teilhard se situa, é uma transformação que não destrói, ou seja é uma transubstanciação:

'Transubstanciação' significa a conversão de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo e de toda a substância do vinho na substância de seu Sangue. Essa conversão se realiza na oração eucarística, mediante a eficácia da palavra de Cristo e a ação do Espírito Santo. Todavia, as

50 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

características sensíveis do pão e do vinho, isto é, as 'espécies eucarísticas', permanecem inalteradas. (SANTA SÉ, 2013, p. 131)⁵¹

A Eucaristia prolonga a Encarnação; por ela Deus emerge no mundo, silenciosamente, transformando-o e vivificando-o, sem destruí-lo.

Na Humanidade nova que hoje é gerada, o Verbo prolongou o ato sem fim do seu nascimento; e, em virtude da sua imersão no seio do Mundo, as grandes águas da Matéria, sem qualquer arpejo, carregaram-se de vida. Nada estremeceu, aparentemente, sob a inefável transformação. E entretanto, misteriosa e realmente, pelo contato da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, tornou-se Carne. Toda a matéria doravante está encarnada, meu Deus, pela vossa Encarnação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 23)⁵².

A matéria já não é, pois, apenas santificável, ela é também santa e santificadora. E Teilhard segue precisando suas reflexões:

Nesta história geral da Matéria, quem não reconhecera o grande gesto simbólico do Batismo? Nas águas do Jordão, figura das potências da Terra, o Cristo se imerge. Ele as santifica. E, como diz São Gregório de Nissa, ele sai delas banhado, elevando com ele o Mundo. Imersão e emersão, participação das coisas e sublimação, posse e renúncia, travessia e arrebamento: eis o movimento duplo e único que responde às provocações da Matéria para salvá-la. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 117-118)⁵³.

Homem de síntese, o sacerdote cientista vai superando aos poucos os dualismos antagônicos. Se o amor e o reino divinos não devem ser buscados no mesmo nível das afeições e progressos humanos, da mesma forma eles não serão encontrados uma vez destruída a natureza.

É por ter visto tão somente a primeira fase que as místicas sensoriais, bem como certos neopelagianismos (tais como o americanismo), caíram no erro de buscar o amor e o reino divinos *no mesmo nível* das afeições e do progresso humanos. E é, inversamente, por ter olhado tão somente a segunda fase que certos cristianismos exagerados só veem o elevar-se da perfeição sobre uma destruição da 'natureza'. O verdadeiro sobrenatural cristão, muitas vezes definido pela Igreja, não deixa a criatura em seu plano nem a suprime: ele a superanima. Não é evidente que, por mais transcendentes e criativos que eles sejam, o amor e o zelo de Deus só poderiam cair em um coração

51 SANTA SÉ. **Compêndio do Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: Edições CNBB, 2013. Mas, importante sublinhar, como bem lembra Wildiers, em nota explicativa, Teilhard “[...] não confunde a Transubstanciação propriamente dita com a presença universal do Verbo. Como ele explicita em *Le Prêtre*: 'A Transubstanciação se aureola de uma divinização real, embora atenuada, de todo o Universo'. Do elemento cósmico em que, pela Encarnação, ele se inseriu e em que ele reside eucaristicamente, 'o Verbo age para subjugar e assimilar a si todo o resto'”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961. Ver nota.

52 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

53 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

humano, isto é, sobre um objeto preparado (há muito tempo ou proximamente) por todas as seivas da Terra? É surpreendente que tão poucos espíritos chegam, neste caso como em outros, a captar a noção de transformação. Ora a coisa transformada lhes parece ser a coisa antiga não mudada, ora eles só percebem aí o inteiramente novo. No primeiro caso, é o espírito que lhes escapa. No segundo, é a matéria. Menos grosseiro que o primeiro excesso, o segundo se revela à experiência tão destruidor do equilíbrio humano quanto aquele. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 116-117)⁵⁴.

Não é preciso destruir o natural para se ter acesso ao sobrenatural. A perfeição cristã não se atinge mediante a destruição da natureza, mas através de sua transformação. Eis um ponto crucial da reflexão teilhardiana. A criatura não deve ser destruída, nem tampouco deixada no estado em que se encontra; ela deve ser transformada, isto é, superanimada. Não se pode fixar os olhos na matéria, é necessário que eles captem aquilo que nela cintila. A diafania crística da matéria é, pode-se dizer, a intuição central de Teilhard⁵⁵.

É preciso, no entanto, compreender com profundidade o que diz o místico do Auvergne sobre as relações entre espírito e matéria para não confundi-lo totalmente com os monistas. Teilhard rejeita o dualismo de oposição, como bem explica Cuénot (1965, p. 69):

Teilhard, como Spinoza, rejeita o dualismo cartesiano. O *Weltstoff* é ao mesmo tempo Matéria e Espírito. Mas, como Teilhard o precisa, são variáveis conjugadas de uma mesma função. Quando se remonta ao passado do cosmos, a variável Espírito diminui mas, nunca será nula. Teilhard é pois essencialmente monista, mas a este monismo se subordina um certo dualismo que Teilhard mantém. Para mudar de metáfora, Matéria e Espírito, no seio de um mesmo *Weltstoff*, são dois vetores de sentido contrário.⁵⁶

Na verdade, o próprio Teilhard não tem medo de ser como o pagão, o monista ou o quietista. Ele não destrói em si mesmo estas paixões, mas corrige-as para sentir a Presença Universal que desde sempre o atraiu. É o que nos revela este trecho de sua Missa sobre o Mundo:

Como o monista, eu mergulho na Unidade total. – Mas a Unidade que me acolhe é tão perfeita que nela sei encontrar, perdendo-me, a realização última de minha individualidade. Como o pagão, adoro um Deus palpável. Até consigo tocar esse Deus por meio de toda a superfície e toda a profundidade do Mundo da Matéria em que estou contido. Todavia, para tocá-lo como desejaria (simplesmente para continuar a tocá-lo), preciso ir sempre mais longe, através e para longe de todo empreendimento, – sem jamais poder em

54 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

55 CUÉNOT, Claude. A situação de Teilhard de Chardin. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 58, p. 325-326, maio 1964. Ou ainda CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1962.

56 Id. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Deuxième Séance. Espírito e Matéria na filosofia de Pierre Teilhard de Chardin. Rapport de Claude Cuénot.

nada repousar, – a cada instante arrebatado pelas criaturas, e a cada instante ultrapassando-as, – em contínua acolhida e em contínua despedida. Como o quietista, deixo-me deliciosamente embalar pela divina Fantasia. Ao mesmo tempo, contudo, sei que a Vontade divina não me será revelada, a cada momento, a não ser no limite do meu esforço. Como Jacó não toquei Deus na Matéria, a não ser quando for vencido por ele. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 26)⁵⁷.

Enfim, Teilhard soube reconhecer a existência de uma diferença fundamental entre espírito e matéria. Assim ele afirma num escrito de 1924: “Matéria e Espírito não se opõem como duas coisas, como duas naturezas, mas como duas direções de evolução no interior do Mundo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 56)⁵⁸. Ele constantemente afirmou que são duas faces de uma mesma realidade e esta afirmação mantém de um lado a unidade e de outro a diversidade.

A ascese teilhardiana é, pois, uma ascese de movimento, ou seja, “[...] uma ascese de travessia e de ultrapassagem: é preciso atravessar o mundo e as criaturas para chegar até Deus” (CUÉNOT, 1965, p. 74)⁵⁹, é preciso lutar com a matéria para nela encontrar o Único Necessário, é preciso nela se banhar para com ela ser salvo.

Com certeza o místico jesuíta empreendeu sua luta individual com a matéria, até que, aos poucos ela foi se tornando diáfana para ele. Fascinado, ele não conseguiu rejeitá-la num tempo em que a ascese cristã assim o aconselhava. Foi buscar, portanto, uma síntese capaz de englobar numa mesma visão de mundo seu amor à matéria e seu amor a Deus. Foi então que conseguiu captar a “[...] matéria penetrada e animada e dinamizada pelo Divino” (ALVES, 1981, p. 77)⁶⁰, e a essa matéria ele se entrega para com ela ser divinizado. Assim ele encerra suas reflexões sobre a potência espiritual da matéria no seu *Le Milieu Divin*:

Matéria fascinante e forte, Matéria que acaricias e que virilizas. Matéria que enriqueces e que destróis, confiante nas influências celestes que perfumaram e purificaram tuas águas, eu me abandono às tuas camadas potentes. *A virtude do Cristo foi assimilada em ti*. Por teus encantos, arrebatame, por tua seiva nutre-me, por tua resistência enrijece-me. Por teu desarraigamento, liberta-me. Por ti mesma, enfim, diviniza-me. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 118)⁶¹.

57 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

58 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Meu Universo*.

59 CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Deuxième Séance. Espírito e Matéria na filosofia de Pierre Teilhard de Chardin. Rapport de Claude Cuénot.

60 ALVES, Ephraim Ferreira. Teilhard de Chardin: crente e cientista. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 75, n. 7, set. 1981.

61 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

Na China, Teilhard definiu mais claramente a natureza e o sentido do encanto que desde sempre sentia confusamente flutuar na matéria. Se na Guerra suas ideias são marcadas pela espontaneidade, frescor e exuberância; no Oriente elas se fortalecem e amadurecem, atingindo um fundamento cada vez mais sólido. Em meio aos orientais, o místico francês compreendeu, enfim, que seu amor à matéria era, na verdade, amor a algo que cintilava no coração da matéria. Da mesma forma as terras chinesas o fariam refletir sobre uma intuição muito importante que se instalara nele ainda na juventude, a saber, o sentido do Todo, em outras palavras, a sua consciência cósmica.

4.2. Mística cósmica

[...] a presença do Todo no Mundo não se impõe a nós com a evidência direta de alguma luz? Na verdade, eu o creio. E é precisamente o valor dessa intuição primordial que me parece suportar o edifício inteiro de minha crença. Definitivamente, e para dar conta dos fatos descobertos no mais íntimo de minha consciência, eu sou levado a pensar que o Homem possui, em virtude mesmo de sua condição de 'ser no Mundo', um sentido especial que lhe desvenda, de uma maneira mais ou menos confusa, o Todo do qual ele faz parte. Nada de surpreendente, afinal, na existência deste 'senso cósmico'. Porque é sexuado, o Homem possui as intuições do amor. Uma vez que é elemento, porque não sentiria ele obscuramente a atração do Universo? (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 123)⁶².

Vivemos um momento singular da história humana. A globalização hoje se impõe a todos como realidade irrevogável. Habitamos certamente, todos nós, essa imensa cidade global onde as fronteiras cada vez mais vão se modificando e ou se anulando (IANNI, 2007)⁶³. Como em qualquer processo histórico, há inúmeros problemas que surgem e merecem um enfrentamento sério e urgente. Mas há também ganhos. Enfim, vivemos uma situação paradoxal, como oportuna e sabiamente descreve o teólogo Leonardo Boff (2009, p. 15):

O que deveras sentimos é que, de um modo ou de outro, somos, consoante McLuhan, uma aldeia global, formada por uma natureza esplêndida e fecunda e hoje ameaçada, que nos garante a vida, e, por outro lado, por companheiros e companheiras de aventura, com os mais diferentes rostos, filosofias, tradições culturais e religiosas, que sentem a necessidade de conviver, de ser hospitaleiros, tolerantes e comensais ao redor da mesma

62 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Comment je crois*.

63 IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

mesa planetária. Quer dizer, descobrimos que formamos a família terrenal e humana.⁶⁴

À medida que cresce a consciência de sermos parte desta mesma família, cresce também, e de modo intenso, a consciência de sermos interdependentes, de nos ligarmos uns aos outros por uma questão mesmo de sobrevivência. Pode-se dizer que a espécie humana sempre se juntou como forma de proteção, mas hoje esse ajuntamento assume proporções bastante novas. Estamos conectados a pessoas que moram em outras cidades, estados, até mesmo países, ligados a quem nem mesmo conhecemos.

Essa realidade que hoje se apresenta de forma muito viva já fora observada por Teilhard de Chardin, ou melhor dizendo e segundo suas próprias palavras, fora-lhe apresentada com a evidência direta de uma luz. No seu modo de ver e entender as coisas, essa consciência cósmica teria sido sua intuição primordial, nada tendo, no entanto, de surpreendente para a raça humana, desde os seus primórdios feita para o amor e para a relação:

O Senso Cósmico, deve ter nascido assim que o Homem se encontrou frente à floresta, ao mar, às estrelas. E desde então seus traços se manifestam em tudo o que experimentamos de grande e de indefinido: na arte, na poesia, na religião. Por ele nós reagimos ao Mundo 'como um Todo', da mesma forma que nossos olhos à luz. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 102)⁶⁵.

Movida por esse senso cósmico, que Teilhard define mais precisamente como sendo “[...] a afinidade mais ou menos confusa que nos liga psicologicamente ao Todo que nos envolve” (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 101)⁶⁶, ou “[...] o sentimento apaixonado de uma quase-presença universal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 176)⁶⁷, a humanidade reage ao mundo, sente-se parte dele, elemento destinado a torná-lo sempre maior e mais belo⁶⁸.

Essa consciência cósmica, que ele descreve ainda como o “[...] saber que 'Alguma Coisa de Essencial' existe, da qual todo o resto não é senão um acessório ou ornamento” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 23)⁶⁹, foi desde muito cedo desperta no menino do

64 BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 15-27.

65 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo *Esquisse d'un Univers Personnel*.

66 Ibid. Do artigo *Esquisse d'un Univers Personnel*.

67 Id. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *Como yo veo o Mi punto de vista*.

68 Interessante lembrar que na cosmovisão teilhardiana o homem não é considerado o centro, mas flecha da evolução. Daí a relação pensada por ele entre homem e natureza em termos de interação e não dominação.

69 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

Auvergne, tendo-se exaltado, segundo Baudry, na temporada vivida no Egito (BAUDRY, 2010)⁷⁰. Em sua autobiografia ele descreve a evolução desse sentimento, começando pelo que ele chama de apelo da matéria. Influenciado pela mãe, ele amava o menino Jesus, mas se sentia secretamente atraído pelo Deus de Ferro, a saber o Deus representado pelo atributo da consistência e do inalterável. Tendo buscado e encontrado, inicialmente, o Absoluto no ferro, Teilhard aos poucos se dá conta de que o metal não era, como antes pensara, incorruptível. A partir de então ele passa a buscar esse Absoluto nas pedras movido por uma paixão nova pelo Universal. E a mudança teve um peso crucial na evolução de sua vida interior, como ele mesmo revela:

O Metal (tal como eu podia conhecê-lo aos dez anos) tendia a me manter apegado a objetos manufaturados e fragmentários. Através do Mineral, pelo contrário, eu me encontrava incitado em direção ao planetário. Eu despertava para a noção de 'Estofa das Coisas'. E, sutilmente, esta famosa Consistência, que até o momento eu buscava no Duro e no Denso, começava a me aparecer em direção de um Elementar por toda parte espalhado, – no qual a própria ubiquidade faria a incorruptibilidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 28)⁷¹.

Na infância Teilhard se sentiu intensamente atraído pelas pedras, pelo ferro, pelas montanhas de sua região natal; mais tarde foi atraído pelos fósseis, pelas paisagens dos muitos lugares pelos quais passou. Em diferentes formas e nuances sempre o mesmo “amor apaixonado pelo Universo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 31)⁷² que marcaria sua vida de pesquisador e sacerdote.

O Absoluto, colhido antes num objeto particular, é agora percebido no Grande Todo. Constata-se de certo modo uma troca de perspectiva, mas não é pois tão radical como parece. No fundo não é senão o desenvolvimento e a extensão da primeira intuição do Todo. O Absoluto não vem mais captado num pedaço de metal ou de pedra, mas através de todo o universo, tomado como sacramento do divino. (BAUDRY, 2010, p. 37)⁷³.

O místico jesuíta já na guerra compreendera o risco que representava o isolamento; no campo de batalha, a escolha entre o grupo e o indivíduo poderia se tornar a escolha entre a vida e a morte. Em meio ao sangue derramado ele descobriu o coletivo e suas potencialidades, como descreve neste texto ao falar da frente:

70 BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

71 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

72 Ibid.

73 BAUDRY, Gérard-Henry. Opus cit.

A Frente não é simplesmente a superfície ardente onde se revelam e se neutralizam as energias contrárias acumuladas nas massas inimigas. É ainda um laço de Vida particular em que participam apenas aqueles que se arriscam até junto dele, e apenas enquanto nele permanecem. Uma vez admitido o indivíduo algures, na Superfície Sublime, parece-lhe, positivamente, que uma nova existência se funde sobre si, e dele se apodera. A sua individualidade, sem dúvida, é preservada. Nenhum centro consciente, distinto da sua alma, lhe surge. Nele, no entanto, mal se instala na periferia sagrada do Mundo em atividade, uma personalidade de outra ordem se descobre, que cobre e apaga o homem cotidiano. O homem da Frente age em função de toda a Nação, e de quanto se oculta por trás das Nações. A sua atividade e a sua passividade particular são diretamente utilizadas em proveito de uma entidade superior à sua em riqueza, em duração, em futuro. Não é senão secundariamente ele próprio. É primeiramente uma parcela do utensílio que perfura, elemento da proa que fende as vagas. É-o, e sente-o. Uma consciência irresistível e pacificadora acompanha, com efeito, na sua função nova e cheia de riscos, o homem que o seu país votou ao fogo. Esse homem tem a evidência concreta de que já não vive para si – que está liberto de si –, que outra Coisa vive nele e o domina. Não temo dizer que esta desindividualização especial que faz com que o combatente atinja uma essência humana superior a si próprio é o segredo último da incomparável impressão de liberdade que experimenta, e que jamais olvidará. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 180)⁷⁴.

A frente de batalha foi vista por Teilhard como uma alma comum, um novo lugar onde os homens se ajuntavam para sobreviver. Por uma questão mesmo de instinto, frente ao perigo que espreitava por todos os lados, os homens na guerra eram solidários entre si. A dor das perdas ou a alegria de sentir-se vivo mais um dia eram, provavelmente, sentimentos partilhados por aqueles que, longe de suas casas e de suas gentes, descobriam uma nova família. O homem da frente era para o jesuíta francês o modelo do homem cósmico, dedicado à tarefa maior de proteção do grupo, dos companheiros de jornada; aquele que não vive apenas para si e assim sendo está livre de si. É o homem que se sente muito mais como elemento de um todo que o protege e do qual deve cuidar. Nesse sentido é que ele afirma ser a frente um laço de vida, muito mais que lugar de morte, “[...] o ponto mais avançado das tensões humanas do qual sairá o mundo futuro” (MANTOVANI, 2006, p. 21)⁷⁵.

Essa visada novidadeira sobre a guerra fez com que muitas críticas fossem dirigidas a ele, mas o fato que interessa nesse momento é demonstrar que os campos de batalha fizeram-no refletir sobre as imensas possibilidades que se abrem aos homens quando eles se juntam abraçando um ideal comum. É com o aparecimento e fortalecimento desse senso cósmico, diz Teilhard, que “[...] os homens chegam explicitamente à percepção de sua natureza 'molecular'. Eles deixam de ser indivíduos fechados para se tornarem parte” (TEILHARD DE CHARDIN,

74 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre: 1916-1919*. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *La nostalgie du front*.

75 MANTOVANI, Fabio. *Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin*. Verona: Gabrielli editori, 2006.

1962, p. 163)⁷⁶. Nada mais importante para o progresso do mundo que esse sentimento de ser parte, portanto, co-responsável. Quando o indivíduo tem consciência de ser parte de um grupo, ele luta e trabalha para a sobrevivência desse grupo; ele se sente forte e fortalecido em meio aos seus pares. Seu impulso primeiro não é de dominar, nem submeter, mas de associar-se aos demais para o crescimento do todo.

Mais tarde o místico destacaria o grande erro que se ocultava por trás das doutrinas de isolamento e separação fortemente difundidas na Europa de seu tempo:

Falso e antinatural, o ideal egocêntrico de um futuro reservado àqueles que souberem chegar egoisticamente ao extremo do 'cada um para si'. Nenhum elemento consegue mover-se nem crescer senão com e por todos os outros, ao mesmo tempo. Falso e antinatural, o ideal racista de um ramo que capte para ele só toda a seiva da Árvore e que se erga sobre a morte dos outros ramos. Para poder romper até ao Sol, é preciso nada menos que o crescimento combinado da ramada inteira. A Saída do Mundo, as portas do Futuro, a entrada no Super-Humano, não se abrem para diante a alguns privilegiados apenas, nem a um só povo eleito entre todos os povos! Elas não cederão senão a um empurrão *de todos juntos*, numa direção em que todos juntos se podem reunir e completar numa renovação espiritual da Terra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 266)⁷⁷.

Viver isoladamente, pensando apenas em si mesmo, é um obstáculo ao crescimento. Hoje, mais que nunca, as pessoas tem consciência desse fato. A crise econômica de um país, por exemplo, é quase sempre sentida pelos demais. Os problemas que antes poderiam ser resolvidos por uma nação, hoje só se resolvem a partir de acordos internacionais. A poluição causada por um grupo compromete e ameaça a vida do planeta inteiro. E se as dificuldades enfrentadas por um se estendem a todos os outros, as soluções devem ser pensadas no conjunto. O paraíso sonhado não é mais privilégio de uns poucos, a ele, no entanto, só se tem acesso mediante um empurrão de todos juntos.

Teilhard tinha consciência de que, fundamentalmente relacional, o homem não poderia viver sozinho. O ser humano é um ser fundamentalmente voltado para a relação e por isso seu desejo inato de trocar a solidão por uma existência com o outro. E além das relações estabelecidas entre os pares, a humanidade se relaciona com o universo inteiro, com o resto da vida. Trata-se, no entender do jesuíta, de uma ligação física (TEILHARD DE CHARDIN, 1956)⁷⁸ e espiritual, garantia mesmo da sobrevivência do planeta. Assim ele descreveria, em

76 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962, p. 163. Do ensaio *L'Énergie Humaine*.

77 Id. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

78 Id. **L'apparition de l'homme**. Paris: Seuil, 1956.

Pequim, o *Espírito da Terra*⁷⁹, desta nova terra nascida do afrouxamento das fronteiras em direção ao planetário:

Para os olhos dos 'profetas' do século XVIII, o mundo não apresentava, na realidade, senão um conjunto de ligações confusas e frouxas. E era necessária a adivinhação de um crente para sentir pulsar o coração desta espécie de embrião. Ora, após menos de duzentos anos, eis-nos, quase sem darmos por isso, implicados na realidade, pelo menos material, daquilo por que esperavam nossos pais. À nossa volta, no espaço de algumas gerações, laços econômicos e culturais de toda a espécie se estabeleceram e se vão multiplicando em progressão geométrica. Agora, além do pão que simbolizava, na sua simplicidade, o alimento de um Neolítico, qualquer homem exige, todos os dias, a sua ração de ferro, de cobre e de algodão – a sua ração de eletricidade, de petróleo, de rádio – a sua ração de descobertas, de cinema, de notícias internacionais. Já não é um simples campo, por mais vasto que seja – é a terra inteira que é requerida para alimentar cada um de nós. (TEILHARD DE CHARDIN, 1970, p. 268)⁸⁰.

Se no passado as ligações pareciam confusas, no presente eles se tornaram intensamente visíveis e, principalmente, sentidas. Cada vez mais os seres que habitam o universo se acham embricados numa teia de relações econômicas, culturais, sociais, políticas, religiosas e ecológicas. A interdependência, talvez outrora sentida entre membros de um grupo menor como a família ou a pequena sociedade na qual se estava inserido, hoje se estende à terra inteira. Mais do que nunca tem sentido referir-se à terra como mãe, pois ela é na verdade, com todos os elementos que a compõem, útero que abriga e alimenta. E nela, de alguma forma, todos se tornam irmãos.

Importante notar que as ligações não eram vistas por Teilhard simplesmente como ligações das coisas entre si no espaço, mas também no tempo. Aqui seu trabalho como paleontólogo talvez o tenha feito compreender que o passado se liga ao presente e ao futuro, ou melhor dizendo, realiza-se no presente e futuro. Assim ele escreveria num ensaio de 1923: “Em cada parcela do Mundo, não apenas todo o Mundo presente ressoa mas todo o Mundo passado tem êxito de alguma maneira” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 80)⁸¹. O planeta no qual se habita hoje, com todas as suas imperfeições e belezas, é o resultado lento de um longo processo de evolução e seu cuidado é a única garantia de futuro.

Quando se pensa muito nas ligações cósmicas que caracterizam o universo, pode-se ter a impressão de uma absorção dos elementos pelo Todo; o indivíduo não contaria no seio desse mundo tão fortemente marcado pelas relações de interdependência. Impressão ilusória,

79 O termo é do próprio autor. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

80 Ibid.

81 Id. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Panthéisme et Christianisme*.

no entanto, pois a ligação cósmica não é absorção pelo Todo, mas explicação no Todo. A individualidade é sempre preservada nas reflexões teilhardianas, o que de certo modo o afasta dos antigos panteísmos⁸².

Quando nos esforçamos para compreender e exprimir em termos físicos as ligações do Corpo místico (do Pleroma) há, seguramente, ‘para não fazer naufragar na fé’, uma extremidade a evitar. Não é preciso [...] buscar fazer do Cristo consumado um ser tão único que sua substância, sua pessoa, seu ‘eu’, suplantaria a substância, a personalidade, de todos os elementos agregados a seu Corpo místico. Esta concepção de uma união hipostática estendida a todo Universo [...] sem ser contraditória nem ridícula em si, se opõe a todas as outras perspectivas cristãs de liberdade individual e de salvação pessoal. Mas o excesso de ‘fiscismo’ onde ele cai querendo exprimir a unificação do Mundo em Jesus Cristo pode ser facilmente evitado. [...]. Consideremos as pedras de uma estrada ou as células de um corpo vivente tal como o nosso. Cada pedra tem sua forma particular, cada célula tem a sua atividade, e frequentemente seu movimento, próprios; e no entanto nenhuma dessas pedras é absolutamente inteligível na sua forma, nem tem equilíbrio no espaço, sem a estrada; nenhuma dessas células não se explica nem vive completamente fora do corpo todo inteiro. Cada pedra é ela mesma a estrada, – cada célula é ela mesma nós mesmos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 86-87)⁸³.

Por ser cristão, a figura do grande Todo assumiu para o místico francês a figura do corpo de Cristo. E as reflexões, empreendidas por ele sobre a formação do Corpo místico, foram iluminadas por suas intuições cósmicas. Jesus pensado como um ser qualquer, um homem entre os homens, faz perder o que nele há de mistério insondável, de divino, de crístico. Por outro lado, o Cristo pensado como um ser extremamente único e diferente de todos os outros, deixa de lado sua dimensão humana, jesuânica. Em Jesus Cristo, e isso para o

82 Teilhard, em seu processo de evolução interior se sentiu tentado pelas místicas panteístas e por isso trabalhou arduamente no sentido de refutá-las e ao mesmo tempo integrá-las à sua visão de mundo. Para ele o panteísmo, em sentido amplo, é uma tendência psicológica da alma humana que pode ser definida como “[...] *a preocupação religiosa com o Todo*”. No panteísmo Teilhard vê dois dados fundamentais que são inerentes à mente humana e por isso devem se integrar em toda concepção de mundo. São eles o senso da totalidade e o desejo de união com o Todo. “O *senso da totalidade*, a necessidade psicológica de pensar o Todo, que está na origem dos mitos cosmogônicos, dos sistemas filosóficos e científicos, da poesia. É uma espécie de ‘consciência cósmica’, de ‘consciência do Universal’, uma espécie de sentido da presença de todos os seres juntos, colhidos como fazendo parte de uma mesma unidade, ao menos futura. O senso da totalidade se liga logicamente à ideia de que o mundo é inteligível. A este senso cósmico do Todo se liga indissolavelmente, no coração do homem, um desejo afetivo e voluntário de união ao Uno, ou seja, ao Todo. É uma aspiração de essência religiosa, que Teilhard chama ‘*a Religião do Todo*’. [...] É uma atitude que comporta, pelo menos implicitamente, um ímpeto de adoração ao Mundo”. Seu trabalho, no entanto, será integrar esses dados ou características das místicas panteístas à sua visão cristã do mundo. BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010, p. 121.

83 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Panthéisme et Christianisme*.

cristão Teilhard é muito importante, Criador e Criação se abraçam. Pela encarnação Deus adentra a história; pela ressurreição invade o universo⁸⁴.

Durante toda a sua vida o jesuíta cientista combateu os antigos dualismos estáticos e aquilo que se pode chamar sua mística cósmica, ou seja, a capacidade de perceber o essencial que jorra por toda parte, é fruto desse embate.

Teilhard se sentia profundamente incomodado com o persistente dualismo religioso que continua a segregar a responsabilidade moral dos fiéis em relação ao próprio universo. Essa disjunção, diz ele, só 'adoece' o cristianismo, que, assim, fica impossibilitado de experimentar a seiva vivificante que corre das raízes cósmicas. O 'gosto de viver' deve formar o substrato de todo compromisso ético sério, mas essa vitalidade requer a convicção de que nossos esforços têm respaldo no universo. Quando não temos consciência de que somos convidados a participar da grande obra da criação cósmica, o dever religioso – ou, para os cristãos, o seguimento de Cristo –, tende a tornar-se questão de obediência a imperativos categóricos arbitrários ou a mandamentos divinos extrínsecos, em vista de uma recompensa futura, ou, na melhor das hipóteses, de aprimoramento pessoal e da condição humana – mas para quê? Dissociada da consciência de ser partícipe de um grandioso drama cósmico e sem a plena apreciação das doutrinas da criação e da encarnação, a vida cristã ética se converte em simples questão de 'matar tempo', e a redenção, em pura 'messe de almas' do universo. Para que exista uma salutar e robusta esperança, sempre há de haver espaço para que algo *mais* aconteça [...]. Só a 'paixão *de ser completa e permanentemente mais*', uma abertura ao futuro da criação, diz Teilhard, pode amparar e revitalizar nossa vida espiritual e ética. (HAUGHT, 2009, p. 121)⁸⁵.

Em sua busca pessoal pelo Único Suficiente e Único Necessário, o jesuíta se viu dilacerado por duas paixões: Deus e o universo, o transcendente e o imanente. Mas,

84 “A Encarnação que não é nenhum mito, mas um fato histórico atingido pela fé, significa que Jesus foi inserido dentro da humanidade. Por aquilo que é homem-corpo, Jesus assumiu um pedaço vital da matéria. Em razão disto, se relaciona como nosso mundo em cosmogênese. Jesus-homem resulta de um longo processo de evolução cósmica. Como corpo-espírito Jesus de Nazaré era também um nó de relações para com a totalidade da realidade humana e cósmica que o cercava. Porém ele viveu, para usar uma linguagem semita da Escritura, de forma sárquica: limitado pelo *espaço* na Galileia, na Palestina, e pelo *tempo*, dentro da cultura judaica, sob a dominação dos romanos, numa sociedade sacral, agrária e de relações primárias, dentro de uma compreensão pré-científica do mundo, sujeito às fragilidades humanas da dor e da morte, confinado quanto ao conhecimento e ao inter-relacionamento às possibilidades que a época oferecia. A presença de Cristo nesse mundo, enquanto viveu a condição sárquica (sarx = carne = condição humana frágil), se circunscrevia necessariamente dentro das limitações próprias de nossa condição terrestre. A ressurreição contudo realizou a total abertura do homem-Jesus às proporções do Deus-Jesus. Pela glorificação e transfiguração de sua condição sárquica, ele não abandonou o mundo e o corpo: assumiu-o de forma mais plena e profunda. Sua capacidade de comunhão e comunicação com a matéria do mundo foi totalmente realizada, de tal forma que agora não está presente somente ao espaço e ao tempo palestinese, mas à globalidade do espaço e do tempo. O *homo absconditus* (o homem escondido) em Jesus foi, pela ressurreição, transformado em *homo revelatus* (homem totalmente revelado)”. BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 154-155.

85 HAUGHT, John F. Teilhard de Chardin e a promessa da natureza. In: _____. **Cristianismo e ciência**: para uma teologia da natureza. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 101-122.

polarizado entre a imanência e a transcendência ele descobre, como uma espécie de síntese, a transparência, isto é, a existência de uma comunhão com Deus pela Terra. É o que explica Leonardo Boff (2012, p. 24):

[...] a afirmação exclusiva da transcendência de Deus levou a negar o mundo imanente. A afirmação exclusiva da imanência de Deus no mundo conduziu à negação de Deus transcendente. É que imanência e transcendência são feitas categorias opostas excludentes. Aplicadas a Deus, deviam levar à negação do mundo ou de Deus. Como sair desse impasse? Deus não é só transcendente nem só imanente. Ele é também transparente. Como diz São Paulo: 'Há um só Deus Pai de todos, que está acima de tudo (transcendente), por tudo (transparente) e em tudo (imanente)' (Ef 4,6). Existe uma categoria intermediária entre a transcendência e a imanência: a transparência. Ela não exclui, mas inclui. Ela participa de ambas e se comunica com ambas. Transparência significa a presença da transcendência dentro da imanência. Em outras palavras, significa a presença de Deus dentro do mundo e do mundo dentro de Deus. Essa presença transforma o mundo de meramente imanente em trans-parente para a trans-cendência presente dentro dele. O mundo não é negado, mas afirmado. Contudo, ele não é apenas mundo; é o lugar e a própria manifestação emergente daquilo que é mais do que mundo, isto é, do Trans-cen-dente, de Deus.⁸⁶

Para o cientista e cristão Teilhard de Chardin afirmar a transcendência radical de Deus em rechaço do mundo, ou sua radical imanência no mundo negando a sua singular transcendência seria apresentar um Deus incompleto. Era preciso resguardar, segundo ele, tanto sua presença em meio às coisas, quanto seu mistério. O Divino amado e buscado desde a infância entre as pedras do Auvergne era, ao mesmo tempo, imanente e transcendente, próximo e distante, misturado às criaturas e diferente delas. Por isso ele afirmaria, no seu tratado de espiritualidade “[...] que o grande mistério do Cristianismo não é certamente a Aparição, mas a Transparência de Deus no Universo. Sim, ó Senhor, não somente o raio que aflora, mas o raio que penetra. Não vossa Epifania, ó Jesus, mas vossa *Diafania*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 118)⁸⁷..

Pierre descobriu que o Deus procurado no metal e nas pedras não era um Deus presente aqui ou ali, mas um Deus espalhado por toda parte. Essa descoberta, ou mais precisamente o amadurecimento dessa intuição que lhe brotara bem mais cedo e marcaria para sempre sua vida, foi inflamada nele pelo contato com as religiões orientais. É o que ele mesmo revela:

A grande sedução das religiões orientais [...] é de serem eminentemente universalistas e cósmicas. Nunca talvez o sentido do Todo, que é a seiva de

86 BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: a transparência de todas as coisas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

87 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

toda mística, brotou com mais exuberância quanto nas planícies da Índia. [...]. Assim o Oriente me fascina por sua fé na unidade final do Universo. [...]. O Deus que eu busco deve se manifestar a mim como um Salvador da atividade humana. Eu penso tê-lo entrevisto no Oriente. (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 142)⁸⁸.

O sentimento de unidade, de pertença a um espaço comum pelo qual se é co-responsável, encantou o jesuíta francês, buscador por excelência de uma conciliação capaz de preservar, ao mesmo tempo, o amor a Deus e ao mundo. Para ele não era necessário, nem mesmo possível, falar de uma região profana em oposição a uma região sagrada do universo, mas de uma só terra fecundada e habitada pelo Divino, portanto uma terra que convoca cada um dos que a habitam a trabalharem para seu desenvolvimento.

Para o místico do Auvergne, o fundamento e sustentáculo da mística cómica é o amor. Quando relata a evolução interior operada nele para que do Deus de ferro chegasse ao Cristo Ômega, ele diz:

Talvez eu nunca tenha percebido tão claramente o significado possível da evolução de minha vida interior: primeiro a sombra púrpura da Matéria universal se transformando no ouro do Espírito, depois na branca incandescente da Personalidade, depois finalmente (e é a fase atual) no imaterial (ou antes supramaterial) ardor do Amor. E nunca, também, eu compreendi de maneira tão tangível quão numerosos são aqueles que, ao meu redor, aspiram ardentemente esta luz, que eu posso, talvez, transmitir-lhes. (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009, p. 172)⁸⁹.

Da matéria ao espírito, do espírito ao pessoal, do pessoal ao amor que é Deus em sua plenitude. Em outras palavras, Teilhard quer transmitir, quer fazer ver que o amor é o sentimento que une os seres ao redor da mesma mesa na partilha do pão e do vinho; é o amor que inspira no homem um desejo quase apaixonado de estar com o outro, de cuidar do outro e de ser cuidado por ele e, sobretudo, de se juntar ao outro na grande e incansável tarefa de cuidar da terra, essa casa comum que a todos abriga. É o que bem explica Adilson Schultz (2009, p. 202):

88 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Comment je crois*. Importante salientar que Teilhard sublinhou diferenças que o fizeram se afastar das religiões orientais. Mesmo se reconhecendo fecundado e iluminado por esta seiva, ele compreende as místicas do Oriente como deficitárias em relação ao cristianismo, ou mais especificamente ao Cristo Universal, no seu entendimento a convergência das religiões. “O Cristo-Universal, tal como eu o compreendo, é uma síntese do Cristo e do Universo” (p. 146). “Uma convergência geral das Religiões sobre um Cristo-Universal que no fundo as satisfaz todas: tal me parece ser a única conversão possível do Mundo, e a única forma imaginável para uma Religião do futuro” (p. 150). Uma discussão sobre o caráter cristocêntrico da obra teilhardiana não é o objetivo desse trabalho. É preciso, pois, lembrar que ele não tinha como pano de fundo de suas reflexões o diálogo entre religiões, mas o diálogo entre o cristianismo e a ciência de seu tempo.

89 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 27 de junho de 1937.

Assim como em outros processos de adesão ou participação, a 'emoção fundadora' do processo de consciência planetária é o amor. É o amor pela natureza, o amor pelas outras pessoas e o amor a si mesmo que funda os processos de consciência planetária. Sem amar as pessoas, o ar, as árvores e os rios, sem o encantamento pela realidade, é impossível o processo de consciência planetária.⁹⁰

Para o jesuíta do Auvergne o amor está na base de todas as místicas, de toda espiritualidade. Assim ele escreveria em *Le Milieu Mystique*:

Da mesma forma que há uma única Matéria criada para suportar os sucessivos aumentos da Consciência, no Cosmos – assim, não existe senão *um único sentimento fundamental* na base de todos os místicos, ou seja: *O amor inato da pessoa humana, estendido a todo o Universo*. Esta paixão, como toda a força natural, é susceptível, nos seus desenvolvimentos, de paragens, de perversões, de desvios... Pode evaporar-se em vã poesia, extraviar-se em mística naturalista, degradar-se em panteísmo pagão. Não deixa por isso de ser a única jorrante, a única primitiva, no coração humano. Se portanto alguém quiser erguer em si, para Deus, o edifício de um amor sublime, deve antes de mais sensibilizar-se; deve alimentar cuidadosamente em si, pelo comércio prudente mas assíduo com as realidades mais comoventes, o sentimento, a visão, o gosto, da Onipresença de que se nimbam todas as coisas na Natureza. (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 140-141)⁹¹.

O amor é, pois, o próprio Deus habitando o coração humano e o cosmos. Quando se tem consciência desse fato torna-se impossível não amar o outro. O amor sensibiliza o homem, ou seja, torna seus sentidos mais atentos para captar a música dos ventos e o perfume das flores; ensina-o a respeitar e admirar todos os seres que com ele habitam a mesma casa comum. Trata-se, como diria o jesuíta, de uma afeição ou simpatia dirigida a todo o universo no qual se habita e do qual se é parte.

O Sentido da Terra, revelando a cada um que existe uma parte dele mesmo em todas as outras, faz justamente aparecer, entre a massa dos viventes, um princípio de afeição universal e nova: o gosto e a dedicação do elemento pelo elemento, no coração do Mundo *em progresso*. Pelo Amor, dizíamos nós mais acima, se desenha e se experimenta a atração do Centro para o qual tudo converge. Agora descobrimos a possibilidade, e entrevemos as linhas de um segundo componente afetivo fundamental do Mundo: o amor de interligação, acima do amor de atração, – os elementos que se comprimem, para sofrer a União. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 44)⁹².

90 SCHULTZ, Adilson. Consciência planetária espiritual . In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 197-209.

91 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

92 Id. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo *L'Esprit de la Terre*.

A mística cósmica é, pois, a mística do amor que se expressa no cuidado, na sensibilidade, na atenção, no respeito, numa “[...] simpatia obscura por tudo aquilo que se move na matéria obscura” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 19)⁹³. Assim Teilhard escreveria num artigo de 1936:

O Senso Cósmico é um amor, ele só pode ser isto. Ele é um amor, pois ele nos leva para um objeto complementar e único, de natureza pessoal. Ele deve ser um amor, visto que seu papel é dominar, consumando-lhe, o amor do homem pela mulher, e o amor do humano por todos os outros humanos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 104)⁹⁴.

A consciência cósmica não é simplesmente consciência da terra, mas consciência de que na terra, casa comum, os seres mergulham num Todo, ou mais que isso, que unidos a todos os outros são o próprio Todo. A experiência mística de Teilhard se liga ao seu profundo conhecimento da natureza. O Criador, para ele, é encontrado na Criação e em cada uma de suas criaturas. Todas elas devem, portanto, ser amadas. Este aspecto do pensamento do místico francês favorece, segundo Galleni (2012, p. 16), o diálogo com as religiões, sobretudo com aquelas que “[...] buscaram no contato quase filial com a natureza uma estrada para chegar ao diálogo com a divindade”⁹⁵, mas favorece, sobretudo, o diálogo fraterno e amoroso com todos os seres criados.

Importante observar ainda que, ao mesmo tempo em que se fundamenta no amor, o senso cósmico educa para o amor. Cada vez mais os homens e mulheres deste século têm percepção da profunda interdependência que os une e fortalece. As descobertas e invenções de um povo rapidamente se tornam patrimônio de todos os outros povos, fazendo aumentar com isso não apenas as disputas e rivalidades, mas sobretudo a solidariedade e consciência de pertença a uma mesma família humana, comensais de um mesmo banquete. Apesar do que podem fazer crer as aparências, o que se opera hoje no mundo é, muito menos que separação e distanciamento, um ajuntamento da humanidade. Este fenômeno, que Teilhard entende como sendo um fenômeno biológico, exige uma nova ética internacional, cuja base é o amor.

Antes de tudo, um amor que faça admitir as diferenças, sem a pretensão de anulá-las, ou em termos teilhardianos, um reconhecimento de que existem raças, “[...] sem que para isto exista – de direito – um antagonismo e um problema das raças” (TEILHARD DE CHARDIN,

93 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

94 Id. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo *Esquisse d'un Univers Personnel*.

95 GALLENI, Ludovico. Prefazione. In: TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**. Teilhard de Chardin e as religiões. Roma: Studium, 2012, p. 7-18.

1957, p. 297)⁹⁶. Para salvar a dignidade humana ou a dignidade telúrica não é necessário negar a diversidade; pelo contrário, é preciso compreender o valor das diferentes existências que compõem o cosmos. Mas, admitir a diferença não significa ou justifica advogar para si nenhum tipo de superioridade. As variedades que, analisadas isoladamente, podem parecer prejudiciais, “[...] se tornam aceitáveis, honráveis, e mesmo amáveis, se olhadas do ponto de vista de *sua essencial complementariedade*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 298)⁹⁷.

Para que a terra cresça é preciso que os grupos humanos, uma vez reconhecida a diversidade, trabalhem para o aperfeiçoamento de suas qualidades próprias, buscando nos grupos vizinhos pontos de apoio na escalada para o mais-ser. Como paleontólogo, Teilhard tinha consciência das formas inexoráveis da concorrência biológica; da mesma forma sabia que as leis de seleção natural não poderiam ser transferidas brutalmente para o contexto humano. Na humanidade, que deseja sobreviver, o abraço fraterno deve substituir a concorrência hostil, assim como a solidariedade deve suplantar as disputas individuais.

Alargados a um nível ou degrau de consciência cósmica estes valores ou princípios, pensados pelo místico do Auvergne como fundamentos de uma moral das raças, podem ser traduzidos na máxima que ele mesmo descreveu: “Desenvolvimento de cada um numa simpatia para com todos” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 299)⁹⁸. É preciso, mais que nunca, aprender (ou reaprender) a amar. Caso contrário, o mundo, diria Teilhard já no distante ano de 1939, explodirá⁹⁹.

Hoje, mais que nunca, cresce nos humanos o sentimento que o místico jesuíta chamou de interfecundidade e mais tarde Leonardo Boff descreveu como sentimento de interdependência e desta vez, continua o teólogo brasileiro, “[...] não haverá uma arca de Noé que, como outrora, salve alguns e deixe perecer os demais. Agora ou nos salvamos todos ou todos pereceremos” (BOFF, 2009, p. 15)¹⁰⁰.

Enfim, o futuro da terra depende do reavivamento da capacidade humana de amar que acabou sendo obscurecida pela pretensão egoísta de tudo dominar. O homem, em quem a evolução tomou consciência de si mesma, é chamado à tarefa de organizar-se, bem como de organizar o mundo à sua volta sob um novo padrão ético de relações. É o que tão bem nos

96 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **La vision du passé**. Paris: Éditions du Seuil, 1957. Do artigo *Les unités humaines naturelles. Essai d'une biologie et d'une morale des races*.

97 Ibid.. Do artigo *Les unités humaines naturelles. Essai d'une biologie et d'une morale des races*.

98 Ibid. Do artigo *Les unités humaines naturelles. Essai d'une biologie et d'une morale des races*.

99 Ibid.

100 BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 15-27.

lembra o teólogo Faustino Teixeira (2009, p. 212) ao falar do sentido místico da consciência planetária:

O sentido místico da consciência planetária convoca o ser humano a uma nova dinâmica relacional, que envolve o olhar, a escuta e a aliança com o Todo. Pode-se ainda falar em hospitalidade: ser capaz de hospedar o outro e a realidade envolvente. Isso requer muita humildade e quebra das arrogâncias identitárias, na medida em que traduz uma nova forma de instalação no mundo, marcada pela 'delicadeza espiritual', pela simpatia, cortesia e retomada do senso da maravilha. Em linha de descontinuidade com a lógica prometeica, que busca tudo controlar e explicar, há de reaprender o ritmo da imanência, que envolve humildade e abertura, ou seja: saber se instalar silenciosamente no 'frêmito da contingência'.¹⁰¹

É preciso, pois, estar atento para captar a presença de Deus em toda Criação; do Criador nas suas criaturas; é preciso abrir o coração para finalmente desvendar esse Mistério supremo que não se esconde nem mesmo se revela aqui ou ali, mas que, como diria Teilhard, transparece em todas as coisas e faz do mundo sua morada.

O Oriente fez exaltar em Pierre o senso cósmico, ou seja, a compreensão de que somos todos pequenos elementos de um grande Todo. Sendo cristão, a figura dessa Totalidade assumiu para o místico francês o rosto de Cristo, ou para ser mais fiel ao espírito da tradição paulina à qual ele se filiava, o corpo de Cristo. Essa consciência, por sua vez, fê-lo compreender que como as células de um corpo devem trabalhar para mantê-lo vivo, também nós devemos concorrer para o crescimento da soberania crística no mundo, ou seja, para a tessitura do Corpo místico.

4.3 Mística do engajamento

[...] para o cristão dedicado à unificação do Mundo em Cristo, o trabalho da vida interior moral e mística se reduz totalmente a dois movimentos essenciais complementares: conquistar o Mundo e dele fugir. E ambos os movimentos nascem naturalmente um do outro, além de representarem duas formas conjugadas de uma mesma tendência: alcançar a Deus através do Mundo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 69).¹⁰²

Assim escrevia Pierre Teilhard de Chardin, no ano de 1924. Nas terras chinesas o jesuíta francês experimentou de forma intensa aquilo que desde a infância as pedras do Auvergne o fizeram pressentir, a saber, que o universo deve ser amado de forma apaixonada e sem receios porque nele uma presença amorosa ao mesmo tempo se esconde e se revela. Para

101 TEIXEIRA, Faustino. O sentido místico da consciência planetária. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 211-221.

102 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Meu Universo*.

quem é capaz de perceber o essencial que jorra por toda parte, o mundo é sacramento do Divino, é o espaço onde Ele se oculta para ser encontrado.

A consciência cósmica de Teilhard o fez ver e sentir Deus presente em todas as coisas; seu amor pelo Criador difuso na Criação o fez amar cada criatura. O senso do Todo era para ele, pois, a seiva de toda espiritualidade. Aquele que ama o mundo por se sentir parte dele vê nascer em si um amor capaz de abraçar cada fragmento desse mundo. Sendo assim, pode-se dizer, a mística cósmica teilhardiana, que se funda e se desenvolve no amor, dá origem ao que, ousadamente, chamaríamos de sua mística de engajamento ou mística do Ser participado, que pode ser resumida numa afirmação encontrada no *Le Milieu Divin*:

Em virtude da interligação Matéria-Alma-Cristo, *qualquer que seja a coisa que fazemos*, nós reconduzimos a Deus uma parcela do ser que Ele deseja. Através de cada uma de nossas *obras*, nós trabalhamos, atomicamente, mas realmente para construir o Pleroma, isto é, para levar ao Cristo um pouco de acabamento. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 29)¹⁰³.

O universo vai se consumando pouco a pouco através do trabalho de cada indivíduo. Quando homens e mulheres assumem e realizam com seriedade a tarefa que lhes foi confiada eles concorrem, pois, para o acabamento do mundo em Cristo, ou seja para sua salvação. A própria vida de Teilhard foi marcada por esse compromisso:

O último superior Provincial de P.T. de Chardin, Padre André Ravier, deu um breve depoimento-testemunho sobre o seu súdito, em Nova Iorque, e realçou alguns de seus traços de religioso e homem. Viu-o como homem fundamentalmente atraído pela mística, não no sentido de especulações abstratas, mas de compromisso-engajamento de vida. Toda a sua obra – diz o Padre A. Ravier [...] – revela atuação pela mística, entendida esta como vida, como vida cheia de dramaticidade, como um combate no qual T. de Chardin se sentia 'totalmente engajado. Como um pioneiro'. (ALVES, 1981, p. 77)¹⁰⁴.

Teilhard era, antes de tudo, um grande apaixonado pela vida e talvez em decorrência disso mesmo, um homem comprometido e engajado na luta contra todas as formas de morte. E neste sentido ele afirmaria que “[...] a Comunhão se converte em uma participação apaixonada na Ação universal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 177)¹⁰⁵. O ser humano prolonga no tempo e no espaço a ação criadora e salvadora de Deus, ou seja, o criado se junta ao Criador numa ação contínua a favor da vida.

103 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

104 ALVES, Ephraim Ferreira. Teilhard de Chardin: crente e cientista. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 75, n. 7, set. 1981.

105 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *Como yo vejo o Mi punto de vista*.

Pode-se dizer que o jesuíta do Auvergne assume como pano de fundo de sua espiritualidade uma visão unitária da história. Importante lembrar que Teilhard lutou durante toda a sua vida contra os dualismos radicais que tendiam a separar mundo e Deus, natureza e graça, reino da terra e reino do céu. Na sua visão marcadamente evolucionista ele entendia a história como sendo atraída e assumida por Cristo, ou como bem traduz Gutierrez (1975, p. 129), a história cristofinalizada:

[...] não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, 'justapostas' ou 'estritamente unidas', senão um só devir humano assumido irreversivelmente por Cristo, Senhor da história. Sua obra redentora abrange todas as dimensões da existência e leva-a a sua plena realização. A história da salvação é a própria entranha da história humana. [...] a ação salvífica de Deus conduz toda existência humana. [...] há uma só história. História cristofinalizada.¹⁰⁶

Na verdade, diz o místico francês, “[...] a articulação das unidades espirituais da Criação sob a atração do Cristo é a suprema vitória da fé sobre o Mundo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 170)¹⁰⁷. Não negação do mundo, mas organização do mundo em Cristo.

Teilhard pode ser apontado como um dos pioneiros na discussão sobre o cristianismo engajado. Para Urbano Zilles nem mesmo se pode falar numa espiritualidade de engajamento, ignorando o trabalho do místico jesuíta¹⁰⁸. Há de se considerar, no entanto, que seu engajamento não é diretamente político, o que acabou lhe rendendo algumas críticas.

Teilhard de Chardin é um dos que mais fizeram por buscar a unidade da fé e da 'religião do mundo', mas precisamente porque o faz numa ótica científica valoriza o domínio da natureza que o homem vai alcançando, e fala dele como o ponto de perfuração da evolução, que a toma nas mãos. Politicamente, sua visão é, antes, neutra. Este enfoque selou fortemente o modo de ver o assunto, em particular, como é normal, entre os teólogos de países desenvolvidos. Neles o conflito fé-ciência, e as explicações desta última na transformação do mundo, empenhou as maiores energias. Por isso é que, quando cuida de orientar-se para o terreno da sociedade humana, a preocupação traduz-se em termos de desenvolvimento e progresso. Em outras partes, os problemas são diferentes. As preocupações dos povos ditos do terceiro mundo giram em torno do eixo injustiça-justiça social, ou mais especialmente, opressão-libertação. A partir daí é que se apresentam aos cristãos desses povos o grande desafio à fé. Em face de um enfoque pessimista deste mundo, frequente em meios cristãos tradicionais e que propicia uma atitude de fuga, propugna-se uma visão otimista que tenta conciliar a fé e o mundo, e facilitar uma atitude de compromisso. É

106 GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

107 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

108 ZILLES, Urbano. Teilhard de Chardin: uma espiritualidade de engajamento. In: _____. **Crer e compreender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 114-125.

necessário, porém, discernir realidades nesse otimismo. (GUTIÉRREZ, 1975, p. 151-152)¹⁰⁹

Sem sombra de dúvida é preciso perceber as diferentes facetas do otimismo para que ele não seja usado para justificar a existência do desequilíbrio, das desigualdades, da injustiça e do caos no mundo. Mas, ainda que se diga que as reflexões teilhardianas tenham influenciado as teologias do desenvolvimento e do progresso¹¹⁰, não se pode omitir o fato de que ele sempre insistiu no dever humano de rejeitar o mal. Seu otimismo, ao invés de ser considerado ingênuo, deve ser entendido como ponto forte de sua mística de ação, na medida em que concorre para uma espiritualidade de ser no mundo, ao contrário de uma espiritualidade de fuga e abandono da terra. Aquele que se sente abraçado por Deus não fecha os olhos para as dores do mundo, mas busca em meio às sombras um pouco de luz. É o que demonstra o teólogo Faustino Teixeira:

Há que saber ler o que há no mundo com os olhos do real, esta é a grande pista lançada pelos místicos sufis: lavar o rosto e as mãos nas águas desse lugar, de forma a poder ver o real que subjaz na realidade. É o que diz Rûmî de forma tão bonita. Se conseguimos ver a realidade com a luz do real, não há razões para o pessimismo. Isso não significa fechar os olhos para as dores do mundo, a impermanência que vigora, os desgastes da compaixão, mas é saber transfigurar a dor e ver um horizonte para além do samsara, mas que permeia e atravessa o samsara.¹¹¹

O grande dilema enfrentado por Teilhard era a proposta de uma espiritualidade desencarnada, afastada do mundo. O ponto principal sobre o qual ele insistirá muitas vezes é que não se deve identificar mal e mundo, como se o mundo fosse o mal que deveria ser combatido, o muro que afasta de Deus. Seu otimismo não era ingênuo, mas os problemas por ele enfrentados eram muito diferentes dos problemas enfrentados por outros teólogos como aqueles dos países mais pobres. O que propunha o místico jesuíta era um novo olhar sobre a ascese cristã.

O desprendimento cristão se prega ou se compreende todavia, demasiadas vezes, como uma disposição de menosprezo, de indiferença ou de desconfiança ante às realidades terrestres. O Mundo presente não é mais que barro ou cinza: *quanto menos se toca nele, mais santo se é...* A esta doutrina

109 GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

110 “Daí certos trabalhos surgidos como teologia do desenvolvimento, do progresso, etc. Não se trata só do título, mas sobretudo da forma como é colocada e resolvida a questão. A maioria desses autores reconhecem, aliás, a influência de Teilhard no esboço do problema”. GUTIÉRREZ, Gustavo. Opus cit., p. 151, nota 92.

111 TEIXEIRA, Faustino. A mística nos rastros do cotidiano. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5322&secao=435>. Acesso: 04 nov. 2014.

negativa de renúncia por abstenção deve se propor a noção positiva de renúncia 'por entrega ao que é maior que si mesmo'. Não; o contato com a Matéria por si mesmo, não mancha a alma ou a entorpece, pelo contrário, a nutre e a eleva. O cristão pode ter sido considerado durante muito tempo como aquele que professava o desdém do transitório. Pois bem, o que de agora em diante deve servir para distingui-lo é uma entrega sem igual de todo seu ser ao poder criador que constrói o Mundo, e inclusive em suas esferas materiais e sensíveis, – em suma, um *fervor excepcional pela criação*. Desprender-se do Mundo pode ter significado, em outro tempo, abandonar o Mundo. Esta palavra desejará dizer, de agora em diante, atravessar o Mundo, quer dizer, alcançar, utilizar e desenvolver (mediante um esforço sustentado em todos os terrenos, inclusive naqueles considerados, muito erroneamente como 'profanos') o que no Universo é sempre mais alto, mais longe e maior. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 32)¹¹².

O cristão, diria Teilhard, justamente por ser cristão, deve, à exemplo de seu mestre, adentrar o mundo, deve empregar toda as suas forças e toda a sua astúcia para torná-lo sempre mais belo, em outros termos, para salvá-lo. Cristo não teve medo do mundo, pelo contrário, banhou-se em suas águas, mergulhou nelas para torná-las, como ele, divinas. Desprender-se do mundo não quer dizer abandoná-lo, mas atravessá-lo fazendo-o cada vez mais santo. A recomendação de um trabalho no mundo, a favor de seu progresso e desenvolvimento, tantas vezes feita pelo místico jesuíta, não quer dizer concordância com as formas degradantes de exploração da terra pelo homem e do homem pelo homem. A injustiça e a opressão, assim como o mal em todas as suas formas, não são de modo algum desejados por Deus e isso o jesuíta afirmou com firmeza:

Em si, imediatamente consideradas, as servidões do Mundo – sobretudo aquelas que nos importunam, nos diminuem, nos matam – não são divinas nem de maneira alguma desejadas por Deus. Representam a parte de inacabamento e desordem que deteriora uma criação ainda não perfeitamente unificada. E, a esse título, desagradam a Deus. E Deus, num primeiro tempo, luta conosco (e em nós) contra elas. Um dia há de triunfar sobre elas. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 73-75)¹¹³.

O progresso e desenvolvimento do mundo significam também ausência nele daquilo que desequilibra e destrói. Opressão e injustiça são realidades contrárias ao amor criador de Deus e conseqüentemente ao prolongamento da Criação; sendo assim, são realidades rejeitadas por Teilhard, ainda que delas ele não fale diretamente.

O amor pela terra e seus encantos se conciliam, no pensamento e vida de Teilhard, com seu amor pela Divindade absoluta e definitiva buscada desde a infância. Dividido entre

112 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *El Sentido Humano*.

113 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Meu Universo*.

dois amores, ele não quer ter de escolher entre um e outro e por isso vai buscar a conciliação do que, para muitos de seu tempo, parecia irreconciliável. Este será o trabalho de toda a sua vida, a tarefa para a qual ele dedicará seu sacerdócio. Já na Guerra, ele fala de sua vocação primeira:

Todo padre, por ser padre, dedicou a sua vida a uma obra de salvação universal. Se tem consciência da sua dignidade, não deve viver mais para si, mas para o Mundo seguindo o exemplo d'Aquele a quem foi ungido para representar. Para mim, Jesus, parece-me que este dever toma uma urgência mais imediata, e um significado mais preciso que para muitos outros bem melhores que eu. Inúmeros são os cambiantes do vosso chamamento! Essencialmente diversas as vocações!... As regiões, as nações, as categorias sociais, tiveram cada qual os seus Apóstolos. Desejaria ser, eu, Senhor, pela minha humilde parte, o apóstolo, e (será ousadia dizê-lo) o evangelista *do vosso Cristo no Universo*. – Desejaria, pelas minhas meditações, pelas minhas palavras, pela prática de toda a minha vida, descobrir e pregar as relações de continuidade que fazem, do Cosmos onde nos agitamos, um meio divinizado pela Encarnação, divinizador pela comunhão, divinizável pela nossa cooperação. *Levar Cristo, por ligações propriamente orgânicas, até ao seio das Realidades reputadas como mais perigosas, mais naturalistas, mais pagãs, eis o meu evangelho e a minha missão.* (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 298-299)¹¹⁴.

Ser um apóstolo de Deus no mundo, fazê-lo amado na concretude da vida, no curso da história, nas realidades mais naturalistas e pagãs; eis o que Teilhard define como seu evangelho e sua missão. A harmonia buscada foi vista, sentida, experimentada e proclamada. Aquele que amou o universo com todas as suas forças e que com a mesma intensidade amou Deus, soube que a diferença não implica contradição e separação. Deus não é o mundo e o mundo não é Deus mas, se são diferentes, eles não se contradizem. O mundo, por Deus tornado divinizado e divinizador, é também e sempre ainda divinizável.

Religioso e cientista, Teilhard de Chardin pode ser considerado um peregrino entre dois mundos. Vivendo em meio às montanhas do Auvergne ele se sentiu, desde cedo, atraído “[...] pela matéria, pela terra e por tudo o que ela escondia em suas entranhas” (SESÉ, 2005, p. 22)¹¹⁵. Mas da mesma forma se sentiu atraído pelo Absoluto buscado nas pedras, num pedaço de metal ou num vulcão. Seu itinerário de vida o fez ver, antes experimentar, Deus escondido e revelado no mundo. E aquilo que ele sentiu, desejou compartilhar:

[...] o Real é penetrado por uma divina Presença. Como já o sentiam e pressentiam os místicos, tudo se torna física e literalmente amável em Deus;

114 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Écrits du temps de la guerre*: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le prêtre*. No seu diário, em 04 de novembro de 1916, ele escreveria: “Meu Deus, que eu seja padre e que minha vida, no seu curso e no seu termo, seja a mais útil possível ao mundo”. Id. *Journal*. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975, p. 33.

115 SESÉ, Bernard. *Pierre Teilhard de Chardin*. São Paulo: Paulinas, 2005.

e Deus, reciprocamente, se torna apreensível e amável em tudo aquilo que nos cerca. Na largura e profundidade de seu estofo cósmico, no enlouquecedor número dos elementos e acontecimentos que o compõem, e igualmente na amplidão das correntes gerais que o dominam e o arrastam, como um único e enorme caudal, o Mundo, cheio de Deus, agora aparece a nossos olhos desmesuradamente abertos como um meio e objeto de universal comunhão. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 157)¹¹⁶.

A espiritualidade teilhardiana é, pode-se dizer, a espiritualidade de um homem totalmente tocado pelo amor que o fez ver e sobretudo experimentar Deus em todas as coisas, espiritualidade nascida do amor e plena de amor. Tocado no mais íntimo de si por esse sentimento ele foi capaz de abrir os olhos e ouvidos para sentir a divina Presença no mundo.

Ainda na Guerra, Teilhard escrevera um texto magnífico intitulado *Le Christ dans la matière: trois histoires comme Benson* onde ele exprime, com maestria poética, sua percepção acerca da presença real de Cristo no universo. Tratam-se, como indica o próprio título, de três histórias que são atribuídas a um amigo, para alguns¹¹⁷ o próprio Teilhard. Semelhantes a relatos de experiências místicas, nestes contos Pierre fala de um Cristo que se revela irradiando pelo mundo e dele se vestindo.

A primeira destas histórias ou experiências acontece diante da contemplação de um quadro. Inicialmente, o autor expressa seu medo de que o Corpo de Cristo, presente no Mundo, não fosse reconhecido em sua intensidade. Tomado por estas e outras questões, seu olhar fixado na imagem, ele começa a sentir Cristo se esvaindo por toda a matéria, irradiando-se até o infinito. Tudo, o universo inteiro vibrava, e no entanto, quando se tentava olhar os objetos um a um eles eram encontrados “[...] sempre nitidamente desenhados em sua individualidade preservada” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 44)¹¹⁸. Ou seja, Cristo habitando o mundo sem com ele se fundir, vestindo-se do mundo para junto dele ser transfigurado.

Voltando à visão, o que mais impressionava era a face de Jesus, sua face transfigurada pelo brilho de todas as belezas, a incomunicável beleza de Cristo. Essa beleza, diz aquele que viu,

[...] eu a adivinhava mais do que propriamente percebia: com efeito, cada vez que eu tentava penetrar a camada das belezas inferiores que a escondiam

116 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Super Humanidade, Super-Cristo, Super-Caridade: novas dimensões para o futuro*.

117 É o que afirma o Wildiers, editor de *Hymne de l'Univers*, em nota de rodapé: “Nestes contos, muito íntimos para que o autor não tenha sentido necessidade de se velar, o 'amigo' é evidentemente ele mesmo”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961, p. 41, nota 1; bem como MANTOVANI, Fábio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli, 2006.

118 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

de mim, outras belezas particulares e fragmentárias se elevavam, velando para mim a *Verdadeira*, ao mesmo tempo fazendo-me prevê-la e desejá-la. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 47)¹¹⁹.

A face de Cristo ia assim se irradiando, velando-se e desvelando-se. E no centro de toda irradiação, os olhos de Cristo, olhos que refletem tudo aquilo que encanta e vive, reunião de todos os olhares do mundo. Nos olhos de Jesus, o olhar cheio de ternura de uma mãe, o olhar apaixonado de uma mulher, os olhos de um homem corajoso. Por fim, uma expressão final, indecifrável, que dominava e resumia tudo. “Era-me impossível dizer se ela revelava uma indizível agonia ou um excesso de alegria triunfante! Sei apenas que, desde então, parece-me tê-la entrevisto de novo no olhar de um soldado agonizante” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 47)¹²⁰. Enfim, nos olhos de Cristo, todos os olhares do mundo.

Na segunda história, a experiência se dá frente a um ostensório. Aqui a hóstia vai se desdobrando, envolvendo e invadindo todas as coisas. Mas a brancura que irradiava e invadia, não apagava os traços do que era invadido.

Assim, em meio a um grande suspiro, que fazia pensar num despertar e num lamento, o fluxo de brancura me envolvia, me ultrapassava, invadia todas as coisas. E cada coisa, mergulhada nele, conservava sua figura própria, seu movimento autônomo: porque a brancura não apagava os traços de nada, não alterava nenhuma natureza, mas penetrava os objetos no mais íntimo, mais profundo que a sua vida. Era como se uma claridade leitosa iluminasse o Universo por dentro. Tudo parecia formado de uma mesma espécie de carne translúcida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 49)¹²¹.

No pensamento teilhardiano é muito presente a ideia de um Deus que penetra todas as coisas, iluminando-as sem alterá-las, fogo que invade a terra sem violência, uma vez que ninguém força as portas para entrar em sua própria casa¹²². O mundo é a casa de Deus e por isso ele não precisa ser destruído para ser tomado. Ao contrário, ele vai se tornando incandescente, uma única Hóstia, uma mesma comunhão pela qual cada ser se une a todos os outros na tarefa de salvá-lo.

A última das três histórias não narra uma visão, mas transmite uma impressão daquele que viveu a experiência. Ele leva perto do peito uma custódia contendo as Santas Espécies, fato que o faz pensar na divina Presença como algo que, mesmo perto, pode estar tão distante. Para quem sabe ver, como Teilhard, o mais terreno e profano do mundo pode

119 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

120 Ibid.

121 Ibid.

122 Em *La Messe sur le Monde*, assim diz Teilhard: “Aconteceu. O Fogo, mas uma vez, penetrou a Terra. Não caiu ruidosamente sobre os cumes, como o raio em seu esplendor. O Mestre forçaria as portas para entrar em sua própria casa?”. Ibid., p. 22.

revelar Deus. Para quem não sabe ver, nem o que há de mais sagrado (como para o cristão católico as Santas Espécies) é capaz de lembrar Deus. A experiência continua e o amigo vai apertando a custódia contra si mesmo, cada vez mais, como se isso pudesse fazer Cristo penetrá-lo. Não suportando mais, ele comunga. Mas eis que o pão consumido, agora carne de sua carne, ainda é sentido como fora dele, sempre diante dele que se sente então como uma pedra que, rolando o abismo, não chega nunca a seu fundo. Por mais fina que fosse a Hóstia, o homem se perdia nela, sem nunca tocá-la. Ao tentar envolvê-la com seu amor, ela se diferencia e aqui se tem talvez o ápice da narrativa:

À medida que eu pensava contê-la, não era mais Ela que eu segurava, mas alguma das mil criaturas no seio das quais a nossa vida é apanhada: um sofrimento, uma alegria, uma tarefa, um irmão a amar ou consolar... Assim, no fundo de meu coração, por meio de uma substância maravilhosa, *a Hóstia se furtava* pela sua superfície, deixando-me às voltas com todo o Universo, reconstituído por Ela mesma, tirado de suas Aparências... Deixo de lado a impressão de entusiasmo que me causou essa revelação do Universo colocado entre Cristo e eu, como presa magnífica. Voltando à impressão de 'exterioridade' que havia atraído a visão, eu apenas lhe direi que então compreendi que invisível barreira se estendia entre a custódia e eu. Da Hóstia que segurava entre os dedos eu estava separado *por toda espessura e superfície dos anos* que me restam para viver e divinizar. (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 55)¹²³.

Entre o homem e Deus a proximidade de todo universo divinizado e a distância de todo universo a divinizar, pelo labor diário, pelo esforço cotidiano, pela partilha do sofrimento ou da alegria, pelo corpo e sangue. Devotando-se ao trabalho e à pesquisa e assim concorrendo para o acabamento do mundo, o homem vai tornando, cada vez menos espesso, o véu que o separa do Criador. Entregando-se a esta aventura de ser e de ser com o outro, ele cada vez mais se aproxima do Grande Outro que o espera em todas as coisas.

Entre a ação e a oração, a paixão e a adoração, o jesuíta propõe, já que experienciou, uma terceira saída. Agir para ele significa, fundamentalmente, como bem salienta Baudry (2010, p. 18), “[...] participar da Criação. Porque a evolução é um movimento de unificação, agir equivale a unir-se, a progredir no ser. [...]. O pensamento de Teilhard a este propósito se estrutura como uma filosofia da ação”¹²⁴. Participar da obra do Criador, tornar-se um prolongamento de sua vontade, é rezar. Teilhard não despreza os momentos dedicados exclusivamente à oração e aos sacramentos, mas sabe que o encontro com Deus não se restringe a estes instantes. Na verdade ele se sente incomodado com as discussões em torno da

123 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

124 BAUDRY, Gérard-Henry. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milão: Jaca Book, 2010.

problemática ação e contemplação, uma vez que rezando ou agindo ele se sente sempre numa atitude de união.

Discutem os autores místicos para saber se a ação deve preceder a contemplação, como uma preparação, ou dela jorrar como uma superabundância divina. Confesso, não compreendo esses problemas. Quer esteja agindo ou rezando, quer abra laboriosamente minha alma pelo trabalho, ou então seja ela invadida por Deus mediante as passividades do exterior e do interior, tenho consciência igualmente de unir-me. Ora, nessa consciência reside, 'formalmente', a atividade mística. Impelido ativamente ao desenvolvimento pelas aspirações sensíveis do meu ser, ou dolorosamente dominado pelas ligações materiais, ou visitado pelos carismas da oração, nem por isso me estou movendo mais ou menos no meio místico. *Em primeiro lugar* estou in Christo Iesu, só *depois* atuo, ou soffro, ou contemplo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 77)¹²⁵.

O pensamento teilhardiano aponta para a perspectiva unitária da história. A Criação, tal como apresentada pela Bíblia, não deve ser entendida como resposta às inquietações filosóficas sobre a origem do mundo, mas como o primeiro ato salvífico de “[...] um Deus que salva na história” (GUTIÉRREZ, 1975, p. 131)¹²⁶. Vitória da harmonia sobre o caos, o ato criador expressa a face amorosa de Deus que, por amor, deseja a continuidade desta obra de salvação e chama o homem a participar dela como seu colaborador. A Encarnação insere-se neste mesmo e contínuo processo histórico. Quando enviou seu Filho único e nele fez da carne sua morada, a vontade de Deus não era fazer perder o mundo, mas antes, salvá-lo. Em Cristo, a divindade se humaniza e o humano se diviniza. Por isso ele é a solução para o problema, tantas vezes pensado por Teilhard, da harmonia entre mundo e Deus. Já pela Criação e muito mais ainda pela Encarnação, homens e mulheres são chamados a tornar cada vez mais belo este universo, morada da humanidade, templo de Deus. O mistério não se esconde no além, mas se oferece a todo instante no que há de mais simples. Para adorar não é preciso afastar-se do mundo, basta estar atento à voz do amado que sussurra em meio as coisas.

É no tempo, no cotidiano, que o canto do mistério se faz presente. É um grande equívoco pensar que o tempo passado em qualquer de nossos espaços vivenciais, seja no trabalho, na festa, na casa, na luta, nos encontros, seja uma 'subtração da adoração'. Ao contrário, é ali, nesse caldo de vida, que o Mistério está presente e mostra seu rosto. Como indica Teilhard, é o próprio céu que nos sorri e nos atrai em nossa operosidade no mundo. A nossa

125 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Meu Universo*.

126 GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

presença e nossa atenção ao real que nos circunda é, efetivamente, a continuação de nossa 'imersão em Deus'.¹²⁷

O engajamento de Teilhard se funda no amor. Sua caridade é aquela que ele mesmo define como sendo “ [...] a do bom Samaritano que levanta, que cura e que consola” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 32)¹²⁸. Por amar intensamente as criaturas, a mística teilhardiana é a mística da ação no mundo a favor da vida em rechaço da morte nas suas mais variadas formas. Tudo o que fere ou impede a Criação de seguir sendo no tempo deve ser rejeitado. O trabalho humano deve concorrer para o contínuo nascimento de Cristo no mundo:

No Universo, todo movimento de crescimento material destina-se em última análise ao espírito, e todo movimento de crescimento material se destina em última análise a Cristo. Por conseguinte, seja qual for o trabalho, grosseiro ou sublime, aborrecido ou apaixonante, a que me prende o instante presente, tenho a felicidade de poder pensar que o fruto de meu trabalho é esperado por Cristo: – o fruto, compreendam-no bem, quer dizer, não só a intenção de meu ato, mas também o resultado tangível de minha ação [...]. Se tem fundamento esta esperança, deve então o cristão agir, e agir muito, e agir com tanto mais seriedade que o mais convicto operário da Terra, para que Cristo nasça sempre mais no Mundo que o cerca. Mais que qualquer incrédulo, deve ele venerar e promover o esforço humano que visa diretamente aumentar a consciência (isto é, o ser) da Humanidade. Quero referir-me à pesquisa científica e à busca organizada de melhor ligação social. Nessas direções, aqueles que amam ao Cristo Universal jamais se deveriam deixar superar em esperança e audácia. Ninguém, com efeito, possui tantos motivos quanto eles para crer no Universo e lançar-se sobre ele para conquistá-lo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 70-71)¹²⁹.

E este trabalho, diz Teilhard, não deve ser realizado por simples obediência ou demonstração de boa vontade, mas como forma de adesão ao projeto salvífico de Deus. A espiritualidade teilhardiana aponta para o céu mas mantém fixas suas raízes na terra. O místico jesuíta sabe que o encontro com Deus depende de olhos que sabem e querem ver e, nesse sentido, sua mística poderia ser definida antes de tudo como uma verdadeira mística da atenção ou ainda, na esteira de Johann Baptist Metz, uma “mística de olhos abertos”¹³⁰.

O místico francês, penetrado pelo amor, conseguiu manter-se atento ao mundo, soube ouvir o choro e o riso da Criação; enfim foi capaz de “[...] ver na história e em todas as articulações da experiência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo

127 TEIXEIRA, Faustino. A mística nos rastros do cotidiano. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5322&secao=435>. Acesso: 04 nov. 2014.

128 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *El Sentido Humano*.

129 Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Meu Universo*.

130 METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

eleva” (BOFF, 1983, p. 15)¹³¹. Mais que isso ele se sentiu guiado por esse fio e dessa forma chamado a estar no mundo para conduzi-lo a Deus. E desejou que outros, como ele, se sentissem tocados pela mesma experiência. É preciso, diz ele, “[...] sentir e reconhecer no Mundo o dedo de Deus muito mais que qualquer evento extraordinário particular” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 189)¹³².

É no cotidiano, na prática dos labores diários, nas tarefas mais corriqueiras e aparentemente banais que o homem se liga mais profundamente ao Absoluto. Nesse sentido a mística de Teilhard se aproxima bastante daquela de Mestre Eckhart que

[...] afirma a excelência da prática de Marta sobre a contemplação de Maria. Essa excelência é afirmada junto a uma nova ideia que se transpõe à relação com a exterioridade. '[...] a querida Marta e todos os amigos de Deus estão com o cuidado, não no cuidado'. Para Eckhart, o homem é capaz de realizar obras exteriores sendo interiormente unido a Deus. Marta está 'junto às coisas', ou seja, na lida cotidiana e descuidada com as coisas. Mas o que é essa lida cotidiana? É o arrumar e limpar, o arranjo com as coisas, o ir e vir do dia a dia. No estar junto das coisas está-se sempre desatento, sem que se pergunte desde onde vigora o arrumar e o limpar. Todavia, esse não saber de um lugar de origem desde onde se faz possível todo ir e vir do dia a dia deve-se ao fato dessa mesma origem ser-lhe toda junto – tão junto que nem mais é possível concebê-la, pensá-la. O cotidiano é onde estamos abandonados ao vazio de Deus. (SOUZA, 2012, p. 125)¹³³.

Quer agindo, quer sofrendo a ação; quer rezando, quer fazendo da vida uma oração, Teilhard se sente, em primeiro lugar, unido a Deus. Nele, assim como no místico renano, a dualidade entre interior e exterior, ação e contemplação se esvai. Aquele que está verdadeiramente junto a Deus já não se preocupa mais em escolher entre uma vida ativa ou uma vida contemplativa, nada mais lhe importa e ele nem mais se sente ligado a Deus, apenas vive; ele realiza suas obras pondo nelas todo seu cuidado e no seu agir está pleno de Deus.

131 BOFF, Leonardo. **Mestre Eckhart**: mística de ser e de não ter. Petrópolis: Vozes, 1983.

132 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Introduction a la vie chrétienne*.

133 SOUZA, Adriana Andrade de. O exterior mais interior que o mais íntimo: Eckhart e a excelência de Marta. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 113-133.

Semelhante intuição teve também Thomas Merton¹³⁴, contemporâneo de Teilhard, como demonstra o testemunho dado por Ernesto Cardenal, um de seus noviços no mosteiro trapense de Getsêmani.

Outro desconcerto que me produzia Merton era que na direção espiritual que despertava em mim cada semana muita expectativa, pelo incrível privilégio de poder receber ensinamentos de um mestre da vida contemplativa, famoso mundialmente, e que eu tinha lido e venerado por tantos anos, o restrito tempo que tínhamos ele o ocupava falando de coisas não espirituais. [...] Ao acabar-se o tempo ele me perguntava se eu tinha algum problema espiritual. Geralmente eu lhe dizia que não, porque geralmente não tinha nenhum. Se tinha algum [...] ele o resolvia em poucas palavras e eu ficava em paz. Mas eu saía com um sentimento de frustração. Uma vez mais meu tempo se havia desperdiçado. Acabado o noviciado eu já não voltaria a ter nenhum contato com ele. Mas como lhe dizer que eu desejava uma direção melhor aproveitada? Pouco a pouco fui entendendo. Quando me falava da fundação me dizia que a vida contemplativa era algo muito sensível, que não devia ter complicações. A vida do contemplativo era simplesmente viver, como o peixe na água. Há algo mais natural que o peixe na água? Também fui me dando conta de ter chegado ao mosteiro crendo que para ser contemplativo tinha que renunciar a tudo o que eu havia sido: ao interesse por meu país, pela política da Nicarágua e América Latina, pelos ditadores, pelo imperialismo, meus amigos, os livros, tudo. O que ele em sua direção espiritual me falava disso tudo era um ensinamento espiritual. Sem nunca me dizer que me ensinava a vida espiritual. Enfim ele me ensinou a ser como ele, em quem a vida espiritual não estava separada de nenhum outro interesse humano. O que Merton me ensinou [...] é que minha vida era a única 'vida espiritual' que eu podia ter e não outra. E que Deus me queria tal como eu era e não outro. (CARDENAL, 2005, p. 143-144)¹³⁵.

A linguagem utilizada por cada um desses três homens, escolhidos entre tantos outros que dizem a mesma coisa, pode ser diferente, mas ela traduz sempre uma mesma experiência de fundo, a saber, a consciência de que a espiritualidade, “[...] a contemplação deve ser entendida não como fuga do mundo e sim como experiência no tempo” (PEREIRA, 2012, p. 245)¹³⁶. É preciso ter olhos e ouvidos bem atentos para captar a imediaticidade do Mistério que jorra por toda parte a todo instante.

134 Infelizmente a interdição pela Igreja da leitura das obras de Teilhard fez com que Merton deixasse de ter contato com um pensamento tão fecundo e próximo ao seu. É o que nos aponta Úrsula King, que transcreve trechos de uma carta escrita por Thomas Merton à Rosemary Ruether onde se lê: “Realmente não li muito Teilhard, já que um artigo meu sobre o Meio Divino não teve sua publicação autorizada pelos censores da Ordem (Teilhard era muito perigoso). Não tinha suficiente interesse em lê-lo porque nada podia fazer com essa leitura – não estava bastante persuadido a seu respeito para lê-lo por pura iluminação e elevação. Portanto não o li”. KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 215.

135 CARDENAL, Ernesto. **Vida Perdida**: Memórias I. Madrid: Trotta, 2005.

136 PEREIRA, Sibélius Cefas. Diante da realidade crua das coisas: Thomas Merton e o “trabalho de cela”. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 221-247.

É importante insistir no fato de que o grande problema enfrentado por Teilhard era o cristianismo, tal como ele se apresentava em seu tempo, isto é, um cristianismo desencarnado e por isso mesmo desencantado. O místico do Auvergne enfrentou na própria carne essa luta, como revela o filósofo Lima Vaz:

Na elaboração de seu pensamento, Teilhard lutou continuamente contra a tentação do espiritualismo extraterreno, desenraizado da terra, desenvolvido no menosprezo do terreno; contra a tentação de pensar o homem independente da terra. Esforçou-se por mostrar que só podemos compreender realmente o homem na sua solidariedade com a terra, na sua dependência telúrica. (VAZ, 1967, p. 56)¹³⁷.

Seres humanos inseridos no mundo não podem se voltar contra o mundo, devem pelo contrário adentrar o mundo para convertê-lo, ou dito de outra forma, para divinizá-lo. Teilhard se preocupava com os rumos que estavam sendo tomados pelo cristianismo de seu tempo, um cristianismo que cada vez mais se afastava do homem e da terra em busca de um céu inatingível.

Só é possível converter aquilo que se ama: se o Cristão não se acha em plena simpatia com o mundo nascente; se não experimenta em si mesmo as aspirações e ansiedades do mundo moderno, se não deixa crescer no seu ser o sentimento humano – jamais realizará a síntese libertadora entre a Terra e o Céu de onde pode surgir a parusia do Cristo Universal. Mas continuará se aterrorizando e condenando quase indistintamente toda novidade, sem discernir, entre as deficiências e os males, os esforços sagrados de um nascimento. Imergir, para emergir e soerguer. Participar para sublimar. Eis a própria lei da Encarnação. Um dia, já lá vão mil anos, os Papas se despediram do Mundo romano e resolveram 'dirigir-se aos Bárbaros'. Não se espera um gesto semelhante, e ainda mais profundo, para nossos dias? Creio que o Mundo não se converterá às esperanças celestes do Cristianismo, a não ser que o próprio Cristianismo, previamente, se converta (para divinizá-las) às esperanças da Terra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 121)¹³⁸.

A proposta do místico é, pois, bastante ousada, para ele era tão importante converter o mundo, ou seja, divinizá-lo, como era importante converter o cristianismo, em outras palavras, humanizá-lo. Para Teilhard o cristão, na seara daquele que o inspira, deve se deixar penetrar pelo mundo, deve abrir-se para o tempo; mais que isso, deve agir para transformar a história. O cristão, diria ele, não precisa fugir das coisas; ao contrário, deve abandonar-se “[...] às mãos de Deus para não faltar ao convite das coisas” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p.

137 VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Universo científico e visão científica em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

138 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Algumas reflexões sobre a conversão do mundo*.

177)¹³⁹. Aquele que atingiu o grau maior da perfeição, ou seja, aquele que está totalmente unido a Deus, ou melhor, que é um com Deus já não encontra impedimentos nos seus afazeres, ele está “[...] junto às coisas e não nas coisas” (ECKHART, 2006, p. 131)¹⁴⁰.

Pierre Teilhard de Chardin viveu intensa e profundamente a experiência de tocar e ser tocado pelo mistério. Profeta de uma mística da travessia, apreciou a chegada da mesma forma que se deixou inebriar pela magia e pelo encantamento da caminhada. Homem de fé e de ciência, ele soube reconhecer Deus nos templos e nas fábricas, nas catedrais e nos laboratórios. Sua mística aponta-nos, pois, uma nova direção: para amar Deus não é preciso odiar o mundo, nem mesmo desprezá-lo; antes, é preciso trabalhar para o seu crescimento, é preciso engajar-se no seu acabamento. Como criaturas amadas e desejadas pelo Criador, flecha da evolução, homens e mulheres são chamados a colaborar na grande obra da criação. São chamados a ver, a direcionar o olhar, a lutar com a matéria não para vencê-la, mas para torná-la mais bela. O essencial para o qual nos aponta Teilhard não está tão longe, não é invisível aos olhos. Ele está aqui, em todo lugar e por toda parte.

A vida e obra deste grande pensador cristão do século XX testemunham a possibilidade do encontro com Deus no mais concreto de nossas vidas. Teilhard viveu uma experiência de fronteiras entre dois campos aparentemente contraditórios: fé e ciência, oração e trabalho. E soube conciliá-los. Seduzido e se deixando seduzir por Deus foi tentado pela sedução do mundo e também pela sedução do desprezo ao mundo. Mas conseguiu vencer estas tentações e a terra, que antes o encantava por sua beleza, passou a encantá-lo pela beleza do divino que ela esconde e revela. Poucos dias antes de morrer, ele escreveria:

Assim como a Cristologia dogmática, na verdade, é a própria noção de perfeição cristã que pede para ser retomada e re-aprofundada (em seu sentido), uma vez que a transpomos num Universo novo (precisamente o dos laboratórios e da fábrica) onde a 'criatura' não é somente um 'instrumento que se deve utilizar' mas antes um 'co-elemento que se há de integrar' pela Humanidade em gênese – e onde a velha oposição Terra-Céu desaparece (ou é corrigida) na fórmula nova: 'Ao Céu pelo acabamento da Terra'. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 202)¹⁴¹.

139 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugália Editora, 1969. Carta de 06 de março de 1933 a Max Begouën.

140 ECKHART, Meister. **Sermões alemães**: sermões 61 a 105. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006. Sermão 86.

141 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo *Pesquisa, trabalho e adoração*.

Enfim, entre a via do céu e a via da terra uma terceira via se abre para o cristão: o céu que se alcança através da conquista e transformação da terra¹⁴².

4.4 O Meio Divino

Na realidade, e em particular desde meu último retiro, tenho uma espécie de sensação de achar-me mais perto do Senhor... Me parece tão tranquilo e tão simples buscá-lo 'comungando' com o acontecer das coisas – suas emoções, suas repressões, seu ritmo, sua Alma pessoal e, sobretudo, Ele. É voltar a me encontrar um pouco no Meio Divino. (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 39)¹⁴³.

Em Pequim, no ano de 1940, Teilhard escreve à prima falando do sentimento de achar-se cada vez mais perto de Deus, mergulhado nessa “Presença espalhada por toda parte” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 139)¹⁴⁴. Mesmo quando, em decorrência dos acontecimentos ou do peso da idade, a vida já não tinha para ele o mesmo brilho de outrora, ele se sente abraçado por Deus no acontecer das coisas, em seu ritmo e canto próprios. Isto, diz ele, é voltar a se encontrar um pouco no Meio Divino.

Sentir-se tocado e acolhido pela divina Presença nas situações mais diversas, quando rezava sua missa ou quando realizava suas pesquisas, nas ocasiões em que a vida lhe sorria ou naquelas em que o fazia chorar, quando agia ou quando sofria a ação, foi um traço marcante da personalidade do menino do Auvergne. Ele cresceu e se desenvolveu nesse meio “[...] que é, e que envolve, e que beatifica misteriosamente” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 140)¹⁴⁵, frente a esta “Existência Universal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 140)¹⁴⁶ que ilumina e sustenta todas as coisas. E o que vira e sentira ele desejou sistematizar ao escrever *Le Milieu Divin*¹⁴⁷.

Esta obra, que traduz a espiritualidade tal como vivida e experimentada por Teilhard, é um resumo primoroso de suas mais caras intuições místicas. Segundo Henri de Lubac

142 Em termos literalmente teilhardianos: “O Céu não se opõe à Terra: nasce da conquista e da transformação da Terra”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *La ruta del oeste hacia una mística nueva*.

143 Id. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 25 de janeiro de 1940 escrita à Marguerite Teilhard-Chambon.

144 Id. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

145 Ibid. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

146 Ibid. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

147 Aqui nos dedicaremos ao estudo da terceira parte da referida obra, onde o autor trata especificamente do Meio Divino.

(1962), não é fruto de improvisação Na verdade ela foi gestada lentamente, durante sua vida¹⁴⁸. E isto o próprio Pierre declara à Ida Treat:

[...] eu redijo um trabalho que vai te encantar: eu me coloco a escrever, de forma tão simples quanto possível, – *com a ideia de tentar seriamente a publicação* – meu ponto de vista religioso, não nas suas construções sistemáticas, mas na sua atitude prática. Eu o intitulo *O Meio Divino*, e tento mostrar como o cristianismo pode e deve preencher de Deus a vida humana sem desumanizá-la. [...] a tranquilidade de Tientsin me apareceu bruscamente como a ocasião esperada de fixar por escrito o que eu digo há muito tempo. Isto não tem nada de um sermão, e é a expressão mais sincera de meu pensamento cristão. Eu te dizia em outubro, eu me sinto chegado no momento onde me é necessário tentar comunicar o que eu vi há dez anos de calmo encantamento interior. (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 64)¹⁴⁹.

Nestas páginas Teilhard depositou “[...] o fruto de uma vida espiritual intensa” (DE LUBAC, 1962, p. 25)¹⁵⁰ e como ele mesmo revela, seu desejo era expressar-se em termos simples, acessíveis ao grande público. *O Meio Divino* propõe uma espiritualidade nova e original, é uma obra que convida não apenas “[...] a pensar, mas a agir, a ser, a se recolher sobre si mesmo” (DE LUBAC, 1962, p. 26)¹⁵¹e, sobretudo a ver. Segundo Teixeira, a proposta de Teilhard ao redigir as páginas que ele mesmo definiu como sendo um tratado de vida interior “[...] vai no sentido de uma educação do olhar, que faculte aos leitores a disponibilidade para abraçar o mundo com amor” (TEIXEIRA, 2012, p. 183)¹⁵². É preciso ter olhos e coração bem abertos, diz o místico jesuíta, para compreender, ou antes sentir, que o mundo está e é pleno de Deus. Para aqueles que o buscam aqui ou ali, Teilhard revela:

Em toda parte e ao redor de nós, à esquerda e à direita, por trás e pela frente, por cima e por baixo, bastou ultrapassarmos um pouco a área das aparências sensíveis para vermos surgir e transparecer o Divino. Não é simplesmente diante de nós, perto de nós, que se revelou a divina Presença. Ela jorrou tão universalmente, nós nos encontramos de tal modo rodeados e traspassados, que não nos resta sequer o lugar para cair de joelhos, mesmo que este lugar

148 A ideia de sistematizar sua vida interior brotara já na Guerra. Em 1917 ele compôs “[...] um pequeno tratado, *o Meio Místico*, que é como um primeiro esboço do *Meio Divino*, um pouco desajeitado em certas partes, mas menos impessoal, mais próximo ainda da experiência”. DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962, p. 23. Ele gostaria de ter publicado *O Meio Divino*. Enviava a seus superiores, fazia revisões, enchia-se de esperanças e no fim não obtinha, como não obteve em vida, autorização para a publicação. Mas cópias mimeografadas se espalharam e agradaram até mesmo a confrades mais velhos.

149 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 14 de novembro de 1926.

150 DE LUBAC, Henri. Opus cit.

151 Ibid.

152 TEIXEIRA, Faustino. Teilhard de Chardin e a diafania de Deus no universo. In: _____ (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012.

fosse o íntimo de nós mesmos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 121)¹⁵³.

Na visão de Teilhard não há no mundo um lugar no qual Deus não ocupe. Ele está em todo canto, em cada criatura; no céu ou no abismo não é possível caminhar longe do seu sopro ou fugir da sua presença¹⁵⁴. Muitas vezes os homens pensam e querem fazer crer nele como uma realidade distante e inacessível, sem se dar conta de que nele vivem. Para quem ultrapassou a superfície, ou seja, para quem sabe ver, o mundo que parece profano é, na verdade, espaço do sagrado que nele habita.

Mas, ao mesmo tempo em que se revela para se dar a conhecer, o Divino se oculta para aguçar a sede humana de conhecê-lo. O Meio Divino, diz Teilhard, harmoniza em si o que parece contraditório; é, ao mesmo tempo, proximidade e distância, imanência e transcendência, revelação e mistério. Já no *Milieu Mystique* ele escrevera: “[...] a Presença derramada por toda a parte é o único eflúvio que me ilumina, e o único ar que jamais poderei respirar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 142)¹⁵⁵. Deus se revela por toda parte e em todas as criaturas, mas não se deixa apreender em nenhuma delas e nesse sentido, diz o jesuíta, elas

[...] não podem ser olhadas em sua natureza ou em sua ação, sem que, no mais íntimo e no mais real delas mesmas – como o sol nos pedaços de um espelho quebrado – a própria Realidade se revele uma sob a multiplicidade, inapreensível sob a proximidade, espiritual sob a materialidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 124)¹⁵⁶.

A imagem do espelho é muito rica e exprime bastante bem o que o místico do Auvergne quer fazer ver. Num espelho quebrado o sol aparece e lança raios coloridos por toda parte. Em cada pedacinho é possível ver o sol, como se fossem muitos; não há mais de um sol, mas nos pedaços de espelho ele, permanecendo um, se multiplica. Da mesma forma cada ser criado, por menor que seja, é uma centelha divina. Deus se revela, pois, na diversidade de cada criatura e, nesse sentido, sem deixar de ser um ele é muitos.

Ao mesmo tempo, o reflexo do espelho é só uma imagem, nunca o sol realmente. Ainda que se juntassem todos os cacos, a realidade do sol não poderia ser apreendida na sua

153 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

154 Salmo 139 (138).

155 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965, p. 142. Do escrito *Le Milieu Mystique*.

156 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

totalidade. Do mesmo modo, o Divino que se faz presente em cada espaço da criação não se deixa aprisionar e conhecer por inteiro nesses espaços.

Incomparavelmente próximo e tangível, porque faz pressão sobre nós por meio de todas as forças do Universo, ele se oculta, no entanto, tão constantemente ao nosso abraço que nós nunca podemos agarrá-lo aqui embaixo, senão crescendo, soerguidos por sua própria onda, no limite de nosso esforço: presente e atraindo no íntimo inacessível de cada criatura, ele se retira sempre para mais longe, arrastando-nos consigo ao centro comum de toda consumação. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 123)¹⁵⁷.

Em tudo o que existe no universo Deus pode ser tocado, mas nunca apreendido. Ao mesmo tempo que se deixa abraçar nas coisas, ele foge do abraço para atrair e arrastar consigo a criação. Sendo assim, como diz Teilhard (1957, p. 124), Deus está ao mesmo tempo “[...] infinitamente próximo e disperso por toda parte”¹⁵⁸, é dom e liberdade.

O hóspede do Meio Divino sabe que para mergulhar em Deus não é preciso sair do lugar onde se está; o toque do mundo faz abrir o coração. Aqueles que imaginam o abandono das coisas como condição para o acesso à Divina Presença, ainda estão na desolação da superfície. O convite de Teilhard é para que ultrapassemos a sedução da margem em direção às águas mais profundas. E o estabelecimento nesse Meio Divino, esclarece o místico, não nos arranca do espaço em que vivemos, não nos arrasta para terras distantes; do contrário nos convida a alargar o espaço de nossa tenda esticando as cordas e, ao mesmo tempo, fincando estacas¹⁵⁹.

Deixemos a superfície. E, sem deixar o mundo, naufraguemos em Deus. Lá e de lá, nele e por Ele, nós teremos tudo, comandaremos tudo. Um dia, lá reencontraremos a essência e o brilho de todas as flores e das luzes que tivermos que abandonar para sermos fiéis à vida. Os seres, perdemos a esperança de alcançá-los e de influenciá-los; todos eles estão lá, todos reunidos pela ponta mais vulnerável, mais receptiva, mais enriquecedora de sua substância. Neste lugar, o menor de nossos desejos e de nossos esforços é recolhido, conservado, e pode fazer vibrar instantaneamente todas as medulas do universo. Estabeleçamo-nos no Meio Divino. Aí nos encontraremos no mais íntimo das almas e no mais consistente da Matéria. Nós aí descobriremos, com a confluência de todas as belezas, o ponto ultravivo, ultrassensível, o ponto ultra-ativo do universo. E, ao mesmo tempo, nós experimentaremos que se organiza sem esforço, no íntimo de nós mesmos, a *plenitude* de nossas forças de ação e de adoração. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 125-126)¹⁶⁰.

157 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

158 Ibid.

159 Is, 54,2.

160 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

O Meio Divino não é, pois, o desconhecido, o abstrato e inominável; é, do contrário, aquilo que se conhece profundamente, o que se pode tocar ou sentir, o que fascina e faz vibrar. É o mundo com todo seu brilho e sua luz. Para ingressar nesse ambiente tomado pela Existência Universal não é preciso fugir da sedução; na verdade, é preciso seguir aquilo que encanta e desperta em cada ser a capacidade de maravilhar-se. Porque Deus é a eterna maravilha e o infinito encantamento.

Pode-se confundir o hóspede do Meio Divino com o panteísta, mas não há nada de mais enganoso. Enquanto o panteísmo¹⁶¹ seduz pela ideia de uma união perfeita, onde as diferenças seriam anuladas, na mística teilhardiana as diferenças são valorizadas. O Criador, tal como pensado pelo jesuíta, abraça as criaturas, mas seu abraço não as absorve em si. A verdadeira união não faz perder a personalidade. É necessário unir-se a um outro sem deixar de ser o que se é. E, na verdade, explica o religioso do Auvergne, esta é a aspiração de toda mística: “[...] *unir-se* (isto é, tornar-se o Outro), *permanecendo si-mesmo*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 127)¹⁶², aspiração que, no entendimento de Teilhard, só o cristianismo salva através da pessoa de Cristo, o humano-divino que, sem deixar de ser Deus, é homem e sem deixar de ser homem é Deus.

A capacidade de ver e sentir Deus em todas as coisas não fez com que Teilhard perdesse de vista o caráter histórico da Revelação que ele, como cristão, identifica de modo especial com a epifania de Jesus. O Cristo universal, tal como pensado e profundamente amado pelo jesuíta francês, não se dissocia do Cristo histórico tal como pregado pelos evangelhos.

O Cristo místico, o Cristo universal de São Paulo somente pode ter sentido e preço a nossos olhos como uma expansão do Cristo nascido de Maria e morto na Cruz. Deste Cristo (nascido e morto), aquele (o Cristo místico) tira essencialmente sua qualidade fundamental de ser incontestável e concreto. Não nos afastamos do Cristo do Evangelho tanto quanto nos deixamos

161 Interessante observar que Teilhard não nega o panteísmo que, segundo ele mesmo, foi uma tentação em sua vida. Ele fala de um falso panteísmo, aplicando-se esse termo à ideia de um Deus totalmente identificado com o mundo. Para Nicola Abbagnano, o panteísmo “[é] a doutrina segundo a qual Deus é a *natureza* do mundo identificando a causalidade divina com a causalidade natural”. Sendo assim, o falso panteísmo ao qual Teilhard se refere é, no fundo, o panteísmo tal como pensado por filósofos mais recentes. De qualquer forma, o jesuíta superou o panteísmo ao rejeitar a identificação absoluta entre mundo e Deus. Pode-se classificar ainda a mística de *O Meio Divino* como panenteísta. De acordo com Abbagnano, no entanto o termo panenteísmo foi “[...] criado por Christian Krause (1781-1832) para designar uma síntese entre o teísmo e o panteísmo, que consistia em admitir que tudo o que é, é em Deus e existe como revelação e realização de Deus. Na realidade esse é o ponto de vista do panteísmo clássico; portanto não se vê utilidade nesse termo, que de fato não teve aceitação”. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed (rev. amp.). São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 863-864.

162 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957. À ideia panteísta de fusão, Teilhard propõe a amorização. TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**: Teilhard de Chardin e le religioni. Roma, Studium, 2012.

arrebatar aos espaços divinos abertos à mística cristã. Provamos, pelo contrário, uma necessidade crescente de envolver-nos sempre mais solidamente com sua verdade humana. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 128)¹⁶³.

Teilhard de Chardin foi capaz de perceber a presença divina em meio às coisas de um modo muito singular. Para ele essa universal Presença não é algo exterior que invade pela superfície e transforma a realidade como uma espécie de varinha mágica. Se assim fosse, diz ele, o esforço humano não contaria.

No seio do Meio Divino, tal como a Igreja o revela, as coisas se transfiguram, mas por dentro. Elas se banham interiormente na luz, mas, nesta incandescência, elas guardam – não é bastante dizer – elas exaltam aquilo que há de mais definitivo em seus traços. *Nós somente podemos perder-nos em Deus, prolongando além delas mesmas as determinações mais individuais dos seres*: eis aí a regra fundamental, pela qual se distingue sempre o verdadeiro místico de suas falsificações. O seio de Deus é imenso, 'tem muitas moradas'. No entanto, nesta imensidão, só há para cada um de nós um único lugar possível, exatamente aquele, onde a fidelidade contínua aos deveres naturais e sobrenaturais nos estabeleceu. Neste ponto, no qual nós só nos encontraremos no momento desejado, se nós nos desdobrarmos em todos os campos a nossa mais industriosa atividade, Deus se nos comunicará na sua plenitude. Fora deste ponto e apesar de Ele continuar envolvendo-nos, o Meio Divino só existe *para nós* incompletamente. Portanto, suas grandes águas nos convidam não a um inexpressivo abandono, mas muito mais a uma luta constante para nos apresentarmos ao seu fluxo. Sua energia espera e provoca a nossa. Como o mar, em certos dias, só se clareia ao contato da proa ou do nadador que a fende, assim também o mundo somente se ilumina de Deus, quando reage ao nosso élan. Quando, pelo êxtase ou pela morte, Deus quer definitivamente que o cristão se submeta e una a ele, pode-se dizer que Ele somente o leva depois que estiver fortalecido pelo amor e pela obediência exercidos ao longo de todo o seu esforço. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 129-30)¹⁶⁴.

Perder-se em Deus não quer dizer, definitivamente, deixar de ser o que se é. Deus se revela aos homens, ou em termos mais radicais, Deus invade o homem no exercício de suas atividades corriqueiras, na lida cotidiana, no ir e vir de suas tarefas. O Meio Divino não convida ao abandono inexpressivo e preguiçoso; pelo contrário, impulsiona a ação humana. Abandonar-se à ação divina é, nesse sentido, muito mais um agir cheio de Deus. A união plena com o Criador, proporcionada pelo êxtase ou pela morte, só é alcançada por aqueles que se fortaleceram pela prática do amor e da obediência exercidos na totalidade de seu esforço.

A proposta ascética de Teilhard vai no sentido de uma superação dos dualismos e nesse contexto é que se pode falar da espiritualidade teilhardiana como sendo uma

163 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

164 Ibid.

espiritualidade de travessia (LA HÉRONNIÈRE, 2005; TRIANNI, 2012)¹⁶⁵: “O Pagão ama a Terra, para usufruir dela e nela se confinar. O Cristão para torná-la mais pura e tirar dela mesma a força para dela escapar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 131)¹⁶⁶. Aquele que experimentou e compreendeu os encantamentos do Meio Divino sabe que o amor pela terra é fonte de desapego na medida em que é abandono pela luta. Tanto o pagão quanto o cristão, no entendimento do jesuíta do Auvergne, amam o mundo e a ele se dedicam. Mas o primeiro se fixa no mundo ao passo que o segundo trabalha no mundo para fixar-se em Deus:

O Pagão busca dedicar-se a tudo o que é sensível para dele haurir a alegria; *ele adere ao mundo*. O Cristão somente multiplica seus contatos com o mundo para captar ou experimentar as energias que ele conduzirá – ou que o conduzirão – ao céu. *Ele pré-adere a Deus*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 131)¹⁶⁷.

A divinização do homem não é fechamento em si mesmo, mas abertura para a plenitude; o clímax da vida é a morte que nos une ao Criador e à criação.

O Pagão pensa que o Homem se diviniza, fechando-se em si mesmo; o gesto final da evolução humana é, para cada um ou para o conjunto, o se constituir-se em si mesmo. O Cristão não vê sua divinização senão na assimilação, por um Outro, de seu acabamento: o auge da vida, a seus olhos, é a morte na União. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 131)¹⁶⁸.

Ao descrever detalhadamente sua proposta de espiritualidade, Teilhard não rejeita o que há de bom e de belo nas outras místicas. O misticismo cristão, diz ele, “[...] extrai [...] *tudo* aquilo que circula de mais doce e de mais forte em todas as místicas humanas” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 132)¹⁶⁹. Entretanto, é preciso salientar, seu pensamento é consoante com o imaginário teológico de seu tempo, marcado pela teoria do

165 LA HÉRONNIÈRE, Edith de. **Teilhard de Chardin**: una mistica della traversata. Genova: L'ippocampo, 2005; TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**: Teilhard de Chardin e le religioni. Roma, Studium, 2012. Sobre esta questão Paolo Trianni afirma: “É fácil compreender, então, quais são as coordenadas principais da espiritualidade ensinada pelo jesuíta francês, que, como desejamos demonstrar, funda-se sobre a categoria da travessia: 'Uno e Múltiplo, Espírito e Matéria: é necessário adorar um através do outro’”. TRIANNI, Paolo. Opus cit., p. 67. E por fim, o próprio Teilhard que, ao falar do desprendimento, declara: “[...] não mais ruptura, mas travessia; não mais evasão, mas emergência”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959, p. 125. Do artigo L'esprit nouveau.

166 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

167 Ibid.

168 Ibid.

169 Ibid.

acabamento¹⁷⁰. Há quem chegue a defini-lo como sendo um dos precursores do diálogo inter-religioso e da teologia das religiões, justamente pela atenção dada por ele, às outras místicas. É o que diz Paolo Trianni (2012, p. 31):

A atenção às religiões e às suas místicas – sobretudo aquelas asiáticas – faz de Teilhard de Chardin, por conseguinte, um dos primeiros precursores do diálogo inter-religioso, e um verdadeiro fundador da teologia das religiões. Por um lado, de fato, encontramos no jesuíta francês um ânimo aberto e receptivo, por outro, porém, está sempre presente nele também uma resoluta defesa do primado de Cristo, para o qual, antes, via convergir todas as religiões. Sobre este aspecto, o jesuíta francês é o principal inspirador da perspectiva teológica do cumprimento, que depois se desenvolveu no seio do Concílio Vaticano II.¹⁷¹

De fato é preciso reconhecer a sensibilidade e o espírito de abertura demonstrados pelo místico jesuíta em alguns de seus escritos em relação às religiões não cristãs, mas não se deve perder de vista que o tema não estava no centro de suas preocupações. Na verdade aquilo que mais o inquietava era a situação do cristianismo no seio de uma cultura cada vez mais marcada, ou poderíamos dizer, fascinada pelos progressos do mundo. Estaria o universo se tornando, por sua grandeza e seus encantos, mais atraente que o Deus revelado pelas escrituras? Eis a indagação que já no início de *O Meio Divino* o místico apresenta.

O desejo de falar de Deus em ambientes influenciados pelo racionalismo científico levou Teilhard à redescoberta do Deus de São Paulo, um Deus que não está aqui nem ali, mas que se encontra espalhado por toda parte e envolve por todos os lados, um Deus que não nasceu apenas em Belém, mas que nasce todos os dias em todos os lugares.

Ter tido acesso ao Meio Divino é, de fato, ter encontrado o Único Necessário, quer dizer, *Aquele que queima*, inflamando aquilo que nós amaríamos insuficientemente ou mal; *Aquele que acalma*, eclipsando de seu fogo aquilo que amaríamos muito; *Aquele que consola*, recolhendo aquilo que foi arrancado ao nosso amor ou que nunca lhe foi dado. Ter chegado a essas camadas preciosas é provar, com igual verdade, que se tem necessidade de tudo e que não se tem necessidade de nada. Tudo nos é

170 Os defensores da teologia do acabamento “[...] reconhecem explicitamente os valores positivos das religiões não cristãs, valores destinados a encontrar sua ‘finalização’ no cristianismo”. TEIXEIRA, Faustino. **Teología de las religiones**: una visión panorámica. Quito: Editorial Abya Yala, 2005, p. 44. Vale ressaltar que no Ocidente o teólogo Henri de Lubac, amigo e correspondente de Teilhard, foi um dos principais expoentes desta corrente teológica. A influência de um sobre o outro neste aspecto em particular é uma questão que pode ser melhor investigada.

171 TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**: Teilhard de Chardin e le religioni. Roma, Studium, 2012. Para este autor Teilhard teria contribuído de maneira indireta para a promulgação da *Nostrae Aetate* (Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs) e da *Dignitatis Humanae* (Declaração sobre a liberdade religiosa). De fato, em alguns escritos, Teilhard sublinha o valor das místicas orientais; mas até onde nos foi possível chegar, o tema do diálogo inter-religioso não está no centro de suas preocupações. O que pode e deve ser melhor investigado, como já o dissemos, é a influência de Teilhard sobre Henri de Lubac, amigo e confidente que mais tarde foi convocado para o Concílio.

necessário: porque o Mundo nunca será bastante vasto para fornecer, à nossa vontade de agir os meios de apoderar-nos de Deus nem à nossa sede de sofrer, a possibilidade de sermos invadidos por ele. E, no entanto, nada nos é necessário: porque a única Realidade que nos seduz, estando além das transparências em que ela se espelha, tudo o que se desvanecerá de caduco entre nós dois não fará outra coisa que no-la entregar mais pura. Tudo é Tudo para mim, e tudo nada é para mim; tudo é Deus para mim, e tudo é poeira para mim: eis aí o que o Homem pode dizer com semelhante verdade, segundo a incidência do raio divino. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 133)¹⁷².

O Meio Divino revela Deus. Esse “Meio”, que os italianos traduziram como “Ambiente”, é, pois, o espaço onde o divino se mostra: “Meio é traduzido como 'Ambiente', entendendo com isto as condições complexas que o circundam, mas inclui também a ideia de que Cristo é o 'Intermediário' divino entre o Homem e Deus” (MANTOVANI, 2006, p. 73)¹⁷³. Em Teilhard, a presença divina é percebida como presença universal, uma onipresença. E mais especificamente uma onipresença de ação. Deus não é um ente estático, mas um ser que age em nós e por nós. Ele é o Verbo Encarnado, o Cristo morto e ressuscitado, “[...] Aquele no qual tudo se reúne e tudo se consuma; Aquele do qual todo edifício criado tem sua consistência” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 136)¹⁷⁴. Por ter habitado o mundo e assumido a humanidade, Cristo conduz o universo a Deus. Pela Encarnação, a imensidão divina se tornou onipresença de cristificação.

A imensidão divina, por causa da Encarnação, transformou-se para nós em *onipresença de cristificação*. Tudo o que eu posso fazer de bom, *'obra e maneira de operar'*, por alguma coisa de si mesmo, é recolhido fisicamente na realidade do Cristo consumado. Tudo o que eu sofro ou experimento, com fé e amor, em termos de diminuição e de morte me faz um pouco mais intimamente parcela integrante de seu Corpo místico. É, mais exatamente, *o Cristo que nós fazemos ou que nós experimentamos em todas as coisas*. Não somente *'para os que amam tudo se converte em bem'*, mas, ainda mais claramente, *'tudo se converte em Deus'* e, mais explicitamente ainda, *'tudo se converte em Cristo'*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 137)¹⁷⁵.

Mas, explica o místico francês, a Encarnação não é um ato isolado e momentâneo; do contrário é operação que se realiza em todo indivíduo através da eucaristia. Pela eucaristia, a humanidade inteira sofre a influência organizadora do Cristo, ao mesmo tempo que influencia todo o universo.

172 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

173 MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

174 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit. Teilhard, sendo cristão, identifica em Cristo a grande revelação de Deus.

175 Ibid.

Em cada realidade ao redor de nós, o Cristo [...] revela-se e brilha como *uma última determinação*, como um Centro, poder-se-ia quase dizer, como um Elemento universal. Nossa humanidade, assimilando o Mundo material, e a Hóstia, assimilando nossa humanidade, a Transformação eucarística supera e completa a Transubstanciação do pão do altar. Progressivamente, ela invade irresistivelmente o Universo. É o fogo que corre pelo feno. É o golpe que faz vibrar o bronze. Em um segundo e generalizado sentido, mas em sentido verdadeiro, as Espécies sacramentais são formadas pela totalidade do mundo, e a duração da Criação é o tempo requerido para sua consagração. *'Em Cristo vivemos, nos movemos e somos'*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 141)¹⁷⁶.

Na espiritualidade teilhardiana um lugar especial é dedicado ao mistério eucarístico. Como afirma Paolo Trianni (2012, p. 55), “[...] a eucaristia, na economia global da teologia teilhardiana, é absolutamente fundamental”¹⁷⁷. É preciso, pois, recordar que esse milagre não pode, no contexto de suas reflexões, ser compreendido como milagre localizado e limitado num determinado espaço e tempo¹⁷⁸. A eucaristia, na visão do místico do Auvergne, é um contato íntimo e amoroso que se estende por toda a vida. Na hóstia, fragmento pequeno de matéria, Deus se apresenta à humanidade assimilando-a, transformando-a, vivificando-a:

Começo a compreender: sob as espécies sacramentais, é primeiramente através dos 'acidentes' da Matéria, mas é também, em contrapartida, graças ao Universo inteiro que vós me tocais, à medida que este refluí e inluí em mim sob vossa influência primeira. Em um sentido verdadeiro, os braços e o Coração que vós me abris são mais do que todas as potências reunidas no Mundo que, penetradas até ao fundo de si mesmas por vossa vontade, por vossos gostos, por vosso temperamento, dobram-se sobre o meu ser para formá-lo, para alimentá-lo e para arrebatá-lo até aos ardores ventrais de vosso Fogo. Na Hóstia é *a minha vida* que vós me ofereceis, ó Jesus. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 142)¹⁷⁹.

Por isso mesmo, o hóspede do Meio Divino sabe que a eucaristia não pode ser um dever instantâneo, uma tarefa à qual se dedica em momentos preciosos. Deve, pelo contrário, ser um ato contínuo a se desenrolar no cotidiano da existência. Sendo assim o jesuíta precisa:

Deste modo, é justificado com um vigor e um rigor inauditos o preceito implícito de vossa Igreja de que é necessário comungar sempre e em toda parte. A Eucaristia deve invadir minha vida. Minha vida deve tornar-se, graças ao sacramento, um contato sem limite e sem fim convosco, esta vida

176 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

177 TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**: Teilhard de Chardin e le religioni. Roma, Studium, 2012.

178 Na cosmovisão teilhardiana a eucaristia não pode ser simplesmente identificada com a comunhão eucarística que tem lugar nas celebrações católicas. Claude Cuénot fala de “Eucaristização” e assim define: “Processo pelo qual o Cristo, presente e ativo no meio da hóstia consagrada, assimila progressivamente a humanidade e, por ela, o universo, indispensável para acabar a plenitude do Corpo místico do Cristo”. CUÉNOT, Claude. **Lexique Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1963, p. 45.

179 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

que me apareceu, há alguns instantes, como um Batismo convosco nas águas do Mundo e que agora se revela a mim como uma Comunhão convosco através do Mundo. O Sacramento da vida. *O sacramento da minha vida*, da minha vida recebida, da minha vida vivida, da minha vida abandonada... (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 142-143)¹⁸⁰.

Para Teilhard de Chardin o Meio Divino é Cristo e em sua mística o jesuíta não despreza o caráter histórico da revelação de Deus no homem de Nazaré. É como diz Christian Duquoc (2008, p. 159): “Cristo não é separável de Jesus, o judeu”¹⁸¹ e se assim o fosse, os evangelhos não teriam sentido e razão de ser. No entanto, o jesuíta do Auvergne assegura um caráter universal ao menino nascido de Maria.

De vez em quando, imagino tornar-vos mais atraente a meus olhos, exaltando de uma maneira quase exclusiva os encantos, as bondades de vossa figura humana de antigamente. Verdadeiramente, Senhor, se eu quisesse somente querer bem a um homem, não me voltaria para aqueles que me destes na sedução de sua floração presente? Não temos ao redor de nós mães, irmãos, amigos, irmãs irresistivelmente amáveis? O que iríamos pedir à Judeia de dois mil anos atrás?... Não, o que busco, como todo ser, com o grito de toda a minha vida e até mesmo de toda a minha paixão terrestre, é bem outra coisa que um semelhante a quem querer bem: é um Deus a quem adorar. Ah! Adorar, isto é, perder-se no insondável, mergulhar-se no inesgotável, pacificar-se no incorruptível, absorver-se na imensidão definida, oferecer-se ao Fogo e à Transparência, aniquilar-se consciente e voluntariamente à medida que se toma mais consciência de si, dar-se até ao fundo Àquele que é sem fundo! A quem poderemos adorar? [...]. Ó Jesus, dissipai as nuvens de vosso brilho! Mostrai-vos a nós como o Forte, o Brilhante, o Ressuscitado! Sede para nós o Pantocrator que ocupava, nas velhas basílicas, a plena solidão das cúpulas! Não é preciso nada menos do que esta Parusia para equilibrar e dominar em nossos corações a glória do Mundo que se eleva. Para vencermos o Mundo convosco, aparecei-nos envolvido da Glória do mundo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 144-145)¹⁸².

O Cristo Universal de Teilhard é, pois, o Cristo que se fez presente na história, que sofreu na própria carne as injustiças da história e que elevou consigo o mundo por tê-lo abraçado com amor assumindo suas possibilidades e suas contingências; é o Cristo que, por sua morte e ressurreição invadiu o cosmo e fez dele seu tabernáculo. O Meio Divino é, pois, o Cristo Universal. Em *Le Coeur de la Matière*, ele precisa: “Basicamente [...] o que caracteriza

180 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

181 DUQUOC, Christian. **O único Cristo**: a sinfonia adiada. São Paulo: Paulinas, 2008. Muito interessante as reflexões deste autor sobre o equilíbrio entre a singularidade a universalidade de Cristo. Ver especialmente o capítulo *De Jesus, o judeu, ao Cristo Universal*.

182 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

o Meio Divino, é constituir uma realidade dinâmica onde vai se apagando toda oposição entre o Universal e o Pessoal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 110)¹⁸³. E mais a frente:

E é aqui que explode a virtude do 'Crístico', – tal como ele nos apareceu gerado pelo encontro progressivo, em nossa consciência, entre as exigências cósmicas de um Verbo encarnado e as potencialidades espirituais de um Universo convergente. No seio do Meio Divino, uma rigorosa composição se efetua, nós o vimos, entre as forças do Céu e as forças da Terra. Uma exata conjunção se produz entre o antigo *Dieu de l'En-Haut* e o novo *Dieu de l'En-avant*. (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 113)¹⁸⁴.

Em seu tratado de vida interior, o místico jesuíta também fala “[...] do processo de nascimento e desenvolvimento da presença de Deus em nós” (MANTOVANI, 2006, p. 82)¹⁸⁵. O Reino de Deus, diz ele, não é uma realidade distante; pelo contrário, é algo que habita cada criatura. O aparecimento do Meio Divino não pode ser localizado no tempo e no espaço. O homem capaz de perceber a Divina fragrância espalhada por toda parte não pode dizer nada sobre o início dessa percepção. Ele apenas sabe “[...] que um espírito novo atravessou sua vida” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 146)¹⁸⁶. Também Clarice Lispector (1999, p. 91), ao falar no estado de graça, aponta nessa direção:

O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente existe. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se.¹⁸⁷

O contato com Deus não tem, na mística teilhardiana, caráter de algo espetacular e fantástico. É algo que se dá na simplicidade e sem muito barulho. E principalmente não é um direito sobrenatural reservado a alguns escolhidos. Para Teilhard, assim como para tantos outros místicos “[...] a vida mística não é uma experiência humana possível, mas sim a experiência humana em sua essência” (MOREL apud QUEIRUGA, 2010, p. 211)¹⁸⁸. A capacidade de ver, sentir e se deixar embriagar pela beleza das coisas é dom que não se pode

183 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. Em *Le Christique*. Grifos meus.

184 Ibid. Em *Le Christique*.

185 MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

186 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

187 LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

188 QUEIRUGA, André Torres. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010. Ver nota.

obter por um simples desejo humano; é dom que se dá e que se faz desejar. Ainda outra vez Clarice Lispector (2009, p. 92):

Depois, lentamente, se sai. Não como se estivesse entrado em transe – não há nenhum transe –, sai-se devagar, com um suspiro de quem teve o mundo como este é. Também já é um suspiro de saudade. Pois tendo experimentado ganhar um corpo e uma alma e a terra, quer-se mais e mais. Inútil querer: só vem quando quer e espontaneamente. [...]. Deus sabe o que faz: acho que está certo o estado de graça não nos ser dado frequentemente. Se fosse, talvez passássemos definitivamente para *o outro lado da vida*, que também é real mas ninguém nos entenderia jamais. Perderíamos a linguagem em comum.¹⁸⁹

O “Sorriso Universal” se oferece e atrai todos os homens, de todos os tempos em todos os dias; basta um esforço para ver; não se pode é cair no erro tão sedutor de tentar fixá-lo ou nomeá-lo e muito menos possuí-lo. Assim é a ação do Criador junto ao criado: “A mão de Deus não está aqui, nem lá. Ela age em todo o conjunto das causas sem se descobrir em nenhuma parte” (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 37)¹⁹⁰.

A manifestação divina modifica o ser profundo das coisas, mas a transformação que se opera não é exterior.

Antes de tudo, a manifestação do Divino não modifica a ordem aparente das coisas mais do que a consagração eucarística modifica para nossos olhos as santas espécies. Desde que o acontecimento psicológico consiste unicamente, no início, no aparecimento de uma *tensão interna ou de um brilho profundo*, as relações entre as criaturas ficam exatamente as mesmas. Elas se encontram somente acentuadas em seu sentido. Semelhante a estas matérias translúcidas que um raio nelas contido pode iluminar em bloco, o Mundo aparece banhado, para o místico Cristão, de uma luz interna que lhe intensifica o relevo, a estrutura e as profundezas. Esta luz não é a nuance superficial que um prazer grosseiro pode captar. Ela não é mais o brilho brutal que destrói os objetos e cega o olhar. Ela é a tranquila e poderosa irradiação gerada pela síntese de todos os elementos do Mundo em Jesus. Quanto mais os seres onde ela age são acabados segundo sua natureza, tanto mais essa irradiação parece próxima e sensível; e quanto mais ela se torna sensível, tanto mais os objetos que ela banha se tornam distintos em seus contornos e distantes em sua profundidade. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 149)¹⁹¹.

Essa intuição aparecera anteriormente em *Le Christ dans la matière*. Diante de um quadro do Coração de Jesus, Teilhard – ou seu amigo, como ele prefere – se vê tocado por uma questão inquietante, a saber, “[...] a ideia de que o corpo de Cristo pudesse justapor-se,

189 LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

190 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo Note sur les modes de l’action divine dans l’univers.

191 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

no cenário do Mundo, à multidão de corpos inferiores, sem que estes experimentassem e reconhecessem, por meio de alguma alteração perceptível, a Intensidade que os rodeava” (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 44)¹⁹². Olhando a imagem, ele percebe que sua beleza, a beleza de Cristo, vai se estendendo ao mundo inteiro, irradiando-se até o infinito. E tudo vibrava, mas a individualidade de cada objeto era preservada.

O Meio Divino é como um raio de luz, consistente e fugaz, misturado às coisas e ao mesmo tempo delas separado. É aquilo que penetra sem absorver e que invade sem perder-se no invadido.

A percepção da divina Presença é graça, é dom, e como tal não pode ser controlado, não se pode obter “[...] por nenhum raciocínio nem por artifício humano qualquer” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 150)¹⁹³. No contato humano-divino a atitude primeira é sempre de Deus que atrai o homem, que faz nascer em seu coração um desejo de buscá-lo.

Deus tende, pela lógica de seu esforço criador, a fazer-se buscar e perceber por nós: '*Colocou os homens ... na suposição de que eles o toquem*'. Sua graça preventiva está, portanto, sempre em suspenso para excitar nosso primeiro olhar e nossa primeira oração. Mas, enfim, a iniciativa e o despertar, partem sempre d'Ele; e sejam quais forem os desenvolvimentos ulteriores de nossas faculdades místicas, nenhum progresso se realiza nesse âmbito, senão como resposta nova a um dom novo. '*Ninguém vai ao Pai se o Pai não o atrair*'. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 151)¹⁹⁴.

Deus é sempre o sujeito ativo da Revelação (QUEIRUGA, 2010)¹⁹⁵, perceber sua presença, como diz Mantovani (2006, p. 82) “[...] é a mais preciosa 'passividade de crescimento’”¹⁹⁶. Com a força de quem compreende isso é que Teilhard suplica: “Senhor, nós sabemos e pressentimos que vós estais ao redor de nós. Mas parece que havia um véu sobre nossos olhos. Fazei brilhar sobre toda parte vosso rosto universal” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 150-151)¹⁹⁷.

Uma das propriedades do Meio Divino é o encantamento constante, a eterna atração, o desejo de ser conhecido cada vez mais. Quem contemplou este Rosto Universal, traz em seu coração uma vontade sempre maior de abraçar e ser abraçado por ele.

192 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

193 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

194 Ibid.

195 QUEIRUGA, André Torres. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 214. Assim define este teólogo: “Na revelação, se é autêntica, e não ilusória ou idolatria, o sujeito compreende sempre que *toda a iniciativa vem de Deus*; que só pode reconhecê-lo porque ele lhe vem ao encontro”.

196 MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

197 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

O encanto (cheio de responsabilidades) do Meio Divino é o de poder adquirir ao redor de nós uma intensidade sempre crescente. É uma atmosfera, se nós assim o preferirmos, sempre mais luminosa e mais carregada de Deus. Nele – e somente nele – realiza-se o voto louco de todo amor: perder-se naquele que a gente ama e naufragar nele cada vez mais. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 151-152)¹⁹⁸.

Três virtudes ativam a concentração do Divino nos indivíduos: a pureza, a fé e a fidelidade. A pureza é a capacidade de atrair Deus, de fazê-lo habitar em nós. Por isso, a Virgem Maria, para Teilhard, é o grande símbolo dessa virtude. Quanto mais o homem se torna transparente, quanto mais ele se esvazia de si mesmo para deixar transparecer o outro, mais o grande Outro dele se apodera. No entanto, a pureza encontra sua plenitude na fé. Maria acreditou e por isso foi capaz não só de atrair o Divino, mas de fazê-lo nascer entre os homens. A fé torna fecunda a pureza, a fé faz do mundo a casa de Deus:

Se não cremos, as vagas nos trazem, o vento sopra, o alimento nos falta, as doenças nos abatem ou nos matam, a força divina é impotente ou distante. Se, pelo contrário, nós cremos, as águas se tornam acolhedoras e doces, o pão se multiplica, os olhos se abrem, os mortos ressuscitam, a potência de Deus torna-se como que transvasada de força e se espalha por toda a natureza. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 156)¹⁹⁹.

A fé transforma o mundo a ponto da dor, para aquele que crê, tornar-se “[...] uma visita e uma carícia de Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 158)²⁰⁰. Mas a fé não desobriga o homem de seu esforço, da luta cotidiana; é preciso empenhar-se para fazer brilhar o divino lá onde as trevas querem fazer sucumbir a luz:

Meu Deus, desde que me é impedido, por minha dignidade humana, fechar os olhos a tudo isso como um animal ou uma criança, para que eu não sucumba à tentação de maldizer o Universo e aquele que o fez, *fazei com que eu o adore, ao ver-vos escondido nele*. A grande palavra libertadora, Senhor, a palavra que ao mesmo tempo tudo revela e opera, repeti-a para mim, Senhor. 'Isto é o meu Corpo'. Na verdade, a Coisa enorme e sombria, o fantasma, a tempestade – se nós o quisermos – sois Vós! 'Sou eu, não tendes medo'. Tudo aquilo que nos apavora em nossas vidas, tudo aquilo que vos consternou no Jardim, no fundo, são somente as Espécies ou Aparências, a matéria de um mesmo sacramento. Creiamos somente. Creiamos tanto mais forte e mais desesperadamente quanto mais a Realidade parece ameaçadora e irreduzível. E, então, pouco a pouco, nós veremos o universal Horror afrouxar-se, depois de nos sorrir, depois de nos tomar em seus braços mais que humanos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 160)²⁰¹.

198 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

199 Ibid.

200 Ibid.

201 Ibid.

Se a pureza atrai o Divino e a fé age para fazê-lo brilhar, a fidelidade nos faz permanecer sempre em sua presença.

Porque nós cremos intensamente no Mundo, com um coração puro, o mundo abrirá diante de nós os braços de Deus. Agora, em seus braços, para que se feche ao redor de nossas vidas o círculo do Meio Divino, nos resta lançar-nos. Este gesto será o de uma correspondência ativa ao dever cotidiano. *A fé consagra o mundo. A fidelidade comunga-o.* (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 160)²⁰².

A fidelidade nos faz unidos às mãos de Deus, mais que isto, ela nos faz um com as mãos divinas no exercício de sua ação. A fidelidade nos faz abertos e acolhedores à vontade de Deus, ela nos faz receber com alegria a graça do contato divino. Pela fidelidade “[...] nós restituímos a Deus o beijo que Deus nos oferece continuamente através do Mundo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 161)²⁰³.

O Meio Divino não deve ser pensado, lembra Teilhard, como uma realidade estática, imóvel, algo pronto e acabado, mas antes como “[...] um centro móvel que nós devemos seguir, como os Magos seguem a sua estrela” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 162)²⁰⁴. O Meio Divino é, pois, uma realidade dinâmica:

[...] Deus não se apresenta a nossos seres finitos como uma Coisa toda feita que nós devemos abraçar. Mas Ele é para nós a eterna Descoberta e o eterno Crescimento. Quanto mais cremos compreendê-lo, mais Ele se revela outro. Quanto mais pensamos possui-lo, mais Ele se recua, atraindo-nos para as profundezas de si mesmo. Quanto mais nos aproximamos dele, por meio de todos os esforços da natureza e da graça, mais Ele aumenta, em um mesmo movimento, sua atração sobre nossas potências e sobre a receptividade dessas potências a este encanto divino. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 161-162)²⁰⁵.

Deus se dá a cada um na liberdade e na liberdade quer ser acolhido; Ele não força o contato mas faz desejar o abraço. Quando o criado se abre ao Criador não é por um dever, mas antes por uma vontade que nele brota.

Cada indivíduo é um centro de divinização, mas a oferta divina respeita a diversidade. Um mesmo acontecimento pode desencadear as mais variegadas reações assim como o raio de sol ora se colore, ora se perde no espaço onde deseja brilhar.

202 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

203 Ibid.

204 Ibid.

205 Ibid.

Essencialmente única em sua influência, a providência pluraliza-se ao nosso contato, como um raio de sol vem colorir-se ou perder-se nas profundezas dos corpos que ele encontra. O mesmo universo tem todas as espécies de camadas, de compartimentos diversos: *'na mesma casa há muitas moradas'* (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 166)²⁰⁶.

Antes de tudo, ensina Teilhard, o fiel do Meio Divino deve assegurar sua divinização pessoal. É preciso fazer brilhar o sol em nós para que os outros percebam sua luz; é preciso sentir individualmente e nos mais profundo de nossa vida essa Divina Presença para fazê-la uma realidade de todos. Cada um de nós, temos, pois, “[...] o mundo inteiro a divinizar” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 167)²⁰⁷, para que ele se torne divino para aqueles que nos cercam. Mas, se a divinização pessoal é tão importante, não menos salutar é a consciência de que a salvação só se consuma na solidariedade com a massa inteira dos viventes. Por isso, diz o místico do Auvergne:

O Apaixonado do Meio Divino não pode suportar ao redor de si a obscuridade, a tepidez, o vazio naquilo que deveria ser todo cheio e vibrante de Deus. À ideia de muitos espíritos, ligados a ele na unidade de um mesmo Mundo e ao redor do qual ainda não está suficientemente aceso o fogo da Presença divina, ele se sente como que enregelado. Ele havia podido crer por algum tempo que, para tocar a Deus na medida de seus desejos, fosse-lhe suficiente estender somente sua mão a Ele. Agora ele percebe que o único amplexo humano capaz de abraçar dignamente o Divino é o de todos os braços humanos abertos juntos para invocar e acolher o Fogo. O único sujeito definitivamente capaz da Transfiguração mística é o grupo inteiro dos homens, formando não mais do que um só corpo e uma só alma na caridade. E esta articulação das unidades espirituais da Criação sob a atração do Cristo é a suprema vitória da fé sobre o mundo. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 170)²⁰⁸.

O Meio Divino intensifica-se diante dos homens mediante a caridade, mas, ao contrário do que se pensa, nem sempre é fácil amar. A caridade, ensinada e desejada por Cristo nos evangelhos, não é uma virtude tão fácil de ser exercida e disso o místico jesuíta está consciente. O amor ao próximo requer dos indivíduos uma disposição de abertura e uma força que só o próprio Deus pode dar. Por isso Teilhard reza:

Meu Deus, eu vo-lo confesso, eu tenho sido por muito tempo e ainda sou resistente ao amor do próximo. Igualmente, eu experimentei ardentemente a alegria sobre-humana de romper-me e de perder-me nas almas, às quais a afinidade misteriosa da dileção humana me destinava; igualmente, eu me sinto nativamente hostil e fechado diante do comum daqueles que vós dizeis que devo amar. Aquilo que, no Universo, está acima ou abaixo de mim

206 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

207 Ibid.

208 Ibid.

(poder-se-ia dizer também na mesma linha), eu o integro facilmente em minha vida interior: a matéria, as plantas, os animais e, depois, as Potências, as Dominações, os Anjos, eu os aceito sem dificuldade e eu me alegro de sentir-me sustentado em sua hierarquia. Mas 'o outro', meu Deus, não somente 'o pobre, o coxo, o aleijado, o retardado', mas o *outro* simplesmente, o *outro* sem mais nada, aquele que por seu Universo aparentemente fechado ao meu parece viver independente de mim e quebrar para mim a unidade e o silêncio do Mundo, seria eu sincero se eu vos dissesse que a minha reação instintiva não é de repeli-lo? E que a simples ideia de entrar em comunhão espiritual com ele não me causa um desgosto? Meu Deus, fazei brilhar para mim vosso Rosto na vida do Outro. Esta luz irresistível de vossos olhos, iluminada no fundo das coisas, ela já me atirou a toda obra a perseguir, a toda dificuldade a atravessar. Concedei-me o dom de perceber-vos, até mesmo e principalmente no mais íntimo, no mais perfeito, no mais distante da alma de meus irmãos. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 170-171)²⁰⁹.

O amor ao próximo do qual o místico do Auvergne fala não é simples simpatia pessoal; é o reconhecimento de que em cada ser Deus nos convida a amá-lo. É na verdade o sentimento ou a compreensão de que se pode alcançar Deus, o Grande Outro, através do outro naquilo que ele tem de mais individual e pessoal. A caridade deve ser dirigida, pois, a esse outro comum e não a uma entidade vaga e abstrata que o cerca. E só assim o Meio Divino crescerá diante dos homens fazendo com que o que há de mais humano em cada um tome consciência de si mesmo. Em *Le Christique*, o místico jesuíta amplia esse conceito de caridade falando de “[...] uma forma de Caridade na qual torna-se possível amar a Deus não só 'com todo seu corpo e toda sua alma', mas com todo o Universo-em-evolução” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 116)²¹⁰.

A percepção da presença do mal no mundo multiplica sempre mais a necessidade do Cristo e por isso, quase ao fim de suas reflexões sobre o Meio Divino, Teilhard retoma essa questão que sempre o inquietou. Olhos voltados para o alto, para a luz, o místico francês nunca deixou de sentir atrás de si, como ele mesmo diz, “[...] a sombra e o vazio, a rarefação ou ausência de Deus” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 174)²¹¹. Mas o mal, a imperfeição, o pecado, enfim, o inferno, para ele, nada mais são do que um “elemento estrutural do universo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 175)²¹² que não se deve temer. Nenhuma ação maligna, nenhuma potência do mal, pode atrapalhar o Meio Divino. Quando se tem fé o bastante, “[...] as tentações e os males convertem-se em bem e excitam o braseiro do amor” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 176)²¹³. Nada, pois, escapa à ação amorosa e

209 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

210 Id. *Le Coeur de la Matière*. Paris: Éditions du Seuil, 1976. Em *Le Christique*.

211 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

212 Id. *Le Milieu Divin*: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

213 Ibid.

ardente daquele que criou todas as coisas, nada pode atrapalhar a perfeição do Corpo Místico de Cristo, nada se perde para o Pleroma. No entanto, o místico sempre insistiu no dever cristão de rejeitar e lutar contra o mal:

A resignação cristã pode ter sido confundida com uma doutrina de menor resistência ao mal e de passividade perigosa. E, de fato, uma certa compreensão do Calvário não nos inclinou a falar e agir como se fosse diretamente bom padecer e mal viver? Trata-se agora, pelo contrário, de que os fiéis compreendam que o sofrimento e a morte, no que têm de cosmicamente inevitável, podem, pela virtude de Deus, converter-se em maravilhosos instrumentos de perfeição e união espirituais, – não por isso deixam de ser, tanto um como o outro, em si mesmos, odiosos ao Criador; de sorte que se nosso primeiro dever é desenvolver o Mundo, um segundo mandamento, semelhante ao primeiro, nos obriga a lutar até o fim contra toda diminuição e toda dor. (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 32)²¹⁴.

Para Teilhard o inferno e a condenação não devem se tornar instrumentos que despertam em nós o temor a Deus, mas antes, realidades que nos fazem pertencer cada vez mais a Ele. A Parusia não é catástrofe, mas acabamento (TEILHARD DE CHARDIN, 1976)²¹⁵. Mal e bem, dor e alegria, medo e esperança, tudo tornado um pela chama incendiária do amor de Deus, eis o sonho de Teilhard, eis a sua oração:

Ó Jesus, mestre terrivelmente belo e zeloso, fechando os olhos para o que minha fraqueza humana ainda não pode compreender e, portanto, suportar, isto é, para a realidade dos condenados, eu quero pelo menos assimilar em minha visão habitual e prática do Mundo a gravidade sempre ameaçadora da condenação; não tanto para temer-vos, mas para pertencer mais apaixonadamente a vós. Eu já vos gritei a toda hora: não sejais somente um irmão para mim, ó Jesus, mas sede-me um Deus! Agora, revestido da potência formidável de seleção que vos coloca no ápice do Mundo como o princípio de atração universal e de repulsão universal, vós me apareceis verdadeiramente como a Força imensa e viva que eu procurava por toda parte, a fim de poder adorar. Os fogos do inferno e os do céu não são duas forças diferentes, mas as manifestações contrárias da mesma energia. Que as chamas do inferno não me atinjam, ó Mestre, nem a ninguém daqueles que eu amo... Que elas não atinjam a ninguém, ó Meu Deus (vós me perdoareis, eu o sei, esta oração insensata). Mas, que seus sombrios clarões se juntem, para cada um de nós, com todos os abismos que elas desvelam, à plenitude ardente do Meio Divino. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 177-178)²¹⁶.

O fim do mundo não deve fazer temer e tremer os fiéis do Meio Divino. A espera da parusia é um dever cristão, por excelência, mas é preciso compreender bem a complexidade dessa espera. O fim do mundo não significa, para Teilhard, desaparecimento, catástrofe,

214 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. Do artigo *El Sentido Humano*.

215 Id. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. Em *Le Christique*.

216 Id. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

tragédia, morte final (MANTOVANI, 2006)²¹⁷. É, antes, a espera de uma saída, ou seja, de um êxito para o mundo. É necessário, pois, aguardar, esperar a consumação do Meio Divino, a vinda do Cristo Universal:

Historicamente, a espera nunca deixou de guiar, como uma tocha, os progressos de nossa Fé. Os israelitas foram perpétuos 'expectantes'; e os primeiros cristãos também. Porque o Natal, que deveria – parece – inverter nosso olhar e concentrá-los no Passado, não fez outra coisa que levá-los cada vez mais para frente. Aparecido um instante entre nós, o Messias não se deixou ver e tocar, a não ser para perder-se, ainda uma vez, mais luminoso e mais inefável, nas profundezas do futuro. Ele veio. Mas, agora, nós devemos esperá-lo ainda e de novo, não mais somente um pequeno grupo escolhido, mas todos os homens, mais do que nunca. O Senhor Jesus só virá depressa, se nós o esperamos muito. É uma acumulação de desejos que deve fazer estourar a Parusia. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 181)²¹⁸.

A espera muito ansiosa e rápida pelo retorno de Cristo pode ter levado alguns cristãos a se sentirem decepcionados e desconfiados. A presença do mal no mundo parece ter feito enfraquecer ou mesmo vencer a fé no Reino de Deus. A chama se apagou e o cristão deixou de esperar. É preciso, diz Teilhard (1957, p. 182), “[...] reavivar a chama. É necessário a todo preço renovar em nós mesmos o desejo e a esperança do grande Acontecimento”²¹⁹. E para isso não podemos cometer os mesmos erros que outrora os hebreus e os discípulos de Paulo cometeram, a saber, a espera de um sobrenatural descolado da natureza, de um céu desencarnado do mundo.

Para que a chama mais uma vez se torne fogo em nós necessitamos de “[...] uma imensa esperança *totalmente humana*” (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 183)²²⁰. Cada vez mais a Humanidade toma consciência de si mesma, daquilo que lhe falta e daquilo que ela é capaz; ela se nutre de esperanças e mais do que isso, do desejo e da consciência de que pode realizar suas utopias. Os fiéis do Meio Divino não podem deixar de compartilhar essa espera, não podem deixar passar o sonho que anima os homens. A terra não se opõe ao céu, os progressos humanos não fazem concorrência a Deus.

Quanto mais o Homem for grande, mais a Humanidade será unida, consciente e mestra de sua força; igualmente, quanto mais a Criação for bela,

217 Para Mantovani a interpretação dada por Teilhard à parusia é consoante e coerente com a parte conclusiva de seu *Fenômeno Humano*. MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006. De fato, nesta obra, o pensador do Auvergne nega a perspectiva de uma catástrofe cósmica, afirmando que “[...] a Humanidade tem diante de si imensas possibilidades”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970, p. 315.

218 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

219 Ibid.

220 Ibid.

mais perfeita será a adoração, mais o Cristo encontrará, para as extensões místicas, um Corpo digno de ressurreição. Assim como não pode haver dois centros numa circunferência, da mesma maneira não poderia haver dois cumes no Mundo. O Astro que o Mundo espera, sem saber ainda pronunciar seu nome, sem avaliar exatamente sua verdadeira transcendência, até mesmo sem poder distinguir os mais espirituais e os mais divinos de seus raios, é forçosamente o mesmo Cristo que nós esperamos. Para desejar a Parusia, nós somente temos que deixar bater em nós – Cristianizando-o – o próprio coração da Terra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 184-185)²²¹.

Quando iniciava seu *Le Milieu Divin*, Teilhard falava de sua angústia, que era também de muitos outros cristãos como ele, frente à possibilidade de que o mundo se tornasse mais atraente que Javé. Sua pergunta era: poderia o mundo fazer explodir a religião, eclipsar nosso Deus? Muitas páginas depois, como resultado de uma intensa, contínua, dedicada e profunda reflexão, ele apresenta sua resposta, a resposta de sua vida. Aquele que um dia pensara estar Deus lhe propondo deixar o mundo²²², muitos anos mais tarde diria:

Onde está agora a tentação do Mundo muito grande, a sedução do Mundo muito bonito? Não existe mais. A Terra bem que pode, desta vez, agarrar-me com seus braços gigantes. Ela pode encher-me de sua vida ou retornar-me em seu pó. Ela pode enfeitar-se aos meus olhos com todos os encantos, com todos os horrores, com todos os mistérios. Ela pode arrebatá-me por seu perfume de tangibilidade e de unidade. Ela pode lançar-me de joelhos na espera daquilo que amadurece em seu seio. Seus feitiços não poderiam mais prejudicar-me, desde que ela se tornou para mim, *para além dela mesma*, o Corpo d'Aquele que é e d'Aquele que vem! *O Meio Divino!* (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 186-187)²²³.

221 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

222 No trecho de uma carta aos pais, já transcrito na introdução deste trabalho Teilhard dissera: “[...] parece-me que o bom Deus me propõe deixar o mundo”. MORTIER, Jeanne; AUBOX, Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin**: *images et paroles*. Paris: Seuil, 1966.

223 TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Opus cit.

CONCLUSÃO

Há muito tempo [...] eu tentei, em face das perspectivas ainda mal apenas formadas em mim, fixar minha admiração e meu encantamento. Hoje, depois de quarenta anos de contínua reflexão, é ainda exatamente a mesma visão fundamental que eu tenho necessidade de apresentar, e de fazer partilhar, de forma amadurecida, – uma última vez. Aqui com menos frescor e exuberância de expressão que no momento do primeiro encontro. Mas sempre com o mesmo maravilhamento – e com a mesma paixão.
(TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 97-98)¹.

Assim escrevia Teilhard em março de 1955, poucos dias antes de sua morte. Testemunho encantador de um homem que apenas viu e quis fazer ver ao mundo aquilo que sempre o maravilhou. Demonstração de um pensamento que sem se transformar por inteiro foi, ao longo do tempo, amadurecendo. O menino que um dia se deixara morrer de amores pelas pedras do Auvergne nunca perdeu sua capacidade de se maravilhar, de se encantar, de se inebriar com o perfume e a música das coisas. E seu maravilhamento é fruto da percepção, sentida e experimentada na vida, de que em cada espaço da Criação Deus o aguarda.

O jesuíta francês, que segundo Trianni (2012, p. 19), “[...] é hoje um dos pensadores mais lidos e estudados no mundo”², foi objeto desta pesquisa que, assim como o próprio Teilhard a respeito de seu *Fenômeno Humano*, eu gostaria de acabar bem, ainda que sem saber ao certo seu valor³. Depois de quase cinco anos de trabalho intenso eu posso dizer, sem titubear, que minha tese traz apenas observações preliminares sobre um grande homem. Setenta e quatro anos de vida plenamente vivida não poderiam ser estudados e compreendidos num espaço de tempo tão breve. Mas, as intuições que me tocaram, aquilo que aprendi, também eu, como aquele a quem estudei, desejaria compartilhar. Permaneço aberta ao diálogo, certa como Leonardo Boff (1979) de que “[...] todo ponto de vista é a vista de um ponto”⁴ e que esse nem sempre é o mesmo de outros estudiosos mais experientes e

¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Seuil, 1976. Do escrito *Le Christique*.

² TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**. Teilhard de Chardin e as religiões. Roma: Studium, 2012.

³ “[...] o *Fenômeno humano* progride ao ritmo de uma ou duas páginas diárias. Já redigi mais da metade. Não sei que valor tem. Mas gostaria muito de poder acabá-lo bem. Poucas vezes senti como agora que trabalhava tão só para Deus. Tenho confiança de que haverá de dar-me a luz necessária e a força para poder levar a bom termo o que desejo dizer tão somente por Ele”. TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje: 1939-1955**. Madrid: Taurus, 1964, p. 42. Carta de 08 de fevereiro de 1940 à Max e Simone Bégouën.

⁴ BOFF, Leonardo. Puebla: ganhos e avanços questões emergentes. **Convergência**, ano 12, n. 121. Brasília: CRB, 1979, p. 172-176.

conhedores de Teilhard. Com estes quero sempre mais aprender e novamente concluir. Antes de verdadeiramente iniciar minhas reflexões conclusivas, tomo para mim as palavras daquele que hoje me inspira:

As visões que apresento [...] não são ainda senão nascentes. Não as tome ainda então por universalmente admitidas, nem como definitivas. O que eu proponho são sugestões, mais que afirmações. Meu principal objetivo não é converter a posições ainda instáveis, – mas abrir horizontes, e fazer pensar. (TEILHARD DE CHARDIN, 1957, p. 306)⁵.

Em tudo o que fez, viveu e escreveu, o místico do Auvergne depositou toda sua energia por saber que trabalhava por Deus, para Deus e com Deus. Seu único desejo foi, antes de tudo, testemunhar o que viu e sentiu. E seu testemunho é quase sempre apaixonado e intenso, resultado “[...] de trinta anos passados em contato íntimo e sincero ao mesmo tempo, com os meios científicos e os meios religiosos, tanto na Europa e na América como no Extremo Oriente” (TEILHARD DE CHARDIN, 1959, p. 101)⁶. Viajante entre mundos aparentemente contraditórios – ciência e religião, Ocidente e Oriente – Teilhard se fez o porta-voz da conciliação e da harmonia. Suas reflexões nem sempre foram compreendidas, muitas vezes tomadas por ousadas demais, quando não heréticas. Mas ele não desistiu e hoje, passados 60 anos de sua morte, pode-se dizer, seu pensamento permanece fecundo e enriquecedor.

Homem de fé devotado à Igreja e cientista dedicado ao estudo das origens humanas, Pierre Teilhard de Chardin foi, como não muitos de seu tempo, um grande ouvinte das mulheres. Com elas ele dialogou durante toda sua existência e por isso suas reflexões são marcadas por esse toque feminino. Às mulheres, sobretudo à sua mãe, ele deve o melhor de sua alma. Com elas ele aprendeu a amar um Deus que não é algo, mas Alguém, um Deus que tem um rosto e um coração.

Todo o legado de Teilhard é devido às mulheres que o acompanharam por toda a vida. Mãe, irmãs e amigas foram suas interlocutoras e as cartas que muitas guardaram ajudam a compreender melhor seu pensamento. Não por acaso seus escritos, censurados pela Igreja, chegaram ao grande público por obra de uma mulher a quem ele confiara todos os seus papéis.

A relação com as mulheres fez com que o místico francês descobrisse o feminino e sua aptidão à renúncia, não a renúncia apática dos conformistas, mas a renúncia corajosa que

⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **La vision du passé**. Paris: Éditions du Seuil, 1957. Do artigo *La place de l'homme dans l'univers. Réflexions sur la complexité*.

⁶ Id. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. Do artigo *Réflexions sur le progrès*.

exige esforço na luta contra o mal. Também esta relação o fez descobrir o prazer da cumplicidade, do apoio que incentiva a caminhada.

Teilhard se relacionou com muitas mulheres e as influências que estas exerceram em sua vida se fazem sentir na sua fé, fé que anima e sustenta, fé que opera. Teilhard acreditou e sua fé muitas vezes o impediu de desabar. Ele acreditou na evolução sem negar a Criação. Acreditou no mundo que segue se fazendo e no Cristo que atrai o mundo. A fé de Teilhard nasceu e se transformou a partir de sua fé na evolução. A Criação, entende ele, é realidade contínua. Deus permanece envolvido na sua obra, como uma mãe que segue alimentando sua cria.

Da mesma forma as mulheres revelaram ao místico jesuíta a confiança na vida, a certeza de um tempo certo para cada coisa. As fêmeas sabem e sentem no seu próprio corpo que há momentos nos quais um Maior que nós nos obriga a aguardar o fluxo da vida; da mesma forma sabem que há ocasiões nas quais é preciso juntar nossas mãos a este Algo maior para que a vida brote. Confiar ativamente na vida é a mais alta forma de adoração; ver, reconhecer, sentir a presença de Deus nos momentos felizes ajudam a confiar nos momentos em que essa proteção é menos sensível. É preciso, antes de tudo, interessar-se pela vida, é preciso antes de tudo viver. Eis a esperança de Teilhard, eis uma de suas grandes lições a uma humanidade que parece, às vezes, desistir de si mesma. A vida de Teilhard foi marcada por aquilo que Vigorelli (1963, p. 272) chama de “perseverança profética”⁷ e esta perseverança ele desejou compartilhar.

Foi também nas suas relações com o feminino que o jesuíta do Auvergne tomou conhecimento do amor. A espiritualidade teilhardiana é essencialmente uma espiritualidade de relação, de fecundidade. O amor e a castidade devem produzir frutos, quando não um terceiro ser, um novo ser. Ele desenvolveu sua proposta de uma terceira via para dar conta das relações do sacerdote com as mulheres porque sabia da importância do amor e da união com o ser amado na evolução da espécie, no aprimoramento do ser. Dois seres que se amam devem cada vez mais se tornarem melhores um pelo outro. A conquista não pode levar ao comodismo; é necessário conquistar as coisas para com elas convergir em algo maior. Quem ama de verdade e de verdade é amado sabe amar o mundo encontrando o Divino que nele habita. Graças ao amor o mundo se torna diáfano; no outro é possível descobrir o Totalmente Outro. Numa das reflexões de Teilhard sobre esse sentimento primeiro, ele disse: “Sob as forças do amor, são os fragmentos do Mundo que se buscam, para que o Mundo aconteça”

⁷ VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

(TEILHARD DE CHARDIN, 2005, p. 65)⁸. Ele trilhou esse caminho de um amor que faz crescer, que faz sair de si, que faz o mundo acontecer e nele Deus transparecer. Seu desejo foi convencer outros a seguirem seus passos.

A relação de Teilhard com as mulheres e a influência que delas ele recebeu são aspectos bastante novidadeiros do seu pensamento e modo de agir. Igualmente originais são as reflexões do místico sobre a Guerra, evento que revelou a ele o coletivo, a noosfera, ou segundo suas próprias palavras, “[...] o invólucro não só consciente, mas pensante [...] a Alma mesmo da Terra” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 42)⁹. Em meio ao fogo cruzado, o menino outrora protegido descobriu a importância da solidariedade entre as pessoas para o sucesso ou fracasso de uma ação. Pode-se dizer, neste sentido, que a Guerra representou para ele “[...] a passagem do individual ao cósmico” (VIGORELLI, 1963, p. 26)¹⁰.

Na Guerra Teilhard compreendeu que frente ao perigo caem as distinções e privilégios. Ele poderia ter se limitado ao exercício das funções sacerdotais e não o quis, preferindo juntar-se aos muitos soldados que se entregavam à luta. Ali ele entendeu que todo o trabalho, mesmo o mais insignificante e aparentemente desprezível, deve ser feito com adoração. As mãos que colhem o trigo, ou aquelas que amassam a farinha ou aquelas ainda que consagram o pão, todas elas se juntam às mãos do Criador no fazimento da grande hóstia, a Criação.

A Guerra, pode ainda se dizer, fez com que Teilhard refletisse sobre o valor da vida e seu caráter efêmero e transitório. Nos campos de batalha o jesuíta do Auvergne descobriu o dever de aderir a Deus através de tudo, a maravilha de amar as coisas pela presença de Deus nelas. A proximidade do perigo o fez pensar no sofrimento e na paixão de Cristo, tanto que em seu diário ele escreve: “Ouvir sobre si chegar uma grande granada: não é um pouco a angústia de N.S. vendo, iminente, a hora de sua paixão?” (TEILHARD DE CHARDIN, 1975, p. 25)¹¹.

Os escritos de Guerra de Teilhard são muitas vezes criticados por seu pretense otimismo. Aparentemente a Guerra não teria deixado impressões muito ruins no coração do místico. É preciso, pois, considerar o seu desejo de aliviar o sofrimento daqueles a quem ele escrevia, minimizando a dor em suas palavras. Sendo testemunha ocular do conflito ele não

⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Sobre a felicidade; Sobre o amor**. Campinas: Verus, 2005.

⁹ Id. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Seuil, 1976.

¹⁰ VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963.

¹¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975. Nota de 09 de novembro de 1915.

vê tanta necessidade de falar nos aspectos amargos de seus efeitos, aspectos que ele vivia na própria carne.

O jesuíta francês, criticado por sua visão sobre a Guerra, é igualmente contestado em relação às suas considerações sobre o mal. O fato é que Teilhard refletiu muito sobre essa questão, tentando conciliar a realidade do sofrimento com a certeza da bondade e carinho do Criador com sua Criação. O jesuíta não foi poupado, sofreu na própria vida a dor da doença de uma irmã, a dor de muitas perdas familiares, a dor dos campos de batalha onde muitos companheiros partiam para não mais voltar, a dor do silêncio imposto pela Igreja. E tanta crueldade provavelmente fez questionar sua alma naturalmente inquieta. Mas a resposta lhe foi dada a partir de sua fé. Num mundo criado por Deus e em contínua evolução o sofrimento tem um significado e um valor construtivo.

Num arranjo, nos surpreenderíamos de ver flores imperfeitas, 'sofredoras' porque os elementos foram colhidos um a um, e artificialmente unidos. Numa árvore, pelo contrário, que teve de lutar contra os acidentes interiores de seu desenvolvimento e os acidentes exteriores das intempéries, os ramos quebrados, as folhas laceradas, as flores secas, doentes ou ceifadas, tem 'o seu lugar': elas traduzem as condições mais ou menos difíceis de crescimento encontradas pelo tronco que as carrega. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 63)¹².

O sofrimento é inevitável num mundo que busca constantemente se aperfeiçoar, numa Criação que deseja ser cada vez mais bela. Com essa compreensão Teilhard não pretendia justificar o mal, muitas vezes ele falou da importância e do dever de lutar contra tudo aquilo que fere e destrói o criado. O que ele desejou foi fazer entender que a dor não é instrumento utilizado pelo Criador para punir as criaturas. O sofrimento, num mundo que evolui, tem seu lugar e o lugar desse sofrer não é o lugar do castigo ou da culpa; diferentemente, é um lugar nobre, fruto do esforço e da luta.

O Mundo, visto experimentalmente à nossa escala, é um imenso tateamento, uma imensa busca, um imenso ataque: seus progressos não podem se fazer senão ao preço de muitos insucessos e de muitas feridas. Os sofrimentos [...] são a expressão dessa condição, austera, mas nobre. Eles não representam elementos inúteis e menores. Eles só pagam pela marcha adiante e pelo triunfo de todos. Eles são colocados num lugar de honra. (TEILHARD DE CHARDIN, 1962, p. 63)¹³.

¹² TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. Do artigo *La signification et la valeur constructrice de la souffrance*.

¹³ Ibid. Do artigo *La signification et la valeur constructrice de la souffrance*.

Condições difíceis de crescimento foram, com certeza, vividas por Teilhard; a árvore de sua vida certamente cresceu em terrenos difíceis. Seu desejo de fazer ver aquilo que antes lhe fora revelado, sua vontade de curar a Igreja que ele percebia estar definhando, não foram bem recebidos. Retornando da Guerra, ele descobre que suas ideias eram consideradas perigosas. Mas a crise, que durou até o fim de seus dias e lhe fez sofrer, foi também uma influência marcante em sua vida. Os conflitos vividos com a Igreja e a Companhia de Jesus não o impediram de pensar, do contrário o fizeram refletir com mais ardor. Na verdade a crise fez com que ele produzisse muito porque, como bem salienta Vigorelli (1963, p. 152), “[...] é normal na vida de um escritor que uma obra nasça da crise, e a resolva”¹⁴. Aquilo que ele desejava comunicar, ele desejava fazê-lo no seio da instituição à qual ele estava ligado. E se foi fiel às suas convicções, foi igualmente fiel à Igreja, nunca cogitando um rompimento. Certamente seu pensamento, original sem deixar de ser tradicional, é produto dessa fidelidade.

O que quis o místico jesuíta foi tornar os ensinamentos da Igreja críveis ao mundo moderno. Ele se opôs a um tipo de credo que se refugiava no inverificável para salvar o dogma. Seus escritos sobre o pecado original, estopim da crise, não tinham o objetivo de desmentir ou colocar em dúvida a instituição. Mas, cientista, ele sabia que a linguagem precisava ser reformulada. Era preciso reinterpretar as afirmações do Gênesis sobre a Criação do mundo tendo em vista os aportes da ciência e suas recentes descobertas sobre as origens humanas. Teilhard tentou explicar o dogma de modo mais racional, ou pelo menos, de modo mais adaptado à linguagem científica.

O jesuíta do Auverne, desejoso de uma Igreja capaz de se reencarnar nas aspirações humanas reais, não se furtou também à tarefa de refletir sobre um ponto que foi objeto de várias disputas teológicas na França de seu tempo, a saber, o problema do natural e sobrenatural. Suas posições sobre este tema são influenciadas pelos rumos novidadeiros que tomavam essas discussões num contexto mais amplo. O que rejeitou Teilhard, como muitos outros contemporâneos seus, foi o extrinsecismo da graça, ou seja, a ideia da ação divina como totalmente descolada do mundo e da história.

O dualismo entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, tal como postulado pela concepção escolástica tradicional, acabou produzindo um dualismo prático na vida do cristão, isto é, “[...] uma dicotomia entre a sua atividade temporal – que em si mesma não se relacionava com a salvação sobrenatural – e a sua atividade especificamente religiosa – que

¹⁴ VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

era vivida preferentemente de forma individualista, espiritualista e sacramentalista” (TEIXEIRA, 1988, p. 72)¹⁵. A realidade natural não deveria, nesse contexto, preocupar o cristianismo. É justamente contra esse dualismo que Teilhard vai lutar. Peregrino entre dois mundos, andarilho apaixonado pela estrada que o conduz, sua visão é uma tentativa de construir encruzilhadas que, ao invés de confundir, sejam trilha comum.

A originalidade de minha crença é que ela tem suas raízes em dois domínios da vida habitualmente considerados como antagônicos. Por educação e por formação intelectual, eu pertencço aos 'filhos do Céu'. Mas por temperamento e por estudos profissionais eu sou um 'filho da Terra'. Colocado assim pela vida no coração de dois mundos dos quais eu conheço, por uma experiência familiar, a teoria, a língua, os sentimentos, eu não ergui nenhuma barreira interior. Mas eu deixei reagir em plena liberdade uma sobre a outra, no fundo de mim mesmo, duas influências aparentemente contrárias. Ora, no termo desta operação, depois de trinta anos consagrados à busca da unidade interior, eu tenho a impressão que uma síntese se operou naturalmente entre as duas correntes que me solicitam. Uma não matou, mas reforçou a outra. Hoje eu creio provavelmente mais que nunca em Deus, – e certamente mais que nunca no Mundo. Não se encontra aqui, em uma escala individual, a solução particular, ao menos esboçada, do grande problema espiritual que enfrenta, no momento presente, a humanidade em marcha? (TEILHARD DE CHARDIN, 1969, p. 117-118)¹⁶.

A síntese almejada foi encontrada. Para Teilhard, o sobrenatural não deveria ser buscado num além inacessível, não era fermento milagroso a agir sobre o nada. A graça transubstancia o mundo, ou seja, sem alterar sua essência ela o enriquece e santifica. Cristo não faz brotar o alimento, seu milagre consiste em fazer com que cada um coloque sua refeição à disposição dos demais, e assim o pão se multiplica.

O que propõe o místico francês é uma integração das duas ordens natural e sobrenatural. Se há uma comunhão com Deus e uma comunhão com a Terra, há também, e ele sabe porque experimentou, uma comunhão com Deus pela Terra (TEILHARD DE CHARDIN, 1965)¹⁷.

O desejo de permanecer fiel às suas convicções e, ao mesmo tempo, à Igreja e à Companhia fez sofrer o coração deste místico que morreu sem que nenhum de seus escritos fosse publicado. Consideraram suas ideias “não muito seguras” (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 99)¹⁸ e optaram por seu afastamento dos meios parisienses. Mas ele permaneceu fiel, em nome do amor, a si mesmo e à Igreja, convicto de que era preciso misturar-se cada vez

¹⁵ TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

¹⁶ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. Do artigo *Comment je crois*.

¹⁷ Id. **Écrits du temps de la guerre**: 1916-1919. Paris: Bernard Grasset, 1965.

¹⁸ Id. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 07 de julho de 1933 escrita a Ida Treat.

mais ao sangue que desejava corrigir. Tudo o que Teilhard desejou comunicar, o Evangelho que quis anunciar, foi antes vivido e experimentado em sua própria vida.

Cientista apaixonado pela realidade da evolução que, segundo ele, não desmentia o dado da Criação, Teilhard compreendeu muito cedo que esta ideia era sempre rechaçada em nome do dogma. Mas ele decidiu se manter firme e ancorado pois sabia que o rompimento poderia ser desastroso para sua causa, a saber, revitalizar o cristianismo. O afastamento dos amigos e de suas atividades em Paris o entristece; ele quer comunicar sua experiência, suas “visões ardentes” (TEILHARD DE CHARDIN, 1965, p. 9)¹⁹ e não consegue. Mas ele obedece por pressentir sob a velha casca circular uma nova seiva (TEILHARD DE CHARDIN; SWAN, 2009)²⁰. Abandonar a Igreja e a Companhia, diz ele, é sair de seu “Meio Divino” (TEILHARD DE CHARDIN, 1984)²¹. Teilhard nunca quis combater a instituição a qual ele se ligara por verdadeira vocação, o que ele quis foi transformá-la, em outras palavras, foi fazê-la renascer.

Teilhard tentou conciliar a comunhão que queria manter com a Igreja e as divergências que o separavam dela. E refletindo, chegou à conclusão de que a Igreja anuncia Cristo verdadeiramente, mas seu anúncio não consegue exprimir a imensa riqueza e totalidade do Ressuscitado. Tem-se aqui um ponto de abertura ao diálogo pouco estudado no pensamento teilhardiano²². Ponto paradoxal, na verdade, quando se constata que, se por um lado Teilhard reconheceu que a Igreja é incapaz de “[...] dizer exatamente tudo o que existe em Cristo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1978, p. 244)²³, por outro lado ele apontou o cristianismo como sendo única religião capaz de “[...] permanecer em pé, capaz de medir-se com o Mundo intelectual e moral nascido no Ocidente a partir do Renascimento” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 103)²⁴. O paradoxo é, pois, fruto do pensamento sempre dinâmico e renovado desse pensador.

É sempre importante lembrar também que Teilhard não foi propriamente um teólogo da religião, ainda que ele seja apontado por Úrsula King como sendo um pioneiro do diálogo

¹⁹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre: 1916-1919**. Paris: Bernard Grasset, 1965. Do ensaio *La vie cosmique*.

²⁰ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009. Carta de 25 de janeiro de 1937.

²¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres à Jeanne Mortier**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

²² Dois estudos recentes sobre o pensamento de Teilhard de Chardin destacam esse aspecto nas suas reflexões: BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin et l'appel de l'Orient**. La convergence des religions. Saint-Étienne: Aubin Éditeur, 2005; TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**. Teilhard de Chardin e as religiões. Roma: Studium, 2012.

²³ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, 1978. Do artigo *Sobre a minha atitude para com a Igreja Oficial: a um amigo sem fé*.

²⁴ Id. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo O Cristianismo no Mundo.

inter-religioso, por ter apoiado e participado, segundo essa autora, de atividades inter-religiosas na Union des Croyants (KING, 2002)²⁵. Quando fala numa Igreja que não é capaz de dar conta da totalidade do Cristo, ele fala para um amigo que o questionava sobre o não rompimento com a instituição; não se trata de um escrito pensado para ser publicado. Teilhard tem traços de abertura ao diálogo com outras religiões, mas seu grande esforço se volta para um possível diálogo do cristianismo com a ciência, ou para sermos mais exatos, para a possibilidade de um cristianismo cuja linguagem fosse capaz de se adaptar às descobertas científicas de seu tempo, um cristianismo capaz de dialogar com a modernidade. Pode-se até deduzir de suas reflexões pistas importantes para uma atitude dialogal, mas isto não ocupa, pelo menos até onde nos foi possível chegar, lugar central em sua obra.

Os amigos apoiaram Teilhard que sempre buscou esse apoio para não desmoronar. A união e harmonia de ideias compensava a incompreensão dos censores romanos. Ele se sentia feliz por “[...] ter servido a Deus de campo de experiência para esta maravilhosa aliança dos amores do Céu e da Terra” (TEILHARD DE CHARDIN, 1974, p. 101-102)²⁶. Sua atitude nem sempre era dócil, às vezes ele se irritava com a censura imposta por aqueles que eram os responsáveis pelo futuro da instituição. Em algumas cartas encontramos demonstrações disso. Só que sua revolta não superava a fé no Cristo Universal que ele tanto amava e desejava fazer conhecido e amado. E a esta missão ele dedicou toda sua vida.

Para Teilhard uma atitude mais revolucionária, mais radical, seria mais fácil e mais agradável. Mas, ele igualmente sabia, seria uma atitude desastrosa. O desejo de converter o cristianismo, de revitalizá-lo, não seria alcançado com seu rompimento. Mas a fidelidade o fez sofrer. Os amigos testemunham que, no fim da vida, Teilhard demonstrava tristeza e inquietação, chegando mesmo a fazer sofrer os que lhe eram próximos. O exílio imposto até o final da vida o entristeceu profundamente. Os anos americanos, também pouco investigados, são anos difíceis. Sua decisão final, no entanto, foi permanecer “menino obediente” (LEROY, 1976, p. 114)²⁷. Teilhard aceita o fato de não poder anunciar aquilo que viu, mas não se vê impedido de refletir.

²⁵ KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002. Quando fundada a Union des Croyants, Teilhard foi convidado a fazer o discurso inaugural. Impedido de proferir conferências em público nessa época ele escreveu um texto que foi lido. Trata-se do ensaio *Fé no Homem*, publicado em TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959.

²⁶ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. Do artigo O Cristianismo no Mundo.

²⁷ LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami**: les dernières années 1948-1955. Paris: Le Centurion, 1976. Carta de 12 de outubro de 1951, escrita ao padre Jansens, Padre Geral da Companhia de Jesus.

O desejo de “acabar bem”, ou seja, de morrer afirmando seu Evangelho do Cristo no Universo, é buscado até o fim.

No momento, o que mais me preocupa (e cada vez mais há um bom tempo) não é saber como comecei, mas o *terminar bem*; e com isto aludo ao problema de terminar minha vida na atitude espontânea ou no gesto e na circunstância providencial que melhor atestem a sinceridade e o valor da visão pela qual vivi. Agora bem, sobre este ponto, o que se deve dar é uma confiança absoluta em Deus, porque só d'Ele depende o 'bom fim'. E, com efeito, sobre a confiança (a confiança total, generalizada, que se confunde com o abandono ativo em um universo em vias de cristificação) versam minhas melhores reflexões. (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 96)²⁸.

Ou ainda:

Alargam-se as sombras (e se multiplicam) em torno de nós. Minha oração suprema (e a faço por isso por todos aqueles a quem quero) é 'acabar bem'; entendendo com isto 'selar', de um modo ou de outro, com minha morte, aquilo pelo que terei vivido toda a minha vida. (TEILHARD DE CHARDIN, 1964, p. 185)²⁹.

Ao que tudo indica seu desejo foi realizado. Pouco antes de morrer Teilhard tornara Jeanne Mortier herdeira de seus escritos e esta, logo após a morte do amigo, começou a publicar tudo aquilo que ele escrevera e desejara fazer ver. Mas a censura romana outra vez tentaria silenciá-lo. A repreensão desta vez viria através de um decreto (FALCONI, 1963)³⁰, proibindo a tradução e ordenando que as obras do jesuíta fossem retiradas das bibliotecas dos seminários e instituições religiosas e depois através de um monitum, que limitava ou pelo menos tentava limitar a leitura da obra de Teilhard. Segundo este documento do Santo Ofício, a obra teilhardiana trazia erros e ambiguidades que ofendiam a doutrina católica³¹. E à tradução do monitum no jornal Osservatore Romano seguia-se um comentário anônimo precisando pontos perigosos da reflexão de Teilhard³².

O fato é que as tentativas de interditar a divulgação do pensamento teilhardiano não surtiram o efeito desejado. Seu desejo ardente de ser um evangelista do Cristo no Universo, o anunciador de um Deus que habita cada espaço da Criação, acabaram se tornando fogo incendiário no Concílio Vaticano II. Como diz Paolo Trianni, Teilhard no fundo soube ler os

²⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964. Carta de 04 de setembro de 1948 a Marguerite Teilhard-Chambon.

²⁹ Ibid. Carta de 08 de janeiro de 1955 ao abade Breuil.

³⁰ FALCONI, Carlo. Ottaviani insiste contro la Nuova Teologia. In: VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963, p. 367-369.

³¹ MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44º Ano. 15 juillet 1962, n. 1380.

³² Ibid. Comentário ao Monitum.

sinais dos tempos, “[...] antecipando soluções que depois o Magistério conciliar fez suas” (TRIANNI, 2012, p. 9)³³. A mesma Igreja que um dia o considerara ousado demais, passava agora a beber de sua ousadia.

Hoje fala-se numa possível reabilitação de Pierre Teilhard de Chardin por parte da hierarquia romana. Os defensores dessa ideia apoiam-se em dois documentos. Primeiro uma carta, escrita pelo cardeal Agostino Casaroli, em nome do Papa João Paulo II, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Teilhard, que foi publicada no *Osservatore Romano*³⁴ e depois em trechos de uma homilia proferida pelo cardeal Joseph Ratzinger, então papa Bento XVI, no dia 24 de julho de 2009³⁵. Em primeiro lugar, é preciso recordar, que à carta de 1981, considerada a carta de reabilitação de Teilhard, seguiu-se pouco tempo depois uma nota publicada no *Osservatore* falando da validade permanente do monitum de 1962. Em segundo lugar, é importante destacar, nenhum dos dois documentos – a carta e a homilia – tem caráter oficial ou peso maior que o monitum. Daí se deduz que o Vaticano não reabilitou oficialmente o místico jesuíta, ainda que demonstre mais simpatia por suas ideias e maior reconhecimento à sua obra.

Experiência determinante na vida de Teilhard de Chardin foram também os anos vividos no Oriente, sobretudo os anos chineses que cobrem boa parte de sua existência. Ali assistimos ao fortalecimento da vocação científica de Teilhard, que passa a ser cada vez mais conhecido e respeitado como pesquisador. Mas, e é o que mais nos interessou neste trabalho, o Oriente foi também campo fecundo para o amadurecimento de sua espiritualidade. Os anos de exílio vividos na China, pátria espiritual de nosso místico, deram-lhe o tempo e a liberdade dos quais ele necessitava para refletir. Naquelas terras ele refletiu como nunca sobre seu amor apaixonado pelo Universo, sobre o sentimento que sempre o acompanhou de se sentir em todo lugar viva e plenamente mergulhado em Deus.

O Oriente o estimulou a pensar e escrever. No meio de uma expedição científica, assim como antes na Guerra, ele rezou sua Missa sobre o Mundo, confessando sua intensa simpatia pela matéria, ou mais especificamente, por algo que cintilava no coração da matéria (TEILHARD DE CHARDIN, 1976)³⁶. Confissão ousada, na época, por parte de um sacerdote cristão provavelmente incentivado a pensar as relações entre céu e terra em termos de

³³ TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**. Teilhard de Chardin e as religiões. Roma: Studium, 2012.

³⁴ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/531321-12-de-maio-de-1981-carta-reabilita-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 11 set. 2014.

³⁵ BENTO XVI. Celebração das Vésperas na Catedral de Aosta: Homilia. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedicr_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090724_vespri-aosta_po.html>. Acesso: 11 set. 2014.

³⁶ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

antagonismo. Foram os orientais, certamente, que influenciaram sua singular capacidade de romper com os dualismos na busca da unidade que não é uniformidade, mas conciliação. Entre espírito e matéria, diz o jesuíta, não mais oposição, mas transformação, não mais destruição, mas transubstanciação.

O olhar sensível do menino do Auvergne lhe permitiu ver além de seu tempo. O segredo do mundo está em toda a parte, não é inacessível aos olhos. Para aqueles que não querem ver, tudo permanece invisível; mas para os que desejam enxergar, tudo mostra Deus. Teilhard ama a matéria real, concreta e sabe que ela é uma potência bifacial que tanto pode elevar como fazer cair. Ele compreende que seu amor à matéria não pode fazê-lo nela se prender. Teilhard não vê a matéria como obstáculo, mas antes como ponto de apoio e esta categoria é importante na compreensão de seu pensamento. A matéria, o mundo, não precisam ser derrotados para que o homem chegue a Deus. Eles devem ser transpostos. Cientista que assumiu a evolução como fundamento de sua explicação do mundo, o místico jesuíta entende a espiritualidade em termos de processo e relatividade, que não quer ou pode significar relativismo. Transpor um caminho é buscar um ponto de chegada. Para os que caminham na frente e estão mais próximos desse ponto, retornar ao ponto de partida seria desastroso. Mas ninguém pode se furtar desse passo inicial. Teilhard fala numa deriva da matéria em direção ao espírito e com isso abraça a matéria por sabê-la santificável e santificadora (TEILHARD DE CHARDIN, 1957)³⁷. A ascese teilhardiana é de travessia e ultrapassagem (CUÉNOT, 1965)³⁸, não de negação.

O Oriente fez Teilhard refletir também sobre uma intuição que ele mesmo considera fundamental, a saber, o sentido do Todo, esse “amor apaixonado pelo Universo” (TEILHARD DE CHARDIN, 1976, p. 31)³⁹, que o acompanharia por toda a vida. Essa consciência cósmica, segundo o místico, surge do amor, do caráter relacional do homem. E ao mesmo tempo em que fundada no amor ela educa para o amor. Quando compreendemos ser pequenos elementos de um grande Todo, quando compreendemos que há em cada criatura um pedaço de nós e em nós um fragmento de cada criatura, compreendemos também a necessidade de um abraço comum para a salvação do planeta. Hoje a terra inteira é requerida, portanto deve

³⁷ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin**: essai de vie intérieure. Paris: Éditions du Seuil, 1957.

³⁸ CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965. Deuxième Séance. Espírito e Matéria na filosofia de Pierre Teilhard de Chardin. Rapport de Claude Cuénot.

³⁹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Coeur de la Matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976.

ser oferta, para alimentar cada indivíduo (TEILHARD DE CHARDIN, 1970)⁴⁰. Por outro lado, cada indivíduo é chamado a cuidar da terra para que ninguém tombe por falta de pão.

A percepção da transparência de Deus no Universo, a consciência de que o Divino não está aqui nem ali, mas é presença espalhada por toda parte, foi desperta ou pelo menos fortalecida em Teilhard a partir de seu contato com as religiões orientais. Ao mesmo tempo, esta compreensão abre novos horizontes para uma espiritualidade do diálogo⁴¹. O Universo é tomado como sacramento do Divino, portanto, cada criatura, cada espaço da Criação deve ser objeto de amor e cuidado. Aquilo que desfigura e destrói a obra, faz sangrar o Criador que nela habita.

A mística cósmica de Teilhard, nascida do amor e nele fundada, dá origem à sua mística do engajamento, ou nas palavras de Úrsula King (2002, p. 158), a “[...] um novo misticismo de ação [que] oferece uma das mais fortalecedoras visões para promover a fé, o amor e uma maior união entre todos os povos da Terra”⁴². Por sentir a presença amorosa de Deus em todas as coisas, o jesuíta francês compreendeu que não era preciso negar o mundo para se chegar ao céu. Todo aquele que realiza com seriedade a tarefa que lhe foi confiada no universo, concorre para o acabamento ou salvação do mundo em Cristo. Sabor dessa verdade Teilhard foi um engajado, um comprometido.

Importante lembrar que seu engajamento não foi diretamente político, o que fez com que seu pensamento fosse chamado de politicamente neutro por parte de teólogos mais envolvidos com essas questões, ou ainda que suas reflexões tenham sido acusadas de servir de influência para as teologias do desenvolvimento (GUTIÉRREZ, 1975)⁴³. O fato é que Teilhard propõe uma espiritualidade de ser-no-mundo, em oposição a uma espiritualidade extramundana, rejeitando fortemente a prática, comum talvez na sua época, de identificar mal e mundo. É contra esta identificação que ele vai lutar. Ele deseja sim o progresso da Terra, mas isto não quer dizer que seus olhos sejam indiferentes às dores dos seres que nela habitam. O cristão, no entendimento do místico do Auvergne, deve adentrar o mundo para fazê-lo crescer e progredir, para fazê-lo ser sempre mais e melhor.

O pensamento teilhardiano sinaliza para uma perspectiva unitária da história, sua espiritualidade aponta para o céu mantendo fixas suas raízes na terra. Não há uma história

⁴⁰ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

⁴¹ Entendemos que a espiritualidade cósmica de Teilhard é um dos pontos fundamentais quando se quer pensar em pistas abertas para o diálogo inter-religioso a partir de suas reflexões. Ainda que o próprio autor não tenha refletido especificamente sobre isto, suas intuições são importantes para a redescoberta de uma ética do cuidado com a Terra, Criação e morada do Divino.

⁴² KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas**: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin. São Paulo: Paulinas, 2002.

⁴³ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

sagrada e outra profana, mas um único e contínuo ato criador a se desenrolar no tempo e no espaço. Aquele que criou todas as coisas chama agora cada uma de suas criaturas a se envolver na continuidade de sua Criação, cada um de nós a ser não simples instrumento, mas prolongamento de sua vontade salvífica.

Penetrado pelo amor, Teilhard manteve-se atento ao mundo, mais ainda, sentiu-se convocado a permanecer no mundo para conduzi-lo a Deus. No cotidiano, no ir e vir da vida, ele se sentiu abandonado ao vazio de Deus (SOUZA, 2012)⁴⁴, ou segundo seus próprios termos, mergulhado no Único Suficiente e Único Necessário, comungando com o acontecer das coisas e nelas abraçando a Existência Universal; enfim, achou-se cada vez mais no Meio Divino. Ele foi alguém que se sentiu sempre e em todo lugar acariciado pela divina Presença. E o que viu ele quis fazer ver. Conhecedor da necessidade de ter olhos e corações bem abertos para o acolhimento desse Essencial que jorra por toda parte, ele ensinou com sua própria vida que Deus não deve ser buscado aqui ou ali; sua revelação mais que epifania, é diafania. Pouco tempo antes de morrer, quando passeava com o amigo Pierre Leroy pelas ruas tumultuadas de Nova Iorque, ele teria dito uma frase que resume bem sua existência: “Hoje eu posso te dizer que vivo constantemente na presença de Deus!...”(LEROY, 1976, p. 225)⁴⁵.

Certamente, Pierre Teilhard de Chardin foi um homem, como todos os outros, abraçado pela graça. Só que, à diferença de tantos outros homens, ele soube reconhecer esse Sorriso Universal em sua vida. Em meio às montanhas do Auvergne ou nos campos de batalha da Primeira Guerra; no centro de expedições científicas na China ou no tumulto barulhento das ruas de Nova Iorque, ele foi capaz de ouvir essa Nota Única. Por ter refletido muito, ele compreendeu a imensa simplicidade das coisas e nelas abraçou o Essencial que jorra por toda parte. Tudo aquilo que viu, ele quis fazer ver e como é comum nos grandes homens, seu anúncio foi marcado pela humildade. Para expressar-se, como lembra Úrsula King (2012, p. 247), ele preferia os ensaios “[...] um meio experimental e provisório, talvez uma forma pós-moderna ideal, cujo final permanece sempre em aberto, em busca de completude”⁴⁶. Não que ele se sentisse inseguro em relação às verdades que desejava anunciar; ele não duvidou daquilo que lhe fora revelado, por ter experimentado na própria existência essa revelação.

⁴⁴ SOUZA, Adriana Andrade de. O exterior mais interior que o mais íntimo: Eckhart e a excelência de Marta. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 113-133.

⁴⁵ LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami: les dernières années 1948-1955**. Paris: Le Centurion, 1976.

⁴⁶ KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2002.

A busca de Deus por ele empreendida é a busca apaixonada dos grandes místicos. Singular é o seu lugar de partida, o porto onde ancorou seu barco. Cientista e sacerdote, homem de fé e de ciência, seu caminho foi marcado pela influência dessas duas estradas. Seu trajeto permanece novidadeiro até hoje, como releva Baudry (2010, p. 289):

O percurso de Teilhard permanece exemplar para quem se situa dentro da modernidade. Ele demonstrou de modo pertinente que o ateísmo se baseava antes de tudo sobre a recusa de certas interpretações de Deus. Reconhece que a ideia de Deus, veiculada por muitos crentes de diversas religiões, é inaceitável, porque frequentemente indigna do homem e inadequada em relação ao Ser absoluto, que está além de quaisquer conceitos e representações. Denuncia a confusão entre a ideia e a realidade última que designa. A busca de Deus opera sobretudo mediante a purificação dos conceitos e a desmitologização das representações, para admirar o Absoluto.⁴⁷

Os místicos desejam encontrar o Ser absoluto que está além de todos os conceitos e esta foi a busca de Teilhard. Aquilo que encontrou não lhe apareceu como o inacessível, mas antes como o simples, como o Elementar por toda parte espalhado. Ele desejou compartilhar suas visões ardentes para que o Deus que a ele se revelara fosse cada vez mais conhecido e amado num tempo onde a incredulidade parecia crescer. Por isso é possível chamá-lo de “profeta do retorno de Deus” (BAUDRY, 2010)⁴⁸. Àqueles que anunciavam a morte de Deus, ele respondia: “Não 'Deus que morre', como dizia Nietzsche, mas 'Deus que muda’” (TEILHARD DE CHARDIN, 1968, p. 138)⁴⁹. Nada de relativismo, simples reformulação da linguagem para falar dessa Realidade que como o sol é sempre a mesma sem ser igual todos os dias. O Cristo amado, que por sua encarnação adentrou o mundo, por sua ressurreição abraçou o universo e doravante é mister falar não apenas de sua epifania nas terras da Palestina mas de sua diafania no coração da matéria.

⁴⁷ BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968. Carta de 25 de julho de 1950.

REFERÊNCIAS

Obras do autor:

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. 3 ed. Porto: Tavares Martins, 1970. (Volume I das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'apparition de l'homme**. Paris: Éditions de Seuil, 1956. (Volume II das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **La vision du passé**. Paris: Éditions du Seuil, 1967. (Volume III das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le Milieu Divin: essai de vie intérieure**. Paris: Seuil, 1957. (Volume IV das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Meio Divino: ensaio de vida interior**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'avenir de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1959. (Volume V das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Énergie Humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1962. (Volume VI das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **L'Activation de l'énergie**. Paris: Éditions du Seuil, 1963. (Volume VII das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Verso la convergenza**. L'attivazione dell'energia nell'umanità. Verona: Gabrielli editori, 2004.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **La place de l'homme dans la nature**. Le Groupe zoologique humain. Paris: Éditions du Seuil, 1965. (Volume VIII das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974. (Volume IX das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Comment je crois**. Paris: Éditions de Seuil, 1969. (Volume X das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Las direcciones del porvenir**. Madrid: Taurus, 1974. (Volume XI das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Écrits du temps de la guerre (1916-1919)**. Paris: Bernard Grasset, 1965. (Volume XII das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Escritos do Tempo da Guerra (1916-1919)**. Lisboa:

Portugália, 1969.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Le coeur de la matière**. Paris: Éditions du Seuil, 1976. (Volume XIII das Obras Completas).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Il Cuore della Materia**. 3 ed. Brescia: Queriniana, 2007.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**: lettres inédites (1926-1952). Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard de Le Roy (1921-1946)**: la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de Hastings e de Paris**: 1908-1914. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas de viagem (1923-1939)**. Lisboa: Portugália Editora, 1969.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas do Egito**: 1905-1908. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1966.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hino do Universo**. São Paulo: Paulus, 1994.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Hymne de l'Univers**. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Journal**. 26 août 1915 – 4 janvier 1919. Tome I (cahiers 1-5). Paris: Fayard, 1975.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres à Jeanne Mortier**. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier**: 1919-1955. Paris: Aubier Montaigne, 1974.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Mundo, Homem e Deus**: textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Nuevas cartas de viaje**: 1939-1955. Madrid: Taurus, 1964.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Sobre a felicidade; Sobre o amor**. Campinas: Verus,

2005.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Sur la souffrance; Sur le bonheur; Sur l'Amour; La messe sur le monde**. Paris: Éditions Thésis, [2010]. 1 CD-MP3.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Sulla sofferenza. Brescia: Queriniana, 1991.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre; SWAN, Lucile. **Correspondance**. Bruxelles: Lessius, 2009.

Obras diversas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed (rev. amp.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Paraíso**. 2 ed. Edição bilingue. Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2010.

ALLEN JR, John L. Papa cita Teilhard e sua visão do cosmos como 'hóstia viva'. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias-arquivadas/24332-papa-cita-teilhard-e-sua-visao-do-cosmos-como-%60hostia-viva%60>>. Acesso: 11 set. 2014.

ALMEIDA, Custódio. O Deus de Teilhard de Chardin. In: OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (Orgs.). **O Deus dos filósofos contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALVES, Ephraim Ferreira. Teilhard de Chardin: crente e cientista. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 75, n. 7, p. 77, set. 1981.

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAGNULO, Roberto. **Fenômeno Humano e Ambiente Divino: il problema del male in Teilhard de Chardin**. Firenze: Clinamen, 2001.

BAUDRY, Gérard-Henri. **Lessico Teilhard de Chardin**. Milano: Jaca Book, 2010.

BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin et l'appel de l'Orient**. La convergence des religions. Saint-Étienne: Aubin Éditeur, 2005.

BAUDRY, Gérard-Henry. **Teilhard de Chardin o il ritorno di Dio**. Milano: Jaca Book, 2010.

BENTO XVI. Celebração das Vésperas na Catedral de Aosta: Homilia. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090724_vespri-aosta_po.html>. Acesso: 11 set. 2014.

BERGER, Peter. **Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERGOGLIO, José Mario. Disponível em: <http://www.iglesiacubana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1986:manu>

scrito-entregado-por-el-cardenal-jorge-mario-bergoglio-al-cardenal-jaime-ortega&catid=156:nosotros-hoy-2013-la-habana&Itemid=11>. Acesso em: 01. abr. 2013.

BERNARDI, Annamaria Tassone. O papel do feminino em Teilhard de Chardin. Disponível em: <<http://www.zenit.org/fr/articles/le-role-du-feminin-chez-teilhard-de-chardin>>. Acesso: 25 jun. 2014.

BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 15-27.

BOFF, Leonardo. A construção histórico-social dos sexos: o gênero.. In: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BOFF, Leonardo. A memória sexual: base biológica da sexualidade humana. In: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico**: a busca da unidade do todo na ciência e na religião. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: a transparência de todas as coisas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Graça e experiência humana**: a graça libertadora no mundo. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. **Mestre Eckhart**: mística de ser e de não ter. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. Puebla: ganhos e avanços questões emergentes. **Convergência**, ano 12, n. 121. Brasília: CRB, 1979, p. 172-176.

BOUDIGNON, Patrice. **Pierre Teilhard de Chardin**: sa vie, son ouvre, sa réflexion. Paris: Cerf, 2008.

CARDENAL, Ernesto. **Vida Perdida**: Memórias I. Madrid: Trotta, 2005.

CÍCERO, Talita. Não sabemos mais amar?. **Filosofia, Ciência e Vida**. Ano 1, n. 3. São Paulo: Escala, p. 17-23.

COELHO, Paulo. **Brida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. **O amor**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

COUTAGNE, Marie-Jeanne. L'eternel féminin chez Teilhard ou l'anti-Parsifal. Disponível em: <<http://www.teilhard.fr/sites/default/files/pdf/coutagne-le.feminin-0.pdf>>. Acesso: 25 jun. 2014.

CUÉNOT, Claude. A situação de Teilhard de Chardin. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 58, p. 325-326, maio 1964.

CUÉNOT, Claude. **Lexique Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1963.

CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin et la pensée catholique**. Colloque de Venise. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

CUÉNOT, Claude. **Teilhard de Chardin**. Paris: Éditions du Seuil, 1962.

DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

DE LUBAC, Henri. **Teilhard posthume: réflexions et souvenirs**. Paris: Arthème Fayard, 1977.

DE LUBAC, Henri. **A oração de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1965.

DE LUBAC, Henri. A prova da fé. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Léontine Zanta**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967, p. 39-60.

DE LUBAC, Henri. **Blondel et Teilhard de Chardin**. Correspondance commentée. Paris: Beauchesne, 1965.

DE LUBAC, Henri. **Le mystère du surnaturel**. Paris: Aubier, 1965, p. 56.

DERENGOSKY, Paulo Ramos. Teilhard de Chardin: cientista e místico. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 77, n. 6, p. 64-65, ago. 1983.

DEVOUX, André-A. **Teilhard et la vocation de la femme**. Paris: Editions Universitaires, 1963.

D'QUINCE, René. Prefácio. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Accomplir l'homme**. Lettres inédites (1926-1952). Paris: Bernard Grasset, 1968. p. 7-27.

DUQUOC, Christian. **O único Cristo: a sinfonia adiada**. São Paulo: Paulinas, 2008.

ECKHART, Meister. **Sermões alemães: sermões 1 a 60**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

ECKHART, Meister. **Sermões alemães: sermões 61 a 105**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

EUVÉ, François. Introdução. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Cartas a Édouard Le**

Roy (1921-1946): la maduración de un pensamiento. Madrid: Trotta, 2011.

FALCONI, Carlo. Ottaviani insiste contro la Nuova Teologia. In: VIGORELLI, Giancarlo. **II gesuita proibito: vita e opere di P. Teilhard de Chardin**. Milano: Il Saggiatore, 1963.

GALLEN, Ludovico. Prefazione. In: TRIANNI, Paolo. **II Cristo di tutti**. Teilhard de Chardin e as religiões. Roma: Studium, 2012, p. 7-18.

GIBELLINI, Rosino. **La discussione su Teilhard de Chardin**. Brescia: Queriniana, 1968.

GONZAGUINHA. O que é, o que é?. Disponível em: <<http://letras.mus.br/gonzaguinha/463845/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

GONZAGUINHA. Semente do amanhã. Disponível em: <<http://letras.mus.br/gonzaguinha/280650/>>. Acesso em: 18 out. 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HAUGHT, John F. Teilhard de Chardin e a promessa da natureza. In: _____. **Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 101-122.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JOÃO DA CRUZ. **Noite escura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KING, Úrsula. **Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2002.

LA HÉRONNIÈRE, Edith de. **Teilhard de Chardin: uma mística della traversata**. Genova: L'ippocampo, 2005.

LEROY, Pierre. **Lettres familières de Pierre Teilhard de Chardin mon ami: les dernières années 1948-1955**. Paris: Le Centurion, 1976.

LEROY, Pierre. **Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu**. Paris: Plon, 1958.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. **Universo científico e visão científica em Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1967.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. Teilhard de Chardin e a questão de Deus. **Revista Magis: cadernos de fé e cultura**, n. 12, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc12.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUCCHESI, Marco. **Nove cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

MANTOVANI, Fabio. **Dizionario delle opere di Teilhard de Chardin**. Verona: Gabrielli Editori, 2006.

MALPHETTES, Paul; ROGER, Marie-Anne. **Répertoire de la correspondance de Pierre Teilhard de Chardin**. Présentation par François Euvé. Paris: Médiasèvres, 2010.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MICHELIN, Étienne. **Vatican II et le << surnaturel >>**. Enquête préliminaire 1959-1962. Venasque: Éditions du Carmel, 1993.

MONITUM du Sain-Office. L'oeuvre du P. Teilhard de Chardin. **La Documentation Catholique**. 44^o Ano. 15 juillet 1962, n. 1380.

MORA, José Ferrera. **Diccionario de Filosofia**: tomo III. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

MORALI, Ilara. **Henri de Lubac**. São Paulo: Loyola, 2006.

MORTIER Jeanne; AUBOUX Marie-Louise. **Pierre Teilhard de Chardin**: images et paroles. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

MORTIER, Jeanne-Marie. **Pierre Teilhard de Chardin**: pensador universal. São Paulo: Cultrix, 1981.

NASCIMENTO, Milton. Maria, Maria. Disponível em: <<http://letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

NEMECK, Francis Kelly. **Teilhard de Chardin e Jean de la Croix**: les 'passivités' dans la mystique teilhardienne comparées à certains aspects de la 'nuit obscure' de saint Jean de la Croix. Paris; Montréal: Desclée & Cie; Bellarmin, 1975.

PEREIRA, Sibélius Cefas. Diante da realidade crua das coisas: Thomas Merton e o “trabalho de cela”. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 221-247.

QUEIRUGA, André Torres. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. São Paulo: Paulinas, 2010.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAZZOTTI, Bernardo. Teilhard de Chardin: introduzione al suo pensiero. Verona: Gabrielli editori, 2002.

SANTA SÉ. **Compêndio do Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

SCALMANA, Gabriele. **Teilhard de Chardin**: la fede e la scienza. Milano: In Dialogo, 2000.

SCHULTZ, Adilson. Consciência planetária espiritual . In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 197-209.

SESÉ, Bernard. **Pierre Teilhard de Chardin**. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOUZA, Adriana Andrade de. O exterior mais interior que o mais íntimo: Eckhart e a excelência de Marta. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 113-133.

TEILLARD-CHAMBON, Alice; BEGOUEN, Max Henri. Prefácio. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 9-14.

TEILLARD-CHAMBON, Marguerite. A Guerra de 1914-1919. In: TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Gênese de um Pensamento**: cartas 1914-1919. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 31-48.

TEIXEIRA, Faustino. A mística nos rastros do cotidiano. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5322&secao=435>. Acesso: 04 nov. 2014.

TEIXEIRA, Faustino. **Comunidades Eclesiais de Base**: bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

TEIXEIRA, Faustino. O sentido místico da consciência planetária. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; SOUZA, José Carlos Aguiar de (orgs.). **Consciência planetária e religião**: desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 211-221.

TEIXEIRA, Faustino. Teilhard de Chardin e a diafania de Deus no universo. In: _____(org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 165-191.

TEIXEIRA, Faustino. **Teología de las religiones**: una visión panorámica. Quito: Editorial Abya Yala, 2005.

TRIANNI, Paolo. **Il Cristo di tutti**: Teilhard de Chardin e le religioni. Roma, Studium, 2012.

VIER, Frederico (Coordenador geral). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGORELLI, Giancarlo. **Il gesuita proibito**: vita e opere di P. Teilhard de Chardin. Milano: Il Saggiatore, 1963.

ZILLES, Urbano. Teilhard de Chardin: uma espiritualidade de engajamento. In: _____. **Crer e compreender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 114-125.